

GUIA DO VIAJANTE ≈ NO RIO DE JANEIRO●

Acompanhado da
planta da cidade,
de uma carta das
Estradas de Ferro do
Rio de Janeiro, Minas
e São Paulo e de uma
vista dos Dois Irmãos

ALFREDO DO VALE CABRAL

{ edição revista
e anotada }



GUIA DO VIAJANTE ≡ NO RIO DE JANEIRO●

Acompanhado da
planta da cidade,
de uma carta das
Estradas de Ferro do
Rio de Janeiro, Minas
e São Paulo e de uma
vista dos Dois Irmãos

ALFREDO DO VALE CABRAL

{ edição revista }
{ e anotada }

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidência da República **Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministério da Cultura **Margareth Mezenes da Purificação Costa**

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidência **Marco Lucchesi**

Centro de Pesquisa e Editoração **Iuri A. Lapa e Silva (substituto)**

Coordenação de Editoração **Claudio Cesar Ramalho Giolito**

Serviço da Editoração **Paula Rocha Machado**

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores **Maria José Fernandes**

Coordenação de Acervo Especial **Mônica Carneiro Alves**

Núcleo do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras **Rosângela Rocha Von Helde**



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GUIA DO VIAJANTE ≡ NO RIO DE JANEIRO●

Acompanhado da
planta da cidade,
de uma carta das
Estradas de Ferro do
Rio de Janeiro, Minas
e São Paulo e de uma
vista dos Dois Irmãos

ALFREDO DO VALE CABRAL

{ edição revista }
{ e anotada }

Rio de Janeiro



2023

Coordenação de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
20040-008 – Rio de Janeiro/RJ
editoracao@bn.gov.br | www.gov.br/bn/pt-br

Confira outras publicações da
Fundação Biblioteca Nacional



Editor **Luiz Carlos Ramiro Júnior**
Produção Editorial **Paula Rocha Machado**
Revisão **BR75, Paula Rocha Machado**
Preparação de Originais **Paula Rocha Machado, Simone Muniz**
Revisão de Provas **Carlos Santa Rosa, Paula Rocha Machado**
Projeto Gráfico, Diagramação e Tratamento de Imagens **Eliane Alves**
Pesquisa de Imagens e Notas **Christianne Theodoro de Jesus, Iuri Lapa, Luiz Carlos Ramiro Júnior**
Assistente Editorial **Janilda Rodrigues de Souza, Taiyo Omura**
Agradecimentos **Amanda Danelli Costa, Ana Paula Sampaio Caldeira, Daniel Fernandes, Isabella Perrotta**

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C117g

Cabral, Alfredo do Vale, 1851-1894

Guia do viajante no Rio de Janeiro : acompanhado da planta da cidade, de uma carta das Estradas de Ferro do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e de uma vista dos Dois Irmãos / Alfredo do Vale Cabral. – Ed. rev. e anotada / por Luiz Carlos Ramiro Júnior. – Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2023.
440 p. : il. ; 28 cm.

ISBN 978-65-5940-001-0

1. Rio de Janeiro (Estado) – Descrições e viagens – Guias. 2. Rio de Janeiro (Estado) – História. I. Ramiro Júnior, Luiz Carlos, 1986- II. Biblioteca Nacional (Brasil) III. Título.

CDD- 918.153

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de Ampliação de Acervo, do Centro de Processamento e Preservação da Fundação Biblioteca Nacional.

APRESENTAÇÃO 13

O RIO DE JANEIRO PELO OLHAR E PELA PENA DE ALFREDO DO VALE CABRAL 17

Ana Paula Sampaio Caldeira

primeira parte

CHEGADA 33

Descrição da entrada da baía do Rio de Janeiro. Descobrimento da baía. Faróis da entrada do porto. Faroletes do porto. Fortalezas que defendem a entrada da barra. Fortalezas do porto. Registro dos navios que demandam o porto. Estação telegráfica de sinais. Direitos que pagam os navios do comércio. Fundação e história da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Invasões modernas na cidade. Continuação da história da cidade. Padroeiro da cidade. Armas da cidade. Descrição em geral da baía, da cidade e do município. Visita ao porto. Desembarque: botes e bondes marítimos. Bagagem e despacho. Transporte: carroças, carregadores e andorinhas. Capitania do Porto.

I. ENTRADA DO PORTO 38

II. LOCOMOÇÃO 54

1. Bondes 55
2. Carros de aluguel etc. 92
3. Diligências 97
4. Estrada de Ferro D. Pedro II e bondes suburbanos 98
5. Barcas Ferry para Niterói, Paquetá e Santana 101
6. Barcas, botes e bondes marítimos 103

III. HOSPEDAGEM 104

1. Hotéis e hospedarias 104
2. Casas de pensão 107

IV. ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS 107

1. Restaurantes 107
2. Comidas frias 109
3. Cafés 109
4. Confeitarias 110

5. Cervejarias	111
6. Vinhos	112
7. Gelo	114
V. ASSEIO	114
1. Banhos	114
2. Calistas	115
3. Barbeiros e cabeleireiros	115
VI. INFORMAÇÕES	116
1. Corpo Diplomático Estrangeiro no Rio de Janeiro	116
2. Consulados	117
3. Legações	117
4. Gazetas e revistas	118
5. Livros que podem interessar aos viajantes	123
VII. COMUNICAÇÕES	124
1. Correio	124
2. Telégrafos elétricos	160
3. Telefonia	169
VIII. INDICADOR DAS RUAS	181

segunda parte

ESTADA	229
I. DOS ESTRANGEIROS	230
II. DA NATURALIZAÇÃO	230
III. VISITA À CIDADE	232
1. Monumentos, edifícios notáveis e outras obras de arte	232
a) Palácios da Família Imperial	232
b) Monumentos comemorativos	234
c) Igrejas e conventos	237
d) Edifícios públicos	253
e) Edifícios de associações	267
f) Edifícios particulares	270
g) Chafarizes	272
h) Caixas-d'água	278
i) Diques e docas	283

Itinerário para se visitar com rapidez em quatro dias os estabelecimentos e edifícios principais do centro da cidade	285
2. Cemitérios	285
3. Arrabaldes	286
IV. DIVERTIMENTOS	312
1. Públicos	312
a) Jardins	312
b) Festas populares	315
c) Bilhares	317
d) Teatros	318
e) Regatas	320
f) Corridas	320
g) Jogos atléticos	321
2. Particulares	321
Clubes e sociedades de ginástica e música	321
V. COMÉRCIO	323
1. Moeda	323
2. Bolsa ou praça do Comércio	324
3. Alfândega	324
4. Junta Comercial	324
5. Bancos	324
6. Agências bancárias	325
7. Caixas econômicas	326
8. Cambistas	326
9. Monte de Socorro	326
10. Casas de penhores	326
11. Seguros	326
a) De vida	326
b) Marítimos e Terrestres	327
VI. ARTES E INDÚSTRIA	327
1. Fotografias	327
2. Pintores e retratistas	327
3. Gravadores em metal, madeira, cristal etc.	328
4. Livrarias	328
5. Encadernadores e oficinas de encadernação	328
6. Tipografias	329
VII. ADMINISTRAÇÃO	329

VIII. PARLAMENTO	329
IX. MUNICIPALIDADE	330
X. POLÍCIA	330
1. Repartição central	331
2. Estações da Guarda Urbana	331
3. Corpo Militar de Polícia da Corte	331
4. Casa de correção e detenção	331
5. Corpo de Bombeiros	331
6. Necrotério	332
XI. JUSTIÇA	333
XII. RELIGIÃO	334
1. Do país	334
a) Bispado	334
b) Freguesias da cidade e as suas igrejas matrizes	334
c) Templos	335
2. Tolerada	335
XIII. ESTUDO E CONSULTA	336
1. Bibliotecas públicas	336
a) Gerais	336
b) Especiais	336
2. Gabinetes de leitura	336
3. Arquivos	337
4. Museus	337
XIV. ESTABELECIMENTOS E ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, LITERÁRIAS, INDUSTRIAIS ETC.	338
XV. BELAS ARTES	340
XVI. INSTRUÇÃO SUPERIOR	340
XVII. INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA	340
1. Pública	341
2. Particular	341
XVIII. INSTRUÇÃO PRIMÁRIA	342
XIX. INSTRUÇÃO ELEMENTAR PRÁTICA	342

XX. INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO	342
XXI. ESTABELECIMENTOS DE BENEFICÊNCIA	343
XXII. ASSOCIAÇÕES DE BENEFICÊNCIA E CAIXAS DE SOCORROS NACIONAIS	343
XXIII. ASSOCIAÇÕES DE BENEFICÊNCIA E CAIXAS DE SOCORROS ESTRANGEIRAS	344
XXIV. MAÇONARIA	345
XXV. SAÚDE	345
1. Repartições várias	345
2. Instituto Vacínico	345
3. Hospitais da Irmandade da Misericórdia	346
4. Hospitais militares	348
5. Hospitais de Ordens Terceiras, Irmandades e sociedades beneficentes	348
6. Policlínica Geral	348
7. Casas particulares de saúde	349
8. Médicos	349
9. Dentistas	350
10. Farmácias	350
11. Águas férreas	351
12. Águas minerais naturais	351
13. Águas minerais e gasosas artificiais	351
14. Banhos medicinais	351

terceira parte

PARTIDA	353
I. ARTIGOS PARA VIAGEM ETC.	354
II. COMUNICAÇÕES MARÍTIMAS	354
III. EXTERIOR	355
1. Paquetes estrangeiros	355
a) Alemães	355
b) Americanos	355
c) Austro-húngaros	356

d) Canadenses	356
e) Franceses	356
f) Ingleses	357
g) Italianos	359
IV. INTERIOR	360
1. Paquetes nacionais	360
a) Norte	360
b) Sul	360
c) Navegação costeira a vapor	362
2. Estradas de Ferro	363
a) Estrada de Ferro D. Pedro II e as suas tributárias nas províncias do Rio de Janeiro, de Minas e de São Paulo	363
b) que não se ligam à de D. Pedro II	394
V. CIDADES E LUGARES IMPORTANTES DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, CONSIDERADOS COMO PASSEIOS E RESTAURADORES DE SAÚDE	399
1. Niterói	399
2. Petrópolis	403
3. Teresópolis	412
4. Nova Friburgo	413
5. Campos dos Goytacazes	414
 ERUDIÇÃO E TRABALHO COLETIVO: ALFREDO DO VALE CABRAL, AUTOR DO GUIA DO VIAJANTE	 425
<i>Ana Paula Sampaio Caldeira</i>	

APRESENTAÇÃO

O *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, de Alfredo do Vale Cabral, publicado pela primeira vez em 1882, traça os caminhos, o cotidiano e as marcas da mais icônica das cidades brasileiras. São várias camadas, entradas, percursos, personagens e monumentos. As três partes do *Guia* são profundamente dinâmicas, com toda a expressão do cosmopolitismo, do giro e da intensidade do Rio – cidade moderna e metropolitana antes disso virar moda no país.

A presente edição contempla algumas circunstâncias que reforçam a importância deste projeto. Por si, a redescoberta de uma peça no acervo da Biblioteca Nacional, o reforço sobre um material histórico e a importância da preservação do documento original já seriam motivos suficientes para dar razão à empreitada. Mas há muito mais: prestígio da memória humana e institucional da Biblioteca Nacional através de um de seus servidores históricos (Alfredo do Vale Cabral); celebração do Rio como indefectível cidade no horizonte do Brasil; repercussão da aproximação do Turismo com a Cultura e contribuição às comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022).

Depois de 1882, o *Guia do viajante no Rio de Janeiro* saiu por outra editora em 1884, sendo basicamente uma reimpressão da primeira edição. Na presente publicação, em vez de fac-símile, optou-se por uma segunda edição que envolveu: atualização do português, pesquisa, prefácio, posfácio, notas e a inclusão de novas imagens. O intuito era seguir o exemplo d'*O Sertão Carioca*, de Armando Magalhães Corrêa, de 1936 e que ganhou nova edição pela Biblioteca Nacional em 2017, com apresentação de Marcus Venício Ribeiro, então Coordenador-geral do Centro de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional, e quem igualmente apontou para o resgate do *Guia* de Vale Cabral.

A reescrita da obra envolveu diversos reparos na parte textual e a organização das tabelas indicativas de horário. Mais do que correções pontuais e atualizações de grafias, entre o português da segunda metade do século XIX e o de agora, tratava-se de analisar a arqueologia das palavras. O olhar do editor foi acompanhado pela pesquisa de Iuri Lapa e Christianne de Jesus, da Coordenação de Pesquisa da FBN, responsáveis pelas notas. A atuação desses pesquisadores envolveu um meticuloso trabalho de seleção de termos, observando os detalhes da transformação do Rio de Janeiro e, especialmente, aquilo que mais poderia causar espécie no leitor contemporâneo; os lugares que mudaram de nome ou deixaram de existir, personagens históricos, autores e obras, e a grafia alterada de alguns verbetes. O conjunto de imagens, somado às três únicas iconografias da edição de 1882, traz sobretudo fotografias dos anos 1880 e 1890 até antes das reformas da administração do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906.

Como profundo estudo do *Guia* e de seu autor, esta edição conta com dois textos da historiadora Ana Paula Sampaio Caldeira: “O Rio de Janeiro pelo olhar e pela pena de Alfredo do Vale Cabral” e “Erudição e trabalho coletivo: Alfredo do Vale Cabral, autor do *Guia do viajante*”. Experiente nos estudos sobre a história da Biblioteca Nacional e de seus personagens, Caldeira nos ajuda a compreender como o *Guia* não é uma peça meramente pragmática, de descrição de horários de bonde, listagem de ruas e hotéis, apontamento de preços dos transportes e indicação de passeios. Trata-se de um modo de olhar sobre a cidade, de quem percebeu a necessidade de informar e direcionar os viajantes.

Ainda nesse caldo criado em torno da reedição, cabe mencionar dois artigos publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional* volume 139: “Um Rio de Janeiro civilizado para o viajante ver: o guia de Valle Cabral”, de Isabella Perrotta; e “A literatura de viagem em perspectiva histórica: contribuições para uma mirada sobre os guias de viagem”, de Amanda Danelli Costa. Ambos contribuíram para criar uma atmosfera a respeito dessa proximidade entre a história do Turismo no Brasil e a Cultura, tal qual

procurou-se fazer em 4 de fevereiro de 2021, quando a Biblioteca Nacional promoveu uma *live* chamada “Turismo Histórico e Patrimonial no Rio de Janeiro”, e na ocasião se deu a notícia da futura publicação.

A civilidade é a principal qualidade expressa sobre o Rio de Janeiro no *Guia*. A importância das descrições históricas, dos monumentos, de procedimentos para transporte, banhos e eventos, pretendia demonstrar aos residentes e aos turistas algum padrão civilizatório que, por sua condição natural, servia de matriz referencial ao Brasil. A definição do Rio como cidade complexa, em ebulição e aberta ao mundo, já aparece nesta obra de Vale Cabral. Na década da primeira edição, o Rio foi o lugar de importantes acontecimentos, como a inauguração do Jardim do Campo de Santana, em 7 de setembro de 1880, e a Missa Campal em comemoração à Lei Áurea em 17 de maio de 1888.

Um guia turístico não se resume a um instrumento prático de mapeamento e a dados organizados sobre uma região, mas procura apresentar o caráter do espaço, do tempo e de seu autor. Grandes perguntas podem ser feitas a respeito dos guias, como o sentido das viagens, qual memória se procura deixar, o que reluz e o que não aparece em determinado roteiro. Lúcia Lippi Oliveira, em análise a respeito das descrições do interior e das cidades por Gilberto Freyre^[1], explica que, para o sociólogo pernambucano, as viagens davam lições de formação e amadurecimento da sensibilidade. A percepção da memória regional e da dinâmica moderna são marcadas nesses escritos descritivos, como em *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de 1934. Mas enquanto Freyre faz a valorização da província, mesmo quando trata do cosmopolitismo de Recife, o traço marcante do *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, de Vale Cabral, é a exposição de uma cidade de todos, do Brasil e do mundo. Na terceira parte, em “Partida”, essa identidade capital é revelada pelo modo com o Rio está no mundo, tamanha precisão com que se podia ir a qualquer parte desde o porto.

O *Guia do viajante no Rio de Janeiro* insere-se nas comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil por, pelo menos, um aspecto essencial: o modo como Vale Cabral acentua as vantagens da cidade, como lugar de chegada, estada e partida do Brasil. O espaço-síntese do Rio, então a região central da cidade, sendo a rua do Ouvidor ainda a principal via, era o lugar de encontro dos símbolos culturais, políticos e religiosos de toda uma nação. O elemento da capitalidade do Rio, como algo que atravessa a expressão do país, reside neste *Guia*.

Luiz Carlos Ramiro Júnior
Editor

[1] Gilberto Freyre e a valorização da Província, em *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, jan./abr. 2011, p. 117-149.

O RIO DE JANEIRO PELO OLHAR E PELA PENA DE ALFREDO DO VALE CABRAL

Ana Paula Sampaio Caldeira^[1]

Ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai, que nunca
se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve.

No entanto, há uma relação ente ambos.

Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis*.

[1] Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

Viagens, cidades e consumo cultural

Da cena representada na tela de 40 x 50 centímetros de Carl Spitzweg (Alemanha, 1808-1885), exibida na Alte Nationalgalerie, em Berlim, participam cinco personagens. O olhar do espectador é rapidamente direcionado para aquele que parece conduzir a ação: um homem de cartola e casaco marrom. Ele carrega um bastão em uma das mãos, enquanto gesticula veementemente com a outra. É representado de boca aberta, falando. Seu corpo está voltado para o lado esquerdo do observador, mas sua cabeça está direcionada para o lado oposto, virando-se em direção ao casal que, junto com ele, ocupa o primeiro plano da pintura. Pelos gestos e pela expressão, parece explicar alguma coisa, ao mesmo tempo que a mostra com as mãos. Não é possível saber exatamente o que o homem apresenta. Seja lá o que for, está fora do ângulo de visão do observador, mas é para lá que o olhar do casal se volta com atenção. Na cena, esses três personagens estão acompanhados de outros dois, situados no segundo plano, à direita: uma mulher e outro homem, este trajando roupas semelhantes ao primeiro. Ele segura os pertences da dama que, de pé e de costas, concentradamente, parece pintar a paisagem observada. Neste caso, o espectador do quadro contempla o cenário visualizado pela personagem: uma cadeia de montanhas e várias ruínas de séculos passados. Esse panorama, associado ao título da obra, *Inglese na Campânia* (*Engländer in der Campagna*, c.1845)^[2], permite ao observador imaginar aquilo que a pintura não mostra, mas que tanto chamou a atenção do casal: possivelmente outras ruínas existentes na região, a história da erupção do Vesúvio e a destruição de Pompeia que se seguiu a ela, ou outros relatos que remetessem ao passado da Antiguidade Romana.

A cena começa, então, a se tornar mais clara para quem a observa. O homem que fala e gesticula cumpre o papel de um guia. O casal e a pintora, como indica o nome da obra, são turistas ingleses, atraídos, como tantos outros conterrâneos seus de meados do século XIX, pelas viagens à Península Itálica, coração do antigo Império Romano, e, portanto, lugar que abriga um passado histórico entendido (e escolhido) como berço da civilização europeia e ocidental.

A pintura de Carl Spitzweg é bastante representativa de um fenômeno típico da cultura europeia do século XVIII, mas que também entrou pelo século XIX. Referimo-nos ao chamado *Grand Tour*, que, como lembra Valéria Salgueiro, pode ser caracterizado como uma espécie de viagem de formação, promovida pelo desejo e pelo amor à cultura^[3]. Profundamente ligado a uma sensibilidade marcada pelo interesse a respeito do passado, essas viagens eram também um elemento de distinção, sendo movidas pela ideia de “aquisição” de um dado conhecimento e pelo gosto direcionado aos vestígios de outras sociedades e de outros tempos, em especial, os da Antiguidade Clássica. Ver as ruínas greco-romanas com seus próprios olhos era não apenas conhecer esse passado, mas entender-se também como parte da civilização nos moldes como o Oitocentos entendeu esse conceito, isto é, de uma forma predominantemente hierarquizante dos povos e culturas. Não por acaso, a Itália, cenário da pintura de Spitzweg, era um dos destinos preferidos dos viajantes, sobretudo dos ingleses – detalhe para o qual o olhar do pintor alemão também estava atento.

[2] Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carl_Spitzweg_047.jpg. Acesso em: abr. 2020.

[3] SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour*: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. p. 289-310.

Inglês na Campânia reúne, portanto, alguns elementos indispensáveis de uma prática que se tornava cada vez mais comum entre a sociedade burguesa oitocentista: viajar. Ali estão presentes um belo e “histórico” cenário, remetendo à ideia de conhecimento, expresso também no ato da dama que pinta. Quanto aos personagens, há um pequeno – mas importante – detalhe que merece ser percebido, pois ele remete também a um desses elementos interligados ao ato de viajar: posicionado bem no centro da imagem, o turista inglês segura em suas mãos um pequeno livro que se encontra aberto, como se ele o consultasse ao mesmo tempo em que escuta e vê o que o guia mostra. Este pequeno livro (podemos imaginar pela cena e pelos personagens) poderia ser um guia de viagem, objeto indispensável para todo turista que sai em busca de conhecer um novo lugar. É necessário lembrar que ao ato de viajar ligava-se uma grande produção escrita e imagética, afinal, interessava ao viajante não apenas ver, como também dizer algo sobre aquilo que viu. Assim, das viagens produziam-se desenhos, pinturas, diários, relatos ou fotografias. Mas havia ainda um tipo de produção escrita associado ao crescimento e popularização dessa prática. É o caso dos guias de viagem, como aquele nas mãos do turista inglês e este que está nas mãos do leitor, preparado por Alfredo do Vale Cabral.

As viagens são um fenômeno que pode ser considerado como elemento fundamental da modernidade. Evidentemente, elas existiram e ocuparam funções importantes em outras épocas, mas ganharam novos contornos a partir de final do século XVIII, ligando-se à sensibilidade burguesa que marca o período. Essa sensibilidade se expressava em múltiplos aspectos, como, por exemplo, um novo olhar sobre a cidade, que se tornava o *locus* por excelência não só da vida moderna, como da própria concepção do que é o moderno. Não por acaso, tantos intelectuais dos séculos XIX e XX voltaram seus olhares para este espaço: Charles Baudelaire, Walter Benjamin, Joaquim Manoel de Macedo, João do Rio ou Luís Edmundo. A eles não interessava apenas o que a cidade foi no passado ou seria no futuro. Interessava-lhes também o que ela era no presente, com sua rotina e seus “tipos”. A cidade era, portanto, o cenário da vida moderna^[4].

Lugar das avenidas, dos bondes e dos portos que traziam e levavam os viajantes, as cidades eram o espaço em que melhor se materializava a relação homem-máquina. Máquinas que não só alteraram substancialmente o deslocamento das pessoas, como também a circulação da informação e as formas de ver e de representar o mundo. Afinal, a cidade era também o lugar da circulação de jornais de grandes tiragens, dos livros, dos almanaques e dos fotógrafos com seus estúdios. Como ressalta Francisco Foot Hardman, “o século XIX forjaria novos cenários, atores e públicos para uma arte de representar mais ampla e profana”^[5]. Ainda citando este autor, podemos dizer que o século XIX inventou um exercício visual novo, do qual fazem parte os museus^[6], a cultura das exposições e toda a experiência do olhar possibilitada pelas inovações tecnológicas da época, como o vidro, o ferro

[4] SCHORSKE, Carl. A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: *Pensando com a história*. Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 53-72.

[5] HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma*. A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 36.

[6] Nélia Dias acrescenta que, se o século XIX não se caracteriza propriamente pela emergência do interesse nos objetos “exóticos”, ele se caracteriza, por outro lado, pela conformação de um espaço por meio do qual esses objetos são dados a ver: os museus. DIAS, Nélia. Modes de voir et modes de présentation. *Anthropologie et musées au XIXe siècle. Antropologia Portuguesa*, v. 14, 1997. p. 7-21.

e as lentes de uma câmera fotográfica, artefatos que mexiam com o sentido da visão e revelavam as gradações existentes entre a realidade e a irrealidade.

Lugar por excelência dessa nova visualidade, a cidade era também o espaço das mercadorias, tornando-se, ela mesma, uma mercadoria capaz de ser fixada e vendida em fotografias e cartões-postais, *souvenirs* e objetos impressos que ajudavam a conformar uma paisagem. Um exemplo nesse sentido são as vistas e panoramas produzidas por fotógrafos como Georges Leuzinger, imagens que ajudaram a construir uma memória visual do Rio de Janeiro para dentro e para fora do país^[7]. Como lembra Natalia Brizuela, a paisagem não é algo que existe por ela mesma, mas é configurada como tal por alguém. É, portanto, construída, quer pelo relato, quer pela literatura, pintura ou fotografia. Todos esses artefatos culturais projetam uma imagem, construindo a singularidade de uma cidade. Natalia Brizuela aborda a questão a partir especialmente da fotografia, mas tem o cuidado de articulá-las à produção literária e mesmo historiográfica do século XIX – ao fim e ao cabo, sugere a autora, todas essas produções tornavam visível um determinado Brasil^[8].



Se a literatura (sobretudo o Romantismo) e a fotografia tiveram um papel fundamental na invenção do país como paisagem, podemos considerar que os guias de viagem também colaboraram nesse sentido. À sua maneira, eles criaram um modo de olhar para o país e suas cidades e de se relacionar com elas. Modo de olhar que muitas vezes é tomado como uma natureza. Neste aspecto, a cidade do Rio de Janeiro talvez seja um caso exemplar e muito bem sucedido. Como não a considerar do ponto de vista de suas praias, da Baía de

Enseada de Botafogo: vista panorâmica. Casa Leuzinger, [entre 1860 e 1879]. Papel albuminado, 16,3 x 63,5 cm. FBN/ Coleção Thereza Christina Maria. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3629>. Acesso em: abr. 2020.

[7] Sobre o lugar das fotografias nas exposições universais e, particularmente, sobre a participação da Casa Leuzinger nesses eventos, ver: TURAZZI, Maria Inês. *Poses e trejeitos*. A fotografia e as exposições na era do espetáculo. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

[8] BRIZUELA, Natalia. *Fotografia e Império*. Paisagens para um Brasil moderno. São Paulo: Companhia das letras/ Instituto Moreira Salles, 2012. Destaco, especialmente, o capítulo 1: “Para cada dia um mapa: dom Pedro II, os românticos, o IHGB e a visualização do Brasil” (p. 23-60).

Guanabara, do Cristo Redentor e do Corcovado? Mas, como lembram autores como Isabella Perrotta, Bianca Freire-Medeiros e Celso Castro, nem sempre esses foram os atrativos principais da cidade. Na verdade, passaram a sê-lo sobretudo posteriormente, a partir do século XX, em um movimento que construiu aos poucos os marcos fundamentais de uma cidade que era cada vez mais conquistada pelo turismo e passava a ser mundialmente conhecida como “maravilhosa”^[9]. Assim, os marcos turísticos que associam ao Rio de Janeiro ao verão, às praias, à sensualidade e às belezas naturais são uma construção relativamente recente e que não corresponde diretamente à cidade mostrada no *Guia do viajante* de Vale Cabral.

No estudo que realizou sobre os guias de viagem do Rio de Janeiro, Isabella Perrotta explicou que o florescimento desse tipo de texto aconteceu no século XIX, juntamente com a expansão do fenômeno editorial, com a maior facilidade para a locomoção dos viajantes (sobretudo por meio das ferrovias) e com a invenção da indústria do turismo. De acordo com a autora, nesse cenário, os guias teriam sido responsáveis pela expansão capitalista de marcas, empresas e serviços – de empresas de navegação, estradas de ferro, restaurantes, lojas e serviços diversos – por meio das propagandas neles publicadas e das sugestões de serviços nos seus conteúdos editoriais^[10].

Assim, ao longo do Oitocentos, a publicação de guias foi crescendo em diversos países da Europa e da América, acompanhando, por um lado, um processo de projeção internacional de determinadas cidades e, por outro, o fortalecimento dos nacionalismos. Um exemplo nesse sentido é o *Guia del viajero*, publicado em Madri, em 1842, por F. de P. Mellado, com o intuito de corrigir os guias de Espanha produzidos pelos franceses, que, segundo o autor, apresentavam inúmeros erros. O “orgulho nacional”, esclarece Mellado na introdução, foi o elemento impulsionador para a escrita de um livro que ajudava a delinear Madri como lugar de visita para espanhóis e estrangeiros^[11].

Diferentemente de outras literaturas de viagem, produzidas durante ou após a experiência do deslocamento (como os diários, por exemplo), o guia antecede a viagem e procura organizá-la. Tem, portanto, um caráter prático que não pode ser esquecido e que nada tem de neutro. Ele revela, por um lado, um importante papel econômico, na medida em que informa sobre a totalidade de bens e serviços de uma região ou cidade. Por outro, revela também um viés organizador e hierarquizante, na medida em que antecipa e prepara a cidade para o visitante, traçando rotas e pontos de interesse, mas provocando também mudanças no próprio espaço que aborda. Evgenii Anisimov, Alexandra Bekasova e Ekaterina Kalemeneva mostram, por exemplo, como os guias de viagem serviram para domesticar áreas remotas do Império Russo ao oferecerem informações sobre transporte e acomodação e, portanto, viabilizar a chegada de visitantes a essas zonas^[12].

[9] PERROTTA, Isabella. A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013. p. 37-52; FREIRE-MEDEIROS, Bianca; CASTRO, Celso. Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *História do turismo no Brasil*, 2013. p. 13-36.

[10] PERROTTA, Isabella. *Promenades do Rio*. A turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939. Rio de Janeiro: Hybris Design, 2015. p. 53.

[11] MELLADO, F. de P. *Guia del viajero em España*. Madri: Establecimiento Tipográfico, 1842.

[12] MELLADO, F. de P. *Guia del viajero em España*. Madri: Establecimiento Tipográfico, 1842.

Assim, muitas vezes entendidos como uma “literatura menor”, os guias de viagem merecem ser olhados com mais cuidado, pois nos ajudam a entender o universo de consumo que se delineava no século XIX em termos transnacionais, dos quais as viagens e as cidades fazem parte. Trata-se de um artefato que mobilizava e ainda hoje mobiliza muitos agentes. Os autores, certamente, mas também editores, livreiros e comerciantes^[13]. Além disso, os guias exercem uma função mediadora, na medida em que classificam e organizam os atrativos de uma cidade, configurando um percurso e tornando visível um dado local a um público estrangeiro, como também aos próprios habitantes dela. Classificam, hierarquizam e comparam países e cidades, ao passo que reafirmam superioridades baseadas nas ideias de moderno e exótico. Em outras palavras, transformam um espaço em paisagem.

Em 1882, Alfredo do Vale Cabral, oficial da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicou, com a ajuda de Hilário Peixoto, aquele que seria um dos primeiros guias da cidade do Rio de Janeiro^[14]. Como qualquer guia de viagem, este também é efêmero, ou seja, perdeu hoje a sua função de nos conduzir pelas ruas da cidade. Nos mais de cem anos que se seguiram à sua publicação, o Rio de Janeiro mudou consideravelmente: morros e construções foram postos abaixo, ruas foram abertas e passaram a ser ocupadas pelos ônibus e automóveis, e zonas que pareciam tão distantes e desabitadas no século XIX são hoje superpopulosas e ocupam outro estatuto no espaço da cidade. Talvez resida aí uma das riquezas deste guia e uma boa justificativa para revisitá-lo. Resta-nos, então, entender como se opera a relação entre o visível e o invisível nesta obra.

Pelo Rio de Janeiro, guiados por Alfredo do Vale Cabral

O *Guia do viajante no Rio de Janeiro* compartilha das características que ainda hoje são esperadas de uma obra do gênero. Ou seja, foi feito para ser claro, preciso e útil. Como diz o próprio autor na pequena introdução que abre a obra, o *Guia* foi “todo consagrado à utilidade prática da grande capital do Império”^[15]. Publicado, em 1882, pela Tipografia da Gazeta de Notícias, a ideia inicial era que a publicação saísse anualmente, aperfeiçoando-se a cada vez. Dentre os aprimoramentos, estava a incorporação de estampas de alguns espaços da cidade. Em termos de imagens, esta edição do *Guia* traz duas plantas: uma da cidade e outra das estradas de ferro das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro

[13] Em função da interação desses múltiplos agentes na elaboração de um guia de viagem, Evgenii Anisimov, Alexandra Bekasova e Ekaterina Kalemeneva consideram esses livros como “objetos de fronteira”, na medida em que combinam interação social com logísticas de comércio, promovem a relação entre diversos profissionais e diálogos entre elementos do presente e do passado. ANISIMOV, Evgenii; BEKASOVA, Alexandra; KALEMENEVA, Ekaterina. *Books that link worlds: travel guides, the development of transportation infrastructure, and the emergence of the tourism industry in Imperial Russia, Nineteenth–Early Twentieth Centuries*, 2016. p. 188.

[14] Segundo Isabella Perrotta, o livro de Vale Cabral é possivelmente o segundo guia da cidade. Sabe-se da existência de outro: uma pequena publicação de 53 páginas, de Felix Ferreira, lançada pela editora Garnier em 1873 e que é, inclusive, mencionado por Vale Cabral na introdução do *Guia do viajante*. PERROTTA, Isabella. A Construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *História do turismo no Brasil*, 2013. p. 37-38.

[15] CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Guia do viajante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1882. p. 3.

– ambas desenhadas por José Ribeiro da Fonseca Silveiras – e uma gravura do Morro Dois Irmãos. Mas o livro projetava-se para o futuro e o autor esperava que, em outras edições, a obra fosse ornada com imagens de certos espaços, alguns dos quais tornaram-se, de fato, verdadeiros cartões-postais do Rio de Janeiro e de seus arredores: o Dedo de Deus, a Pedra da Gávea, o Pão de Açúcar, o Corcovado, o Bico do Papagaio, a Pedra Partida e a Pedra de Itapuca. O projeto, entretanto, não foi adiante. Sabe-se de apenas de uma reimpressão da obra, produzida pelas casas Leuzinger, Garnier e Laemmert^[16] em 1884. Mas as aspirações são indícios de algo já indicado anteriormente, isto é, a percepção cada vez maior de que um guia de viagem deveria não só descrever a cidade e seus serviços, como também mostrá-la em toda a sua monumentalidade, fosse essa monumentalidade fruto da ação do homem ou da natureza.

O caráter utilitário da obra se expressa na concepção de cada uma de suas três partes, que buscam dar conta de tudo que um viajante poderia precisar e se interessar, desde o momento da sua chegada, passando por sua estada, até a partida. Assim, aspectos práticos e cotidianos contemplados no *Guia* parecem pressupor um usuário ou leitor que poderia ser entendido como muito além do que nomeamos hoje de “turista”. Isso porque a variedade de serviços listados no *Guia* sugere que ele poderia ser utilizado também por visitantes interessados em permanecer na cidade (é o caso, por exemplo, dos trâmites para a naturalização de estrangeiros ou do funcionamento da instrução primária, secundária e superior) ou, ainda, poderia servir ao próprio habitante do local. Tal aspecto, aliás, é ressaltado em alguns comentários sobre o livro publicados na imprensa da época, como este que saiu no *Jornal do Commercio* em 18 de janeiro de 1883: “Pode-se dizer que o viajante encontra aqui tudo que carece para guiar-se a si mesmo nesta cidade grande, e não só os forasteiros, também os naturais da serra (*sic*) muitas vezes consultarão com proveito este livro”^[17].

Destinado ao viajante, mas servindo também aos “naturais da terra”, o que importa ressaltar é que um dos interesses do *Guia* era vender certa imagem da cidade: a de um Rio de Janeiro cosmopolita e como parte incontestada da modernidade. Quanto a isso, um elemento que parece atravessar a história da cidade do Rio de Janeiro pelo menos desde o século XIX é a vontade de modernização, cuja expressão máxima são as reformas urbanas que começaram no Oitocentos e entraram pelo século XX. Essas reformas conduziram ao crescimento da cidade para além do núcleo colonial. Sobre tudo a partir de recursos estrangeiros, foram trazendo importantes incrementos no setor de transporte e de saneamento urbano. A expansão na estrutura de trens e bondes, a iluminação a gás, mudanças significativas no sistema de água e esgoto^[18], o erguimento de novos edifícios (como o do Real Gabinete, por exemplo) e a reforma de espaços públicos (como o Campo de Santana) foram algumas melhorias pelas quais o Rio passou nos anos próximos à publicação deste *Guia*. Entendemos que ele próprio pode ser compreendido como indício e expressão de um momento de euforia e de confiança no progresso trazido pela ciência e pela técnica, que caracterizava não apenas o Rio de Janeiro ou o Brasil, como também

[16] PERROTTA, Isabella. *Promenades do Rio...*, 2015. p. 105.

[17] *Jornal do Commercio*. 18 jan. 1883. p. 1.

[18] MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o Estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, II (2), p. 51-67, jul./out. 1995.

outros países, notadamente da Europa, cuja expansão urbana serviu de modelo às elites nacionais e, particularmente, à fluminense^[19].



Como o leitor verá, os símbolos da modernidade figuram plenamente no *Guia* de Vale Cabral. Eles se expressam, de início, na busca da própria historicidade do local, como se dissesse ao visitante que esta cidade que se moderniza tem um passado, foi fundada em determinado momento e produziu seus heróis. Da mesma forma, sua natureza serviu de teatro para disputas e invasões. Essa história se expressa também

Obras do abastecimento d'água do Rio de Janeiro: encanamento geral: Ponte de Guimbú. Marc Ferrez, 1877-1882. Colódio?, 18,9 x 25,1 cm. FBN/ Coleção Thereza Christina Maria. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/221>. Acesso em: abr. 2020.

[19] BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos, um Haussmann tropical*. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990; CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*. Cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

nos monumentos, estátuas, praças, ruas, jardins e até mesmo cemitérios indicados à visita para o visitante. É o caso do Passeio Público; da estátua equestre de dom Pedro I; do já mencionado Campo de Santana; do cemitério São João Batista; das igrejas da Candelária ou de São Francisco de Paula; dos palacetes da aristocracia imperial ou, ainda, da Biblioteca Nacional – lugar de trabalho de Vale Cabral que recebe aqui atenção especial e uma descrição pormenorizada por parte dele.



Campo de Santana. Marc Ferrez, c.1880. Colódio/ prata, 18 x 24 cm. Crédito: Marc Ferrez/ Coleção Gilberto Ferrez/ Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/6767>. Acesso em: abr. 2020.

A modernidade estava presente também naquilo que indicava o que a cidade era naquele presente: um espaço transformado pelas ferrovias, bondes, impressos, telégrafos e telefonia, cujos funcionamentos, descritos em pormenores no *Guia*, fariam qualquer viajante acreditar que estava a caminho de uma cidade efetivamente cosmopolita, conectada por eficazes sistemas de transporte e de comunicação, capazes de ligar o centro aos chamados “arrabaldes” ou, ainda, o Rio às regiões vizinhas, como Niterói, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e Campos – lugares, aliás, sugeridos à visita pelo

Guia. Em notícia sobre a publicação do livro, a *Gazeta de Notícias* ressalta: “é a primeira vez que se publica trabalho tão desenvolvido acerca de nossas linhas de bondes”^[20]. Vale dizer que, se atualmente as paisagens da zona sul condensam alguns dos principais atributos pelos quais a cidade é conhecida internacionalmente, o Rio de Janeiro do *Guia* de Vale Cabral pulsa a partir do centro da cidade e, acompanhando o movimento dos transportes, se espalha pelos chamados arrabaldes, denominação que compreendia as regiões da Glória; Catete; Flamengo; Laranjeiras; a então bucólica Gávea (à qual se chegava por bonde) e também São Cristóvão; Engenho Novo; Engenho de Dentro; Piedade e Cascadura, dentre outras. Isto é, regiões da zona sul e outras que foram sendo habitadas a partir da expansão da linha férrea e que hoje compreendem o “subúrbio” carioca. Interessante é notar que esta parte da cidade não costuma figurar nos atuais guias do Rio, já que é entendida, muitas vezes pelos próprios habitantes da cidade, como regiões sem beleza e potencial turístico^[21]. Se hoje há um forte movimento que procura lançar um novo olhar sobre os subúrbios, buscando sua história e seus atrativos^[22], vale lembrar que, neste guia, esses espaços, embora já figurassem ligeiramente secundarizados se comparados aos bairros que hoje formam a zona sul da cidade, eram visíveis ao viajante, sendo geralmente descritos pelas suas “excelentes casas”, “belos jardins” e, sobretudo, pelo seu “grande povoamento”.

O Rio de Janeiro do *Guia do viajante* se ligava à modernidade não apenas pelo que havia de mais atual em relação aos transportes e às comunicações. Havia outros sentidos dessa “modernidade” para os quais Vale Cabral também atentou e no qual buscou inserir a cidade. Interessava mostrar que o Rio compartilhava de certa visão universalista de cultura e sociedade, expressa, por um lado, nos pontos principais que são sugeridos à visita – notadamente, museus, bibliotecas, jardins e monumentos – e, por outro, nas leis vigentes no país, que conferem aos seus cidadãos, e também aos estrangeiros, direitos que passavam a ser valorizados como fundamentais e universais: o de ir e vir pelo território, o de professar uma dada religião, o direito ao *habeas corpus* e o acesso à educação, aspectos que também são abordados na obra. O que não se diz é que a concepção de cidadania partilhada nesta e em outras cidades do país excluía uma imensa quantidade de mulheres e homens escravizados, absolutamente presentes nas ruas, praças, casas e mercados do Rio de Janeiro, mas completamente ausentes do país moderno e liberal pintado pelas tintas coloridas de Vale Cabral. Assim, tão importante quanto considerarmos aquilo para o qual o *Guia* confere visibilidade, é também não esquecermos seus silenciamentos, entendendo que eles estão longe de serem frutos do esquecimento do autor. Antes, apontam para as contradições de uma sociedade que transformou a escravidão em *carte de visites* para os viajantes^[23].

[20] *Gazeta de Notícias*. 19 jan. 1883. p. 2.

[21] MATTOSO, Rafael. Um novo olhar sobre os entornos da cidade. *Revista da FAU/ UFRJ*, n. 2, 2010. p. 36-41; FERNANDES, Nelson. O conceito carioca de subúrbio. Um rapto ideológico. *Revista da FAU/ UFRJ*, n. 2, 2010. p. 8-15.

[22] Alguns estudos produzidos por historiadores, urbanistas, geógrafos e arquitetos têm se dedicado a analisar certa memória construída em torno do chamado “subúrbio” carioca, buscando um olhar mais plural e positivo para essa região. Como exemplo desse tipo de abordagem, ver: SANTOS, Joaquim Justino dos; MATTOSO, Rafael; GUILHON, Teresa (orgs.). *Diálogos suburbanos*. Identidades e lugares na construção da cidade. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

[23] A escravidão urbana presente no Rio de Janeiro foi bastante documentada pelos fotógrafos que se estabeleceram na cidade ao longo do século XIX. Quanto a esse tema, ressaltamos o trabalho de Fabiana Beltramin, dedicado à produção fotográfica de Christiano Jr. À certa interpretação muito difundida que aponta para a objetificação dos homens e mulheres que posavam nessas fotografias, a autora procura apontar para as formas por meio das quais esses sujeitos negociavam a



Como forma de terminar esta parte introdutória ao *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, gostaríamos de registrar que esse texto foi escrito enquanto o mundo passava por circunstâncias muito difíceis em função de uma grande pandemia que, até o momento de fechamento desta publicação, levou à morte milhares de pessoas, deixando também o

sentimento de que o pior ainda está por vir. Dentre as inúmeras reflexões que um momento como esse pode trazer para aqueles que o experimentam está a necessidade de repensar as práticas por meio das quais os seres humanos se relacionam com o mundo, bem como os impactos sociais, econômicos e ambientais decorrentes delas. As viagens se incluem aí. Se há poucas semanas era comum vermos, nas principais cidades do mundo, hordas de turistas munidos de seus *smartphones*, por meio dos quais

Quitandeiras. Marc Ferrez, c.1875. Albumina/prata, 15,8 x 22,1 cm. Crédito: Marc Ferrez/ Coleção Gilberto Ferrez/ Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2043>. Acesso em: abr. 2020.

sua própria imagem (BELTRAMIN, Fabiana. *Sujeitos iluminados*. A reconstituição das experiências vividas no estúdio de Christiano Jr. São Paulo: Alameda, 2013).

fotografam a si mesmos e acessam *blogs* de viagens – esses novos guias –, hoje essas ruas e praças, em grande parte, estão forçosamente vazias. A edição do livro de Vale Cabral chega, então, em um momento propício e aponta para a necessidade de pensar nossos deslocamentos, nossos hábitos de consumo e nossas cidades de um ponto de vista histórico. Dentre os muitos usos que podem ser feitos desse livro, acreditamos que ele pode nos ajudar a entender como nosso olhar e nossas relações com o mundo e com as cidades que vivemos são construídos historicamente. Por serem históricas, ou seja, por não se configurarem como uma natureza, as maneiras de lidarmos com as paisagens, o ambiente e as cidades podem, então, mudar. Que a mudança aponte para práticas que sejam menos predatórias e mais igualitárias e respeitosas em relação a esses espaços e seus habitantes.

Belo Horizonte, abril de 2020.

Publica-se pela primeira vez trabalho de semelhante natureza no Brasil, e essa circunstância deve, decerto, contribuir para se darem certas lacunas, como quase sempre acontecem em tais casos.

O *Guia* que ora aparece é todo consagrado à utilidade prática da grande capital do Império. Nas futuras edições serão incluídas indicações práticas concernentes às províncias de Minas Gerais e São Paulo, hoje intimamente ligadas à capital do Brasil pela Estrada de Ferro D. Pedro II e às suas tributárias.

Se as circunstâncias o permitirem, o *Guia* será publicado todos os anos; e assim receberá gradualmente novos melhoramentos até realizar-se o plano geral e completo do trabalho, conforme foi idealizado, e que de uma primeira vez não podia certamente ter a desejada amplitude.

O índice que ocorre no fim presta com facilidade qualquer informação que se busque.

Por ora, as duas cartas geográficas que aparecem são de pequenas dimensões; mais tarde elas serão aumentadas e melhoradas. Ambas são reduzidas e desenhadas pelo sr. José Ribeiro da Fonseca Silveiras.

Como há o propósito de adornar as páginas do *Guia* de estampas gravadas e litografadas, sai desta vez apenas uma, trabalho do sr. Manuel Lopes Rodrigues. Representa ela os *Dois Irmãos*, interessante e enorme pedra que separa o arrabalde do Jardim Botânico do da Gávea. O *Dedo de Deus*, a *Pedra da Gávea*, os *Dois Irmãos* vistos da Gávea, o *Pão de Açúcar*, o *Corcovado* visto da rua São Clemente, o *Bico do Papagaio*, a *Pedra Partida*, a *Pedra de Itapuã* e outras pedras famosas por suas formas singulares e elevações deverão de futuro ornar o *Guia* nos lugares próprios.

Como sozinho não podia realizar todos os trabalhos para a múltipla confecção deste livrinho, auxiliou-me valiosamente o sr. Hilário Peixoto, que se encarregou de diversas seções do *Guia*.

A. DO VALE CABRAL^[1]

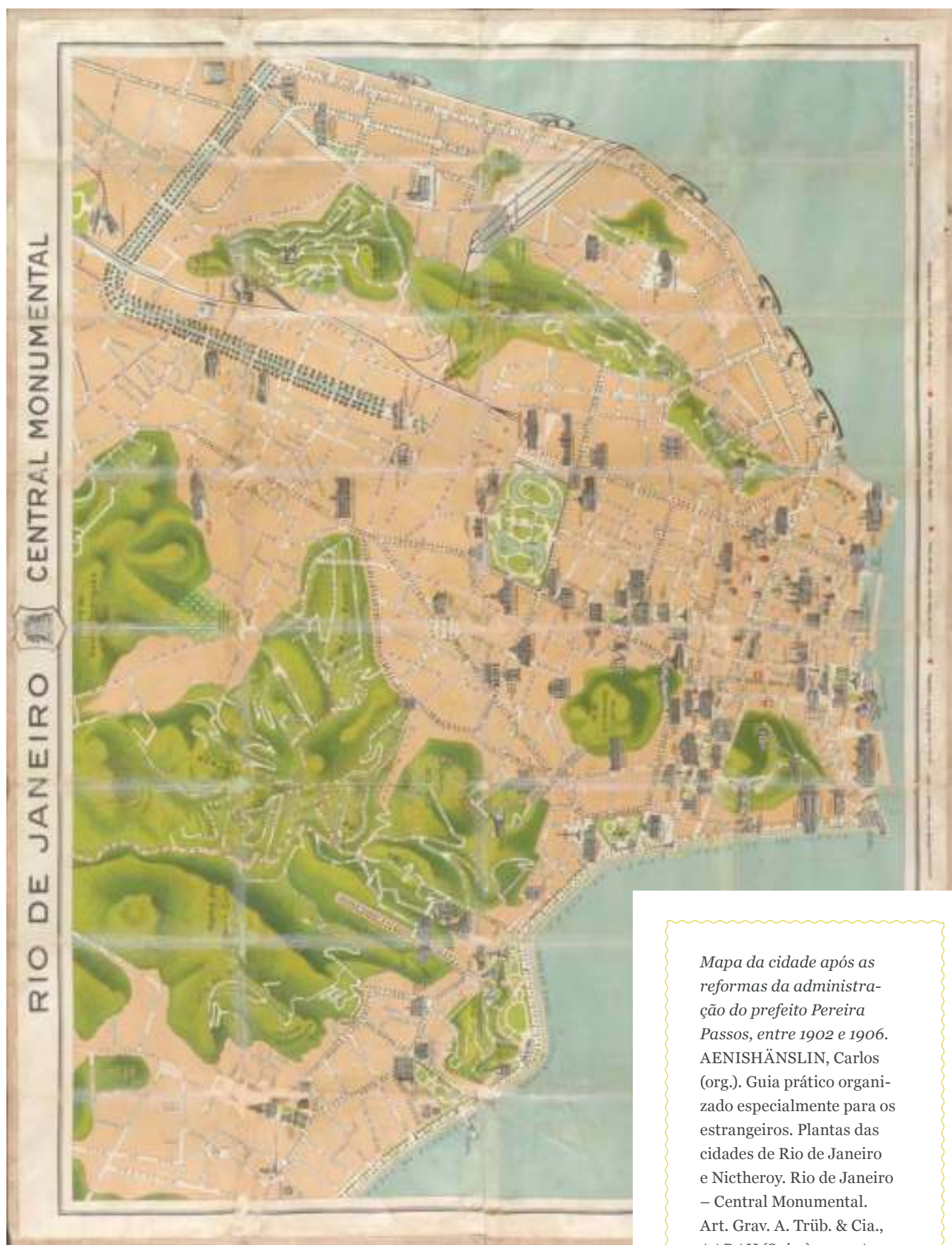


Alfredo do Vale Cabral
(1851-1894). FBN/ Iconografia.

[1] Essa nota introdutória aparece na primeira edição de 1882, bem como na de 1884, que é igual à primeira.



Planta da cidade
do Rio de Janeiro.
Extraída da primeira
edição do Guia do
viajante, de 1882.



Mapa da cidade após as reformas da administração do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906. AENISHÄNSLIN, Carlos (org.). Guia prático organizado especialmente para os estrangeiros. Plantas das cidades de Rio de Janeiro e Nitheroy. Rio de Janeiro – Central Monumental. Art. Grav. A. Trüb. & Cia., AARAU (Suíça), 1914. Acervo da Biblioteca Nacional.

Entrada do Rio de Janeiro pela Guanabara. O Guia inicia com Vale Cabral descrevendo a entrada do Rio de Janeiro pela baía de Guanabara, mostrando o potencial de deslumbre de quem chega. GOUPIL ET CIE. Rio de Janeiro: entrada da Baía de Guanabara. Rio de Janeiro, RJ: G. Leuzinger, [a18--]. 1 grav., litografia, pb: 51,2 x 104 cm. Acervo da Biblioteca Nacional.



primeira parte

CHEGADA



Vista do Rio de Janeiro. Por Enrique Casanova,
a partir de Georges Leuzinger, c.1883. Acervo
de Iconografia/ Instituto Moreira Salles.





Panorama do Rio de Janeiro (atribuído). Por Johann Friedrich Vogler. Doação de Emil Bauch ao Imperador dom Pedro II, 1873. Viena [Áustria]: Instituto Artístico de Leopold Sommer & Cia, 1873. 1 grav., cromolitografia, color., 73 x 240 cm. Acervo da Fundação Estudar, em comodato com a Pinacoteca do Estado de São Paulo.





I. ENTRADA DO PORTO

Descrição da entrada da baía do Rio de Janeiro. À esquerda da entrada da barra do Rio de Janeiro, depara-se, chamando desde logo a atenção do viajante, com o famoso penhasco de granito, despido de vegetação, de 385 metros de altura, e, pela forma do seu cume, chamado *Pão de Açúcar*. Está assentado em uma base agradável, como de propósito para indicar a entrada da grande baía. Nele fenece a serra que fica ao ocidente da entrada da baía e parece ser os pés do gigante ou gênio que preside os destinos do Brasil, quando com atentos olhos do alto-mar o contemplam as pessoas dotadas de viva imaginação.

Antolha-se-lhes deitado o gigante, e com as ondulações dos picos das serras fronteiras ao mar, cuidam distinguir-lhe claramente o rosto, dotado de um pronunciado nariz aquilino, pescoço, peito, ventre e joelhos; esta enorme figura é conhecida pelo nome de *Gigante que dorme* ou *Gigante de pedra*. “Tão formidável aparição, diz o dr. Augusto Fausto de Sousa, que hoje, segundo Varnhagen, ‘os nautas encaram tranquilos e admiram à vontade, porque, ao vê-lo, já consideram terminados os riscos da viagem’^[1], muito impressionou a princípio os navegantes, que depois se foram familiarizando com ele, a ponto de todos descobrirem nos traços do seu rosto semelhança com pessoas notáveis dos seus países; e é assim que os franceses (entre eles Mouchez e Jacques Arago^[2]) acham-lhe no rosto e nariz formas características dos príncipes da casa real de Bourbon, e mesmo um viajante (Fourcy de Bremoy^[3]) diz que é o perfeito retrato do desventurado Luís XVI, da França; os ingleses, a acreditar o que nos afirma Walsh (*Notices of Brasil*^[4]), chamam ao gigante *Lord Hood*, por verem nele o retrato fiel do famoso almirante que, no fim do século passado, tanto dano causou aos franceses nas Antilhas e em Toulon; e os próprios oficiais da nossa armada dão-lhe o apelido de *Carvalho*, pela exata semelhança que notam entre o seu nariz e o do falecido chefe de esquadra Antônio Pedro de Carvalho. Em uma nota da conhecida obra *Le Pilote du Brésil*, conta-nos o barão Roussin^[5] que aos fidalgos que compunham a corte portuguesa de dom João em 1808 causara profundo abalo a vista de tal fenômeno, quando se aproximaram da nossa barra; e fornecera tema para um grande quadro representando a esquadra do príncipe regente entrando garbosamente no Rio de Janeiro, divisando-se perfeitamente o gigante, designado como o *Gênio do Brasil*, e, no alto do quadro, circulada por brilhante auréola, a interjeição: *Gigante, desperta!*^[6] Essa interjeição foi uma profecia, visto que desse dia, 8 de março de 1808, data na nossa história a época em que o gigante brasileiro despertou e começou a agitar-se, até tomar lugar entre as nações independentes e livres”.^[7]

[1] Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador brasileiro, citação extraída de *História geral do Brasil* (1854). Todas as citações de Varnhagen no texto de Vale Cabral foram retiradas desta obra.

[2] Ernest Mouchez, oficial da Marinha francesa e autor de *Les côtes du Brésil...* (1876). Jacques Arago, ilustrador francês e autor de dois livros que incluem relatos de sua passagem pela cidade, *Promenade autour du monde...* (1822) e *Souvenir d'un aveugle...* (1839).

[3] Hygin Furcy de Bremoy, autor de *Le voyageur poète, ou Souvenir d'un français dans un coin des deux mondes* (1833).

[4] Robert Walsh, sacerdote irlandês, autor de *Notices of Brazil in 1828 and 1829* (1830).

[5] Albin Roussin, almirante da Marinha francesa, autor de *Le Pilote du Brésil...* (1845).

[6] Refere-se ao poema “O gigante de pedra” de Gonçalves Dias, literato brasileiro, publicado no livro *Últimos cantos* (1851).

[7] Citação extraída de Augusto Fausto de Souza, militar brasileiro, *A bahia do Rio de Janeiro...* (1882).



Antes do farol, colocado na ilha Rasa, que fica no alto-mar, quase em frente à baía, e acendido pela primeira vez em 1829, era o *Pão de Açúcar* a baliza por que se guiavam os navegantes para entrarem na baía *Guanabara* ou *Niterói*^[8].

Do lado oriental, de fora da barra, vê-se a fortaleza do Imbuí, a bateria D. Pedro II e a fortaleza da praia de Fora, que defendem a barra.

Do lado ocidental, junto ao *Pão de Açúcar*, fica a fortaleza da *Praia Vermelha*, que igualmente defende a barra. Em seguida ao lugar onde se acha colocado o afamado penhasco nota-se, da parte de dentro, a fortaleza de São João, que impede a entrada da baía ao inimigo e cujo fogo pode perfeitamente cruzar-se com o das fortalezas de Santa Cruz, da Laje e Villegagnon. Na espécie de península onde se acha assentada a fortaleza de São João, vê-se na sua extremidade duas baterias abertas na rocha viva, denominadas de São José e São Teodósio, voltadas para o lado da fortaleza de Santa Cruz.

À direita da entrada observa-se a fortaleza de Santa Cruz, assentada na ponta de um pequeno monte de granito que, avançando para o mar, estreita a entrada da barra. É a maior das fortalezas do Rio de Janeiro e a mais importante e formosa das do Brasil. Concorre ela para fechar a entrada da baía juntamente com a fortaleza de São João, quase na raiz do Pão de Açúcar, e com a da Laje, no cimo de um penhasco que se acha quase à flor d'água, no meio desta entrada.

A construção da fortaleza de Santa Cruz foi concluída a 6 de novembro de 1696, e de então para cá tem sofrido consideráveis melhoramentos, de sorte que hoje é uma praça de guerra muito importante. Serve também de prisão de Estado. A sua figura é de um ângulo obtuso, com três ordens de baterias

O Pão de Açúcar tomado do Forte do Imbuí. Por Marc Ferrez, 1880 circa. Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

[8] No original, está “Ganabara ou Nyterói”.

sobre três faces, defendidas por um forte chamado do Pico, que se acha entre duas pedras elevadas, o qual, ficando atrás da fortaleza e a cavaleiro dela, a ampara contra qualquer invasão.

O Pico é um morro de granito para o qual se não pode subir senão passando pela fortaleza de Santa Cruz, por ser bastante elevado, descalvado e talhado a prumo de todos os seus lados. O forte do Pico, com a fortaleza do Imbuí e a da praia de Fora, completou não só o sistema de defesa da fortaleza de Santa Cruz como o da entrada da baía. A bateria da praia de Fora impede que seja flanqueada a fortaleza de Santa Cruz por tropas que porventura desembarquem do lado leste. À primeira vista, mal se distingue o forte do Pico por sua elevação, entre duas pedras em forma de pão de açúcar; mas um traço amarelado, que corta a serra que fica por detrás da fortaleza que protege, indica o seu caminho e a sua existência.

Ao passar-se por diante da fortaleza de Santa Cruz e ao alcance do porta-voz, em fundo sempre superior a 23 metros, responde-se do navio às perguntas do intérprete, que se acha na referida fortaleza, informando-se o nome do navio, a procedência e os dias de viagem.

No meio da entrada vê-se a fortaleza da *Laje*, construída em 1646 sobre um ilhéu descalvado, e cujo fogo cruza com as fortalezas de Santa Cruz e São João. Tem esta fortaleza aposentos cavados em rochas onde as ondas se despedaçam furiosas, e que ainda há bem pouco tempo serviam de prisão para os presos do Estado.

Ao longe avista-se, do lado esquerdo, assentada na margem ocidental da vasta baía, a cidade de *São Sebastião* do Rio de Janeiro, e, do lado direito, a cidade de *Niterói*, capital da província do Rio de Janeiro.

Do lado direito da baía vê-se a enseada ou saco da *Jurujuba*, e, do lado esquerdo, a de *Botafogo*. Na entrada da enseada de Botafogo distingue-se uma bateria na parte mais saliente de um pequeno promontório chamado morro da Viúva. Dentro dessa pequena enseada avista-se, ao lado esquerdo, na praia da Saudade, um grande edifício, que é o *Hospício de Pedro II*; e ao fundo vê-se, à grande distância, a *Pedra da Gávea* (785 metros de altura), assim chamada por assemelhar-se o seu cume a um tabuleiro como os dos cestos da gávea dos mastros usados nos antigos navios. Na enseada de Jurujuba observa-se a encantadora e extensa praia de Icaraí, e vê-se na sua entrada, à esquerda, a igreja e a fortaleza da Boa Viagem, situadas em uma pequena montanha ilhada que se liga à terra firme por uma ponte de madeira; e na terra firme, na mesma direção, perto de São Domingos, o forte de Gragoatá, que está desarmado.

Depois da fortaleza da *Laje*, vê-se um pouco adiante, à mão esquerda, a ilha de Villegagnon, onde se acha a fortaleza do mesmo nome. Por detrás dessa ilha costumam dar fundo os navios para somente receberem a visita do porto e logo em seguida o desembarque dos passageiros, cujas cargas sejam leves e que não careçam por sua natureza passar pela Alfândega. Desembarçado da visita, o navio não espera por desembarque demorado de passageiros e segue logo a tomar o ancoradouro mais conveniente, segundo o seu calado.

A baía do Rio de Janeiro, o maior ornato da capital do Brasil, senão da América Meridional, é toda circundada de gigantes serranias, ora de um verde-escuro, ora azuladas, que lhe dão um aspecto inegavelmente monumental, encantador e sem igual. Quem por ela entra nos dias claros descortina logo ao fundo a imensa *Serra dos Órgãos*, de cor azulada, recortando o horizonte longínquo: esta serra oferece uma série de pontas ou picos inacessíveis, os quais, vistos ao longe, se parecem com os canudos de um órgão. Daí lhe provém o nome. Na *Serra dos Órgãos*, logo em frente à entrada da baía, chama a atenção

do viajante a singular pedra que, por parecer uma mão fechada com o dedo indicador apontando para o céu, é denominada *Dedo de Deus*.

Das serras mais próximas, as que se veem mais elevadas do lado esquerdo são: o celebrado gigante de pedra, com 712 metros de altura, o *Corcovado*, tão decantado pelos poetas, especialmente por Gonçalves Dias; e mais ao fundo a serra da Tijuca, cuja parte mais elevada é conhecida pelo nome de *Bico do Papagaio*, assim chamada por ser formada de dois cabeços próximos que, observados da passagem do Engenho Novo, entre os morros do Telégrafo e Gongá,^[9] assemelha-se às duas mandíbulas daquela ave.

Geógrafos, historiadores, poetas, viajantes e artistas, logo que se aproximam ou começam a entrar na vasta *Guanabara*, erguem entusiásticos hinos às suas belezas interiores, às suas praias encantadoras, às suas águas azuladas e dormentes, às suas límpidas abóbadas, ao cenário enfim portentoso e sem rival que lhes oferece a natureza. Ecoam esses cantos espontâneos de entusiasmo e de admiração a bordo de todos os navios que aportam.

A baía do Rio de Janeiro é um dos maiores portos do mundo, e as suas águas quase sempre tranquilas e serenas mais parecem as de um imenso lago do que as de um vasto porto marítimo.

Ao cortar-se as suas águas, ante as cenas portentosas que apresentam aos olhos do viajante as gigantescas montanhas que a circundam, faz despertar o mais puro amor da pátria em cada viajante, infundindo o mais profundo respeito e admiração, e mesmo sensibilizando ao coração menos afeito a se admirar dos portentos da natureza. Tal é a grandeza e o esplendor da baía e dos contornos admiráveis.

O porto do *Rio de Janeiro*, que é assim chamado por um notável engano cosmográfico da armada de André Gonçalves, “é um verdadeiro seio de mar, que”, diz Varnhagen, “sem exagero, podia conter em si todos os navios que hoje em dia cruzam os oceanos ou fundeiam em seus ancoradouros; é um grande golfo, ou, antes, um pequeno mar mediterrâneo, que por um pequeno estreito (de 1,5 quilômetro de largura), se comunica com o Atlântico; é um prodígio da natureza, tal que, aos mesmos que o estão admirando, lhes está parecendo fabuloso. Não há viajante antigo ou moderno que não se extasie ante uma tal maravilha do Criador”, continua Varnhagen. “Os que têm corrido os empórios do Oriente, visto as cenas do Bósforo, todos são unânimes em reconhecer que esses considerados portentos da hidrografia ficam a perder de vista quando se comparam ao que ora temos presente. Semelha-se antes em ponto maior a um dos lagos Salzkammergut, ou, ainda, da Suíça ou da Lombardia, com águas salgadas em vez de doces, e com verdura variegada em vez de neve, nos mais altos serros que se descobrem ao longe. Nápoles, com a sua pitoresca baía e os visos fumegantes do seu Vesúvio e a Soma, nada tem de comparável ao nosso porto-prodígio. As serras azuladas pela distância, em que os píncaros alcantilados e nus parecem encarapitar-se a desafiar as nuvens, abarreirando contra elas dos furacões o porto por esse lado, fazem contraste com os outeiros de terra avermelhada, em cujas cimas, coroadas de palmeiras, ondeiam estas os ramos com a viração da tarde. Os morros graníticos, a lugares descarnados, de forma mais ou menos regularmente cônica, que atalaíam toda a baía, contrastam igualmente com as várzeas e encostas vestidas de vigorosa vegetação perene, cuja bela monotonia eles estão nem que colocados ali para quebrar”.

[9] Atualmente denominado Serra do Engenho Novo. A palavra “gongá” tem provável origem no banto e remete a um tipo de altar das religiões de matriz africana.

Alguns montes revestidos de viçosas árvores e de casas se erguem no interior da cidade, a qual, por isso, aos olhos dos que a veem, ao longe parece menor do que na realidade é.



Descobrimento da baía. A baía do Rio de Janeiro foi descoberta a 1^a de janeiro de 1502 pelo navegador português André Gonçalves, encarregado por el-rei de Portugal, dom Manuel, de explorar a costa da *Terra de Santa Cruz*, em uma frota em que vinha por piloto Américo Vespúcio. Há quem atribua o descobrimento a Martim Afonso de Sousa; mas essa opinião não é de modo algum admissível, em primeiro lugar porque Martim Afonso não chegou senão em 30 de abril de 1531, encontrando já o nome de Rio de Janeiro muito comum, e em segundo lugar porque antes de Martim Afonso nela estiveram Gonçalo Coelho, a armada de dom Nuno Manuel, Solis, Magalhães, Sebastião Caboto, e, provavelmente, Cristóvão Jacques.

Vista da Baía de Guanabara, do Pão de Açúcar e do bairro de Botafogo a partir do Corcovado. Por Marc Ferrez, 1884 circa. Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

André Gonçalves tomou-a por um rio, dando-lhe por isso o nome que ainda hoje conserva, de *Rio de Janeiro*. Os naturais do país chamavam-na *Ganabara* (e *Guanabara* escrevem outros), segundo uns, e *Niterói* (e não *Nitheroy*, *Nitherohy*, *Nitherôhi*, *Nitheroy*, como erradamente se escreve), segundo outros cronistas. A etimologia mais aceitável da palavra *Niterói* é *água escondida*: de *y*, água e *niteró*, oculta. Esta é a significação dada por Ayres de Casal. “Com efeito,” diz o dr. Baptista Caetano, “*teró* significa *torcer-se*, *furtar-se*, *esconder-se*; *i-terói*, aquilo que se esconde, e *y-i-terói*, água que se esconde, dando-se naturalmente o metaplasmo de *y-i* em *ny*, donde *Niterói*. Além disto, Hans Staden, que foi prisioneiro dos Tamoios nos primeiros tempos do descobrimento, escreveu *Iteroenne* e *Iterrone*, que pronunciado à alemã concorda com a explicação dada por Ayres de Casal”^[10]. A expedição de André Gonçalves pouco se demorou na baía, dirigindo-se logo para o sul do Brasil na derrota que trazia.

Faróis da entrada do porto. *Cabo Frio*. Catóptrico; luz viva e quatro eclipses, de 5” cada um; alcance de 37 quilômetros e 100 metros; altura sobre o nível do mar, 143 metros. Trabalha desde 1861. Lat. 23°, 00’, 45”; long. 1°, 7’, 00”, E. *Ilha Rasa*. Catóptrico; girante; três luzes coradas, sendo duas brancas e uma vermelha, com eclipses de 5 segundos; alcance de 27 quilômetros e 800 metros; altura sobre o nível do mar 97 metros. Trabalha desde 1829. Lat. austr. 23°, 3’, 30”; long. do meridiano do Rio de Janeiro, 0°, 1’, 20”, O.

Faroletes do porto. *Fortaleza de Santa Cruz*, à entrada da baía. Catóptrico; luz fixa; alcance de 14 quilômetros e 800 metros. *Cafofo*, no Arsenal de Guerra. Luz fixa, vermelha; alcance de 3 quilômetros e 700 metros. Vai ser colocada uma luz na fortaleza de Villegagnon em condições vantajosas para os navios em demanda do porto.

Fortalezas que defendem a entrada da barra. Do lado oriental a do Imbuí, a bateria D. Pedro II e a fortaleza da praia de Fora; e do lado ocidental a da praia Vermelha, entre o Pão de Açúcar e o morro da Babilônia.

Fortalezas do porto. A fortaleza de Santa Cruz, na entrada da baía, à direita; a de São João, na entrada da baía à esquerda, com as suas duas independentes baterias de São José e de São Teodósio, voltadas para a fortaleza de Santa Cruz; a da Laje, em um ilhéu no meio da entrada da baía; o forte do Pico, que fica no morro do mesmo nome, a cavaleiro da fortaleza de Santa Cruz; a bateria no morro da Viúva, que fica à direita da entrada da enseada de Botafogo; a fortaleza de Villegagnon, na ilha do mesmo nome, quase em frente à cidade; a da Boa Viagem, à esquerda da entrada da enseada da Jurujuba, em uma pequena montanha ilhada, que se liga à terra firme por uma ponte de madeira: o forte do Gragoatá, perto de São Domingos e da fortaleza precedente; e a fortaleza da ilha das Cobras, na ilha do mesmo nome, em frente ao morro de São Bento.

Registro dos navios que demandam o porto. A fortaleza de Santa Cruz serve de registro e nela se acha um intérprete que recebe as respectivas informações (o nome do navio, a procedência e os dias de viagem) para serem logo transmitidas ao telégrafo de sinais, que fica no alto do morro do Castelo, e à praça do Comércio.^[11]

[10] Baptista Caetano de Almeida Nogueira, linguista brasileiro, citação extraída de *Etymologias Brazilicas*, publicado no volume 2 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (1877).

[11] Atual Casa França-Brasil, projetada pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny e inaugurada em 1820.

Estação telegráfica de sinais. Os sinais telegráficos dos navios que demandam o porto são comunicados, logo que passam por Cabo Frio, à estação do morro do Castelo, a qual fica dentro de uma antiga fortaleza construída em 1572, reformada em 1713 e hoje desarmada, no lugar conhecido por *Pau da Bandeira*, por ali ficar o mastro dos sinais telegráficos. Há um livrinho com as explicações e as cores dos referidos sinais.

Direitos que pagam os navios do comércio. Os navios do comércio são sujeitos a pagar direitos, segundo a sua lotação, na forma estabelecida na seguinte tabela: os de longo curso, que têm de descarregar, carregar e permanecer no porto, 300 rs. por tonelada brasileira; os que só devem descarregar e carregar, 150 rs.; os que entram e saem com lastro ou simples escala, 100 rs.; os que arribam em virtude de avaria ou força maior nada pagam, bem como os que fazem mais de duas viagens por ano, e os que na mesma viagem fizeram escala e pagaram direitos em outro porto do Império. Além destes, há o direito de farol, de 100 rs. por tonelada; o de hospital, de 6\$ para um navio de três mastros e 4\$ para os de dois ou um mastro; a visita do médico, de 8\$200, ou o dobro se o navio estiver em quarentena.

Fundação e história da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O huguenote francês Nicolau Durand de Villegagnon, cavaleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, já célebre por suas proezas, desejando propagar o calvinismo no Novo Mundo concebeu o intento de fundar no Brasil, de cujas riquezas naturais se diziam maravilhas na França, uma espécie de soberania independente e que pudesse servir de asilo aos sectários de Calvino, cujas máximas professava. Conseguindo da corte da França que lhe confiassem dois navios bem armados, entrou com eles na baía *Guanabara* a 10 de novembro de 1555, com se lê na segunda carta de Nicolau Barré, um dos da expedição. Villegagnon largara do Havre de Grace, na França, a 12 de julho do referido ano. A baía ainda estava despovoada, a não ser dos naturais do país. No ilhéu da *Laje*, quase raso como o mar, desembarcou primeiro o ousado navegante, e ali tentou levantar uma fortificação; mas vendo que a *Laje* se inundava com as marés enchentes e que não tinha recursos próprios para domar a fúria das ondas e construir fortaleza nesse lugar, passou a fortificar-se em uma ilha maior um pouco mais para dentro, à esquerda, ilha que depois tomou o seu nome. Ali, pois, construiu um forte, dando-lhe o nome de Colligny, em homenagem ao almirante Gaspar de Colligny, acérrimo protetor da projetada colônia. Apenas estabelecido, despachou Villegagnon para a Europa um navio dando conta do feliz êxito da sua expedição e pedindo novos recursos.

A 16 de março de 1557, deu fundo na referida baía, junto ao forte Colligny, hoje fortaleza de Villegagnon, a expedição dirigida por Bois le Comte, sobrinho de Villegagnon, que vinha em auxílio deste e a instâncias suas. A 26 de fevereiro do dito ano chegou esta expedição à altura da capitania do Espírito Santo. Tinha ela partido de Honfleur a 19 de novembro anterior e compunha-se de três belos navios, armados de 18 peças de bronze e equipados com perto de 300 pessoas à custa da coroa da França. Com Bois le Comte vieram dois teólogos calvinistas, sendo um deles Jean de Léry, genebrino, a quem se deve uma importante obra — *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, impressa pela primeira vez em La Rochelle^[12] em 1578 — em que trata da expedição e dá curiosas notícias dos indígenas entre os quais conviveu.

[12] No original: Rochela, forma aportuguesada que igualmente se refere à comuna francesa situada na região de Nova Aquitânia.

A nova expedição francesa ao mando de Bois le Comte foi recebida por Villegagnon com a mais viva alegria. Os recém-chegados foram acomodados em uma cabana de palha. Villegagnon estabeleceu desde logo uma polícia eclesiástica, pediu aos padres da expedição que pregassem duas vezes aos domingos e uma nos outros dias, e que fizessem preces todas as noites.

Assim se apossaram os franceses da baía do Rio de Janeiro e ganharam a afeição e a amizade dos indígenas Tamoios e Tupinambás que a povoavam.

El-rei dom João IV,^[13] porém, tendo notícia deste estabelecimento em uma terra que pertencia à sua coroa, bem que até então não se tivesse ocupado de a colonizar, ordenou a Duarte da Costa, governador-geral da Bahia, que individualmente o informasse do então estado dos protestantes franceses. Neste ínterim, seguiu-se a morte do monarca. Constando depois na corte que os colonos franceses cresciam em número e ganhavam cada vez mais forças e mais terreno, determinou a rainha regente Catarina a Mem de Sá, sucessor de Duarte da Costa, que fosse expulsá-los, enviando-lhe logo para esse fim dois navios de guerra e algumas caravelas.

Aumentando o governador esta esquadra com alguns navios da coroa e dois caravelões que se achavam no porto da sua capitania, e equipando-a como melhor pôde, pessoalmente embarcou nela a 10 de janeiro de 1560. No seu trajeto foi visitando as capitânias da costa e recebendo a gente que quis acompanhá-lo.

Villegagnon, que tinha suplantado graves discórdias na sua colônia, havia partido precipitadamente para a França em outubro de 1559 ou talvez antes deste mês, quando o governador-geral da Bahia, Mem de Sá, entrou na baía do Rio de Janeiro, o que se deu a 21 de fevereiro.

A 15 de março, Mem de Sá atacou com as forças de que dispunha a fortaleza de Villegagnon e pelejou todo o dia. À noite continuou de parte a parte o combate. No dia imediato (16), apesar do vivo fogo que do forte de Villegagnon se fazia sobre as embarcações portuguesas, conseguiu o heroico Mem de Sá alcançar a ilha, saltando em terra do lado do morro das Palmeiras, que já hoje não existe, e tomou-o à viva força. O combate durou dois dias e duas noites, cometendo-se mil atos de bravura de parte a parte: os franceses, finalmente, já sem pólvora nem água, foram vencidos; retiraram-se à noite para as suas canoas e acomodaram-se no continente. O número de indígenas aliados aos franceses orçava por mais de mil. Os portugueses não passavam de 120, auxiliados por 140 indígenas. “Se esta vitória me não tocara tanto”, diz dela o próprio guerreiro Mem de Sá, “pudera afirmar que há muitos anos se não faz outra igual entre cristãos”.

Mem de Sá, não podendo conservar a ilha, fez demolir a fortaleza e conduzir a artilharia para bordo dos seus navios, e deixando o Rio de Janeiro foi visitar a capitania de São Vicente. A 18 de junho, Mem de Sá deixou São Vicente e dirigiu-se para a Bahia, onde foi jubilosamente recebido pela vitória alcançada contra os franceses.

Tendo-se retirado a armada portuguesa, voltaram os franceses para a ilha, levantaram as fortificações derrubadas e ali continuaram a permanecer.

[13] Trata-se, antes, de dom João III.

Como não ficou gente para impedir o novo estabelecimento, no caso de os inimigos tentar fazê-lo, logo que chegaram novos navios com mais gente, fortificaram-se em terra firme ainda com mais vantagem do que a princípio.

Correndo de novo a certeza de que os franceses continuavam a frequentar o Rio de Janeiro e se achavam cada vez mais fortificados; e conhecendo-se quanto era conveniente à coroa fortificar-se e povoar-se este porto, visto não ter o donatário Martim Affonso de Sousa recursos de o colonizar, nem forças para obstar o estabelecimento de qualquer intruso que nele pretendesse situar-se, foi enviado Estácio de Sá com dois galeões ao governador Mem de Sá, seu tio, para que este o auxiliasse com todas as forças a fim de fundar uma colônia no Rio de Janeiro e expulsar os franceses estabelecidos nele.

Estácio de Sá chegou à Bahia em princípios de 1564 e ali se demorou durante este ano, enquanto o governador-geral preparava a expedição naquele porto com as munições precisas de boca e de guerra e com soldados experimentados nas lutas.

No começo de 1565, partiu Estácio de Sá da Bahia com a sua frota e veio surgir na barra do Rio de Janeiro a 6 de fevereiro; mas como tinha necessidade de embarcações de remos e de maior número de combatentes, sem o que se punha em risco contra forças superiores, em vista da atitude hostil dos indígenas do lugar, resolveu ir primeiro ao porto de Santos, em busca de maior reforço. Achava-se então a capitania de São Vicente com muita falta de recursos para socorrer de pronto a armada, e ali se demorou Estácio de Sá durante todo este ano, enquanto chegavam da Bahia e do Espírito Santo novos socorros.

A 20 de janeiro de 1566, partiu a expedição de Estácio de Sá do porto *Buriquio* (hoje, por corrupção, chamado *Bertioga*), e surgiu em princípios de março dentro da barra do Rio de Janeiro. O capitão-mor fez logo desembarcar a infantaria e se aquartelou nas proximidades do *Pão de Açúcar*, talvez no local hoje chamado *Praia Vermelha*, e que antes se denominou *Vila Velha*. Desembarcado com a sua gente começou logo Estácio de Sá a roçar o mato e a fazer uma fortificação que servisse à defesa contra qualquer invasão inimiga; construíram-se alguns ranchos e abriu-se junto à praia uma cacimba; tudo isso apesar das ciladas que por terra e por mar intentavam os franceses auxiliados pelos indígenas, que tinham por principal o destruíssimo Aimbiré.

Com o capitão-mor, veio de São Vicente o venerável padre José de Anchieta. Durante todo o ano de 1566 apenas puderam os portugueses manter-se nas suas fortificações porque as forças inimigas eram superiores, e só se defendiam nos seus postos das investidas dos contrários, tanto em terra como no mar. No dia 15 de outubro os franceses, ajudados pelos Tamoios, acometeram as forças da vanguarda de Estácio de Sá e foram repelidos como das mais vezes.

À colônia deu logo Estácio de Sá a categoria de cidade, denominando-a de *São Sebastião*, em homenagem ao jovem rei de Portugal.

Advertido Mem de Sá, pelas informações que levava o padre Anchieta, da embaraçosa situação de seu sobrinho no Rio de Janeiro, e da necessidade de prontos socorros, preparou o governador-geral nova expedição e com ela partiu pessoalmente em novembro de 1566 da Bahia, trazendo consigo suficiente número de embarcações, com muitas provisões alimentícias e muita gente voluntária; e passando pelo Espírito Santo recolheu ali 200 indígenas, comandados pelo celebre *Araribóia*, que depois de batizado se chamou Martim Afonso de Sousa. Da Bahia viera com Mem de Sá o padre Manuel da Nóbrega.

A frota do governador-geral chegou à barra do Rio de Janeiro a 18 de janeiro de 1567, e a sua presença causou vivo contentamento às forças de Estácio de Sá, que já começavam a enfraquecer por

falta de munições e víveres. Chegado ao Rio de Janeiro Mem de Sá, e querendo assinalar o princípio das suas operações, assentou logo atacar as fortificações do inimigo no dia 20, por ser o de São Sebastião, o do santo padroeiro da cidade. Nesse dia foi tomada a praça forte de *Uruçumirim*, que se supõe ter sido na praia do Flamengo; no combate, uma seta ervada atravessou infelizmente o rosto de Estácio de Sá, que morreu um mês depois, dia por dia, em consequência da ferida. “Assim perdeu a vida assestado”, diz Varnhagen, “como o padroeiro (cujo dia era o em que foi ferido) da cidade que fundara, e a que dera o nome, e da qual os símbolos do martírio do mesmo padroeiro vieram a ser as insígnias ou armas”.

Depois da primeira vitória seguiu-se o ataque da ilha do Gato ou *Paranapukuy*, hoje do *Governador*, que também foi vencida. Os portugueses ocuparam então toda a baía, fugindo os franceses para bordo das suas naus, e os Tamoios pediram paz e ficaram intimidados e quietos. “Nunca houve guerra”, diz o historiador inglês Southey, “em que, se empregando tão poucas forças de parte a parte, se obtivesse tão importantes consequências. Menos enérgico fosse Mem de Sá, ou Nóbrega menos hábil, e esta cidade, hoje capital do Brasil, seria francesa e não portuguesa”.^[14]

Assim, depois deste heroico feito d’armas o governador-geral mudou o núcleo da cidade das imediações do *Pão de Açúcar*, onde Estácio de Sá a colocara, para o morro do Castelo (chamado então *Monte de São Januário*), debaixo da mesma invocação de *São Sebastião* e acrescentando-lhe *do Rio de Janeiro*; nomeou capitão-mor desta nova colônia a outro sobrinho seu, Salvador Correia de Sá, que muita parte tivera nesta conquista. O chefe dos indígenas, *Araribóia*, que tanto se havia assinalado na expedição, foi colocado com a sua gente do outro lado da baía, no lugar chamado hoje *São Lourenço*, bairro de Niterói. Mem de Sá, depois de ter dado essas e outras providências, retirou-se para a sede do seu governo na Bahia.

Esta é a história resumida da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Ao estabelecimento dos franceses na baía do Rio de Janeiro é o que se chama a *França Antártica*.

A cidade festejou por muito tempo o triunfo obtido a 20 de janeiro de 1567 com oito dias de luminárias e uma popular festa chamada das *canoas*; e ainda hoje conserva um oitavário religioso, iluminando-se edifícios públicos, conventos, igrejas e algumas casas particulares durante os três dias, 17, 18 e 19 de janeiro, dando-se nos mesmos dias duas salvas às 8 horas e às 10 da noite, fazendo-se no dia 20 a festa de São Sebastião na igreja do Castelo e oito dias depois saindo da Capela Imperial a imagem de São Sebastião e recolhendo-se à respectiva igreja: as fortalezas dão ainda uma salva na saída da procissão e outra no ato do seu recolhimento.

Em 1583, foram trasladados os restos mortais de Estácio de Sá das proximidades do Pão de Açúcar para a igreja de São Sebastião, então Sé do Rio de Janeiro. Ainda no centro da capela-mor desta igreja se acha a lápide de granito primitiva da campa sepulcral, tendo embaixo as armas da casa dos Sá e no alto a seguinte inscrição, que a damos em ortografia corrente: *Aqui jaz Estácio de Sá, capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou fazer Salvador Correia de Sá, seu primo, segundo capitão e governador. Com suas armas e esta capela acabou o ano de 1583.*

[14] Robert Southey, escritor inglês, citação extraída de *History of Brazil* (1810).



A 16 de novembro de 1862 foram os ossos de Estácio de Sá tirados do seu antigo jazigo, na presença de S. M., o Imperador, e de membros do Instituto Histórico, e a 20 de janeiro do ano seguinte foram encerrados solenemente em uma urna de pau-brasil e esta em um cofre de chumbo, e colocado tudo em um carneiro de alvenaria para esse fim construído, e conjuntamente o auto da exumação, as gazetas do dia, moedas de ouro, prata e medalhas. Fechou-se a abertura com uma lápide tendo a seguinte inscrição: *Restos mortais de Estácio de Sá, exumados desta sepultura em 16 de novembro de 1862. A ele restituídos em 20 de janeiro de 1863.*^[15]

“A sepultura do primeiro capitão-mor do Rio”, diz Varnhagen, “é para o Brasil uma venerável relíquia, que não só a piedade, mas também a gratidão nos impõe o dever de acatar, como de um herói mártir, que sacrificou a sua existência pelo país, que hoje se deve gloriar em proclamá-lo um cidadão adotivo”.

Morro do Castelo. Por Juan Gutierrez, 189? sépia, 19 x 27 cm. Igreja de São Sebastião no morro do Castelo. A festa de São Sebastião era comemorada nessa igreja, no Castelo. A igreja já foi a Sé do Rio de Janeiro, tendo recebido os restos mortais de Estácio de Sá em 1583, e retirados em cerimônia de exumação que teve lugar no dia 16 de novembro de 1862, na presença do Imperador dom Pedro II e, em seguida, retornou em 20 de janeiro de 1863. Por conta do desmonte do morro do Castelo, iniciado em 1921, a lápide foi transferida para a nova igreja dos frades capuchinhos, localizada na Tijuca. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

[15] Atualmente, seus restos mortais estão encerrados no *Monumento a Estácio de Sá*, Parque do Flamengo, inaugurado, em 1973, a partir do projeto arquitetônico de Lucio Costa.

Invasões modernas na cidade. Em 11 de agosto de 1710, uma expedição de cinco navios armados com cerca de mil homens de desembarque, ao mando do oficial de marinha francês Duclerc, tentou entrar na baía do Rio de Janeiro, e como fosse repelida, foi fazer o seu desembarque em Guaratiba. Dali seguiu Duclerc com a sua tropa para a cidade, de modo que facilmente pôde chegar ao palácio do governador na rua Direita (hoje Primeiro de Março), onde foi corajosamente repellido. Na retirada, Duclerc encerrou-se no trapiche de Luiz da Mota, depois chamado *da cidade*, e não querendo atender às intimações de rendição, o governador mandou lançar fogo ao edifício, que continha boa porção de pólvora. Os franceses então renderam-se prisioneiros de guerra com o seu chefe a 19 de setembro. Tinha Duclerc por mensagem a cidade, e, na casa em que residia, na noite de 18 de março de 1711, foi assassinado por dois sujeitos rebuçados que nunca foram descobertos.

A notícia da derrota de Duclerc, e do seu assassinato depois, causou viva sensação na França, e de tal modo excitou os espíritos que um dos mais valentes homens de mar que então possuía este país naquela época, o célebre Duguay-Trouin veio vingar os seus compatriotas.

Com uma armada de 18 navios de alto bordo e considerável e elevado número de homens de desembarque, conseguiu Duguay-Trouin entrar na baía do Rio de Janeiro no dia 12 de setembro de 1711, com a perda de 300 homens. No dia imediato estava de posse da ilha das Cobras. A covardia inaudita do governador Francisco de Castro de Moraes foi tal que, na noite de 21 do referido mês de setembro, abandonou a cidade e fugiu em debandada para o Engenho Velho, e dali para Iguaçu, 10 léguas distante da cidade, levando consigo parte da tropa. A população, atemorizada, viu-se forçada também a abandonar os seus domicílios, refugiando-se pelas florestas. À vista deste abandono repentino da cidade, os franceses entraram nela no dia 22 e apossaram-se dos pontos principais. Depois, Duguay-Trouin propôs o resgate da cidade, ameaçando incendiá-la e arrasá-la no caso de não ser aceita a sua proposta. Assinou afinal o governador a afrontosa condição de pagar a Duguay-Trouin 610 mil cruzados em moeda, 500 caixas de açúcar e o gado necessário para a sua armada, como contribuição de guerra, e o que foi tudo realizado, sendo feito o último pagamento a 4 de novembro. A 13 deste mesmo mês, retirou-se então a famosa expedição de Duguay-Trouin, vitoriosa.

Continuação da história da cidade. Em 1762, foi a cidade declarada capital do Estado do Brasil. A 7 de março de 1808, recebeu a família real e toda a corte portuguesa, e dessa época a cidade e o seu comércio começaram a aumentar-se sucessivamente. Em 1822, com a declaração da nossa independência, continuou a ser a capital do Império. Em 9 de janeiro de 1823, foi-lhe conferido o título de *muito leal e heroica cidade*. Foi a capital da província do Rio de Janeiro até 1834, quando, pelo Ato Adicional, foi a cidade convertida em município neutro e capital do Império, ficando sujeita à imediata administração do Governo-geral, como a cidade de Washington nos Estados Unidos.

Padroeiro da cidade. São Sebastião, o mártir.

Armas da cidade. Ainda hoje não estão claramente assentadas as armas da cidade do Rio de Janeiro: ou são um São Sebastião em campo azul; ou três setas de couro enfeixadas, em campo verde (ou azul?); ou uma esfera armilar tendo por cima três setas enfeixadas; tendo todas elas por timbre uma coroa mural.

Varnhagen diz que Estácio de Sá concedeu por armas à cidade um molho de setas, “alusivas às que haviam servido ao suplício do santo invocado, e quem sabe se às apreensões que teria dos que, começando por ele, viriam a cair nas vítimas das flechadas até o final triunfo da civilização nesta terra”.

No antigo estandarte do Senado da Câmara do Rio vê-se um São Sebastião.

Na estátua equestre de dom Pedro I, na praça da Constituição, vê-se uma esfera armilar tendo por cima três setas enfeixadas.

Na coluna comemorativa do desembarque de S. M., a Imperatriz, na praça Municipal, observa-se uma cruz de Cristo carregada com a esfera armilar e três setas enfeixadas sobrepostas.

No moderno palacete da Câmara Municipal vê-se no alto da fachada principal uma esfera armilar tendo por cima três setas enfeixadas, em campo verde, e no alto das janelas do mesmo edifício três setas enfeixadas, em campo azul.

Descrição em geral da baía, da cidade e do município. Da barra ao porto da Piedade, que lhe fica quase em frente, ao fundo da baía, contam-se 17 milhas, e 13 de largura máxima do mesmo porto ao de Irajá, que lhe fica fronteiro. A circunferência da baía é mais ou menos de 45 milhas, em que se encontram enseadas, portos e as embocaduras de diversos rios como Emboacu, Iguaçu, Sarapuí, Macacu, Guaxindiba, Guapi, Magé, Iriri, Suruí, Inhomirim, Meriti, Irajá, Inhaúma, Icaraí, São Lourenço, Mauá, Maracanã, Carioca e outros.

Na barra, a máxima profundidade do canal em frente à Santa Cruz é de 55 metros; seguindo para dentro da baía vai aumentando de fundo até atingir, segundo uns, 64, e segundo outros, 110 metros, que é cerca de um quilômetro de Santa Cruz; depois vai descendo até 20 e 18 metros no ancoradouro dos navios de guerra, a NNE de Villegagnon e somente 10 metros e menos nos ancoradouros da Saúde e da Gamboa, os quais são frequentados pelos navios mercantes, diminuindo dali até as ilhas do Governador e Paquetá, onde o fundo é muito variável, sendo que dessas ilhas em diante é preciso seguir os canais, porque o mar é muito raso até o fim da baía.

A barra do Rio de Janeiro é a das que se conhecem de mais fácil entrada.

A sua estreita entrada, que conta 1,5 quilômetro de largura, divide-se em duas partes desiguais, das quais a maior, de 900 metros entre a Laje e Santa Cruz é a única praticável por sua grande profundidade e segurança; a outra, entre Laje e São João, é perigosíssima à navegação, por causa dos recifes e da forte arrebentação que ali se nota quase sempre.

A situação do porto, quase no centro da América Meridional, torna-o empório natural do comércio marítimo dos Estados Unidos e da Europa para os portos da Ásia, e da América, no Pacífico.

A forma geral da baía, que é a de um triângulo de lados irregulares, representa também em menor escala a configuração de todo o Brasil, e a esta singularidade acrescenta Varnhagen que “não faltarão fatalistas que em tal forma vejam alguma mistificação”.

Mais de 80 ilhas estão espalhadas por toda a baía, como a do Governador, com 20 milhas de circunferência, a de Paquetá, a do Bom Jesus, a das Cobras, a do Boqueirão, a de São João, a dos Ratos, a das Moças, a das Enxadas, a das Flores, a do Catalão, a da Conceição, a do Mocanguê e muitas outras.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Império, está situada ao lado ocidental da baía *Guanabara* ou de *Niterói*. É a mais rica, populosa, comercial e industrial do Brasil.

A sua posição astronômica é: lat. S. 22° 53' 51", e 0° 0' 56" long. E. do meridiano do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, colocado no morro do Castelo da mesma cidade e está a 43° 7' 6". Long. O. de Greenwich, e a 45° 27' 15". Long. O. de Paris.

Apesar de úmido e quente, em geral, o clima da cidade do Rio de Janeiro é muito salubre.

Todo o distrito municipal do Rio de Janeiro chama-se *Município Neutro*, e se estende desde a margem ocidental da baía até a foz do rio Meriti. A sua população é de cerca de 400 mil habitantes.

A área do município, excluídas as ilhas, abrange o espaço de 1.394 quilômetros quadrados, e a cidade, rigorosamente falando, 21.780.000 metros quadrados.

O município está dividido em 20 paróquias e um curato independente.

No município neutro está a sede do Governo-geral do Brasil. É a residência oficial e efetiva do monarca, dos ministros de Estado, dos altos funcionários, do bispo capelão-mor, dos ministros ou diplomatas estrangeiros que representam os seus governos, assento do Tesouro Nacional, da Assembleia Geral, de todos os tribunais e todas as instituições superiores e gerais do Império, enfim, da Corte.

Visita do porto. Domiciliada no pavimento superior da estação das *Barcas Ferry*. A visita, feita conjuntamente pela Polícia e pela Inspeção-geral de Saúde do Porto, efetua-se no *Poço*, defronte da fortaleza de Villegagnon, onde a esperam os navios antes de darem fundo, à entrada, ou depois de levantarem ferro, à saída. É serviço feito de sol a sol, e os navios entrados fora deste intervalo não comunicam com a terra.

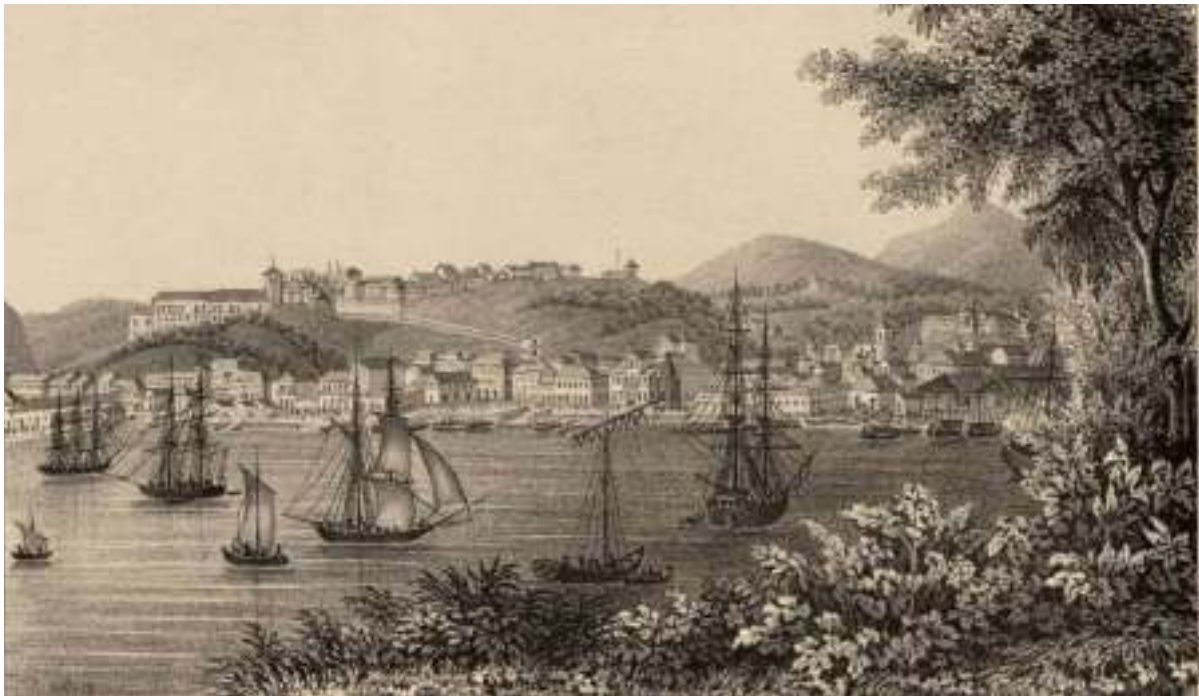


Imagem de uma das principais entradas da cidade, com destaque para o morro do Castelo. O Castelo foi destruído pela reforma urbanística de 1922, e anos antes recortado para a abertura da avenida Rio Branco. O largo do Paço foi renomeado para praça XV, com a República. A praça do Mercado, contígua ao Paço, passou a se chamar praça XV. Num dos itinerários de passeios rápidos do centro da cidade, a cena surge como parte inaugural do percurso. SCHUTZ, Jan Frederik. Morro do Castello com o largo do Paço e a praça do Mercado. Rio de Janeiro, RJ: Eduardo e Henrique Laemmert, [18--]. 1 grav., litografia, pb: 21,5 x 33,2 cm. Acervo da Biblioteca Nacional.

Desembarque: botes e bondes marítimos. Depois de transpor a barra, todo o navio espera no *Poço*, defronte à fortaleza de Villegagnon, a visita de saúde e de polícia do porto. Imediatamente o cercam botes e bondes marítimos que afluem em grande quantidade. Antes de chegar a visita começa um leilão original, em que o licitante é o catraeiro, e o preço, em vez de subir, decresce, conforme a relutância do freguês em manifestar-se na escolha. Depois da retirada da visita atracam os botes ao paquete e começam desembarcar os passageiros que não desejam fazê-lo no lugar de descarga do navio; é, porém, preferível aquele ponto (o *Poço*), por ficar próximo ao cais Pharoux, onde o viajante entra logo no âmagio da cidade.

Não há tarifa estabelecida para os transportes marítimos; regula, entretanto, 2\$ a condução de um passageiro com a sua bagagem do *Poço* ao cais Pharoux. Conforme a concorrência que se estabelecer, o preço poderá ser inferior; porém, muito raro tal acontecerá. Mais do que aquela quantia é caro.

Os botes são numerados e o recém-chegado deve ter muito em vista que é de grande conveniência, em cidade muito populosa e de grande movimento como o Rio de Janeiro, tomar sempre nota do veículo que o conduz.

Saltando em terra no cais Pharoux, o viajante não tem necessidade de procurar carroça ou carregador para o transporte da sua bagagem; será, ao contrário, procurado, e, às vezes, importunado para dar preferência a este ou àquele. Todas as carroças são numeradas, e os carregadores, quando não trazem ao peito a chapa também numerada, são obrigados a apresentá-la em caso de exigência. Escolhido o meio de transporte, mande-se o condutor seguir o seu destino e o acompanhe.

É possível que, para chegar ao termo da viagem, o carroceiro faça o viajante percorrer algumas ruas que lhe parecerão não ser as do seu itinerário; mas o condutor é, às vezes, obrigado a fazer tais desvios para não incorrer na multa de subir ou descer *contramão*; porque as ruas na cidade baixa — por estreitas — são umas de subir e outras de descida.

Ainda no cais Pharoux, o viajante encontrará tálburis e carros de praça, condução esta muito conveniente por transportar, ao mesmo tempo, passageiro e bagagem. Veja *Veículos de praça*, p. 92.

Se se destina a Niterói, tem próximo ao desembarque a ponte das *Barcas Ferry*, que fazem o serviço de transporte através da baía.

De junto a esta ponte partem os bondes das linhas 5 a 8 da companhia *Carris Urbanos*; e, caso no seu percurso compreendam o destino do viajante, não deve ele hesitar em aproveitar esta condução, contanto que possa colocar a bagagem sob o banco, de modo a não incomodar os outros passageiros. Ali embarcado, peça ao condutor (recebedor), se julgar necessário, que mande parar o carro no ponto a que se destina.

Se vindo do *interior*, o viajante chega ao Rio pela estrada de ferro, na gare só encontrará carregadores afiançados perante a direção, e aos quais pode confiar a sua bagagem. Esses carregadores têm por distintivo boné e blusa de brim, tendo o boné as iniciais E. de F. D. P. II, e a blusa, do lado esquerdo o número da matrícula. Fora da estação há outros carregadores, carroças, tálburis, carros, bondes das companhias de *São Cristóvão* e da *Carris Urbanos*. Veja no INDICADOR DAS RUAS *Aclamação* (praça da), p. 183.



Cais Pharoux e Mercado da Praia do Peixe. Por Juan Gutierrez, 189?.
Coleção Juan Gutierrez.
Brasiliiana Fotográfica/
Museu Histórico Nacional.



Circulação marítima no entorno do cais. Mercado da Praia do Peixe (à esquerda) e Ilha Fiscal (ao fundo).
Ferrez, Marc, 1900 circa.
Coleção Gilberto Ferrez.
Brasiliiana Fotográfica/
Instituto Moreira Salles.

Bagagem e despacho. Depois de o pacote entrar no *quadro*, a bagagem dos passageiros é transportada, em lancha da companhia respectiva, para a Alfândega, onde é minuciosamente examinada de acordo com a nota que ali faz o dono; observando-se nesse exame o que dispõem os regulamentos em vigor. Quando, por esquecimento, tenha ficado a bordo algum volume, o passageiro requisitará, na Guardamoria da Alfândega, um guarda que vá buscá-lo.

Transporte:

1) Carroças. Há sempre estacionadas na praça D. Pedro II, lado do chafariz; na rua Visconde de Itaboraí, defronte da Alfândega; e na praça Vinte e Oito de Setembro; muito raro, porém, será necessário ir àqueles pontos para obtê-las, pois que são encontradas em todas as ruas da cidade. Não há tarifa estabelecida. São todas numeradas.

2) Carregadores. Há em quase todas as esquinas, na parte de maior circulação da cidade. São obrigados a apresentar, quando não trazem ao peito, a chapa numerada; e é conveniente tomar-se o respectivo número. Em geral os carregadores são fiéis.

3) Andorinhas. Grandes carroças apropriadas ao serviço de mudanças, condução de móveis, pianos, vidros etc. Encontram-se na rua do Visconde de Itaboraí, à esquerda da de Teófilo Otoni; rua da Carioca, nº 99; praça da Constituição, nºs 27 e 43; Empresa Coimbra na mesma praça, nº 59 (comunicação telefônica nº 79); rua Luís de Camões, nºs 18 e 40; rua do Lavradio, nº 74; e rua dos Cajueiros, nº 42.

Capitania, do Porto. No pavilhão térreo do edifício da Secretaria da Marinha, sendo a entrada pelo Arsenal ou pela referida secretaria.

II. LOCOMOÇÃO

Nenhuma cidade leva vantagem ao Rio de Janeiro em meios de locomoção fácil, pronta e barata. Em quase todas as ruas e praças, o viajante encontra bondes das quatro companhias existentes, que o transportam com brevidade quer de um extremo a outro da cidade, quer do centro aos mais distantes arrabaldes. Já é muito vasta a rede das trinta linhas em tráfego, há, ainda, outras projetadas, e prolongam-se algumas das atuais.

Contribui poderosamente para facilitar a locomoção a Estrada de Ferro D. Pedro II, mantendo trens, desde às 5h10 da manhã até às 11h04 da noite, que em viagens contínuas e repetidas (intervalo máximo de 10 minutos) comunicam os bairros mais longínquos e as freguesias suburbanas com o centro mais populoso. Na estação do Engenho Novo há bonde para Cachambi, na de Cascadura, para Jacarepaguá, e na de Santa Cruz, para Itaguaí, já na província do Rio de Janeiro; vindo esses entroncamentos aumentar o grande número de localidades servidas por aquela importantíssima via férrea.

Se transportado pelo Plano inclinado ao morro de Santa Teresa, o bonde conduz o viajante em pouco tempo ao França ou ao Curvelo, proporcionando-lhe a subida da montanha a belíssima vista de quase toda a cidade.



As *Barcas Ferry* constantemente levam a população a salvo a Niterói, onde o viajante acha ainda o bonde como a persegui-lo, e que lhe faculta percorrer, em poucas horas e em todas as direções, a capital da província. Durante a viagem, tem-se ocasião de admirar um dos mais belos panoramas que pode haver — a travessia da formosa baía de Guanabara.

Andorinhas - tipo de transporte, próprio para o serviço de mudanças. Empresa Geral de Mudanças As Andorinhas. [s.l.: s.n.], [18--]. 1 grav., litograv., p&b, 54,5 x 72 cm. Acervo da Biblioteca Nacional.

1. BONDES^[16]

A primeira linha de bondes que começou a funcionar foi a da companhia *Botanical Garden*, inaugurada a 9 de outubro de 1868, chegando então os seus carros só até o largo do Machado, hoje praça Duque de Caxias.

[16] Na época em que este *Guia...* foi escrito, os bondes eram movidos por tração animal. Em 1892, os bondes elétricos começariam a circular pela cidade. Eles são retirados de circulação em 1963, hoje restando apenas os de Santa Teresa.

A denominação de *bonde* proveio do aparecimento simultâneo dos *bonds* do empréstimo nacional emitido no ministério do visconde de Itaboraí, por decreto de 5 de agosto de 1868, e dos bilhetes que se vendiam então aos passageiros dos carros de tração animada da companhia *Botanical Garden*, e que giravam no pequeno comércio como moeda corrente para qualquer pagamento. Essa denominação afinal prevaleceu sobre as de *vaca de leite*, em alusão aos sons das campainhas dos animais empregados para tração desses veículos, e *jaboti*, alusivo à forma dos tejadilhos dos carros primitivos.

Correm outras versões acerca da origem da denominação de *bonde*; mas a que acima se dá é a verdadeira.

A companhia *Botanical Garden* chama oficialmente *americanos* aos seus carros.

Passamos a fazer a resenha minuciosa de todas as linhas de bondes dando o seu percurso, o sinal que distingue os carros de dia (tabuleta ou parapeito da plataforma) e à noite (lanterna), o horário dos carros de passageiros e o dos *bagageiros* com as suas respectivas tarifas das diversas companhias, e fazendo preceder a esta notícia.



Bonde de tração animal. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [19--]. 1 foto. Na época em que o *Guia* foi escrito, os bondes eram movidos por tração animal. Em 1892, os bondes elétricos começaram a circular pela cidade. Em 1963, a maioria é retirada de circulação, restando apenas os de Santa Tereza, que resistem. Acervo da Biblioteca Nacional.

Informações necessárias aos passageiros de bondes:

- 1) É essencial guardar-se o bilhete de recibo (para motivar qualquer reclamação), indicando ao mesmo tempo a hora da viagem.
- 2) Em caso de reclamação a fazer, o passageiro tomará nota do número da chapa presa ao paletó do condutor.
- 3) A reclamação será apresentada no escritório da companhia respectiva ou ao despachante do ponto inicial da viagem.
- 4) Os carros de todas as companhias não param nas curvas.
- 5) Os da *Botanical Garden Rail Road Company* (Botafogo) não param tampouco na rua Gonçalves Dias, entre a rua do Ouvidor e o largo da Carioca, nem na subida da rua da Lapa.
- 6) Na tabuleta colocada no alto do bonde acha-se o letreiro indicando o destino do carro ou o lugar por onde passa.
- 7) As crianças ocupando lugar pagam passagem.
- 8) Não é permitido aos passageiros levar consigo grandes embrulhos.
- 9) No ato de deixar o carro é sempre conveniente mandá-lo parar e sair pelo lado oposto à entrelinha.

Botanical Garden Rail Road Company. As suas seis linhas ligam o centro da cidade aos arrabaldes da Glória, do Catete, de Botafogo, de São Clemente, do Jardim Botânico, de Laranjeiras e lugares adjacentes. *Estação central:* praça Duque de Caxias, nº 225. *Escritório da Companhia:* rua da Alfândega, nº 25. *Agência e escritório do despachante:* rua Gonçalves Dias, nº 62. *Ponto inicial:* rua Gonçalves Dias, esquina da do Ouvidor. Comunicação telefônica nº 15.

SUBIDA. Os bondes de todas as linhas seguem pela rua Gonçalves Dias, largo da Carioca, rua da Guarda Velha, largo da Mãe do Bispo, rua da Ajuda, rua do Passeio, largo e rua da Lapa, rua e largo da Glória, rua do Catete, praça Duque de Caxias e daí em diante:

- 1 A)** Linha do *Jardim Botânico*. Parapeito a plataforma ou luz: *verde*.
... rua e largo do Catete, rua Marquês de Abrantes, praia de Botafogo, ruas Voluntários da Pátria, Humaitá, Jardim Botânico, Três Vendas, rua da Boa Vista e Olaria.
- 1 B)** Linha do *largo dos Leões*. Parapeito da plataforma ou luz: *verde*. Tabuleta: *largo dos Leões*.
... rua e largo do Catete, rua Marquês de Abrantes, praia de Botafogo, rua Voluntários da Pátria até o largo dos Leões.
- 2 A)** Linha de *Botafogo*, via Marquês de Abrantes. Parapeito da plataforma ou luz: *encarnada*. Tabuleta: *Marquês de Abrantes*.
O mesmo percurso das linhas precedentes até a praia de Botafogo, esquina da rua da Passagem.
- 2 B)** Linha de *Botafogo*, via senador Vergueiro. Parapeito da plataforma ou luz: *encarnada*. Tabuleta: *senador Vergueiro*.
O mesmo percurso das linhas precedentes até o largo do Catete, e daí em diante, rua senador Vergueiro, praia de Botafogo, esquina da rua da Passagem.
- 2 C)** Linha de *Botafogo e São Clemente*. Parapeito da plataforma: *encarnado*. Luz: *verde e encarnada*. Tabuleta: *São Clemente*.
Como as linhas **1 A** a **2 B**, até a esquina da rua São Clemente, e dali sobem por esta rua até o largo dos Leões (cocheira da Companhia).
- 3)** Linha das *Laranjeiras*. Parapeito da plataforma ou luz: *amarela*.

... rua das Laranjeiras, Cosme Velho até a Bica da Rainha.

4) Linha do *largo do Machado* (carros fechados). Parapeito da plataforma: *azul*. Luz: *branca*.

Tem o seu ponto terminal defronte da estação central da Companhia.

DESCIDA. **Linha 1 A:** Ruas da Boa Vista, Jardim Botânico, Humaitá, largo dos Leões (passando pela cocheira da Companhia), rua Voluntários da Pátria, praia de Botafogo, rua Marquês de Abrantes, largo e rua do Catete, praça Duque de Caxias, rua do Catete, largo da Glória, praia e largo da Lapa, ruas do Passeio, da Ajuda, largo da Mãe do Bispo, rua da Guarda Velha, largo da Carioca, rua Gonçalves Dias até a esquina da do Ouvidor.

Os carros das outras linhas descem pelas mesmas ruas e praças por que subiram até o largo da Glória e daí por diante seguem como os da linha **1 A**.

PASSAGENS. Nas linhas **1 A** e **1 B:** Da cidade à esquina da rua dos Voluntários da Pátria, 200 rs.; da cidade ao largo dos Leões, 300 rs., pagos em duas vezes; da esquina da rua Voluntários da Pátria ao largo dos Leões, 100 rs. Na linha **1 A:** Da cidade ao Jardim Botânico, 400 rs., pagos em duas vezes; da esquina da rua Voluntários da Pátria ou do largo dos Leões ao Jardim Botânico, 200 rs. Nas linhas **2 A, 2 B** e **3** custa a passagem 200 rs. Na linha **2 C** custa 300 rs., pagos em duas vezes: da esquina da rua São Clemente ao largo dos Leões, 100 rs. Na linha **4** custa 100 rs.

PASSAGEM DE CORRESPONDÊNCIA. O passageiro que, transitando nas linhas de Botafogo, quiser continuar a viagem (do largo do Machado para cima) na das Laranjeiras ou vice-versa, o dirá ao condutor na ocasião do pagamento; e, quando chegado à praça Duque de Caxias, receberá do despachante o cupom que lhe dará passagem na segunda linha.

Horário dos bondes de passageiros^[17]

Dias úteis

DA CIDADE:

Linha **1 A)** Ao **Jardim Botânico, Três Vendas e Olaria** — às 4h30; de meia em meia hora até as 8h; de 20 em 20 min. até as 11h (menos às 8h40, 9h40 e 10h40); de meia em meia hora até as 3h da tarde; de 20 em 20 min. até as 8h; de meia em meia hora até as 11h, depois às 11h40 e 12h20 da noite.

Linha **1 B)** Ao **largo dos Leões pela Voluntários da Pátria** — às 2h da noite e de meia em meia hora até as 7h da manhã; depois, de quarto em quarto de hora até as 8h; de 10 em 10 min. até as 11h (menos às 8h40, 9h40 e 10h40); de quarto em quarto de hora até as 3h da tarde; de 10 em 10 min. até as 8h; de quarto em quarto de hora até as 11h da noite e de 20 em 20 min. até as 2h da noite.

Linha **2 A e 2 B)** A **Botafogo** — Há crescido o número de viagens — muito repetidas.

Linha **2 C)** Ao largo dos Leões pela São Clemente — às 6h10, 6h40, 7h10, 7h35, e de 20 em 20 min. até as 8h15 da noite: 8h35, 8h50, 9h20, 9h35, 9h55 e de meia em meia hora até as 12h25.

Linha **3)** Às **Laranjeiras e Bica da Rainha**^[18] — às 4h30 e 5h da manhã com mudança no largo do Machado, depois às 5h13 e 5h35 e de quarto em quarto de hora até as 8h05; de 10 em 10 min. até

[17] A expressão dos horários utilizada na edição original corresponde ao formato de 12 horas. Após o meio-dia, as horas são descritas de 1 a 12, entre tarde e noite. Por exemplo, enquanto o padrão contemporâneo para se descrever sete e meia da noite é “19h30”, neste *Guia do viajante* é 7h30 – e desta maneira mantivemos em toda a obra.

[18] Trata-se de um fontanário cujo abastecimento provinha do rio Carioca. O local ganhou esse nome pelas frequentes idas de Maria I ao local, no início do século XIX, devido à crença das propriedades terapêuticas de sua água. Tombada

as 10h55 da manhã (menos às 10h50 e 10h25); de quarto em quarto de hora até as 2h55 da tarde; de 10 em 10 min. até as 8h25; de quarto em quarto de hora até as 11h25 e de 20 em 20 min. até as 12h25 e 1h da noite.

Linha **4)** Ao **largo do Machado** — há carros fechados com 10, 15 e 20 min. de intervalo, partindo o primeiro às 5h20 da manhã e o último às 9h50 da noite.

PARA A CIDADE:

Linha **1 A)** Da **Olaria** — às 4h45 manhã, e de meia em meia hora até as 6h44; depois de 20 em 20 min. até as 9h41; de meia em meia hora até as 1h44 da tarde; de 20 em 20 min. até as 6h44 (excetuando às 2h04, 3h04 e 4h04); de meia em meia hora até as 9h44, 10h24, 11h04, 11h44, 12h22 e 1h42 da noite.

Linha **1 A)** Das **Três Vendas**, três min., e do **Jardim Botânico**, sete min. mais tarde que as horas acima marcadas.

Linha **1 B)** Do **largo dos Leões** pela **Voluntários da Pátria** — à 1h12 da noite e de meia em meia hora até as 6h12 da manhã, seguindo-se depois de quarto em quarto de hora até as 7h12; de 10 em 10 min. até as 10h12; de quarto em quarto de hora até as 2h12 da tarde; de 10 em 10 min. até as 7h12 (excetuando-se às 2h32, 3h32 e 4h32); de quarto em quarto de hora até as 10h12 e de 20 em 20 min. até a 1h12 da noite.

Linha **2 A e 2 B)** De **Botafogo** — há frequentemente grande número de carros.

Linha **2 C)** Do **largo dos Leões** pela **São Clemente** — às 5h22 e 5h52 da manhã e de 20 em 20 min. até as 8h02 da noite; depois às 8h32, 8h47 e de meia em meia hora até as 11h37.

Linha **3)** Das **Laranjeiras** (Bica da Rainha) — às 4h57 da manhã e de quarto em quarto de hora até as 7h26; de 10 em 10 min. até as 10h16; de quarto em quarto de hora até as 2h16 da tarde; de 10 em 10 min. até as 7h46 (menos às 2h46 e 3h16); de quarto em quarto de hora até as 10h45 da noite; de 20 em 20 min. até as 12h06 da noite e também às 8h06, 8h37, 10h53, 11h53, 12h23, 12h43, 1h03 e 1h37, com mudança no largo do Machado.

Linha **4)** Do **largo do Machado** — há carros fechados com 10, 15 e 20 min. de intervalo, partindo o primeiro às 4h56 da manhã e o último às 9h25 da noite.

Há carros abertos do largo do Machado para a cidade de 20 em 20 min., partindo o primeiro às 7h50 da manhã e o último às 8h da noite.

Domingos e dias santos

DA CIDADE:

Linha **1 A)** Ao **Jardim Botânico**, **Três Vendas** e **Olaria** — às 4h30, depois de meia em meia hora até as 7h; de 20 em 20 min. até as 11h manhã; de quarto em quarto de hora até a 1h; de 10 em 10 min. até as 6h20 da tarde (menos às 6h); de 20 em 20 min. até as 10h, 10h30, 11h, 11h40 e 12h20 da noite.

Linha **1 B)** Ao **largo dos Leões** por **Voluntários da Pátria** — às 2h da manhã e de meia em meia hora até as 7h; de 20 em 20 min. até as 11h da manhã; de quarto em quarto até a 1h da tarde; de 10 em 10 min. (menos às 6h) até as 8h30, 8h45, 9h, 9h20, 9h40, 10h, 10h15, 10h30, 10h45 e 11h da noite e de 20 em 20 min. até as 2h da manhã.

pelo Iphan, em 1938, sua fonte está seca, permanecendo como monumento da cidade.

Linha **2 C)** Ao **largo dos Leões** por **São Clemente** — às 6h10, 6h40, 7h10 e 7h35, e de 20 em 20 min. até as 8h15 da noite; 8h35, 8h50, 9h20, 9h35, 9h55 e de meia em meia hora até as 12h25.

Linha **3)** A **Laranjeiras** e **Bica da Rainha** — às 4h30, 5h17, 5h39, 5h55, 6h17, 6h36 e 6h55 e de quarto em quarto de hora até as 10h55 da manhã; de 10 em 10 min. até as 9h55; de quarto em quarto de hora até as 10h25 e de 20 em 20 min. até as 12h25 e 1h.

Linha **4)** Ao **largo do Machado** — há carros fechados com 15 min. de intervalo, partindo o primeiro às 8h da manhã e o último às 8h40 da noite.

PARA A CIDADE:

Linha **1 A)** De Olaria — às 4h45, 5h14 e 5h40 da manhã, depois de 20 em 20 min. até as 9h40; de quarto em quarto de hora até as 12h (menos às 10h10 e 11h10); de 10 em 10 min. até as 7h10 da tarde (menos às 12h10, 12h40, 1h10, 1h40 e 2h10), às 7h25, 7h40, 8h, 8h20, 8h40, 9h10, 9h40, 10h20, 11h00, 11h44, 11h22 e 1h42 da noite.

Linha **1 A)** Das **Três Vendas** — três min., e do Jardim Botânico, oito min. mais tarde que as horas acima marcadas.

Linha **1 B)** Do **largo dos Leões** pela **Voluntários da Pátria** — à 1h12 da noite, e de meia em meia hora até as 6h10; de 20 em 20 min. até as 10h10 da manhã; de 15 em 15 min. até as 12h10 da tarde; de 10 em 10 min. até as 7h40, 7h55, 8h10, 8h30, 8h50, 9h10, 9h25, 9h40, 9h55 e 10h10 da noite e de 20 em 20 min. até a 1h12 da madrugada.

Linha **2 C)** Do **largo dos Leões** por **São Clemente** — às 5h22, 5h52 da manhã e de 20 em 20 min. até as 8h02 da noite; depois às 8h32, 8h47 e de meia em meia hora até as 11h37.

Linha **3)** De **Laranjeiras (Bica da Rainha)** — às 5h, 5h17, 5h37, 5h57 e 6h16; depois, de quarto em quarto de hora até as 10h16 da manhã; de 10 em 10 min. até as 9h16; de quarto em quarto de hora até as 10h46 e de 20 em 20 min. até as 12h07 da noite; e também às 9h37, 10h07, 10h56, 10h57, 12h23, 12h43, 1h03 e 1h36 com mudança no largo do Machado.

Linha **4)** Do **largo do Machado** — há carros fechados com 15 min. de intervalo, partindo o primeiro às 7h35 da manhã e o último às 8h15 da noite.

Bondes de cargas e de bagagens

Letreiro na plataforma encarnada: *Descalços*.

Ponto inicial: largo da Carioca, nº 7.

● HORÁRIO DOS DIAS ÚTEIS

Laranjeiras		Botafogo		Largo dos Leões		Jardim Botânico	
Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade
5h58	6h50	5h46**	6h30**	5h35**	6h30**	5h15	7h00
7h50	8h50	5h52	7h00	5h42	7h00	8h45	8h30
10h00	11h00	6h13	7h15	6h00	7h15	9h50	10h15
12h00	1h00	7h42**	8h30	7h30**	8h30	11h30	1h00
1h50	4h00	8h22	9h10	8h10	9h10**	2h30	2h30
5h10	6h10	9h25	10h15	9h13	10h15	4h00**	4h00**
6h55*		10h31	11h10	10h20	1h00	5h20	7h00
		10h51**	11h45	10h38**	2h30		
		12h11	1h00	11h58	4h00**		
		12h30*	2h30	2h59	6h30		
		2h10	3h00	4h28**	6h50**		
		3h11	4h00	5h48	7h00		
		4h00	5h00				
		4h39**	5h30				
		5h40	6h30				
		6h00	6h50				
		6h10	7h00				

*Para o largo do Machado. **Via rua São Clemente.

● HORÁRIO DOS DOMINGOS E DIAS SANTOS

Laranjeiras		Botafogo		Largo dos Leões		Jardim Botânico	
Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade	Para a cidade	Da cidade
5h58	6h50	5h46	6h30	5h35	7h00	5h15	7h00
7h50	8h50	5h57	7h00	5h46	7h15	8h40	10h15
10h00	11h00	7h20	8h15	6h00	10h15	1h30	1h30
12h00	1h00	9h10	10h15	9h10	12h30	2h45	3h10
1h50	4h00	9h21	11h45	11h20	1h30	4h55	6h30
5h10	6h10	10h50	1h30	1h25	2h30		

6h55		12h30	3h10	1h59	3h10		
		2h10	4h10	3h12	5h40		
		3h27	6h00	4h30	6h00		
		5h00	6h30	5h24	6h30		
		5h35					

● TARIFA DE CARGAS E DE BAGAGENS

	Entre a Cidade e Bica da Rainha, Botafogo, largo dos Leões ou intermédio	Olaria ou intermédio
1 armário grande	2\$400	2\$600
1 dito pequeno	600	800
1 bacia grande	200	300
1 dita pequena	100	200
1 baú grande	600	800
1 dito pequeno	400	500
1 balde	100	200
1 barrica com garrafas de cerveja (1)	200	300
1 dita com farinha de trigo (1)	200	300
1 dita com cimento (1)	300	400
1 dita com alvaiade ^[19] (1)	200	300
1 dita com ferragens (1)	300	400
1 dita com miudezas (1)	200	300
1 barril de décimo com vinho (1)	300	400
1 dito de quinto com dito (2)	600	800
1 dito de quarto com dito (3)	800	1\$200
1 dito com banha ou manteiga (1)	100	200
1 berço ou 1 banco de carpinteiro	600	800
1 cadeira	100	200
1 dita de braços	200	300

[19] Pigmento branco para pintura, geralmente em pó.

1 dita de balanço	300	400
1 caixa com querosene (1)	200	300
1 dita grande com vinho (2)	400	500
1 dita pequena com dito (1)	100	200
1 dita de água gasosa ou queijos (l)	200	300
1 dita de batatas (1)	100	200
1 dita de velas ou sabão (1)	100	200
1 dita de bacalhau ou cerveja (1)	200	300
1 dita pequena com instrumentos	200	300
1 cama de ferro grande	600	800
1 dita pequena	400	500
1 dita de madeira para casados	1\$200	1\$500
1 dita de dita para solteiro	600	800
1 cancela	200	300
1 canudo com queijos (1)	100	200
1 capoeira com galinhas	300	400
1 dita vazia	100	200
1 carne seca (1 mala de 20 quilos) (1)	100	200
1 carrinho de mão	200	300
1 cesto com água mineral (1)	200	300
1 dito com hortalica	100	200
1 dito com louça	300	400
1 dito com qualquer objeto	200	300
1 chapa de ferro grande para fogão dita de dito pequena para dito	500	600
1 colchão pequeno	200	300
1 dito maior	300	400
1 dito grande	400	500
½ cômoda	1\$200	1\$600
1 dita	1\$000	1\$200

1 consolo ^[20]	400	500
1 cachorro	100	200
1 embrulho com açúcar ou café (15 quilos)	100	200
1 enxada	100	200
1 escarradeira ^[21]	200	300
1 enxergão grande ^[22]	1\$200	1\$600
1 dito pequeno	600	800
1 escada de mão	400	600
1 feixe de ferro (pesando 30 quilos) (2)	500	700
1 dito de cana	100	200
1 fogão grande	2\$200	2\$600
1 dito pequeno	1\$200	1\$600
1 garrafão grande	100	200
1 dito pequeno	100	100
1 guarda-vestidos, roupa ou louça	2\$200	2\$500
1 galinha	100	200
1 gaiola com ou sem pássaro	100	200
1 jacá ^[23] com batatas (1)	100	200
1 dito com toucinho (1)	240	320
1 lata com banha	100	200
1 dita com querosene	100	200
1 dita de confeitaria	600	800
1 dita com roupa	200	300
1 leitão	100	200
1 lavatório de madeira	400	500
1 dito de ferro	100	200
100 lambrequins ^[24]	300	400

[20] Também chamado de consola, uma estrutura para a sustentação de objetos e outros elementos arquiteturais.

[21] Um recipiente em que se cospe e escarra.

[22] Um estofado, geralmente de palha, sobre o qual se coloca o colchão de uma cama.

[23] Um tipo de cesto.

[24] Um elemento ornamental na arquitetura que se coloca sob um friso, beiral etc.

1 máquina de costura de pé	500	600
1 dita de mão	200	300
1 marquesa de palhinha ^[25]	600	800
1 mesa elástica grande ^[26]	1\$300	1\$500
1 dita pequena	600	800
1 dita redonda com ou sem pedra	600	800
1 pedra mármore para escadaria	200	300
1 porco pequeno	300	400
1 peru	100	200
1 quartola ^[27] de vinho	2\$000	2\$500
1 saco de açúcar, milho, feijão ou farinha (1)	200	240
1 dito até 10 quilos	100	200
1 dito qualquer (até 25 quilos)	200	300
1 dito com cal (1)	300	400
1 dito com miudezas	200	300
1 dito com roupa	100	200
1 dito de fubá, café ou farelo (1)	200	240
1 samburá ^[28] pequeno ou grande	100	160
1 sofá grande	600	800
1 dito pequeno	500	600
1 sorveteira	300	400
1 tacho ^[29] grande	200	300
1 dito pequeno	200	240
1 talha ^[30]	300	400
1 tabuleiro grande com roupa	200	200
1 dito pequeno com dita	100	300

[25] Um tipo de móvel geralmente para duas ou mais pessoas se sentarem.

[26] Um tipo de mesa que se expande, se abre.

[27] Antiga medida para líquidos.

[28] Um tipo de cesto.

[29] Um recipiente de metal com alças ou cabo usado para fins culinários.

[30] Um tipo de vaso para armazenamento.

1 tina pequena com plantas	300	400
1 dita grande cora ditas	1\$000	1\$300
1 dita com bacalhau	200	320
1 trouxa de roupa pequena	100	300
1 dita de dita grande	200	330
1 vaso pequeno com planta	100	100
1 dito grande com dita	100	200

Os volumes não mencionados pagam o transporte pela semelhança aos acima estipulados.

Entre Botafogo e Olaria ou pontos intermediários os preços são os mesmos que entre a cidade e o largo dos Leões.

Quando houver 20 ou mais volumes sob o sinal (1); 10 ou mais sob o (2); 5 ou mais sob o (3); far-se-á desconto de 20% se forem descarregados do carro pelo consignatário.

A companhia entrega os volumes em qualquer ponto da linha quando se apresente pessoa competente para os receber sem causar demora aos outros carros, e se ficarem durante a noite será por conta e risco de a quem pertencer.

Passando 24 horas os volumes pagam despesa extraordinária.

Com aviso prévio se fornece, quando for possível, vagões de carga a razão de 5\$ entre a cidade e Laranjeiras, largo dos Leões ou pontos intermediários, ou Botafogo e Olaria; e a 7\$ entre a cidade e Olaria ou intermédios, não sendo a carga nunca superior a 2.500 quilos, carregando-a e descarregando-a o dono sem interromper o tráfego da linha.

Companhia de São Cristóvão. Tem em tráfego dez linhas de bondes, que comunicam a cidade com a Tijuca, Andaraí Grande, Fábrica das Chitas,^[31] Rio Comprido, Engenho-Velho, Pedregulho,^[32] Caju, São Cristóvão, Catumbi e Saco do Alferes. *Estação Central:* rua Visconde de Itaúna, esquina da Machado Coelho. *Ponto inicial:* largo de São Francisco, próximo à esquina da rua dos Andradas. Comunicação telefônica nº 118.

SUBIDA

1) Linha da *Tijuca*. Tabuleta ou luz: *encarnada*.

2) Linha da *Fábrica das Chitas*. Tabuleta ou luz: *azul e encarnada*.

3 A) Linha do *Rio Comprido-Bispo*. Tabuleta ou luz: *verde e encarnada*.

3 B) Linha do *Rio Comprido-Estrela*. Tabuleta ou luz: *verde e encarnada*.

Os carros dessas quatro linhas seguem pelas ruas dos Andradas, Senhor dos Passos, Campo da Aclamação (lado do Quartel), ruas Visconde de Itaúna, Machado Coelho, largo de Estácio de Sá e daí em diante os da:

[31] Situada no local onde atualmente se encontra a praça Saens Peña, Tijuca. Esse nome provinha de uma estamparia de tecidos que existiu no local na primeira metade do século XIX.

[32] Uma localidade no bairro de Benfica.

Linha **1**, ruas Haddock Lobo, Conde de Bomfim, Estrada da Tijuca, até a raiz da Serra.^[33]

Linha **2**, ruas Haddock Lobo, Conde de Bomfim, Desembargador Isidro até o fim.

Linha **3 A**, ruas Haddock Lobo, Malvino Reis, largo do Rio Comprido, rua e largo do Bispo.

Linha **3 B**, ruas Haddock Lobo, Malvino Reis, largo do Rio Comprido, rua da Estrela até a esquina da rua da Conciliação.

4 A) Linha do *Pedregulho*. Tabuleta ou luz: *azul*.

4 B) Linha da rua *São Januário*. Tabuleta ou luz: *branca e azul*.

5 A) Linha do *Caju*. Tabuleta ou luz: *branca e encarnada*.

5 B) Linha da rua da *Alegria*. Tabuleta ou luz: *verde e amarela*.

Os carros dessas outras quatro linhas seguem até o Campo da Aclamação como os das quatro primeiras, e daí em diante: ruas Visconde de Itaúna, Miguel de Frias, São Cristóvão, Coronel Figueira de Mello (esquina da praça Pedro I) e daí os da:

Linha **4 A** pelo lado da rua Santos Lima, rua São Luiz Gonzaga até a rua D. Ana Nery.

Linha **4 B** pelo lado da rua Santos Lima, rua São Januário, até a Caixa d'Água.^[34]

Linha **5 A** atravessa o largo e segue pelas ruas senador Alencar, do Pau-ferro, praias de São Cristóvão, do Caju, ruas general Sampaio, general Gurjão até ao fim.

Linha **5 B** atravessa o largo e segue pelas ruas senador Alencar, do Pau-ferro, Bela de São João até a esquina da rua da Alegria.

6) Linha de *Catumbi*. Tabuleta ou luz: *verde*.

Como qualquer das precedentes até a estrada de ferro, e daí pela frente do Senado, ruas do Areal, Conde d'Eu, rua e largo de Catumbi, rua Itapiru até a esquina da travessa do Navarro.

7) Linha do *Saco do Alferes*. Tabuleta ou luz: *amarela*.

Do ponto inicial pelas ruas dos Andradas, general Câmara, largo de São Domingos, rua da Imperatriz, praça Municipal, ruas da Saúde, do Livramento, da Gamboa, da União, praia do Saco do Alferes até a esquina da rua da América.

DESCIDA

Linhas **1**, **2**, **3 A** e **3 B** não alteram o seu percurso até o Campo da Aclamação, de onde descem pelas ruas da Constituição, do Regente, Luís de Camões até o ponto de partida.

Linha **4 A**, rua São Luiz Gonzaga, praça Pedro I (lado da rua Santos Lima), rua do Escobar e daí...

Linha **4 B**, rua São Januário, praça Pedro I (lado da rua Santos Lima), rua do Escobar e daí...

Linha **5 A**, rua general Gurjão, general Sampaio, praias do Caju e de São Cristóvão, ruas do Pau Ferro, Bela de São João, do Escobar e daí...

Linha **5 B**, ruas Bela de São João, do Escobar e daí...

... pelos mesmos trilhos da subida até o Campo da Aclamação, de onde descem os carros desta linha como os de qualquer das precedentes.

Linha **6**: Não altera o seu percurso até o Campo da Aclamação, de onde descem os seus carros como as das outras linhas.

[33] A Serra em questão é o Alto da Boa vista.

[34] Refere-se a um grande reservatório de água localizado na região de São Cristóvão.

Linha 7: Descem os carros desta linha pelos mesmos trilhos da subida até a praça Municipal, e daí pelas ruas da Imperatriz, da Conceição, Luís de Camões até o ponto de partida.

Os bondes da linha da Tijuca são puxados por uma locomotiva do nº 126A da rua Conde de Bonfim até o ponto terminal da linha; a locomotiva, porém, não trabalha senão de manhã, das 7h39 às 9h39, e à tarde das 2h 59 min. às 6h39. Gasta a locomotiva, quer na subida, quer na descida, cerca de cinco minutos, incluindo as paradas para receber ou deixar passageiros. Nas outras horas do dia os carros são puxados por três ou quatro animais.

PASSAGENS. Na linha 1, 400 rs., e 10 cartões de passagem, 3\$. Nas 2, 3 A e 3 B há passagens até o termo da viagem 300 rs.; e meias-passagens até o largo de Estácio de Sá 100 rs. Nas 4 A a 5 B idem, idem 200 rs.; idem até o antigo Matadouro^[35] 100 rs. Nas 6 e 7 a passagem inteira 100 rs. O condutor (recebedor), quando faz a cobrança, no começo da viagem, pergunta ao passageiro: *Inteira ou meia?* nas linhas em que há essas duas classes de passagens. Nos carros que partem do largo de São Francisco de Paula, depois da meia-noite não se recebem passagens menores de 200 rs., exceto nas linhas do Saco e Catumbi. Os recibos de passagens de 100 rs. são em cupons brancos, os de passagens de 200 rs. em cupons verdes, os de passagens de 400 rs. em cupons amarelos e os de assinaturas em cupons cor de rosa; de modo que pela cor do recibo de passagem sabe-se o destino do passageiro.

Alteração. Depois de cumpridas as disposições do decreto nº 8.595 de 17 de junho de 1882, deixará de existir a atual linha 7, que será substituída pela projetada.

7) Linha do Estácio de Sá.

SUBIDA. O mesmo percurso das linhas 1 a 5 B até a praça Onze de Junho, e daí ruas Visconde de Itaúna, Visconde de Sapucaí, Senhor de Matosinhos, D. Feliciano, Conde d'Eu, Estácio de Sá até ao largo deste nome.

DESCIDA. Largo e rua Estácio de Sá, ruas Conde d'Eu, Visconde de Sapucaí, São Leopoldo, Santa Rosa, praça Onze de Junho e daí em diante fará o mesmo percurso que as linhas acima mencionadas.

PASSAGEM. Será a mesma (100 rs.) que na linha a suprimir.

HORÁRIO DOS BONDES DE PASSAGEIROS

DA CIDADE:

Linha 1) À **Tijuca** — às 4h43, 5h03, 5h43, 6h23, 7h03 da manhã e de 20 em 20 minutos até as 9h03 da noite; depois, de meia em meia hora até as 12h33.

Linha 2) À **Fabrica das Chitas** — às 5h13, 5h53, 6h33 da manhã e de 20 em 20 min. até as 8h33, 9h13, 9h53, 10h13, 10h53, 11h33, 11h53, 12h33, 1h13, 1h33, 2h13, 2h53 da tarde; depois, de 20 em 20 min. até as 8h53 da noite, 9h18; depois, de meia em meia hora até 11h18, meia-noite e 1 hora.

Linha 3 A) Ao **Rio Comprido-Bispo** — às 5h38, 6h18, 6h48, 7h28; depois, de 20 em 20 min. até as 8h48 da manhã; depois, de 40 em 40 min. até as 2h18, 2h48 da tarde, de 20 em 20 min. até as 7h08 e de 40 em 40 min. até as 11h08 e meia-noite.

[35] Atual praça da Bandeira. Tinha esse nome por ter abrigado o Matadouro Público do Rio de Janeiro ao longo do século XIX.

Linha **3 B)** Ao **Rio Comprido-Estrela** — às 5h18, 5h58, 6h38 da manhã; depois, de 20 em 20 min. até as 9h18, de 40 em 40 min. até as 2h38 da tarde; depois, de 20 em 20 min. até as 6h58, 7h28 e de 40 em 40 min. até as 11h28 e meia hora.

Linha **4 A)** Ao **Pedregulho** — às 5h, 5h40; depois, de 20 em 20 até as 10h20, 11h da manhã, de 20 em 20 min. até as 12h20, 1h da tarde, de 20 em 20 min. até as 8h20, 9h da noite e de meia em meia hora até as 12h30.

Linha **4 B)** A **São Januário** — às 5h10, 5h50, de 20 em 20 min. até as 11h10, 11h50 e de 20 em 20 min. até as 12h50, 1h30, de 20 em 20 min. até as 2h30, 3h10 da tarde; depois, de 20 em 20 min. até as 8h50, 9h15 da noite; depois, de meia em meia hora até as 11h45 e 1h da madrugada.

Linha **5 A)** À **Ponta do Caju** — às 5h15, 5h55 da manhã; depois, de 20 em 20 min. até as 8h55 da noite, 9h20; depois, de meia em meia hora até as 11h20, 12h, 12h30 e 1h a Pau-ferro.

Linha **5 B)** À **Alegria** — às 5h05, 5h45 da manhã, de 20 em 20 min. até as 9h05 da noite; depois, de meia em meia hora até a meia-noite.

Linha **6)** Ao **Catumbi** — às 5h07, 5h27, 5h47, 6h07 da manhã, de 10 em 10 min. até as 9h57 da noite; depois, de 20 em 20 min. até a meia-noite, meia hora e 1h.

Linha **7)** Ao **Saco do Alferes** — às 5h10 da manhã e de 10 em 10 min. consecutivamente até a meia-noite e meia hora.

PARA A CIDADE:

Linha **1)** Da **Tijuca** — às 3h59 da manhã; de 40 em 40 min. até as 5h59; depois, de 20 em 20 min. até as 8h59 da noite e de meia em meia hora até as 12h04.

Linha **2)** Da **Fábrica das Chitas** — às 4h05, 5h05, 5h45 da manhã; depois, de 20 em 20 min. até as 9h25; de 40 em 40 min. até às 10h45, 11h05; de 40 em 40 min. até 12h25, 12h45; de 40 em 40 min. até 2h05, 2h25; de 40 em 40 min. até as 3h45 da tarde; depois, de 20 em 20 min. até as 8h25, 8h35 e de meia em meia hora até as 11h05.

Linha **3 A)** Do **Rio Comprido-Bispo** — às 5h40 da manhã, de 40 em 40 min. até as 7h, 7h10; depois, de 20 em 20 min. até as 9h10, 9h40; de 40 em 40 min. até as 3h, 3h30, de 20 em 20 min. até as 7h50 da noite, 8h30 e de 40 em 40 min. até as 10h10.

Linha **3 B)** Do **Rio Comprido-Estrela** — às 5h20 da manhã, de 40 em 40 min. até as 7h20; depois, de 20 em 20 min. até as 10 horas; de 40 em 40 min. até as 3h20 da tarde, de 20 em 20 min. até as 7h40, 8h10 e de 40 em 40 min. até as 10h50 da noite.

Linha **4 A)** Do **Pedregulho** — às 4h02 da manhã, 4h42, de 20 em 20 min. até as 11h22, 12h02; depois, de 20 em 20 min. até a 1h22 da tarde, 2h02; de 20 em 20 min. até as 8h02 da noite e de meia em meia hora até as 12h02.

Linha **4 B)** De **São Januário** — às 5h da manhã, de 20 em 20 min. até o meio-dia e 12h40; de 20 em 20 min. até a 1h40, 2h20; de 20 em 20 min. até as 3h20 da tarde, 4h; de 20 em 20 min. até as 8h20, 9h, 9h20, 9h55, 10h20, 10h55.

Linha **5 A)** Da **Ponta do Caju** — às 5h17 da manhã, de 20 em 20 min. até as 7h37 da tarde; depois, 7h52, 8h22, 8h37, 8h52 e de meia em meia hora até as 11h52.

Linha **5 B)** Da **Alegria** — às 5h16 da manhã e de 20 em 20 min. até as 7h56 da tarde, 8h21; depois, de meia em meia hora até as 11h41 da noite.

Linha **6)** De **Catumbi** — às 5h38 da manhã, 5h58, 6h18, 6h38, de 10 em 10 min. até as 9h28 da noite; depois, de 20 em 20 min. até as 12h08, 12h31, 1h31.

Linha **7)** Do **Saco do Alferes** — às 5h35 da manhã, de 10 em 10 min. até as 12h25 da noite, consecutivamente.

Bondes especiais

QUALQUER LINHA OU PORTÃO VERMELHO

Carro aberto, levar ou trazer, 10\$; buscar e levar, 20\$000.

Carro fechado, levar ou trazer, 8\$; buscar e levar, 16\$000.

Wagons, levar ou trazer, 7\$; buscar e levar, 14\$000.

ACIMA DO PORTÃO VERMELHO

Carro aberto, levar ou trazer, 15\$; buscar e levar, 30\$000.

Carro fechado, levar ou trazer, 10\$; buscar e levar, 20\$000.

Wagons, levar ou trazer, 10\$; buscar e levar, 20\$000.

OBSERVAÇÕES. Qualquer carro que recolha à estação do Mangue pode seguir para a cidade por 6\$000. Sem exceção de pessoa o pagamento é no ato do pedido aos agentes das estações.

Bondes de cargas e de bagagens

Ponto inicial: rua Luís de Camões, nº 12.

HORÁRIO

DA CIDADE:

À **Tijuca** — 6h13, 8h33, 10h53, 1h13, 3h33, 5h53.

À **Fábrica de Chitas** — 5h53, 7h33, 12h33, 2h13, 3h53, 5h33.

Ao **Rio Comprido-Estrela** — 6h58, 8h18, 2h58, 4h18, 5h38, 6h58.

Ao **Rio Comprido-Bispo** — 5h38, 9h38, 10h58, 12h18, 1h38.

À **Ponta do Caju** — 6h35, 10h35, 3h35.

Ao **Pedregulho** — 7h40, 1h40, 5h40.

À **Alegria** — 8h45, 5h25.

À **São Januário** — 9h40, 3h40.

Ao **Saco do Alferes** — 5h10, depois de 50 em 50 min. até 11h30 da noite.

Ao **Catumbi** — 6h17, depois de hora em hora até 9h17 da noite.

PARA A CIDADE:

Da **Tijuca** — 7h29, 9h49, 12h09, 2h29, 4h49.

Da **Fábrica de Chitas** — 6h45, 8h25, 1h25, 3h05, 4h45.

Do **Comprido-Estrela** — 7h40, 9h, 3h40, 5h, 6h20, 7h40.

Do **Rio Comprido-Bispo** — 6h20, 10h20, 11h40, 1h, 2h20.

Da **Ponta do Caju** — 7h37, 11h37, 4h17.

Do **Pedregulho** — 8h42, 2h42, 6h42.

À **Alegria** — 9h36, 6h26.

De **São Januário** — 10h30, 4h30.

Do **Saco do Alferes** — 5h35, depois de 50 em 50 min. até as 11h55 da noite.

De **Catumbi** — 6h48, depois de hora em hora até as 9h48 da noite.



Fabricantes de jacás. LAURENS, Jules-Joseph-Augustin. Fabricants de jacas: (Paniers). Paris [França]: Lemercier, Imprimeur-Litographe, 1861. Utensílio usado para guardar e transportar alimentos. No *Guia* aparece nas tabelas de preço dos transportes, como "jacá de galinhas", "jacá de toucinho", "jacá de batatas". Na imagem, dois homens fabricam artesanalmente um jacá. Acervo da Biblioteca Nacional.

● TARIFA DE BAGAGENS

1 armário de 8 x 5 palmos	3\$000
1 armário menor	2\$000
1 baú grande	800
1 baú pequeno	400
1 barril de 40	1\$00
1 barril de 50	800
1 barril de 100	600
1 banco de carpinteiro	1\$600
1 berço	600
1 bacia ou gamela	400
1 barrica de cimento	800
1 barrica com ferragens ou miudezas	600
1 cômoda	2\$000
½ dita	1\$000
1 cama de casados	1\$000
1 cama de solteiro	600
1 caixa com vinho	400
1 caixa de cerveja	800
1 caixa de batatas	600
1 caixa com querosene	600
1 caixa com vidros	400
1 caixa ou caixão de 3 palmos	400
1 colchão para cama de casados	600
1 colchão para cama de solteiro	400
1 consolo	600
1 cadeira de balanço	600
1 cadeira de braços	400
1 carinho de mão	600
1 capoeira de galinhas	600

1 cesto com água de Seltz ^[36] ou outra	400
1 cesto com louça	400
1 enxergão para cama de casados	2\$000
1 enxergão para cama de solteiro	1\$000
1 escada de mão	400
1 fogão de 5 furos ou mais	2\$000
1 fogão de menos de 5 furos	1\$000
1 fardo de ferro	1\$600
1 guarda-vestido de 8 x 5 palmos	3\$000
1 guarda-vestido menor	2\$000
1 guarda-louça de 8 x 5 palmos	3\$000
1 guarda-louça menor	2\$000
1 guarda-roupa de 8 x 5 palmos	3\$000
1 guarda-roupa menor	2\$000
1 harpa	600
1 jacá de galinhas	400
1 jacá de toucinho	400
1 lata de confeitaria	1\$000
1 lavatório com pedra	600
1 lata de 4 palmos ou mais	600
1 lata de menos de 4 palmos	400
1 mesa elástica	2\$000
1 mesa comum	600
1 mesa redonda ou oval	600
1 mesa de 2 gavetas	400
1 máquina de costura de pé	600
1 mala de 3 palmos ou mais	600
1 mala de menos de 4 palmos	400
1 piano	5\$000

[36] Antigo nome para a água gaseificada.

1 quartola	2\$000
1 relógio de gás	600
1 rolo de chumbo	400
1 sofá	1\$000
1 saco com cal	400
1 saco com cereais	400
1 tina com plantas	1\$000
1 tina com bacalhau	400
1 trouxa de roupa grande	600
1 trouxa de roupa pequena	400

Todos os demais volumes aqui não mencionados e que forem menores do que os que pagam 400 rs., pagam 200 rs., e os que forem maiores pagam pela tarifa daqueles a que mais se aproximarem.

A Companhia entrega os volumes em qualquer ponto da linha quando se apresente pessoa competente para os receber sem causar demora aos outros carros, e se ficarem durante a noite é por conta e risco de a quem pertencer.

Passando 24 horas os volumes pagam despesa extraordinária.

Com aviso prévio a Companhia fornece, quando é possível, wagons de carga a 7\$, não sendo esta superior a 2.000 quilos, carregando-a e descarregando-a o dono respectivo sem interromper o tráfego da linha.

Companhia Vila Isabel. As suas três linhas em tráfego comunicam a cidade com o Engenho Novo, Vila Isabel e Andaraí. *Estação Central:* Boulevard do Imperador. *Ponto inicial:* rua Uruguaiana, esquina da do Ouvidor.

SUBIDA. Os carros das três linhas seguem pelas ruas Uruguaiana, da Carioca, praça da Constituição, rua Visconde do Rio Branco, Campo da Aclamação, travessa e rua do Senado, ruas general Caldwell, senador Eusébio, Boulevard do Imperador, rua Mariz e Barros e daí em diante.

1) Linha do *Engenho Novo*. Tabuleta ou luz: *encarnada*.

... rua São Francisco Xavier, 24 de Maio até a esquina da Visconde do Bom Retiro.

2) Linha *Vila Isabel, Engenho Novo*. Tabuleta ou luz: *encarnada e verde*.

... rua São Francisco Xavier, Boulevard Vinte e Oito de Setembro, rua Visconde do Bom Retiro até a esquina da 24 de Maio.

3) Linha de *Vila Isabel*. Tabuleta ou luz: *verde*.

... rua São Francisco Xavier, Boulevard Vinte e Oito de Setembro até o fim.

4) Linha do *Andaraí, José Vicente*. Tabuleta ou luz: *azul*.

... rua de São Francisco Xavier, Barão de Mesquita até José Vicente.

DESCIDA. Fazem todos o mesmo percurso da subida até a rua general Caldwell, esquina da do Senado e daí por esta rua, do Espírito Santo, praça da Constituição, ruas Sete de Setembro, Uruguaiana até o ponto de partida.

ADVERTÊNCIA. Qualquer bonde desta Companhia tendo sobre a tabuleta o letreiro *Parque Imperial*^[37] altera o seu itinerário, à subida e à descida, e segue pela travessa do Campo Alegre, ruas Duque de Saxe, São Francisco Xavier etc.

PASSAGENS. Até a rua do Matoso, esquina da Mariz e Barros 100 rs.; até Vila Isabel ou Andaraí 200 rs.; até o Engenho Novo 300 rs.; premunindo-se, porém, o passageiro de cartão de passagem de ida e volta, no ponto de partida, paga então 400 rs.

PASSAGEM DE CORRESPONDÊNCIA. A Companhia mantém correspondência entre a rua São Francisco Xavier, esquina da Barão de Mesquita, e os pontos terminais do Engenho Novo, Vila Isabel e Andaraí Grande.

O bilhete de correspondência, nos limites determinados, dá direito ao portador de transitar em dois carros, do modo seguinte:

No *primeiro*, mediante a entrega do bilhete ao condutor, que em troca fornece um cupom por ele datado e valendo só no dia correspondente; no *segundo carro* por meio desse cupom, do qual é, pelo condutor, separada a parte datada e restituída a outra ao passageiro, que a conservará até o termo da viagem a fim de apresentar aos fiscais da Companhia quando tenham necessidade de o examinar.

O cupom sem data, ou que a tenha de dia passado ou viciada, não tem valor algum.

● HORÁRIO DOS BONDES DE PASSAGEIROS

- Da cidade

Andaraí Grande		Engenho Novo		Vila Isabel	
4h48	3h10	4h58*	3h30	4h38*	3h05*
5h18*	3h25*	5h29	3h45*	5h08**	3h20
5h48	3h40	5h58*	4h00	5h38**	3h35**
6h18*	3h55*	6h28	4h15*	6h08**	3h50
6h42	4h10	6h48*	4h30	6h35**	4h05*
7h02*	4h25*	7h08	4h45*	6h55	4h20**
7h22	4h40	7h28*	5h00	7h15**	4h35*
7h42*	4h55*	7h48	5h15*	7h35	4h50
7h58	5h10	8h03*	5h30	7h53**	5h05**
8h13*	5h25*	8h18	5h45*	8h08	5h20
8h28	5h40	8h33*	6h00	8h23*	5h35*
8h43	5h55	8h48**	6h15*	8h38**	5h50**
8h58	6h10	9h03*	6h30	8h53*	6h05*

[37] Atual Quinta da Boa Vista.

9h13*	6h25*	9h18	6h45*	9h08	6h20
9h28	6h40	9h48*	7h00	9h23**	6h35**
9h43	6h55*	10h03	7h15*	9h38*	6h50
9h58*	7h10	10h33	7h30	10h08**	7h05*
10h13	7h25*	10h48	7h47*	10h23*	7h20**
10h43	7h40	11h03	8h07	10h38*	7h35*
10h58*	8h00*	11h33*	8h27*	11h08**	7h54**
11h13	8h20	11h52	8h47	11h23*	8h14*
11h45*	8h40*	12h12*	9h07*	11h38	8h34**
12h05	9h00	12h32	9h27	11h58*	8h54*
12h25*	9h20*	12h52*	9h57*	12h18	9h14**
12h45	9h47	1h12	10h27	12h38*	9h37*
1h05*	10h17*	1h32*	10h57*	12h58	10h07**
1h25	10h47	1h52	11h32	1h18**	10h37*
1h45*	11h20*	2h12*	12h08*	1h38	11h07
2h05	11h56	2h30	12h46	1h58**	11h44***
2h25*	12h34*	2h45*	1h20*	2h18	12h22
2h40	1h18	3h00		2h35*	1h16*
2h55		3h15*		2h50**	

*Indica que os carros passam pelo Parque Imperial.

**Indica que os carros vão e voltam do Engenho Novo pela linha de Vila Isabel.

***Indica que os carros entram na Estação do Mangue.

- Para a cidade

Andaraí Grande		Engenho Novo		Vila Isabel		Engenho Novo por Vila Isabel
4h17	2h09*	4h49*	2h21*	4h13*	1h55	5h42
4h47	2h24	5h19	2h51*	4h43*	2h25	6h22
5h17*	2h54	5h39*	3h06*	5h13	2h40	6h55
5h41	3h09	5h59	3h36*	5h40*	2h55*	7h25
6h01*	3h24*	6h19*	3h51	6h00	3h25	7h55
6h21	3h39	6h39	4h06*	6h20*	3h40*	8h25
6h41*	3h54*	6h54*	4h21	6h40	3h55	9h12
6h57	4h09	7h09	4h36*	6h58	4h10*	9h57
7h12*	4h24*	7h24*	4h51	7h13	4h25	10h42
7h27	4h39	7h39	5h06*	7h28*	4h40*	11h42
7h42*	4h54*	7h54*	5h21	7h43	4h55	12h32

7h57	5h09	8h09	5h36*	7h58*	5h10*	1h12
8h12*	5h24*	8h24*	6h51	8h13	5h25	1h52
8h27	5h39	8h39	6h06*	8h28*	5h40*	2h32
8h42*	5h54*	8h54*	6h21	8h43	5h55	3h24
8h57	6h09	9h09	6h38	8h58*	6h10*	4h09
9h12*	6h24*	9h24*	6h58*	9h13	6h25	4h54
9h27	6h39*	9h39	7h18*	9h28*	6h40*	5h39
9h42*	6h59	9h54*	7h38	9h43	6h59*	6h24
9h57	7h19*	10h09	7h58*	9h58*	7h19	7h09
10h12*	7h39*	10h24*	8h18	10h13	7h39	7h54
10h27	7h59	10h43	8h48	10h28*	7h59*	8h48
10h44*	8h19*	11h03*	9h18	10h43	8h19	9h24
11h04	8h46*	11h23	9h48*	11h03*	8h42*	9h54
11h24*	9h16*	11h43*	10h22*	11h23	9h12*	10h30
11h44	9h46	12h03	10h58	11h43*	9h42*	11h22**
12h04*	10h18*	12h23*	11h38*	12h03	10h12	
12h24	10h54*	12h43*	12h15*	12h23*	10h48	
12h44*	11h34*	1h03		12h43	11h29*	
1h04	12h18	1h21		1h03*	12h20*	
1h24*		1h51		1h23		
1h54*		2h06		1h40*		

*Indica que os carros passam pelo Parque Imperial.

**Indica que entram na Estação do Mangue.

FRETES DOS CARROS ESPECIAIS

Qualquer linha ou Riachuelo:

Carro aberto, levar ou trazer 12\$ buscar e levar 20\$

Carro fechado, levar ou trazer 10\$ buscar e levar 16\$

Wagon, levar ou trazer 6\$ buscar e levar 12\$

Acima do Riachuelo:

Carro aberto, levar ou trazer 15\$ buscar e levar 24\$

Carro fechado, levar ou trazer 12\$ buscar e levar 20\$

Wagon, levar ou trazer 7\$ buscar e levar 14\$

OBSERVAÇÕES. Qualquer carro que recolha à Estação do Mangue pode seguir para a cidade por 5\$. Sem exceção de pessoa, o pagamento é feito na ocasião do pedido aos despachantes nas estações.

● HORÁRIO DOS BONDES DE CARGAS E DE BAGAGENS

- Ponto inicial: rua da Carioca, nº 81
- Dias úteis

Para	De manhã	De tarde
Andaraí Grande	5h18*, 7h22, 9h35, 11h55	3h00, 5h05
Engenho Novo	5h58*, 8h24, 10h43	2h05*, 4h25
Vila Isabel	5h08**, 7h35, 9h48*, 11h34	2h30*, 4h40**
De	De manhã	De tarde
Andaraí Grande	4h17, 6h21*, 8h32, 10h40	1h00, 4h00*, 6h09***
Engenho Novo	4h49, 7h09*, 9h30, 11h55	3h10*, 5h30***
Vila Isabel	4h13, 6h40, 8h48*, 10h38	12h30, 3h35*, 6h10***

*Passa pelo Parque Imperial.

**Vai e volta do Engenho Novo pela linha de Vila Isabel.

***Recolhe à Estação do Mangue.

- Domingos e dias santos
- Da cidade para

Engenho Novo	Vila Isabel	Andaraí Grande
5h58	5h08 (E. N.)	5h18
8h24	7h35	7h22
10h43	9h48	9h35
2h20	11h34	11h55
	2h30 (E. N.)	3h10

E. N. vai ao Engenho Novo.

● TARIFA DE BAGAGENS

Armário grande	3\$000
Armário pequeno	1\$000
Alguida ^[38]	200
Balança decimal	500
Balança pequena	200

[38] Um tipo de vasilha circular geralmente feita de argila.

Banheira grande	600
Banheira pequena	300
Baú grande	1\$000
Baú pequeno	600
Baú de 1 a 3 palmos	300
Bacia grande	400
Bacia pequena	200
Balde	200
Barrica com cerveja	600
Barrica com cimento	1\$000
Barrica com alvaiade	500
Barrica com alvaiade pequena	300
Barrica com ferragens	800
Barrica com miudezas	500
Barrica com farinha de trigo	500
Barril de 1/4 com vinho	1\$000
Barril de 1/5 com vinho	1\$500
Barril de 1/10 com vinho	500
Barril com banha	200
Banco de carpinteiro	1\$500
Banco para jardim	600
Bandeja grande com roupa	400
Bandeja pequena com roupa	200
Bastidor ^[39] grande	400
Bastidor pequeno	200
Bomba grande	500
Bomba pequena	300
Cúpula	200
Cadeira	200

[39] Uma armação de madeira usada para esticar tecidos visando sua pintura, bordado etc.

Cadeira com braços	300
Cadeira de balanço	400
Caixa com querosene	400
Caixa com óleo ou tintas	400
Caixa de mascateação grande	600
Caixa de mascateação pequena	300
Caixa com vidros pequena	400
Caixa com ferragens	600
Caixa com vinho, 12 garrafas	200
Caixa com água gasosa	400
Caixa com queijos	400
Caixa com batatas	300
Caixa com miudezas	400
Caixa com sabão ou velas	200
Caixa com bacalhau	500
Caixa com cerveja	500
Caixa com instrumentos	600
Caixa pequena com ferramentas	400
Cama de ferro	1\$000
Cama de ferro pequena	600
Cama de madeira (grande)	2\$000
Cama de madeira (pequena)	1\$000
Cancela	400
Canudo com queijos	200
Caixa com roupa	500
Capoeira grande com galinhas	500
Capoeira pequena com galinhas	300
Capoeira vazia	200
Carrinho de mão	400
Carrinho para criança	400
Carne seca (20 quilos)	200

Cesto com garrafas d'água mineral	400
Cesto com hortaliças	200
Cesto com 24 garrafas com vinho	400
Cesto com 24 garrafas vazias	200
Cesto pequeno com louça	500
Cesto grande com louça	1\$000
Cesto com qualquer objeto	400
Chapa grande para fogão de ferro	500
Chapa pequena para fogão de ferro	300
Colchão grande	600
Colchão pequeno	400
Cômoda	2\$000
Cômoda pequena	1\$500
Consolo	600
Cão grande	200
Cão pequeno	200
Cabra criadeira	400
Cabra pequena	200
Carneiro (com guia)	400
Embrulho (5 quilos)	200
Enxada	200
Enxergão grande	2\$000
Enxergão pequeno	1\$000
Escada grande	800
Escada pequena	400
Espelho grande	1\$000
Espelho pequeno	400
Étagère ^[40] grande	2\$000
Étagère pequena	800

[40] Um tipo de estante com prateleiras.

Escrivaninha grande	2\$000
Escrivaninha pequena	1\$000
Feixe de ferro (30 quilos)	1\$000
Feixe de cana	400
Feixe de cana (pequeno)	200
Fogão grande de ferro	3\$000
Fogão pequeno de ferro	1\$500
Fogão com 2 grelhas	500
Fogão com 4 grelhas	1\$500
Fogareiro	200
Fardo de alfafa grande	1\$500
Fardo de pequeno	1\$000
Guarda-vestido, roupa ou louça	3\$000
Galinhas sendo atadas até (meia dúzia)	200
Gaiola com ou sem pássaros	200
Garrafão pequeno ou grande	200
Grade de ferro (30 quilos)	600
Guarda-comida grande	1\$000
Guarda-comida pequeno	600
Harpa	400
Jacá com batatas	200
Jacá com toucinho	500
Jacá com galinhas	400
Lata de confeitaria	1\$500
Lata pequena	600
Lata com banha	200
Lata com querosene	200
Leitão	200
Lavatório de ferro	200
Lavatório de madeira	600
Lavatório com pedra	1\$000

Lambrequins (100)	500
Máquina de costura com pé	600
Máquina de costura de mão	200
Máquina de engarrafar	400
Marquesa de palhinha	1\$000
Mesa grande elástica	2\$000
Mesa pequena elástica	1\$000
Mesa redonda com ou sem pedra	1\$000
Mala grande com roupa	1\$000
Mala pequena com roupa	1\$000
Mala de mão de três a quatro palmos	200
Pedra mármore para escadaria	400
Porco (com guia)	500
Peru ou pato	200
Piano	4\$000
Papagaio	200
Pá	200
Quartola com vinho	2\$500
Quadro grande	1\$000
Quadro pequeno	200
Quadro de cinco a seis palmos	500
Rolo de sola pequeno	200
Rolo de sola grande	600
Rolo de chumbo (30 quilos)	400
Rolo de papel pintado (30 peças)	200
Realejo ^[41]	400
Retrete ^[42]	300
Regador	200

[41] Instrumento musical mecânico de fole, movido por uma manivela.

[42] Um tipo de vaso sanitário.

Relógio de armário	1\$000
Relógio pequeno para parede	200
Roda para carro	500
Sacos, de farelo, açúcar, milho, feijão café, polvilho	300
Saco de cal	500
Saco de carvão	200
Saco de sal	500
Saco de mantimentos	500
Saco com roupa	300
Samburá pequeno ou grande	200
Sofá grande	1\$000
Sofá pequeno	800
Sorveteira	300
Tacho grande	400
Tacho pequeno	200
Talha grande	500
Talha pequena	300
Tabuleiro grande com roupa	600
Tabuleiro pequeno com roupa	200
Tabuleiro maior com roupa	400
Tina grande (com planta)	1\$800
Tina pequena (com planta)	500
Tina com bacalhau	500
Trouxa pequena	200
Trouxa maior	400
Trouxa grande	600
Travesseiro	200
Vaso com planta	200
Vassoura	200

N. B.: Os volumes não mencionados pagam pela semelhança aos acima estipulados.

Alugam-se wagons para materiais e aterro.

Companhia de Carris Urbanos. Trilhos de bitola estreita. *Escritório central:* rua de São Joaquim, nº 138. Comunicação telefônica nº 68. Mantém 12 linhas que atravessam a cidade em todas as direções, e que partem de quatro pontos iniciais: I. *Carceler*. II. *Barcas Ferry*. III. *Largo da Lapa* (defronte da igreja) e IV. *Largo de São Francisco de Paula* (defronte da igreja).

I. CARCELER

1) Linha da *Praia Formosa*. Tabuleta ou luz: *azul*.

SUBIDA. Letreiro: *Príncipe e Praia Formosa*. Ruas Direita, Teófilo Otoni, Uruguaiana, São Joaquim, Costa, senador Pompeu, América, praias do Saco do Alferes e Formosa.

DESCIDA. Letreiro: *Príncipe e Carceler*. Praias Formosa e do Saco do Alferes, ruas América, senador Pompeu, Dr. João Ricardo, Barão de São Félix, Costa, São Joaquim, Imperatriz, Prainha, travessa de Santa Rita, ruas Visconde de Inhaúma e Direita.

2) Linha do largo de *Estácio de Sá*. Tabuleta ou luz: *verde*.

SUBIDA. Letreiro: *Estácio de Sá*. Ruas Direita, Hospício, Núncio, São Joaquim, Campo da Aclamação, senador Eusébio, general Caldwell, general Pedra, Santa Rosa, praça Onze de Junho, ruas Santa Rosa, São Leopoldo, Visconde de Sapucaí, Conde d'Eu.

DESCIDA. Letreiro: *Carceler*. Este bonde desce pelas mesmas ruas até a do Núncio, Alfândega e Direita.

3) Linha da *praça Onze de Junho*. Tabuleta ou luz: *encarnada e verde* separadas em diagonal.

SUBIDA. Letreiro: *Lavrado e praça Onze de Junho*. Rua Direita, praça D. Pedro II, ruas Misericórdia, Assembleia, largo e rua da Carioca, largo da Constituição, ruas Visconde do Rio Branco, Lavradio, Riachuelo, Conde d'Eu, Sant'Anna, praça Onze de Junho.

DESCIDA. Letreiro: *Lavrado e Carceler*. Desce este bonde pelas mesmas ruas até a Visconde do Rio Branco, Regente, rua e praça da Constituição, Sete de Setembro, praça D. Pedro II, Direita.

4) Linha do *largo da Lapa e rua do Riachuelo*. Tabuleta ou luz: *branca com diagonal azul*.

SUBIDA. Letreiro: *Lapa e Riachuelo*. Rua Direita, praça D. Pedro II, rua e largo da Misericórdia, praia e rua de Santa Luzia, rua do Passeio, largo da Lapa, ruas Visconde de Maranguape, Barbonos, Riachuelo até a estação do *Plano inclinado*.

DESCIDA. Letreiro: *Lapa e Carceler*. O mesmo percurso até o largo da Misericórdia, largo da Batalha, largo do Moura, rua Fresca, praça D. Pedro II, rua Direita.



*Estação das Barcas "Ferry".
1907. Coleção Brício de Abreu.
Acervo da Biblioteca Nacional.*

II. Barcas Ferry

5) Linha da *praça Municipal*. Tabuleta ou luz: *amarela*.
SUBIDA. Letreiro: *praça Municipal*. Praça D. Pedro II,
ruas Direita, Teófilo Otoni, Ourives, largo de Santa Rita, rua
dos Ourives, rua e largo da Prainha, rua da Saúde até a esquina da praça Municipal.

DESCIDA. Letreiro: *Barcas Ferry*. Ruas da Saúde, de São Francisco, da Prainha, travessa de Santa Rita, ruas Visconde de Inhaúma, Primeiro de Março, praça D. Pedro II.

6) Linha da *Estrada de Ferro*. Tabuleta ou luz: *verde e branca*, separadas em diagonal.

SUBIDA. Letreiro: *Estrada de Ferro*. Praça D. Pedro II, ruas Direita, Teófilo Otoni, Uruguaiana, São Joaquim, Campo da Aclamação (até a *Estrada de Ferro*).

DESCIDA. Letreiro: *Barcas Ferry*. Campo da Aclamação, ruas de São Joaquim, Imperatriz, Prainha, travessa de Santa Rita, ruas Visconde de Inhaúma, Direita, praça D. Pedro II.

7) Linha de *São Diogo*. Tabuleta ou luz: *branca*.

SUBIDA. Letreiro: *Hospício e São Diogo*. Praça D. Pedro II, ruas Direita, Hospício, Núncio, São Joaquim, Campo da Aclamação, ruas senador Eusébio, general Caldwell, general Pedra.

DESCIDA. Letreiro: *Alfândega e Barcas Ferry*. O mesmo percurso até a rua do Núncio, Alfândega, Direita, praça D. Pedro II.

8) Linha da *praça Onze de Junho*. Tabuleta ou luz: *encarnada e branca*, separadas em diagonal.

SUBIDA. Letreiro: *praça Onze de Junho*. Praça D. Pedro II, ruas da Misericórdia, da Assembleia, largo e rua da Carioca, praça da Constituição, rua Visconde do Rio Branco, Campo da Aclamação, ruas do Conde d'Eu, Sant'Anna, praça Onze de Junho.

DESCIDA. Letreiro: *Barcas Ferry*. O mesmo percurso até a rua Visconde do Rio Branco, do Regente, rua e praça da Constituição, rua Sete de Setembro, praça D. Pedro II.

III. Largo da Lapa

9) Linha da *praça Onze de Junho*. Tabuleta ou luz: *azul*.

SUBIDA. Letreiro: *praça Onze de Junho*. Largo da Lapa, ruas Visconde de Maranguape, Barbonos, Riachuelo, Conde d'Eu, Sant'Anna, praça Onze de Junho.

DESCIDA. Letreiro: *Lapa*. O mesmo percurso da subida.

10) Linha da *Estrada de Ferro e Senado*. Tabuleta ou luz: *amarela*.

SUBIDA. Letreiro: *E. de Ferro e Senado*. Largo da Lapa, ruas Visconde de Maranguape, Barbonos, Riachuelo, Visconde do Rio Branco, Campo da Aclamação (lados do museu, do quartel e da Casa da moeda) até o Senado.

DESCIDA. Letreiro: *Lapa*. Desce até o lado do quartel, ruas de São Joaquim, Núncio, Visconde do Rio Branco, Lavradio, Arcos, Maranguape e largo da Lapa.

IV. Largo de São Francisco

11) Linha da *Rua do Riachuelo*. Tabuleta ou luz: *verde*.

SUBIDA. Letreiro: *Riachuelo*. Largo de São Francisco, rua Sousa Franco, praça da Constituição, ruas Visconde do Rio Branco, dos Inválidos, Resende, Riachuelo (até o *Plano inclinado*).

DESCIDA. Letreiro: *São Francisco*. Ruas do Riachuelo, dos Inválidos, Visconde do Rio Branco, Regente, rua e praça da Constituição, rua Sete de Setembro, travessa e largo de São Francisco.

12) Linha do *largo da Lapa*. Tabuleta ou luz: *encarnada*.

SUBIDA. Letreiro: *Lapa*. Largo de São Francisco, rua Sousa Franco, praça da Constituição, ruas Visconde do Rio Branco, Lavradio, Arcos, Visconde de Maranguape e largo da Lapa.

DESCIDA. Letreiro: *São Francisco*. Largo da Lapa, ruas Visconde de Maranguape, Barbonos, Riachuelo, Lavradio, Visconde do Rio Branco, Regente, rua e praça da Constituição, rua Sete de Setembro, travessa e largo de São Francisco.

PASSAGEM. Em qualquer bonde desta Companhia custa 100 rs. o transporte de cada passageiro.

Alteração. Depois de cumpridas as disposições do decreto nº 8.594, de 17 de junho de 1882, os carros desta Companhia partirão dos cinco pontos iniciais: *Carceler, Barcas Ferry, largo da Lapa, largo de São Francisco e praça Municipal*, ficando o percurso das suas linhas assim estabelecido:

I. CARCELER

1) Linha do *largo da Providência*.

SUBIDA. Ruas Primeiro de Março, general Câmara, do Regente, do Costa, senador Pompeu e largo da Providência.

DESCIDA. Largo da Providência, ruas senador Pompeu, Dr. João Ricardo, Barão de São Félix, do Costa, do Regente, de São Pedro e Primeiro de Março.

2 A) Linha de *São Diogo*.

SUBIDA. Ruas Primeiro de Março, do Hospício, praça da Aclamação (lado do quartel), rua general Pedra até a estação de São Diogo.

DESCIDA. Rua general Pedra, praça da Aclamação, ruas de São Joaquim, do Núncio, da Alfândega e Primeiro de Março.

2 B) 2ª Linha de *São Diogo*.

SUBIDA. Ruas Primeiro de Março, do Hospício, praça da Aclamação (lado do quartel), ruas senador Eusébio, general Caldwell, general Pedra até a estação de São Diogo.

DESCIDA. O mesmo percurso da subida até a praça da Aclamação e daí como a linha **2 A**.

3) 1ª Linha da *praça Onze de Junho*.

SUBIDA. O mesmo percurso que a linha **2 A** e **2 B** até a praça da Aclamação e daí: rua general Pedra, de Sant'Anna e praça Onze de Junho.

DESCIDA. Pelas mesmas ruas da subida até a praça da Aclamação e daí como as linhas **2 A** e **2 B**.

4) 2ª Linha da *praça Onze de Junho*.

Será a atual linha **3**.

5) Linha do Riachuelo.

Será a atual linha **4**.

II. BARCAS FERRY

6 A) 1ª Linha da *praça Municipal*.

SUBIDA. Praça D. Pedro II, ruas Primeiro de Março, general Câmara, dos Ourives, da Prainha, da Saúde e praça Municipal.

DESCIDA. Praça Municipal, ruas da Saúde, da Prainha, da Uruguaiana, de São Pedro, Primeiro de Março, praça D. Pedro II e *Barcas Ferry*.

6 B) 2ª Linha da *praça Municipal*.

SUBIDA. O mesmo percurso da linha **6 A**.

DESCIDA. Praça Municipal, ruas da Imperatriz, senador Pompeu, da Conceição, da Prainha e daí como a linha **6 A**.

7) Linha da *praça Onze de Junho*.

Será a atual linha **8**.

III. LARGO DA LAPA

8 A) Linha do *Senado*.

Será a atual linha **10**.

8 B) Linha da *praça Onze de Junho*.

SUBIDA. O mesmo percurso da linha **8 A** até a praça da Aclamação e daí: ruas general Pedra, de Sant'Anna e praça Onze de Junho.

DESCIDA. Ruas de Sant'Anna, general Pedra, praça da Aclamação e daí como a linha **8 A**.

IV. LARGO DE SÃO FRANCISCO

a) Lado da Igreja.

9) Linha do *Riachuelo*.

Será a atual linha **11**.

10) Linha do *largo da Lapa*.

Será a atual linha **12**.

b) Esquina do beco do Rosário.

11) Linha da *Estação marítima*.

SUBIDA. Beco do Rosário, largo da Sé, ruas dos Andradadas, de São Joaquim, da Imperatriz, praça Municipal, ruas da Saúde, do Livramento, da Gamboa e Estação marítima.

DESCIDA. Ruas da Gamboa, da Harmonia, da Saúde, praça Municipal, ruas da Imperatriz, senador Pompeu, da Conceição, da Prainha, da Uruguaiana, largo da Sé, travessa do Rosário até o ponto inicial.

12) Linha circular da *rua Primeiro de Março*.

Beco do Rosário, largo da Sé, ruas dos Andradadas, da Alfândega, Primeiro de Março (lado esquerdo da Caixa da Amortização), do Hospício, da Uruguaiana, largo da Sé, travessa do Rosário até o ponto inicial.

V. PRAÇA MUNICIPAL

13) Linha da *Praia Formosa*.

SUBIDA. Praça Municipal, ruas da Saúde, do Livramento, da Gamboa da União, praia do Saco do Alferes, praça de Santo Cristo, ponte do Boticário e praia Formosa.

DESCIDA. O mesmo percurso da subida até a rua da Gamboa e daí: ruas da Harmonia, da Saúde e praça Municipal.

14) A companhia estabelecerá outra linha circular que facilite o acesso aos pontos mais frequentados dentro do seu perímetro, conforme o plano e as condições que o governo aprovar, e da qual daremos o percurso na segunda edição deste *Guia*.

PASSAGENS. Na linha **12** não excederá de 100 rs. a passagem de ida e volta; nas outras, porém, continuará cada passageiro a pagar 100 rs. por viagem simples.

CARROS DE CARGAS E DE BAGAGENS. Os desta Companhia só trabalham na linha **2** (largo do Estácio de Sá).

HORÁRIO

Do *Carcelar*: 6h45, 7h25, 8h05, 8h45, 9h25, 10h05, 10h45, 11h25 da manhã; 2h45, 3h25, 4h05, 4h45, 5h25, 6h05, 6h45, 7h25 da tarde.

Do *Estácio de Sá*: 6h07, 6h47, 7h27, 8h07, 8h47, 9h27, 10h07, 10h47, *11h29 da manhã; *12h05, 2h25, 3h05, 3h27, 4h07, 4h47, 5h27, 6h07, 6h47, *7h27, *8h07 da tarde.

*Recolhe à Estação da rua general Pedra.

● TARIFA

Volume de pequenas dimensões	100
Volume ocupando o lugar de dois passageiros	200
Volume ocupando o lugar de três passageiros	300
Volume ocupando o lugar de quatro passageiros	400
Volume de pequenas dimensões e grande peso, como ferro e outros metais; pedras; barris de líquidos etc.:	
» Volume até 15 quilos	100
» Volume de 16 a 30 quilos	200
» Volume de 31 a 60 quilos	300
» Volume de 61 a 80 quilos	400
Aves soltas, por cabeça	100
Aves encambadas ^[43] (até seis)	200
Carneiros, cães, leitões	200

Volumes de maior peso do que o mencionado pagam o que for ajustado.

Para entregar no caminho mais 100 rs. por ficar sob a guarda do condutor.

Ao colo pagarão quando incomodem a outros passageiros.

Plano inclinado do morro de Santa Teresa, rua do Riachuelo, nº 89 A. Ponto terminal das linhas **4, 11,** e do percurso das **3 e 9** da companhia *Carris Urbanos*.

As obras oferecem a devida segurança e o serviço é feito com toda a regularidade, sendo pontualmente observado o horário. O tráfego desta linha de ascensão foi inaugurado a 13 de março de 1877.

O Plano inclinado tem 513,10m de extensão. O seu declive é de 0,151 em 377,60m; 0,16 em 78,90m; e 0,14 em 56,60m. A linha é dupla na extensão de 355,50m, e singela em 157,60m. As obras de arte têm largura suficiente, neste último trecho, para o assentamento de segunda linha.

Os trilhos são de Vignole, com peso de 19,8 quilos por metro corrente. Os dormentes são de madeira, espaçados de um metro de eixo a eixo. As polias são de ferro fundido e giram em mancais do mesmo metal, colocados sob travessas de madeira. As obras de arte constam de três viadutos (dois de ferro e um de madeira), uma galeria, oito muralhas de sustentação e quatro bueiros. O primeiro viaduto tem 60,85m de comprimento divididos em nove vãos, sendo sete de sete metros, um de 6,50m e outro de 5,35m. O viaduto de madeira, em continuação ao precedente, conta 28,10m de comprimento, divididos em três vãos, sendo um de 9,80m; outro de 8,30m e o último de dez metros; os pegões são de pedra. O terceiro viaduto tem um único vão de 36,30m; os seus contornos são de pedra.

[43] Forma de ligar e ajuntar víveres.

SUBIDA E DESCIDA DOS CARROS

Dias úteis

Das 5h15 da manhã às 11h da manhã, de 15 em 15 minutos

Das 11h da manhã às 2h30 da tarde, de 30 em 30 minutos

Das 2h30 da tarde à 1h da manhã, de 15 em 15 minutos

Domingos e dias santificados

Das 5h15 da manhã à 1h da manhã, de 15 em 15 minutos

Sempre que houver grande concorrência, aos domingos e dias santificados, os carros demorarão unicamente o tempo necessário ao embarque e desembarque dos passageiros. Os carros extraordinários não estão em correspondência com os bondes do morro.

PASSAGEM. Dias úteis: 200 rs. com direito ao transporte nos bondes pertencentes à mesma Empresa e que da *Casa da máquina* vão ao *França* e ao *Curvelo*. Domingos e dias santificados: 200 rs. no Plano inclinado e 100 rs. nos bondes do morro.

Empresa de Santa Teresa. Proprietária do *Plano inclinado* e dos bondes do morro de Santa Teresa, onde mantém duas linhas, que partindo da Casa da máquina vão ao França e ao Curvelo.

1) Linha do Curvelo. Carros com três bancos, tirados por um animal. Luz: *branca*.

Sobem e descem pelo largo do Guimarães, ruas do Aqueduto e do Curvelo até a rua senador Cassiano e ladeira de Santa Teresa.

2) Linha do França. Carros tirados por duas parelhas, à subida, e uma à descida. Luz: *verde*.

Sobem e descem pelo largo do Guimarães, ruas Mauá, dos Junquilhos e do Aqueduto até a Caixa d'Água.

PASSAGENS. Dias úteis: 100 rs. no morro; 200 rs., com direito à descida pelo Plano inclinado. Domingos e dias santificados: 100 rs. no morro; 200 rs. o Plano inclinado.

● HORÁRIO

França				Curvelo			
Subida		Descida		Subida		Descida	
6h05	4h05	6h35	4h30	6h05	3h05	6h20	3h20
6h35	4h20	7h00	4h45	6h35	3h35	6h50	3h50
7h05	4h35	7h30	5h00	7h05	4h05	7h20	4h20
7h20	4h50	7h45	5h15	7h35	4h35	7h50	4h50
7h35	5h05	8h00	5h30	8h05	5h05	8h20	5h20
7h50	5h20	8h15	5h45	8h35	5h35	8h50	5h50
8h05	5h35	8h30	6h00	9h05	6h05	9h20	6h20
8h20	5h50	8h45	6h15	9h35	6h35	9h50	6h50
8h35	6h05	9h00	6h30	10h05	7h05	10h20	7h20
8h50	6h20	9h15	6h45	10h35	7h35	10h50	7h50
9h05	6h35	9h30	7h00	11h05	8h05	11h20	8h20
9h20	6h50	9h45	7h15	11h35	8h35	11h50	8h50

9h35	7h05	10h05	7h30	12h05	9h05	12h20	9h20
10h05	7h20	10h35	7h45	12h35	9h35	12h50	9h50
10h35	7h35	11h10	8h00	1h05	10h05	1h20	10h20
11h05	7h50	11h40	8h15	1h35	10h35	1h50	10h50
11h35	8h05	12h10	8h30	2h05	11h05	2h20	11h20
12h05	8h20	12h40	8h45	2h35	12h05	2h50	12h20
12h35	8h35	1h10	9h00				
1h05	8h50	1h40	9h15				
1h35	9h05	2h10	9h35				
2h05	9h35	2h40	10h05				
2h35	10h05	3h00	10h35				
3h05	10h35	3h30	11h05				
3h20	11h05	3h45	11h35				
3h35	*12h05	4h00	*12h20				
3h50		4h25					

*Este carro vai só até o hotel da Vista Alegre.

OBSERVAÇÕES. Os carros do Plano inclinado partem cinco minutos antes das horas marcadas na tabela precedente (dos bondes). Aos domingos e dias santificados os intervalos entre as viagens são de $\frac{1}{4}$ de hora, invariavelmente, exceto nos casos de afluência, em que os carros demoram-se apenas o tempo necessário para deixar e receber passageiros.

Elevador hidráulico do morro Paula Matos.^[44] Na rua do Riachuelo, nº 151. Para transporte de passageiros, bagagens e carros ao morro Paula Matos. Ainda se acha em construção. Perto de a empresa estabelecer viagens de cinco em cinco minutos. A ascensão será até a rua Paula Matos e as passagens de primeira classe serão de 100 rs. por pessoa.

2. CARROS DE ALUGUEL ETC.

Veículos de praça. São assim chamados os carros e tálburis que estacionam nos lugares mais frequentados da cidade. Em qualquer parte que estejam são logo conhecidos porque são os únicos que trazem numeração nas costas.

I. Os pontos de tálburis de praça são:

1. Largo de São Francisco de Paula, em frente à Escola Politécnica.
2. Largo de Santa Rita.
3. Rua Primeiro de Março, entre as do Ouvidor e do Hospício.
4. Praça da Aclamação, lado do museu e lado da Estrada de Ferro.
5. Praça Duque de Caxias.

[44] Pelo que se pôde averiguar, esse elevador não foi finalizado.

6. Praia de Botafogo, em frente à rua de São Clemente.

7. Praça general Osório.

8. Praça Municipal.

9. Largo da Lapa.

10. Praça D. Pedro II.

II. Os pontos de carros de praça são:

1. Rua do Sacramento, entre a praça da Constituição e a rua de Luís de Camões.

2. Travessa da Academia.

3. Os pontos 4, 5, 8, 9 e 10 dos tálburis.

TABELA DOS PREÇOS DE ALUGUEL DOS TÁLBURIS E CARROS DE PRAÇA

Das 6h da manhã à 1h da noite. Dentro dos seguintes limites:

1ª Praça do Mercado da Glória, rua do Bom Jardim, desde o canto da rua Nova do Conde até a subida do Saco do Alferes, praça da Harmonia e rua Nova do Livramento:

	Tálburis	Carros
Para largar o passageiro	\$500	1\$500
Pela primeira hora		2\$000
Cada uma das que se seguirem		1\$500
Por hora	1\$000	

2ª Ponte do Catete, ponte de Guanabara nas Laranjeiras, praia do Flamengo, ponte do Engenho Novo, entrada do Rio Comprido, praia Formosa e Matadouro:

	Tálburis	Carros
Por hora	1\$000	
Pela primeira hora		2\$000
Cada uma das que se seguirem		1\$500

3ª Ponto dos bondes, no fim da praia de Botafogo. Jardim das Laranjeiras, Cova da Onça, até a primeira subida, Rio Comprido, rua da Bela Vista, ponte da Segunda-Feira no Engenho Velho, rua da Babilônia, canto da São Francisco Xavier, Campo de São Cristóvão e Igrejinha de São Cristóvão:

	Tálburis	Carros
Pela primeira hora	2\$000	4\$000
Cada uma das que se seguirem	1\$000	1\$000

4ª Rua Real Grandeza, Cemitério São João Batista, Hospício de Pedro II, Águas Férreas, nas Laranjeiras, Portão Vermelho, Cemitério São Francisco Xavier e morro de Santa Teresa:

	Tílburis	Carros
Pela primeira hora	2\$500	5\$000
Cada uma das que se seguirem	1\$000	1\$000

De 1h da noite às 6h da manhã o preço é convencionado entre o condutor e o passageiro e, se não houver ajuste, vigora o estabelecido na tabela.

No ato de embarcar é sempre conveniente o passageiro tomar o número do veículo.

Os carros ou qualquer outro veículo não passam na rua do Ouvidor.

Nos dias de festa, em geral os condutores dos carros e tílburis cobram elevadas quantias pelo aluguel dos seus veículos de praça, o que vai de encontro à tabela dada pela polícia. O expediente que se deve adotar é o seguinte: tome-se o carro ou tílburis e, terminada a viagem, pague-se ao condutor segundo a tabela legal. Quando, porém, no ato de embarcar, o condutor fixar logo um preço de aluguel não marcado na sua tabela, recorra-se ao rondante^[45] da rua ou praça para ser cumprida a referida tabela: no caso contrário o rondante conduzirá à polícia o carro e o condutor.

Caçamba e *barbeiro*, nomes que os garotos dão, o primeiro ao veículo, e o segundo ao mau cocheiro, são considerados pelos condutores como injuriosos. O dono de um tílburis chama ao seu veículo *carro*; assim diz: *o meu carro*, e nunca *o meu tílburis*. *Contramão* é termo muito usado pelos condutores e quer dizer que não pode subir ou descer esta ou aquela rua, sob pena de incorrer na infração da postura da Câmara e, *ipso facto*, na multa, visto estarem umas designadas pela Câmara Municipal para a subida e outras para descida, o que se pode verificar a cada canto pela direção indicada pela mão neles pintada.

Carros de aluguel. Cocheiras. Alugam caleças, vitórias, coupés, carros etc.: rua do Catete, nº 148; rua do Clube Ginástico, nºs 2 e 6; praça da Constituição, nº 61; rua da Constituição, nº 60, comunicação telefônica na praça das Marinhas, nº 51; praça do Engenho Novo, nº 18; rua Marquês de Abrantes, nº 6; rua do Pinheiro, nº 27; travessa de São Francisco de Paula, nºs 10 e 12; rua senador Eusébio, nº 208; rua Conde de Bonfim, nº 119.

EMPRESA DE CARRUAGENS FLUMINENSES. Escritório e oficinas: rua do Núncio, nº 24. Comunicação telefônica nº 69. *Estações*: rua do Catete, nº 193; Conde d'Eu, nº 109; da Glória, nºs 66 e 68; Haddock Lobo, nº 18 D; da Imperatriz, nº 46; Luís de Camões, nºs 16 e 18; do Passeio, nº 3; do Resende, nºs 26 e 28; São Clemente, nº 63; São Cristóvão, nº 104; São Luís Gonzaga, nº 68. Em todas essas estações há sempre carros para casamentos, batizados, cortejo e qualquer outro serviço diário, mensal ou semanal; com cavalos ou bestas; com ou sem criados.

[45] Refere-se à pessoa que faz a ronda.

PREÇOS DOS CARROS DA EMPRESA DE CARRUAGENS FLUMINENSES. Carro para enterros em qualquer cemitério da cidade, 8\$. Carro para visitas, 8\$. Carro fechado, 10\$. Carro para casamentos e batizados, de 40\$ a 100\$. Berlinda, de 25\$ a 30\$. Caleça, 16\$.

A Companhia, no intuito de satisfazer ao público, resolveu adotar por experiência, durante a estação lírica, assinaturas para os alugueis dos seus carros (caleças, meias e vitórias)^[46], nas suas diversas estações, pelos preços seguintes:

Para 4 saídas por mês	30\$
Para 8 ditas idem	50\$
Para 12 ditas idem	70\$
Para 16 ditas idem	90\$

A assinatura é paga integralmente na data em que for feita e acaba em data igual do mês seguinte, distribuindo-se cupons aos assinantes. Cada um desses cupons é entregue na estação em que tiver sido feita a assinatura, até o meio-dia daquele em que o assinante quiser sair, com a declaração da espécie do carro que desejar. Subentende-se que esta limitação de hora torna-se necessária não só para a regularidade do serviço, como também para que a companhia possa dispor dos seus carros, a fim de satisfazer outros pedidos, dessa hora em diante.

EMPRESA DE CARROS DE ALUGUEL DA SERRA DA TIJUCA. Escritório: rua Conde de Bonfim, nº 119, na raiz da serra. Comunicação telefônica nº 124. Carros para ir ao Alto da Boa Vista e voltar, 10\$. Nesta empresa encontram-se, não só para os passeios da Tijuca, como para qualquer ponto da cidade ou dos seus subúrbios, carros especiais com travões mecânicos, fáetons cobertos ou descobertos, caleças, vitórias e meias caleças.

Animais de aluguel e a trato. Alugam-se e recebem-se a trato: rua dos Ourives, nº 144; ladeira da Conceição, nº 2; rua do Clube Ginástico (travessa da Barreira), nºs 27 e 29; rua do Riachuelo, nº 9; rua do Engenho Novo, nº 18. Na raiz da serra da Tijuca, rua Conde de Bonfim, nº 119: cavalos de aluguel para montaria de homens e senhoras, de 5\$ a 10\$, conforme a demora; animais a trato, de 600 a 1\$200 por dia, conforme o tratamento que se deseje dar ao animal.

Cadeirinhas, liteiras e redes. Alugam-se na rua da Imperatriz, nº 172.

[46] Tipos de carruagem.



Aluguel de carros - cocheiras. TIJUCA: Empresa de carros de aluguel da Serra da Tijuca. Rio de Janeiro, RJ: Lith. A vapor Angelo & Robin, 1878. 1 cartaz, litograv., p&b, 90 x 72 cm. Publicidade da época para turismo na cidade, através do aluguel de cocheiras para a realização de diversos passeios. Acervo da Biblioteca Nacional.

3. DILIGÊNCIAS^[47]

Diligências da cidade. Para a praia de *Botafogo*, rua *São Clemente* e rua das *Laranjeiras* partem da praça D. Pedro II (lado do chafariz), sobem pela rua da Assembleia até o largo da Carioca e daí por diante acompanham as linhas da *Botanical Garden Rail Road Company*; e descem por essas mesmas linhas até o largo da Mãe do Bispo e daí pelas ruas da Ajuda, São José da Misericórdia até o ponto de partida.

PASSAGEM. 100 rs.

São muito frequentadas pelas classes menos favorecidas da fortuna, e os passageiros podem levar grandes embrulhos e pequenas cargas.

Diligências da raiz da serra para o alto da Tijuca. Para o alto da serra da Tijuca até o ponto terminal perto dos hotéis Jourdain e Whyte. Partem da raiz da serra (ponto terminal da linha 1 da Companhia de São Cristóvão) e observam o seguinte:

HORÁRIO DA LINHA DA SERRA DA TIJUCA

Nos dias úteis sobem às 5h55, 6h55, 7h55, 8h55 da manhã; 3h35, 4h35, 5h35 e 6h35 da tarde.

Descem às 6h55, 7h55, 8h55, 9h55 da manhã; 4h35, 5h35, 6h35 e 7h35 da tarde.

Nos domingos sobem às 7h15, 8h15, 9h15, 11h15 da manhã; 2h35, 3h35, 5h15 e 6h15 da tarde.

Descem às 8h15, 9h15, 10h15 e 12h30 da manhã; 3h35, 4h35, 6h15 e 7h15 da tarde.

No inverno, isto é, desde maio até dezembro, vigora o horário seguinte: dias úteis e feriados: subidas de manhã: às 5h55, 6h55, 7h55, 8h55; e à tarde, 3h35, 4h35, 5h35, 6h35. Descida de manhã: 6h55, 7h55, 8h55, 9h55; e à tarde, 4h35, 5h35, 6h35 e 7h35.

Nos domingos e dias santos vigora o horário acima, exceto as subidas de manhã, às 6h15, e à tarde, 7h15; e as descidas de manhã, 7h15, e à tarde, 8h15.

Uma diligência gasta na subida de 45 a 50 minutos. Uma sineta tocada no hotel Whyte e ouvida no Jourdain dá o sinal da partida das diligências para a raiz da serra.

As subidas das diligências nas horas que coincidem com as chegadas dos bondes, nunca a espera por estes é de mais de 10 minutos.

PREÇO DAS PASSAGENS NAS DILIGÊNCIAS DA LINHA. Da estação aos hotéis Whyte e Jourdain e à praça da Boa Vista: subida ou descida 1\$000.

Da estação à Caixa d'Água, ponte do Rio São João: subida ou descida 500 réis.

Da Caixa d'Água, ponte do Rio São João à praça da Boa Vista: subida ou descida 500 réis.

Da praça da Boa Vista aos hotéis Whyte e Jourdain: subida ou descida 500 réis.

Há assinaturas para a subida e a descida da serra por 40\$ mensais. Nos domingos e dias santos há, na estação da empresa, bilhetes à venda a 1\$ para a descida garantida nas diligências extraordinárias das 6h45 da tarde. Nas segundas-feiras e dia posterior aos santificados, há também bilhetes à venda a 1\$ para a descida garantida na diligência extraordinária das 6h35 da manhã: de modo que o passageiro pode contar à última hora com um lugar no veículo.

Além das diligências da linha nas horas acima fixadas, há diligências extraordinárias, no caso de completar a lotação de 15 pessoas, para subir ou descer, a 1\$ por pessoa. Se, porém, não se completar

[47] Termo que se refere ao transporte coletivo por meio de alguma variante de carruagem.

a lotação, todos os lugares são pagos a l\$ cada um. Comunicação telefônica nº 124. Os viajantes encontrarão sempre na empresa das diligências (rua Conde de Bonfim, nº 119), a qualquer hora do dia ou da noite, caleças, vitórias, meias calças, fânetons e *char-à-bancs*,^[48] com travas mecânicas; e cavalos de montaria para senhoras e homens. Vide *Carros de Aluguel* (p. 92).

4. ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II E BONDES SUBURBANOS

Trens dos subúrbios. Partem da Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II, no Campo da Aclamação, e observam o seguinte horário:

Da estação à Caixa d'Água, ponte do Rio São João: subida ou descida 500 réis.

Partida		manhã				
PARA O INTERIOR		SU 1	SU 3	SU 5	SU 7	SU 9
ESTAÇÕES						
Corte		5h10	6h30	7h40	8h40	10h22
São Cristóvão		5h20	6h40	7h50	8h50	10h32
São Francisco Xavier		5h27	6h47	7h57	8h57	10h39
Riachuelo		5h32	6h52	8h02	9h02	10h44
Engenho Novo		5h38	6h58	8h05	9h08	10h50
Todos os Santos		5h45	7h05	8h15	9h15	10h57
Engenho de Dentro		5h50	7h10	8h20	9h20	11h05
Piedade		5h56	7h16	8h26	9h26	11h11
Cascadura		6h00	7h20	8h30	9h30	11h15
Sapopemba						
PARA A CORTE	SU 2	SU 4	SU 6	SU 8	SU 10	SU 12
ESTAÇÕES						
Sapopemba	3h36					
Cascadura	3h50	6h10	7h40	8h40	10h00	11h35
Piedade	3h56	6h16	7h46	8h46	10h06	11h41
Engenho de Dentro	4h02	6h22	7h52	8h52	10h12	11h55
						tarde
Todos os Santos	4h07	6h27	7h57	8h57	10h17	12h00
Engenho Novo	4h14	6h34	8h04	9h04	10h24	12h07
Riachuelo	4h20	6h40	8h10	9h10	10h30	12h13
São Francisco Xavier	4h25	6h45	8h15	9h15	10h35	12h18
São Cristóvão	4h32	6h52	8h22	9h22	10h42	12h25
Corte	4h40	7h00	8h30	9h30	10h50	12h33

[48] Tipos de carruagem.

Partida	tarde							
PARA O INTERIOR	S U 11	S U 13	S U 15	S U 17	S U 19	S U 21	S U 23	S U 25
ESTAÇÕES								
Corte	1h00	2h15	3h30	4h30	5h50	7h30	8h30	10h00
São Cristóvão	1h10	2h25	4h40	4h40	6h00	7h40	8h40	10h10
São Francisco Xavier	1h17	2h32	4h47	4h47	6h07	7h47	8h47	10h17
Riachuelo	1h22	2h37	4h52	4h52	6h12	7h52	8h52	10h22
Engenho Novo	1h28	2h43	4h58	4h58	6h18	7h58	8h58	10h28
Todos os Santos	1h35	2h50	4h05	5h05	6h25	8h05	9h05	10h35
Engenho de Dentro	1h40	2h55	4h10	5h10	6h30	8h10	9h10	10h40
Piedade	1h46	3h01	4h16	5h16	6h36	8h16	9h16	10h46
Cascadura	1h50	3h05	4h20	5h20	6h40	8h20	9h20	10h52
Sapopemba								11h04
PARA A CORTE	S U 14	S U 16	S U 18	S U 20	S U 22	S U 24	S U 26	
ESTAÇÕES								
Sapopemba								
Cascadura	2h10	3h20	4h30	5h30	7h00	8h30	9h40	
Piedade	2h16	3h26	4h36	5h36	7h06	8h36	9h46	
Engenho de Dentro	2h22	3h32	4h42	5h42	7h12	8h42	9h52	
Todos os Santos	2h27	3h37	4h47	5h47	7h17	8h47	9h57	
Engenho Novo	2h34	3h44	4h54	5h54	7h24	8h54	10h04	
Riachuelo	2h40	3h50	5h00	6h00	7h30	9h00	10h10	
São Francisco Xavier	2h45	3h55	5h05	6h05	7h35	9h05	10h15	
São Cristóvão	2h52	4h02	5h12	6h12	7h42	9h12	10h22	
Corte	3h00	4h10	5h20	6h20	7h50	9h20	10h30	

O tempo indicado nestas tabelas é nas estações iniciais e intermediárias: o da partida dos trens; e na estação terminal, o da chegada.

● Passagens de primeira classe

DAS ESTAÇÕES AO LADO PARA AS ESTAÇÕES ABAIXO E RECIPROCAMENTE	São Cristóvão	São Francisco Xavier	Riachuelo	Engenho Novo	Todos Os Santos	Engenho de Dentro	Piedade	Cascadura	Sapopemba
Corte	200	200	200	200	300	300	300	300	500
São Cristóvão		200	200	200	300	300	300	300	500

São Francisco Xavier			200	200	300	300	300	300	500
Riachuelo				200	200	300	300	300	500
Engenho Novo					200	200	300	300	500
Todos Santos						200	200	300	500
Engenho de Dentro							200	200	400
Piedade								200	400
Cascadura									300

● Passagens de segunda classe

DAS ESTAÇÕES AO LADO PARA AS ESTAÇÕES ABAIXO RECIPROCAMENTE	São Cristóvão	São Francisco Xavier	Riachuelo	Engenho Novo	Todos Os Santos	Engenho de Dentro	Piedade	Cascadura	Sapopemba
Corte	100	100	100	100	200	200	200	200	300
São Cristóvão		100	100	100	200	200	200	200	300
São Francisco Xavier			100	100	200	200	200	200	300
Riachuelo				100	100	200	200	200	300
Engenho Novo					100	100	200	200	300
Todos Santos						100	100	200	300
Engenho de Dentro							100	100	300
Piedade								100	300
Cascadura									200

BAGAGENS E ENCOMENDAS. Entre duas quaisquer estações. Volumes até 25 quilos ou 100 litros, por um: 200; volumes de mais de 25 até 50 quilos, ou de mais de 100 até 200 litros, por um: 500; volumes de mais de 50 quilos ou 200 litros, aos preços e segundo as condições da tarifa nº 2 da Estrada.

MERCADORIAS, VALORES, VEÍCULOS E ANIMAIS. Somente nas estações da Corte, Engenho Novo, Engenho de Dentro e Cascadura, aos preços e segundo as condições das tarifas nos nºs 3, 4, 5, e 6 da Estrada.

Nenhum viajante pode conduzir, livre de frete, senão embrulhos de pequenas dimensões, que possa levar sobre os joelhos, sem incomodar aos demais viajantes.

Os volumes de bagagens e encomendas taxados a 200 réis podem ser conduzidos pelos viajantes debaixo dos seus lugares sempre que o queiram, contanto que não incomodem aos demais viajantes.

Companhia Ferro Carril de Cachambi. Horário do Engenho Novo a Cachambi.

Do Engenho Novo, de manhã: às 5h30, 7h, 8h10, 9h10, 10h15, 11h, 11h50. De tarde: às 12h40, 1h30, 2h45, 4h, 5h, 5h45, 6h25, 7h15, 8h05, 9h, 9h45, 10h30, 11h20*.

Da rua Mauá, rua de Todos os Santos e das Oficinas, de manhã: às 6h10, 7h35, 8h35, 9h50, 10h35 e 11h25. De tarde: às 12h15, 1h05, 2h10, 3h20, 4h25, 5h20, 6h05, 6h50, 7h40, 8h30, 9h25, 10h50 e 11h*.

*Recolhem.

PASSAGEM. 100 rs.

As viagens dos bondes desta linha estão de acordo com a chegada e a partida dos trens dos subúrbios. Com o ramal das Oficinas da via férrea D. Pedro II, inaugurado a 4 de novembro de 1881, conta o ferro-carril de Cachambi 4 quilômetros e 900 metros em tráfego. O serviço é efetuado por três carros, possuindo a empresa dois em reserva e um trolly.

Companhia Ferro Carril de Jacarepaguá. Horário de Cascadura a Jacarepaguá.

Do Tanque a Cascadura, de manhã: 5h30, 7h, 8h, 9h10 e 10h04 (a). De tarde: 1h10, 2h30, 4h, 4h55, 6h10 e 7h40.

De Cascadura ao Tanque, de manhã: 6h, 7h25, 8h30, 9h50, 11h30 (a). De tarde: 2h, 3h10, 4h20, 5h25, 6h45, 8h20.

LINHA DA FREGUESIA

Do tanque à Porta d'Água, de manhã: 6h, 7h, 8h, 9h (b) e 10h30 (c). De tarde: 2h35, 4h, 5h, 6 e 7h40.

Da Porta d'Água ao Tanque, de manhã: 6h25, 7h25, 8h40 e 9h30 (d). De tarde: 12h40, 3h25, 4h30, 5h35 e 7h.

(a) Domingos e dias santificados.

(b) Havendo passageiros.

(c) Estaciona para voltar às 12h40 da tarde.

(d) Se fizer a viagem das 9 (b).

PASSAGENS. De Cascadura ao largo do Campinho 100 réis; de Cascadura ao Barracão 200; de Cascadura ao Tanque 300; de Cascadura a Jacarepaguá (Freguesia) 500.

5. BARCAS FERRY PARA NITERÓI, PAQUETÁ E SANTANA

Para Niterói. O serviço de transporte para os dois mais importantes bairros de Niterói, São Domingos e Praia Grande, é feito por aquelas barcas.

A ponte de embarque é situada no cais Pharoux.

● HORÁRIO

Da Corte		De Niterói	
4h30 manhã	2h40	4h30 manhã	2h40
5h00 esc.	3h00 esc.	5h00 esc.	3h00
5h35	3h15 esc.	5h15 esc.	3h15
6h00 esc.	3h30 esc.	5h45 esc.	3h30
6h30	3h45 esc.	6h15 esc.	3h45
7h00 esc.	4h00 esc.	6h45 esc.	4h10
7h30	4h20 esc.	7h10 esc.	4h30
7h45	4h40 esc.	7h30 esc.	4h45
8h00	5h00 esc.	7h45 esc.	5h00
8h20	5h20 esc.	8h00 esc.	5h20 esc.
8h40	5h40 esc.	8h15 esc.	5h40 esc.
8h55	6h00 esc.	8h30 esc.	6h00 esc.
9h10	6h20 esc.	8h45 esc.	6h20 esc.
9h30	6h40 esc.	9h00 esc.	6h45 esc.
10h05	7h00 esc.	9h20 esc.	7h15 esc.
10h25 esc.	7h30 esc.	9h40 esc.	7h40 esc.
10h45 esc.	8h00 esc.	10h00 esc.	8h15 esc.
11h00 esc.	8h30 esc.	10h25 esc.	8h45 esc.
11h30 esc.	9h00 esc.	10h50 esc.	9h15 esc.
12h00 tarde esc.	9h30 esc.	11h15 esc.	9h45 esc.
12h30 esc.	10h00 esc.	11h45 esc.	10h20 esc.
1h00 esc.	10h40 esc.	12h15 tarde esc.	11h15 esc.
1h30 esc.	11h20 esc.	12h45 esc.	12h00 esc.
2h00 esc.	12h00 esc.	1h15 esc.	12h40 esc.
2h20 esc.	12h40 esc.	1h35 esc.	1h20 esc.
	1h20 esc.	2h10	

Todas essas barcas estão em correspondência com os *bondes* em Niterói. *Esc.* (escala), quer dizer que as barcas, nas horas marcadas, passam por São Domingos.

PASSAGENS: avulsa 200 rs.; 60 cartões 10\$; 30 cartões 5\$; descalços 100 rs.

FRETES DE BARCAS: para passeios, recepções etc., o que for ajustado.

Para Paquetá. As barcas que fazem o transporte para esta ilha partem da ponte das antigas Barcas Fluminenses e observam o seguinte:

● HORÁRIO

Dias úteis	Domingos e dias santos
Do Rio 4h (tarde)	9h (manhã) e 7h (tarde)
De Paquetá 7h (manhã)	7h (manhã) e 5h (tarde)

PASSAGENS. 500 rs. nos dias úteis; 1\$ nos domingos e dias santos.

Para Santana. Para esta estação da Estrada de Ferro de Cantagalo partem, todos os dias, barcas que estão em correspondência com os trens daquela estrada.

PASSAGEM. 400 rs.

6. BARCAS, BOTES E BONDES MARÍTIMOS

Barcas para Paquetá e Porto da Piedade. As barcas para esses lugares partem do Cais das Marinhas.

HORÁRIO

Do Rio de Janeiro, dias úteis, às 3h da tarde; domingos, dias santos e de festa nacional, às 10h da manhã. Do Porto da Piedade, às 6h da manhã. De Paquetá, às 7h da manhã.

PASSAGENS. Para o Porto da Piedade 2\$, descalços 1\$. Para Paquetá, calçado ou descalço, 400 rs.

As cargas são pagas pela tabela em mão do mestre da barca.

Botes para a Ilha das Cobras. Há sempre na praia dos Mineiros. Custa a passagem 40 réis; se, porém, o passageiro não quiser esperar que se complete a lotação, pagará 200 réis e o bote larga imediatamente.

Botes para a Ilha do Governador. O transporte para esta ilha é feito em botes que partem da Doca do Peixe^[49] ao meio-dia, e do Cais da Imperatriz^[50] à 1h da tarde. Custa 500 rs. a passagem.

Botes para as fortalezas do porto. Para as fortalezas de Santa Cruz, Laje e São João partem do Arsenal de Guerra nos dias úteis, de manhã: às 7h, e à tarde: às 3h; e nos domingos e dias santos, de manhã: às 7h, e à tarde, às 2h. O da fortaleza de São João, porém, de manhã, partem da praia de Botafogo, defronte da rua São Clemente, das 6h às 7h. Os da fortaleza de Villegagnon partem do Arsenal de Marinha.

Esses botes são exclusivamente do serviço das fortalezas, mas, obtida a respectiva licença nos Arsenais podem conduzir visitantes às referidas fortalezas ou levar pequenas encomendas e recados para elas.

Bondes marítimos (lanchas a vapor). Escritório: praça Vinte e Oito de Setembro, nº 6. A companhia encarrega-se do reboque de navios por preços tão insignificantes que, atualmente, não convém aos capitães de navios arriscarem-se a fazer avarias, navegando entre os quadros à espia ou

[49] Situado nos arredores das antigas docas, tendo sido aterrado no local que hoje é a praça XV.

[50] Nome dado, na década de 1820, ao Cais do Valongo depois de reformado para a chegada da imperatriz Leopoldina.

a reboque de botes. Os navios à saída podem ser rebocados à fortaleza de Santa Cruz. Dispondo de grande número de embarcações para carga, encarrega-se de lastro para navios e de qualquer serviço dentro do porto. Freta bondes para Estrela por 70\$; Mauá, 50\$; Paquetá, 20\$; Penha, 20\$; Porto da Piedade, 40\$; praia da Ribeira (na freguesia da ilha do Governador), 20\$; São João de Meriti, 40\$; Vila Nova, 60\$; Zumbi (na ilha do Governador), 15\$; para chegar e voltar. Cada hora de espera custa 5\$. Esses preços vigoram durante o dia; à noite custa mais caro o frete. Tendo mais de dez passageiros largam os seus bondes, estacionados no Cais das Marinhas, para bordo dos paquetes; cobrando-se a passagem de 1\$ por pessoa.

III. HOSPEDAGEM

1. HOTÉIS E HOSPEDARIAS

NA CIDADE

Grande Hotel **Giorelli**, Campo da Aclamação, esquina da rua do Hospício. A menor pensão é de 5\$ diários por pessoa, constando de café simples de manhã, almoço às 9h30 da manhã, jantar às 4h30 da tarde e chá com pão e manteiga à noite. Criados pagam 2\$ diários e crianças menores de 10 anos 2\$500. As famílias que desejam ser servidas nos seus aposentos pagam, além da pensão estabelecida, mais 1\$ diário por pessoa. A pensão diária pode variar conforme a escolha dos aposentos. O pagamento é feito semanalmente, notando-se que quer o hóspede coma ou não na casa, a pensão nunca será inferior ao preço fixado. É casa recomendável.

Hotel **Coroa do Ouro**, rua D. Manuel, nº 4. Também tem entrada pela travessa do Paço.

Hotel de **France**, praça D. Pedro II, nº 12, esquina da rua Primeiro de Março.

Hotel de **Cintra**, rua do Ouvidor, nº 33, sobrado. Quarto e comida 5\$ por dia. Quartos sem comida 3\$ e 2\$ diários. Há salas para mais de uma pessoa. Os criados pagam por cômodo e comida a diária de 2\$. Almoço ou jantar 1\$; sendo o vinho pago em separado. Conserva-se aberto até a meia-noite.

Hotel **Águia de Ouro**, rua da Alfândega, nº 7.

Hotel **Rio de Janeiro**, rua da Alfândega, nº 8; e rua Visconde de Itaboraí, nº 4. Comunicação telefônica nº 121.

Hotel das **Quatro Nações**, rua da Assembleia, nº 70.

Royal Hotel, rua Fresca, nº 3.

Hotel **dell'Universo**, rua da Assembleia, nº 50. *Ristorante a presso fisso alla carta.*

EM SANTA TERESA (MORRO DE)

Grande Hotel Santa Teresa. Na rua do Aqueduto, nº 48; e também com entrada pela rua dos Junquilhos. Bom e grande estabelecimento, tendo sempre salas e quartos mobiliados com elegância, um vasto salão para jantar e cozinha de primeira ordem. Pensão diária, tendo casa, comida e banhos 5\$ por pessoa. As crianças até 12 anos pagam 4\$ por dia; até 10 anos, 3\$500; e até 8 anos, 3\$. Aluga cômodos mensalmente, sem comida, a 50\$, 55\$, 60\$, 65\$ e 70\$, conforme o aposento, servindo para mais de uma pessoa. Cada dormida 2\$. Almoço ou jantar, sem vinho, 2\$ por pessoa. Tem excelentes

banhos de chuva, bilhares, diversos jogos e piano. É um excelente hotel. Passam os bondes pela entrada da rua dos Junquilhos.

Hotel da **Vista Alegre** e *casa de convalescentes*. Na rua do Aqueduto, nº 68; em frente ao largo do Poças. Grande e importante estabelecimento, situado em um ponto elevado, aprazível e pitoresco do morro de Santa Teresa, e de onde se desfruta o mais belo panorama. Recebe famílias e pessoas decentes. Os pensionistas pagam: indo à mesa redonda, 5\$; servidos particularmente, 6\$; crianças até 10 anos, 2\$. Pelos criados pagam os anos segundo o tratamento. Mesa redonda: almoço às 9h, 2\$; jantar às 4h30 da tarde, 3\$. Lanches a qualquer hora. Tem boas salas e casas independentes, banhos frios e quentes a qualquer hora, e de ducha, grátis para os hóspedes. Possui cômodos independentes para famílias de tratamento. Tem piano na sala de visitas. Este hotel é bom e todos os seus aposentos são arejados. Dele descortina-se grande parte da baía e da cidade, e a vista que se desliza aos olhos é toda cheia de encantos e atrativos. Tem carros para conduzir os passageiros à estação, carroças para bagagens e animais de montaria para passeios e tudo o mais que se pode desejar de confortável. Passam os bondes pela porta de entrada. Comunicação telefônica nº 3002.

Hotel **D. Luís**. Na rua do Aqueduto, nº 47. Tem aposentos para famílias, convalescentes e dormidistas^[51]. Pensionista por dia, tendo cômodo, comida e banhos, 4\$ por dia. Mesa redonda às 9h da manhã e das 3h30 às 4h da tarde. Almoço ou jantar, sem vinho, 2\$ por pessoa. Não tem piano. Passam os bondes pelo portão da entrada.

NO CATETE

Garson's Hotel, rua do Catete, nº 160, esquina da rua da Princesa. Diária por pessoa, 6\$. Almoço, sem vinho, 2\$; jantar, idem, 3\$. É casa recomendável, sendo os seus aposentos confortáveis e ventilados. Tem bilhares e piano. Comunicação telefônica nº 88.

Hotel dos **Estrangeiros**, no largo do Catete, começo da rua senador Vergueiro. É bem situado, grande e em excelente edifício isolado. Os seus bons aposentos regulam de diária de 6\$ a 12\$ por pessoa, incluindo comida e todo o serviço. Almoço, sem vinho, 3\$; jantar, idem, 4\$. Tem bom piano. É casa recomendável e goza de justa nomeada pelas suas magníficas acomodações e excelente serviço. É a residência de alguns membros do corpo diplomático estrangeiro. O mar fica-lhe próximo. Os bondes da companhia *Botanical Garden* passam pela porta de entrada do estabelecimento.

Grande Hotel, rua Marquês de Abrantes, nº 20. Situado no alto de uma pequena e linda colina, todo coberto de jardins, arvoredos e refrescado pelas brisas do mar, que se avista, é um dos melhores hotéis dos bairros do Catete e Botafogo e recomenda-se pela sua posição, bons aposentos e ótimo serviço. A sua entrada é poética e muito suave. Os bondes sobem e descem pelo portão de entrada. Pensão diária por pessoa 5\$ e 6\$, conforme o cômodo, incluindo todo o serviço. Pensão mensal para almoçar e jantar, 90\$. Almoço, sem vinho, 2\$; jantar, idem, 3\$. Tem piano. É bom hotel e a sua cozinha é magnífica. Comunicação telefônica nº 50.

[51] Segundo a Academia Brasileira de Letras, não há registro do termo no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) da ABL, nem nos dicionários disponíveis. Pelo contexto, parece referir-se a pessoa que repouse por algumas horas, que queira dormir por breve período de tempo, descansar, já que existe o verbo “dormitar” que significa “repousar pouco”.

EM BOTAFOGO

Hotel d'Angleterre, na praia de Botafogo, nº 140. Não há preço estipulado para os seus aposentos. Almoço, sem vinho, 2\$500; jantar, idem, 3\$. Tem piano.

Royal Hotel, na praia de Botafogo, nº 152. A casa é isolada e faz esquina com a rua D. Carlota, tendo plantas e arvoredos na frente. Aposentos para famílias e cavalheiros. Pensão diária 5\$ por pessoa. Almoço, sem vinho, 2\$; jantar, idem, 2\$500. Tem piano.

Hotel Balneário, defronte da rua Marquês de Olinda (Botafogo). Neste estabelecimento recebem-se pensionistas e famílias sob as mesmas condições dos principais hotéis e em nenhuma circunstância doentes.

NA TIJUCA

Hotel Aurora. Entrada pelo portão defronte da estação terminal da linha dos bondes. É exclusivamente para famílias e cavalheiros. Aposento para dormir por um mês 30\$, sendo 15 dias pagos adiantados, salvo quando a pessoa for conhecida ou recomendada. Chá à noite, café ou chá da manhã e pão com manteiga, biscoitos, doces, roscas ou bolachinhas, 10\$ por mês. Este preço é para ser servido na mesa redonda. Pensionistas convalescentes sendo servidos nos quartos pagam 5\$ diários, e indo à mesa redonda, 4\$. Criados ou criadas 1\$500 por dia. Jantar na mesa redonda 2\$ por pessoa, sem vinho. Este hotel é grande e acha-se colocado na fralda da serra. Tem excelentes banhos frios, de chuva e de cachoeira e um grande tanque para natação. Há piano na sala de visitas e bilhar.

Hotel Tijuca do Amorim. Na rua de Santa Carolina, nº 3. Para famílias, convalescentes e cavalheiros. Pensão diária, incluindo quarto, cama, mesa, luz e banhos, 5\$ por pessoa. Quarto incluindo chá, café e banhos, de 40\$ a 50\$ mensais, conforme o tamanho do aposento. Comida sem vinho: almoço 1\$500, jantar 2\$500. Tem banhos de chuva, cachoeira e natação.

Seatons Hotel. Na rua Conde de Bonfim, nº 117. Casa inglesa. Pensão diária 4\$, sem vinho; e 5\$ com vinho. Quarto com café e chá, 40\$ mensais. Há cômodos para mais de uma pessoa. Tem piano na sala de visitas.

Ville Moreau. É o hotel que fica mais elevado no Andaraí Pequeno. Os seus preços regulam com os do *Hotel Tijuca do Amorim*.

NO ALTO DA TIJUCA

Hotel Jourdain. Casa francesa. Pensão diária por pessoa, 5\$; crianças, 3\$; criados, 3\$. Os que forem servidos nos seus aposentos, com almoço ou jantar à parte, ou fora das horas da mesa redonda, pagam mais 1\$ por dia, além da sua pensão. As crianças são servidas à parte com os seus criados. Apresentam-se as contas aos sábados. O preço da pensão pode variar conforme a importância do aposento ocupado. De manhã, antes do almoço, há chá ou café, pão e manteiga. Mesa redonda: almoço das 9h30 às 10h da manhã; jantar às 5h da tarde. Tudo o que for fornecido aos pensionistas fora das horas de refeição é pago à parte. Tem bilhar. Há magníficos banhos de natação e de cascata. No estabelecimento encontram-se animais de montaria para passeios e excursões. É casa recomendável e acha-se colocada em um pequeno vale, circulado de cascatas, ouvindo-se constantemente o murmúrio das águas. As diligências da serra da Tijuca param no portão de entrada e ali fazem o seu ponto terminal de subida da referida serra. Comunicação telefônica nº 2010.

Whyte's Hotel. Casa inglesa. Fica próximo ao *Hotel Jourdain*, parando igualmente no portão da sua entrada as diligências da serra da Tijuca. Deste hotel dá-se sinal para a partida das referidas

diligências da serra, sinal que é ouvido do *Hotel Jourdain*, seu vizinho. Pensão diária sendo salão para uma pessoa, 16\$, e para duas, 12\$; quarto, idem, 6\$, e para duas pessoas, 12\$. Mesa redonda: almoço às 9h30 da manhã; lanche à 1h da tarde; jantar às 6h30 da tarde; e chá às 9h da noite. Comunicação telefônica nº 125.

2. CASAS DE PENSÃO

NA CIDADE

Casa de D. Maria, rua da Ajuda, nº 179. É recomendável e frequentada por famílias e deputados. Rua da Lapa, nº 101.

NO BAIRRO DO CATETE

Rua do Catete, nº 188, esquina da rua Dois de Dezembro.

Ladeira da Glória, nº 22, ou rua Barão de Guaratiba, nº 29 A.

IV. ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS

1. RESTAURANTES

NA CIDADE

Hotel **do Globo**, rua Primeiro de Março, nº 7. É bom. Tem salões para grandes jantares. Comunicação telefônica nº 99.

Hotel **Grande Oceano**, praça da Constituição, nº 8.

Hotel **Novo Mundo**, rua Primeiro de Março, nº 13.

Hotel **de Londres**, rua do Ouvidor, nº 113.

Hotel **Mangini**, praça da Constituição, nº 24.

Hotel **Consolo**, praça da Constituição, nº 22.

Hotel **Portugal**, rua do Sacramento, nº 1, esquina da praça da Constituição. É bom.

Hotel **de Bragança**, praça da Constituição, nº 20.

Hotel **de la Paix**, rua Nova do Ouvidor, esquina da do Ouvidor. Almoço 1\$500; jantar 2\$000.

Maison Dorée, largo da Carioca, nº 20. Almoço com vinho, pela lista 1\$500; jantar, idem, idem, 2\$. Pensões: almoço e jantar com vinho, 60\$; idem, idem, sem vinho, 50\$000.

Restaurant de la Terrasse, de Martin & C. No teatro São Pedro de Alcântara, praça da Constituição, sendo a entrada pelo lado da rua Sousa Franco, defronte do hotel de Bragança. Almoço: dois pratos a escolher pela lista, 1/2 garrafa de vinho, sobremesa e café, 800 rs. Jantar: sopa, três pratos, 1/2 garrafa de vinho, sobremesa e café, 1\$. Há mesas no terraço e em um grande salão. É recomendável. Do terraço, que é ornado de arbustos, descortina-se agradável vista, dominando-se boa parte da praça da Constituição.

Grand Restaurant de la Renaissance, de Pierre Labarthe, rua Uruguaiana, nº 41. Almoço: dois pratos a escolher pela lista, arroz, sobremesa e 1/2 garrafa de vinho, 800 rs. Jantar: sopa, três pratos a escolher pela lista, sobremesa, 1/2 garrafa de vinho e café, 1\$000. É bom.

Restaurante **Français**, rua Santo Antônio, nº 8. Almoço ou jantar com vinho 600 rs. Serve bem.
Au Rocher de Cancalle, rua Nova do Ouvidor, nº 30.

Restaurante **Rival** (antiga e conhecida casa do Silva), rua dos Ourives, nº 41.

Hotel **Restauração**, rua Sousa Franco, nº 33.

Hotel da **Europa**, rua de São José, nº 111. Almoço: sopa, dois pratos, sobremesa e café, 800 rs.; jantar: sopa, três pratos, sobremesa e café, 1\$000. Fornece comida para casas particulares.

Hotel **Bragantino**, praça da Constituição, nº 58.

Restaurante **Rio de Janeiro**, largo de São Francisco de Paula, nº 18.

Restaurante **Bahiano**, rua Uruguaiana, nº 39 B. Almoço: três pratos a escolher, pão e sobremesa, 500 réis. Jantar: três pratos a escolher, sopa, arroz, pão e sobremesa, 600 rs. Cozinha à baiana. Vendem-se assinaturas mensais com 10% de abatimento.

Restaurante **Bordeaux**, rua da Uruguaiana, nº 52. Almoço, a escolher pela lista: dois pratos, arroz, sobremesa, vinho e café, 700 rs. Jantar, idem: sopa, três pratos, arroz, sobremesa, vinho e café, 900 rs. Aberto até 1 hora da noite.

Grande Hotel **Chinês**, rua do Ouvidor, nº 74. Almoço ou jantar, 600 rs.; sendo ao almoço quatro pratos e chá ou café, pão e manteiga; ao jantar, seis pratos e sobremesa. Fornece comida para fora e recebe pensionistas a preços razoáveis.

Restaurant du Dauphiné, rua do Espírito Santo, nº 27. *Pension à domicile: complète*, 50\$; *sans vin* 40\$.

Hotel **Familiar**, rua Gonçalves Dias, nº 32, sobrado. Nesta casa encontra-se sempre talharim e outras massas especiais. Recebem-se pensionistas e aprontam-se encomendas de almoços ou jantares.

Hotel **Fidelidade**, rua da Uruguaiana, nº 55, 1º andar. Almoço ou jantar, 500 rs. Recebem-se pensionistas e fornece comida para fora.

Restaurant **Petit Paris**, rua Uruguaiana, nº 14.

Hotel **Ouvidor**, rua Uruguaiana, nº 76. Almoço até 1h da tarde, 800 rs., jantar até 8h da noite, 1\$. Aberto até 1h da noite.

Hotel **Luso-Chinez**, rua do Hospício, nº 97, sobrado. Fornece comida a pensionistas em mesa redonda, em separado, e em casas particulares, a toda hora do dia. Almoço ou jantar avulso, com ½ garrafa de vinho, 1\$; sem vinho, 600 rs.

Thome's Hotel, rua da Alfândega, nº 3, sobrado.

Restaurante **Lacombe**, rua São José, nº 30, sobrado. Almoço, sem vinho, 600 rs.; jantar, idem, 800 rs.

Hotel **Leão de Ouro**, rua da Candelária, nº 6, sobrado.

Restauration & Bierhalle, rua da Alfândega, nº 2 A.

Lunch & Restauration, rua da Alfândega, nº 10.

EM BOTAFOGO

Restaurante da **Sereia**, na praia de Botafogo, nº 236.

Restaurante **Botanical**, na mesma praia, nº 250, esquina da rua Voluntários da Pátria.

NO JARDIM BOTÂNICO

Chalet Restaurant Campestre, rua Jardim Botânico, quase em frente ao portão do Jardim. Como indica o seu título, é um hotel de campo, todo circulado de frondosos arvoredos. Almoço, sem vinho, 1\$500; jantar, idem, 2\$. Tem comida a qualquer hora do dia ou da noite. Aberto até as 2 horas da

madrugada. Tem bilhar, aparelhos de ginástica e balanços para senhoras. O restaurante é frequentado pelas famílias que costumam visitar ou passam o dia no Jardim Botânico. As mesas são separadas e acham-se dispostas por debaixo das árvores, o que lhes dá um certo cunho de beleza. Recebe encomendas pelo telefone. Os bondes da linha *Botanical Garden* passam pelo portão de entrada. Comunicação telefônica nº 1003.

EM VILA ISABEL

Hotel **Daury**, rua Boulevard Vinte e Oito de Setembro.

Hotel **Candeau**, rua Boulevard Vinte e Oito de Setembro.

2. COMIDAS FRIAS

Na praça da Constituição, nºs 15, 17, 17 A e 19 A; rua do Espírito Santo, nºs 1 e 3; rua Primeiro de Março, nº 39; rua da Carioca, nº 73; rua Gonçalves Dias, nº 37, *Novo Petrópolis na Corte*. Recebem diariamente de Petrópolis manteiga, queijos de Brie, linguças, pão preto, couve-flor, legumes etc. As casas da praça da Constituição são muito frequentadas à noite, principalmente depois de terminados os espetáculos. Na maior parte das confeitarias e cafés encontram-se sempre comidas frias.

3. CAFÉS

Além de café, servem também doces, bebidas, refrescos e em algumas casas, comidas frias. São numerosos os cafés no Rio de Janeiro. Vão mencionados alguns dos situados na parte de mais movimento da cidade. Cada xícara de café custa 60 rs. Leite, 80 rs. Café e leite, 60 rs. Um almoço constando de café, leite, torrada e manteiga, 300 rs. Almoço de chocolate, 500 rs. Ceia de café ou chá etc., 300 rs. Um refresco custa 200 rs. Um cálice de conhaque ou de qualquer outra bebida 200 rs.; há casas, porém, que cobram 400 e 500 rs.: assim, para as bebidas torna-se sempre conveniente conhecer-se os seus preços antes de fazer-se uso. Uma garrafa de cerveja nacional, 400 rs.; inglesa ou alemã, 1\$. Em algumas casas, porém, cobram pela cerveja estrangeira 1\$200 e 1\$500. Fiambre e pão, 500 rs. Dois ovos estrelados ou fritos e pão, 500 réis. Dois ovos quentes, sem pão, 300 réis.

Os cafés de mais nomeada são: **Brasil** (rua do Ouvidor, nº 131), o **de Londres** (mesma rua, nº 113), o **Grand Café Anglais** (mesma rua, nº 153), o do **Amorim** (no beco das Cancelas, esquina da rua do Rosário) e o **do Globo** (rua Primeiro de Março, nº 7).

POR ORDEM ALFABÉTICA DE RUAS

Carioca (largo da), nº 4, esquina da rua São José, VICTORIA; nº 20, MAISON DORÉE; nº 22, DA CARIOCA. Na rua do mesmo nome, nº 1 B, FRANÇAISE.

Constituição (praça da), nº 1, DE VENEZA; nºs 15, 17 e 19, STADT COBLENTZ; nº 21, nº 26, OLINDA; nº 61, DA CONSTITUIÇÃO.

Gonçalves Dias (rua), nº 20, DO IMPÉRIO.

Hospício (rua do), nº 27, COMERCIAL; nº 95.

Mercado (rua do), nº 4, ATLÂNTICO.

Ourives (rua dos), nº 10, PROGRESSO DE COPACABANA; nº 72, esquina da rua do Rosário, PARAGUASSU.

Ouvidor (rua do), nº 42, esquina do beco das Cancelas; nº 50, DA AMÉRICA; nº 113, DE LONDRES: é bom; nº 131, BRASIL: é excelente e talvez o melhor; nº 153, GRAND CAFÉ ANGLAIS: o seu salão é o mais vasto de todos os cafés da cidade e a ornamentação é luxuosa, é bom; nº 155, esquina do largo de São Francisco de Paula, DE JAVA.

Candelária (rua da), nº 21, CENTRO DO COMÉRCIO.

Primeiro de Março (rua), nº 7, DO GLOBO: é bom; nº 9; nº 39, AMERICANO.

Quitanda (rua da), nº 96; nº 135, DA LIBÉRIA.

Rosário (rua do), nº 44 A, esquina do beco das Cancelas, DO AMORIM; goza de nomeada; nº 96, esquina da rua dos Ourives, PARAGUASSU.

São Francisco de Paula (largo de), nº 14, CERCLE DE L'ACADEMIE; nº 18, RIO DE JANEIRO. Na travessa do mesmo nome, nº 22, GRANDE UNIVERSAL.

São Pedro (rua de), esquina da Candelária, CENTRO DO COMÉRCIO.

Sousa Franco (rua de), antiga do Teatro, nº 17, DO GUARANY.

Uruguiana (rua da), nº 91.

4. CONFEITARIAS

Além da venda de doces secos e em calda, biscoitos etc. servem frutas, lanches, conservas, bebidas, refrescos, sorvetes e encarregam-se de preparar banquetes para batizados, casamentos, saraus etc. fornecendo todo o necessário, criados inclusive.

As mais famosas são: **Cailtau**, rua do Ouvidor, nº 130; **Castelões**, na mesma rua, nº 114; **do José**, idem, nº 105; **Deroche**, idem, nº 119; e **Paschoal**, idem, nº 126.

NA CIDADE

Aclamação (campo da), nºs 121 e 123.

Alfândega (rua da), nº 246.

Carioca (largo da), nºs 12 a 16. Na rua do mesmo nome, nº 52, VENEZIANA; nº 73, PATISSERIE FRANÇAISE.

Constituição (praça da), nº 30, de SÃO JOÃO; nºs 52 e 54.

Conde d'Eu (rua), nº 104.

General Câmara (rua), nº 225.

Gonçalves Dias (rua), nº 15, de CINTRA; nº 58; nº 75; Comunicação telefônica nº 49; nº 77.

Hospício (rua do), nº 86.

Lapa (largo da), nº 1, DO DESTINO. Na rua do mesmo nome, nº 21.

Lavrado (rua do), nº 1, esquina da Visconde do Rio Branco, do PELICANO; nº 120; nº 124.

Misericórdia (rua da), nºs 14, 27 e 36.

Ourives (rua dos), nº 122.

Ouvidor (rua do), nº 32, LEÃO DE OURO; nº 78, FLUMINENSE; nº 105, SÃO JOSÉ; nº 114, CASTELÕES; nº 119, DEROCHÉ; nº 124, BRAÇO DE OURO; nº 126, PASCHOAL; nº 130, CAILTAU.

Praíha (rua da), nº 73.

Primeiro de Março (rua), nº 5, IMPERIAL.

Santa Rita (largo de), nº 22.

São Bento (rua de), nº 25.

São Francisco de Paula (largo de), nºs 10, 16 e 18.

São José (rua), nº 64.

São Pedro (rua), nºs 152 e 154.

Saúde (rua da), nº 185.

Senador Eusébio (rua), nº 83.

Sete de Setembro (rua), nºs 7, 9 e 58.

Sousa Franco (rua), nº 17, BON MARCHÉ.

Visconde do Rio Branco (rua), nº 11, esquina da rua do Lavradio, do COMÉRCIO.

NO CATETE

Catete (rua do), nºs 73, 99, 176, 211 e 228.

EM BOTAFOGO

Botafogo (praia de), nº 250, esquina da rua Voluntários da Pátria, BOTANICAL; nº 254, esquina da rua da Passagem.

Marquês de Olinda (rua), nº 26.

São Clemente (rua), nºs 22, 24 e 78 A.

5. CERVEJARIAS

Exceto a cerveja *Mineira* e a *de Petrópolis*, toda outra nacional é vendida, a varejo, por 200 rs. a garrafa e 120 rs. a meia garrafa, nas cervejarias. A *Mineira* custa: 1 garrafa, 500 rs., e 1/2, 300; e a *de Petrópolis*: 1 garrafa, 300 rs., e 1/2, 200 réis.

Cerveja *Mineira* de Augusto Kremer & Cia. de Juiz de Fora: depósito na rua da Carioca, nº 52. De 25 a 100 garrafas: inteiras custa 360 rs. a garrafa, sem o casco; meias a 220 réis.

Cerveja *de Petrópolis* de C. O. Kleinpaul; depósitos na rua Sete Setembro, nº 64, e na rua Gonçalves Dias, nº 36. Dupla branca ou preta: 25 garrafas inteiras, 5\$; 25 meias garrafas, 3\$. Especial: 25 garrafas inteiras, 6\$500; 25 meias, 3\$800. Nestes preços não se incluem as garrafas. Por uma garrafa paga-se 60 rs. e por meia, 40 réis.

Cerveja *de Petrópolis* de João Becker; depósito na Nova do Ouvidor, nº 27. Preços a varejo e em porção: Dupla: 1 garrafa, 300 rs.; 1/2 garrafa, 200 rs.; 25 garrafas inteiras, 5\$; 25 meias, 3\$. Dupla preta: 1 garrafa, 400 rs.; 1/2 garrafa, 200 rs.; 25 inteiras, 6\$500; 25 meias, 4\$. Especial: 1 garrafa 400 rs.; 1/2 240; 25 inteiras, 6\$500; 25 meias, 4\$. Especial preta: 1 garrafa, 500 rs.; 1/2, 300 rs.; 25 inteiras, 7\$; 25 meias, 4\$500. Todos esses preços são sem o casco e não se paga carroto, levando-se a encomenda nas casas designadas pelos compradores.

Aclamação (campo da), nº 43.

Ajuda (rua da), nº 53.

Andradas (rua dos), nº 17.

Carioca (rua da), nº 52, depósito da cerveja *Mineira*, de Augusto Kremer & Cia. de Juiz de Fora, nº 94; nº 130.

Conceição (rua da), nº 26.

Guarda Velha (rua da), nº 12, junto ao teatro D. Pedro II.

Marrecas (rua das), nº 7, Stoffel.

Nova do Ouvidor (rua), nºs 21, 23 e 27.

Passeio (rua do), nº 15, Schumann.

Riachuelo (rua do), nº 86, Léon Leiden; nº 94 — Logos.

Sacramento (rua do), nº 12.

Saúde (rua da), nº 11.

Senador Eusébio (rua), nº 86, cerveja *Christina*.

Sete de Setembro (rua), nº 64, depósito da cerveja de *Petrópolis*, de C. O. Kleinpaul, nº 141; e nº 151.

Sousa Franco (rua), nº 23.

6. VINHOS

Alfândega (rua da), nº 83. Vinhos franceses: Château Lafitte, Château Léoville, Château Larose, Château Rauzan, Château Belair Margaux, St. Julien Grand Vin, St. Emilien, Lormont Sauterne 1^{er} choix, Sauterne crème, St. Julien Médoc, Sauterne, Volnay, Chambertin, Clos de Vougeot, Chablis.

Areal (rua do), nºs 15 e 27. Vinho de cevada. Litro, 600 rs.; garrafa, 400 rs. É aprovado pela Junta de Higiene Pública.

Assembleia (rua da), nº 4. Vinhos italianos: Monferrato, Ischia, Moscat, Barolo, Nebiolo e Barbera. Fernet branca, conhaque e licores de todas as qualidades, nº 35. Vinhos, comestíveis etc., nº 50. Vinhos italianos, Vermouth, Fernet etc., nº 98. Vinhos, conservas, doces.

General Câmara (rua), nº 23. Vinho de Paul Ilaugergues, de Bordeaux; caixa 7\$000.

Hospício (rua do), nº 40. Vinhos e comestíveis.

Misericórdia (rua da), nº 10. Agência de vinhos Lajoux. Vinho virgem, garrafa, 400 rs.; dito marcas registadas, 440 rs.; dito Lisboa superior, 480 rs.; dito Bordeaux (de 50 garrafas para cima, 360), 400 rs.; Bordeaux, quinta Lajoux, 400 rs.; do Porto, quinta da Barca, 500 rs.; de Lisboa, quinta Formosa, 500 rs.; de Lisboa, quinta Vitória, 500 rs.; de Lisboa, velho, 600 rs.; do Porto, 800 rs.; branco, superior, Victoria, 500 rs.; dito Formosa Extra, 600 rs.; em caixas, 8\$: finos, do Porto, 12\$, 14\$, 16\$, 18\$, 22\$ e 28\$; Bordeaux finos, em caixa, quinta Lajoux, 8\$, 10\$ e 12\$; St. Julien e St. Esteffe, em garrafa, 640 rs.; dito Medoc, fino, 600 rs.; dito do Porto, engarrafado na casa, 800 rs.; dito de caixa, 1\$, 1\$200, 1\$300, 1\$500, 2\$, 2\$800 e 3\$; dito Moscatel, 1\$500 e 2\$; Cognac Fino Champagne, M. Brizard, 3\$300; dito Companhia Franco Brasileira, 2\$500; dito Moscatel, do Fonseca, 2\$; licor St. Emilion, 1/4, 1\$, 1/2, 1\$500 e 1, 12\$800; dito Anizete e Curaçau, botija, 2\$; Maraschino, 1^a marca, frasco, 2\$800; genebra Fokink, botija, 1\$200; vinagre legítimo de uvas, 400 rs.; depósito dos vinhos de Champagne, Ch. Vernier, ex-sócio de T. Roederer, de 2\$800 a 6\$000. Vinhos do Douro: em barris de quinto, 50\$; em décimo, 26\$; em garrafa, 400 rs.; em litro, 600 rs.; em pipas, 240\$; em garrafa, 400 réis. Vinho de Bordeaux: em quartola, 110\$; em lotes de 50 garrafas, 360 rs.; de uma a 25 ditas, 400 rs.; de 50 garrafas para cima, 360 réis. Recebem-se encomendas na praia de Botafogo, nº 222.

Ourives (rua dos), nº 3, esquina da Assembleia. Vinhos, licores etc.; nº 23 e 25. Vinhos; nº 47. Vinhos e comestíveis.

Ouvidor (rua do), nº 128. Vinhos da Companhia Geral do Alto Douro. Vinhos: do Porto genuíno, Xerez, Madeira, Bucellas, Collares, Rheno, Bordeaux, Sauterne, Champagne, Bourgogne, Moscatel de

Setúbal etc. Licores: Chartreuse, St. Emilion, Benedictinus, Curaçau, Anisette, Kummel, Creme de cacau, Chá, Marrasquino e todos os licores de Rivoire Frères, Marie Brizard & Roger e muitos outros. Conhaques: Moscatel de Setúbal, Fine Champagne (marca Marie Brizard & Roger), o apreciado cognac de l'Advocat, Courvoisier etc.

Primeiro de Março (rua), nº 60, João José dos Reis & C. Vinhos da Companhia Geral da Agricultura das vinhas do Alto Douro.

● TABELA DE PREÇOS FIXOS

QUALIDADES	Pipa	Quarto	Quinta	Décimo	Caixa	Litro	Garrafa
Vinho sem aguardente					12\$		1\$200
Dito Mesa nº 1	380\$	96\$	78\$	40\$		1\$	\$700
Dito Mesa nº 2	360\$	92\$	74\$	38\$		\$900	\$640
Dito Fino Mesa 1ª			140\$	75\$	16\$		1\$600
Dito Branco			150\$	80\$	17\$		1\$700
Dito Diamante					17\$		1\$700
Dito Feitoria 3ª			170\$	90\$	18\$		1\$800
Dito Feitoria 2ª			180\$	100\$	20\$		2\$000
Dito Feitoria 1ª			200\$	110\$	25\$		2\$500
Dito Bastardo					25\$		2\$500
Dito Branco Superior			200\$	120\$	26\$		2\$600
Dito Malvasia					28\$		2\$800
Dito Moscatel					30\$		3\$000
Dito Dois Cachos			270\$	140\$	30\$		3\$000
Dito Lágrima					35\$		3\$500
Dito Malvasia Rico					45\$		4\$500
Dito 1815					50\$		5\$000
Dito Lágrima Rico					50\$		5\$000
Dito Duque					50\$		5\$000
Dito Bastardo Rico					60\$		6\$000
Dito Branco Imperial					60\$		6\$000
Dito Tinto Imperial					80\$		8\$000
Dito Extra 1ª					100\$		10\$000
Dito Duque Premiado					120\$		12\$000
Geropiga					30\$		3\$000
Aguardente					35\$		3\$500
Vinagre			60\$	35\$		\$840	\$600

Nos preços do vinagre e vinhos de mesa nºs 1 e 2, por garrafa, não está incluído o custo desta.

Primeiro de Março (rua), nº 64 A. Vinhos genuínos portugueses de J. L. Monteiro, em caixas de 12 garrafas: Castello d'Ouro, Clarete, Vale Flor, Torre Dona, Verde, de Celorico de Bastos. Por atacado e a varejo.

Rosário (rua do), nº 113. Vinhos.

Sete de Setembro (rua), nº 40. Vinhas, conservas, doces etc.

Teófilo Otoni (rua), nº 20. Vinho paulista, puro de uvas. Em quintos e em décimos.

7. GELO

Gelo natural: rua Primeiro de Março, nºs 2 e 4; um quilo 160 rs., e sendo acondicionado com serradura de madeira, 200 rs. Artificial: na Fábrica, à rua Santa Luzia, nºs 55 e 57; nos depósitos: rua da Assembleia, nº 11, rua general Pedra, nº 95, Gonçalves Dias, nº 45, São Pedro, nº 23, da Saúde, nº 32, Sete de Setembro, nºs 13 e 16; tanto na fábrica como nos seus depósitos custa um quilo 100 rs. Em todos os hotéis, restaurantes, cafés, confeitarias e cervejarias.

V. ASSEIO

1. BANHOS

Frios e quentes, de chuva e de choque. Rua do Carmo, nº 28: quentes: um, 1\$, 7 cartões, 5\$; de chuva: um 1\$, 10 cartões, 5\$; de Barèges: um, 1\$500, 7 cartões, 6\$400; de farelo: um, 1\$500. Rua Fresca, nº 1: banho avulso, 800 rs.; 5 cartões, 3\$. Rua Carvalho de Sá, nº 1; rua do Ouvidor, nº 149; e rua da Uruguiana, nº 47.

De mar e de chuva de água salgada. Praia do Flamengo (entrada pelas ruas Dois de Dezembro e Buarque de Macedo), onde custam banhos de mar: avulsos 200 rs.; 30 cartões, 5\$; com roupa, 7\$; lavagem e conservação da roupa, 2\$. Rua de Luís de Vasconcellos (Boqueirão do Passeio), nºs 2 e 4. Banhos de mar: avulsos, 200 rs.; assinatura de 30 banhos, 5\$; lavagem de roupa, 2\$ mensais. Banhos de chuva avulsos, 1\$; e assinatura de 15 banhos, 10\$. Alugam-se gabinetes e vestimentas. Há café e bebidas à entrada do estabelecimento. Rua de Santa Luzia, nº 1. *Palácio flutuante*, com magnífico tanque de natação. Abre-se às 4h30 da manhã. O embarque é no cais Pharoux nos escaleres da companhia.

Duchas (aplicação de) sob direção médica, no Motel Balneário, em frente à rua do Marquês de Olinda (Botafogo). Preços: 30 cartões, 45\$; 15 ditos, 20\$.

2. CALISTAS^[52]

Encontram-se nas casas de banhos e ruas do Gragoatá, nº 81; do Hospício, nº 57, 1º andar; e Primeiro de Março, nº 29, sobrado.

[52] Profissional que trata dos calos dos pés. Atualmente, pedicure.

3. BARBEIROS E CABELEIREIROS

Nas casas de sobrado uma barba custa 300 rs.; corte de cabelo, 500 rs.; lavagem de cabeça, 500 rs.; fricção, 500 rs.; e assinaturas mensais para todo este serviço, 5\$ e 4\$. A casa Chesneau cobra, porém, por uma barba, 500 rs., e é a única que mantém este preço. Nas casas térreas, conservam o mesmo preço, exceto para a barba, que custa 200 rs., e a assinatura mensal, que é de 3\$ e 2\$500. Em qualquer dessas casas pode-se confiar navalhas, pentes, escovas etc. para o uso daqueles que desejam ser servidos com objetos próprios. Tudo é guardado em pequenas gavetas apropriadas e numeradas. O freguês não paga mais pela conservação dos seus objetos.

CASAS DE SOBRADO

Alfândega (rua da), nº 10.

Gonçalves Dias (rua), nº 75.

Ourives (rua dos), nº 6, L. BALDRACO; nº 69; nº 73, SALÃO CONSTANTINO.

Ouvidor (rua do), nºs 27, 75, 94, CHESNEAU; custa a barba 500 rs.; nºs 128, 142.

Quitanda (rua da), nºs 49, 81.

São Francisco de Paula (largo de), nº 18.

Uruguaiana (rua), nº 53, HIPPOLYTE EFFANTIN.

CASAS TÉRREAS

Ajuda (rua da), nº 115.

Alfândega (rua da), nº 21 A.

Andradas (rua dos), nº 6 A.

Assembleia (rua da), nº 113.

Cancellas (beco das), nº 1 A.

Candelária (rua da), nºs 18 D, 31 B.

Carioca (rua da), nº 108.

Carmo (rua do), nº 24.

Constituição (praça da), nºs 1, 9, 56.

D. Manuel (rua), nºs 10, 24.

Gonçalves Dias (rua), nº 38, SALÃO

GUIMARÃES.

Guarda Velha (rua da), nº 21.

Hospício (rua do), nºs 57, 99.

Lapa (rua da), nº 26.

Lavrado (rua do), nºs 47, 173.

Luís de Camões (rua), esquina da travessa da Academia, nº 30.

Ourives (rua dos), nº 115.

Praíha (rua da), nº 46.

Quitanda (rua da), nºs 4, 123 A, 124, 132.

Rosário (rua do), nº 98.

São Francisco de Paula (travessa de), nº 15.

São José (rua), 15, 98.

Sete de Setembro (rua), nºs 95, 111.

Sousa Franco (rua), nº 25.

Teófilo Otoni (rua), nºs 29 B, 162.

Uruguaiana (rua), nº 2, PARIS NA AMÉRICA; nºs 78, 95 A, 103.

VI. INFORMAÇÕES

1. CORPO DIPLOMÁTICO ESTRANGEIRO NO RIO DE JANEIRO

AMÉRICA

Estados Unidos da América. Thomas A. Osborn, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; Petrópolis. John C. White, secretário; rua Nova das Laranjeiras, nº 7.

República Argentina. D. Jacinto Villegas, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; hotel dos Estrangeiros. Arturo Villegas, secretário honorário.

República Oriental do Uruguai. Dr. D. José Vazquez Sagastume, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial; hotel dos Estrangeiros. D. Joaquim Henriques Figueira, oficial de 1ª classe. D. Luís Mangico, oficial de 2ª classe.

EUROPA

Alemanha. R. Le Maistre, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; praia de Botafogo, nº 110. Conde de Monts, secretário (ausente).

Áustria-Hungria. Barão de Seiller, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; hotel Carson.

Bélgica. Frederico Hoorickx, ministro residente; hotel Carson.

França. Conde Amelot de Chaillou, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; hotel dos Estrangeiros. Conde B. Persan, secretário de embaixada de 2ª classe.

Grã-Bretanha. Edwin Corbtt, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; hotel dos Estrangeiros. Arthur Francis Gresham Leveson Gover, 2º secretário.

Espanha. D. Mariano de Potestad, ministro plenipotenciário; rua Marquês de Abrantes, nº 78.

Itália. Conde Sallier de La Tour, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário; hotel d'Angleterre. Cavalheiro Alberto de Foresta, secretário.

Portugal. Manuel Garcia da Rosa, 1º secretário, encarregado de negócios interino; Petrópolis.

Rússia. C. N. Lischine, encarregado de negócios interino; hotel dos Estrangeiros.

Santa Sé. Monsenhor Maria Mocenni, Internúncio apostólico e enviado extraordinário; Convento do Carmo.

2. CONSULADOS

Alemanha, rua da Alfândega, nº 53.

Áustria-Hungria, rua da Alfândega, nº 40.

Bolívia, rua Primeiro de Março, nº 95.

Colômbia, rua do Rosário, nº 6.

Chile, rua Primeiro de Março, nº 41, sobrado.

Confederação Argentina, rua da Quitanda, nº 117.

Dinamarca, rua Teófilo Otoni, nº 50.

Estados Unidos, rua Visconde de Inhaúma, nº 30.

França, rua general Câmara, nº 55.

Grécia, rua do Carmo, nº 40.
Espanha, rua Sete de Setembro, nº 68.
Holanda, rua Fresca, nº 5.
Inglaterra, travessa de D. Manuel, nº 2.
Itália, rua da Quitanda, nº 49.
Paraguai, rua Primeiro de Março, nº 95.
Peru, rua da Alfândega, nº 2 B.
Portugal, praça da Constituição, nº 38.
Rússia, rua Primeiro de Março, nº 71.
Suécia e Noruega, rua Teófilo Otoni, nº 54.
Suíça, rua dos Ourives, nº 101 A.
Uruguai (República oriental do), consulado-geral, rua Primeiro de Março, nº 41, sobrado; vice-consulado, rua Visconde do Rio Branco, nº 51, sobrado.
Venezuela, rua do Rosário, nº 11.

3. LEGAÇÕES

Alemanha, rua da Alfândega, nº 53.
Bolívia, rua Primeiro de Março, nº 95.
Confederação Argentina, rua da Quitanda, nº 117.
Áustria-Hungria, rua da Alfândega, nº 40.
Bélgica, rua da Quitanda, nº 41 B.
Chile, rua da Alfândega, nº 6.
Estados Unidos, rua Visconde de Inhaúma, nº 30 e rua Nova das Laranjeiras, nº 7.
França, rua general Câmara, nº 55.
Espanha, rua Sete de Setembro, nº 68.
Inglaterra, travessa de D. Manuel, nº 2.
Itália, rua da Quitanda, nº 45.
Portugal, praça da Constituição, nº 38.
Roma, Convento do Carmo.
Rússia, Petrópolis.

4. GAZETAS E REVISTAS

O Rio de Janeiro conta um regular número de gazetas noticiosas e revistas científicas e literárias. As gazetas diárias vendem-se nas ruas, nos quiosques, nas agências e nas estações das estradas de ferro, das barcas e dos bondes. As mais lidas são a *Gazeta de Notícias*, cuja tiragem regula de 24 a 26 mil exemplares diários, e o *Jornal do Commercio*, o decano da imprensa brasileira.

NOTICIOSAS

Diário Oficial. Publica os atos oficiais do governo e os debates do Senado e da Câmara dos Deputados. Escritório e oficina na Tipografia Nacional: rua da Guarda Velha. Número avulso: 60 rs.

Assinatura: 16\$ por ano, 8\$ por semestre e 4\$ por trimestre, tanto para a corte como para as províncias. Nas províncias assina-se nas repartições de renda do Estado. O preço das publicações dos atos oficiais que interessem a particulares é de 160 rs. por linha; excetuam-se os decretos concedendo privilégios, cuja publicação é gratuita. As publicações solicitadas custam 100 rs. por linha. *Anúncios*: por linha até três vezes 100 rs.; idem, de 4 a 14, 90 rs.; idem, de 15 a 30, 80 rs.; mais de 30 vezes, 70 rs. Nenhum anúncio paga menos de 300 rs.

AGÊNCIAS DO DIÁRIO OFICIAL

Largo de São Francisco de Paula (quiosque): praça Onze de Junho, nº 15 B; rua do Lavradio, nº 41; rua do Riachuelo, na Estação do Plano inclinado; largo da Lapa, nº 1; pontes das *Barcas Ferry* na corte, Niterói e São Domingos; rua Larga de São Joaquim, nº 150; ponto dos bondes em Botafogo: praça da Aclamação, nº 51; Estação da Estrada de Ferro D. Pedro II; rua do Catete, nº 173.

Gazeta de Notícias, cuja tiragem regula de 24 a 26 mil exemplares. É a gazeta de maior circulação do Rio de Janeiro e do Brasil, tendo, entretanto, aparecido a 2 de agosto de 1875. Número avulso: 40 rs.; os números dos dias anteriores, 100 rs. Escritório: rua do Ouvidor, nº 70. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 72. Assinatura: 12\$ por ano e 6\$ por 6 meses para a corte e Niterói; e 16\$ por ano e 8\$ por 6 meses para as províncias. As assinaturas só podem terminar em março, junho, setembro e dezembro. *Avisos*: no corpo do noticiário, 3\$ por linha, e no fim, 1\$ idem; na respectiva seção, 500 rs. *Publicações a pedido*: 150 rs. por linha. *Anúncios*: 140 rs. por linha; quando a rubrica é em títulos garrafais paga-se o espaço, contando-se como linhas. Dá uma edição semanal, às terças-feiras. Assinatura: 3\$ por semestre e 5\$ por ano para as províncias; e 6\$ por semestre e 10\$ por ano para o estrangeiro. Esta edição é de muita vantagem para as pessoas do interior, não só pelo preço como ainda pela rapidez com que se encontram as notícias dos fatos importantes e de interesse geral ocorridos durante a semana. Tudo quanto se publica de interessante na folha diária é reproduzido nesta edição, como sejam, além do noticiário, artigos de fundo, parte comercial, folhetim-romance e uma revista da semana expressamente feita, as correspondências e os folhetins dos colaboradores Luís Guimarães, Ramalho Ortigão, M. Pina, Eça de Queirós e José Carlos Rodrigues, em Portugal, França, Inglaterra e Estados Unidos. Os assinantes de ano têm direito a um exemplar do *Almanaque da Gazeta de Notícias*. Os agentes do correio recebem assinaturas, tanto para a edição semanal como para a edição diária. A importância das assinaturas e publicações pode ser remetida pelo correio em carta registrada, com valor declarado, a *Araújo, Mendes & C.*, Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, nº 70. Comunicação telefônica nº 13.

Jornal do Commercio. Escritório e Tipografia: rua do Ouvidor, nº 61. Depois da *Gazeta* é a folha de maior circulação. O seu primeiro número é de 1º de outubro de 1827. Assinatura: corte e Niterói por ano, 30\$; 9 meses, 22\$500; 6 meses, 15\$; 3 meses, 8\$. Províncias: por ano, 34\$; 9 meses, 27\$; 6 meses, 18\$; 3 meses, 10\$. Número avulso: 100 rs. A assinatura paga-se adiantada: pode começar em qualquer dia, mas acaba sempre em fins de março, junho, setembro ou dezembro. Não se recebem assinaturas por menos de três meses. *Avisos*: até cinco linhas, 5\$, daí por diante as mais que se lhes seguirem 1\$. *Publicações a pedido*: 120 rs. por linha e mais 10% sobre a totalidade. *Anúncios*: 120 rs. por linha, pagando como linhas as rubricas em tipos garrafais. Comunicação telefônica nº 11.

O Cruzeiro. Número avulso: 40 rs. Escritório e Tipografia: rua do Ouvidor, nº 63. Assinatura: 12\$ por ano; 6\$ por 6 meses e 3\$ por 3 meses para a corte e Niterói; 16\$ por ano, 12\$ por 9 meses e

8\$ por 6 meses, para as províncias. *Avisos*: 500 rs. por linha. *Publicações a pedido*: 120 rs. por linha. *Anúncios*: 100 rs. por linha. Comunicação telefônica nº 12.

Diário do Brasil. Escritório: rua do Ouvidor, nº 143. Assinatura: por ano, 10\$; 6 meses, 6\$; 3 meses, 4\$. Número avulso: 40 rs. *Declarações*: 200 rs. por linha. *Publicações solicitadas*: 200 rs., idem. *Avisos*: 200 rs., idem. *Anúncios*: 120 rs., idem.

Gazeta da Tarde. Escritório e oficina: rua da Uruguaiana, nº 43. Sai às 4h da tarde, mais ou menos. Dá duas edições, aparecendo a segunda à noite. Assinatura: 12\$ por ano, 6\$ por 6 meses; 3\$ por 3 meses para a corte; 15\$ por ano, 8\$ por 6 meses para as províncias. Número avulso: 40 rs. Comunicação telefônica nº 71.

Globo (O). Publicação diária da tarde. Escritório e Tipografia: rua do Ouvidor, nº 118. Vende-se a 40 rs. o número avulso. Assinatura: 15\$ por ano; 8\$ por 6 meses para a corte e províncias. Sai às 4h da tarde, mais ou menos. Publica duas edições; a segunda é entregue aos assinantes às 6h da tarde, com as notícias da última hora. Dá aos domingos uma edição literária e ilustrada sob o título *O Globo Ilustrado*, que se vende avulso a 200 rs. cada exemplar e custa a assinatura 12\$ por ano para a corte e província. Assinatura para o *Globo* diário e o *Globo Ilustrado* 24\$ por ano para a corte e interior. Comunicação telefônica nº 67.

A Tribuna Portuguesa. Órgão dos interesses portugueses. Escritório: rua da Misericórdia, nº 79. Assinatura: corte, 3 meses, 3\$; província, ano, 14\$. *Anúncios*: 60 rs. por linha, e sendo dos assinantes 40 rs.

Correio Luso-Brasileiro. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 143.

Le Messenger du Brésil. Escritório e Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 131. Assinatura: corte, 1 ano, 8\$, 6 meses, 4\$, 3 meses, 2\$; províncias, 1 ano, 9\$, 6 meses, 5\$. *Anúncios*: 100 rs. por linha. *Reclames*: no corpo da gazeta 500 rs. por linha. Número avulso: 200 rs.

Revue Commerciale Financière et Maritime de la place et du port de Rio de Janeiro. É bimensal, aparecendo a 1ª e 15 de cada mês. Assina-se na livraria Faro & Lino, rua do Ouvidor, nº 74. Assinatura: Rio de Janeiro, 7\$ por ano; província, 8\$ idem; para todos os países da União postal, 20 francos. *Renseignements utiles* 1\$ la ligne. *Annonces*: 500 rs. *Annonces par abonnement* à forfait. Número avulso: 400 rs.

The Anglo Brazilian Times. Aparece nos dias 1º, 9, 15 e 24 de cada mês. Escritório: rua Primeiro de Março, nº 49, 3º andar. Caixa do Correio nº 955. Assinatura: Brasil, 10\$ por ano; Europa, £ 1, 1 semestre; Estados Unidos, 5 dólares. Número avulso: 300 rs.

The Rio News. Publica-se a 5, 15 e 24 de cada mês. Escritório: rua Sete de Setembro, nº 79. Caixa do Correio A. Comunicação telefônica nº 112. Assinatura: Brasil, 20\$ por ano; Inglaterra, £ 2; Estados Unidos, 10 dólares.

Voigt's Shipping Intelligence. Publica-se na véspera da saída dos paquetes transatlânticos. Escritório: rua do Hospício, nº 85.

Allgemeine Deutsche-Zeitung. Publica-se aos sábados. Escritório: rua da Alfândega, nº 58. Caixa do Correio, nº 85. Assinatura: 10\$ por ano, 6\$ por 6 meses. *Anúncios*: 100 por linha. *Communicados*: 200 rs. idem.

La Voce del Popolo. Periódico democrático settimanale. Escritório: rua do Senado, nº 31. Tipografia: rua Nova do Ouvidor, nº 33. Assinatura: corte, 1 ano, 9\$600, 6 meses, 4\$800, 3 meses, 2\$400; províncias, 1 ano, 12\$, 6 meses, 6\$, 3 meses, 3\$. Número avulso do dia, 200 rs., e atrasado, 300 réis.

ILUSTRADAS

Revista Ilustrada. Escritório: rua Gonçalves Dias, nº 66, 1º andar. Assinatura: corte 16\$ por ano, 9\$ por 6 meses, 5\$ por 3 meses; províncias, 20\$ por ano, 11\$ por 6 meses. Número avulso: 500 réis.

O Mequetrefe. Assinatura: rua da Quitanda, nº 56 e rua do Riachuelo, nº 164. Número avulso, 500 rs. Assinatura: corte, 16\$ por ano, 9\$ por 6 meses, 5\$ por 3 meses; província, 20\$ por ano, 12\$ por 6 meses.

O Binóculo. Assina-se na rua do Ouvidor, entrada pelo beco das Cancelas, nº 1, 2º andar. Número avulso: 500 réis.

DE POLÍTICA

O Conservador. Jornal político dedicado aos interesses do partido conservador, da lavoura e do comércio. Escritório: rua do Rosário, nº 64, sobrado. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 143. Publica-se em dias indeterminados. Assinatura: por ano, 10\$000.

RELIGIOSAS

O Apóstolo. Publica-se às quartas, sextas e domingos. Escritório e Tipografia: rua Nova do Ouvidor, nº 14. Assinatura: 15\$ por ano, 8\$ por 6 meses.

O Brasil Católico. Escritório e Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 65. Publica-se às quartas, sextas e domingos. Assinatura: 1 ano 20\$, 6 meses, 10\$. *Anúncios*: 80 rs. por linha.

DE MODAS

A Estação. Publicação quinzenal. Assinatura: rua dos Ourives, nº 7; corte, 12\$ anuais; província, 14\$. Dá uma edição em francês.

O Arquivo das Famílias. Assinatura: rua da Constituição, nº 5, sobrado.

REVISTAS CIENTÍFICAS E LITERÁRIAS

BIBLIOGRÁFICAS

Anais da Biblioteca Nacional. Já contam 10 volumes publicados, de 400 a 600 páginas cada um. Publica, além de trabalhos bibliográficos, obras inéditas de história e de linguística brasileiras. Assinatura na Biblioteca Nacional a 6\$ por ano. Dá dois volumes por ano, saindo trimestralmente em fascículos.

LITERÁRIAS E CIENTÍFICAS

Revista do Clube Acadêmico da Escola Militar. Publicação mensal. Assinatura: 6 meses, 4\$; 3 meses, 2\$. Número avulso: 1\$. Recebem-se assinaturas e vende-se nas ruas do Ouvidor, nºs 71 e 74, Uruguaiana, nº 74; São José, nº 118; e de Gonçalves Dias, nº 46.

Revista da Escola de Marinha. Escritório e Tipografia: rua dos Ourives, nº 7. Assinatura: corte 1 ano, 16\$; 6 meses, 8\$. Exterior: 1 ano; 17\$, 6 meses 9\$. Número avulso: 1\$.

DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Revista trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Assinatura: rua do Resende, nº 140, a 4\$ por ano. Vende-se em separado cada trimestre por 1\$. O volume I é de 1839 e a coleção completa é hoje difícil de adquirir-se.

Revista mensal da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil. Escritório: rua do Rosário, nº 74, 1º andar. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 62. Assinatura: Brasil, 10\$ por ano, 6\$ por 6 meses; Portugal, 5\$ (moeda forte) por ano, 3\$ (idem) por 6 meses; países da União postal, 25 francos por ano, e 15 ditos por 6 meses.

Brasil Histórico. Publicação semanal. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 143. Assinatura: 10\$ por ano.

DE ECONOMIA POLÍTICA

Jornal dos Economistas. Escritório: rua da Assembleia, nº 33, 2º andar. Tipografia Camões: rua Sete de Setembro, nº 143. Assinatura por ano: 10\$. Publica-se a 10 e 25 de cada mês.

DE EDUCAÇÃO

A Mãe de Família. Assinatura: rua dos Ourives, nº 7; corte 9\$ anuais e províncias, 10\$000.

DE INDÚSTRIA NACIONAL, AGRICULTURA E ECONOMIA RURAL

O Auxiliador da Indústria Nacional. Periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Assinatura: rua do Ouvidor, nº 66, a 6\$ por ano.

Jornal do Agricultor. Publicação semanal. Assinatura: rua Teófilo Otoni, nº 145; 12\$ por ano para todo o Império. Faz uma tiragem regular e tem sido bem aceito no interior. Distribui gratuitamente sementes aos assinantes.

Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. É trimensal. Escritório: Campo da Aclamação, nº 31. Tipografia: rua Sete de Setembro, nº 131. Assinatura: 6\$ por ano. Número avulso: 2\$. Há assinaturas de uma só vez, de 100\$, que dão o direito de receber os números que forem publicados durante todo o tempo que durar este periódico, sem nenhum outro ônus. Cada número compreende quatro partes. A primeira é exclusivamente destinada aos artigos e trabalhos concernentes imediatamente à agricultura prática, inclusive notícias sobre as máquinas e os instrumentos mais aperfeiçoados da lavoura; a segunda para os artigos e as notícias que possam ter com ela relação. A terceira é aplicada à parte oficial, compreendendo tudo quanto for expedido por qualquer dos Ministérios do Estado com relação à agricultura; à correspondência do Imperial Instituto com os fazendeiros e vice-versa, e ainda à demonstração do estado da praça da capital em relação aos produtos da nossa lavoura; os preços correntes das praças estrangeiras concernentes aos mesmos produtos e aos gêneros de importação mais necessários à agricultura da província do Rio de Janeiro. A quarta parte é reservada para as atas dos trabalhos do Imperial Instituto, e é colocada de modo a poder ser destacada das outras três, sem prejuízo destas. Cada número da *Revista* é acompanhado de uma ou mais estampas correspondentes às máquinas ou instrumentos de lavoura, ainda não generalizados; às árvores ou plantas, frutos ou sementes de plantas, cuja introdução no país se aconselhar; às construções, rurais, tanto para casas de habitação, como das que devam servir de currais, cavalariças, galinheiros etc.

O Industrial, órgão da Associação Industrial. Publica-se às quintas-feiras. Escritório e Tipografia: rua do Ouvidor, nº 36. Assinatura: corte, 6\$ por ano; interior, 8\$. *Anúncios:* 200 rs. a linha, fazendo-se aos sócios o abatimento de 50%.

DE MEDICINA, CIRURGIA E FARMACOLOGIA

Anais Brasileiros de Medicina. Publica ensaios da Academia Imperial de Medicina. Assina-se na rua do Ouvidor, nº 66; 6\$ por ano e 7\$ para as províncias e exterior.

União Médica. Publicação mensal. Redação: rua da Lapa, nº 93. Assina-se na rua general Câmara, nº 63; para a corte, 12\$ por ano e 6\$ por semestre, e para as províncias, 14\$ por ano e 7\$ por semestre.

Gazeta Médica Brasileira. Revista quinzenal. Escritório e Tipografia: rua do Ouvidor, nº 141. Assinatura: corte, 12\$ por ano, 7\$ por semestre; províncias, 14\$ por ano, 8\$ por 6 meses. Os estudantes de medicina pagam apenas 6\$ por semestre e 3\$ por trimestre para a corte, e 7\$ por semestre para as províncias.

Dezenove de Abril, periódico dos estudantes de medicina e farmácia, científico, literário e noticiário. É quinzenal. Escritório: rua Gonçalves Dias, nº 28. Assinatura: semestre, 2\$; trimestre, 1\$.

Tribuna Farmacêutica. Publicação mensal do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro. Escritório: rua dos Ourives, nº 7. Assinatura: corte, 10\$ por ano, 6\$ por 6 meses; províncias, 12\$ por ano, 7\$ por 6 meses. Número avulso: 1\$.

DE MEDICINA HOMEOPÁTICA

Anais de Medicina Homeopática. Publicação mensal do Instituto Hahnemanniano do Brasil. Escritório: rua São José, nº 65. Assinatura: 6\$ por ano; 3\$ por 6 meses. Número avulso: 500 rs.

DE JURISPRUDÊNCIA, DOCTRINA E LEGISLAÇÃO

O Direito, revista mensal. Propriedade do dr. J. J. do Monte. Escritório: rua Nova do Ouvidor, nº 24. Assinatura: 20\$ por ano.

Gazeta Jurídica. Revista trimensal. Dirigida pelo dr. C. F. Perdigão Malheiro. Escritório: rua do Hospício, nº 85. Assinatura: 20\$ por ano.

Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Publicação trimensal. Tipografia: rua do Hospício, nº 80.

DE HISTÓRIA NATURAL

Arquivos do Museu Nacional. Publicação trimensal. Assinatura: no museu a 6\$ por ano.

DE MINERALOGIA E GEOLOGIA

Anais da Escola de Minas de Ouro Preto. Coleção de memórias e de notícias sobre a mineralogia, a geologia e as explorações das minas no Brasil. Oficina na Tipografia Nacional, rua da Guarda Velha.

DE ASTRONOMIA E METEOROLOGIA

Bulletin astronomique et météorologique de l'Observatoire Imperial de Rio de Janeiro. É trimensal. Tipografia Lombaerts, rua dos Ourives, nº 7.

DE ENGENHARIA

Revista do Instituto Politécnico Brasileiro, sob a direção do engenheiro André Rebouças. Tipografia G. Leuzinger & filhos, rua do Ouvidor, nº 36.

Revista de Engenharia. Publicação quinzenal. Escritório: rua Sete de Setembro, nº 79, 1º andar. Assinatura: 12\$ por ano; 6\$ por 6 meses. Número avulso: 2\$000.

DE MARINHA DE GUERRA E MERCANTE

Revista Marítima Brasileira. Escritório e Tipografia: rua dos Ourives, nº 7. Assinatura: corte 1 ano, 10\$, 6 meses, 5\$500; exterior: 1 ano, 11\$, 6 meses, 6\$. Número avulso: 1\$.

MILITARES

Revista do Exército Brasileiro. Publicação mensal. Escritório: rua da Carioca, nº 31. Assinatura: Corte e províncias 6\$ por ano e 4\$ por semestre.

Tribuna Militar. Sai às quintas-feiras e domingos. Escritório: rua da Carioca, nº 31. Assinatura: corte e Niterói, ano, 10\$, 6 meses, 5\$; províncias, ano, 12\$, 6 meses, 6\$. Número avulso: 100 rs.

MAÇÔNICAS

Boletim do Grande Oriente do Brasil, gazeta oficial da Maçonaria Brasileira. Publicação mensal. Assinatura: rua do Lavradio, nº 83: 6\$ por ano e 7\$ para as províncias. Número avulso: 1\$.

A Família Maçônica. Assinatura: rua da Ajuda, nº 31: para a corte e províncias, 10\$ por ano; 6\$ por semestre.

ESPIRITISTAS

Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade. Escritório: rua da Alfândega, nº 120, sobrado. Assinatura: 6\$ por ano para a corte. Número avulso: 1\$.

Agências de gazetas e revistas estrangeiras. B. L. Garnier, rua do Ouvidor, nº 71; Laemmert & Cia., rua do Ouvidor, nº 66; Faro & Lino, rua do Ouvidor, nº 74; Nicoud, rua da Quitanda, nº 106; Lombaerts & Cia., rua dos Ourives, nº 7.

5. LIVROS QUE PODEM INTERESSAR AOS VIAJANTES

Pode-se consultar com grande vantagem as seguintes obras:

Almanaque administrativo, mercantil e industrial da corte e províncias do Rio de Janeiro e do município de Santos, províncias de São Paulo, fundado por Eduardo von Laemmert. Esta interessantíssima publicação, que sai anualmente, no princípio de cada ano, já conta 39 anos de existência. Assina-se na casa dos editores H. Laemmert & Cia., rua do Ouvidor, nº 66: preço da assinatura, 8\$, exemplar avulso, 10\$.

Guia do Rio de Janeiro ou Indicador alfabético das moradas dos habitantes da corte. Publica-se todos os anos, fazendo parte integrante do *Almanaque Laemmert*; não se vende em separado do referido *Almanaque*.

O Rio de Janeiro, sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades, pelo dr. Moreira de Azevedo. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1877, 2 tomos in-octavo gr. É de máxima utilidade para quem desejar conhecer a história e as descrições dos estabelecimentos públicos, monumentos e edifícios da cidade do Rio de Janeiro. Vende-se a 12\$ cada exemplar brochado e 15\$ encadernado, na casa do editor, rua do Ouvidor, nº 71.

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, por Joaquim Manuel de Macedo. Primeira série. Rio de Janeiro, Garnier, 1862-63, 2 tomos in-octavo com estampas. Traz a história e a descrição de alguns edifícios e monumentos públicos. Custa cada exemplar 8\$ na casa do editor, rua do Ouvidor, nº 71.

A baía do Rio de Janeiro, sua história e descrição de suas riquezas, pelo dr. Augusto Fausto de Sousa. Rio de Janeiro, Tipografia Universal de H. Laemmen & Cia. 1862, in-octavo gr. de 226 páginas, com quatro estampas, representando a baía do Rio de Janeiro, a confrontação entre o mapa do Brasil e a carta da baía do Rio de Janeiro, o Gigante que dorme, visto de fora da barra, e a entrada da barra. Acha-se na livraria Laemmert, rua do Ouvidor, nº 66. Saíra antes no tomo XLIV, 1881, parte 2ª da *Revista trimensal* do Instituto Histórico do Brasil.

Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro, contendo a lista alfabética das ruas etc., e uma notícia histórica sobre os principais monumentos, organizado por Félix Ferreira. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1873, in-octavo gr. de 54 páginas numeradas. Vende-se na casa do editor a 1\$ cada exemplar.

Almanaque do Ministério da Guerra, organizado na Repartição do ajudante general. É publicação anual e encontra-se na Secretaria do Ministério da Guerra, no Quartel do Campo da Aclamação.

Almanaque do Ministério da Marinha, organizado pelo respectivo Quartel-general e segundo as notas a este enviadas pelas diversas estações da repartição. É publicação anual e acha-se na respectiva Secretaria.

VII. COMUNICAÇÕES

1. CORREIO

Situado na rua Primeiro de Março, antiga Direita, em frente à do Hospício. O Correio geral, terrestre e marítimo, com diretoria-geral na cidade do Rio de Janeiro, ramifica-se, em todo o Império, por meio de administrações especiais, nas capitais das províncias, e de agências, nas cidades, em quase todas as vilas e freguesias e em alguns distritos importantes. O expediente postal marítimo e fluvial é executado por companhias subsidiadas pelo governo e por empresas inglesas, francesas e alemãs que fazem o serviço transatlântico do porto do Rio de Janeiro aos de Southampton, Londres, Liverpool, Falmouth, Bordeus, Havre, Marselha, Antuérpia, Hamburgo, Gênova, Nápoles, Lisboa, São Vicente, Pernambuco, Bahia, Santos, Rio da Prata, Valparaíso, Saint-Point, Arica, Islay e Callau de Lima. Aos paquetes dessas linhas concede o governo certas vantagens, no intuito de facilitar o seu pronto movimento, nos portos de escala do Império.

Instituiu-se o Correio geral da corte a 2 de maio de 1798. Começou a funcionar nas lojas da casa da cadeia, depois Câmara dos Deputados, onde está hoje estabelecida a Caixa Econômica; passou mais tarde para a casa da rua Direita, hoje Primeiro de Março, de onde foi transferido no dia 8 de abril de 1878 para o novo edifício, na mesma rua, onde de presente funciona.

O Correio no Brasil começou a funcionar a 26 de janeiro de 1663, apesar de já haver sido decretado muitos anos antes.

Posta-restante. É a seção do Correio em que ficam depositadas as cartas ordinárias sem endereço de residência dos destinatários, até serem reclamadas. No pavimento térreo, sala à esquerda da entrada. Sobre o serviço desta seção foi recomendado aos respectivos empregados o seguinte: 1ª) a correspondência em cujo subscrito estiver declarado Posta-restante em caso algum deve ser entregue sem que o reclamante prove identidade de pessoa, nem mesmo se examinará se existe a carta reclamada antes dessa prova, que o reclamante deve dar (art. 48 das Instruções de 12 de abril de 1865); 2ª) quando a correspondência, que estiver parada por ignorar-se a residência dos destinatários, for reclamada, exigir-se-á do reclamante a declaração da sua morada, a fim de ser para ali levada a mesma correspondência pelos carteiros (art. 52 das referidas Instruções), isto quando não for o reclamante pessoa conhecida, ou não prove no ato da reclamação a sua identidade.

Distribuição dos Jornais e Impressos não registrados. No pavimento térreo, sala à direita da entrada. Ali entregam-se as gazetas às redações das folhas diárias, aos assinantes e às pessoas cuja residência é ignorada.

Entrega das cartas e mais objetos registrados sem valor, cuja residência dos destinatários é ignorada. É a Posta-restante dos registrados. Quando as cartas se acham obliteradas ou há desconfiança de elas conterem dinheiro ou bilhetes de bancos ou de loterias, o destinatário cuja residência é conhecida recebe aviso do Correio para ali comparecer, a fim de dar-se razão do estado deteriorado da carta ou de serem abertas perante a repartição, segundo a lei. No 1º andar, à direita da entrada.

Entrega das cartas registradas com valor declarado. No 2º andar, na Tesouraria. Os destinatários são obrigados a verificar se as quantias recebidas estão exatas na presença do respectivo empregado. O Correio não atende a reclamações senão no ato da entrega. Quando é conhecido o domicílio do destinatário das cartas a repartição manda o respectivo aviso. Essas cartas só podem ser entregues ao próprio destinatário ou a seu procurador legalmente constituído.

Caixa dos assinantes. No pavimento térreo, sala à esquerda da entrada, junto à Posta-restante. O assinante paga 24\$ de anuidade.

Entrega dos recibos das cartas registradas já entregues aos destinatários, com as assinaturas autografadas dos mesmos. No 1º andar, em frente à entrada.

Caixa central, em que se deita a correspondência para todo e qualquer lugar do Brasil e do mundo, menos para dentro da cidade do Rio de Janeiro e seus subúrbios. No pavimento térreo, centro do salão de entrada, há três caixas: para CARTAS, para JORNAIS E IMPRESSOS e para as cartas que pagam PORTE DUPLO. As gazetas devem ser postas na respectiva caixa duas horas antes da marcada.



Correio e rua Primeiro de Março. Rua Primeiro de Março, antiga rua Direita. Na imagem, o destaque para o prédio dos Correios. A rua movimentada, com bondes e carros. Ao fundo ainda se vê o morro do Castelo. Por Juan Gutierrez. Rio de Janeiro, 1895. Acervo da Biblioteca Nacional.

Porte duplo. As cartas ordinárias lançadas na caixa especial do Correio até 30 minutos depois da hora marcada para o recebimento delas são obrigadas a pagar porte duplo, exceto para países estrangeiros.

Caixa Urbana. No pavimento térreo, no salão de entrada à direita da sala da *Distribuição dos Jornais e Impressos*. Ali é lançada toda a correspondência e gazetas e impressos para dentro da cidade do Rio de Janeiro e seus subúrbios. O porte das cartas para esta Caixa é de 50 rs. até 15 gramas. As cartas dirigidas para Niterói pagam 100 rs. até 15 gramas.

Correio ambulante. Nas Estradas de Ferro D. Pedro II, de Cantagalo e de São Paulo. É a manipulação da correspondência feita nos correios das estradas de ferro.

Pagamento de porte das cartas, gazetas e impressos não registados e venda de selos. No pavimento térreo, no centro do salão de entrada.

Registados sem valor. Cartas, gazetas e mais objetos. No 1º andar à esquerda da entrada.

Registados com valor declarado. No 2º andar, à esquerda da entrada, na Tesouraria. As remessas de dinheiro em carta só se fazem para os lugares onde não há administração geral do Correio. Das 9h da manhã às 2h da tarde.

Vales-postais para o Brasil. No 2º andar, na Tesouraria. Somente para as cidades onde há administração geral do Correio. Enche-se um boletim impresso fornecido pelo Correio, declarando-se a quantia, destino, nome do destinatário e do remetente e assinatura do mesmo remetente. O Correio entrega depois recibo da quantia que recebeu. A emissão dos vales-postais é feita nos dias úteis das 10h da manhã às 2h da tarde.

Para informações ao público. No pavimento térreo, salão de entrada. É o lugar onde se acha uma caixa destinada a receber as reclamações do público, um exemplar do *Guia postal* e um empregado autorizado a dar todas as explicações de que careçam os remetentes e destinatários de cartas de qualquer procedência e quaisquer outros esclarecimentos que porventura sejam exigidos relativos ao Correio. No *Guia postal* acha-se anexado uma *Nomenclatura corográfica do Império* e uma *Tábua geográfica estrangeira* contendo não só os países, como os Estados, os departamentos, as provinciais etc. a que pertencem as cidades e outras povoações: são dois trabalhos de alto valor para a busca fácil e rápida de qualquer informação geográfica do globo, e ambos se devem ao laborioso senhor Lima Barros.

Correio da Estrada de Ferro D. Pedro II. Na Estação da Estrada, à esquerda da entrada. Abre a caixa às 4h30 da manhã para o interior e às 6h30 da tarde para os subúrbios até Cascadura. A caixa acha-se colocada na porta da entrada da respectiva Agência, do lado esquerdo da sua entrada; do lado direito está colocada a Caixa Urbana.

Permutação de fundos entre o Brasil e Portugal. No 2º andar, na Tesouraria. É feita nos dias úteis das 10h da manhã às 2h da tarde.

Horário para o recebimento das correspondências. No pavimento térreo, no salão de entrada, à direita, junto da entrada da sala da *Distribuição dos Jornais e Impressos*.

Tesouraria. No 2º andar, à esquerda da entrada. Compete: 1º) arrecadar a receita e pagar a despesa; 2º) guardar os selos e remetê-los às administrações e agências; 3º) receber e entregar as cartas registadas com valor declarado; 4º) pagar e emitir vales-postais.

Gabinete do diretor-geral (dr. L. B. Paes Leme). No 2º andar, à esquerda da escada. Dá audiências das 12h à 1h da tarde nos dias úteis.

Porteiro. No 1º andar, à direita da entrada, ao fundo.

Reclamações. As reclamações são atenciosamente recebidas pela repartição. Acerca de cartas registradas no 1º andar, na sala respectiva. Qualquer reclamação acerca de cartas ordinárias da corte, na 1ª seção, no pavimento térreo, entrada pela rua Visconde de Itaboraí. Acerca de cartas para o interior e estrangeiro não registradas, na 3ª seção, no 2º andar.

Seção Central. No 3º andar. Esta seção compreende: 1º) preparo, expedição e recebimento de toda a correspondência oficial da Diretoria-geral; 2º) exame das reclamações contra a repartição do Correio; 3º) queima das cartas sujeitas a consumo; 4º) celebração dos contratos para os diversos serviços do Correio, ficando dependentes da aprovação do governo aqueles que excederem a 5:000\$000 por ano; 5º) fiscalização do serviço postal e a expedição das ordens para o pagamento das subvenções das companhias de navegação a vapor; 6º) expedição dos títulos dos empregados cuja nomeação e demissão competem ao diretor-geral; 7º) guarda, classificação e conservação da correspondência e documentos que devem compor o arquivo.

Primeira Seção. No 3º andar. Esta seção compreende: 1º) matrícula geral dos empregados; 2º) contabilidade e fiscalização da despesa; 3º) tomada das contas das administrações e agências do Correio, e das que se referem às convenções postais; 4º) estatística postal; 5º) organização do orçamento da despesa para o ano financeiro.

Segunda Seção. No pavimento térreo, sendo a entrada pela rua Visconde de Itaboraí. Esta seção tem a seu cargo a distribuição da correspondência ordinária, a fiscalização do serviço dos carteiros e a cobrança do porte da correspondência não franqueada ou franqueada abaixo da tarifa.

Terceira Seção. No 2º andar. Esta seção compreende todos os trabalhos concernentes ao preparo das correspondências e expedição das malas.

Quarta Seção. No 1º andar. Tem a seu cargo o recebimento das malas, a conferência e apartação das correspondências.

Telégrafo. No 1º andar. Pode-se entrar pela porta principal do Correio ou pela rua Visconde de Itaboraí, em frente à praça do Comércio.

Selos do Correio, envelopes e bilhetes postais. As suas cores e valores são:

Selos. Vermelho, 10 rs.; lilás, 20 rs.; azul, 50 rs.; vermelhão, 80 rs.; verde e verde-garrafa (menores), 100 rs.; preto, 200 rs.; cor-de-rosa, 200 rs.; castanho-escuro, 260 rs.; amarelo, centro verde e bistre, 300 rs.; vermelhão-escuro, 700 rs.; cinzento, 1\$ rs.

Todos os selos trazem a efígie de S. M. o Imperador de frente ou de perfil. Uns são dentados e outros picados em linha.

Envelopes. Trazem a efígie do Imperador e são em relevo e cor sobre branco: verde sobre branco, 100 rs.; preto sobre branco, 200 rs.; vermelho sobre branco, 300 rs.; idem sobre cor de camurça, 300 rs. Os de 300 rs. servem também para pagamento do registro, logo que a carta tenha até 15 gramas de peso.

Bilhetes postais. Estampilhado à direita, tendo armas em um oval; vermelho, 20 rs., singelo. Idem dobrado. Idem, azul, 50 rs., singelo. Idem dobrado. Armas em paralelogramo: cor de laranja, 80 rs. Estampilhado ao centro, tendo a efígie de perfil, à esquerda: cor de chocolate, 300 rs.

Correio Urbano. O serviço do correio urbano tem tido algum desenvolvimento e é feito atualmente com a regularidade possível. Para facilitar este serviço foi dividida a cidade em 62 distritos postais, que são percorridos três vezes por dia por carteiros especiais, entregando cartas e visitando e recolhendo de 123 caixas que estão colocadas em diferentes pontos da cidade e seus subúrbios. As caixas acham-se assentadas nas paredes das casas na altura de qualquer pessoa poder lançar a correspondência.

A correspondência urbana, cujo porte é de 50 rs. para cartas até 15 gramas e 20 rs. para cartões, é levada aos domicílios dos destinatários, no mesmo dia que tenha sido posta nas caixas.

INDICAÇÃO DAS CAIXAS URBANAS EXISTENTES NA CIDADE E SEUS SUBÚRBIOS COM AS HORAS DA COLETA DAS CARTAS E DA DISTRIBUIÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA

Na cidade

Aclamação (praça da), esquina da travessa do Senado; esquina da rua general Câmara; na Estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Ajuda (rua da), em frente à Evaristo da Veiga.

Alfândega (rua da), esquina da rua da Conceição.

América (rua da), esquina da praça Santo Cristo dos Milagres.

Andradas (rua dos), em frente ao largo de São Francisco de Paula.

Arcos (rua dos), esquina da rua Evaristo da Veiga.

Areal (rua do), entre os prédios de nºs 6 e 8.

Barbonos (rua dos), esquina da rua dos Arcos.

Barcas Fluminenses (Estação das), praça D. Pedro II.

Bela da Princesa (rua), esquina da praia do Flamengo.

Benedictinos (rua dos), esquina da rua Municipal.

Cais Pharoux, esquina da praça D. Pedro II.

Carioca (largo da), esquina da rua Santo Antônio.

Casa de Correção, na entrada.

Castelo (morro do), na entrada do Hospital Militar; no largo de São Sebastião, esquina da ladeira do Seminário.

Catete (rua do), no posto da Guarda Urbana nº 195; na esquina da rua Santo Amaro; praia do Flamengo, esquina da rua Bela da Princesa.

Catumbi (rua), esquina da rua Pinheiro.

Conceição (rua da), esquina da rua senador Pompeu; esquina da rua da Alfândega.

Conde d'Eu (rua), na entrada da Casa de Correção; esquina da rua general Caldwell; esquina da rua do Riachuelo.

Constituição (rua da), esquina da rua do Núncio.

Constituição (praça da), na entrada da Secretaria do Império.

Costa (rua do), esquina da rua senador Pompeu.

Direita (rua), no edifício do Correio, *Caixa Urbana*, no pavimento térreo, à direita da entrada. Coleta às 7h30 da manhã e às 12h30, 2h30 e 5h30 da tarde.

D. Luísa (rua), esquina da rua da Glória.

D. Manuel (travessa de), junto ao posto da Guarda Urbana.

D. Pedro II (praça), esquina do cais Pharoux; na Estação das Barcas Fluminenses.

Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II, na praça da Aclamação. A caixa acha-se colocada à direita da porta da Agência do Correio; ao lado esquerdo da mesma porta fica a caixa da Estrada.

Estação das Barcas Fluminenses, na praça D. Pedro II.

Evaristo da Veiga (rua), esquina da rua dos Arcos; defronte do começo da rua, na rua da Ajuda.

Flamengo (praia do), esquina da rua Bela da Princesa.

Gamboa (praia da), na Estação marítima da Estrada de Ferro D. Pedro II.

General Caldwell (rua), esquina da rua Conde d'Eu; esquina da rua senador Eusébio.

General Câmara (rua), esquina da praça da Aclamação.

Glória (rua da), esquina da rua de D. Luísa.

Gonçalves Dias (rua), esquina da rua do Ouvidor.

Harmonia (praça da), (Saúde).

Hospício (rua do), esquina da rua Uruguaiana.

Hospital Militar (no morro do Castelo), na entrada.

Imperatriz (rua da), esquina da rua larga de São Joaquim.

Inválidos (rua dos), esquina da rua Visconde do Rio Branco; esquina da rua do Resende.

Itapiru (rua do), junto à casa nº 32.

Lapa (largo da), nº 7.

Lavrado (rua do), nº 115; esquina da rua do Senado (polícia).

Mãe do Bispo (largo da), na rua da Ajuda, em frente à rua Evaristo da Veiga.

Marquês de Pombal (rua), esquina da praça Onze de Junho.

Misericórdia (Santa Casa da), na entrada.

Municipal (praça).

Municipal (rua), esquina da rua dos Beneditinos.

Morro do Castelo, na entrada do Hospital Militar; no largo de São Sebastião, esquina da ladeira do Seminário.

Moura (largo do), esquina da rua do Trem.

Núncio (rua do), esquina da rua da Constituição.

Onze de Junho (praça), esquina da rua de Santa Rosa.

Ourives (rua dos), esquina do largo de Santa Rita.

Ouvidor (rua do), nº 70; esquina da rua Uruguaiana; esquina da rua Gonçalves Dias.

Paço (largo do). Vide D. Pedro II (praça).

Pedreira da Candelária (rua da), esquina da rua da Princesa Imperial.

Pinheiro (ladeira do), esquina da rua Catumbi.

Pharoux (Cais), esquina da praça D. Pedro II.

Plano inclinado de Santa Teresa, na Estação da rua do Riachuelo.

Praia do Flamengo, esquina da rua Bela da Princesa.

Primeiro de Março (rua), no edifício do Correio, *Caixa Urbana*, à direita da entrada. Coleta às 7h30 da manhã e 12h30, 2h30 e 5h30 da tarde.

Princesa (rua da), nº 12; esquina da praia do Flamengo (Catete).

Princesa Imperial (rua da), esquina da Pedreira da Candelária.

Regente (rua do), esquina da do Senhor dos Passos.

Resende (rua do), esquina da rua do Riachuelo; esquina da rua dos Inválidos.

Riachuelo (rua do), esquina da rua Conde d'Eu; na estação do Plano inclinado de Santa Teresa; esquina da rua do Resende; esquina da rua Evaristo da Veiga.

Rocio (largo do), na entrada da Secretaria do Império.

Sacramento (rua do), na entrada do Tesouro Nacional.

Santana (campo de), vide Aclamação (praça da).

Santa Casa da Misericórdia, na entrada.

Santa Luzia (rua), na entrada da Santa Casa da Misericórdia.

Santa Rita (largo de), esquina da rua dos Ourives.

Santa Rosa (rua), esquina da praça Onze de Junho.

Santo Amaro (rua), esquina da rua do Catete.

Santo Antônio (rua), esquina do largo da Carioca.

Santo Cristo dos Milagres (praça), esquina da rua da América.

São Domingos (largo de), junto ao posto da Guarda Urbana.

São Francisco de Paula (largo de), em frente à rua dos Andradas.

São Joaquim (rua larga de), esquina da rua da Imperatriz.

São Leopoldo (rua), esquina da rua Visconde de Sapucaí.

São Pedro (rua), esquina da rua Uruguaiana.

São Sebastião (largo de), esquina da ladeira do Seminário.

Saúde (rua da), na praça da Harmonia; junto ao Trapiche Reis.

Secretaria da Marinha, junto à entrada.

Secretaria do Império, na entrada.

Seminário (ladeira do), esquina do largo de São Sebastião.

Senado (travessa do), esquina da praça da Aclamação.

Senado (rua do), esquina da rua do Lavradio (polícia).

Senador Eusébio (rua), esquina da Visconde de Sapucaí; esquina da general Caldwell.

Senador Pompeu (rua), esquina da rua do Costa; esquina da rua da Conceição.

Senhor dos Passos (rua), esquina da rua do Regente.

Sete de Setembro (rua), esquina da rua do Carmo.

Tesouro Nacional, na entrada.

Trem (rua do), esquina do largo do Moura.

Uruguaiana (rua), esquina da rua de São Pedro; esquina da rua do Hospício; esquina da rua do Ouvidor.

Visconde de Inhaúma (rua), junto à Secretaria de Marinha.

Visconde de Itaúna (rua), n^{os} 82 e 135 A; na estação dos bondes de São Cristóvão.

Visconde do Rio Branco (rua), esquina da rua dos Inválidos.

Visconde de Sapucaí (rua), esquina da rua senador Eusébio; esquina da rua de São Leopoldo.

A coleta é feita em todas as caixas acima indicadas às 7h e 12h da manhã e às 5h da tarde, exceto na *Caixa Urbana* do edifício do Correio, que é feita às 7h da manhã e às 12h30, 2h30 e 5h30 da tarde.

A distribuição da correspondência lançada nas mesmas caixas é feita às 8h da manhã e à 1h e 6h da tarde.

Nos subúrbios

NO ANDARAÍ GRANDE^[53]

Rua Leopoldo, esquina da rua Barão de Mesquita; rua Barão de Mesquita, esquina da avenida São Salvador de Matosinhos; rua Barão de Mesquita, esquina da rua Pereira Nunes. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NO ANDARAÍ PEQUENO^[54]

Conde de Bonfim, no ponto terminal dos bondes; rua Conde de Bonfim, ponto do Afonso; rua Conde de Bonfim, esquina da rua D. Afonso; rua Desembargador Isidro, esquina da rua Conde de Bonfim. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

EM BOTAFOGO

Rua São Clemente, esquina da Real Grandeza; rua Voluntários da Pátria, esquina da Matriz; rua Dezenove de Fevereiro, esquina da Voluntários da Pátria; rua da Passagem, esquina da do Hospício de Pedro II; rua general Polidoro, esquina da São João; praia de Botafogo, esquina da rua da Passagem; rua Marquês de Olinda, esquina da rua Bambina; rua São Clemente, nº 24; rua Marquês de Abrantes, esquina da praia de Botafogo; rua senador Vergueiro, esquina da travessa do Marquês de Paraná; rua Marquês de Abrantes, esquina da Ponte do Catete. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NO ENGENHO NOVO

Rua 24 de Maio, esquina da Bittencourt da Silva, cuja coleta é feita pelo carteiro rural da estação do Riachuelo, diariamente às 4h da tarde; na mesma rua junto ao prédio nº 29 C, cuja coleta é feita pelo carteiro rural da estação São Francisco Xavier, também às 4h da tarde.

NO ENGENHO VELHO

Rua Haddock Lobo, esquina da rua São Salvador; rua Haddock Lobo, esquina da do Matoso; rua Barão de Itapagipe, junto ao prédio nº 35. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde. Rua Haddock Lobo, esquina da rua São Cristóvão. Coleta às 7h e 12h da manhã e às 5h da tarde.

NO JARDIM BOTÂNICO

Olaria, ponto terminal dos bondes; rua Boa Vista, largo Nossa da Conceição; rua do Jardim, esquina da D. Castorina; e rua Humaitá, esquina da fonte da Saudade. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NAS LARANJEIRAS

Cosme-Velho (Bica da Rainha). Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde. Rua Guanabara, esquina da rua das Laranjeiras. Coleta às 7h e 12h da manhã e às 5h da tarde.

NO MORRO PAULA MATOS^[55]

Rua Oriente, esquina da Miguel de Paiva; largo Nossa Senhora das Neves; rua Paraíso, esquina da ladeira do Senado; praça D. Antônia. Essas caixas são coletadas às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

[53] Atualmente, o Andaraí Grande se divide nos bairros de Vila Isabel, Grajaú e Andaraí.

[54] Atual Tijuca, embora este bairro tenha incorporado outras regiões que não faziam parte do Andaraí Pequeno, como o antigo Engenho Velho.

[55] Atualmente, parte de Santa Teresa.

NO MORRO DE SANTA TERESA

Largo do Poças; rua dos Junquilhos, no portão de entrada do Hotel Santa Teresa; largo do Guimarães. Coleta às 4h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NO PEDREGULHO

Largo do Pedregulho, esquina da rua São Luís Gonzaga; rua São Luís Gonzaga, esquina da rua da Emancipação. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NA PRAIA PEQUENA

Rua Benfica, nº 56. Coleta às 6h e 12h da manhã.

NO RIO COMPRIDO

Rua da Conciliação, em frente ao nº 13; largo do Bispo; rua Malvino Reis, esquina da rua Barão de Itapagipe. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

EM SÃO CRISTÓVÃO

Rua São Luís Gonzaga, esquina da praça D. Pedro I; rua general Sampaio, esquina da rua general Gurjão; rua general Sampaio, esquina da praia do Caju; rua do Bonfim, esquina da praia de São Cristóvão; rua São Luís Durão, esquina da praça D. Pedro I; largo da Igrejinha, esquina da praia de São Cristóvão; rua general Figueira de Melo, esquina da rua São Cristóvão; rua São Januário, esquina da rua Viana; Imperial Quinta da Boa Vista; rua Duque de Saxe, junto à casa nº 23; rua São Cristóvão, esquina da rua Duque de Saxe. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde. Boulevard do Imperador, esquina da rua São Cristóvão. Coleta às 7h e 12h da manhã e às 5h da tarde.

EM SÃO FRANCISCO XAVIER

Rua São Francisco Xavier, nº 7; rua São Francisco, esquina da rua Mariz e Barros; rua Mariz e Barros, esquina da travessa do Campo Alegre. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

NA TIJUCA

Alto da Boa Vista. Coleta às 8h e 12h da manhã.

EM VILA ISABEL

Boulevard Vinte e Oito de Setembro. Coleta às 6h e 11h da manhã e às 4h da tarde.

Cada caixa tem duas chapas, uma que indica as horas das três coletas, outra que serve para se conhecer se já foi feita ou ainda está por fazer-se qualquer das três. É assim que a chapa das 11h da manhã indica já ter sido feita a coleta das 9h e seguir-se à da hora nela indicada. A das 5h da tarde indica ter sido feita a coleta às 11h da manhã e seguir-se à da hora nela indicada. A das 9h da manhã indica já ter sido feita a coleta das 5h da tarde e seguir-se à da hora nela indicada (9h da manhã).

DISTRIBUIÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA POR DISTRITOS

Do 1º ao 44º: compreendidos entre o litoral, rua São Cristóvão, exclusive, e Gamboa e Botafogo, inclusive.

Às 8h da manhã e à 1h e às 6h da tarde.

Do 45º ao 62º: Laranjeiras, São Clemente, do fim da praia de Botafogo por diante, praia Vermelha e Jardim Botânico. Rio Comprido, São Cristóvão, Andaraí Grande, Vila Isabel, São Francisco Xavier, Andaraí Pequeno e Tijuca.

Às 8h da manhã e às 3h da tarde.

AGÊNCIAS NA CIDADE E SEUS SUBÚRBIOS ONDE SE VENDEM SELOS, ENVELOPES SELADOS E BILHETES POSTAIS

Aclamação (praça da), nº 61, na Estação da Estrada de Ferro D. Pedro II; na esquina da rua general Câmara, e na Secretaria do Senado.

Alto da Boa Vista (Tijuca).

América (rua), nº 1.

Andaraí Pequeno, junto à estação dos bondes.

Aqueduto (rua do), nº 68 (Santa Teresa).

Barão de Mesquita (rua), nºs 35 e 54.

Barbonos (rua dos), nºs 2 e 114.

Barcas Fluminenses (Estação das), na praça D. Pedro II, antigo largo do Paço.

Bela da Princesa (rua), nº 12.

Benfica (rua), nº 56.

Bispo (largo do) (Rio Comprido).

Boa Vista (rua), nº 1 (Jardim Botânico).

Botafogo (praia de), nº 254, esquina da rua da Passagem.

Boulevard do Imperador (rua), nº 12.

Cais Pharoux, nº 1.

Caju, rua general Sampaio, nº 24.

Carmo (rua do), esquina da Sete de Setembro.

Casa de Correção. Na portaria.

Catete (rua do), nºs 4, 7, 75, 173, 184 D, 204, 214; rua Bela da Princesa, nº 12.

Catumbi (rua), nº 27.

Conde d'Eu (rua), nºs 85 A e 115.

Conde de Bonfim (rua), nºs 39, 82, 100, 168.

Conceição (rua da), nº 44.

Constituição (praça da), nºs 46 e 52; e na entrada da Secretaria do Império.

Constituição (rua da), nºs 4 e 14.

Coronel Figueira de Melo (rua), nº 1 (São Cristóvão).

Cosme Velho (rua), nº 28 (Laranjeiras).

Costa (rua do), esquina da senador Pompeu.

Dezenove de Fevereiro (rua), esquina da Voluntários da Pátria.

Desembargador Isidro (rua), nº 7.

Direita (rua), no edifício do Correio.

D. Luísa (rua), nº 2.

D. Manuel (rua), nº 23.

Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II. Nesta agência registram-se cartas e objetos.

Estação das Barcas Fluminenses.

Estácio de Sá (rua), nº 48.

Evaristo da Veiga (rua), nºs 2 e 114.

Gamboa (praia da), junto da Estação marítima.

Guanabara (rua), nº 3.

General Câmara (rua), nº 381.

General Sampaio (rua), nº 24 (Caju).
Glória (rua da), esquina da de D. Luísa.
Gonçalves Dias (rua), nº 66.
Guarda Velha (rua da), nº 1.
Haddock Lobo (rua), nºs 6, 48, 121.
Harmonia (praça da), nº 59.
Hospício (rua do), nº 125.
Humaitá (rua), nº 57.
Inválidos (rua dos), esquina da Visconde do Rio Branco.
Jardim Botânico. Rua do Jardim Botânico, no começo e no nº 32; rua da Boa Vista, nº 1.
Lapa (largo da), nº 7.
Laranjeiras. Rua Cosme Velho, nº 28.
Lavradio (rua do), nºs 41 e 115.
Machado Coelho (rua), esquina da Visconde de Itaúna.
Mariz e Barros (rua), nº 10.
Marquês de Abrantes (rua), nºs 2, 12, 92.
Matriz (rua da), esquina da Voluntários da Pátria.
Municipal (praça), nº 1 E.
Onze de Junho (praça), nº 135 A.
Ouvidor (rua do), nºs 70, 135 A, 135 B.
Ourives (rua dos), esquina do largo de Santa Rita.
Passagem (rua da), esquina da praia de Botafogo.
Poças (largo do), nº 68.
Praia da Gamboa, junto à Estação marítima.
Praia Pequena, nº 15.
Prainha (rua da), nº 55.
Primeiro de Março (rua), no edifício do Correio.
Regente (rua do), esquina da do Senhor dos Passos.
Riachuelo (rua), nº 89 A, Estação do Plano inclinado de Santa Teresa.
Rio Comprido. Largo do Bispo e largo do Rio Comprido, nº 1.
São Cristóvão (rua), nº 77 F.
São Clemente (rua), nº 27.
São Domingos (largo de), nº 11.
São Francisco de Paula (largo de), nº 10.
São Francisco Xavier (rua), nºs 24 e 27.
São Januário (rua), esquina da do Viana.
São Joaquim (rua), nº 70.
São Luís Gonzaga (rua), nº 66.
São Pedro (rua), nº 117.
Saco do Alferes (praia do), nº 45.
Santa Rita (largo de), esquina da rua dos Ourives.

Santa Teresa (Morro de), no hotel da Vista Alegre.
Saúde (rua da), nº 10.
Senado (travessa do), esquina do Campo da Aclamação.
Senador Eusébio (rua), nºs 60 e 202.
Senador Pompeu (rua), nº 90.
Senador Vergueiro (rua), nº 42.
Senhor dos Passos (rua), nº 134.
Sete de Setembro (rua), esquina da do Carmo.
Tijuca. Alto da Boa Vista; no Andaraí Pequeno, junto à estação dos bondes.
Uruguiana (rua), esquina da do Ouvidor.
Viana (rua), esquina da São Januário (São Cristóvão).
Vila Isabel. Boulevard Vinte e Oito de Setembro.
Visconde de Inhaúma (rua), na entrada da Secretariada Marinha.
Visconde de Itaúna (rua), nºs 82, 135 A, 273.
Visconde do Rio Branco (rua), nº 73, esquina dos Inválidos.
Voluntários da Pátria (rua), nºs 48 e 72.

LINHAS DE CORREIO MARÍTIMAS

INTERIOR

PORTOS DO NORTE

Do Rio de Janeiro ao Pará. Para as províncias de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe expedem-se malas nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, que a este porto devem chegar, com as malas das mesmas províncias, nos dias 4, 14, e 23.

Para as províncias da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Pará e Amazonas expedem-se, no dia 5 de cada mês, pelos paquetes da Companhia United States and Brazil, que a este porto devem chegar no dia 27, malas contendo também para as outras províncias as correspondências cujos remetentes o exigem.

Do Rio de Janeiro a Pernambuco. No dia 5 pelos paquetes da Companhia United States and Brazil, e nos dias 9 e 24 pelos paquetes de Southampton, que aqui chegam nos dias 1 e 15, assim como pelos do Pacífico Bordeus, de Hamburgo, de Bremen, de Antuérpia, de Marselha e de Liverpool, cujas saídas e entradas são prevenidas por anúncios, expedem-se, para Bahia, Sergipe, Alagoas (somente pelos paquetes de Southampton) e Pernambuco, malas contendo também, para as outras províncias, as correspondências cujos remetentes o exigem.

Do Rio de Janeiro a Caravelas. Uma vez em cada mês, por vapores da Companhia Espírito Santo e Campos, cuja saída regula-se pelas preamares, e que chegam a este porto dez dias depois da partida, expedem-se e recebem-se malas, permutando-as com as seguintes estações postais:

Benevente	Piúma
Filadélfia	Santa Clara
Itabapoana	Santa Cruz
Itapemirim	São Pedro do Cachoeiro
Mucuri	Vitória

Do Rio de Janeiro a São Mateus. Sob as mesmas condições da linha anterior e pelos vapores da Companhia Espírito Santo e Campos, expedem-se e recebem-se malas uma vez por mês, permutando-as com as seguintes estações postais:

Barra de São Mateus	Itapemirim
Benevente	Mucuri
Cidade de São Mateus	Santa Cruz
Guarapari	São Pedro do Cachoeiro
Itabapoana	Vitória

Do Rio de Janeiro ao Espírito Santo. Expedem-se malas no dia 1^a de cada mês pelos paquetes da Companhia de Navegação a Vapor, e recebem-se pelos mesmos paquetes nos dias 4. Vide as linhas do Rio de Janeiro a Caravelas e a São Mateus.

Do Rio de Janeiro a Campos. Três vezes em cada semana, pelos vapores da Companhia Macaé e Campos, expedem-se e recebem-se malas, permutando-as com as das seguintes estações postais:

Arraial de Vila Nova	Imbetiba
Cachoeira da Limeira	Macaé
Campos	Morro do Coco
Carangola	Guriri
Carapebus	Quissamã
Dores	Santana
Santa Fé	Tombos de Carangola
São João da Barra	Ururahy

PORTOS DO SUL

Do Rio de Janeiro ao Rio Grande. Nos dias 3, 17 e 25 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Liverpool, Brazil and River Plate Steam Navigation, que chegam a este porto nos dias 4, 14 e 22, expedem-se malas para Santa Catarina, Rio Grande e Porto Alegre.

No dia 11 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Nacional de Navegação a Vapor, que chegam a este porto no dia 28, expedem-se malas para Paranaguá, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No dia 29 de cada mês, também pelos vapores da Companhia Nacional, que chegam a este porto no dia 20, expedem-se malas para Santos, Cananeia, Iguape, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Itajaí, Blumenau, Joinville, Desterro^[56] e Rio Grande do Sul, assim como para Corumbá, Cuiabá e Rosário, indo estas a seu destino pela linha fluvial de Montevidéu a Mato Grosso.

Do Rio de Janeiro a Santos. Nos dias 5, 10, 15, 20, 25 e 30 de cada mês, pelos vapores das Companhias de Navegação Paulista e Nacional de Navegação a Vapor, que chegam a este porto nos dias 2, 7, 12, 10, 22 e 27, expedem-se e recebem-se malas, permutando-as com as seguintes estações postais:

Amparo	Mogi-mirim
Campinas	Santos
Cananeia	São João de Capivari
Iguape	São João do Rio Claro
Itu	São Paulo
Judiaí	São Roque
Limeira	Sorocaba

Também conduzem malas para Santos alguns vapores estrangeiros, cujas saídas são previamente anunciadas.

EXTERIOR

Expedem-se malas para:

Antuérpia. Nos dias 8, 18, e 28 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Liverpool Brazil and River Plate Mail Steamers, que chegam a este porto nos dias 5, 16 e 29 de cada mês.

Bordeaux. Nos dias 1 e 15 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Messageries Maritimes, que chegam a este porto nos dias 10 e 25 de cada mês.

Estados Unidos. No dia 5 de cada mês, pelos paquetes da Companhia United States and Brazil Steam Ship, que chegam a este porto no dia 27.

Hamburgo. Nos dias 13 e 30 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Suedamerikanisch Dampfschiffahrts, que chegam a este porto nos dias 10, 20 e 30 de cada mês.

Havre. Nos dias em que forem anunciados, duas vezes por mês, pelos paquetes da Companhia Chargeurs Réunis, que também chegam a este porto duas vezes por mês.

[56] Nossa Senhora do Desterro era o nome do atual município de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

Liverpool. Em dias incertos, três vezes por mês, pelos paquetes da Companhia Brazil and River Plate Steam Navigation, que chegam a este porto nos dias 9, 19 e 29 de cada mês.

Marselha. No dia 26 ou 27 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Transports Maritimes a Vapeur, que chegam a este porto no dia 5 ou 6 de cada mês.

Pacífico. Nos dias de cada mês, em que forem anunciados.

Rio da Prata. Nos dias de cada mês, em que forem anunciadas as partidas dos paquetes das diversas linhas que fazem essa navegação.

Southampton. Nos dias 9 e 24 de cada mês, pelos paquetes da Companhia Royal Mail Steamers Packets, que chegam a este porto nos dias 15 e 30 de cada mês.

LINHAS MARÍTIMAS INTERIOR DO IMPÉRIO

Para as províncias do Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas, Goiás e Mato Grosso, remetem-se as correspondências regularmente por intermédio das malas do Rio de Janeiro nos dias 4, 8, 15, 17 e 30 e por todos os paquetes e vapores que fazem escala por este porto.

Para as províncias das Alagoas, Pernambuco, Paraíba do Norte, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará, bem como para as províncias do Amazonas e Piauí, remetem-se malas nos dias 6, 12, 13, 24 e 27 de cada mês e sempre que por anúncios se prevenir que seguem malas nos paquetes e vapores que constante e regularmente fazem esta navegação.

EXTERIOR

O transporte das malas para a Europa, América do Norte, Repúblicas do Prata e do Pacífico e de todos os outros países a que esses servem de intermediários é feito regularmente pelos paquetes das companhias: Messageries Maritimes, de Bordeaux; Royal Mail Steamers Packets, de Southampton; Pacific Steamers Navigation, de Liverpool; Brazil and River Plate Steam Navigation, de Liverpool; Chargeurs Réunis, de Antuérpia; Transportes Marítimos a Vapor, de Marselha; Suedamerikanische Dampfschiffahrts, de Hamburgo; United States & Brazil Steam Ship, da América do Norte, nos dias previamente anunciados.

SERVIÇO RURAL

Faz-se diariamente uma distribuição das correspondências nas seguintes povoações:

Abaeté	Guaratiba	Pavuna
Bangu	Ilha	Pedra
Brejo	Inhaúma	Realengo
Campinho	Irajá	Rio Grande
Campo Grande	Jacarepaguá	Taquara
Fortinho Afonso	Mato Alto	Vargem Grande
Grota Funda	Morgado	

Os carteiros encarregados desse serviço partem de Cascadura às 7 horas da manhã, e de Campo Grande, às 11 horas.

As cartas e mais papéis destinados às pessoas cujos domicílios não ficam nas estradas percorridas pelos carteiros são depositadas nas agências de correio mais próximas.

As correspondências para as povoações acima designadas devem ser postas nas caixas urbanas até a última hora nelas marcada; na caixa central, rua Primeiro de Março, até as 6 horas da tarde, e na agência da estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II até ¼ de hora antes da partida do trem da Serra.

Dois carteiros rurais, que diariamente partem de Cascadura, um às 7h35 da manhã, e outro às 4h30 horas da tarde, trazem das ditas povoações não só as correspondências que têm de ser distribuídas nesta cidade como as destinadas para o interior do Império ou para o exterior.

MALAS DIVERSAS

O serviço das malas de e para o Capitão-mor, Santa Isabel do Rio Preto, Presídio (São João do) e Espírito Santo (Mar de Espanha) é feito diariamente.

As malas para Christina, Baependi, Caxambu, Conceição do Rio Verde, Campanha, Três Corações do Rio Verde, São Gonçalo de Sapucaí, Pouso Alto, São José do Picu, Carmo, Águas Virtuosas, Lambari, Santana de Capivari, Alfenas e Santo Antônio do Machado são expedidas nos dias ímpares de cada mês, pela Estrada de Ferro D. Pedro II.

Expedem-se diariamente as seguintes malas pela Estrada de Ferro D. Pedro II: Arraial do Descoberto, Guarani, Laje, Santo Antônio de Pádua, São Fidélis, São João do Paraíso, Três Irmãos, São José de Leonissa, Conceição da Ponte Nova, Monte Verde, Valão das Antas e estação central Santo Antônio de Pádua.

A mala para São Sebastião do Paraíba é expedida diariamente e pela estação São Sebastião da Estrada de Ferro de Pirapitinga.

A mala para Porto Velho do Cunha continua a ser remetida pela estação do Pântano, porém diariamente.

O serviço da condução das malas da estação da Estrada de Ferro D. Pedro II ao Morro Azul, passando por São Pedro e São Paulo, São José do Bom Jardim e Arrozal São Sebastião é feito de dois em dois dias (dias ímpares).

INSTRUÇÕES ESSENCIAIS

Como as cartas se devem fechar. O que oferece maior segurança são as sobrecartas (envelopes). Devem fechar-se com lacre de uma só cor e sinete representando um sinal particular ao remetente. Não é, porém, obrigatória essa formalidade. As cartas que se destinarem a qualquer ponto do Império, ainda mesmo as registradas sem declaração de valor, podem fechar-se como convier aos remetentes.

Redação dos sobrescritos. Deve-se deixar na parte superior das sobrecartas o necessário espaço para ser posto o carimbo do correio remetente e o selo de franquia.

Da falta de cuidado na redação dos sobrescritos resulta muitas vezes ficar detida ou extraviar-se a correspondência; cumpre, portanto, que o nome do destinatário e o do lugar a que a correspondência se destina sejam escritos com a maior clareza possível.

Ao nome do destinatário convém que se acrescente sempre a sua qualidade ou profissão, e ao do lugar, se a correspondência for para o interior, o da respectiva província, não só para orientar os empregados do correio e facilitar-lhes o trabalho, o que é sempre em vantagem do público, senão também porque em mais de uma província há localidades com o mesmo nome.

Na correspondência destinada a cidades onde há distribuição nos domicílios, convém indicar o nome da rua e o número da casa.

A correspondência para o exterior deve ter, depois do seu endereço particular, a designação do país a que for dirigida; e quanto à França é, preciso mencionar também o departamento.

As cartas para o interior ou exterior que por qualquer motivo deixarem de ser recebidas pelos destinatários serão restituídas aos seus autores, se estes tiverem declarado nos sobrescritos delas, mediante um sinete ou de outro modo, seus nomes e residência.

Por prática estabelecida pode o remetente de uma carta que a quizer retirar ou alterar-lhe o sobrescrito dirigir-se ao Chefe da Seção competente e, a sua vista e de testemunhas, quando não for conhecido, provar que ela lhe pertence, abrindo-a e confrontando as assinaturas, tomando o mesmo chefe as declarações necessárias e que o caso exigir.

Selos. Seu valor. Seu emprego. As taxas da correspondência para o interior ou exterior são sempre pagas em selos, e para o seu prévio pagamento servem, em concorrência com os selos das emissões anteriores, enquanto estes não se esgotarem, as atuais estampilhas de 10, 20, 50, 80, 100, 200, 300, 500, 700 e 1.000 réis.

Há também sobrecartas seladas de 100, 200 e 300 réis.

Na venda dos selos são sempre servidas em primeiro lugar as pessoas que não exigirem troco, nem que se pese a correspondência.

Os selos devem ser postos na correspondência e nas caixas dos correios pelos próprios remetentes ou seus portadores. É proibido aos empregados e agentes incumbirem-se disso.

Os selos devem ser colocados no sobrescrito da correspondência, no ângulo superior do lado direito, a fim de habilitar o correio a servir com maior presteza.

Distribuição da correspondência. Mediante o prévio pagamento de 24\$ por ano são admitidos assinantes, não só na Diretoria-geral como nas Administrações e Agências cuja importância o exige. Os assinantes têm sempre preferência na entrega da sua correspondência no Correio; mas devem, por interesse próprio, facilitar esse serviço recomendando aos correspondentes que indiquem nos sobrescritos os números das suas caixas, como se pratica nos países cujos correios admitem assinantes.

Também são entregues no Correio, e somente nele, ainda que se conheçam os domicílios dos destinatários, as cartas com a declaração posta-restante. Os destinatários devem exibir provas da sua identidade.

As demais correspondências ordinárias são levadas aos domicílios em todas as cidades cuja população exceder a 5.000 almas.

A correspondência ordinária que não pode ser levada aos domicílios, por não virem designados nos sobrescritos, e por não constarem dos indicadores, que devem ter todos os correios onde há carteiros, ou quando não pode ser recebida em casa dos destinatários, só se entrega na posta-restante.

Fora deste último caso, porém, o Correio exige declaração dos domicílios, e inscreve-os no indicador, a fim de que possa mandar a eles a correspondência reclamada, e os fique conhecendo para outra ocasião.

As cartas nacionais ordinárias que por qualquer motivo não se entregam dentro do prazo de dois anos são queimadas sem serem abertas.

A correspondência simplesmente registrada é entregue no correio ou nos domicílios, mas sempre aos próprios destinatários, ou aos seus procuradores bastantes, ou às pessoas a quem para isso eles autorizarem por escrito, que deverá ficar no Correio, assim como as procurações. Quando há dúvida sobre a identidade do destinatário ou da sua firma, o empregado ou o agente exige no primeiro caso o testemunho de uma ou duas pessoas fidedignas, e, no segundo, o reconhecimento da firma.

Da correspondência registrada que não se pode entregar nos domicílios, há logo aviso aos destinatários nos correios que têm carteiros; e, quando os domicílios não são conhecidos, faz-se anúncio no correio ou pelas gazetas. Segundo aviso é mandado oito dias depois aos destinatários que, apesar do primeiro, não comparecerem.

Dois anos depois de registrado qualquer objeto ou da última reclamação a seu respeito, não se admite mais reclamação alguma, e as cartas que por qualquer motivo não foram entregues são queimadas. Os remetentes devem exigir que o correio mencione no reverso dos certificados as datas das reclamações que eles fizerem.

As cartas registradas com valores declarados só são entregues no correio. O destinatário deve examinar bem o estado do fecho da carta e abri-la em presença do empregado ou agente de quem a tiver recebido.

Os objetos seguros em países estrangeiros são entregues no correio ou nos domicílios.

Assinaturas de gazetas e periódicos. Servem os agentes de intermediários para a assinatura de periódicos, contanto que lhes seja adiantadamente paga a importância das assinaturas em dinheiro, de que devem passar recibo, e a comissão de 2% em selos.

Restrições. Penalidades. Não se recebem no correio maços ou pacotes superiores à capacidade das bolsas de couro ou sacos de pano pertencentes às localidades a que eles se destinarem; nem tampouco vidros com ou sem líquidos, matérias inflamáveis ou quaisquer outras que possam danificar a correspondência.

É proibido remeter-se pelo correio ouro, prata, joias, e em cartas ordinárias ou simplesmente registradas dinheiro ou quaisquer outros valores ao portador, inclusive bilhetes de loteria. Os infratores desta disposição pagam a comissão de 2% como se tivesse passado o valor por meio de saque ou de carta registrada, e mais a multa de 20% desse mesmo valor.

O uso de selos servidos sujeita a correspondência ao pagamento de porte duplo para ser expedida, e o autor da fraude é punido com o rigor da lei.

As pessoas que conduzirem para onde houver correio cartas (do interior ou do exterior) sem estarem devidamente franqueadas pagam cada uma até 50\$ de multa. A multa é até 100\$ para os comandantes e capitães de navio, chefes e mais empregados dos trens das estradas de ferro, e quaisquer indivíduos ocupados no transporte das malas do correio.

O abuso da franquia oficial para a correspondência particular sujeita o delinquente à multa de 500\$.

Os que venderem selos sem autorização do governo sofrem uma multa de 10\$ e 20\$000.

Os que falsificarem selos serão punidos com a multa de 100\$ e três meses de prisão, além da multa de dez vezes o valor dos selos que se provar terem vendido assim falsificados.

As pessoas que receberem cartas fingindo-se as próprias a quem devem ser entregues; que aliciem ou corromperem os carteiros para as obter ou que por violência as tirem aos mesmos não lhes pertencendo sofrerão a multa de 100\$ e três meses de prisão.

Quando as cartas que violentamente tomarem lhes forem dirigidas, sofrerão somente a multa. Os que maltrataram os carteiros no ato da entrega das cartas deixarão de gozar do direito de lhes serem as mesmas dirigidas às suas casas.

Quando os multados (em qualquer dos casos acima referidos) não tenham meios para poder satisfazer a multa, será esta substituída na forma do Código.

As multas pertencem à Fazenda Nacional. Quando houver alguém que tenha descoberto às autoridades o delito pelo qual foi imposta a multa, receberá metade dela.

TAXAS DE PORTE PARA O INTERIOR

(BRASIL)

Correspondência ordinária

É ordinária a correspondência particular ou oficial não registrada. Para garanti-la, a Repartição do Correio esforça-se por empregar todos os meios em prática nos outros países e compatíveis com as circunstâncias do nosso; mas raras vezes poderá satisfazer as reclamações que aparecerem; porque, para se conhecer ao certo que o objeto reclamado foi realmente posto na caixa — que o destinatário não o recebeu — e qual foi o empregado que cometeu a falta ou crime de o extraviar ou subtrair, é indispensável a existência de toda a escrituração, de todas as formalidades inerentes à correspondência registrada.

As cartas que circulam dentro do império são sujeitas ao pagamento da taxa uniforme de 100 rs. por porte simples de 15 gramas ou fração de 15 gramas, qualquer que seja a distância que tenham de percorrer por mar ou por terra.

Para as cartas de maior peso, regula a seguinte progressão:

Até 30 gramas	200 réis
De 30 a 60 ditas	400 réis
De 60 a 90 ditas	600 réis
De 90 a 120 ditas	800 réis

E assim por diante, aumentando sempre dois portes por 30 gramas ou fração de 30 gramas que acrescer.

As cartas expedidas de uns para outros pontos das cidades em que há entrega nos domicílios pagam a taxa de 50 rs. por porte simples de 15 gramas ou fração de 15 gramas que acrescer.

Paga, porém, somente a taxa de 20 rs. por 15 gramas cada uma das cartas urbanas especificadas nos parágrafos seguintes:

- 1ª) Participações de casamento e de nascimento.
- 2ª) Convites de enterro.
- 3ª) Bilhetes de visita, não excedendo a dois em cada capa.

4ª) Circulares, prospectos e avisos diversos.

Os objetos mencionados nesses quatro parágrafos devem ser impressos, litografados ou autografados; ser expedidos com o porte pago e abertos, a fim de que possa o correio verificar o seu conteúdo. Os que não preencherem essas condições são taxados como cartas para o interior.

As *cartas franqueadas abaixo da tarifa* ou *não franqueadas* são expedidas pelo correio; será cobrado, porém, do destinatário, o dobro da taxa que for devida.

Os *autos e mais papéis de foro* pagam somente metade da taxa das cartas, e as partituras ou folhas de música a taxa de 100 rs. até 50 gramas ou fração de 50 gramas.

Devem, porém, ser cintados de modo a conhecer-se o seu conteúdo.

As *cartas e os autos* postos no correio até meia hora depois de findo o prazo, que para recebimento desta correspondência ele deverá marcar por anúncio sempre que tiver de expedir mala para quaisquer pontos do Império, são também incluídos nessas malas, se estiverem franqueados com o dobro da respectiva taxa de porte.

As *pequenas encomendas e amostras de mercadorias* pagam a taxa de 100 rs. por 50 gramas ou fração de 50 gramas.

Devem ser registradas e só podem ter até 40 centímetros de comprimento, 22 de largura e 16 de grossura, exceto quando as malas das localidades a que forem destinadas comportarem maiores dimensões. As *brochuras, livros encadernados, catálogos, prospectos e quaisquer avisos* impressos, gravados, litografados ou autografados pagam a taxa de 20 rs. por porte simples de 40 gramas, ou fração de 40 gramas, qualquer que seja a distância que tenham de percorrer.

Observa-se a seguinte progressão:

Até 80 gramas	40 réis
De 80 a 160 ditas	80 réis
De 160 a 240 ditas	120 réis

E assim por diante, aumentando sempre dois portes por 80 gramas ou fração de 80 gramas que acrescer.

Para que possam esses objetos gozar da modicidade da taxa acima fixada, devem: pagar previamente o devido porte, estar cintados de modo a conhecer-se facilmente o seu conteúdo e não conter outra declaração manuscrita que não seja o endereço do destinatário, e, quando muito, a assinatura do remetente. A falta de cumprimento dessas condições sujeita-os à taxa de cartas ordinárias, para serem expedidos.

Os *jornais, periódicos, circulares e quaisquer impressos avulsos*, como *preços correntes* e outros, uma vez que preencham as precedentes condições, pagam a taxa de 10 rs. cada exemplar.

Se, porém, forem expedidos em maço, pagarão essa mesma taxa na razão de 40 gramas, ou fração de 40 gramas. com a progressão estabelecida para os livros, brochuras etc.

A *correspondência oficial entre funcionários brasileiros* continua a ser isenta de porte.

A *correspondência oficial*, para ser como tal recebida no correio, deve ter no sobrescrito a declaração da repartição ou do funcionário que a dirige e a que é endereçada, e estar fechada com o selo das armas do Império (ou do Estado a que pertencer o funcionário) contendo a inscrição da sua procedência.

Os *autos crimes* em que é parte a justiça e por ela remetidos de uns a outros juízos ou tribunais são considerados e tratados como correspondência oficial; e o mesmo se pratica quando os escrivães ou secretários dos juízos ou tribunais declaram no sobrescrito que os autos são enviados em virtude do recurso de réus notoriamente pobres.

Os *maços* ou *pacotes oficiais* podem ser cintados.

Bilhetes Postais

A impressão desses bilhetes pertence ao Estado. O seu custo ou porte acha-se declarado nas armas imperiais estampadas no ângulo direito superior. Três são as classes desses bilhetes:

1ª (de cor vermelha) Para a correspondência urbana, ao preço de 20 rs. os simples, a 40 rs. os duplos, isto é, com resposta paga.

2ª (de cor azul) Para a correspondência do interior das províncias em todo o Império: há simples, que custam 50 rs. (metade do porte de uma carta simples) e duplos, a 100 réis.

3ª (de cor de laranja) Para a correspondência internacional com os países que fazem parte da *União Postal Universal*, custando o simples 80 rs. e o duplo 160 réis.

O bilhete postal duplo é destinado a obter-se resposta, sem dispêndio algum da pessoa que a tenha de dar.

O expedidor de um bilhete duplo (isto é, com resposta paga), pode escrever de antemão o seu endereço completo na fórmula — *Resposta* — que lhe deve ser devolvida pelo destinatário do bilhete, com a respectiva resposta.

No anverso ou parte impressa só se escreve a tinta ou a lápis ou mesmo litografado ou impresso o nome da pessoa a quem é dirigido o bilhete, a denominação do lugar, rua, praça, travessa, ladeira, morro etc. e nº da casa.

No verso escreve-se a tinta, a lápis, litografado ou impresso o recado, a comunicação ou o pedido que se tem a fazer, datando-se e assinando-se.

Os bilhetes postais são lançados nas caixas do correio urbanas ou na geral, sem envelope, abertos como são, podendo ser dobrados os duplos, mas de modo que o endereço fique sempre para fora e possa ser lido pelo carteiro que o tiver de entregar, ou pelo empregado que tenha de expedi-lo.

O bilhete que contiver proposições indecentes, ofensivas aos bons costumes e à moral pública será destruído pela repartição do correio.

Podem ser registrados esses bilhetes, colocando-se, neste caso, ao ângulo esquerdo superior, os selos correspondentes ao registro, que será feito no lugar respectivo.

O bilhete *Resposta* pode ser expedido ligado ao primitivo, ou separado, sem que por isso se pague coisa alguma.

Com quanto transitem abertos os bilhetes, gozam, contudo, da inviolabilidade das cartas, e os carteiros e quaisquer outros empregados do correio são obrigados, sob as penas legais, a guardar inteiro segredo a respeito do conteúdo dos mesmos bilhetes.

Correspondência registrada

Quaisquer dos seguintes objetos: cartas, autos, amostras de mercadorias, pequenas encomendas, livros, jornais e outros impressos que pagar previamente, seja qual for o seu peso, a taxa fixa de 200 réis em selos, além da taxa do respectivo porte para o interior e que se entregar no correio a quem estiver encarregado deste serviço, será relacionado nominalmente, depois de se dar ao remetente um certificado para ser substituído pelo recibo do destinatário, e não passará de uma mão para outra, mesmo na estação postal onde for entregue, ou por onde transitar, sem ser também mediante recibo.

A repartição do correio, porém, não se obriga a pagar indenização alguma se for extraviado ou subtraído qualquer objeto registrado; limita-se a oferecer as garantias acima mencionadas, e punirá severamente o responsável pelo extravio ou subtração.

Para *correspondência oficial* ou *particular* ser registrada não é necessário que esteja fechada com lacre e sinete do remetente, nem que este assine no lado do fecho como se exige a respeito dos seguros.

A correspondência que tiver de ser registrada será recebida no correio somente até uma hora antes da que ele marcar para o recebimento da correspondência ordinária.

Os certificados devem ser entregues às partes imediatamente.

Quem desejar ter o direito de possuir o recibo com própria assinatura autografada do destinatário paga mais 100 rs. Procura-se o certificado do recebimento da carta enviada na sala da distribuição dos registrados, no 1º andar, em frente à entrada.

Cartas registradas com valores declarados

Para que se possam remeter pelo correio, nas cartas registradas, nota do Tesouro ou de Banco, bilhetes de loteria e em geral quaisquer valores ao portador, é indispensável que o remetente escreva no lado do fecho da carta — *Vale* (a quantia por extenso) *mil réis* —, rubrique esta declaração e, ao entregar a carta no correio, mostre o objeto cujo valor é declarado.

Se o objeto for dinheiro, isto é, notas do Tesouro ou de Banco, só poderá ser aceito quando não se puder sacar sobre o correio destinatário; e a quantia que se pretender incluir na carta deverá ser exatamente a declarada. Os bilhetes de loteria, porém, e quaisquer outros valores ao portador deverão ser admitidos; e o valor que se declarar poderá ser menor (mas nunca maior) do que o valor real. Também se admitirão documentos, mas neste caso cumpre que à declaração do valor se acrescente — em documentos.

De uma administração para uma agência e vice-versa o valor declarado não excederá a 50 mil réis, e de uma administração para outra, a 300 mil réis.

Será cobrado em selos, pela remessa do valor declarado, além da taxa do porte da carta, e da taxa fixa de 200 rs. para ser ela registrada, 2% sobre o valor declarado, na seguinte proporção:

Até 10\$	200 réis
De 10\$ a 15\$	300 réis
De 15\$ a 20\$	400 réis
De 20\$ a 25\$	500 réis

E assim por diante, acrescentando sempre 100 rs. por 5\$000 ou menos de 5\$000.

No caso de extravio da carta sem ser por força maior ou de subtração de parte do valor ou de todo ele, o remetente será indenizado pela repartição do correio.

O pagamento dos valores declarados que se extraviarem ou forem subtraídos só pode ser reclamado nos correios onde as cartas tiverem sido registradas.

Saques postais para o interior

Para facilitar ao público a remessa de dinheiro por intermédio do correio, a Diretoria-geral e as administrações expedem saques entre si.

De igual faculdade gozam as agências dos lugares cujas coletorias ou mesas de rendas tenham anualmente rendimento superior a 5:000\$000. Mas nenhuma administração ou agência exerce essa faculdade senão quando estiver para isso autorizada pela Diretoria-geral.

O máximo da quantia de cada saque postal poderá ser de 300\$, se o Correio remetente estiver para isso autorizado, e os vales podem ser emitidos ao portador, se o remetente assim o exigir. A comissão ou prêmio de cada saque é de 2% pagos previamente e em dinheiro na seguinte proporção:

Até 10\$	200 réis
De 10\$ a 15\$	300 réis
De 15\$ a 20\$	400 réis
De 20\$ a 25\$	500 réis

E assim por diante, acrescentando sempre 100 rs. por 5\$000 ou menos de 5\$000.

Os vales postais entregam-se às partes imediatamente, para serem remetidos por elas em cartas que devem ser registradas, na respectiva seção.

Os saques devem ser pagos dentro de 24 horas depois da sua apresentação, não contando-se os dias feriados.

O portador do vale há de ser o próprio destinatário do saque; e, quando há dúvida sobre sua identidade, exige-se o testemunho de uma ou duas pessoas fidedignas.

Não são pagos os saques que tiverem mais de quatro meses de data, senão à vista de outro que será sujeito à nova comissão.

TAXA DE FORTES PARA O EXTERIOR

(PAÍSES ESTRANGEIROS)

Em virtude da Convenção de Paris, os países que a celebraram formam, sob a denominação de União Postal Universal, um só território para a permutação recíproca de correspondências entre as respectivas estações postais.

Pertencem atualmente à União Postal Universal os seguintes países:

Alemanha, Argentina (república), Áustria-Hungria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Colômbia (Estados Unidos da), Dinamarca e colônias dinamarquesas, Dominica (república), Egito, Equador (república), Estados Unidos da América do Norte, Estados Unidos da Venezuela, França e colônias francesas, Grã-Bretanha e diferentes colônias inglesas, Índia inglesa e Canadá, Grécia e ilhas Jônias, Guatemala (república da), Haiti (república do), Havaí (Ilhas Sandwich), Espanha e províncias espanholas de

além-mar, Honduras (república), Itália, Japão, Libéria, Luxemburgo, México, Montenegro, Nicarágua (república da), Noruega, Países-Baixos e colônias holandesas, Paraguai, Peru, Pérsia, Portugal e colônias portuguesas, Romênia, Rússia, Sérvia, El Salvador, Suécia, Suíça, Turquia e Uruguai (república do).

Também pertencem à União Postal Universal:

1º) A ilha de Heligoland, como equiparada à Alemanha no que se refere ao serviço postal.

2º) O principado de Lichtenstein, como dependente da administração de correios da Áustria.

3º) A Islândia e as Ilhas Faroé, como parte integrante da Dinamarca^[57].

4º) As ilhas Baleares, as Canárias e as possessões espanholas da costa setentrional da África, como parte integrante de Espanha; a república do Vale de Andorra e as estações postais na costa ocidental de Marrocos, como dependentes da administração de correios espanhola.

5º) A Argélia e a Córsega, como parte integrante da França; o principado de Mônaco e as estações postais francesas estabelecidas em Túnis, Tânger (Marrocos) e Xangai (China), como dependentes da administração de correios da França; o Camboja e Tonkin, como equiparados quanto ao serviço postal, à colônia francesa da Cochinchina.

6º) Gibraltar, Malta e dependências (Gozzo, Comino e Cominotto) e Chipre, como dependentes da administração de correios da Grã-Bretanha.

7º) As estações postais que a administração da colônia inglesa Hong-Kong, sustenta em Kiung-Schou, Cantão, Shantou, Amoy (Xiamen), Fucheu, Nimpó, Xangai e Hankou (China), e em Haiphong e Hanói (Tonkin).

8º) As estações postais indianas de Aden, Mascate, Golfo Pérsico, Guador e Mandalai, como dependentes da administração de correios da Índia britânica.

9º) A república São Martinho e as estações postais italianas de Túnis, e de Trípoli de Berbéria, como dependentes da administração de correios da Itália.

10º) As estações postais estabelecidas pela administração de correios do Japão em Xangai, Chefoo, Chinkiang, Hankou, Nimpó, Fucheu, Newchwang, Sinquião e Tianjin (China) e em Fusampo (Coreia).

11º) Madeira e Açores, como parte integrante de Portugal.

12º) O grão-ducado de Finlândia, como parte integrante do Império da Rússia.

São *colônias dinamarquesas*: Groelândia e ilhas de Santa Cruz, São Tomás e São João, nas Antilhas.

São *colônias francesas*: na Ásia, os estabelecimentos franceses da Índia (Chandernagore, Karaikal, Mahé, Pondicherry, Yanaon), e a Cochinchina (Saigon, Mỹ Tho, Bien Hoa, Pulo Condor^[58], Vinh Long, Hà Tiên, Tschandok); na África, Gabão, Senegal e dependências (Goreia, São Luís, Bakel, Dagana), Mayotte, Nosy Be, Santa Maria de Madagascar e Reunião; na América, Guiana Francesa, Guadalupe e dependências (Desirable, Les Saintes, Marie Galante, São Bartolomeu e a parte norte da ilha São Martinho), Martinica, São Pedro e Miquelon; na Oceania, Nova Caledônia, Taiti, ilhas Marquesas, ilhas dos Pinheiros, ilhas Loyalty, ilhas Baixas (compreendendo os arquipélagos de Gambier, Toubouai e Tuamoton).

[57] Nessa época a Islândia era parte do reino da Dinamarca. A independência foi feita, em 1918, com o Ato de união Islândia-Dinamarca. Já as Ilhas Faroé continuam dependentes da Dinamarca.

[58] Era o nome durante a ocupação britânica, hoje chamada de Con Son, é a maior ilha do arquipélago de Con Dao, na costa sul do Vietnã.

As *colônias inglesas* pertencentes à União compreendem: na África, Costa do Ouro, Gâmbia, Lagos, Maurícia (ilha) e dependências (Seychelles, Almirantes, Rodrigues) e Serra Leoa; na América, ilhas Bermudas (São Jorge, São David, Long Island, Somerset, Ireland), ilhas Falkland, ilhas de Sotavento (Antígua, Dominica, Montserrat, Nevis, St. Kitts – São Cristóvão), ilhas Virgens (Tortola, Crab, Anegarda etc.), Guiana inglesa, Honduras britânicas, Jamaica, Terra Nova, Trindade; e na Ásia, Aden, Ceilão, Hong-Kong e Labuan.

A *Índia inglesa* compreende: o Indostão, a Birmânia britânica (Arracão, Pegu, Tenasserim), Singapura, Penão e Malaca.

O *Canadá* compreende: a Colúmbia britânica, as ilhas de Vancouver e do Príncipe Eduardo, Nova Brunswick e Nova Escócia.

São *províncias espanholas de além-mar*: na África, ilhas de Fernando Pó, Ano Bom e Corisco; na América, ilhas de Cuba e Porto Rico; na Oceania, ilhas Filipinas (Luzon, Mindanao, Palawan e Samar), ilhas Marianas e Carolinas.

São *colônias holandesas*: na América, Guiana holandesa e Antilhas holandesas (Curaçau, Aruba, Bonaire, a parte do sul da ilha de São Martinho, Santo Eustáquio e Labá); na Oceania, ilhas de Bornéu e Celebes (Macassar), arquipélago de Sonda (Sumatra, Java, Biliton, Madura, Banca, Rhio ou Riow, Bali, Lombok, Sumbawa, Flores, e a parte holandesa da ilha de Tumor), arquipélago das Molucas (Ternate, Tidore, Makian, Motir, Batchian, Gilolo, Ceram, Amboine, Bourou, Banda) e parte da Nova Guiné.

As *colônias portuguesas* compreendem: na África, Angola, Ajudá, Bissau, Cacheu, ilhas do Cabo Verde (da Boa Vista, Brava, do Fogo, de Maio, do Sal, Santo Antão, São Nicolau, São Tiago), Moçambique, São Tomé e Príncipe. Na Ásia, Damão, Dio, Goa, Macau e a parte nordeste da ilha de Timor.

As taxas de porte a que no Brasil estão sujeitos os objetos dirigidos para os países da União Postal Universal são as seguintes até o destino dos mesmos objetos:

Cartas ordinárias, 200 rs. por 15 gramas ou fração de 15 gramas.

Papéis de negócios, 50 rs. por 50 gramas ou fração de 50 gramas; não podendo, porém, ser nunca inferior a 120 rs. o porte mínimo.

Amostras de mercadorias, 50 rs. por 50 gramas ou fração de 50 gramas, não podendo ser nunca inferior a 80 rs. o menor porte.

Impressos, 50 rs. por 50 gramas ou fração de 50 gramas.

Registro. Não só as cartas como os outros objetos se podem registrar mediante o prêmio fixo de 200 rs., além do porte correspondente a seu peso; e, se o remetente de qualquer objeto registrado exigir aviso de entrega (recibo do destinatário), pagará para este fim mais 100 rs., cujo selo deverá ser colocado na respectiva fórmula.

Tanto a franquia como o registro de todo e qualquer objeto não se pode efetuar senão por meio de selos postais ou de sobrecartas seladas.

O prévio pagamento do porte é facultativo somente para as cartas ordinárias. No caso de insuficiência de franquia, os objetos de correspondência de qualquer espécie são taxados, em conta dos destinatários, no dobro da insuficiência.

A correspondência relativa ao serviço postal é a única que não está sujeita a porte algum.

Estão excluídos da diminuição do porte os selos ou fórmulas de franquia, obliterados ou não, assim como todos os impressos que constituam sinal representativo de um valor.

São considerados como papéis de negócios, e admitidos como tais à diminuição de porte acima indicada, as peças e documentos escritos ou desenhados à mão, no todo ou em parte, que não tiverem o caráter de uma *correspondência atual e pessoal*, como os atos judiciais, os atos de qualquer gênero lavrados por agentes oficiais, as guias de cargas ou conhecimentos, as faturas, os diferentes documentos de serviço das companhias de seguro, as cópias ou extratos de escrituras particulares passadas em papel selado ou não selado, as partituras ou folhas de música manuscritas, os manuscritos de obras expedidas isoladamente etc. Os papéis de negócios devem ser expedidos sob cinta móvel ou em envoltório aberto.

As amostras de mercadorias não gozarão do porte módico acima indicado, senão sob as seguintes condições: devem ser colocadas em sacos, caixas ou envoltórios móveis, de maneira que facilite a verificação; não podem ter nenhum valor mercantil, nem trazer escrito a mão senão o nome ou a firma social do remetente, o endereço do destinatário, uma marca de fábrica ou de negociante, números de ordem e preços.

São considerados como impressos e admitidos como tais a gozar da diminuição de porte acima indicado: os jornais e as obras periódicas, os livros brochados ou encadernados, as brochuras, os papéis de música, os cartões de visita, os cartões de endereço, as provas de imprensa, com ou sem os respectivos manuscritos, as gravuras, as fotografias, os desenhos, os planos, os mapas geográficos, os catálogos, os prospectos, os anúncios e avisos diversos impressos, gravados, litografados ou autografados, e, em geral, todas as impressões ou reproduções obtidas sobre papel, pergaminho ou cartão, mediante tipografia, litografia ou qualquer outro processo mecânico fácil de reconhecer-se, exceto a contraprova (*decalque*). Os impressos devem-se expedir quer sob cinta, em rolo, entre cartões, em um estojo aberto de um lado nas duas extremidades, quer em um envoltório aberto, quer simplesmente dobrados de maneira a não dissimular a natureza da remessa, quer enfim amarrados com barbante fácil de desatar-se. Os cartões de endereço e todos os impressos, com a forma e consistência de um cartão não dobrado, podem ser expedidos sem cinta, envoltório, atadura ou dobra.

O caráter de *correspondência atual e pessoal* não se pôde atribuir às seguintes indicações:

1º) À assinatura do remetente ou à designação do seu nome ou da sua firma social, da sua qualidade, do lugar de procedência e da data da remessa.

2º) À dedicatória ou à homenagem do autor.

3º) Aos riscos ou sinais simplesmente destinados a marcar os trechos de um texto para os quais se deseje chamar a atenção.

4º) Aos preços acrescentados às cotações ou preços correntes de praças do comércio ou de mercados.

5º) Enfim, às anotações ou correções feitas nas provas de imprensa ou de composição musical, e com referência ao texto ou à execução da obra.

É permitido reunir em uma só remessa amostras de mercadorias, impressos e papéis de negócios, mas mediante as seguintes condições:

1ª) Cada objeto tomado de *per si* não excederá os limites que são aplicáveis quanto ao peso e quanto à dimensão.

2ª) O peso total não poderá exceder de dois quilogramas em cada remessa.

3ª) A taxa será no mínimo de 120 rs., se a remessa contiver papéis de negócios, e de 80 rs., se se compuser de impressos e de amostras de mercadorias.

Não serão expedidos:

1º) Os objetos que, não sendo cartas, não forem franqueados ao menos parcialmente, ou que não preencherem as condições acima exigidas para que gozem da redução da taxa.

2º) As remessas de natureza a sujar ou deteriorar as correspondências.

3º) Os pacotes de amostras de mercadorias que tiverem valor mercantil, ou que pesarem mais de 250 gramas ou que apresentarem dimensões superiores a 20 centímetros de comprimento, 10 de largura e 5 de grossura.

4º) Enfim, os maços de papéis de negócios ou de impressos de qualquer espécie, cujo peso exceda a dois quilogramas.

Não é admissível o transporte pelo correio de nenhuma carta, pacote ou qualquer remessa que contenha artigos de ouro ou prata, moeda, joias, objetos preciosos, outros quaisquer sujeitos a direitos de alfândega.

As cartas ordinárias não franqueadas nos países da União Postal Universal pagam no Brasil 300 rs. por 15 gramas ou fração de 15 gramas.

Das taxas a que ficam sujeitas as correspondências de e para os países que não fazem parte da União

África, Costa Ocidental (exceto Libéria e possessões inglesas, francesas, espanholas e portuguesas)

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 g. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

As cartas que vierem franqueadas, mas não até o destino, assim como todas as amostras e os impressos, qualquer que seja a procedência, estão sujeitas ao pagamento das taxas territoriais.

Amigos (Ilha dos)

Via de Itália. Franquia obrigatória até Sidney. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Papéis de negócios, 120 rs. cada 50 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas: mais o porte de 200 rs. cada 15 gramas e 200 rs. como prêmio fixo.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 580 rs. cada 15 gramas.

Aname (An Nam)

Via de Itália. 1º) de Nápoles por paquetes franceses. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 100 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

2º) de Brindisi por paquetes ingleses. Franquia obrigatória até Singapura. Cartas, 380 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 80 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 70 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 520 rs. cada 15 gramas.

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Arábia (exceto Aden e Mascate)

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Ascensão (Ilha)

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 500 rs. cada 15 gramas.

Aspinwall

Via Norte América. Franquia obrigatória até o ponto de desembarque. Cartas, 240 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas: porte duplo e mais 200 rs. como prêmio fixo.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 400 rs. cada 15 gramas.

Austrália Meridional e Ocidental

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 240 réis.

Via Norte América (somente por paquetes americanos). Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 240 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 340 rs. cada 15 gramas.

Via de Itália. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Papéis de negócios, 120 rs. cada 50 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas: porte duplo e mais 200 rs. como prêmio fixo.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 580 rs. cada 15 gramas.

Via de França. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas: porte duplo e mais 200 rs. como prêmio fixo.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Bolívia

Via do Peru. Franquia obrigatória até ao porto de desembarque. Cartas, 320 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 240 rs. cada 15 gramas.

Via de Buenos Aires. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 320rs cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 400 rs.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 420 rs. cada 15 gramas.

Cabo da Boa Esperança (Cape of Good Hope)

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até ao destino. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 240 réis.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 500 rs. cada 15 gramas.

Cabul (Afeganistão)

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 450 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Cachemira

As correspondências estão sujeitas às taxas indicadas para Cabul e são expedidas pela mesma via.

Carriacou

Via de São Thomaz. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 360 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 160 rs. cada 100 gramas. Jornais, 90 rs. cada um. Outros impressos, 140 rs. cada 100 gramas. Registro de cartas, 280 réis.

Cartas franqueadas, vindas de lá, 460 rs. cada 15 gramas.

China

Excetuando-se Amoy, Cantão, Chi-fu, Chinkiang, Cocbin, Fuzhou, Haifeng, Hankou, Hanói, Hong-Kong, Kim-Kiang, Kiungchow, Yingkou, Ningbo, Xangai, Shantou e Tianjin, que pertencem à União.

Via de França. Franquia obrigatória até Xangai ou Hong-Kong. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 110 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 100 rs. cada 40 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 500 rs. cada 15 gramas.

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até ao destino. 1^o) por Brindisi. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 140 rs. cada 50 gramas. Jornais, 180 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 130 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 240 réis.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 740 rs. cada 15 gramas.

2^o) por Southampton. Cartas, 320 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 240 réis.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 580 rs. cada 15 gramas.

Costa Rica

Via de São Thomaz. Franquia obrigatória até o porto de desembarque.

1) Por paquetes franceses. Via Panam. Cartas, 250 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 140 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 130 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 620 rs. cada 15 gramas.

2) Por paquetes ingleses. Cartas, 360 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 80 rs. cada 50 gramas. Jornais, 90 rs. cada 50 gramas. Outros impressos, 70 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 460 rs. cada 15 gramas.

Via Norte América.

1) Costa ocidental. Franquia obrigatória até o porto do desembarque. Cartas, 300 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 400 rs. cada 15 gramas.

2) Costa oriental. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 320 rs. cada 100 gramas. Jornais, 180 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 300 rs. cada 100 gramas. Registro das cartas, 280 rs.

Chile

Paquetes do Pacífico. A correspondência está sujeita ao prévio pagamento da nossa taxa territorial aumentando-se mais, como taxa marítima, 100 rs. em cada porte de amostras e impressos.

A correspondência dali expedida não franqueada fica sujeita à nossa taxa territorial.

Fiji ou Viti (Ilhas)

As correspondências estão sujeitas às taxas indicadas para Amigos (Ilha dos) e são expedidas pela mesma via.

Ladakh (pequeno Tibete)

As correspondências estão sujeitas às taxas indicadas para Cabul e são expedidas pela mesma via.

Madagascar (exceto Santa Maria)

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 140 rs. cada 50 gramas. Jornais, 180 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 130 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 320 rs.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Natal

Via de Inglaterra. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 400 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 240 rs.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 500 rs. cada 15 gramas.

Via de Itália. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 640 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 110 rs. cada 50 gramas. Papéis de negócio, 180 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 100 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 740 rs. cada 15 gramas.

Navassa

Via Norte América. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 240 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 340 rs. cada 15 gramas.

Nova Gales do Sul (New South Wales)

Via de Inglaterra. As correspondências expedidas por esta via estão sujeitas às taxas indicadas para Austrália Meridional e Ocidental, pela mesma via.

Via Norte América por paquetes americanos. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 380 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 200 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 180 rs. cada 100 gramas. Registro das cartas, 400 rs.

Via de Itália. As correspondências expedidas por esta via estão sujeitas às taxas indicadas para Austrália Meridional e Ocidental pela mesma via.

Via de França. As correspondências expedidas por esta via estão sujeitas às taxas indicadas para a Austrália Meridional e Ocidental pela mesma via.

Nova Zelândia

Via de Inglaterra. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via Norte América (por paquetes americanos). As correspondências expedidas por esta via estão sujeitas às taxas indicadas para Nova Gales do Sul pela mesma via.

Via de Itália. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via de França. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Panamá

Via São Thomaz. Franquia obrigatória até o destino. Cartas, 360 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 160 rs. cada 100 gramas. Jornais, 90 rs. cada um. Outros impressos, 140 rs. cada 100 gramas. Registro das cartas, 280 rs.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 460 rs. cada 100 gramas.

Via Norte América. Franquia obrigatória até ao porto de desembarque. Cartas, 300 rs. cada 15 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas: porte duplo e mais 200 rs. como prêmio fixo.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 400 rs. cada 15 gramas.

Santa Helena (Ilha)

Via de Inglaterra. Franquia facultativa até o destino. Cartas, 640 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais, 140 rs. cada 100 gramas. Outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas. Registro das cartas, 280 rs.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 740 rs. cada 15 gramas.

Sarawak

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Sião

As correspondências estão sujeitas às taxas indicadas para Annam e são expedidas pela mesma via.

Tasmânia (ou Van Diemen)

Via de Inglaterra. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via Norte América por paquetes americanos. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via de Itália. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via de França. Vide Annam.

Terra da Rainha (Queensland)

As correspondências estão sujeitas às taxas indicadas para Nova Gales do Sul e são expedidas pelas mesmas vias.

Trípoli

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 15 gramas.

Vitória

Via de Inglaterra. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via Norte América. As correspondências expedidas por esta via (por paquetes americanos). Vide Nova Gales do Sul.

Via da Itália. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Via de França. Vide Austrália Meridional e Ocidental.

Países não mencionados nesta tarifa

Via de França. Franquia obrigatória até o porto de desembarque.

1) Por Brindisi. Cartas, 560 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 120 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 110 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 660 rs. cada 50 gramas.

2) Por Panamá. Cartas, 520 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 140 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 130 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 620 rs. cada 15 gramas.

3) Sem passar por Brindisi ou Panamá. Cartas, 520 rs. cada 15 gramas. Amostras de mercadorias, 100 rs. cada 50 gramas. Jornais e outros impressos, 90 rs. cada 50 gramas.

Cartas não franqueadas, vindas de lá, 620 rs. cada 15 gramas.

Convênio celebrado entre o Brasil e Portugal a 11 de fevereiro de 1881 para a permutação de fundos por via do Correio e a sua conversão em vales

Art. 1º A permutação de fundos entre o Brasil e Portugal por via do Correio e a sua conversão em vales ficam reguladas pelas disposições do presente convênio.

Art. 2º, 1. O Correio do Brasil é autorizado a receber de particulares, por depósito, dinheiro para ser convertido em Portugal em vales do Correio, pagáveis às pessoas e nas localidades por eles indicadas.

De igual modo é autorizado o Correio de Portugal a receber de particulares, por depósito, dinheiro para ser convertido no Brasil em vales do Correio, pagáveis às pessoas e nas localidades por eles indicadas.

Art. 2º, 2. Nenhum depósito de dinheiro para ser convertido em vales poderá exceder à quantia de:

a) 180\$ fracos, sendo a entrega efetuada no Brasil.

b) 90\$ fortes, sendo a entrega efetuada em Portugal.

Art. 2º, 3. Para a conversão em vales do Correio, tanto no Brasil como em Portugal, só se podem receber quantias de 1\$ ou múltiplos desta quantia sem fração alguma.

Art. 2º, 4. A propriedade dos vales do Correio, resultante das quantias depositadas no Brasil e em Portugal, é transmissível por meio de endosso.

Art. 3º O Correio do Brasil cobrará 2% pelas quantias depositadas para serem convertidas em vales pagáveis em Portugal.

De igual modo o Correio de Portugal cobrará 2% pelas quantias depositadas para serem convertidas em vales pagáveis no Brasil.

Art. 4º O país que recebe as quantias por depósito satisfaz ao país que tem de as pagar por meio de vales, além da sua importância total, metade do produto dos prêmios recebidos, em virtude do artigo precedente.

Art. 5º, 1. Afora o prêmio de que trata o art. 3º, nenhuma outra taxa ou emolumento poderá ser cobrado pelo recebimento, remessa ou entrega das quantias depositadas.

Art. 5º, 2. Excetua-se a taxa do imposto do selo, a que, segundo a legislação dos dois países, possa estar sujeita a emissão dos vales nacionais.

Art. 6º As quantias entregues pelos depositantes ficam-lhes completamente garantidas até serem satisfeitas aos respectivos destinatários, ou seus representantes, dentro dos prazos marcados no artigo que se segue.

Art. 7º, 1. Os vales representando as quantias depositadas, tanto no Brasil como em Portugal, prescrevem a favor dos dois países contratantes, e em partes iguais, no fim de dois anos contados da data da emissão dos mesmos vales.

Art. 7º, 2. Para os vales que derem lugar a qualquer reclamação, processo ou despacho, o prazo de dois anos será contado a partir da data em que essa reclamação, processo ou despacho se haja realizado.

Art. 8º As direções-gerais dos Correios do Brasil e de Portugal ficam autorizadas a suspender temporariamente e de comum acordo a permutação de fundos para serem convertidos em vales quando circunstâncias eventuais tornem indispensável a adoção de semelhante medida.

Art. 9º As duas mesmas direções ficam também autorizadas a estabelecer em regulamento todas as disposições que julgarem convenientes para a emissão, fiscalização e regularidade do serviço de que trata o presente convênio.

Art. 10 Este convênio começará a ter execução em 1º de julho de 1881, e vigorará até um ano depois da data em que o governo de um dos dois países contratantes o der por terminado.

Regulamento para a execução do Convênio entre Brasil e Portugal, relativo à permutação de fundos por via do Correio e a sua conversão em vales

Art. 1º, 1. O serviço da permutação de fundos será feito por via de:

- a) no Brasil, por via do Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.
- b) em Portugal, por via de Lisboa.

Art. 1º, 2. As direções-gerais dos Correios do Brasil e de Portugal ficam autorizadas a estabelecer o serviço da permutação de fundos em quaisquer outras estações postais.

Art. 2º As pessoas residentes no Brasil que pretenderem fazer remessas de dinheiro para serem convertidas em vales em Portugal, ou residentes em Portugal que pretenderem fazer remessas de dinheiro para serem convertidas em vales no Brasil, deverão preencher e apresentar nas estações postais de cada um dos dois países, com respeito a cada remessa, um boletim de depósito, em que designem o seu nome e residência, a quantia que entregam e o nome e residência da pessoa a quem essa quantia deverá ser paga.

Art. 3º O Correio dará em troca, tanto das quantias designadas nos boletins como do respectivo prêmio, um recibo.

Art. 4º Dessas quantias recebidas serão formuladas listas, conforme as seguintes condições:

a) Com respeito às quantias entregues em Portugal, para serem convertidas em vales pagáveis por intermédio do Correio do Rio de Janeiro, serão expedidas do Correio de Lisboa duas listas à Direção-geral dos Correios do Brasil, uma das quais será devolvida à procedência, depois de competentemente visada. Semelhantemente se procederá com relação às quantias que no Rio de Janeiro se entregarem para serem convertidas em vales pagáveis por intermédio do Correio de Lisboa.

b) Com respeito às quantias entregues em Portugal para serem convertidas em vales pagáveis por intermédio dos Correios do Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Santos, serão expedidas do Correio de Lisboa três listas, duas para o Correio de destino e a terceira para a Direção-geral dos Correios do Brasil. Das duas enviadas ao Correio de destino, será uma transmitida por ele à Direção-geral dos Correios do Brasil, que a devolverá à procedência, depois de competentemente visada.

c) Com respeito às quantias entregues no Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Santos, para serem convertidas em vales pagáveis por intermédio do Correio de Lisboa, serão expedidas duas listas à Direção-geral dos Correios de Portugal e uma à Direção dos Correios do Brasil.

Das duas enviadas para Portugal será uma devolvida à Diretoria-geral dos Correios do Brasil, depois de competentemente visada.

Art. 5º Quando as listas acusarem irregularidades, cuja retificação não se possa realizar na estação que as recebeu, esta pedirá logo esclarecimentos à estação que as expediu, a qual os ministrará com a possível brevidade. Enquanto esses esclarecimentos não chegarem, permanecerá suspensa a execução do art. 8º na parte em que estiverem irregulares as inscrições das mesmas listas.

Art. 6º, 1. As Direções-gerais dos dois países contratantes determinarão os dias em que nos seus respectivos Correios se deverá fazer o encerramento das referidas listas, tendo em vista que esse encerramento coincida o mais possível com a saída dos paquetes e outros barcos a vapor, tanto do porto do Brasil para o porto de Lisboa como deste porto para os do Brasil.

Art. 6º, 2. Encerradas as listas em questão, o Correio que tiver de as expedir converterá a soma total das suas importâncias, e metade do prêmio, indicado no art. 3º do convênio a que este regulamento se refere, em letras, tomadas nas respectivas praças ao câmbio corrente, nunca deixando de fazer menção desse câmbio na casa para esse fim reservada nas mesmas listas.

Art. 6º, 3. Quando se não haja recebido quantia alguma, será escrito nas listas a palavra “Nada”.

Art. 7º, 1. As letras a que se refere o nº 2 do artigo precedente serão remetidas ao Correio destinatário juntamente com as listas indicadas nos arts. 4º, 5º e 6º, e quando, por qualquer eventualidade, se não possa realizar esta remessa, o Correio destinatário suspenderá a emissão a que dá lugar o art. 8º até estar definitivamente na posse das aludidas letras.

Art. 7º, 2. As letras tomadas no Brasil a favor do Correio de Portugal devem ser pagáveis à ordem da Direção-geral dos Correios de Portugal, em Lisboa, Porto ou Londres. As letras tomadas em Portugal a favor do Correio brasileiro devem ser pagáveis à ordem dos funcionários que a Diretoria-geral dos Correios do Brasil indicar nas localidades em que as suas importâncias houverem de ser convertidas em vales.

Art. 7º, 3. O correio que tomar as letras assume, para com o Correio a favor de quem elas são sacadas, a responsabilidade subsidiária que possa resultar da falta do seu pagamento.

Art. 7º, 4. As segundas vias das letras tomadas em qualquer dos dois países deverão ser remetidas pelos paquetes ou barcos a vapor que imediatamente se seguirem aqueles em que as primeiras se expedirem.

Art. 8º, 1. Logo que qualquer das estações postais, mencionadas no art. 1º, receber as listas a que se referem os arts. 4º, 5º e 6º e as letras que de trata o art. 7º, procederá à emissão de vales internos a favor dos interessados, pelas quantias descritas nas mesmas listas, em conformidade com os regulamentos do seu país para pagamento de vales.

Art. 8º, 2. O câmbio para essa emissão será aquele a que as letras houverem sido tomadas.

Art. 9º, 1. Estes vales serão enviados gratuitamente aos destinatários, devendo ser pagos num prazo nunca excedente a oito dias.

Art. 9º, 2. Ao seu pagamento são aplicáveis, quer no Brasil quer em Portugal, as disposições que em cada um dos dois países estiverem em vigor, ou que de futuro forem adotadas com respeito ao pagamento e endosso de vales nacionais.

Art. 10, 1. Os mesmos vales são válidos por seis meses, contados da data emissão. No fim deste prazo só podem ser pagos mediante autorizações especiais da Direção-geral dos Correios do país onde se emitiram, a pedido dos interessados ou do Correio do país em que se efetuou o depósito da sua respectiva importância.

Art. 10, 2. Os vales perdidos ou destruídos podem ser substituídos a pedido dos destinatários, ou dos depositantes das quantias que eles representam, por autorizações especiais de pagamento, depois de se ter verificado que não foram pagos nem reembolsados.

Art. 10, 3. As autorizações a que se referem os nºs 1 e 2 deste artigo gozam, para todos os efeitos, de vantagens semelhantes às dos vales que substituem e ficam sujeitas às mesmas regras que a este se aplicam.

Art. 11, 1. Os depositantes das quantias convertidas em vales podem, a seu pedido, ser das mesmas reembolsados, se a Direção-geral do país onde se fez o depósito for avisada de que os vales representantes dessas quantias não foram pagos aos destinatários, e de que se tomaram as medidas necessárias para eles não serem satisfeitos, dado o caso de se apresentarem a pagamento.

Art. 11, 2. Para alcançar o reembolso da quantia representada por um vale desencaminhado ou destruído, deve o depositante apresentar o recibo a que alude o art. 3º.

Art. 11, 3. Em nenhum caso poderão os depositantes ser reembolsados dos prêmios que houverem pago pelas quantias entregues nos termos do art. 2º do convênio a que se refere este regulamento.

Art. 12 Será formulada mensalmente em cada uma das Direções-gerais dos Correios do Brasil e Portugal uma relação das quantias, descritas nos vales internos, que por qualquer motivo não tiverem sido pagas em cada um dos dois países, com designação daquelas cujo reembolso ao depositante houver sido autorizado. Só esses valores darão lugar a uma liquidação anual entre os dois países. Os débitos que resultarem desta liquidação serão satisfeitos por meio de letras, conforme as condições indicadas nos artigos precedentes.

Art. 13 Cada uma das direções dos dois países contratantes fixa para o seu serviço interno, além de quaisquer disposições particulares:

Art. 13, 1. O modelo dos vales que tiver de servir nesta emissão.

Art. 13, 2. As localidades em que, afora as já mencionadas no art. 1º, se permitirá a entrega de dinheiro para ser convertido em vales.

Art. 13, 3. As localidades em que se poderão pagar os vales emitidos em virtude do art. 8º.

O presente regulamento será executado a contar do dia em que vigorar o convênio a que ele se refere e terá a mesma duração, quando não seja renovado por deliberação entre os dois países.

Localidades de Portugal onde podem ser pagos os vales de correio das quantias recebidas por depósito no Brasil

Abrantes	Azambuja	Chaves	Guarda
Águeda	Barcelos	Cintra	Guimarães
Aguiar da Beira	Barquinha	Coimbra	Horta, ilha
Alandroal	Barrancos	Condeixa, a Nova	Idanha-a-Nova
Albergaria-a-Velha	Barreiro	Constância	Ilhavo
Albufeira	Batalha	Coruche	Lagoa
Alcácer do Sal	Baião	Coara	Lagos
Alcobaça	Beia	Covilha	Lamego
Alcochete	Belém	Crato	Leiria
Alcoutim	Belmonte	Cuba	Lisboa
Aldeia Galega do	Benavente	Elvas	Loulé
[Ribatejo]	Borda	Esposende	Lorinhã
Alenquer	Boticas	Estarreja	Louzã
Alfândega da Fé	Bouças	Évora	Louzada
Alijó	Braga	Estremoz	Mação
Aljezur	Bragança	Fafe	Macedo de Cavaleiros
Aljustrel	Cabeceiras de Bastos	Faro	Macieira de Cambra
Almada	Cadaval	Feira	Mafra
Almeida	Caldas da Rainha	Figueiras	Maia
Almeirim	Caminha	Ferreira	Mangualde
Almodovar	Campo Maior	Ferreira do Zêzere	Manteigas
Alter do Chão	Cantanhede	Figueira de Castelo	Marco de Canaveses
Alvaiazere	Carrazeda de Ansiães	Rodrigo	Marvão
Alvito	Carregal	Figueira da Foz	Mêda
Amarante	Cartaxo	Figueiró dos Vinhos	Mealhada
Amares	Cascais	Fornos de Algodres	Melgaço
Anadia	Castelo Branco	Fragoas	Mertola
Ancião	Castelo de Paiva	Freixos d'Espada à	Mesão Frio
Angra, ilha	Castelo de Vide	[Cinta	Mira
Arcos de Val de Vez	Castro Daire	Fronteira	Miranda
Arganil	Castro Marim	Funchal	Miranda do Corvo
Armamar	Castro Verde	Fundão	Mirandela
Arouca	Cela	Gavião	Mogadouro
Arraiolos	Celorico de Bastos	Góis	Moita
Arronches	Celorico da Beira	Golegã	Monção
Arruda	Certã	Gondomar	Monchique
Aveiro	Cezimbra	Gouveia	Moncorvo
Aviz	Chamusca	Grandola	Mondim

Mondim de Basto	Penalva do Castelo	Savalterra de Magos	Vagos
Monforte	Penamacor	Santa Comba Dão	Valença
Montalegre	Penedono	Santa Marta de	Vale Passos
Montemor-o-Novo	Penela	Penaguião	Viana do Alentejo
Montemor-o-Velho	Peniche	Santarém	Viana do Castelo
Mora	Pesqueira (São João	São João de Areias	Vidigueira
Mortágua	[da)	São Pedro do Sul	Vieira
Moura	Peso da Régua	Santiago do Cacém	Vila do Bispo
Mourão	Pinhel	São Vicente da Beira	Vila do Conde
Moimenta da Beira	Poiares (Santo André	Santo Tirso	Vila Flor
Murça	[de)	Sardoal	Vila Franca de Xira
Nelas	Pombal	Satan	Vila Nova de Cerveira
Nisa	Ponta Delgada, ilha	Seixal	Vila Nova de
Óbidos	Ponte da Barca	Serpa	[Famalicão
Odemira	Ponte do Lima	Sernancelhe	Vila Nova de Foz Côa
Oleiros	Ponte de Sor	Setúbal	Vila Nova de Gaia
Oeiras	Portalegre	Sever do Vouga	Vila Nova de Ourém
Olhão	Portel	Silves	Vila Nova de Portimão
Oliveira de Azeméis	Porto	Sinfães	Vila Pouca de Aguiar
Oliveira do Bairro	Porto de Moz	Soure	Vila Real
Oliveira de Frades	Póvoa do Lanhoso	Sousel	Vila Real de Santo
Oliveira do Hospital	Póvoa de Varzim	Tábua	[Antônio
Ourique	Proença-a-Nova	Tabuaço	Vila de Rei
Ovar	Redondo	Tarouca	Vila Velha do Rodão
Paços de Ferreira	Reguengos de	Tavira	Vila Verde
Pampilhosa	Monsaraz	Terras do Bouro	Vila Viçosa
Paredes	Resende	Tomar	Vimioso
Paredes de Coura	Ribeira de Pena	Tondela	Vinhães
Pedragão Grande	Rio Maior	Torres Novas	Vizeu
Penacova	Sabrosa	Torres Verdes	Vouzela
Penafiel	Sabugal	Trancoso	

2. TELÉGRAFOS ELÉTRICOS

A aplicação da telegrafia elétrica no Brasil é quase contemporânea da que se fez na Europa. Com efeito, em 1851, quando a França legislava sobre telégrafos, foi realizada também a primeira experiência no Brasil, mandando-se, em 1852, estabelecer as primeiras estações entre algumas secretarias, quartéis e arsenais do Rio Janeiro. Representado a princípio por pequenas linhas dentro da capital do Império, especialmente destinadas ao serviço do governo, o telégrafo elétrico estendia-se, em 1856, até a cidade de Petrópolis, havendo nessa linha 20 quilômetros de cabo submarino, que foi o primeiro

empregado no Brasil e talvez na América do Sul: foi lançado, em dezembro de 1855, na ponta da Saúde para comunicar com o porto de Mauá.

A necessidade da defesa da baía do Rio de Janeiro aconselhou, em 1863, a conveniência de empregar este poderoso meio para a comunicação entre o governo e as fortalezas da barra; e, uma vez ali chegada, a linha telegráfica desenvolveu-se pelo litoral até a cidade de Cabo Frio, a fim de aproveitar a navegação marítima, até então servida pelos telégrafos ópticos estabelecidos em 1808.

Em agosto de 1864, inaugurou-se a linha telegráfica da praça e as urbanas da capital do Império (nove linhas), com 24 mil quilômetros de extensão.

A guerra do Império contra o governo da república do Paraguai, em fins de 1865, veio dar mais impulso a este serviço, construindo-se a linha, com fio duplo, da capital ao sul do Império, a qual, servindo às necessidades da guerra, aproveitou ao mesmo tempo o grande número de povoações da costa das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e principalmente ao importante porto comercial de Santos.

Gradualmente foi crescendo e desenvolvendo-se a ramificação de outras linhas, de modo que o Brasil se acha em comunicação telegráfica com todas as suas províncias.

Acresce ainda que o Brasil está em comunicação telegráfica com a Europa, pelo cabo que, dali partindo em direção a Pernambuco, segue costeando o litoral brasileiro até o Pará, de onde, por São Tomás, se entronca na linha dos Estados Unidos.

Estão em efetivo serviço o cabo que liga a província de Pernambuco às da Bahia e Rio de Janeiro, e o que dali se dirige a Santos, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Barra do Chuí, onde se reúne ao que vem de Montevidéu.

Por esta forma, acha-se todo o litoral brasileiro relacionado com a Europa, os Estados Unidos e as repúblicas Argentina, do Paraguai e do Chile.

A Repartição Geral dos Telégrafos do Estado está definitivamente organizada, tendo-se em seu último regulamento, de 24 de dezembro de 1881, aproveitado as lições da experiência das nações mais adiantadas. O Governo Imperial aderiu à Convenção telegráfica internacional (com o regulamento do respectivo serviço) feita em São Petersburgo e com as modificações resolvidas na revisão de Londres efetuada a 28 de julho de 1879.

Além das linhas a cargo da Diretoria-geral dos Telégrafos, há outras pertencentes às empresas das estradas de ferro, que satisfazem não só às necessidades peculiares do respectivo tráfego, mas igualmente às de público, mediante taxas razoáveis aprovadas pelo governo. Vide *Estradas de Ferro*.

A Western and Brazilian Telegraph Company, Limited (Companhia Telégrafo Submarino) também comunica o Brasil com a Europa, os Estados Unidos e as repúblicas do Prata e do Chile. A 1º de janeiro de 1874, inaugurou o seu cabo submarino entre o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará. A 22 de junho do referido ano de 1874, visitava S. M. o Imperador a Biblioteca Nacional, quando recebeu os primeiros telegramas passados pelo telégrafo transatlântico, que assim, neste momento, se inaugurava. Data, pois, deste dia, a comunicação instantânea do Brasil com a Europa.

Por decreto de 31 de agosto de 1880, o governo concedeu a esta companhia autorização para estender um cabo submarino do Pará até a Guiana Francesa.

Em seguida, encontra o viajante as tabelas dos preços por palavra das duas estações telegráficas, a partir do Rio de Janeiro.

Repartição Geral dos Telégrafos. Diretoria, Oficinas e Estação Central, Campo da Aclamação, nºs 39 e 41. Acha-se aberta das 7h da manhã às 9h da noite. Diretor-geral: barão de Capanema; ajudante do diretor: dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira. No Correio há uma estação telegráfica que recebe telegramas para qualquer parte; a entrada é pela rua Visconde de Itaboraí ou pela porta principal do edifício do Correio, 1º andar, à direita da entrada, ao fundo.

Tarifa da Repartição Geral dos Telégrafos

Art. I. 1º Fica estabelecida a taxa por palavra para todos os telegramas que percorrem as linhas do Estado (de acordo com o § 1º do art. XVII do Regulamento e com outros do mesmo Regulamento e da Convenção internacionais). 2º Ficam estabelecidas duas unidades de taxa: de 100 rs. para os telegramas do interior; de 400 rs. para os telegramas de ou para o exterior e para os de trânsito.

Art. II. 1º Os telegramas internacionais (de ou para o exterior, inclusive os de trânsito) são sujeitos à taxa de 400 rs. por palavra em cada zona. 2º O Império fica dividido em três zonas, a saber: a do norte, desde as fronteiras do Amazonas e Pará até a latitude do Recife; a do centro, desde a latitude do Recife até a do Rio de Janeiro; a do sul, desde a latitude do Rio de Janeiro até as fronteiras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. 3º Para essas três zonas (contempladas no quadro das tarifas internacionais no regime extra europeu da Conferência de Londres) vigoram as disposições da Convenção internacional e do respectivo Regulamento que lhes são aplicáveis.

Art. III. 1º Os telegramas do interior ficam sujeitos à taxa de 100 rs. por palavra em distância mínima determinada, e de múltiplos de 100 rs. na proporção do aumento da distância. 2º Para as estações atualmente estabelecidas e para as estações que se criarem, a Diretoria calculará, de acordo com o § antecedente, as tabelas de preços que vigorarão depois de aprovadas pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Art. IV. 1º Na contagem das palavras ou das letras vigoram, tanto para os telegramas internacionais como para os do interior, as disposições da Convenção e do Regulamento internacionais em tudo quanto não for expressamente modificado no presente regulamento. 2º Tem especial aplicação neste caso o disposto nos arts. XXII a XXV do Regulamento internacional. 3º No Império, o máximo de caracteres para uma palavra é o de 10 caracteres marcado no § 2º do art. XXIII do Regulamento internacional. 4º Para os telegramas em linguagem secreta vigora o § 6º do mesmo artigo. 5º Do mesmo modo, outra qualquer disposição expressa para serviço extra europeu.

Art. V. 1º Na estação da praça do Comércio se farão assinaturas de 5\$ mensais, que darão direito ao assinante de receber em seu domicílio, quando este não distar mais de um quilômetro da estação, participação dos navios entrados e saídos. 2º A taxa dos telegramas semafóricos será de 800 rs. (conforme o § 6º do art. LVIII do Regulamento internacional).

Art. VI. 1º Os telegramas urgentes são sujeitos à taxa triplicada, conforme o § 1º do art. XLV do Regulamento internacional. 2º Os telegramas múltiplos igualmente são sujeitos à taxa estipulada no § 2º do art. LIV. 3º Vigoram igualmente outras disposições do Regulamento internacional em referência às taxas de telegramas de respostas etc.

Art. VII. Na arrecadação das taxas devem ser observadas as disposições estatuídas nos arts. XXVI e XXVII do Regulamento internacional, tanto para os telegramas internacionais como para os do interior.

Art. VIII. Quanto à restituição de taxas e reembolsos, em todas as estações se regulará pelo disposto no Regulamento internacional nos arts. LXV a LXVIII.

● TABELA DOS PREÇOS POR PALAVRA A PARTIR DO RIO DE JANEIRO PARA

Abadia (Cachoeira d')	\$500
Alagoinhas	500
Alcobaça	300
Alegrete	600
Angicos	800
Angra dos Reis	100
Antonina	300
Aracaju	500
Aracati	800
Araruama	100
Arroio Grande	500
Bagé	600
Bahia	500
Barra de São João	100
Barra de São Mateus	200
Barra do Rio Grande	500
Barreiros	600
Belmonte	300
Benevente	200
Cabo Frio	100
Caçapava	500
Cachoeira (Rio Grande do Sul)	500
Cachoeira (Bahia)	400
Cacimbinhas	600
Caí	300
Camamu	400
Camacã	500
Camaragibe	600
Campos	100
Cangussu	500

Canavieiras	300
Caravelas	300
Conceição do Arroio	400
Coruripe	600
Cruz Alta	600
Curitiba	300
Desterro	300
Estância	500
Estreito (Santa Catarina)	300
Farol (Cabo Frio)	100
Fortaleza (Ceará)	800
Fortaleza de Santa Cruz	100
Goiana	600
Iguape	200
Igarassu	600
Ilhéus	400
Itabapoana	100
Itaguaí	100
Itajaí	300
Itambé (Pedras de Fogo)	700
Itapemirim	200
Itapitangui	200
Itaqui	600
Itaúnas	200
Jaguarão	600
Joinville	300
Laguna	400
Laranjeiras	500
Linhares	200
Livramento (Santana do)	600
Macaé	100

Macaíba	700
Maceió	600
Mamanguape	700
Mangaratiba	100
Maragogipe	400
Mariano Pinto	600
Maricá	100
Maruim	500
Morretes	300
Mossoró	800
Mucuri	200
Natal	700
Nazaré (Bahia)	400
Niterói	100
Paraíba do Norte	700
Paranaguá	300
Paraty	100
Pelotas	500
Penedo	500
Peruípe	300
Petrópolis	100
Pilar	600
Piratini	500
Pojuca	400
Ponta Negra	100
Porto Alegre	500
Porto Calvo	600
Porto das Caixas	100
Porto de Cima	300
Porto Seguro	300
Prado	300

Quissamã	100
Recife	600
Rio Bonito	100
Rio de Contas	400
Rio de Janeiro (Urbanas)	100
Rio Formoso	600
Rio Grande	500
Rio Pardo	500
Rosário	600
Santa Cruz (Espírito Santo)	200
Santa Maria (Rio Grande do Sul)	500
Santarém	400
Santo Amaro	400
Santos	200
São Borja	600
São Francisco (Santa Catarina)	300
São Francisco de Paula	100
São Gabriel	500
São João da Barra	100
São José do Norte (Rio Grande do Sul)	500
São Lourenço	500
São Mateus	200
São Miguel dos Campos	600
São Paulo	200
São Sebastião	100
São Vicente de Paula	100
Serra (Cidade da)	200
Taquari	500
Torres	400
Triunfo	500
Tubarão	400

Ubatuba	100
Uruguaiana	600
Valença (Bahia)	400
Venda das Pedras	100
Vitória	200
Vila Viçosa	300

OBSERVAÇÃO. Pelo recibo dado ao expedidor cobra-se a taxa fixa de 100 rs.

The Western and Brazilian Telegraph Company, Limited. Companhia Telégrafo Submarino.
Rua da Quitanda, nº 123, 1º andar, à direita da entrada. Acha-se aberta das 7h da manhã às 9h da noite.
Comunicação telefônica nº 10.

● TABELA DOS PREÇOS POR PALAVRA

- Do Rio de Janeiro para

Pernambuco	2\$200
Maranhão	3\$200
Pará	3\$200
Bahia	1\$600
Santos	1\$600
Santa Catarina	2\$200
Rio Grande	3\$200
CHILE	
Valparaíso e todas as outras estações	6\$000
Dinamarca	6\$700
França	6\$700
Espanha	6\$500
Inglaterra	6\$550
Estados Unidos	7\$050
Itália	6\$750
Madeira	5\$850
Montevideu	3\$200
Todas as outras estações na Banda Oriental	3\$400

Alemanha	6\$750
Áustria e Hungria	6\$850
Bélgica	6\$650
Portugal	6\$350
REPÚBLICA ARGENTINA	
Buenos Aires	3\$500
Todas as demais estações	3\$700
Rússia	6\$900
São Vicente (Cabo Verde)	4\$650
Suíça	6\$750

Os telegramas internacionais pagam 15 % mais, conforme o câmbio.

Regulamento para a transmissão

1º) Os preços são aplicáveis somente às *palavras ordinárias do Dicionário* e que não tenham mais de dez letras. Palavras que excedem dez letras pagarão a taxa singela por cada dez letras ou fração.

2º) *Despachos Secretos*. Despachos contendo algarismos que são evidentemente empregados em sentido secreto, ou combinações de letras que *não forem palavras conhecidas no Dicionário* são considerados *Telegramas secretos* e pagarão mais meia taxa além dos preços indicados. Cada grupo de algarismos ou uma combinação de letras pagará a razão de três algarismos ou letras por palavra.

3º) *Repetições*. Para conseguir exatidão na transmissão, as palavras “Collationnement payé”^[59] devem ser inseridas logo em seguida à direção do destinatário. Essas palavras são incluídas no número daquelas por que se paga. Despachos repetidos pagarão mais meia taxa.

4º) *Respostas* podem ser pagas adiantadamente, pagando o que as manda pelo número de palavras que ele deseja que a resposta contenha e isto deve ser indicado logo em seguida à direção do destinatário. Por exemplo (Resposta pago dez palavras). Essas palavras são consideradas e paga-se por elas como parte do telegrama.

5º) *Acusação do recebimento*. Como um excesso de pagamento adiantado de dez palavras pode-se receber telegraficamente notícia da data e hora em que o telegrama foi entregue. Nos telegramas pelos quais se exige a acusação do recebimento são precisas as palavras “Recebimento pago”, que devem ser inseridas logo depois da direção do destinatário e pagarão como parte do telegrama.

6º) *Correio*. Será imposto a título de porte do correio uma taxa de 500 rs. por cada telegrama que for enviado da Estação terminal ao seu destino pelo Correio. As palavras “Correio ____” devem ser inseridas logo depois da direção do destinatário e deve-se pagar por elas.

[59] Traduzido como “verificação paga”.

7º) *Direções abreviadas*. Com o fim de abreviar os despachos, as pessoas que estiverem no costume de fazer uso do telégrafo podem fazer registrar seus nomes e moradas no Brasil e em Montevideu sem pagamento.

3. TELEFONIA

Apenas foi o telefone exibido publicamente, todas as gazetas científicas e de notícias do mundo apressaram-se em dar a sua descrição e desenhos; e inúmeras experiências foram empreendidas em todos os países civilizados.

O Brasil mostrou-se desde logo interessado por esta *Maravilha das maravilhas*, como a denominou William Thompson, e poucos meses depois do seu aparecimento na Filadélfia, em 1877, os primeiros telefones vistos no Brasil foram fabricados no Rio de Janeiro nas oficinas da Western & Brazilian Telegraph Company (Cabo Submarino) e nas duas casas comerciais *Ao Grande Mágico* e *Ao Rei dos Mágicos*, sob a direção dos senhores France, Rodde e Chaves. Esses aparelhos corresponderam perfeitamente ao seu fim e as experiências deram os melhores resultados. Depois, a Repartição Geral dos Telégrafos fez igualmente algumas experiências com satisfatórios resultados. O senhor Edward Benest igualmente construiu uma linha telefônica entre a sua residência e a de alguns amigos seus, em Botafogo, a qual funcionou e ainda funciona regularmente.

Em fins de 1877, o senhor Antônio Ribeiro Chaves, proprietário da casa *Ao Rei dos Mágicos*, fabricou telefones segundo a descrição da gazeta francesa *Lumière Electrique*, estabelecendo desde logo uma linha telefônica pública do seu estabelecimento, na rua do Ouvidor, nº 116, ao Corpo de Bombeiros. O senhor Chaves, conhecendo a vantagem que haveria em ligar diversos pontos com um centro, estabeleceu linhas telefônicas da sua casa para o *Jornal do Commercio* e a polícia; e animado ainda pelos resultados obtidos no aperfeiçoamento dos aparelhos, empreendeu, em princípios de 1878, importantes experiências que foram feitas na Estrada de Ferro de Cantagalo, desde Niterói até Macuco, e na Ferro-carril Niteroiense, de Vila Nova ao Porto das Caixas.

Os aparelhos telefônicos mais perfeitos no seu estado primitivo foram fabricados pela casa *Ao Rei dos Mágicos* e apresentados ao senhor conselheiro Sinimbu, então Ministro da Agricultura, em uma experiência que se fez da Estação Central do Corpo de Bombeiros à Secretaria da Agricultura. O resultado dessa experiência foi o contrato com a referida casa para estabelecer um serviço telefônico ligando a Secretaria da Agricultura com a polícia. Correio, Obras Públicas, Tesouro, Corpo de Bombeiros, Estrada de Ferro D. Pedro II, Quinta Imperial do Caju, Estação do Brejo e Estação do Rio do Ouro, a qual dista 70 quilômetros da cidade.

O sistema de estações centrais, podendo-se dar comunicação de um ponto para outro, foi desde logo iniciado no estabelecimento do senhor Chaves, estabelecendo várias linhas ligadas com a sua casa e outras independentes. Todos esses trabalhos foram executados em 1878, e o serviço de recados fazia-se e ainda hoje se faz gratuitamente naquela casa.

Depois da invenção do telefone veio o microfone, de cuja introdução e fabricação cabe a glória à Repartição Geral dos Telégrafos.

Para o bom andamento das comunicações telefônicas fabricaram-se nos Estados Unidos diversos aparelhos microtelefônicos, com despertadores e sinais magnéticos, que muito contribuíram para o

desenvolvimento rápido que se vê hoje nos telefones. Esses aparelhos com uma só pilha transmitem os sinais de alarme e a conversação até a distância de 600 quilômetros. Todos esses aparelhos, aperfeiçoados tanto na Europa como nos Estados Unidos, foram introduzidos e aplicados pela casa *Ao Rei dos Mágicos*. Foi esta casa quem primeiro apresentou no Rio de Janeiro a audição telefônica dos teatros. O senhor Chaves, por meio da sua estação, faz ouvir o espetáculo dos teatros em dez lugares diferentes, sendo a linha central mais extensa a da Tijuca (Alto da Boa Vista), e ao mesmo tempo passam-se recados em todas as direções sem impedimento da transmissão.

Em 1879, o Governo Imperial decretou uma concessão, para o Município Neutro, de linhas telefônicas com direção a habitações ou escritórios, mediante uma contribuição, por um plano que proporciona a cada contribuinte a facilidade de conversar com qualquer dos outros por intermédio de uma ou mais estações centrais de entrecomunicação, nas quais se fazem as ligações entre as diferentes linhas, segundo os pedidos. Essa concessão, decretada a 15 de outubro de 1879, deu origem à organização nos Estados Unidos, em outubro de 1880, da *Telephone Company of Brazil*, corporação formada com o fim de estabelecer escritórios centrais telefônicos e instituir um serviço telefônico completo no Brasil. Em abril de 1881, foram aprovados pelo governo os estatutos dessa Companhia, que a 28 de maio do mesmo ano inaugurou os seus trabalhos com a abertura de três linhas, cuja extensão era de 1.500 metros. No Rio de Janeiro a Companhia tem oito estações abertas, nos vários limites opostos da cidade, para acudir as urgências do público em geral, cujos recados podem ser transmitidos a qualquer das estações parciais da Companhia ou a qualquer assinante, indistintamente. A mais extensa das suas linhas é de 28 quilômetros de comprimento.

Telefonia Urbana. Estabelecida na casa *Ao Rei dos Mágicos*, de Antônio Ribeiro Chaves, rua do Ouvidor, nº 116. Existe na cidade grande número de importantes trabalhos telefônicos executados por esta recomendável casa, da qual não sai aparelho sem que as respectivas amostras tenham sido examinadas pela Repartição Geral dos Telégrafos.

Linhas que têm comunicação com a Telefonia Urbana, rua do Ouvidor, nº 116

MINISTÉRIO DA GUERRA com estação central no Quartel Mestre General no Campo da Aclamação, com linhas independentes para as seguintes repartições: Arsenal de Guerra, Fortaleza da Conceição, Quartel do 1º Regimento de Cavalaria em São Cristóvão, Imperial Quinta da Boa Vista, Hospital Militar do Andaraí, Escola Militar, Hospital Militar, Laboratório Farmacêutico e linha particular para a rua do Ouvidor, nº 116.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA com estação central na Secretaria, com linhas independentes para as seguintes repartições: Correio, Estrada de Ferro D. Pedro II, Tesouro Nacional, Obras Públicas, Corpo de Bombeiros etc. e linhas mistas para a polícia, Obras Públicas, Bombeiros etc.

MINISTÉRIO DA FAZENDA com estação central no Tesouro, comunicando-se para a Alfândega, Trapiche Mauá, Capatazias, Guardamoria, Tipografia Nacional etc.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA com estação central na polícia em comunicação com a Secretaria da Justiça, Casa de Detenção etc. Acha-se em projeto uma rede telefônica comunicando a polícia com todas as suas estações urbanas.

Companhia Telefônica do Brasil. *Escritório geral:* rua da Quitanda, nº 89. Foi inaugurada a 28 de maio de 1881. *Estações telefônicas para o serviço de recados avulsos:* rua da Quitanda, nº 89; na Alfândega, sala dos despachantes; rua Gonçalves Dias, nº 62; largo de São Francisco de Paula, nº 18;

praça Duque de Caxias, nº 223; no Andaraí Pequeno, rua Conde de Bonfim, nº 119; e no alto da Tijuca, White's Hotel.

As estações acham-se abertas das 7h da manhã às 10h da noite.

De cada uma das estações acima indicadas, para outra estação, ou para qualquer assinante, pode-se transmitir recados verbais, seja qual for a distância entre um e outro ponto.

Os trabalhos da Companhia dividem-se em cinco classes, a saber:

1. Serviço comercial

Ligação dos assinantes entre si, do perímetro comercial da cidade, como sejam: casas comerciais, bancos, trapiches, diversas companhias, a Alfândega, a praça do Comércio, a Companhia das Docas de D. Pedro II, a de *Carris Urbanos*, corretores etc. com o seu escritório central, por meio do qual se estabelece comunicação instantânea e inteiramente reservada entre uns e outros.

2. Serviço doméstico

Comunicação entre as habitações nos subúrbios da cidade, entre si e com o escritório central, e, portanto, com todo e qualquer estabelecimento público ou particular e com todos os outros assinantes.

3. Linhas particulares

Ligação meramente particular entre dois pontos somente, por exemplo, entre dois estabelecimentos comerciais, entre um estabelecimento comercial ou industrial e o seu depósito ou fábrica, e ainda entre um escritório em qualquer ponto da cidade e uma residência nos arrabaldes.

Assim, o chefe de uma oficina, ao receber uma encomenda qualquer, tem a facilidade de comunicá-la, de viva-voz, ao mestre dos seus operários, nas suas peculiares minuciosidades.

4. O telefone nas fazendas

A transmissão instantânea e exata de ordens que, partindo do corpo principal de um estabelecimento rural, dirigem-se a todas as suas dependências, a qualquer distância que estas se achem, constitui para os fazendeiros um melhoramento de incontestável utilidade.

Por meio de um aparelho telefônico, colocado no lugar mais conveniente na casa de vivenda, pode o fazendeiro comunicar verbalmente com os seus empregados.

5. Serviço de recados avulsos

Para esta espécie de serviço, a Companhia distribui, mediante uma retribuição diminuta, pequenos livros de cupons, devidamente numerados, cada um dos quais dá direito a uma conversa, isto é: chamado, resposta e colóquio, de qualquer das suas estações para outra ou para um dos seus assinantes.

Como complemento aos seus serviços, e a fim de proporcionar ao público todas as comodidades ao seu alcance, a empresa tenciona organizar, com pessoal habilitado e de toda a confiança, um serviço de mensageiros, destinados ao transporte e fiel entrega de pequenos volumes a qualquer ponto da cidade e seus arrabaldes.

A Companhia pretende realizar, com as diferentes empresas de viação urbana, um acordo para o transporte dos seus mensageiros e das encomendas a seu cargo.

Explicação quanto à organização interna do serviço da Companhia

Nos andares superiores do prédio em que funciona, a empresa estabeleceu um escritório central, ou ponto em que se vêm reunir todas as suas linhas, de onde quer que partam. Há ali uma sala para a qual convergem para mais de 500 fios, por meio de uma espécie de gaiola gradeada, fixa no telhado,

vindo ali ter uma das extremidades de cada linha, enquanto a outra entra no aparelho do assinante ou na estação parcial do distrito respectivo.

Cada linha é completamente independente das outras, e, nas mesas destinadas às ligações, tem o seu número correspondente, que a designa, representado por uma pequena chapa, movida por meio de uma bobina.

Colocado em frente de cada mesa acha-se sempre um estacionário, tendo ao seu alcance um aparelho telefônico e atento à queda das mencionadas chapas.

Um assinante qualquer toca a campainha do seu telefone, cai logo no aparelho central a chapa correspondente, e o estacionário pergunta-lhe com qual dos números quer falar. Obtida a resposta, o mesmo estacionário faz imediatamente a ligação das duas linhas, prevenindo antes ao assinante solicitado. Conversam então os dois entre si, e quando terminam, o que chamou dá novo sinal para que o estacionário os desligue, e assim os habilita para nova ligação com qualquer dos outros.

Não deve passar despercebido que o estacionário conserva-se inteiramente estranho ao que se passa, enquanto dura a ligação das duas linhas, e que só teria conhecimento da conversação ligando-os consigo mesmo, o que, aliás, seria logo percebido, pois cessaria a correspondência entre ambos.

Tarifa para o público

Uma conversa inclui tanto o recado como a resposta, isto é, a conversa entre duas pessoas. Se a pessoa pela qual se chama não estiver presente para responder logo, o chamado conta uma conversa.

De qualquer estação pública da Companhia, exceto a da Tijuca, para qualquer assinante ou estação da Companhia, exceto a da Tijuca, 500 rs.

De ou para a Tijuca (Whyte's Hotel) para qualquer assinante ou estação da Companhia, 1\$000.

Cupons em número nunca menor de dez dando direito a conversar das estações públicas da Companhia, exceto na da Tijuca, são vendidos no escritório geral da Companhia com o desconto de 25% dos preços da tarifa.

Tarifa de aluguel das linhas

Para as linhas de comércio (inclusive profissionais), 60\$ por trimestre.

Para as linhas de residência, 40\$ por trimestre.

Para duas linhas, sendo uma de comércio e outra de residência, 100\$ por trimestre.

Quando a distância exceder a dois quilômetros, será cobrado 50\$ mais para cada quilômetro de extensão.

Cada assinante recebe, grátis, dirigindo-se à Companhia por escrito, um livro de cupons os quais são aceitos nas estações públicas da Companhia em pagamento de conversas. Esses livros são substituídos por outros logo que o último cupom for inutilizado. O aluguel compreende toda a despesa da parte do assinante.

O assentamento, os materiais e os aparelhos, bem como a sua conservação e o custeio das linhas, correm por conta da Companhia.

Instruções essenciais e indispensáveis para os assinantes

1º) Devem ser cuidadosamente observadas e fielmente executadas as prescrições para *chamado* e *resposta* que acompanham cada aparelho telefônico, sem o que é fácil dar-se qualquer engano ou confusão.

2º) Deve-se falar no tom natural da voz, tendo a precaução de não aproximar a boca mais de meio palmo de transmissor, para evitar uma vibração demasiado forte e por isso prejudicial, e destacando bem as sílabas umas das outras, de modo a serem distintamente ouvidas.

3º) Terminada a conversa entre dois interlocutores, deve-se pendurar, no seu competente gancho, o tubo auditivo, a fim de que possa ser ouvido um novo chamado.

4º) Se,volvendo a manivela duas ou três vezes, não se obtiver resposta imediata, deve-se recorrer à mais próxima estação da Companhia, a qual tem obrigação de atender imediatamente a qualquer reclamação, fazendo sem perda de tempo percorrer a linha em que se deu a interrupção e destruir o temporário obstáculo.

5º) Todo e qualquer embaraço que não for prontamente remediado, assim como qualquer falta de atenção da parte dos empregados da empresa deverá ser logo comunicado ao Superintendente-geral, no escritório central, o qual se acha sempre à disposição do público para atender a qualquer reclamação.

Lista dos assinantes ligados com o Escritório central, na rua da Quitanda, nº 89

NA CIDADE

NÚMEROS, NOMES E ENDEREÇOS

52 A. C. Nathan & C. — Primeiro de Março, nº 45.

66 A. S. Hitchings — Primeiro de Março, nº 35.

90 Agostinho Pires & C. — Teófilo Otoni, nº 78.

93 Alberto d'Almeida & C. — Hospício, nº 45.

101 A. F. de Araújo Guimarães — Bragança, nº 24.

115 A. J. de Barros Tinoco & C. — São Pedro, nº 7.

123 A. Leuba & C. — Alfândega, nº 48.

136 Azambuja Irmãos — General Câmara, nº 72.

141 Alves Nogueira & Dalziel — Ouvidor, nº 46.

149 Armazém do Pharoux — Cais Pharoux, nº 2.

165 Agência Havas (E. Ruffler) — São Pedro, nº 2.

173 Aux Dames Élégantes, Almeida & C. — Teatro, nº 1.

190 A. Cibrão — Quitanda, nº 49.

208 A. T. da Costa e Sousa — Quitanda, nº 115.

228 Antônio Salazar — Beco das Cancelas, nº 1 A.

233 A. José de Castro Simões & Lopes — Praça do Mercado, nºs 39, 41 e 43.

248 Dr. Antônio Zeferino Cândido — Sete de Setembro, nº 60.

237 Arbuckle Bros — Visconde de Inhaúma, nº 29.

15 *Botanical Garden* R. R. C. — Largo do Machado, nº 225.

23 Banco do Brasil — Alfândega.

48 Berla Cotrim & C. — Bragança, nº 18.

65 Backeuser & Meyer — General Câmara, nº 65.

163 Banco Industrial e Mercantil — Quitanda, nº 119.

200 Brandão Barros & Avelar — Hospício, nº 70.

12 *Cruzeiro* — Ouvidor, nº 63.

14 Clube de Engenharia — Alfândega, nº 6.

- 41 Companhia Brasileira de Navegação a Vapor — General Câmara, nº 10.
- 51 C. P. Mackie & C. — Quitanda, nº 89.
- 61 Calógeras Irmãos — São Pedro, nº 31.
- 63 Câmara & Gomes — São Bento, nº 39.
- 64 Coachman & C. — Ouvidor, nº 130.
- 68 Companhia de Carris Urbanos — São Joaquim, nº 138.
- 69 Companhia de Carruagens Fluminense — Luís de Camões, nº 16.
- 88 Carson's Hotel — Catete, nº 160.
- 94 C. W. Gross & C. — São Pedro, nº 68.
- 103 Casa das Fazendas Pretas — Quitanda, nº 15.
- 111 C. Schumann & C. — Passeio, nº 15.
- 114 Centro dos negociantes de café — Municipal, nº 9.
- 118 Companhia de São Cristóvão — Estação do Mangue.
- 128 Companhia Comércio e Lavoura — Quitanda, nº 128.
- 132 Companhia Oficinas de Mecânica Industrial — Gamboa, nº 92.
- 133 C. de Vincenzi Oliveira & Campos — Alfândega, nº 63.
- 135 C. Mc. Culloch Beecher & C. — Primeiro de Março, nº 64.
- 148 Charles Hue — Praça de D. Pedro II, nº 12 A.
- 150 Câmara Municipal — Praça da Aclamação.
- 166 Costa Santos & C. — Rosário, nº 138.
- 178 Confeitaria Ouvidor (J. G. dos Santos) — Ouvidor, nº 105.
- 180 Chagas Dupart & C. — Beneditinos, nº 2.
- 182 Carlos Eduardo Duprat — Inválidos, nº 66.
- 189 Companhia E. S. e Campos (Faria Cunha & C.) — São Pedro, nº 64.
- 193 Carregal & Bastos — Candelária, nº 14.
- 197 Chaves, Fonseca & C. — Santa Luzia, nº 80.
- 203 Confeitaria Paschoal — Ouvidor, nº 126.
- 210 C. Abranches & C. — Primeiro de Março, nº 56.
- 224 Companhia Navegação Paulista — Beco do Cleto.
- 230 Câmara dos Deputados — Misericórdia, nº 1.
- 247 Carlos Ribeiro das Chagas — Riachuelo, nº 126.
- 56 Docas de D. Pedro II (armazém nº 5) — Saúde.
- 77 D. M. dos Anjos Sanches de Paiva — Evaristo da Veiga, nº 82.
- 104 Delorme Hannover & C. — Alfândega, nº 72.
- 106 D. M. A. Rego Faria — São Pedro, nº 3.
- 188 Duarte Prado & C. — General Câmara, nº 11.
- 227 Domingos Fernandes do Vale — São Pedro, nº 134.
- 232 Duvivier & C. — General Câmara, nº 64.
- 21 E. W. May — Primeiro de Março, nº 49.
- 35 Estação da Companhia Telefônica — Quitanda, nº 89.
- 36 Ed. Johnston & C. — São Pedro, nº 62.

40 English Bank of Rio de Janeiro, Limited — Primeiro de Março, nº 53.
 79 Empresa (Coimbra) de mudanças — Praça da Constituição, nº 59.
 87 Edward Schouw & C. — Primeiro de Março, nº 88.
 98 Estação da Companhia — Gonçalves Dias, nº 62.
 100 Estação da Companhia — Largo do Machado.
 124 Estação da Companhia — Andaraí (Estação dos Bondes).
 130 Estação da Companhia — Largo São Francisco, nº 18.
 146 Emanuele Cresta & C. — São Pedro, nº 63.
 191 E. P. Lacaze (Companhia Territorial) — Ourives, nº 49.
 209 Ed. Pecher & C. — General Câmara, nº 37.
 3 Finnie Irmãos & C. — Visconde de Inhaúma, nº 18.
 19 F. D. Machado — Praça do Comércio, nº 4.
 31 F. Sawen & C. — Quitanda, nº 41.
 43 Fernando Amares & C. — Alfândega, nº 78.
 89 Dr. F. Mendes de Almeida, das 10h às 3h — Rosário, nº 74.
 59 F. Strack & C. — General Câmara, nº 52.
 74 Fiorita & Tavolara — Alfândega, nº 15.
 82 Francisco Clemente & C. — Alfândega, nº 72.
 108 F. A. Ferreira de Melo — Hospício, nº 92.
 156 Francisco Manuel dos Santos — Misericórdia, nº 4.
 162 Fonseca & Cunha — Rosário, nº 114.
 174 Francisco José Fernandes & Silva — Largo da Carioca, nºs 12 a 18.
 201 Ferreira Alves Castro & C. — General Câmara, nº 47.
 213 Francisco Pereira de Vasconcelos — Carmo, nº 25.
 220 Ferreira Alegria & C. — São Bento, nº 16.
 229 Francisco de Paula Palhares — Hospício, nº 2.
 243 Francisco Corrêa Diniz — Praça General Osório, nº 57.
 13 *Gazeta de Notícias* — Ouvidor, nº 70.
 27 G. Leuzinger & Filhos — Ouvidor, nº 31.
 50 Grande Hotel, Aurélio Vidal — Marquês de Abrantes, nº 20.
 58 G. Joppert & C. — General Câmara, nº 63.
 71 *Gazeta da Tarde* — Uruguaiana, nº 45.
 75 G. L. Précht, George Kastrup, Paulo Delfino dos Santos e Augusto Ferreira da Cunha — Primeiro de Março, nº 57.
 107 G. F. Bassett & C. — Fresca, nº 5.
 176 Gaz Globo, Cláudio José da Silva — Luís de Camões, nº 32.
 195 Guimarães Irmão & C. — Visconde de Inhaúma, nº 68.
 67 *Globo (O)* — Ouvidor, nº 118.
 29 Henrique Harper W. G. Baird Paridant e J. H. Wyatt — Alfândega, nº 2 B.
 42 Henrique David — Visconde de Itaboraí, nº 5.
 62 Hamann & C. — Teófilo Otoni, nº 50.

- 78 Hard, Rand & C. — Hospício, nº 28.
86 Hartwig, Willumsen & C. — Alfândega, nº 4.
99 Hotel do Globo — Primeiro de Março, nº 7.
121 Hotel Rio de Janeiro — Alfândega, nº 8.
127 Hime Zenha & Silveira — Primeiro de Março, nº 63.
160 Hotel Mangini. José M. Coelho — Praça da Constituição, nº 24.
177 Honório de Barros — Ouvidor, nº 24.
179 Häüpt Irmãos — Alfândega, nº 53.
181 Henrique Chagas — Riachuelo, nº 128.
184 Hotel Águia de Ouro — Alfândega, nº 7.
194 Hüser Watson & C. — Primeiro de Março, nº 58.
231 H. U. Delforge — Saúde, nº 64.
81 Intendência de Marinha — Ilha das Cobras.
7 John Bradshaw & C. — Quitanda, nº 131.
11 *Jornal do Commercio* — Ouvidor, nº 61.
18 J. C. V. Mendes — Praça de D. Pedro II, nº 1.
28 Jorge Nathan, F. N. O. Tross e H. D. Lassance — Alfândega, nº 3.
73 Joaquim Manuel Monteiro & C. — São Bento, nº 12.
83 J. Petty & C. — General Câmara, nº 68.
95 J. & J. Peake — São Pedro, nº 78.
96 Jose Joaquim Pereira Sobrinho & C. — Misericórdia, nº 44.
116 J. S. Zenha & C. — Alfândega, nº 33.
119 João Luís, Tavares Guerra & C. — Municipal, nº 1.
126 José Luís da Silva — Cais dos Mineiros.
134 Jácomo N. de Vincenzi & Filhos — Primeiro de Março, nº 56.
147 José Lazary Júnior — General Câmara, nº 46.
169 José Ribeiro Bastos de Freitas — Lavradio, nº 115.
196 José Francisco Correia — Sete de Setembro, nº 76.
198 Joaquim Ferreira Pacheco Brandão — Santa Luzia, nº 24.
202 Joaquim José do Rosário — Quitanda, nº 94.
207 Jules Geraud & Júlio Xavier — São Pedro, nº 8.
218 João Ferreira Alves & C. — Teófilo Otoni, nº 46.
221 João Bagés & C. — São Pedro, nº 31 A.
236 Jules Alfred Grange — Assembleia, nº 16.
238 J. J. Ferreira de Carvalho — Largo da Carioca, nº 6.
239 José Coelho Barbosa — Quitanda, nº 104.
240 José Eugênio de Azevedo & C. — São Pedro, nº 57.
241 J. de Sousa & C. — Teófilo Otoni, nº 17.
45 Kern, Hayn & C. — Alfândega, nº 104.
84 Kemp. & C. — Saúde, nº 114.
117 Koth & Alexander — Quitanda, nº 51.

25 Lecocq, Oliveira & C. — Visconde de Inhaúma, nº 12.
 32 Lallemant & C. — Quitanda, nº 107.
 38 L. S. Andrews & C. — Escorrega, nº 5.
 113 Lima Júnior & Queiroz — General Câmara, nº 21.
 153 Leão Irmão & Kabello — Rosário, nº 133.
 172 Lidgerwood Mf. Co. — Ouvidor, nº 95.
 204 Lombaerts & C. — Ourives, nº 7.
 211 Leandro de Sousa & Moss — Saúde, nº 90.
 234 Lima Torres & C. — Carmo, nº 51.
 183 Dr. Luís de Castro — Riachuelo, nº 162.
 5 Monteiro, Hime & C. — Teófilo Otoni, nº 34.
 22 Manuel Antônio Esteves & Filho — Bragança, nº 29.
 30 Moreira Maximino & C. — Quitanda, nº 111.
 49 Monteiro Júnior & C. — Visconde de Inhaúma, nº 31.
 53 Mee, Allen & Darcy — General Câmara, nº 68.
 54 Mattos & C. — São Bento, nº 3.
 97 Mesquita, Bastos & C. — Misericórdia, nº 46.
 161 Manuel Ribeiro — Largo de São Francisco de Paula, nº 6.
 164 M. A. Salingre — Sete de Setembro, nº 31.
 187 M. Guimarães — Ouvidor, nº 134.
 214 Manuel Guilherme da Silveira — Quitanda, nº 145.
 215 M. M. de C. Alvim — Candelária, nº 8.
 226 Manuel Isidoro Correia — Beco das Cancelas, nº 1 D.
 235 Medeiros Guimarães & C. — Rosário, nº 130.
 245 Mateus Costa & C. — Quitanda, nº 120.
 2 Norton, Megaw & C. — Primeiro de Março, nº 82.
 16 New London & Brazilian Bank — Alfândega, nº 10.
 76 Newlands Irmãos & C. — General Câmara, nº 48.
 139 Noé Pinto de Almeida & C. — Misericórdia, nº 5.
 159 N. D. de Paris (Noel Décap & C.) — Ouvidor, nºs 148-154.
 168 N. D. de Lorette, A. de Oliveira Soares — Teatro, nºs 9 e 11.
 244 Oscar Mangeon — Praça do Comércio.
 1 Praça do Comércio — Edifício provisório.
 4 Phipps Irmãos & C. — Visconde de Inhaúma, nº 16.
 8 Presidente da Companhia Telefônica — Quitanda, nº 89.
 17 Paulo Faria & C. — Hospício, nº 46.
 24 P. S. Nicolson & C. — São Pedro, nº 58.
 46 Pradez & Fils — General Câmara, nº 25.
 113 Pinheiro & Trout — Primeiro de Março, nº 107.
 144 Paradis des Dames — Teatro, nº 31.
 158 Pinto & Madureira — Quitanda, nº 22.

225 Pinto Costa & C. — Primeiro de Março, nº 73.
 91 Rohe Irmãos — Hospício, nº 33.
 242 Rodrigo José Garcia — Alfândega, nº 5.
 112 *Rio News (The)* — Sete de Setembro, nº 79.
 138 Reis Brandão & C. — Rosário, nº 6.
 142 Rodrigues & Belmiro, Trap. Lazareto — Quitanda, nº 149.
 170 Roxo, Lemos & C. — Beneditinos, nº 10.
 217 Rodrigues Dantas & C. — Alfândega, nº 1 B.
 219 Ribeiro Irmão & Bernardes — Primeiro de Março, nº 109.
 9 Superintendente da Companhia — Quitanda, nº 89 (2º andar).
 47 Silva Marques & Moura — Beneditinos, nº 17.
 57 Sala dos despachantes da Alfândega — Alfândega.
 72 Samuel Irmãos & C. — Quitanda, nº 121.
 80 Secretaria da Marinha — Arsenal de Marinha.
 85 Simon & Berrogain — Lazareto Gamboa, nºs 2, 4 e 6.
 167 Sousa Fonseca & C. e Joaquim José Fernandes — Primeiro de Março, nº 51.
 185 Senado — Praça da Aclamação.
 206 Sebastião Pinho — Rosário, nº 56.
 212 S. de Sampaio Leite — Costa Bastos, nº 12.
 222 Sá & Faria — Teófilo Otoni, nº 21.
 131 Dr. S. D. Rambo — Largo de São Francisco, nº 4.
 26 Trincks, Munch & C. — São Pedro, nº 67.
 33 Trapiche Freitas — Saúde, nº 24.
 34 Trapiche Novo Cleto — Saúde, nº 16.
 37 Trapiche Moss — Saúde, nº 170.
 39 Trapiche Vapor — Gamboa, nº 12.
 92 Trapiche Reis — Saúde, nº 4.
 122 Trapiche da Ordem — Saúde.
 140 Trapiche da Saúde — Conselheiro Zacarias, nº 2.
 145 Trapiche Maia — Saúde, nº 124.
 151 Trapiche Silvino — Saúde, nºs 44 e 46.
 152 Teixeira Bastos & Geraldês — São Pedro, nº 73.
 154 Trapiche Damião — Livramento, nº 2.
 155 Trapiche do Comércio — Beco do Cleto, nº 1.
 171 Trapiche Cardia — Praça das Marinhas, nº 4 A.
 175 Trapiche Novo Carvalho — Saúde, nº 30.
 199 Trapiche Cleto — Saúde, nº 16.
 205 Trapiche Carvalho — Saúde, nºs 34 e 38.
 223 Teixeira Júnior & Pereira Pinto — Ourives, nº 177.
 70 Veiga & C. — Beneditinos, nº 5.
 105 Viúva Martins Costa & C. — Carmo, nº 55.

109 Vital Fernandes Fam. — Praça da Constituição, nº 81.
 186 Viúva Leone, Miranda & C. — São Pedro, nº 27.
 216 Valentim José Alves & C. — Ajuda, nº 83.
 246 Vilela & C. — General Câmara, nº 93.
 6 Wright & C. — Bragança, nº 18.
 10 Western & Brazilian Telegraph Co. — Quitanda, nº 123.
 20 Wilson Sons & C. (Lim.) — Praça da Marinha, nº 2.
 44 Wenceslau Guimarães & C. — Alfândega, nº 83.
 55 Watson, Ritchie & C. — Travessa do Otoni, nº 25.
 60 Wille, Schmilinsky & C. — General Câmara, nº 41.
 120 W. R. Mc. Niven — Alfândega, nº 4.
 125 Whyte's Hotel — Tijuca.
 129 Wiliam Ford & C. — Visconde de Inhaúma, nº 18.
 137 W. J. Donshea — Travessa da Vista Alegre, nº 7.
 192 Wetmore & Cordeiro — Beco das Cancelas, nº 1.
 110 Dr. W. J. Fairbairn, 11 to 1; 4 to 4 1/2 pm. — Primeiro de Março, nº 49.

EM SANTA TERESA

3002 Hotel da Vista Alegre — Santa Teresa.
 3003 Ministro da Marinha — Aqueduto, nº 58.
 3001 Wenceslau de Sousa Guimarães — Progresso, nº 20.

NO CATETE, BOTAFOGO E LARANJEIRAS

1011 Antônio Justiniano Rodrigues — Carvalho de Sá, nº 20.
 1024 Antônio Leandro de Sousa — D. Mariana, nº 18.
 1030 Antônio Ferreira Lopes — Praia de Botafogo, nº 128.
 1032 Antônio Rodrigues da Silva Júnior — Laranjeiras, nº 68.
 1033 Adolfo de Matos Costa — Piedade, nº 24.
 1034 Antônio de Sá Araújo Lima — Leão, nº 5.
 1014 Basil Freeland — Humaitá, nº 5.
 1025 Benjamin W. Moss — Voluntários da Pátria, nº 14.
 1074 Barão de Cotegipe — Senador Vergueiro, nº 9.
 1006 Colégio São Pedro de Alcântara — Praia de Botafogo, nº 172.
 1009 Colégio Alberto Brandão — Humaitá, nº 6.
 1023 C. P. Mackie — Laranjeiras, nº 96.
 1002 Dr. Alexandre Ferreira de Paiva — Cosme Velho, nº 53.
 1004 Dr. Fernando Mendes de Almeida — Catete, nº 171.
 1010 Dr. João Carlos de Sousa Ferreira — D. Carlota, nº 2 A.
 1012 Elkin Hime — Bela da Princesa, nº 5.
 1016 F. Clemente Pinto — Cosme Velho, nº 16.
 1026 Fairall — Laranjeiras, nº 96.
 1031 Francisco Joaquim Gomes — Olinda, nº 31.
 1001 Henrique David de Sanson — Botafogo, nº 98.

1019 Honório de Barros — Senador Vergueiro, nº 51.
 1020 Herman Haupt — Senador Vergueiro, nº 13.
 1035 Alfredo Harper — D. Carlota, nº 4 B.
 1015 J. Peake — Praia de Botafogo, nº 266.
 1018 J. W. Coachman — D. Luísa, nº 63.
 1028 João Carlos Lopes da Costa — Passagem, nº 26.
 1029 Joaquim de Matos Vieira — Catete, nº 179.
 1036 J. J. Ferreira de Carvalho — Vitória, nº 27.
 1017 M. A. Salingre — Rua do Sapê, nº 13.
 1021 Manuel Augusto da Fonseca — Laranjeiras, nº 55.
 1022 Manuel José Fonseca — Rua Faro.
 1005 R. C. Shannon — Hotel dos Estrangeiros.
 1008 Restaurant Chalet — Jardim Botânico.
 1027 Tristão Ramos da Silva — Cosme Velho, nº 40.
 1013 W. Finnie Kemp — Hotel dos Estrangeiros.
 1003 Dr. W. J. Fairbairn — Travessa do Marquês do Paraná, nº 3.

EM SÃO CRISTÓVÃO

4002 Antônio José de Moraes & C. — Miguel de Frias, nº 16.
 4015 Aires Pinto Pereira Cortes — Pau-ferro, nº 10.
 4018 Francisco Lopes de Sousa — São Cristóvão, nº 72 D.
 4001 Bastos & Irmão — Miguel de Frias, nº 14.
 4018 Baronesa de Bambuí — General Gurjão, nº 8.
 4003 Campos Costa & C. — Praia Formosa, nº 8.
 3019 Dr. João Batista Soares Meireles — São Januário, nº 4.
 4005 Ferreira & Motta — São Cristóvão, nº 68 E.
 4011 Ferreira Cardoso & C. — Saco do Alferes, nº 64 A.
 4013 Francisco Ribeiro Noronha — Caixa d'Água, nº 1.
 4014 Francisco Eugênio de Azevedo — Duque de Saxe, nº 17.
 4016 Guimarães & Melo — São Cristóvão, nº 100.
 4006 João Carlos de Oliveira Rosário — Matoso, nº 36.
 4007 José Caetano da Silva & C. — Miguel de Frias, nº 2.
 4008 João Luís Tavares Guerra — Haddock Lobo, nº 5.
 4009 João Gaspar da Silva — São Januário, nº 44.
 4004 Manuel Antônio Moreira — Senador Alencar, D. I.
 4010 Malvino da Silva Reis — Malvino Reis, nº 98, Rio Comprido.
 4012 Pedro José Bernardes — Fonseca Teles, nº 21.

NA TIJUCA

2005 A. J. de Barros Tinoco — Andaraí.
 2004 Companhia de São Cristóvão — Andaraí.
 2003 E. A. E. Phipps — Boa Vista.
 2007 Hotel Aurora — Andaraí.

2010 Hotel Jourdain — Tijuca.
2008 João José Gonçalves Júnior — Conde de Bonfim, nº 104.
2009 José Eugênio de Azevedo — Desembargador Isidro, nº 34.
2006 Paulo Faria — Conde de Bonfim, nº 102 A.
2001 Whyte's Hotel — Tijuca.
2002 William Ford — Tijuca.

VIII. INDICADOR DAS RUAS

Em cada rua é mencionado o antigo nome por que ainda hoje é conhecida, os edifícios públicos ali situados, os bondes que a percorrem, sua extensão, as ruas, travessas etc. que a fazem comunicar com as imediatamente próximas, paralelas ou não.

Para facilidade de referências, as diversas linhas de bondes são indicadas pelo número de ordem que as distingue na LOCOMOÇÃO.

ABREVIATURAS

Bar. = barão

b. = beco

cam. do = caminho do

comp. = companhia

cons. = conselheiro

cor. = coronel

desc. = descida

gen. = general

lad. = ladeira

l. = largo

lin. = linha

m. = morro

pr. = praça

r. = rua

sen. = senador

sub. = subida

tr. = travessa

visc. = visconde

(*)Indica que há mais de uma rua com o mesmo nome.



***Abaeté** (r. visc. de). Da r. Voluntários da Pátria à dr. Pinheiro Guimarães. A r. de Todos os Santos a faz comunicar com a da Real Grandeza. A r. visc. de Caravelas a atravessa. Em Botafogo.

***Abaeté** (r. visc. de). Em Vila Isabel.

Abílio (r.). Da r. do cor. Cabrita à da Indústria. Pela r. Teixeira Júnior comunica com a São Januário.

Abrantes (r. do marquês de). Por ali sobem e descem os bondes das linhas **1, 2 A e 2 C** da *Botanical Garden Rail Road Company*, percorrendo-a em toda a sua extensão, do l. do Catete à praia de Botafogo. A r. São Salvador a faz comunicar com a do Ipiranga; a de Paissandu com a sen. Vergueiro e do Ipiranga; as tr. do Guedes e do Marquês de Paraná com a r. sen. Vergueiro; a r. da Piedade com a do Bar. de Itambi.

Academia (tr. da). Antiga tr. do Teatro. Ponto de carros de praça. Comunica a r. Sousa Franco com a Luís de Camões.

Rua da Ajuda com Ladeira do Seminário. Por Augusto Malta, Augusto, 1904 circa. Na rua da Ajuda ficava a Igreja de Nossa Senhora do Parto, o Convento da Ajuda e o teatro Phenix Dramatica. Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

Aclamação (pr. da).^[60] Antigo Campo de Santana. *Museu Nacional; Paço Municipal; Escola pública* da freguesia de Santana; *Secretaria da Guerra*, repartições dependentes e quartel; estação central da *Estrada de Ferro D. Pedro II; Casa da Moeda; Senado; Repartição Geral dos Telégrafos*; estação central do *Corpo de Bombeiros; Imperial Instituto dos meninos cegos; Jardim*. Ali passam os bondes das linhas **1** a **6** da Comp. São Cristóvão, à sub.: desde a r. Senhor dos Passos (pela frente do Quartel) até a r. visc. de Itaúna; e à desc.: desta rua à da Constituição. Os da linha **6** sobem e descem até a r. do Areal. Todos os da Comp. Vila Isabel sobem pela frente do *Corpo de Bombeiros*. Da *Carris Urbanos* os das linhas **2** e **7** desde a r. São Joaquim até a sen. Eusébio (paralelos aos trilhos da São Cristóvão); **6**, desde a r. São Joaquim até a *Estrada de ferro* (id., id.); **8**, pela frente dos *Bombeiros*; **12**, somente à esquina da r. dos Inválidos; todos estes tanto à sub. com à desc. Os da linha **10** sobem desde a r. visc. do Rio Branco, pela frente do *Museu* e do *Quartel* até o *Senado*, e daí descem pelos mesmos trilhos até a r. São Joaquim. Ponto de tálburis e carros de praça, defronte do *Museu* e junto à *Estrada de ferro*. Nesta maior praça do Rio de Janeiro desembocam ou começam as ruas dos Inválidos, visc. do Rio Branco, da Constituição, do Hospício, do Senhor dos Passos, da Alfândega, gen. Câmara, São Pedro, São Joaquim, São Lourenço, do Dr. João Ricardo, gen. Pedra, sen. Eusébio, visc. de Itaúna, b. da Moeda, r. do Areal, Conde d'Eu, tr. do Senado.

Aflitos (b. dos).^[61] Comunica a r. gen. Câmara com a da Alfândega.

Afonso (r. D.). Comunica a r. do Bar. Mesquita com a Conde de Bonfim.

Afonso (tr. do). No Andaraí Grande.

Afonso Celso (r. do cons.). Em Vila Isabel.

Agostinho (r. do). No Andaraí Grande.

Aguiar (tr. do). Começa na tr. do Bom Jardim.

Ajuda (r. da). *Teatro Phenix Dramática; Escola municipal São José; Igreja e Convento da Ajuda*. Todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company* percorrem-na desde a r. do Passeio até a da Guarda Velha, tanto à sub. como à desc.; e as diligências do Catete, Laranjeiras e Botafogo, à sub. desde a r. da Guarda Velha até a do Passeio, e à desc.; desde esta última rua até a São José. Estende-se da r. São José ao Boqueirão do Passeio, atravessando o l. da Mãe do Bispo. A r. Santo Antônio a faz comunicar com o l. da Carioca e r. da Guarda Velha; a r. Bar. de São Gonçalo e b. de Manuel de Carvalho com a da Guarda Velha e b. do Cayru; a r. Evaristo da Veiga com as da Guarda Velha e das Marrecas; a lad. do Seminário com a tr. de São Sebastião; a r. do Passeio com as Luís de Vasconcelos e das Marrecas; a tr. do Maia com a r. Luís de Vasconcelos.

Alberto (avenida). Em Botafogo.

Alcântara (r. do). Estende-se da r. de Santana até pouco além da r. D. Feliciano, atravessando as ruas Marquês de Pombal, visc. de Sapucaí, do Porto e D. Feliciano, que as fazem comunicar com as visc. de Itaúna e São Leopoldo.

Alcântara (r. nova do). Comunica a r. Machado Coelho com a Miguel de Frias.

[60] Atual praça da República, embora ainda hoje o logradouro seja referido com a antiga denominação Campo de Santana.

[61] Seu nome completo era Beco do Senhor Bom Jesus dos Aflitos. Atual rua Armando de Sales Oliveira.

Alegria (r. da). Ponto terminal da linha **5 B** da Companhia de São Cristóvão; na esquina da r. Bela de São João. Do Retiro Saudoso à r. São Luís Gonzaga. A tr. da Alegria a faz comunicar com o Retiro Saudoso; a r. Capitão Félix com a do Ávila; esta com a Capitão Félix.

Alegria (tr. da). Comunica a r. da Alegria com o Retiro Saudoso.

Alencar (r. sen.). Percorrem-na à sub. os bondes das linhas **5 A** e **5 B** da Companhia de São Cristóvão, desde a pr. D. Pedro I até a r. do Pau-ferro. Estende-se da pr. D. Pedro I à r. do Bonfim. Pela r. Aurora comunica com a tr. de Santa Catarina e r. Bela de São João; pela r. do Pau-ferro com a Bela de São João; pelas do Viana, Teixeira Júnior e Argentina com a gen. Argolo.

Alexandre (r. Santo). Começa no fim da r. Santa Alexandrina.

Alexandrina (r. Santa). Do l. do Rio Comprido à r. Santo Alexandre. Parte desta rua um caminho para o m. de Santa Teresa.

Alfândega (r. da). Igrejas de *Nossa Senhora da Mãe dos Homens*, *Santa Ifigênia*, *São Gonçalo Garcia*. Os bondes das linhas **2** e **7** da companhia *Carris Urbanos* por ali descem, desde a r. do Núncio até a Primeiro de Março. Estende-se da r. visc. de Itaboraí ao Campo da Aclamação. As ruas Primeiro de Março, da Candelária, da Quitanda, dos Ourives e Uruguaiana fazem-na comunicar com as do Hospício e gen. Câmara; as ruas dos Andradas, da Conceição, do Regente e do Núncio com as Senhor dos Passos e gen. Câmara; o b. dos Aflitos com a r. gen. Câmara; a tr. ge São Domingos com o l. de São Domingos; a r. São Jorge com a Senhor dos Passos.

Alfredo (r. Santo). Comunica as ruas do Progresso e das Neves com a lad. do Viana. A r. Fluminense comunica com a de Paula Matos.

Alice (r.). No Pedregulho.

Alice (r. D.). No Engenho Novo.

Alice (tr. da). Começa e termina na r. D. Luísa, passando pela lad. do Durão.

Alto da Fé (r. do). No Pedregulho.

Alves de Brito (r.). No Andaraí Grande.

Amaral (r.). No Andaraí Grande.

Amaro (r. Santo). *Hospital da Beneficência Portuguesa*. Começa na r. do Catete e segue em direção ao m. de Santa Teresa. A r. do Fialho a faz comunicar com a de Santa Cristina.

Amazonas (r.). No m. de Nova Cintra. Daí partem as ruas Cruzeiro do Sul e do Sá. Aquela a faz comunicar com a da Princesa Imperial.

Amazonas (r.). Na Fábrica das Chitas.

Amélia (r.). No Pedregulho.

Amélia (tr. de Santa). Começa na tr. de São Vicente de Paula e atravessa a r. do Matoso, que a faz comunicar com as ruas Mariz e Barros e Haddock Lobo.

América (r. da). Antiga r. do Saco do Alferes. Tanto à sub. como à desc. percorrem-na em toda a sua extensão, da r. sen. Pompeu à praia do Saco do Alferes, os bondes da linha **1** da *Carris Urbanos*. Ali começa e termina a r. da Providência. A r. visc. de Sapucaí a faz comunicar com a tr. do Bom Jardim; a r. Vital de Negreiros com a praia do Saco do Alferes.

Amor (r. do). No m. de Santa Teresa.

Andaraí Grande (r. nova do). Por ali sobem e descem os bondes da linha **1** da Comp. São Cristóvão. Do Portão Vermelho à Serra da Tijuca.

Andradas (r. dos). Antiga r. do Fogo.^[62] Todos os bondes da Comp. São Cristóvão por ali sobem; os da linha 7 à r. gen. Câmara e os das outras linhas só até a r. Senhor dos Passos. Estende-se do l. de São Francisco ao m. da Conceição, atravessando as praças do Rosário e gen. Osório. As ruas do Hospício, São Pedro, Teófilo Otoni, São Joaquim e da Prainha fazem-na comunicar com as da Conceição e da Uruguaiana; as ruas da Alfândega e gen. Câmara com o b. dos Afritos e r. da Conceição e da Uruguaiana; a r. do Senhor dos Passos e a tr. do Oliveira com a da Conceição.

Andrade (tr. do). Comunica a r. Itapiru com a do Papa-couve.

Ângelo (r. br. de Santo). No Engenho Velho.

Angra (r. do br. de). Da r. Saldanha Marinho à do Ferreira.

Augustura (tr. da). No Engenho Velho.

Ana (r. D.). Começa na r. Mariela, em São Cristóvão.

***Ana** (r. D.). Comunica a r. Farani com a da Piedade, em Botafogo.

***Ana** (r. D.). No Andaraí Grande.

Ana Néri (r.). Da r. São Luís Gonzaga à Vinte e Quatro de Maio. A r. Jockey Club a faz comunicar com as ruas Vinte e Quatro de Maio e Benfica.

Antônio (r. Santo). Comunica a r. da Ajuda com a da Guarda Velha e l. da Carioca. Vai-se ao m. Santo Antônio pela escada que existe defronte desta rua.

Aprazível (r.). À direita do Aqueduto, entre as ruas Petrópolis e Áurea.

Aqueduto da Carioca.^[63] Na parte povoada, passa, no m. de Santa Teresa, pelas embocaduras das ruas Petrópolis, Áurea, dos Junquinhos, Mauá (à direita), Aprazível, lad. do Meireles e r. Correia de Sá (à esquerda); pelas ruas do Aqueduto e do Curvelo, acompanhando-as; sobre as ruas do Riachuelo e Arcos, atravessando-as; e, finalmente, estende-se pelo m. Santo Antônio até o l. da Carioca.

Aqueduto (r. do). Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. Mauá à do Curvelo, tanto à sub. como à desc., os bondes da linha 2 da Comp. de Santa Teresa. Ali começa a r. Correia de Sá. A tr. De Santa Cristina a faz comunicar com a r. Santa Cristina; a r. sen. Cassiano com a D. Luísa; e a do Curvelo com a lad. de Santa Teresa.

Áquila (r.). Comunica a r. Sara com a do Orestes de Vidal de Negreiros e lad. do Mendonça.

Araújo (r. do dr.). No Engenho Velho.

Araújos (r. dos). Da r. D. Bibiana à Conde de Bonfim, passando pela Santo Henrique, que a faz comunicar com a Desembargador Isidro.

Arcos (r. dos). Arcos do *Aqueduto da Carioca*. Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. do Lavradio à de Evaristo da Veiga, os bondes das linhas 12 (à sub.) e 11 (à desc.) da companhia *Carris Urbanos*. As ruas do visc. de Maranguape e do Resende podem ser consideradas como o seu prolongamento.

[62] Esse antigo nome se deve a uma confecção de fogos de artifício que havia no local em que a rua foi aberta. A denominação que até hoje persiste no logradouro – rua dos Andradas – foi uma homenagem aos irmãos José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco.

[63] Atualmente também referido como Arcos da Lapa.



Areal (r. do).^[64] *Senado*, na esquina do Campo da Aclamação; *Depósito Público*. Os bondes da linha **6** da Comp. São Cristóvão por ali sobem e descem, percorrendo-a em toda a sua extensão, do Campo da Aclamação à r. Conde d'Eu. A r. gen. Caldwell a faz comunicar com a Conde d'Eu e sen. Eusébio.

Argentina (r.). Da r. Abílio à sen. Alencar. Pela r. São Januário comunica com a Teixeira Júnior e Vieira Bueno; pela gen. Argolo com as ruas Teixeira Júnior e Argentina.

Argentina (boulevard). Em São Cristóvão.

Arcos, Santa Thereza e Glória.
Por Georges Leuzinger, 1867 circa.
Brasiliana Fotográfica/ Convênio
Leibniz-Institut fuer Laenderkunde,
Leipzig/ Instituto Moreira Salles.

[64] Atual rua Moncorvo Filho. Sua denominação original era rua das Boas Pernas, uma vez que havia um areal difícil de transpor.

Argolo (r. gen.). Da praça Pedro I à r. do Vieira Bueno. A r. Aurora a faz comunicar com a tr. de Santa Catarina e r. São Januário; a Coronel Carneiro de Campos com a São Januário; as Viana, Teixeira Júnior e Argentina com as sen. Alencar e São Januário.

Arquitetônica (r.). Em Vila Isabel.

Artistas (avenida dos). No Andaraí Grande.

Ascurra (lad. do). Nas Laranjeiras.

Assembleia (l. da). *Paço da Câmara dos Deputados; Monte de Socorro*. Entre a r. da Misericórdia e a praça D. Pedro II. Daí parte a tr. do Paço.

Assembleia (r. da). À sub., percorrem-na os bondes das linhas **3** e **8** da companhia *Carris Urbanos* em toda a sua extensão, da r. da Misericórdia ao l. da Carioca. As ruas do Carmo, da Quitanda, dos Ourives fazem-na comunicar com as ruas São José e Sete de Setembro.

Assis Bueno (r.). Comunica a r. gen. Polidoro com a D. Marciana.

Assunção (r. da). Começa na r. Marquês de Olinda e segue paralela à r. Bambina.

Aterrado. É assim chamada a área em que se acha o Canal do Mangue, compreendendo as ruas sen. Eusébio e visc. de Itaúna, a começar da pr. Onze de Junho.

Aurea (r.). Da r. Monte Alegre ao Aqueduto. Ali começa a r. Augusta. Pela r. dos Junquinhos, comunica com a Mauá.

Aurora (r.). Da r. São Januário à praia de São Cristóvão. Pela r. gen. Argolo comunica com a praça D. Pedro I e a r. do cor. Carneiro de Campos; pela tr. de Santa Catarina com a pr. D. Pedro I; pelas ruas sen. Alencar e Bela de São João com a pr. D. Pedro I e r. do Pau-ferro.

Avelar (r. major). Começa na r. Conde de Bonfim. A r. Bar. de Mesquita a faz comunicar com as ruas São Francisco Xavier, Pinto de Figueiredo e Conselheiro Tomás Coelho.

Ávila (r. do). Do reservatório D. Pedro II à r. da Alegria. A r. Capitão Félix a faz comunicar com as da Alegria e São Luís Gonzaga.

Asilo (tr. do). Comunica a r. Santa Luzia com o mar.^[65]

Augusta (tr. da). Começa na r. Áurea.

Azevedo (r.). Em São Cristóvão.

Azinhaga (r. da). No Jardim Botânico.

Bairro da Graça. V. Graça.

Bambina (r.). Da r. Marquês de Olinda à São Clemente. A r. D. Carlota a faz comunicar com a praia de Botafogo.

Barão da Gamboa (r.). V. Gamboa.

Barão de Amazonas (r.). V. Amazonas.

Barão de Angra (r.). V. Angra.

Barão de Guaratiba (r.). V. Guaratiba.

Barão de Iguatemi (r.). V. Iguatemi.

Barão de Itamaracá (r.). V. Itamaracá.

Barão de Itambi (r.). V. Itambi.

[65] Toda essa região marítima foi aterrada ao longo do século XX e boa parte dos becos e travessas deixaram de existir.

Barão de Itapagipe (r.). V. Itapagipe.

Barão de Mesquita (r.). V. Mesquita.

Barão de Porto Alegre (r.). V. Porto Alegre.

Barão de São Félix (r.). V. Félix.

Barão de São Francisco Filho (r.). V. Francisco.

Barão de São Gonçalo (r.). V. Gonçalo.

Barão de Santo Ângelo (r.). V. Ângelo.

Barão de Ubá (r. do). V. Ubá.

Barão do Rio Bonito (r. do). V. Rio Bonito.

Barbeiros (b. dos). Comunica a r. do Carmo com a r. Primeiro de Março.

Barbonos (r. dos). Hoje r. Evaristo da Veiga.

Barcelos (r.). Em São Cristóvão.

Barreira (tr. da). Hoje r. do Clube Ginástico.

***Barroso** (lad. do). No fim da r. da Real Grandeza. Conduz ao m. da Saudade.

***Barroso** (lad. do). Da lad. do Faria à lad. do Livramento.

Barroso (r. do presidente). Da r. São Leopoldo à do Senhor do Matosinhos. As tr. da D. Rosa e de Pedregais a fazem comunicar com a r. visc. de Sapucaí; a tr. do Moutinho com as ruas D. Julia e D. Feliciano.

Barro Vermelho (lad. do). Da r. Gonçalves do Oriente.

Bastos (r.). Nas Laranjeiras.

Bastos (tr. do). Comunica a r. Miguel de Frias com o Boulevard do Imperador.

Batalha (b. da). Do l. da Misericórdia à r. do Trem, passando pelo b. do Moura, que o faz comunicar com o l. da Batalha.

Batalha (l. da). *Arsenal de Guerra*. Por ali descem os bondes da linha **4** da companhia *Carris Urbanos*. Está situado entre os largos do Moura e da Misericórdia; e o b. do Moura e a r. do Trem fazem comunicar com o b. da Batalha.

Bela da Princesa (r.).^[66] Vulgarmente chamada Princesa do Catete. Estende-se da praia do Flamengo à r. da Pedreira da Candelária, atravessando a r. do Catete, que a faz comunicar com as ruas Ferreira Viana e Buarque de Macedo.

Bela de São João (r.). Percorrem-na bondes da Comp. São Cristóvão; à sub.: os da linha **5 B**, desde a r. do Pau-ferro até a da Alegria; à desc.: os da linha **5 A**, desde a r. do Pau-ferro até a pr. D. Pedro I; e os da **5 B** em toda a extensão. Da pr. D. Pedro I à r. da Alegria. Pela r. da Aurora comunica com a sen. Alencar e a praia de São Cristóvão; pelas ruas do Pau-ferro e do Bonfim com as sen. Alencar e das Flores; pela r. José Clemente com a das Flores.

Bela de São Luiz (r.). No Andaraí Grande.

Bela do Príncipe (r.).^[67] Vulgarmente chamada Príncipe do Catete. Estende-se da praia do Flamengo à r. da Pedreira da Candelária, atravessando a r. do Catete, que a faz comunicar com as de Ferreira Viana e Bela da Princesa, Bar. de Guaratiba e da Pedreira da Glória.

[66] Atual rua Correia Dutra.

[67] Atual rua Silveira Martins.

Belas Artes (tr. das). *Academia das Belas Artes*. Estende-se da r. do Sacramento à r. São Jorge, e pela r. Leopoldina comunica com a Luís de Camões.

Bela Vista (r. da). No Rio Comprido.

Benfica (r.). Começa na r. Jockey Club, defronte à São Luís Gonzaga.

Beneditinos (r. dos). Da r. visc. de Inhaúma à r. da Prainha, atravessando a r. Municipal, que a faz comunicar com a tr. de Santa Rita e r. São Bento.

Bento (r. São). Da r. da Quitanda à da Prainha. A r. Municipal a faz comunicar com a dos Beneditinos.

Bento Barbosa (b. de). Na Cidade Nova.

***Bezerra de Menezes** (r.). Em Vila Isabel.

***Bezerra de Menezes** (r.). Da r. do Pinto à Saldanha Marinho, passando pela r. Mariano Procópio, que a faz comunicar com a Saldanha Marinho. No m. do Nheco.

Bibiana (r. D.). Da r. Desembargador Isidro à dos Araújo, passando pela r. D. Feliciano, que a faz comunicar com a do Pirassununga.

Bispo (l. do). Ponto terminal da linha **3 A** da Comp. São Cristóvão. Atravessa-o a r. do Bispo.

Bispo (r. do). Percorrem-na, à sub. e à desc., desde o l. do Rio Comprido até o l. do Bispo, os bondes da linha **3 A** da Comp. São Cristóvão. Estende-se do l. do Rio Comprido à r. Haddock Lobo, atravessando o l. do Bispo. Pela r. do Bar. de Itapagipe comunica com as do Matoso e São Salvador.

Bispo de Crisópolis (r. do). Vide Crisópolis.

Bitencourt da Silva (r.). No Engenho Novo.

Boa Vista (r. da). Percorrem-na em toda a sua extensão plana, à sub. e à desc. os bondes da linha **1 A** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Começa nas Três Vendas e estende-se até a Gávea.

Boa Vista (tr. da). Circunscreve o m. da Saúde. Pelas r. da Saúde, tr. da Mangueira, r. da Gamboa, comunica com a r. Propósito.

Bonfim (r. do). Da r. Lima Barros à praia de São Cristóvão. Pela r. sen. Alencar comunica com a r. Argentina; pelas ruas Bela de São João e das Flores com a do Pau-ferro e José Clemente.

Bonfim (r. Conde de). Percorrem-na, à sub. e à desc., bondes da Comp. São Cristóvão; os da linha **1** em toda a sua extensão, da r. São Francisco Xavier até à Uruguai, e os da linha **2** só até a r. Desembargador Isidro. Nesta r. deve vir terminar a dos Araújo. A r. do Desembargador Isidro a faz comunicar com a Santo Henrique; as Major Avelar, Pinto de Figueiredo e a D. Afonso com a do Bar. de Mesquita.

Bom Jardim (r. do). Hoje r. visc. de Sapucaí.

Bom Jardim (tr. do). Estende-se da r. visc. de Sapucaí até pouco além da r. São João, atravessando as ruas do Porto e D. Feliciano.

Bom Jesus (tr. do). Comunica a r. São Pedro com a gen. Câmara.

Bom Retiro (r. visc. do). Antiga r. do Cabuçu. Percorrem-na os bondes das linhas **1** e **2** da Comp. Vila Isabel.

Boqueirão do Passeio. Da r. da Ajuda à praia da Lapa.

Botafogo (praia de). Percorrem-na desde a r. sen. Vergueiro até a r. da Passagem os bondes das linhas **2 A** e **2 B**; até a r. Voluntários da Pátria os da Linha **1 A**; até a São Clemente os da linhas **2 C** da *Botanical Garden Rail Road Company* tanto à sub. como à desc. Ponto de tálburis de praça (defronte da r. São Clemente). Estende-se do m. da Viúva à r. da Pedreira de Botafogo, na base do m. do Pasmado.

Ali terminam as ruas sen. Vergueiro e Marquês de Abrantes, e começam as ruas Farani, Marquês de Olinda, D. Carlota, São Clemente, Voluntários da Pátria, da Passagem e da Pedreira de Botafogo.

Boticário (l. do). Ponto terminal da lin. **3** da *Botanical Rail Road Company*. Atravessa-o o Cosme Velho.

Braça do Ouro (r.). No Andaraí Grande.

Bragança (b. de). Estende-se da r. da Quitanda à Primeiro de Março. A r. da Candelária o faz comunicar com as do Conselheiro Saraiva e visc. de Inhaúma.

Bragança (r.). Hoje r. do Conselheiro Saraiva.

Buarque de Macedo (r.). Antiga r. Vitória. Comunica a praia do Flamengo com a r. do Catete.

Cabido (r. do). No Engenho Velho.

Cabrita (r. cor.). Começa no fim da r. da Emancipação. Pela r. cor. Carneiro de Campos comunica com as ruas São Januário e do Curuzu: pela r. Abílio com as da Indústria e de Vieira Bueno.

Cabuçu (r. do). Hoje r. visc. do Bom Retiro.

Caju (praia do).^[68] *Cemitérios do Carmo, São Francisco da Penitência e São Francisco Xavier*. Percorrem-na, à sub. e à desc., os bondes da linha **5 A** da Comp. São Cristóvão, desde a r. José Clemente até a gen. Sampaio. Da r. José Clemente à Ponta da Caju. Daí partem o b. de Nossa Senhora dos Aflitos e a r. gen. Sampaio.



Praia do Caju.
Por Augusto
Malta, dez. 1923.
Coleção Augusto
Malta. Brasileira
Fotográfica/
Arquivo Geral
da Cidade do
Rio de Janeiro.

Cajueiros (r. dos). Da r. Dr. João Ricardo à gen. Caldwell, passando pelo b. de D. Felicidade, que a faz comunicar com a r. Bar. de São Félix.

[68] Ao longo do século XX, a região foi aterrada para a expansão do porto e para a construção da Ponte Rio-Niterói.

Caldwell (r. gen.). Antiga r. Formosa. Tanto à sub. como à desc., percorrem-na todos os bondes da Comp. Vila Isabel, desde a r. do Senado até a sen. Eusébio; e desta última r. até a gen. Pedra os das linhas **2** e **7** da *Carris Urbanos*. Estende-se da r. do Senado à dos Cajueiros atravessando a estrada de ferro. A r. Conde d'Eu a faz comunicar com a do Areal e tr. de Senado; a do Areal com a Campo da Aclamação e a r. Conde d'Eu; as visc. de Itaúna, sen. Eusébio, gen. Pedra com o Campo da Aclamação e r. de Santana; a r. sen. Pompeu com a da América e Dr. João Ricardo, a Bar. de São Félix com o b. de D. Felicidade e r. Dr. João Ricardo.

Câmara (r. gen.). Antiga r. do Sabão. *Igrejas do Bom Jesus* e da *Imaculada Conceição*; *Asilo da Conceição*. Os bondes da linha **8** da Comp. São Cristóvão percorrem-na, à sub., desde a r. dos Andradas até o l. de São Domingos. Estende-se da r. visc. de Itaboraí ao Campo da Aclamação, atravessando a praça gen. Osório e o l. de São Domingos. As ruas Primeiro de Março, da Candelária, da Quitanda, dos Ourives, Uruguaiana, dos Andradas, da Conceição, do Regente e do Núncio a fazem comunicar com as ruas São Pedro e da Alfândega; a tr. do Bom Jesus e a r. da Imperatriz com a São Pedro; o b. dos Aflitos e a tr. de São Domingos com a r. da Alfândega.

Campo Alegre (r. do). Comunica a r. Mariz e Barros com a Duque de Saxe.

Cancelas (b. das). Estende-se da r. do Hospício à do Ouvidor. A r. do Rosário o faz comunicar com a r. da Quitanda e Primeiro de Março.

Candelária (r. da). *Igreja da Candelária*. Estende-se da r. Conselheiro Saraiva à do Hospício. O b. de Bragança, as ruas visc. de Inhaúma, de Teófilo Otoni, São Pedro, gen. Câmara, da Alfândega, a fazem comunicar com as ruas da Quitanda e Primeiro de Março.

Cano (r. do).^[69] Hoje r. Sete de Setembro.

Capim (l. do). Hoje praça gen. Osório.

Capitão Félix (r. do). V. Félix.

Capitão Sena (r. e tr.). V. Sena.

Capitolino (tr.). No Engenho Novo.

Caravelas (r. visc. de). Atravessa a r. visc. de Abaeté.

Carceler (boulevard).^[70] É assim denominado o espaço da r. Primeiro de Março compreendido entre a r. do Ouvidor e a pr. D. Pedro II.

Cardoso Junior (r. do). Começa na r. das Laranjeiras.

Caridade (r. da). Em São Cristóvão.

Carioca (l. da). *Hospital da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência*; *Estação da Guarda Urbana*; *Posto de Bombeiros*. Ali passam à sub. e à desc.: todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*; e à sub.: os das linhas **3**, **8** da *Carris Urbanos*; e os da Vila Isabel (esquina da r. Uruguaiana). Desembocam ou começam nesta praça as ruas da Guarda Velha, Santo Antônio, São José, Assembleia, Gonçalves Dias, Uruguaiana e Carioca.

Carioca (r. da). Percorrem-na em toda a sua extensão, do l. da Carioca à pr. da Constituição, à sub., todos os bondes da Comp. Vila Isabel e os das linhas **3**, **8** da *Carris Urbanos*.

[69] Tinha esse nome devido a um “cano” que servia para o escoamento das águas, construído do século XVII.

[70] Trata-se de um trecho da Rua Primeiro de Março que concentrava confeitarias e restaurantes. Tal denominação se deve à Confeitaria Carceller & Schroeder, uma das mais emblemáticas, frequentada por Pedro II.

Carioca (b. da). Não tem saída. Começa na r. do Clube Ginástico.

***Carlos** (r. São). Da r. Estácio à tr. de São Roberto. Ali começa a tr. de São Diniz. As travessas de São Carlos e de São Frederico a fazem comunicar com a r. Laurindo Rabelo. Em Mata-porcos.

***Carlos** (r. São). Em São Cristóvão.

Carlos (tr. de São). Comunica a r. São Carlos com a Laurindo Rabelo.

Carlota (r. D.). Comunica a praia de Botafogo com a r. Bambina.

Carmelitas (b. dos). Comunica a praia da Lapa com a tr. do Desterro.

Carmo (b. do). Comunica r. do Carmo com a da Quitanda.

Carmo (r. do). Estende-se da r. do Ouvidor à r. São José. As ruas Sete de Setembro e da Assembleia a fazem comunicar com as ruas da Quitanda e Primeiro de Março; o b. dos Barbeiros com a Primeiro de Março; o b. do Carmo com a da Quitanda.

Carneiro de Campos (r. cor.). Da r. gen. Argolo à do Curuzu. Pela r. São Januário comunica com as ruas Aurora e do Viana; pela cor. Cabrita com as Major Fonseca e Abílio.

Carneiro Leão (tr. do). Na Cidade Nova.

Carlos Gomes (r.). Na Saúde.

Carolina (r.). No Engenho Novo.

Carolina (r. D.). Comunica a r. D. Marciana com a D. Polixena.

Carolina Reidner (r. D.). Começa na r. Conde d'Eu. A r. gen. João Ventura a faz comunicar com a r. Catumbi.

Carolina (r. Santa). No Andaraí Grande.

Carvalho de Sá (r.). Estende-se da pr. Duque de Caxias à tr. do Carvalho de Sá, atravessando a r. da Pedreira da Candelária, que a faz comunicar com as da Princesa Imperial e Bela da Princesa.

Carvalho de Sá (tr. de). Comunica a r. das Laranjeiras com a Carvalho de Sá.

Carrão (b. do). Da r. da Saúde ao mar.

Cassiano (r. sen.). Estende-se da r. D. Luísa até a esquina das ruas do Curvelo e do Aqueduto, passando pela tr. do Cassiano.

Cassiano (tr. do sen.). Começa na r. sen. Cassiano.

Castelo (lad. do). Continuação da r. do Carmo. Parte da r. São José até o alto do m. do Castelo, onde encontra a lad. da Misericórdia. A r. do Cotovelo a faz comunicar com a r. da Misericórdia; a tr. de São Sebastião com a lad. do Seminário.

Castelo (pr. do). *Igreja São Sebastião*. Pela tr. de São Sebastião comunica com as lad. do Seminário e do Castelo.

Castorina (r. D.). Começa na r. Boa Vista, no Jardim Botânico.

Castorina Pires (tr. de D.). Na Cidade Nova.

Castro (lad. do). Parte da r. do Riachuelo e se dirige ao m. de Santa Teresa, onde termina na r. Fonseca Guimarães.

Catarina (tr. de Santa). Comunica a pr. D. Pedro I com a r. Aurora.

Catete (l. do). Ponto terminal da linha de diligências do Catete. Ali passam, à sub. e à desc., os bondes das linhas **1 A** a **2 C** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Ali desemboca a r. do Catete e começam as ruas sen. Vergueiro e Marquês de Abrantes. Ao lado do Hotel dos Estrangeiros, acompanhando a direção do rio Carioca, há um caminho que vai ter à praia do Flamengo.



Catete (r. do). Por ali sobem e descem todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*; os das linhas **1 A** a **2 C** percorrendo-a em toda a sua extensão, do l. da Glória ao l. do Catete; e os das **3** e **4** só até a pr. Duque de Caxias. Idem, idem, diligências. A r. Santo Amaro a faz comunicar com a do Fialho; a da Pedreira da Glória com a da Pedreira da Candelária; a do Bar. de Guaratiba com o m. da Glória e a praia do Flamengo; as ruas Bela do Príncipe, Bela da Princesa e Dois de Dezembro com a praia do Flamengo e r. da Pedreira da Candelária; a Ferreira Viana, Buarque de Macedo, do Pinheiro, Santo Ignácio com a praia do Flamengo.

Catumbi (l. do). *Cemitério São Francisco de Paula*. Ali passam, à sub. e à desc., os bondes da linha **6** da Comp. São Cristóvão. Daí partem as ruas do Chichorro, Itapiru, dos Coqueiros, da Floresta, lad. do Pinheiro, r. do Cunha.

Catumbi (r. do). Os bondes da Linha **6** da Comp. São Cristóvão percorrem-na, à sub. e à desc., em toda a extensão, da r. Conde d'Eu ao l. do Catumbi. A tr. do gen. João Ventura a faz comunicar com a r. D. Carolina Reidner.

Cavalcanti (r.). No Engenho Novo.

***Caxias** (praça Duque de). Antigo l. do Machado. Estação da *Botanical Garden Rail Road Company*; *Escola pública da freguesia da Glória*; *Igreja de Nossa Senhora da Glória*; *Jardim*. Todos os bondes daquela Comp. atravessam-na, à sub. e à desc.; e os da linha **4** ali têm o seu ponto terminal.

*Ladeira do Castelo,
acesso ao Morro do
Castelo, Rio de Janeiro
(R.J.). Por Afonso
Vasconcelos Várzea.
Início do século XX.
Domínio público/ Acervo
Arquivo Nacional.*

Idem, idem, diligências. Ponto de tálburis e carros de praça. A r. do Catete a atravessa, as Carvalho de Sá e das Laranjeiras ali começam, e a da Pedreira da Candelária ali termina.

***Caxias** (praça Duque de). Em Vila Isabel.

Cayru (b. do). Comunica a r. Bar. de São Gonçalo com o b. Manuel de Carvalho.

Cecília (r. D.). No Rio Comprido.

Cerqueira Lima (r.). No Engenho Novo.

Chichorra (praia da). Margeia o m. da Gamboa.

Chichorro (r. do). Começa no l. do Catumbi.

Crisópolis (r. do Bispo de). No Andaraí Grande.

Cristo dos Milagres (praça do Santo). No Saco do Alferes.

Ciganos (r. dos). Hoje r. da Constituição.

Clemente (r. São). Percorrem-na em toda a sua extensão, da praia de Botafogo ao l. dos Leões, à sub. e à desc, os bondes da linha **2 C** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Pela r. Bambina comunica com a D. Carlota; pelas São Luís, D. Mariana, das Palmeiras, da Matriz e Real Grandeza com a Voluntários da Pátria.

Cleto (b. do). Da r. da Saúde ao mar.

Clube Ginástico (r. do). Antiga tr. da Barreira. *Igreja Presbiteriana*. Estende-se da r. do Espírito Santo à pr. da Constituição. Ali começa o b. da Carioca.

Comendador Leonardo (tr. do). V. Leonardo.

Comércio (tr. do). Comunica a pr. D. Pedro II com a r. do Ouvidor.

Conceição (escadinha da). No m. da Conceição.

Conceição (lad. da). Começa no fim da r. dos Ourives e conduz ao m. da Conceição.

Conceição (r. da). Os bondes da linha **8** da Comp. São Cristóvão por ali descem, percorrendo-a em toda a sua extensão da r. sen. Pompeu à Luís de Camões. A tr. do Oliveira e a r. Teófilo Otoni a fazem comunicar com a r. dos Andradas; as ruas da Prainha, São Joaquim e São Pedro com as da Imperatriz e dos Andradas; as gen. Câmara e da Alfândega com o b. dos Aflitos e a tr. de São Domingos; as do Senhor dos Passos e do Hospício com as do Sacramento e dos Andradas.

Conceição (l. da). No Engenho Novo.

Conceição (l. de Nossa Senhora da). No Jardim Botânico.

Conciliação (r. da). Ponto terminal da linha **3 B** da Companhia de São Cristóvão, na esquina da r. da Estrela. Comunica a r. da Estrela com a dos Prazeres.

Concórdia (r. da). Comunica a r. Oriente com a lad. do Barro Vermelho.

Conde (r. do). Hoje r. visc. do Rio Branco.

Conde (r. nova do). Hoje r. Conde d'Eu.

Conde d'Eu (r.). V. Eu.

Conde de Lages (r.). V. Lages.

Conde de Porto Alegre (r.). V. Porto Alegre.

Conde de Bonfim (r.). V. Bonfim.

Cônego Marinho (r. do). V. Marinho.

Conselheiro Afonso Celso (r.). V. Afonso Celso.

Cons. Costa Pereira (r.). V. Costa Pereira.

Cons. João Alfredo (r.). V. João Alfredo.

Cons. João Cardoso (r.). V. João Cardoso.

Cons. Magalhães Castro (r.). V. Magalhães Castro.

Cons. Otaviano (r.). V. Otaviano.

Cons. Paranaguá (r.). V. Paranaguá.

Cons. Pereira da Silva (r.). V. Pereira da Silva.

Cons. Saraiva (r.). V. Saraiva.

Cons. Sinimbu (r.). V. Sinimbu.

Cons. Teixeira Júnior (r.). V. Teixeira Júnior.

Cons. Tomás Coelho (r.). V. Tomás Coelho.

Cons. Torres Homem (r.). V. Torres Homem.

Cons. Zacarias (r.). V. Zacarias.

Constança (pr. D.). À esquerda da r. Santa Luzia, comunicando com o mar.

Constituição (pr. da).^[71] Antigo l. do Rocio. Teatros *São Pedro de Alcântara* e *Príncipe Imperial*; estátua de *D. Pedro I*, no centro do Jardim; *Ministério do Império*. Ali passam todos os bondes da Comp. Vila Isabel à sub.: desde a r. da Carioca até a visc. do Rio Branco, à desc.: desde a do Espírito Santo até a Sete de Setembro; e da *Carris Urbanos*, à sub.: bondes das linhas **3** e **8** pelos trilhos da Vila Isabel, e **11** e **12** desde a r. Sousa Franco (pela frente do teatro São Pedro) até a visc. do Rio Branco, desc.: **3**, **8**, **11** e **13** desde a r. da Constituição até a Sete de Setembro. Ali desembocam ou começam as ruas do Clube Ginástico, Espírito Santo, visc. do Rio Branco, Constituição, São Jorge, Leopoldina, Sacramento, Sousa Franco, Sete de Setembro e Carioca.

Constituição (r. da). Antiga r. dos Ciganos. *Fórum*. Os bondes das linhas **3**, **8**, **11**, **12** da *Carris Urbanos* ali descem no espaço, entre a r. do Regente e pr. da Constituição, e os das linhas **1** a **7** da São Cristóvão, desde o Campo da Aclamação até a r. do Sacramento. Estende-se da pr. da Constituição ao Campo da Aclamação. A r. do Regente a faz comunicar com a Luís de Camões e visc. do Rio Branco; a do Núncio com a Senhor dos Passos e visc. do Rio Branco.

Consultório (r. do). Começa na r. do Imperador.

Copacabana (caminho da). Começa na r. Itapemirim.

Coqueiros (r. dos). Começa no l. do Catumbi. Pela r. do Gonçalves comunica com a lad. do Barro Vermelho.

Cornélio (r.). Em São Cristóvão.

Coronel Cabrita (r.). V. Cabrita.

Coronel Carneiro de Campos (r.). V. Carneiro de Campos.

Coronel Figueira de Melo (r.). V. Figueira de Melo.

Coronel Julião (r.). V. Julião.

Correia de Sá (r.). Começa à esquerda do Aqueduto, próximo à r. do Aqueduto.

[71] Atual praça Tiradentes. Recebeu esse nome após o advento da República, na década de 1890, em vista do marcante esquartejamento de Joaquim José da Silva Xavier, ocorrido cem anos antes em suas proximidades.

Cosme Velho (r.). Percorrem-na, desde a r. das Laranjeiras até o l. do Boticário, à sub. e à desc., os bondes da linha **3** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Estende-se da r. das Laranjeiras ao Aqueduto da Carioca, atravessando o l. do Boticário.

Costa (r. do). Os bondes da linha **1** da companhia *Carris Urbanos* percorrem-na à sub. (desde a r. São Joaquim até a sen. Pompeu) e à desc. (da r. Bar. de São Félix à r. São Joaquim). Estende-se da r. São Joaquim à r. do Livramento. As ruas sen. Pompeu e Bar. de São Félix a fazem comunicar com a da Imperatriz e tr. das Partilhas.

Costa Bastos (r.). Em Santa Teresa.

Costa Pereira (r. do Conselheiro). No Andaraí Grande.

Costa Velho (r.). Da r. da Misericórdia à praia de D. Manuel, atravessando a r. D. Manuel que a faz comunicar com a tr. de D. Manuel e o l. do Moura.

Cotovelo (r. do). Estende-se da praia de D. Manuel à lad. do Castelo. A r. da Misericórdia a faz comunicar com o b. da Fidalga e a tr. de D. Manuel; o b. dos Ferreiros com a r. de D. Manuel; a tr. do Paço com o b. da Fidalga; a r. de D. Manuel com os becos da Fidalga, dos Ferreiros e do Teatro; a r. Fresca com o b. do Teatro e pr. D. Pedro II.

Cocheiras (l. das). Na Quinta Imperial.

Cristina (r. Santa). Começa na r. do Fialho e comunica esta r. com a de D. Isabel e a tr. de Santa Cristina.

Cristina (tr. de Santa). Comunica a r. Santa Cristina com a do Aqueduto.

Cristo (praça de Santo). *Igreja Santo Cristo dos Milagres*. Defronte da r. da América, na praia do Saco do Alferes.

Cristóvão (campo de São). Hoje praça D. Pedro I.

Cristóvão (praia de São). Percorrem-na, à sub. e à desc., desde a r. do Pau-ferro até a praia do Caju, os bondes da linha **5 A** da Companhia de São Cristóvão. Estende-se da r. São Luís Durão à praia do Caju. Daí partem as ruas Aurora, do Pau-ferro, do Bonfim e José Clemente.

Cristóvão (r. São). Percorrem-na os bondes das linhas **4 A** a **5 B** da Companhia de São Cristóvão, à sub.: da r. Miguel de Frias à Coronel Figueira de Melo; e à desc.: da r. Escobar à Miguel de Frias. Estende-se do l. do Estácio de Sá à praia das Palmeiras. Pela r. do Bar. de Ubá comunica com a Haddock Lobo; pela Miguel de Frias com a visc. de Itaúna; pela r. Fonseca Lima com o boulevard do Imperador; por este boulevard com a r. sen. Eusébio; pela r. Mariz e Barros com a do Matoso; pela de Lopes de Sousa com os terrenos do antigo matadouro; pela r. do Imperador com a cor. Figueira de Melo; pela Fonseca Telles com a Santos Lima; pela cor. Figueira de Melo com a do Curtume e a Sousa Valente; pela do Escobar com a Sousa Valente. Também começa na São Cristóvão a r. Nova de São João.

Cruz (r. da). Começa na r. Bar. de Mesquita, quase na extremidade.

Cruzeiro do Sul (r. do). Comunica a r. Amazonas com a Princesa Imperial.

Cruz Lima (r.). Da r. sen. Vergueiro ao mar.

Cunha (r. do). Do l. do Catumbi à lad. do Viana, passando pela lad. do Pinheiro, que a faz comunicar com aquele largo.

Cunha Barbosa (r.). Da r. do Moreira à r. João Alvares, passando pela tr. do Cunha Matos, que a faz comunicar com a r. do Livramento.

Cunha Matos (tr. do). Comunica a r. do Livramento com o b. de Cunha Barbosa.

Curtume (r. do). Da praia das Palmeiras até além da r. cor. Figueira de Melo.

Curuzu (r. do). Da r. Major Fonseca à cor. Carneiro de Campos.

Curvelo (r. do). Ponto terminal (na esquina da r. do Aqueduto) dos bondes da linha **2** da Comp. de Santa Teresa. Estende-se da lad. de Santa Teresa à r. do Aqueduto, passando pela r. sen. Cassiano, que a faz comunicar com a D. Luísa.

Deolinda (r. e tr. de D.). Na Cidade Nova.

Depósito (l. do). É o l. da Imperatriz.

Desembargador Isidro (r.). V. Isidro.

Desembargador Viriato (r.). V. Viriato.

Dezenove de Fevereiro (r.). Em Botafogo.

Desterro (tr. do).^[72] Estende-se da r. da Lapa à de Santa Teresa. O b. dos Carmelitas a faz comunicar com a praia da Lapa.

Detrás dos Quartéis (r.). Hoje r. Marcílio Dias.

Dias da Silva (r.). No Engenho Novo.

Diniz (tr. de São). Começa na r. São Carlos.

Diogo (r. São). Hoje r. gen. Pedra.

Direita (r.). Atual r. Primeiro de Março.

Domingos (l. de São). *Igreja São Domingos; Estação da Guarda Urbana*. A r. gen. Câmara o atravessa; e a da Imperatriz ali termina.

Domingos (tr. de São). Comunica a r. da Alfândega com a gen. Câmara.

D. Afonso (r.). V. Afonso.

D. Manuel (praia, r. e tr.). V. Manuel.

D. Alice (r.). V. Alice.

D. Ana (r.). V. Ana.

D. Ana Néri (r.). V. Ana Néri.

D. Bibiana (r.). V. Bibiana.

D. Carlota (r. e tr.). V. Carlota.

D. Carolina Reidner (r.). V. Carolina Reidner.

D. Castorina (r.). V. Castorina.

D. Castorina Pires (tr.). V. Castorina Pires.

D. Cecília (r.). V. Cecília.

D. Constança (praça). V. Constança.

D. Deolinda (r. e tr.). V. Deolinda.

D. Elisa (r.). V. Elisa.

D. Emerenciana (r.). V. Emerenciana.

D. Eugênia (r.). V. Eugênia.

D. Feliciano (r.). V. Feliciano.

D. Felicidade (b. de). V. Felicidade.

[72] Atual rua Moraes e Vale.

D. Florinda (r.). V. Florinda.

D. Francisca (r.). V. Francisca.

D. Isabel (r.). V. Isabel.

D. Joaquina (r.). V. Joaquina.

D. Josefina (r.). V. Josefina.

D. Júlia (r.). V. Júlia.

D. Luísa (r.). V. Luísa.

D. Marciana (r.). V. Marciana.

D. Maria (r.). V. Maria.

D. Mariana (r.). V. Mariana.

D. Minervina (r.). V. Minervina.

D. Polucena (r.). V. Polucena.

D. Rita (r.). V. Rita.

D. Rosa (r.). V. Rosa.

D. Sofia (r.). V. Sofia.

Dois de Dezembro (r.). Estende-se da praia do Flamengo à r. da Pedreira da Candelária. O b. do Pinheiro a faz comunicar com a r. do Pinheiro; a r. do Catete com a praça Duque de Caxias.

Dr. Araújo (r.). V. Araújo.

Dr. Garnier (r.). V. Garnier.

Dr. João Ricardo (r.). V. João Ricardo.

Dr. Norberto Ferreira (r.). V. Norberto Ferreira.

Dr. Pinheiro Guimarães (r.). V. Pinheiro Guimarães.

Drummond (r.). No Andaraí Grande.

Duque de Caxias (praça e r. do). V. Caxias.

Duque de Saxe (r. do). V. Saxe.

Durão (lad. do). Da r. D. Luísa à tr. da Alice.

Elisa (r. D.). No Andaraí Grande.

Emancipação (r. da). Comunica a r. São Luís Gonzaga com as ruas do Major Fonseca, do Curuzu e do cor. Cabrita.

Emília Guimarães (r.). Em Catumbi.

Emerenciana (r. D.). Começa na r. Fonseca Telles; paralela à do Parque.

Engenho Novo (r.). No Engenho Novo.

Engenho Novo (tr. do). No Engenho Novo.

Engenho Novo (r.). Hoje r. Haddock Lobo.

Escadinha da Conceição. No Morro da Conceição.

Escadinhas (b. das). Das Escadinhas do Livramento ao mar, atravessando a r. da Saúde, que o faz comunicar com a r. Nova do Livramento, r. do Livramento, e pr. Municipal.

Escadinhas do Livramento. Comunica o b. das Escadinhas com a lad. do Livramento.

Escobar (r. do). Percorrem-na em toda a sua extensão, da pr. D. Pedro I à r. São Cristóvão, os bondes das linhas **4 A** a **5 B** da Comp. São Cristóvão. Pela r. Sousa Valente comunica com a r. Coronel Figueira de Melo.

Escorrega (b. do). Da r. da Saúde ao mar.

Estácio de Sá (l. de). Antigo l. de Mata-porcos. *Igreja do Divino Espírito Santo; Estação do corpo militar de polícia*. Ponto terminal da linha **2** da companhia *Carris Urbanos*; e de percurso das linhas **1** a **3 B** da São Cristóvão. Ali terminam as ruas Estácio de Sá e Machado Coelho, e partem as ruas São Cristóvão e Haddock Lobo.

Estácio de Sá (r.). Antiga r. de Mata-porcos. Percorrem-na em toda a sua extensão, do fim da r. Conde d'Eu ao l. do Estácio de Sá, os bondes da linha **2** da companhia *Carris Urbanos*, tanto à sub. como à desc. Ali começam as ruas São Carlos e Nova de Santos Rodrigues, que vão ter ao m. de Santos Rodrigues.

Espírito Santo (r. do). *Teatro de Sant'Ana, das Novidades, Recreio Dramático*. Por ali descem todos os bondes da Comp. Vila Isabel, percorrendo-a em toda a sua extensão, desde a r. do Senado até a praça da Constituição. A r. do Clube Ginástico a faz comunicar com aquela pr., b. e r. da Carioca.

Estrela (r.). Percorrem-na, à sub. e à desc., desde o l. do Rio Comprido até a r. da Conciliação, os bondes da linha **3 B** da Comp. São Cristóvão. Estende-se do l. do Rio Comprido à tr. do Barroso. A r. da Conciliação a faz comunicar com a dos Prazeres.

Eu (r. Conde d'). Antiga r. Nova do Conde. *Casa de Correção*. Por ali sobem e descem da Comp. São Cristóvão os bondes da linha **6** desde a r. do Areal até a Catumbi; da *Carris Urbanos* os da linha **2**, desde a r. visc. de Sapucaí até a Estácio de Sá, e os da linha **8**, desde a tr. do Senado até a r. de Santana. Estende-se da r. do Senado à r. Estácio de Sá. A r. gen. Caldwell a faz comunicar com a do Senado e do Areal; esta com a gen. Caldwell; a de Santana com a São Leopoldo; a do Riachuelo com a r. e a lad. do Senado; a de Paula Matos com a lad. do Senado; as visc. de Sapucaí e D. Feliciano com a Senhor de Matosinhos; as Catumbi e D. Carolina Reidner com a tr. do gen. Ventura.

Eugênia (r. D.). Em Catumbi.

Eusébio (r. sen.). *Gasômetro*.^[73] Por ali sobem e descem os bondes da Comp. Vila Isabel percorrendo-a desde a r. gen. Caldwell até o Boulevard do Imperador; e os das linhas **2** e **7** da *Carris Urbanos*, desde o Campo da Aclamação até a r. gen. Caldwell. Estende-se do Campo da Aclamação ao boulevard do Imperador, atravessando as ruas gen. Caldwell, de Santana, Marquês de Pombal, visc. de Sapucaí, do Porto, D. Feliciano, João Caetano e Ferreira, que a fazem comunicar com as ruas gen. Pedra e visc. de Itaúna. A tr. da Saudade a faz comunicar com a r. gen. Pedra.

Evaristo da Veiga (r.). Antiga r. dos Barbonios, e não Barbonos como geralmente se diz. *Igreja Anglicana*, nº 10; *Quartel do Corpo Militar de polícia*; *antigo Hospício de Jerusalém*, nº 19; *Casa dos Expostos*, nº 72; *Laboratório químico farmacêutico do exército*, nº 29. No espaço compreendido entre as ruas visc. de Maranguape e r. do Riachuelo, passam os bondes das linhas **4**, **9** e **10** (à sub.) e **4**, **9** e **12** (à desc.) da companhia *Carris Urbanos*. Estende-se da r. da Ajuda à de Santa Teresa. A r. das Marrecas a faz comunicar com a do Passeio; a visc. de Maranguape com o l. da Lapa; a da Guarda Velha com o b. de Manuel de Carvalho; a dos Arcos com as do Lavradio e do Resende.

Évora (tr.). Na Saúde.

Fábrica das Chitas (r. da). Hoje Desembargador Isidro.

[73] A avenida Presidente Vargas incorporou a rua senador Eusébio. O referido Gasômetro é a antiga Fábrica do Aterrado inaugurada pelo barão de Mauá na metade do século XIX para a produção do gás que iria iluminar a cidade. Sua fachada ainda hoje se conserva.

Farani (r.). Da praia de Botafogo à r. D. Ana, passando pela r. Bar. de Itambi, que a faz comunicar com a da Piedade.

Faria (lad. do). Começa no fim da r. São Lourenço, e, pela lad. do Barroso, comunica com a lad. do Livramento.

Félix (r. Bar. de São). Antiga r. da Princesa dos Cajueiros. Percorrem-na, à desc., os bondes da linha **1** da *Carris Urbanos*, desde a r. Dr. João Ricardo até a do Costa. Estende-se do l. da Imperatriz à r. gen. Caldwell. A r. do Costa, tr. das Partilhas e r. Dr. João Ricardo fazem-na comunicar com a sen. Pompeu; a São Lourenço com a do ten. Pompeu e tr. das Partilhas.

Félix (r. capitão). Da r. da Alegria à r. São Luís Gonzaga. Pela r. do Ávila, comunica com a da Alegria.

***Feliciano** (r. D.). Estende-se da r. Conde d'Eu à tr. do Bom Jardim. A r. Senhor de Matosinhos e a tr. do Moutinho a fazem comunicar com a r. D. Júlia; as ruas São Leopoldo, Alcântara, visc. de Itaúna, sen. Eusébio, gen. Pedra e João Caetano com a do Porto; a D. Josefina com a São João.

***Feliciano** (r. D.). Na Fábrica das Chitas. Pela r. D. Bibiana comunica com as ruas dos Araújo e Desembargador Isidro; pela do Pirassinunga com a Desembargador Isidro.

Felicidade (b. de D.). Comunica a r. dos Cajueiros com a Bar. de São Félix.

Fernandes Guimarães (r.). Da r. São Manuel à D. Marciana, atravessando a r. de D. Polucena, que a faz comunicar com as ruas D. Carolina e da Passagem.

Fernandes Vieira (r. do). Em Vila Isabel.

Ferreira (r. do). Ponto terminal da linha **7** da *Carris Urbanos*. Estende-se da r. sen. Eusébio à praia Formosa, atravessando a r. gen. Pedra, que a faz comunicar com a João Caetano.

Ferreira de Almeida (r.). Em Botafogo.

***Ferreira Viana** (r.). Comunica a praia do Flamengo com a r. do Catete.

***Ferreira Viana** (r.). Na Cidade Nova.

Ferreiros (b. dos). Comunica a r. do Cotovelo com a D. Manuel.

Fialho (r. do). Estende-se da r. Santo Amaro à r. D. Luísa. A r. Santa Cristina a faz comunicar com a tr. de Santa Cristina e r. D. Isabel; e esta com a r. Santa Cristina.

Fidalga (b. da). Da r. D. Manuel à da Misericórdia, cortando a tr. do Paço, que o faz comunicar com a tr. da Natividade e a r. do Cotovelo.

Figueira (r.). No Engenho Novo.

Figueira de Melo (r. cor.). Percorrem-na à sub., desde a r. São Cristóvão até a pr. D. Pedro I, os bondes das linhas **4 A** a **5 B** da Comp. São Cristóvão. Da r. do Imperador à pr. D. Pedro I. Pela r. do Curtume comunica com a praia das Palmeiras; pela São Cristóvão com as de Fonseca Teles, Escobar e Nova de São João; pela r. Sousa Valente com a Escobar.

Filgueiras (tr. do). Em São Cristóvão.

Filipe (r. São). No Engenho Novo.

Felipe Camarão (r.). Em Vila Isabel.

Felipe Néri (lad. do). Comunica a r. da Prainha com a da Saúde. Pela lad. do João Homem comunica com o m. da Conceição.

Fisco (b. do). Comunica a r. do Hospício com a do Rosário.

Flack (r.). No Engenho Novo.

Flamengo (praia do). Estende-se da r. do Russell ao m. da Viúva. Ali terminam ou começam as ruas Bela do Príncipe, Ferreira Viana, Bela da Princesa, Buarque de Macedo, Dois de Dezembro, Pinheiro, Santo Inácio, Paissandu etc.

Flamengo (tr. do). Comunica a r. sen. Vergueiro com a praia do Flamengo.

***Flores** (r. das). Atual r. Santana.

***Flores** (r. das). Da r. do Pau-ferro à José Clemente, atravessando a r. do Bonfim, que a faz comunicar com a praia de São Cristóvão e a r. Bela de São João.

***Flores** (r. das). Em São Cristóvão.

Floresta (r. da). Do l. do Catumbi à r. Oriente. Pela r. Vista Alegre comunica com a lad. do Barro Vermelho, e pela tr. da Vista Alegre com a r. Vista Alegre.

Florinda (r. D.). Em Vila Isabel.

Fluminense (r.). Comunica a r. Paula Matos com a Santo Alfredo.

Fogo (r. do). Atual r. dos Andradas.

Fonseca (r. do major). Começa no fim da r. da Emancipação. Pela r. do Curuzu comunica com a cor. Carneiro de Campos.

Fonseca Guimarães (r. do). Começa na r. Mauá.

Fonseca Lima (r.). Da r. São Cristóvão ao Boulevard do Imperador. As travessas Miguel de Frias e do Bastos a fazem comunicar com a r. Miguel de Frias.

Fonseca Teles (r.). Da r. São Cristóvão à Santos Lima. Ali começam as ruas do Parque e D. Emerenciana.

Fonte da Saudade (r.). Em Botafogo.

Formiga (r. da). Na Cidade Nova.

Formosa (praia).^[74] Percorrem-na em toda a sua extensão, da Praia do Saco do Alferes à pedreira de São Diogo, os bondes da linha **4** da *Carris Urbanos*; tanto à sub. como à desc. A r. Paulina ali começa, e a do Ferreira a faz comunicar com a Bar. de Angra.

Formosa (r.). Atual r. gen. Caldwell.

Francisca (r. D.). No Andaraí Grande.

Francisco (r. de São). Por ali descem os bondes da linha **5** da companhia *Carris Urbanos*; percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. da Pedra do Sal à da Saúde. Pelo b. do João Inácio comunica com o mar e com a tr. de João José.

Francisco de Paula (l. de São). *Igreja de São Francisco de Paula; Escola Politécnica; Estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva*. Ponto inicial de todas as linhas de bondes da Comp. São Cristóvão; e das **11** e **12** da *Carris Urbanos*. Ponto de tálburis de praça. Ali começam ou desembocam as ruas Sousa Franco, Luís de Camões, dos Andradas, tr. e r. do Rosário, r. do Ouvidor e tr. de São Francisco de Paula.

Francisco de Paula (tr. de São). *Hospital da Ordem 3ª dos Mínimos de São Francisco de Paula*. Os bondes das linhas **11** e **12** da companhia *Carris Urbanos*, à desc., percorrem-na em toda a sua extensão, da r. Sete de Setembro ao l. de São Francisco de Paula.

Francisco Filho (r. Bar. de São). Em Vila Isabel.

[74] Localizada no bairro Santo Cristo, a praia foi aterrada para a expansão dos cais e armazéns do porto.

Francisco Eugênio (r.). Em São Cristóvão.

Francisco Xavier (r. São). *Internato do Imperial Colégio B. Pedro II*. Percorrem-na à sub. e à desc. todos os bondes da Comp. Vila Isabel. Estende-se do ponto de encontro das ruas Haddock Lobo e Conde de Bonfim até a r. do Jockey Club. Atravessam-na as ruas Mariz e Barros, Duque de Saxe, Bar. de Mesquita, visc. de Itamarati.

Frederico (r. de São). Hoje r. Laurindo Rabelo.

Frederico (tr. de São). Comunica a r. São Carlos com a Laurindo Rabelo.

Freitas (b. do). Na Saúde.

Funda (r.). Da r. da Saúde até pouco além da r. Mato Grosso, que a faz comunicar com o b. do João Inácio.

Fresca (r.). Por ali descem os bondes da linha **4** da companhia *Carris Urbanos* percorrendo na em toda a sua extensão, do l. do Moura à pr. D. Pedro II. As tr. do Costa Velho, D. Manuel, do Teatro, ruas do Cotovelo e São José fazem-na comunicar com a r. D. Manuel.

Gama (r. do). Em São Cristóvão.

Gamboa (r. da). *Estação marítima da Estrada de Ferro D. Pedro II; Hospital de Nossa Senhora da Saúde; Cemitério Inglês (British Burial Ground)*, nº 135. Percorrem-na os bondes da linha **7** da Comp. São Cristóvão, à sub. e à desc., desde a r. do Livramento até a da União. Estende-se do m. da Saúde à praia da Chichorra. Pelas ruas da Boa Vista e do Propósito comunica com a tr. da Mangueira; pelas da Harmonia e do Livramento com a r. João Álvares; pela da União com a praia do Saco do Alferes.

Gamboa (r. Bar. da). Na Saúde.

Garnier (r. Dr.). No Engenho Novo.

Gen. Argolo (r.). V. Argolo.

Gen. Caldwell (r.). V. Caldwell.

Gen. Câmara (r.). V. Câmara.

Gen. Gurjão (r.). V. Gurjão.

Gen. João Ventura (r.). V. João Ventura.

Gen. Osório (pr.). V. Osório.

Gen. Pedra (r.). V. Pedra.

Gen. Pinto Peixoto (r.). V. Pinto Peixoto.

Gen. Polidoro (r.). V. Polidoro.

Gen. Sampaio (r.). V. Sampaio.

Gonçalves (r.). No Engenho Novo.

Gratidão (r.). No Andaraí Grande.

Gruenwald (r.). No Engenho Novo.

Guararapes (r. dos). Nas Laranjeiras.

***Guedes** (tr. do). Começa na r. Machado Coelho, na Cidade Nova.

***Guedes** (tr. do). Comunica as ruas do Marquês de Abrantes com a sen. Vergueiro, em Botafogo.

Glória (cais da).^[75] Por ali descem todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*. Percorrendo-o em toda a sua extensão, do l. da Glória à praia da Lapa.

Glória (lad. da). Do l. da Glória ao alto do m. da Glória, onde vai encontrar a r. do Russell.

Glória (l. da). Atravessam-no todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*; e as diligências de Botafogo, Catete e Laranjeiras. Dali começam ou partem as ruas da Glória, do Catete, lad. da Glória, r. do Silva.

Glória (r. da). *Secretaria de Estrangeiros*. Por ali sobem os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*, percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. da Lapa à do Catete. Idem, idem. Diligências de Botafogo, Laranjeiras e Catete. A r. Conde de Lages a faz comunicar com a r. Taylor; a de D. Luísa com a sen. Cassiano, do Fialho e tr. da Alice.

Gonçalo (r. Bar. de São). Antigo b. do Propósito. Estende-se da r. da Guarda Velha à da Ajuda, fazendo-as comunicar com o b. do Cayru.

Gonçalves (r. do). Começa na r. dos Coqueiros. Pela lad. do Barro Vermelho comunica com as ruas Vista Alegre e Oriente.

Gonçalves Dias (r.). Antiga r. dos Latoeiros.^[76] Percorrem-na desde a r. do Ouvidor até o l. da Carioca, tanto à sub. como à desc., todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*. Estende-se da r. do Rosário ao l. da Carioca. A r. Sete de Setembro a faz comunicar com a dos Ourives e a Uruguaiana.

Gonzaga Bastos (r.). Começa na r. Bar. de Mesquita.

Graça (bairro da). Começa na r. Guanabara. Não tem saída.

Grão-Pará (boulevard do príncipe do). Em Vila Isabel.

Guanabara (r.). *Palácio Isabel*.^[77] Da r. das Laranjeiras até pouco além da r. Paissandu. Ali começa o bairro da Graça. As ruas do Roso e Paissandu fazem-na comunicar com a r. Ipiranga.

Guaratiba (r. Bar. de). Estende-se em zigue-zague da r. do Catete ao alto do m. da Glória, e daí desce até a r. do Russell. A r. do Guarda-mor a faz comunicar com o l. da Glória.

Guarda-Mor (r. do). Antigo beco do Rio. Comunica a Bar. de Guaratiba com o l. da Glória.

Guimarães (l. do). No m. de Santa Teresa. Ali passam as duas linhas de bondes da Empresa de Santa Teresa.

Guarda Velha (r. da).^[78] *Tipografia Nacional; Imperial Teatro D. Pedro II; Liceu de Artes e Ofícios*. Por ali sobem e descem todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*, percorrendo-a em toda a sua extensão, do l. da Carioca à r. Evaristo da Veiga. A r. Bar. de São Gonçalo e o b. Manuel de Carvalho a fazem comunicar com o b. do Cayru e a r. da Ajuda.

Gurjão (r. gen.). Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. gen. Sampaio ao portão da Imperial Quinta do Caju, os bondes da linha **5 A** da Comp. São Cristóvão, tanto à sub. como à desc. Pela r. Tavares Pereira comunica com o mar.

[75] Assim como as demais praias da região, o cais deixou de existir com os aterramentos do século XX.

[76] Sua antiga denominação se devia ao fato de a rua concentrar profissionais que trabalhavam com metal. Gonçalves Dias morou neste logradouro, que teve o nome alterado em sua memória após seu falecimento em 1865.

[77] Atual Palácio Guanabara, sede do governo estadual do Rio de Janeiro.

[78] Atual rua Treze de Maio. Sua antiga denominação se devia ao destacamento de guardas lotado nesta rua e encarregado de manter a ordem no chafariz da Carioca.

Haddock Lobo (r.). Antiga r. do Engenho Velho. Percorrem-na os bondes da Comp. São Cristóvão; os das linhas **1** e **2** em toda a extensão, do l. do Estácio de Sá à r. São Francisco Xavier, e os das linhas **3 A** e **3 B** até a r. Rio Comprido. A tr. do Rio Comprido a faz comunicar com a r. Rio Comprido; esta r. com aquela tr.; a r. Bar. de Ubá com a São Cristóvão; as do Matoso e São Salvador com as Mariz e Barros e Bar. de Itapagipe; a tr. de São Vicente de Paula com a r. Santa Amélia. Entre as ruas do Matoso e São Salvador deve vir terminar a r. do Bispo.

Harmonia (l. da). Atravessa-o a r. da Saúde. Daí partem as ruas da Harmonia e do Propósito.

Harmonia (r. da). *Escola pública de Santa Rita*, nº 62. Do l. da Harmonia à praia da Gamboa, pelas tr. das Mangueiras e r. da Gamboa comunica com as ruas do Livramento e do Propósito; pela r. João Alvares com a do Livramento.

Henrique (r. Santo). Comunica a r. Desembargador Isidro com a dos Araújo.

Henrique Dias (r.). No Engenho Novo.

Hospício (r. do).^[79] Os bondes das linhas **2** e **7** da *Carris Urbanos*, à sub., percorrem-na desde a r. Primeiro do Março até a do Núncio. Estende-se da r. Primeiro de Março ao Campo da Aclamação. A r. da Candelária a faz comunicar com a da Alfândega; o b. das Cancelas com a do Rosário; as da Quitanda e dos Ourives com as da Alfândega e do Rosário; o b. do Fisco com a do Rosário; a r. Uruguaiana com o l. da Sé e a r. da Alfândega; a dos Andradas com o l. da Sé e a r. Senhor dos Passos; a da Conceição e do Regente com as do Senhor dos Passos e Luís de Camões; as do Sacramento e de São Jorge com a tr. da Moeda e r. Senhor dos Passos; a do Núncio com as da Constituição e Senhor dos Passos.

Hospício Pedro II (r. do). Da r. da Passagem à praia da Saudade. Pela r. Bar. do Rio Bonito comunica com a Itapemirim.

Humaitá (r.). Percorrem-na em toda a sua extensão, do l. dos Leões à r. do Jardim Botânico; à sub. e à desc. os bondes da linha **1 A** da *Botanical Garden Rail Road Company*.

Idalina (r.). Em Catumbi.

Igrejinha (r. da). Da pr. D. Pedro I ao mar.

Iguatemi (r. do Bar. de). No Engenho Velho.

Imperador (boulevard do).^[80] Percorrem-no em toda a extensão, do fim da r. sen. Eusébio à r. São Cristóvão, os bondes da Comp. Vila Isabel tanto à sub. como à desc.

Imperador (r. do). *Paço Imperial de São Cristóvão; Quartéis dos regimentos de cavalaria e de artilharia a cavalo; Arquivo Militar*. Estende-se da Imperial Quinta da Boa Vista à praia das Palmeiras, atravessando a r. São Cristóvão. Pela r. cor. Figueira de Mello comunica com a r. do Curtume.

Imperatriz (l. da). Também chamado l. do Depósito. As ruas da Imperatriz e sen. Pompeu o atravessam, e ali desemboca a r. Bar. de São Félix.

Imperatriz (r. da). Os bondes da linha **7** da Comp. São Cristóvão percorrem-na em toda a sua extensão (do l. de São Domingos à pr. Municipal) à sub., e até a r. sen. Pompeu, à desc.; os das linhas **1** e **6** da *Carris Urbanos* desde a r. de São Joaquim até a da Prainha, à desc. Atravessa o l. da Imperatriz. A r. São Pedro a faz comunicar com as da Conceição e do Reg. de São Joaquim com as da Conceição, do

[79] Atual rua Buenos Aires. O “hospício” que dava o nome à rua se referia a um tipo de albergue e hospital da ordem dos Capuchinhos ali existente.

[80] Antiga rua situada no que é hoje a praça da Bandeira, ocupando o trecho final da atual avenida Presidente Vargas.

Reg. e do Costa; a da Prainha com a da Conceição; a sen. Pompeu com a do Costa e da Conceição; a do Bar. de São Félix com a do Costa; a lad. da Madre de Deus com o m. do Livramento.

Império (b. do). Comunica a r. de Santa Teresa com o l. da Lapa.

Indiana (r.). Nas Laranjeiras.

Indústria (r. da). Da r. Abílio ao reservatório D. Pedro II. Pela r. Marieta comunica com a D. Ana.

Inácio (r. Santo). Comunica a praia do Flamengo com a r. do Catete.

Inhaúma (r. do visc. de). Antiga r. dos Pescadores. *Ministério da Marinha* e repartições dependentes, na esquina da r. Primeiro de Março. Por ali descem os bondes das linhas **1**, **5** e **6** da *Carris Urbanos*, percorrendo-a desde a r. Santa Rita até a r. Primeiro de Março. Estende-se da praia dos Mineiros ao l. de Santa Rita. A r. visc. de Itaboraí a faz comunicar com a Teófilo Otoni; as ruas Primeiro de Março e da Candelária com a r. Teófilo Otoni e b. de Bragança; a da Quitanda com o b. de Bragança, ruas Conselheiro Saraiva, São Bento e Teófilo Otoni; a tr. de Santa Rita com a r. Municipal.

Inválidos (r. dos). *Igreja de Santo Antônio*; *Igreja Evangélica Alemã* (Deutsch-evangelische Kirche), nº 69. O bonde da linha **11** da *Carris Urbanos* a percorre desde o Campo da Aclamação até a r. do Regente, à sub., e em toda sua a extensão (da r. do Riachuelo até o Campo da Aclamação), à desc. A r. do Senado a faz comunicar com a do Lavradio e a tr. do Senado; a da Relação com a do Lavradio; a do Resende com a do Lavradio, dos Arcos e Silva Manuel.

Itaboraí (r. visc. de). Da praia dos Mineiros à r. do Rosário, passando pelas ruas Teófilo Otoni, São Pedro, gen. Câmara, que a fazem comunicar com a Primeiro de Março.

Itamaracá (r. Bar. de). No Andaraí Grande.

Itamaraty (r. visc. de). Atravessa a r. São Francisco Xavier. A r. da Universidade a atravessa.

Itambi (r. Bar. de). Comunica a r. Farani com a da Piedade.

Itapagipe (r. Bar. de). Da r. Rio Comprido até além da São Salvador. As ruas do Matoso e São Salvador a fazem comunicar com a Haddock Lobo; a r. do Bispo com o l. do Rio Comprido e a r. Haddock Lobo.

Itapemirim (r. do). Da praia da Saúde à r. da Passagem, passando pela r. Bar. do Rio Bonito, que a faz comunicar com a do Hospício Pedro II.

Itapiru (r. do). Percorrem-na à sub. e à desc. os bondes da linha **7** da Comp. de São Cristóvão, desde o l. do Catumbi até a tr. do Navarro. Estende-se do l. do Catumbi à tr. do Andrade. As tr. do Navarro e do Andrade a fazem comunicar com a r. do Papa-couve.

Itaúna (r. visc. de). *Asilo da Mendicidade*; *Estação da Comp. de São Cristóvão*. Os bondes desta Comp. das linhas **1** a **3 B** percorrem-na desde o Campo da Aclamação até a r. Machado Coelho, e os das linhas **4 A** a **5 B** em toda a extensão, do Campo da Aclamação à r. Miguel de Frias; todos tanto à sub. como à desc. A r. gen. Caldwell a faz comunicar com as do Areal e sen. Eusébio; as ruas de Santana, Marquês de Pombal, visc. de Sapucaí, do Porto, D. Feliciano a fazem comunicar com as do Alcântara e sen. Eusébio; a Machado Coelho com a r. Nova do Alcântara.

Isabel (r.). Em Catumbi.

Isabel (r. D.). Comunica a r. do Fialho com a de Santa Cristina.

Isabel (r. visc. de Santa). Em Vila Isabel.

Isidro (r. Desembargador). Antiga r. da Fábrica das Chitas. Por ali sobem e descem, percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. Conde de Bomfim ao rio Trapicheiro, os bondes da linha **2** da Comp. de

São Cristóvão. A r. Santo Henrique a faz comunicar com a dos Araújo; a D. Bibiana com a D. Feliciane e dos Araújo; as do Pirassinunga e do Pilar com a D. Feliciane.

Januário (r. São). Percorrem-na à sub. e à desc. os bondes da linha **4 B** da Comp. de São Cristóvão. Da r. São Luís Gonzaga à Vieira Bueno. Pelas ruas da Aurora e Viana comunica com a gen. Argolo; pela cor. Carneiro de Campos com a gen. Argolo e cor. Cabrita; pelas Teixeira Júnior e Argentina com as gen. Argolo e Abílio.

Jardim Botânico (r.). *Jardim Botânico*. Percorrem-na em toda a sua extensão, tanto à sub. como à desc., os bondes da linha **1 A** da *Botanical Garden Rail Road Company*, no Jardim Botânico. Começa no fim da r. Humaitá e termina no lugar chamado Três Vendas, em que começam as ruas Boa Vista e Sapê.

Jequitinhonha (r.). No Rio Comprido.

Jesuino Ferreira (r.). No Engenho Novo.

***João** (r. de São). Da r. gen. Polidoro à Voluntários da Pátria, atravessando a r. de Todos os Santos, que a faz comunicar com as ruas Sorocaba e Real Grandeza. Em Botafogo.

***João** (r. de São). No Engenho Novo.

João (r. Nova de São). Começa na r. São Cristóvão defronte da r. Escobar.

João (tr. de São). Comunica a tr. do Bom Jardim com a r. D. Josefina.

João Alfredo (r. do cons.). Em Vila Isabel. Estende-se da r. do cons. Teixeira Júnior à r. visc. de Sousa Franco.

João Álvares (r.). Da r. da Harmonia ao b. de Cunha Barbosa, passando pela r. do Livramento, que a faz comunicar com a r. da Gamboa e travessas das Mangueiras e do Cunha Matos.

João Batista (b. do). Comunica o l. de Santa Rita com a r. Teófilo Otoni.

João Caetano (r. de). Da r. visc. de Sapucaí à sen. Eusébio. A r. do Porto a faz comunicar com a gen. Pedra e a tr. do Bom Jardim; a r. D. Feliciane com as ruas gen. Pedra e D. Josefina; a gen. Pedra com a D. Feliciane.

João Homem (lad. do). Da lad. do Filipe Néri ao m. da Conceição.

João Inácio (b. do). Do mar à r. Mato Grosso. A r. da Saúde a faz comunicar com o b. do Carrão e a r. da Pedra do Sal; e a r. São Francisco com a da Pedra do Sal. A tr. de João José ali começa.

João José (r. do). Começa no b. do João Inácio.

João Marcos (r. de São). Em Catumbi.

João Pereira (tr. de). Começa na r. Machado Coelho.

João Ricardo (r. Dr.). Percorrem-na, à desc., desde a r. sen. Pompeu até a Bar. de São Félix, os bondes da linha **1** da companhia *Carris Urbanos*. Estende-se do Campo da Aclamação à r. dos Cajueiros, atravessando as ruas sen. Pompeu e Bar. de São Félix, que a fazem comunicar com as gen. Caldwell e São Lourenço.

João Ventura (r. gen.). Comunica a r. D. Carolina Reidner com a Catumbi.

Joaquim (r. São). *Igreja de S. Joaquim; Externato do Imperial Colégio de D. Pedro II*, na esquina da r. da Imperatriz. Percorrem-na os bondes da *Carris Urbanos*, à sub.: os da linha **1** (da r. Uruguaiana à do Costa); **2, 7** (da r. do Núncio ao Campo da Aclamação); **6** (toda a extensão); à desc.: **1** (da r. do Costa à da Imperatriz); **2, 7, 10**, (do Campo da Aclamação à r. do Núncio); **6** (do Campo à r. da Imperatriz). Da r. Uruguaiana à da Imperatriz é denominada *Estreita*, e daquela r. até o Campo da Aclamação,

Larga. As ruas dos Andradas e da Conceição a fazem comunicar com as da Prainha e Teófilo Otoni; a da Imperatriz com a da Prainha e São Pedro; as do Regente e Núncio com a de São Pedro; a do Costa com a sen. Pompeu.

Joaquina (r. de D.). Na praia Formosa.

Jockey Club (r. do). *Prado Fluminense*. Da estação de São Francisco Xavier à r. Benfica. A r. D. Ana Néri a faz comunicar com a Vinte e Quatro de Maio e São Luís Gonzaga; esta com a D. Ana Néri.

Jogo da Bola (r. do).^[81] Pela tr. cor. Julião comunica com a r. sen. Pompeu e pela r. Mato Grosso com o b. João Inácio.

Jorge (r. São). Estende-se da pr. da Constituição à r. da Alfândega. As ruas Luís de Camões, do Hospício e Senhor dos Passos fazem-na comunicar com as do Regente e do Sacramento; a tr. da Moeda com a r. do Sacramento; a tr. das Belas Artes com as ruas do Sacramento e Leopoldina.

Jorge Rudge (r.). Em Vila Isabel.

José (r. São). *Igreja do Parto*. Por ali descem as diligências de Botafogo, Catete e Laranjeiras, percorrendo-a desde a r. da Ajuda até a da Misericórdia. Estende-se do cais Pharoux ao l. da Carioca. As ruas Fresca, D. Manuel e lad. do Castelo fazem-na comunicar com a do Cotovelo; as ruas do Carmo, da Quitanda e dos Ourives com a da Assembleia; a da Ajuda com a Santo Antônio.

José Clemente (r.). Da r. Bela de São João à praia de São Cristóvão, passando pela r. das Flores, que a faz comunicar com a do Pau-ferro.

José de Alencar (r.). No m. Paula Matos.

Josefina (r. D.). Da r. D. Feliciano à tr. de São João.

Júlia (r. D.). Da tr. do Moutinho até além da r. Senhor de Matosinhos.

Julião (tr. do cor.). Da r. sen. Pompeu à do Jogo da Bola.

Junquinhos (r. dos). Da r. Mauá ao Aqueduto.

Justino (r. São). Comunica a r. Bar. de Mesquita com a do Patrocínio.

Lages (r. Conde de). Da r. Santa Teresa à da Glória, atravessando a r. Taylor, que a faz comunicar com a da Lapa.

Lampadosa (r. da). Atual r. Luís de Camões.

Lapa (b. da). Comunica a r. do Ouvidor com a do Rosário.

Lapa (l. da). *Biblioteca Nacional; Igreja da Lapa do Desterro; Convento dos Carmelitas*. Ali passam, à sub. e à desc., todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company* e os da linha **4** da *Carris Urbanos*. Ponto inicial das linhas **9** e **10**, e terminal da **12** da *Carris Urbanos*. Ponto de tálburis e carros de praça. Ali começam ou desembocam as ruas visc. de Maranguape, do Passeio, praia da Lapa, r. da Lapa e b. do Império.

Lapa (praia da).^[82] Por ali descem os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*, percorrendo-a em toda a sua extensão, do cais da Glória ao l. da Lapa. Idem, idem. Diligências de Botafogo, Catete e Laranjeiras. A r. Santa Teresa e o b. dos Carmelitas fazem-na comunicar com a tr. do Desterro.

[81] Especula-se que o jogo em questão era uma variante de bocha ou de boliche. A rua ainda existe com o mesmo nome no morro da Conceição.

[82] Mais uma das praias aterradas da região central da cidade. Atual avenida Augusto Severo.

Lapa (r. da). Por ali sobem os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company*, percorrendo-a em toda a sua extensão, do l. da Lapa ao começo da r. da Glória. Idem, idem. Diligências de Botafogo, Catete e Laranjeiras. A r. do Desterro a faz comunicar com o b. dos Carmelitas; a r. Santa Teresa com a r. do Desterro e a r. do Conde de Lages; a r. Taylor com a Conde de Lages.

Laranjeiras (r. das). *Instituto dos Surdos Mudos*. Percorrem-na em toda a sua extensão, da pr. Duque de Caxias ao Cosme Velho, os bondes da linha **3** da *Botanical Garden Rail Road Company* e as diligências das Laranjeiras; tanto à sub. como à desc. A tr. de Carvalho de Sá a faz comunicar com a r. Carvalho de Sá; a Ipiranga com a São Salvador e do Roso; a Guanabara com o bairro da Graça; a Conselheiro Pereira da Silva com o m. de Cantagalo; a Leite Leal com a do Leão; esta com a Leite Leal.

Laura (r.). Em Catumbi.

Laurindo Rabelo (r.). Antiga r. São Frederico. Pelas ruas São Roberto, São Frederico e São Carlos comunica com a r. São Carlos.

Lavradio (r. do). *Repartição da Polícia; Supremo Tribunal de Justiça e relação; Escola Normal* (em construção), *Teatro-circo*. Percorrem-na bondes da companhia *Carris Urbanos*; à sub.: os das linhas **3** e **10** em toda a extensão (r. visc. do Rio Branco à do Riachuelo), **12**, desde a visc. do Rio Branco até a dos Arcos; à desc.: **3** e **12** (toda), **10** (Rio Branco e Arcos). A r. do Senado a faz comunicar com a dos Inválidos e Espírito Santo; as da Relação e do Resende com a dos Inválidos; a dos Arcos com a Evaristo da Veiga e visc. de Maranguape.

Lazareto (praia do). Na Saúde.

Lázaros (r. dos). Em São Cristóvão.

Leandro (b. do). Em Botafogo.

Leão (r. do). Comunica a r. Leite Leal com a das Laranjeiras.

Leblon (cam. do). No Jardim Botânico, perto do l. da Memória.

Leite de Abreu (r.). No Andaraí Grande.

Leite Leal (r.). Comunica a r. do Leão com a das Laranjeiras.

Leme (cam. do). Começa na r. Itapemirim.

Leões (l. dos). Ali passam os bondes da linha **1 B** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Nele terminam as ruas Voluntários da Pátria e São Clemente e começa a Humaitá.

Leonardo (tr. do comendador). Começa na r. da União.

Leopoldina (r.). *Conservatório de Música*, na esquina da r. Luís de Camões. Estende-se da pr. da Constituição à tr. das Belas Artes. A r. Luís de Camões a faz comunicar com as do Sacramento e São Jorge.

Leopoldo (r.). Comunica a r. Bar. de Mesquita com a do Patrocínio.

Leopoldo (r. São). Percorrem-na, à sub. e à desc., os bondes da linha **2** da companhia *Carris Urbanos*, no espaço compreendido entre as ruas Marquês de Pombal e visc. de Sapucaí. Estende-se da r. de Santana até pouco além da D. Feliciana. As ruas do Marquês de Pombal e do Porto a fazem comunicar com a do Alcântara; a visc. de Sapucaí com a tr. da D. Rosa e r. do Alcântara; a do Presidente Barroso com a tr. do Moutinho; a D. Feliciana com a tr. do Moutinho e a r. do Alcântara.

Leopoldo (r. Nova de São). Começa na r. Machado Coelho.

Leste (r. do). No Rio Comprido.

Liberal (b. do). Começa na r. São Luís Gonzaga.

Lima Barros (r.). Começa na r. do Bonfim.

Livramento (b. do). Na Saúde.

Livramento (lad. do). Da r. da Saúde à lad. do Barroso. As Escadinhas do Livramento fazem-na comunicar com o b. das Escadinhas; a r. do Monte com a tr. do Moreira.

Livramento (r. do). Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. da Saúde à da Gamboa, à sub. e à desc., os bondes da linha 7 da Comp. de São Cristóvão. A tr. do Moreira, tr. do Cunha Matos e r. de João Alvares a fazem comunicar o b. de Cunha Barbosa; a tr. das Mangueiras e r. de João Alvares com a r. da Harmonia.

Livramento (pr. Nova do). Da r. da Saúde ao mar.

Lopes de Sousa (r. de). Começa na r. São Cristóvão.

Loureiro (r. do). No Rio Comprido.

Lourenço (r. de São). Do campo da Aclamação à lad. do Faria, atravessando as ruas sen. Pompeu e Bar. de São Félix, que a fazem comunicar com a tr. das Partilhas e r. Dr. João Ricardo.

Luísa (r. D.). Da r. da Glória em direção ao m. de Santa Teresa, passando pela lad. do Durão. A r. sen. Cassiano a faz comunicar com as do Curvelo e do Aqueduto; a tr. da Alice com a lad. do Durão.

Luís (r. São). Comunica a r. São Clemente com a Voluntários da Pátria, em Botafogo.

Luís (r. de São). No Catumbi.

Luís de Camões (r.). Antiga r. da Lampadosa. *Gabinete Português de Leitura* (em construção); *Conservatório de Música*, na esquina da r. Leopoldina. Os bondes das linhas 1 a 6 da Comp. de São Cristóvão por ali descem, percorrendo-a da r. do Sacramento ao l. de São Francisco. As ruas de São Jorge, Leopoldina e do Sacramento a fazem comunicar com a pr. da Constituição e a tr. das Belas Artes; a tr. da Academia com a r. Sousa Franco; a r. da Conceição com a do Hospício.

Luís Vasconcellos (r. de). Da r. do Passeio ao Boqueirão, passando pela tr. do Maia, que a faz comunicar com a r. da Ajuda.

Luís Durão (r. de São). Da pr. D. Pedro I à praia de São Cristóvão.

Luís Gonzaga (r. de São). Antiga r. do Pedregulho. Percorrem-na desde a r. da Quinta Imperial até à de Ana Néri, os bondes da linha 4 A da Comp. de São Cristóvão. Estende-se da r. da Quinta Imperial à do Jockey Club. Daí partem a tr. de São Luís Gonzaga, o b. Liberal, a r. da Nora. A r. da Emancipação a faz comunicar com a do Major Fonseca; a Ana Néri com a do Jockey Club; a Capitão Félix com a da Alegria; esta com a do Ávila.

Luís Gonzaga (tr. de São). Começa na r. São Luís Gonzaga.

Luzia (praia de Santa).^[83] *Hospital da Misericórdia; Igreja de Santa Luzia*. Os bondes da linha 4 da *Carris Urbanos* a percorrem, tanto à sub. como à desc., em toda a sua extensão, desde o l. da Misericórdia até o começo da r. Santa Luzia.

Luzia (r. Santa). Os bondes da linha 4 da companhia *Carris Urbanos* percorrem-na, tanto à sub. como à desc., em toda a extensão, desde a praia de Santa Luzia até a r. da Ajuda. A pr. D. Constança e as tr. do Asilo, do Marquês de Carvalho e Desembargador Viriato a fazem comunicar com o mar.

Luzia (tr. de Santa). Do l. da Misericórdia ao mar.

[83] Extensa praia que se estendia da Ponta do Calabouço até a praia da Lapa, que é sua continuação. Foi aterrada no século XX.



Machado Coelho (l. do). Hoje pr. Duque de Caxias.

Machado Coelho (r.). Por ali sobem e descem os bondes das linhas **1 a 3 B** da Comp. de São Cristóvão, percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. visc. de Itaúna ao l. do Estácio de Sá. A r. Nova do Alcântara a faz comunicar com a Miguel de Frias. Daí partem a r. Nova de São Leopoldo, as travessas do Guedes, do João Pereira e de D. Minervina.

Madre de Deus (lad. da). Comunica a r. da Imperatriz com o m. do Livramento.

Mãe do Bispo (l. da).^[84] Atravessa-o a r. da Ajuda, e ali termina a r. da Guarda Velha, e começam a Evaristo da Veiga e a lad. do Seminário.

Magalhães Castro (r. cons.). No Engenho Novo.

Maia (tr. do). Comunica a r. Luís de Vasconcelos com a da Ajuda.

Major Avelar (r. do). V. Avelar.

Major Fonseca (r. do). V. Fonseca.

Malvina (r.). No Engenho Novo.

Malvino Reis (r.). Antiga r. Rio Comprido. Por ali sobem e descem os bondes das linhas **3 A e 3 B** da Comp. de São Cristóvão; percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. Haddock Lobo ao l. do

Rua e praia de Santa Luzia.

A praia de Santa Luzia era o endereço do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, bem como da Faculdade de Medicina, que fazia esquina com o largo da Misericórdia. Por Juan Gutierrez, 189?.

Coleção Juan Gutierrez.

Brasileira Fotográfica/

Museu Histórico Nacional.

[84] Atual praça Floriano, popularmente conhecida como Cinelândia.

Rio Comprido. A tr. do Rio Comprido a faz comunicar com a r. Haddock Lobo; a r. Bar. de Itapagipe com a do Matoso.

Mangueiras (tr. das). Da r. da Boa Vista à r. do Livramento. Pela r. do Propósito comunica com o l. da Harmonia e r. da Gamboa; pela r. da Harmonia com o l. da Harmonia e r. João Álvares.

Mangueiras (r. das). Hoje r. visc. de Maranguape.

Manuel (praia de D.).^[85] Do l. do Moura ao cais Pharoux.

Manuel (r. D.). Do l. do Moura à pr. D. Pedro II. O b. da Música a faz comunicar com a r. da Misericórdia; as tr. do Costa Velho e de D. Manuel com a r. da Misericórdia e a praia de D. Manuel; e o b. do Teatro com aquela praia; o b. dos Ferreiros com a r. do Cotovelo; esta r. com o b. dos Ferreiros e r. Fresca; o b. da Fidalga e a tr. da Natividade com a tr. do Paço.

Manuel (tr. de D.). Da r. Fresca à da Misericórdia, atravessando a r. D. Manuel, que a faz comunicar com os becos dos Ferreiros, do Teatro e tr. do Costa Velho.

Manuel (r. São). Comunica a r. da Passagem com a Fernandes Guimarães.

Manuel de Carvalho (b. de). Comunica a r. da Guarda Velha com a da Ajuda e o b. do Cayru.

Maranguape (r. visc. de). Antiga r. das Mangueiras. Os bondes da companhia *Carris Urbanos* 4, 9, 10 e 12 a percorrem em toda a sua extensão (da r. dos Barbonos ao l. da Lapa), tanto à sub. como à desc. A tr. do Mosqueira a faz comunicar com a r. Santa Teresa.

Marciana (r. D.). Pelas ruas da Passagem, Fernandes Guimarães, D. Carolina, Oliveira Fausto e Assis Bueno comunica com a D. Polixena.

Marcílio Dias (r.). Antiga r. Detrás dos Quartéis. Comunica a r. São Lourenço com a Dr. João Ricardo.

Maria (r. D.). No Andaraí Grande.

Maria Adelaide (r.). No Catumbi.

Mariana (r. D.). Da r. gen. Polidoro à São Clemente. A r. de Todos os Santos a faz comunicar com a Sorocaba; a r. Voluntários da Pátria com a São Luís e a Sorocaba.

Mariano Procópio (r.). Comunica a r. Saldanha Marinho com a Bezerra de Menezes.

Marieta (r.). Comunica a r. da Indústria com a D. Ana.

Marinhas (pr. das). Entre a pr. D. Pedro II e a Alfândega. Daí parte a r. do Ouvidor.

Marinho (r. cônego). Nas Laranjeiras.

Mário (r.). Em Santa Teresa.

Mariz e Barros (r.). Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. São Cristóvão à de São Francisco Xavier, tanto à sub. como à desc., os bondes da Comp. Vila Isabel. A r. do Matoso a faz comunicar com a Santa Amélia; a r. do Souto e a tr. do Campo Alegre com a r. Duque de Saxe; a r. São Salvador com a Haddock Lobo.

Marques (r. do). Em Botafogo.

Marques (tr. do). Na praia de Santa Luzia.

Marques de Carvalho (tr. do). Do lado esquerdo da r. Santa Luzia ao mar.

Marquês de Abrantes (r.). V. Abrantes.

[85] Praia atualmente aterrada, situada onde hoje está a praça Marechal Âncora.

Marquês de Olinda (r.). V. Olinda.

Marquês de Paraná (r.). V. Paraná.

Marquês de Pombal (r.). V. Pombal.

Marrecas (r. das). Comunica a r. do Passeio com a Evaristo da Veiga.

Martinho (r. São). Na Cidade Nova.

Mata-cavalos (r.). Hoje r. do Riachuelo.

Mata-porcos (l.). Hoje l. Estácio de Sá.

Mata-porcos (r.). Hoje r. Estácio de Sá.

Mato Grosso (r.). Da r. da Saúde à do Jogo da Bola. A r. Funda a faz comunicar com a da Saúde; o b. do João Inácio com a tr. de João José.

Matosinhos (r.). Começa na r. Bar. de Mesquita.

Matoso (r. do). Da r. Bar. de Itapagipe à Mariz e Barros. A r. do Matoso a faz comunicar com a tr. de São Vicente de Paula e r. Bar. de Ubá; a r. Santa Amélia com a tr. de São Vicente de Paula.

Matriz (r. da). Comunica a r. Voluntários da Pátria com a São Clemente.

Mauá (r.). Do Aqueduto à r. Monte Alegre. Daí partem as ruas Fonseca Guimarães e dos Junquilhos. A r. Teresina a faz comunicar com a Monte Alegre.

Maxwell (r.). No Andaraí Grande.

Meireles (lad. do). À direita do Aqueduto.

Memória (l. da). No Jardim Botânico. Ali termina a r. do Sapê e começam o caminho do Pinto e a r. do Pau.

Mendonça (lad. do). Comunica a praia do Saco do Alferes com a r. Vidal de Negreiros.

Mercado (r. do).^[86] Da pr. D. Pedro II à r. do Rosário, atravessando a r. do Ouvidor, que a faz comunicar com o b. da Lapa e a tr. do Comércio.

Mesquita (r. Bar. de). Percorrem-na em quase toda a sua extensão os bondes da linha **4** da Comp. Vila Isabel, da r. São Francisco Xavier até além da r. Leopoldo. As ruas Major Avelar, Pinto de Figueiredo, D. Afonso e Uruguai a fazem comunicar com a r. Conde de Bonfim; a São Justino e Leopoldo com a do Patrocínio. Daí partem as ruas cons. Tomás Coelho, Gonzaga Bastos, Matosinhos e da Cruz.

Miguel (r. São). No Andaraí Grande.

Miguel de Frias (tr. de). Comunica a r. Miguel de Frias com a tr. de Fonseca Lima.

Miguel de Frias (r.). Os bondes das linhas **4 A** a **5 B** da Comp. de São Cristóvão percorrem-na, tanto à sub. como à desc., em toda a sua extensão, da r. visc. de Itaúna à São Cristóvão. A tr. do Bastos a faz comunicar com o Boulevard do Imperador; a tr. de Miguel de Frias com a de Fonseca Lima; a r. Nova do Alcântara com a Machado Coelho.

Miguel de Paiva (r.). No Catumbi.

Mineiros (praia dos).^[87] Apesar de ser hoje cais, continua com este nome a parte compreendida entre a r. visc. de Itaboraí e o Arsenal de Marinha.

Minervina (r. D.). Começa na r. Machado Coelho.

[86] Rua com ampla história. Nela, foi erguido, em 1842, o Mercado da Candelária, projeto de Grandjean de Montigny, que funcionou até 1911, quando foi derrubado.

[87] Situada entre o morro de São Bento e a praia do Peixe, em frente à Ilha das Cobras. Foi aterrada no século XX.

Misericórdia (lad. da).^[88] Do l. da Misericórdia se encontra com a lad. do Castelo, defronte do Hospital Militar. Pela r. São Sebastião comunica com a lad. do Seminário.

Misericórdia (l. da). *Faculdade de Medicina; Igreja da Misericórdia; Biblioteca da Faculdade.* Ali passam, tanto à sub. como à desc., os bondes da linha **4** da companhia *Carris Urbanos*. Ali começam a tr. de Santa Luzia, o b. da Batalha, a r. e a lad. da Misericórdia.

Misericórdia (r. da).^[89] *Câmara dos Deputados; Caixa Econômica; Igreja de São José.* Percorrem-na à sub. os bondes da *Carris Urbanos*; os das linhas **3** e **8**, desde a pr. D. Pedro II até a r. da Assembleia; e os da **4** em toda a extensão da pr. D. Pedro II ao l. da Misericórdia. As ruas da Assembleia e São José a fazem comunicar com o l. da Assembleia e r. do Carmo; a tr. da Natividade e o b. da Fidalga com a tr. do Paço; a r. do Cotovelo com o b. dos Ferreiros e a lad. do Castelo; as tr. de D. Manuel e do Costa Velho com a r. D. Manuel; o b. da Música e o l. da Batalha com o l. do Moura.

Moeda (b. da). No Campo da Aclamação, à esquerda da Casa da Moeda. Sem saída.

Moeda (tr. da). Comunica as ruas São Jorge e Sacramento.

Moncorvo (r.). Na Cidade Nova.

Monte (r. do). Comunica a lad. do Livramento com a tr. do Moreira.

Monte Alegre (r. do). Da r. do Riachuelo à r. Áurea, passando pelas ruas Mauá e Teresina, que se comunicam entre si.

Monte Alverne (r.). No m. do Nheco.

Moreira (tr. do). Da r. do Livramento ao b. do Cunha Barbosa, passando pela r. do Monte, que a faz comunicar com a lad. do Livramento.

Mosqueira (tr. do). Comunica a r. Santa Teresa com a visc. de Maranguape.

Moita (b. do). No Engenho Velho.

Moura (b. do). Comunica o l. da Batalha com o b. da Batalha.

Moura (l. do). *Quartel; Necrotério.* Por ali descem os bondes da linha **4** da companhia *Carris Urbanos*. Ali começam ou desembocam a r. do Trem, l. da Batalha, b. da Música e r. D. Manuel.

Moutinho (r. do). Nas Laranjeiras.

Moutinho (tr. do). Da r. Presidente Barroso à D. Feliciano. A r. D. Júlia a faz comunicar com a Senhor de Matosinhos.

Municipal (pr.). Antigo l. do Valongo. Ponto terminal da linha **5** da companhia *Carris Urbanos*; e de percurso da **8** da Comp. de São Cristóvão. Ponto de tálburis e carros de praça. A r. da Saúde a atravessa e daí partem a r. da Imperatriz e a lad. do Livramento.

Municipal (r.). Do l. de Santa Rita à r. São Bento. A tr. de Santa Rita e a r. dos Beneditinos a fazem comunicar com as ruas da Prainha e visc. de Inhaúma.

Música (b. da).^[90] Comunica a r. da Misericórdia com o l. do Moura.

Nabuco (r. do Sen.). Em Vila Isabel. Da r. visc. do Bom Retiro à visc. de Sousa Franco. Atravessam-na as ruas cons. Costa Pereira, cons. Sinimbu, Bar. de São Francisco, cons. Afonso Celso e cons. Teixeira Júnior.

[88] Considerada a primeira via pública da cidade, a ladeira levava para o alto do morro do Castelo, derrubado em 1922. Seu trecho inicial foi mantido, um trecho da ladeira que termina abruptamente.

[89] Deixou de existir com as reformas urbanas do século XX.

[90] Ganhou esse nome por conta de uma banda marcial que ali ensaiava. Ainda conserva essa denominação.

Natividade (tr. da). Da r. da Misericórdia à de D. Manuel. A tr. do Paço a faz comunicar com o b. da Fidalga e r. São José.

Navarro (tr. do). Ponto terminal da linha **6** da Comp. de São Cristóvão; na esquina da r. Itapiru. Comunica a r. Itapiru com a do Papa-couve.

Nazário (r.). No Engenho Novo.

Neto Teixeira (r.). No Andaraí Grande.

Neves (l. das). *Capela de Nossa Senhora das Neves*. Dali partem as ruas das Neves, Fluminense, Santo Alfredo e Progresso.

Neves (r. das). Comunica a r. Paula Matos com a Progresso.

Neves (pr. Nossa Senhora das). No m. Paula Matos.

Norberto Ferreira (r. Dr.). É a r. Dr. João Ricardo.

Nossa Senhora da Conceição (l. de). V. Conceição.

Nossa Senhora das Neves (pr.). V. Neves.

Nova de São João (r.). V. João.

Nova de São Leopoldo (r.). V. Leopoldo.

Nova do Alcântara (r.). V. Alcântara.

Nova do Andaraí Grande (r.). V. Andaraí Grande.

Nova do Conde (r.). V. Conde.

Nova do Livramento (r.). V. Livramento.

Nova do Ouvidor (r.). V. Ouvidor.

Nóra (r. do). Começa na r. São Luís Gonzaga, próximo à Capitão Félix.

Nossa Senhora dos Aflitos (b. de). Começa na praia do Caju.

Núncio (r. do).^[91] Os bondes das linhas **2** e **7** da *Carris Urbanos* percorrem-na desde a r. do Hospício até a São Joaquim, à sub.; e à desc.: os **2**, **7**, desde a r. São Joaquim até a da Alfândega, e **10** em toda a sua extensão, da r. São Joaquim à visc. do Rio Branco. As ruas da Constituição, Hospício, Senhor dos Passos, Alfândega, gen. Câmara, São Pedro fazem-na comunicar com as do Regente e o campo da Aclamação.

Otaviano (r. cons.). Em Vila Isabel. Estende-se da r. cons. Afonso Celso à cons. Teixeira Júnior.

Oito de Dezembro (r.). No Engenho Novo.

Olinda (r. Marquês de). Da praia de Botafogo até a r. da Assunção. A r. Bambina a faz comunicar com a D. Carlota.

Oliveira (r.). Em Botafogo.

Oliveira (tr. do). Comunica a r. dos Andradas com a da Conceição.

Oliveira e Silva (r.). No Andaraí Grande.

Oliveira Fausto (r.). Comunica a r. D. Marciana com a D. Polucena.

Onze de Maio (tr.). Na Cidade Nova.

Onze de Junho (pr.). Antigo Rocio Pequeno. *Escola de São Sebastião*. Ali passam, tanto à sub. como à desc., os bondes das linhas **1** a **5 B** da Comp. São Cristóvão (lado da r. visc. de Itaúna); todos os da Vila Isabel (lado da r. sen. Eusébio); das linhas **2** (lado da r. Marquês de Pombal); **3**, **8** e **9** (lado

[91] Atual rua República do Líbano.

da r. Santana) da *Carris Urbanos*. Atravessam-na as ruas visc. de Itaúna e sen. Eusébio, Santana e Marquês de Pombal.

Orestes (r. do). Comunica a r. Sara com a lad. do Mendonça e r. Vital de Negreiros.

Oriente (r.). Da r. Progresso, no m. Paula Matos, à Áurea, no m. de Santa Teresa. Pelas r. da Floresta e lad. do Barro Vermelho comunica com a r. Vista Alegre; pela r. da Concórdia com a lad. do Barro Vermelho.

Ourives (r. dos). *Tribunal do Júri* na esquina da r. da Prainha; *Arquivo Prainha*, na esquina da r. da Assembleia; *Policlínica*, ibidem; *Instituto Vaccinico*. Os bondes da linha **5** da *Carris Urbanos* a percorrem à sub., desde a r. Teófilo Otoni até a da Prainha. Estende-se do m. da Conceição à r. São José, atravessando o l. de Santa Rita. As ruas da Prainha, Teófilo Otoni e da Alfândega a fazem comunicar com as da Quitanda e Uruguaiana; o b. do João Batista com a r. Teófilo Otoni; as ruas São Pedro e gen. Câmara com a da Quitanda, Uruguaiana e tr. do Bom Jesus; a r. do Hospício com as da Quitanda, Uruguaiana e b. do Fisco; a do Rosário com o b. do Fisco e r. Gonçalves Dias; a do Ouvidor e a Sete de Setembro com a Nova do Ouvidor, da Quitanda e Gonçalves Dias; a da Assembleia com as da Quitanda e Gonçalves Dias.

Ouro (r. do). No Engenho Novo.

Ouvidor (r. do). *Biblioteca Fluminense*, nº 62; *Igreja da Lapa dos Mercadores*. Ponto inicial de todas as linhas da *Botanical Garden Rail Road Company*, na esquina da r. Gonçalves Dias, e da Companhia Vila Isabel, na esquina da r. Uruguaiana. Da r. do Mercado ao l. de São Francisco. A tr. do Comércio a faz comunicar com a pr. D. Pedro II; os becos da Lapa e das Cancelas com a r. do Rosário e pr. D. Pedro II; as ruas do Carmo e Nova do Ouvidor com a Sete de Setembro; as ruas da Quitanda, Gonçalves Dias e Uruguaiana com as do Rosário e Sete de Setembro.

Ouvidor (r. Nova do). Comunica a r. Sete de Setembro com a do Ouvidor.

Osório (pr. gen.). Antigo l. do Capim. Ponto de tálburis de praças. Atravessam-na as ruas gen. Câmara, São Pedro e dos Andradadas.

Paço (l. do). Atual pr. D. Pedro II.

Paço (tr. do). Da r. do Cotovelo ao l. da Assembleia, atravessando o b. da Fidalga e a tr. da Natividade, que a fazem comunicar com as ruas da Misericórdia e D. Manuel.

Paissandu (r. de). Da praia do Flamengo à r. Guanabara. A r. sen. Vergueiro a faz comunicar com a tr. do Guedes e o l. do Catete; a r. Marquês de Abrantes com a tr. do Guedes e r. São Salvador; a Ipiranga com a do Roso.

Palmeiras (praia das).^[92] Da r. do Imperador à Santos Lima. Daí partem as ruas do Curtume e São Cristóvão.

Palmeiras (r. das). Comunica a r. São Clemente com a Voluntários da Pátria.

Papa-couve (r. do). Pelas travessas do Navarro e do Andrade comunica com a r. Itapiru.

Paraíso (r.). Começa na r. Paula Matos e atravessa a lad. do Senado, que a faz comunicar com as ruas São Sebastião e Paula Matos.

Paraná (tr. do Marquês de). Comunica a r. sen. Vergueiro com a Marquês de Abrantes.

[92] A praia ficava em frente à Igreja de São Cristóvão. Foi aterrada no século XX.

Paranaguá (r. cons.). Em Vila Isabel.

Parque (r. do). Começa na r. Fonseca Teles, paralela à D. Emerenciana.

Partilhas (tr. das). Da r. sen. Pompeu até além da São Lourenço. A r. Bar. de São Félix a faz comunicar com as São Lourenço e do Costa; a São Lourenço com a r. Bar. de São Félix e a lad. do Faria.

Passagem (r. da). Ponto terminal das linhas **2 A** e **2 B** da *Botanical Garden Rail Road Company*, na esquina da praia de Botafogo. Da praia de Botafogo à r. Itapimirim. Pela r. gen. Polidoro comunica com a Paulino Fernandes; pelas São Manuel e D. Polixena com a Fernandes Guimarães; pela do Hospício de Pedro II com a praia da Saudade.

Passeio (boqueirão do). Da r. da Ajuda à praia da Lapa.

Passeio (r. do). *Passeio Público*; *Secretaria da Justiça*; *Novo Cassino Fluminense*. Tanto à sub. como à desc., passam por esta r. todos os bondes da *Botanical Garden Rail Road Company* e os da linha **4** da *Carris Urbanos*, percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. da Ajuda ao l. da Lapa. A r. Luís de Vasconcelos a faz comunicar com o Boqueirão do Passeio; a das Marrecas com a Evaristo da Veiga.

Patrocinio (r.). Pelas ruas São Justino e Leopoldo comunica com a Bar. de Mesquita.

Pau (r. do). No Jardim Botânico.

Pau-ferro (b. do). Percorrem-na bondes da Companhia de São Cristóvão: os da linha **5 A** em toda a extensão (da r. Cons. Alencar à praia de São Cristóvão) à sub., e da praia até a r. Bela de São João, à desc.; os da linha **5 B** só até a r. Bela de São João, à sub. Pela r. Bela de São João comunica com as do Bonfim e Aurora; pela das Flores com a do Bonfim.

Paula Brito (r.). No Andaraí Grande.

Paula e Silva (r.). Em São Cristóvão.

Paula Matos (r.). Da r. Conde d'Eu à das Neves. Ali começa a r. São Sebastião. A lad. do Senado a faz comunicar com as ruas Paraíso e do Riachuelo; a r. Fluminense com a Santo Alfredo.

Paula Ramos (r.). No Rio Comprido.

Paulina (r.). Começa na praia Formosa.

Paulino Fernandes (r.). Comunica a r. gen. Polidoro com a Voluntários da Pátria.

Paz (r. da). No Rio Comprido.

Pedra (r. gen.). Antiga r. São Diogo. Uma das estações da *Carris Urbanos*. Bondes desta companhia a percorrem tanto à sub. como à desc.; os da linha **2**, desde a r. gen. Caldwell até a Santa Rosa, os da **7**, idem, idem, até a do Ferreira. É paralela à Estrada de Ferro e estende-se do Campo da Aclamação à r. do Ferreira. As ruas gen. Caldwell, de Santana, Santa Rosa, visc. de Sapucaí, do Porto, D. Feliciano, João Caetano e do Ferreira a fazem comunicar com a sen. Eusébio.

Pedra do Sal (r. da). Da r. do Jogo da Bola ao mar. A r. de São Francisco a faz comunicar com o b. do João Inácio; a r. da Saúde com a r. Rebouças e b. do João Inácio.

Pedregais (tr. do). Comunica a r. visc. de Sapucaí com a Presidente Barroso.

Pedregulho (r. do). Hoje r. São Luís Gonzaga.

Pedreira^[93] **de Botafogo** (r. da). Da r. da Passagem à r. Bar. do Rio Bonito.

[93] Por ser o Rio de Janeiro uma cidade rodeada de morros e encostas, havia ampla oferta de locais de onde se podia extrair rochas e pedras para a construção.

Pedreira da Candelária (r. da). Da r. da Pedreira da Glória à r. Carvalho de Sá. As ruas Bela do Príncipe, Bela da Princesa e Dois de Dezembro a fazem comunicar com a do Catete; a r. da Princesa Imperial com a do Cruzeiro do Sul.

Pedreira da Glória (r. da). Da r. do Catete à pedreira, passando pela r. da Pedreira da Candelária, que a faz comunicar com a Bela do Príncipe.

Pedro (r. São). *Igreja de São Pedro*, na esquina da r. dos Ourives, estende-se da r. visc. de Itaboraí ao Campo da Aclamação, atravessando a pr. gen. Osório. As ruas Primeiro de Março, da Candelária, da Quitanda, dos Ourives, Uruguaiana, dos Andradas, da Conceição a fazem comunicar com as ruas Teófilo Otoni e gen. Câmara; as ruas da Imperatriz, do Regente, do Núncio com as São Joaquim e gen. Câmara; a tr. de Bom Jesus com a r. gen. Câmara.

Pedro I (pr. de D.). Antigo Campo de São Cristóvão. Ali passam bondes da Comp. de São Cristóvão: os da linha **4 A** da r. cor. Figueira de Melo à r. São Luís Gonzaga, à sub., e desta r. à do Escobar, à desc.; os da linha **4 B** da r. cor. Figueira de Melo à São Januário, à sub., e desta r. à do Escobar, à desc.; os das linhas **5 A** e **5 B** da r. cor. Figueira de Melo à sen. Alencar, à sub., e da r. Bela de São João à do Escobar, à desc. Atravessa-a a r. Santos Lima. Daí partem as ruas da Igrejinha, 25 de Março, São Luís Durão, Bela de São João, sen. Alencar, tr. de Santa Catarina e r. gen. Argolo.

Pedro I (praia).^[94] Na r. do Russell, junto à praia do Flamengo.

Pedro II (pr. de D.).^[95] Antigo l. do Paço. *Paço Imperial; Capela Imperial; Igreja do Carmo; Ministério da Agricultura; praça do Mercado*. Bondes da companhia *Carris Urbanos* ali passam; à sub.: os da linha **4** pela frente da Capela; os das linhas **5, 6 e 7** pela frente do Paço e da Capela; os da linha **8** idem do Paço; à desc.: todos os cinco pela frente do Paço e da Capela. Ponto de carros e tálburis de praça e de diligências para Botafogo, Catete e Laranjeiras. Desembocam nesta pr. as ruas Primeiro de Março, Sete de Setembro, da Misericórdia, D. Manuel, Fresca, do Mercado e tr. do Comércio.

Peixe (praia do).^[96] Conserva este nome a parte do cais que vai da doca do Mercado à Alfândega.

Pereira da Silva (r. cons.). Começa na r. das Laranjeiras.

Pereira de Aguiar (tr. do). Na Cidade Nova.

Pereira Nunes (r.). No Andaraí Grande.

Pescadores (r. dos). Hoje r. visc. de Inhaúma.

Petrocochino (r.). Em Vila Isabel.

Petrópolis (r.). À direita da do Aqueduto. Comunica o m. de Santa Teresa com o Paula Matos, onde vai terminar na r. Oriente.

Piedade (r. da). Da r. Marquês de Abrantes à D. Ana. Esta e a Bar. de Itambi a fazem comunicar com a r. Farani.

Pilar (r. do). Comunica a r. D. Feliciano com a Desembargador Isidro.

Pinheiro (b. do). Comunica a r. do Pinheiro com a r. Dois de Dezembro.

Pinheiro (lad. do). Do l. do Catumbi à r. do Cunha, que a faz comunicar com a lad. do Viana.

[94] Também ficou conhecida como Praia do Russel, por conta da única casa nesse local que pertencia a um homem com esse nome. Deixou de existir com os aterramentos do século XX.

[95] Antigo largo do Paço, atual praça XV.

[96] Na atual praça XV, foi aterrada como as demais praias da região.

Pinheiro (r. do). Da praia do Flamengo à r. do Catete, passando pelo b. do Pinheiro, que a faz comunicar com a r. Dois de Dezembro.

Pinheiro (tr. do). Na praia Formosa.

Pinheiro Guimarães (r. Dr.). Comunica a r. Real Grandeza com a visc. de Abaeté.

Pinto (cam. do). No Jardim Botânico. Estende-se do l. da Memória à praia do seu nome.

Pinto (praia do). No Jardim Botânico.

Pinto (r. do). Da r. da América à Bezerra de Menezes.

Pinto de Figueiredo (r.). Comunica a r. Conde de Bonfim com a Bar. de Mesquita.

Pinto Guedes (r.). No Andaraí Grande.

Pinto Peixoto (r. gen.). Em São Cristóvão.

Pirassinunga (r. do Bar. de). Comunica a r. Desembargador Isidro com a D. Feliciano.

Polixena (r. D.). Da r. da Passagem à Assis Bueno. Pela r. Fernandes Guimarães comunica com a São Manuel e D. Feliciano; pelas D. Carolina e Oliveira Fausto com a D. Marciana.

Polidoro (r. gen.). *Cemitério de São João Batista*. Da r. da Passagem à Real Grandeza. A r. Paulino Fernandes a faz comunicar com a Voluntários da Pátria; a Assis Bueno com a D. Marciana; as ruas Sorocaba e São João com a de Todos os Santos.

Pombal (r. Marquês de). Antiga r. Santa Rosa. Percorrem-na em toda a sua extensão, da r. gen. Pedra à r. São Leopoldo, tanto à sub. como à desc.; os bondes da linha **2** da companhia *Carris Urbanos*. As ruas sen. Eusébio, visc. de Itaúna e Alcântara a fazem comunicar com as ruas visc. de Sapucaí e de Santana. Atravessa a pr. Onze de Junho.

Pompeu (r. sen.). Antiga r. do Príncipe dos Cajueiros. Percorrem-na os bondes da linha **1** da companhia *Carris Urbanos*; à sub.: desde a r. do Costa até a da América; à desc.: da r. da América à Dr. João Ricardo, estende-se da r. da Conceição à da América. A tr. cor. Julião a faz comunicar com a do Jogo da Bola; a r. da Imperatriz com as da Prainha e São Joaquim e Bar. de São Félix; a do Costa com Bar. de São Félix e São Joaquim; a tr. das Partilhas e a r. gen. Caldwell com a Bar. de São Félix; as São Lourenço e Dr. João Ricardo com a Bar. de São Félix e o Campo da Aclamação.

Porto (r. do). Da r. São Leopoldo à tr. do Bom Jardim, atravessando as ruas Alcântara, visc. de Itaúna, sen. Eusébio, gen. Pedra e João Caetano, que a fazem comunicar com as ruas visc. de Sapucaí e D. Feliciano.

Porto Alegre (r. Bar.). Em Vila Isabel.

Porto Alegre (r. Conde de). No Engenho Novo.

Possolo (r.). No Andaraí Grande.

Prainha (l. da). Hoje l. Vinte e Oito de Setembro.

Prainha (r. da).^[97] *Estação da Guarda Urbana*, na esquina da r. dos Ourives; *Posto de bombeiros*, idem; *Colégio Pedro II* (externato) na esquina da r. da Imperatriz. Por ali sobem da *Carris Urbanos*, os bondes da linha **5** desde a r. dos Ourives até a pr. Vinte e Oito de Setembro; e descem os das linhas **1** e **6** da r. da Imperatriz à tr. de Santa Rita e os da **5** da pr. Vinte e Oito de Setembro até a tr. de Santa Rita. Estende-se da pr. Vinte e Oito de Setembro à r. da Imperatriz. A lad. do Filipe Néri a faz comunicar com

[97] Atual rua do Acre na Gamboa.

a r. da Saúde; a r. São Bento com a Cons. Saraiva e Municipal; a r. dos Beneditinos e a tr. de Santa Rita com a r. Municipal; a r. dos Ourives com o l. de Santa Rita; a lad. da Conceição com o m. da Conceição; a r. Uruguaiana com as São Joaquim e das Violas; as dos Andradas e da Conceição com a São Joaquim e a tr. do Oliveira.

Prazeres (r. dos). Em seguida à r. da Conciliação, no Rio Comprido.

Presidente Barroso (r. do). V. Barroso.

Primeiro de Março (pr.). Em Vila Isabel.

Primeiro de Março (r.). Antiga r. Direita. *Igreja da Cruz dos Militares; Caixa da Amortização; Correio; Bolsa* (em construção); *Arsenal de Marinha*. Percorrem-na os bondes da *Carris Urbanos*; à sub.: os das linhas **1**, do Carceler à r. Teófilo Ottoni; **2**, idem à do Hospício; **3 e 4**, idem à pr. D. Pedro II; **5 e 6** da pr. D. Pedro II à r. Teófilo Ottoni; idem à do Hospício; à desc.: os das linhas **1** da r. visc. de Inhaúma ao Carceler; **2**, da r. da Alfândega ao Carceler; **3 e 4**, da pr. D. Pedro II ao Carceler; **5 e 6**, da r. visc. de Inhaúma à pr. D. Pedro II; **7**, da r. da Alfândega à pr. D. Pedro II. Ponto de tálburis de praça, entre as do Ouvidor e do Hospício. Estende-se da pr. D. Pedro II ao m. de São Bento. O b. dos Barbeiros a faz comunicar com a r. do Carmo; a r. do Ouvidor com o b. da Lapa e tr. do Comércio, r. do Carmo e b. das Cancelas; a r. do Rosário com a visc. de Itaboraí e b. das Cancelas; a do Hospício com o b. das Cancelas e a r. da Candelária, a r. da Alfândega, o b. de Bragança e a r. do Cons. Saraiva com a da Candelária; a gen. Câmara, São Pedro e Teófilo Ottoni com as visc. de Itaboraí e da Candelária.

Princesa do Catete (r. da). É a r. Bela da Princesa.

Princesa dos Cajueiros (r. da). Hoje r. Bar. de São Félix.

Príncipe do Catete (r. do). É a r. Bela do Príncipe.

Príncipe do Grão-Pará (boulevard do). V. Grão-Pará.

Príncipe do Cajueiros (r. do). Hoje r. sen. Pompeu.

Princesa Imperial (r. da). Comunica a r. da Pedreira da Candelária com a do Cruzeiro do Sul.

***Progresso** (r.). Comunica a r. das Neves com a Oriente, no m. Paula Matos.

***Progresso** (r.). Em São Cristóvão.

Propósito (b. do). Hoje r. Bar. de São Gonçalo.

Propósito (r. do). Da pr. da Harmonia à praia da Gamboa. Pelas tr. das Mangueiras e r. da Gamboa comunica com a r. da Harmonia.

Providência (l. da). Entre a r. da América e o começo da r. da Providência.

Providência (r. da). Começa e termina na r. da América.

Quinta Imperial (r. da). Começa na r. Santos Lima.

Quitanda (r. da). Estende-se da r. Cons. Saraiva à São José. O b. de Bragança a faz comunicar com a r. da Candelária; as ruas visc. de Inhaúma, Teófilo Ottoni, São Pedro, gen. Câmara, da Alfândega com as da Candelária e dos Ourives; a do Hospício com o b. das Cancelas e ruas da Candelária e dos Ourives; a do Rosário com o b. das Cancelas e r. dos Ourives; a do Ouvidor com o b. das Cancelas, r. do Carmo, tr. do Ouvidor e r. dos Ourives; a Sete de Setembro com as ruas do Carmo, dos Ourives e do Ouvidor; o b. do Carmo com a r. do Carmo; a r. da Assembleia com as ruas dos Ourives e do Carmo.

Radmacker (r.). No Andaraí Grande.

Rafael (r. São). No Andaraí Grande.

Real Grandeza (r.). Da r. Voluntários da Pátria à lad. do Barroso. A r. de Todos os Santos a faz comunicar com a visc. de Abaeté e São João; a Dr. Pinheiro Guimarães com a visc. de Abaeté; a gen. Polidoro com a São João.

Rebouças (r.). Da r. da Saúde às docas D. Pedro II.

Regente (r. do).^[98] Percorrem-na, à desc., os bondes das linhas **3, 8, 11 e 12** da *Carris Urbanos*, desde a r. do visc. do Rio Branco até a da Constituição. Estende-se da r. do visc. do Rio Branco à de São Joaquim. A r. da Constituição a faz comunicar com a pr. da Constituição e a r. do Núncio; a Luís de Camões com a São Jorge; a Senhor dos Passos, do Hospício, da Alfândega com as São Jorge e Núncio; a gen. Câmara com a tr. e l. de São Domingos e r. do Núncio; a São Pedro com as do Núncio e da Imperatriz.

Relação (r. da). Comunica as ruas dos Inválidos e Lavradio.

Retiro de Guanabara (r.). Nas Laranjeiras.

Retiro Saudoso. No Caju (Saco da Raposa), a partir da esquina da r. gen. Sampaio.

Resende (r. do). O bonde da linha **11** da *Carris Urbanos* a percorre, à sub., desde a r. dos Inválidos até a do Riachuelo. Estende-se da r. do Lavradio à do Riachuelo. A r. dos Inválidos a faz comunicar com as do Riachuelo e do Senado; a Silva Manuel e do Torres com a do Riachuelo.

Riachuelo (r. do). Antiga r. Mata-cavalos. *Hospital da Ven. Ordem 2ª do Monte do Carmo, Capela do Menino Deus; Estação do Plano inclinado de Santa Teresa*. Percorrem-na os bondes da *Carris Urbanos*, à sub.; os bondes das linhas **4** (da r. dos Barbonos ao Plano inclinado), **9** (em toda a extensão), **10** (da r. dos Barbonos à do Lavradio), **11** (da r. do Resende ao Plano inclinado); à desc.: **4** (do Plano inclinado à r. dos Barbonos), **9** (em toda a extensão), **11** (do Plano inclinado à r. dos Inválidos), **12** (da r. dos Barbonos à do Lavradio. Estende-se, descrevendo uma grande curva, da r. dos Barbonos à Conde d'Eu. A r. dos Barbonos a faz comunicar com as ruas Santa Teresa, dos Arcos e visc. de Maranguape; a r. Santa Teresa com a tr. do Mosqueiro; a r. do Lavradio com as dos Arcos e do Resende; as ruas dos Inválidos, Silva Manuel e do Torres com a do Resende; a lad. do Castro e a r. Monte Alegre com o m. de Santa Teresa; a r. do Senado com a gen. Caldwell; a lad. do Senado com o m. Paula Matos.

Ribeiro Guimarães (r.). No Andaraí Grande.

Rio Bonito (r. Bar. do). Comunica a r. do Hospício de D. Pedro II com a Itapemirim.

Rio Branco (pr. visc.). Em São Cristóvão.

Rio Branco (r. visc. do). Antiga r. do Conde. *Ministério do Império*, na esquina da pr. da Constituição. Os bondes da Companhia Vila Isabel percorrem-na, em toda a sua extensão (da pr. da Constituição ao Campo da Aclamação), à subida; e da *Carris Urbanos*, à sub.: as linhas **8, 11** (toda), **3, 12** (da pr. da Constituição à r. do Lavradio), **10** (da r. do Lavradio ao Campo da Aclamação,); à desc.: **3 e 12** (da r. do Lavradio à do Regente), **8, 11** (do Campo da Aclamação à r. do Regente), **10** (da r. do Núncio à do Lavradio). As ruas do Regente e Núncio fazem-na comunicar com a da Constituição; e as do Lavradio e Inválidos, com a do Senado.

Rio Comprido (l. do). Ali passam, à sub. e à desc., os bondes das linhas **3 A e 3 B** da Comp. de São Cristóvão. Daí partem as ruas Rio Comprido, da Estrela, Santa Alexandrina e do Bispo.

Rio Comprido (r.). Hoje r. Malvino Reis.

[98] Atual rua Regente Feijó.

Rio Comprido (tr. do). Comunica a r. Rio Comprido com a Haddock Lobo.

Rita (r. D.). No Andaraí Grande.

Rita (l. de Santa). *Igreja de Santa Rita*. Por ali sobem os bondes da linha **5** da companhia *Carris Urbanos*. A r. dos Ourives o atravessa, e daí partem as ruas Municipal e visc. de Inhaúma e o b. de João Batista.

Rita (tr. de Santa). Por ali descem os bondes das linhas **1, 5 e 6** da *Carris Urbanos*, percorrendo-a em toda a sua extensão, desde a r. da Prainha até a visc. de Inhaúma. A r. Municipal a faz comunicar com o l. de Santa Rita e r. dos Beneditinos.

Roberto (tr. de São). Comunica a r. São Carlos com a Laurindo Rabelo.

Rocio (l. do). Hoje pr. da Constituição.

Rocio Pequeno. Atual pr. Onze de Junho.

Rosa (tr. de D.). Comunica a r. visc. de Sapucaí com a Presidente Barroso.

Rosa (r. Santa). Hoje r. Marquês de Pombal.

Rosário (b. do). *Estação da Guarda Urbana*. Comunica o l. do Rosário com o de São Francisco.

Rosário (l. do). Antigo l. da Sé. *Igreja do Rosário*. As ruas Uruguaiana e dos Andradas o atravessam e ali termina a do Rosário. A tr. e o b. do Rosário o fazem com o l. de São Francisco.

Rosário (r. do). *Igreja de Nossa Senhora da Conceição e da Boa Morte*, na esquina da r. dos Ourives. Da praia do Peixe à r. Uruguaiana. A r. do Mercado, o b. da Lapa, a r. Gonçalves Dias a fazem comunicar com a r. do Ouvidor; a r. Primeiro de Março, o b. das Cancelas, as ruas da Quitanda e dos Ourives com as do Hospício e do Ouvidor; o b. do Fisco com a do Hospício.

Rosário (tr. do). Comunica as ruas Uruguaiana, do Rosário e o l. da Sé com o l. de São Francisco de Paula.

Roso (r. do). Começa na r. Ipiranga e atravessa a r. Guanabara, que a faz comunicar com a r. Paissandu e o bairro da Graça.

Russell (r. do). Da praia do Flamengo à lad. da Glória, passando pela r. Bar. de Guaratiba.

Sá (r. do). Começa na r. Amazonas.

Sabão (r. do). Atual r. gen. Câmara.

Saco do Alferes (praia do).^[99] Percorrem-na desde a r. da União até a da América os bondes da linha **7** da Companhia de São Cristóvão; e da r. da América à praia Formosa os da linha **1** da *Carris Urbanos*; uns e outros à sub. e à desc. Estende-se da praia da Chichorra à Formosa. Daí partem as ruas da União, da América, lad. do Mendonça, ruas Vidal de Negreiros e Sara.

Saco do Alferes (r. do). Hoje r. da América.

Sacramento (r. do).^[100] *Igreja do Sacramento*, na esquina da r. do Hospício; *Igreja da Lampadosa*, na esquina da r. Luís de Camões; *Ministério da Fazenda*, *Tesouro Nacional* e repartições dependentes. Ponto de carros de praça, entre a pr. da Constituição e a r. Luís de Camões. Estende-se da pr. da Constituição à r. Senhor dos Passos. A r. Luís de Camões a faz comunicar com a tr. da Academia e as ruas da Conceição e Leopoldina; a tr. das Belas Artes com a r. Leopoldina; a tr. da Moeda com a r. São Jorge; a r. do Hospício com as São Jorge e da Conceição.

[99] Depois de aterrada, a praia transformou-se na rua Santo Cristo.

[100] Atual avenida Passos.

Saldanha Marinho (r.). Da r. Bezerra de Menezes à de Mariano Procópio, passando pela r. Bar. de Angra, que a faz comunicar com a do Ferreira.

Salgueiro (b. do). No Catumbi.

***Salvador** (r. São). Em Botafogo. Comunica a r. Marquês de Abrantes com a Ipiranga.

***Salvador** (r. São). No Engenho Velho. Da r. Bar. de Itapagipe à Bar. de Mesquita, passando pela Haddock Lobo, que a faz comunicar com as do Bispo e São Francisco Xavier.

Sampaio (r. gen.). Percorrem-na os bondes da linha **5 A** da Comp. de São Cristóvão; da praia do Caju à r. gen. Gurjão, à sub. e à desc. da praia do Caju ao Retiro Saudoso. Ali começa a r. gen. Gurjão.

***Santana** (campo de).^[101] Hoje praça da Aclamação.

***Santana** (r.). Antiga r. das Flores. *Igreja de Santana*. Percorrem-na os bondes das linhas **3, 8 e 9** da companhia *Carris Urbanos*, tanto à sub. como à desc. Estende-se da r. Conde d'Eu à gen. Pedra, atravessando a praça Onze de Junho. As ruas São Leopoldo e do Alcântara a fazem comunicar com a Marquês de Pombal; as visc. de Itaúna e sen. Eusébio com as gen. Caldwell e Marquês de Pombal.

***Santana** (r.). Parte do l. das Cachoeiras; na Quinta Imperial.

***Santana** (r.). Antigo nome da atual r. Dr. João Ricardo.

São Bento (r.). V. Bento.

São Carlos (r., tr.). V. Carlos.

São Clemente (r.). V. Clemente.

São Cristóvão (campo, praia, r.). V. Cristóvão.

São Diniz (r.). V. Diniz.

São Diogo (r.). V. Diogo.

São Domingos (l., tr.). V. Domingos.

São Félix (r. Bar. de). V. Félix.

São Filipe (r.). V. Filipe.

São Francisco de Paula (l., tr.). V. Francisco de Paula.

São Francisco Filho (r. Bar. de). V. Francisco Filho.

São Francisco Xavier (r.). V. Francisco Xavier.

São Frederico (r., tr.). V. Frederico.

São Gonçalo (r. Bar. de). V. Gonçalo.

São Januário (r.). V. Januário.

São João (r., tr.). V. João.

São João Marcos (r.). V. João Marcos.

São Joaquim (r.). V. Joaquim.

São Jorge (r.). V. Jorge.

São José (r.). V. José.

São Justino (r.). V. Justino.

São Leopoldo (r.). V. Leopoldo.

[101] Atual praça da República, porém ainda mais conhecida como Campo de Santana. No original Sancta Anna, campo que na época se chamava praça da Aclamação.

São Lourenço (r.). V. Lourenço.
São Luís (r.). V. Luís.
São Luís (r., tr.). V. Luís.
São Luís Durão (r.). V. Luís Durão.
São Luís Gonzaga (r., tr.). V. Luís Gonzaga.
São Manuel (r.). V. Manuel.
São Martinho (r.). V. Martinho.
São Miguel (r.). V. Miguel.
São Pedro (r.). V. Pedro.
São Rafael (r.). V. Rafael.
São Roberto (tr. de). V. Roberto.
São Salvador (r.). V. Salvador.
São Sebastião (l., r., tr.). V. Sebastião.
São Valentim (r.). V. Valentim.
São Vicente (r. visc.). V. Vicente.
São Vicente de Paula (tr. de). V. Vicente de Paula.
Santa Alexandrina (r.). V. Alexandrina.
Santa Amélia (r.). V. Amélia.
Santa Carolina (r.). V. Carolina.
Santa Catarina (tr. de). V. Catarina.
Santa Cristina (r., tr.). V. Cristina.
Santa Isabel (r. visc. de). V. Isabel.
Santa Luzia (praia, r., tr.). V. Luzia.
Santa Rita (l., tr.). V. Rita.
Santa Rita (r.). V. Rita.
Santa Teresa (lad., r.). V. Teresa.
Santa Teresa do Nheco (r.). V. Teresa do Nheco.
Santo Alexandre (r.). V. Alexandre.
Santo Alfredo (r.). V. Alfredo.
Santo Amaro (r.). V. Amaro.
Santo Ângelo (r. Bar. de). V. Ângelo.
Santo Antônio (r.). V. Antônio.
Santo Cristo dos Milagres (pr.). V. Cristo.
Santo Henrique (r.). V. Henrique.
Santo Inácio (r.). V. Inácio.
Santos Lima (r.). Da praia das Palmeiras à r. da Quinta Imperial. Pelas ruas do Escobar e cor. Figueira de Melo comunica com a Sousa Valente; pela Fonseca Teles com a D. Emerenciana.
Santos Rodrigues (r. Nova de). Começa na r. Estácio de Sá.
Sapê (r. do). Começa nas Três Vendas e desemboca no l. da Memória, no Jardim Botânico.
Sapucai (r. visc. de). Antiga r. do Bom Jardim. Tanto à sub. como à desc., percorrem-na os bondes da linha **2** da *Carris Urbanos*, no espaço entre as ruas São Leopoldo e Conde d'Eu. Estende-se da

r. Conde d'Eu à r. da América. A r. Senhor de Matosinhos, a tr. do Pedregais e a tr. de D. Rosa a fazem comunicar com a r. Presidente Barroso; as ruas São Leopoldo, Alcântara, visc. de Itaúna, sen. Eusébio e gen. Pedra com as do Porto e do Marquês de Pombal; a João Caetano com a do Porto; a tr. do Bom Jardim com a do Porto e a tr. do Aguiar.

Sara (r.). Começa na praia do Saco do Alferes e passa pela r. Orestes, que a faz comunicar com as ruas Águila, Vidal de Negreiros e lad. do Mendonça.

Saraiva (r. cons.). Antiga r. Bragança. *Biblioteca de Marinha*. Estende-se da r. Primeiro de Março à da Quitanda, atravessando a da Candelária, que a faz comunicar com o b. de Bragança.

Saudade (praia da). Do Hospício Pedro II à Escola Militar.

Saudade (tr. da). Começa na r. sen. Eusébio.

Saúde (r. da). Percorrem-na, à sub. e à desc., da *Carris Urbanos* os bondes da linha **5** desde a praça Vinte e Oito de Setembro até a pr. Municipal; e os da linha **7** da Comp. de São Cristóvão, daquela pr. à r. do Livramento. Estende-se da pr. Vinte e Oito de Setembro à r. do Livramento; a lad. do Filipe Néri a faz comunicar com a r. da Prainha; os becos do Cleto, do Escorrega, do Carrão e r. Nova do Livramento com o mar; o b. de João Inácio e a r. da Pedra do Sal com o mar e a r. São Francisco; a r. Rebouças com as Docas Pedro II; a r. da Imperatriz com a lad. da Madre de Deus e a r. Bar. de São Félix; a lad. do Livramento com a r. do Monte e Escadinhas do Livramento; o b. das Escadinhas com as Escadinhas do Livramento e o mar; a r. do Livramento com a tr. do Moreira; as ruas da Harmonia à do Propósito com a tr. das Mangueiras.

Saxe (r. duque de). Percorrem-na os bondes da Comp. Vila Isabel, quando tenham sobre a tabuleta o dístico *Parque Imperial*. Estende-se da r. São Cristóvão à São Francisco Xavier, passando pela r. do Souto e tr. do Campo Alegre, que a fazem comunicar com a r. Mariz e Barros.

Sé (l. da). Hoje l. do Rosário.

Sebastião (l. de São). No m. do Castelo.

Sebastião (r. São). Começa na r. do Paraíso, e pela lad. do Senado ainda comunica com aquela rua. No m. Paula Matos.

Sebastião (tr. de São). Da lad. do Seminário às do Castelo e da Misericórdia, atravessando a pr. do Castelo.

Seminário (lad. do). Do l. da Mãe do Bispo à tr. de São Sebastião.

Sem Saída (b.). Na Saúde.

Senado (lad. do). Da r. do Riachuelo à r. São Sebastião. Pela r. Paula Matos comunica com a Fluminense; pela do Paraíso com a São Sebastião.

Senado (r. do). *Estação da Guarda Urbana*, na esquina da r. do Lavradio. Todos os bondes da Companhia Vila Isabel a percorrem à sub., desde a tr. do Senado até a r. gen. Caldwell; e à desc., desde esta r. até a Espírito Santo. Estende-se desta r. até a do Riachuelo. As ruas do Lavradio e dos Inválidos a fazem comunicar com as da Relação e visc. do Rio Branco; a tr. do Senado com o Campo da Aclamação; a r. gen. Caldwell com a r. do Areal.

Senado (tr. do). Por ali sobem todos os bondes da Comp. Vila Isabel, percorrendo-a em toda a sua extensão, desde o Campo de Santana até a r. do Senado.

Sen. Alencar (r. do). V. Alencar.

Sen. Cassiano (r., tr. do). V. Cassiano.

Sen. Eusébio (r.). V. Eusébio.

Sen. Nabuco (r.). V. Nabuco.

Sen. Pompeu (r.). V. Pompeu.

Sen. Vergueiro (r.). V. Vergueiro.

Senhor de Matosinhos (r.). Da r. visc. de Sapucaí à D. Feliciano, passando pelas ruas Presidente Barroso e D. Julia, que a fazem comunicar com a tr. do Moutinho.

Senhor dos Passos (r.). *Igreja do Senhor dos Passos*. Os bondes das linhas **1** a **7** da Comp. São Cristóvão, por ali sobem, percorrendo-a em toda a sua extensão, da r. dos Andradas ao Campo da Aclamação. As ruas da Conceição, de São Jorge, do Regente, do Nuncio, a fazem comunicar com as do Hospício e da Alfândega; a do Sacramento com a do Hospício.

Sena (r. do capitão). Na Saúde.

Sereno (tr. do). No m. da Conceição.

Serpa Pinto (r.). Na Saúde.

Sete de Março (pr.). Em Vila Isabel.

Sete de Setembro (r.). Antiga r. do Cano. Percorrem-na, à desc., os bondes das linhas **3**, **8** (toda a extensão), **11** e **12** (desde a pr. da Constituição até a tr. de São Francisco) da *Carris Urbanos* e todos da Vila Isabel, no espaço compreendido entre a pr. da Constituição e a r. Uruguaiana. Estende-se da pr. da Constituição à D. Pedro II. A tr. de São Francisco a faz comunicar com o l. de São Francisco; as ruas Uruguaiana e Gonçalves Dias com o l. da Carioca e r. do Ouvidor; as dos Ourives e do Carmo com as da Assembleia e Ouvidor.

Silva (r. do). Do l. da Glória ao cais.

Silva (tr. do). Em Botafogo.

Silva Baião (tr. do). Na Cidade Nova.

Silva Manuel (r.). Da r. do Resende em direção ao m. de Santa Teresa. Pela r. do Riachuelo comunica com a lad. do Castro, ruas Monte Alegre, do Torres e dos Inválidos.

Sinimbu (r. cons.). Em Vila Isabel.

Soares da Costa (tr. do). Na Fábrica das Chitas.

Sofia (r. D.). No Engenho Novo.

Sorocaba (r.). Da r. gen. Polidoro à Voluntários da Pátria. Pela r. de Todos os Santos comunica as ruas São João e D. Mariana.

Souto (r. do). Comunica a r. Mariz e Barros com a Duque de Saxe.

Sousa Barros (r.). No Engenho Novo.

Sousa Cruz (r.). No Andaraí Grande.

Sousa Franco (r.). Antiga r. do Teatro. *Teatros Ginásio e São Luís*. Os bondes das linhas **11** e **12** da *Carris Urbanos* a percorrem em toda a sua extensão do l. de São Francisco à pr. da Constituição. A tr. da Academia a faz comunicar com a r. Luís de Camões.

Sousa Franco (r. visc. de). Em Vila Isabel.

Sousa Valente (r. de). Comunica a r. do Escobar com a Figueira de Melo.

Tavares Ferreira (r.). No Engenho Novo.

Tavares Guerra (r.). Da r. gen. Gurjão ao mar.

Taylor (r.). Da r. da Lapa em direção ao m., passando pela r. Conde de Lages, que a faz comunicar com as ruas Santa Teresa e da Glória.

Teixeira Júnior (r. cons.). Em Vila Isabel.

Teixeira Júnior (r.). Da r. Abílio à sen. Alencar, atravessando as ruas São Januário e gen. Argolo, que a faz comunicar com as ruas do Viana e Argentina.

Teixeira Leite (r.). No Andaraí Grande.

Teatro (b. do). Comunica a r. Fresca com a D. Manuel.

Teatro (r. do). Hoje r. Sousa Franco.

Teatro (tr. do). Hoje tr. da Academia.

Teodoro da Silva (r.). Em Vila Isabel. Da r. visc. do Bom Retiro à r. Duque de Caxias. Atravessam-na as ruas Bezerra de Menezes, Viana Drumond, Petrocochino, Bar. de São Francisco, cons. Afonso Celso, cons. Teixeira Júnior, visc. de Sousa Franco, visc. de Abaeté.

Teófilo Otoni (r.). Antiga r. das Violas. Por ali sobem bondes da *Carris Urbanos*; os das linhas **1**, **6** da r. Primeiro de Março à r. Uruguaiana, e os da linha **5** só até a dos Ourives. Estende-se da r. visc. de Itaboraí à r. da Conceição. As ruas Primeiro de Março, da Candelária e da Quitanda a fazem comunicar com as ruas São Pedro e visc. de Inhaúma; a dos Ourives com a São Pedro e o l. de Santa Rita; o b. do João Batista com aquele; a r. Uruguaiana com as São Joaquim e São Pedro.

Teresa (lad. de Santa). Da r. Santa Teresa ou da dos Barbonos à do Curvelo. À direita da subida acha-se o *Convento de Santa Teresa*.

Teresa (r. Santa). Da r. Evaristo da Veiga à praia da Lapa. Pela lad. de Santa Teresa comunica com a r. do Curvelo; pelo b. do Império com o l. da Lapa; pela r. Conde de Lages com as ruas Taylor e da Glória; pela r. da Lapa com a tr. do Desterro, l. da Lapa e b. do Império; pela tr. do Desterro com a r. da Lapa.

Teresa do Nheco (r. Santa). Hoje r. Vidal de Negreiros.

Teresina (r.). Começa na r. Monte Alegre. Pela r. Mauá comunica à dos Junquilhos e Fonseca Guimarães.

Tomás Coelho (r. cons.). Começa na r. Bar. de Mesquita, paralela à Gonzaga Bastos.

Tinoco (r. do). Comunica a r. visc. de Itaboraí com a do Mercado.

***Todos os Santos** (r. de). Da r. D. Mariana além da visc. de Abaeté. Pelas ruas Sorocaba e São João comunica com as ruas Voluntários da Pátria e gen. Polidoro; pelas ruas Real Grandeza e visc. de Abaeté com as ruas Pinheiro Guimarães e Voluntários da Pátria. Em Botafogo.

***Todos os Santos** (r. de). No Engenho Novo.

***Torres** (r. do). Comunica a r. do Riachuelo com a do Resende, em Mata-cavalos.

***Torres** (r. do). Nas Laranjeiras.

Torres Homem (r. cons.). Em Vila Isabel. Atravessam-na as ruas Petrocochino, Bar. de São Francisco, cons. Afonso Celso, cons. Teixeira Júnior, visc. de Sousa Franco e visc. de Abaeté.

Trem (r. do).^[102] *Arsenal de Guerra* (entrada). Do l. do Moura ao Arsenal. Pelo b. da Batalha comunica com o b. do Moura e o l. da Misericórdia.

Três Bocas (r. das). Em São Cristóvão.

[102] Tinha esse nome porque a rua desembocava na entrada do Arsenal da Guerra, também chamado de Casa do Trem, hoje Museu Histórico Nacional. A rua deixou de existir com a derrubada do Morro do Castelo no início do século XX.

Três Vendas. É assim denominado o lugar onde termina a r. Jardim Botânico e começam as ruas Boa Vista e do Sapê.

Tuiuti (r. de). Em São Cristóvão.

Ubá (r. Bar. de). Comunica a r. Haddock Lobo com a São Cristóvão.

Umbelina (r.). Em São Cristóvão.

***União** (r. da). Percorrem-na em toda a sua extensão da r. da Gamboa à praia do Saco do Alferes, à sub.; e à desc., os bondes da linha 7 da Comp. de São Cristóvão. Daí parte a tr. do Comendador Leonardo. Na Saúde.

***União** (r. da). No Catumbi.

Universidade (r. da). Atravessa a r. visc. de Itamaraty.

Uruguai (r.). Comunica a r. Conde de Bonfim com a Bar. de Mesquita.

Uruguaiana (r. da). Antiga r. da Vala. Todos os bondes da Comp. Vila Isabel por ali sobem (desde a r. do Ouvidor até a da Carioca) e descem (desde a Sete de Setembro até a do Ouvidor). Os da *Carris Urbanos* das linhas 1 e 6 também sobem desde a r. Teófilo Otoni até a São Joaquim. Estende-se da r. da Prainha ao l. da Carioca, atravessando o l. da Sé. A r. São Joaquim a faz comunicar com a dos Andradas; a Teófilo Otoni e da Alfândega com a dos Andradas e dos Ourives; as ruas São Pedro e gen. Câmara com a tr. do Bom Jesus e o l. gen. Osório; a do Hospício com o b. do Fisco e a r. dos Andradas; a do Rosário com o b. do Fisco e a r. Gonçalves Dias; a tr. do Rosário com o l. de São Francisco; a do Ouvidor com aquele l. e a Gonçalves Dias; a Sete de Setembro com a tr. de São Francisco e a r. Gonçalves Dias.

Vai-vem (r. do). Em São Cristóvão.

Valentim (r. de São). No Engenho Velho.

Vala (r. da). Hoje r. da Uruguaiana.

Valongo (l. do). Hoje pr. Municipal.

Vergueiro (r. sen.). Percorrem-na em toda a sua extensão, do l. do Catete à praia de Botafogo, os bondes da linha 2 B da *Botanical Garden Rail Road Company*, à sub. e à desc. Pela r. Paissandu comunica com a praia do Flamengo e a r. Marquês de Abrantes; pelas tr. do Guedes e do Marquês de Paraná com a r. Marquês de Abrantes; pelas tr. do Flamengo e do Cruz Lima com a praia do Flamengo.

Viana (lad. do). Começa na r. do Cunha, e pela r. Santo Alfredo comunica com o l. das Neves.

Viana (r. do). Da r. sen. Alencar à São Januário passando pela gen. Argolo, que a faz comunicar com as cor. Carneiro de Campos e Teixeira Júnior.

Viana Drumond (r.). Em Vila Isabel.

Vicente (r. visc. de São). Em Vila Isabel.

Vicente de Paula (tr. de São). Comunica a r. Haddock Lobo com a Santa Amélia.

Vitor Meireles (r.). No Engenho Novo.

Vitória (r.). Hoje Buarque de Macedo.

Vidal de Negreiros (r.). Da r. da América à praia do Saco do Alferes, com que também comunica pela lad. do Mendonça.

Vieira Bueno (r.). Começa no fim da r. São Januário, e pela gen. Argolo comunica com a Argentina.

Vieira da Silva (r.). No Engenho Novo.

Vila Isabel (r.). Em Vila Isabel.

Vileta (r.). Em São Cristóvão.

Vinte e Cinco de Março (r.). Da pr. D. Pedro I ao mar.

Vinte e Oito de Dezembro (r.). Começa na r. São Francisco Xavier.

Vinte e Oito de Setembro (pr.).^[103] Antigo l. da Prainha, Barcas para Petrópolis. Daí partem as ruas da Saúde, da Prainha e escadas para o m. de São Bento.

Vinte e Oito de Setembro (r.). No Andaraí Grande.

Vinte e Quatro de Maio (r.). No Engenho Novo. Ali passam os bondes das linhas **1** e **2** da Comp. Vila Isabel.

Violas (r. das). Hoje r. Teófilo Otoni.

Viriato (tr. do desembargador). Da r. Santa Luzia ao mar.

Visc. de Abaeté (r.). V. Abaeté.

Visc. de Caravelas (r.). V. Caravelas.

Visc. de Inhaúma (r.). V. Inhaúma.

Visc. de Itaboraí (r.). V. Itaboraí.

Visc. de Itamarati (r.). V. Itamaraty.

Visc. de Itaúna (r.). V. Itaúna.

Visc. de Maranguape (r.). V. Maranguape.

Visc. de São Vicente (r.). V. Vicente.

Visc. de Santa Isabel (r.). V. Isabel.

Visc. de Sousa Franco (r.). V. Sousa Franco.

Visc. do Bom Retiro (r.). V. Bom Retiro.

Visc. do Rio Branco (r.). V. Rio Branco.

Visc. de Sapucaí (r.). V. Sapucaí.

Vista Alegre (r.). Da lad. do Barro Vermelho à r. Floresta. Ali começa a tr. da Vista Alegre.

Vista Alegre (tr. da). Começa na r. Vista Alegre.

Voluntários da Pátria (r.). *Matriz de São João Batista da Lagoa*. Percorrem-na em toda a sua extensão, da praia de Botafogo ao l. dos Leões, à sub.; e à desc., os bondes da linha **1 A** da *Botanical Garden Rail Road Company*. Pela r. Paulino Fernandes comunica com a gen. Polidoro; pelas São Luís, das Palmeiras, da Matriz, com a São Clemente; as D. Mariana e Real Grandeza com as ruas São Clemente e de Todos os Santos; as Sorocaba e São João com a de Todos os Santos; a visc. de Abaeté com a visc. de Caravelas.

Ipiranga (r.). Da r. das Laranjeiras à Paissandu. A r. São Salvador a faz comunicar com a Marquês de Abrantes; a r. do Roso com a Guanabara.

***Zacarias** (r. do cons.). Em Vila Isabel.

***Zacarias** (r. do cons.). Na Saúde.

[103] Atual praça Mauá.

segunda parte

ESTADA



I. DOS ESTRANGEIROS

São os estrangeiros acolhidos, no Brasil, com a maior benevolência, os seus direitos respeitados e, em suas relações civis, amparados pela proteção das leis.

As escolas de instrução primária franquiam-se a eles e a seus filhos, gratuitamente, como aos nacionais; e da mesma maneira que estes, matriculam-se nos colégios públicos e nas faculdades do ensino superior. Viajam por todo o território do Império, com a franqueza concedida ao cidadão brasileiro, e podem aproveitar-se da garantia do *habeas corpus*.

Guardadas as prescrições legais, é-lhes, em geral, permitido comerciar e exercer livremente qualquer indústria que se não oponha aos bons costumes, à saúde e à segurança pública, possuir bens de raiz e usar da sua propriedade com a mesma plenitude com que é mantida a do cidadão brasileiro.

Gozam da maior liberdade de consciência, sem receio de serem perseguidos por motivos de religião, uma vez que respeitem a do Estado.

Os direitos de seus filhos nascidos no Império merecerão especial atenção dos poderes do Estado, estabelecendo-se que a jurisprudência que regula o estado civil dos estrangeiros residentes no Brasil, sem ser por serviço da sua nação, também seja aplicada ao estado civil de seus filhos, durante a menoridade somente. Chegando à maioridade, entram no exercício dos direitos de cidadão brasileiro.

A brasileira que se casa com estrangeiro segue a condição deste; assim como a estrangeira que se casa com brasileiro segue a condição do marido.

A lei reconhece como válidos, para todos os efeitos civis, os casamentos entre acatólicos, celebrados dentro ou fora do Império, contanto que se preencham as formalidades exigidas pela legislação e sejam competentemente registrados.

As sucessões dos estrangeiros que falecem no Brasil são reguladas, em geral, pelas mesmas leis, processos e autoridades que intervêm nas dos nacionais, não havendo convenção consular, porque então são reguladas por esta (Extr. do livro oficial *O Império do Brasil na Exp. Univ. de 1876 em Philadelphia*).

II. DA NATURALIZAÇÃO

A naturalização obtém-se, atualmente, no Brasil, com máxima facilidade. O assunto acha-se regulado pela lei de 12 de julho de 1871, que modificou as anteriores, em sentido mais liberal. Por ela ficou o governo autorizado a conceder carta de naturalização a todo o estrangeiro maior de 21 anos que, tendo residido no Brasil ou fora dele em seu serviço por mais de dois anos, a requerer, com a intenção manifesta de continuar a residir no Império ou a servi-lo depois de naturalizado. O governo pode dispensar do tempo de residência:

- 1º) Ao casado com brasileira;
- 2º) Ao que possuir bens de raiz no Império, ou tiver parte em algum estabelecimento industrial;
- 3º) Ao que for inventor ou introdutor de um gênero de indústria qualquer;
- 4º) Ao que se recomendar por seus talentos, letras ou aptidão profissional, em qualquer ramo de indústria;

5º) Ao filho do estrangeiro naturalizado nascido fora do Império, antes da naturalização de seu pai.

Fazem prova suficiente para os efeitos da lei as certidões extraídas dos livros de notas e repartições oficiais, bem como atestações passadas por quaisquer autoridades e mesmo pessoas de conceito.

As cartas de naturalização são isentas de imposto, exceto o de 25\$000 de selo; mas não poderão surtir efeito algum sem que os outorgados, por si ou por procuradores munidos de poderes especiais, prestem juramento (ou promessa) de obediência e fidelidade à Constituição e às leis do país, jurando ao mesmo tempo (ou prometendo) reconhecer o Brasil por sua pátria daquele dia em diante.

Este juramento pode ser prestado perante o governo ou perante os presidentes das províncias. Nessa mesma ocasião, o indivíduo naturalizado deve declarar seus princípios religiosos e sua pátria; se é solteiro ou casado, se com brasileira ou estrangeira; se tem filhos e quantos, de que nome, sexo, idade, religião, estado e naturalidade.

Com essas declarações, organiza-se, na Secretaria de Estado dos Negócios do Império, a matrícula de todos os estrangeiros naturalizados.

Quanto aos colonos, a sua naturalização continua a ser regulada pelo decreto nº 808 A, de 23 de junho de 1855.

Aos que comprarem terras e se estabelecerem ou fizerem parte de qualquer colônia fundada no Império, ou vierem exercer, à sua custa, alguma indústria, ainda é mais fácil a naturalização. Basta, para serem considerados cidadãos brasileiros, que, findos dois anos de residência, assinem termo perante a respectiva câmara ou juízo de paz, de ser tal a sua vontade.

Em presença da certidão desse termo, o ministro do Império, na corte, ou os presidentes, nas províncias, mandam expedir o competente título, livre de emolumentos ou quaisquer despesas.

Os naturalizados, nessas circunstâncias, ficam isentos do serviço militar, sendo somente sujeitos ao da guarda nacional dentro do município.

O governo pode dispensar o prazo dos dois anos de residência aos colonos que julgar dignos da concessão.

Os pais, tutores ou curadores de colonos menores nascidos fora do Império, antes da naturalização de seus pais, poderão fazer por eles as declarações exigidas e obter o respectivo título, salvo aos menores o direito de mudar de nacionalidade, quando forem maiores.

Por outro lado, o poder legislativo tem frequentemente dispensado as cláusulas exigidas nas leis de naturalização, mediante simples requerimento, autorizando o governo a concedê-la independentemente das condições acima referidas.

O naturalizado é logo considerado cidadão brasileiro e entra no gozo de todos os direitos civis e políticos que competem aos nascidos no país, qualquer que seja a sua religião.

Têm voto nas eleições os estrangeiros naturalizados. Os cidadãos naturalizados não são elegíveis para o cargo de deputado à Assembleia Geral Legislativa sem terem seis anos de residência no Império, depois da naturalização. Esse prazo será contado do dia em que os mesmos cidadãos tiverem prestado o juramento ou a promessa que a lei de 12 de julho de 1871 exige.



III. VISITA À CIDADE

1. MONUMENTOS, EDIFÍCIOS NOTÁVEIS E OUTRAS OBRAS DE ARTE

Em seguida, achará o viajante a relação dos monumentos mais dignos da sua atenção e visita, quer da cidade, quer dos seus arredores, e uma sucinta descrição de alguns, procurando-se sempre que foi possível indicar o estilo especial a que cada um pertence. Neste sentido, consultaram-se os trabalhos sobre os edifícios públicos publicados por Araújo Porto-Alegre, Dutra e Melo, J. A. Cordeiro, dr. Macedo e senhores dr. Moreira de Azevedo e Félix Ferreira.

*Largo do Paço visto
do morro do Castelo.
Por Georges Leuzinger;
G. Leuzinger & Filhos,
1885 circa. Coleção
Mestres do século XIX.
Brasiliiana Fotográfica/
Instituto Moreira Salles.*

a) Palácios da Família Imperial

Paço Imperial da Cidade. Ergue-se na praça D. Pedro II, antigo largo do Paço, tendo a frente voltada para o mar, e ocupa o primeiro lugar da praça, por sua posição e dimensões. Foi a residência dos vice-reis do Estado do Brasil, desde Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela.

Consta o Paço da Cidade de quatro faces ortogonais, porém de diversos aspectos, devido às diversas épocas em que fora reparado por conveniência e comodidade. A face principal consta de três corpos com três janelas em cada um, e inferiormente três pórticos de pedra mármore branco; o do corpo do

centro é formado por duas colunas. Cada um destes pórticos descansa sobre uma escadaria própria, e sobre a verga do principal ocorre a seguinte inscrição lapidar:

REYNANDO ELREY D. JOÃO V. N. S.
E SENDO G.^{or}, E CAP.^m G.^l DESTAS CAP.^{as} E DA
DAS M.^{as} G.^{es} GOMES FR.^e DE ANDR.^a, DO SEO
CON.^o, SARG.^o MAYOR DE B.^a DOS SEOS EXER.^{tos}
ANO D' MDCCXLIII.

No corpo central há terceiro pavimento com três janelas de sacada.

Um passadiço, sustentado por três arcos, no começo da rua da Misericórdia, liga o Paço Imperial ao antigo Convento do Carmo^[104]. Outro passadiço de ferro, suspenso, no começo da rua Sete de Setembro, une o palácio à Capela Imperial.

Neste Paço é que Suas Majestades Imperiais dão cortejo nos dias de grande gala.

Algumas das salas do antigo Convento do Carmo estão ocupadas com o Instituto Histórico^[105], que nelas celebra suas sessões quinzenais, honradas com a augusta presença de Sua Majestade, o Imperador.



Palácio da Imperial Quinta da Boa Vista ou Paço de São Cristóvão.^[106] É

a residência habitual de Sua Majestade, o Imperador. Acha-se situado em uma pequena colina no arrabalde de São Cristóvão, em frente da rua do Imperador, e com a face principal voltada para a cidade. Edifício notável e de vastas proporções, é de bela e vistosa aparência. Uma larga e elegante rua

Panoramas do centro da cidade. Por Juan Gutierrez, 189?. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

[104] Atualmente, o complexo onde funcionava o convento pertence ao patrimônio do governo do Estado do Rio de Janeiro.

[105] Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que está situado hoje na rua Augusto Severo, no bairro da Glória.

[106] Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista. O palácio integrava o patrimônio da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), abrigando o Programa de Pós-Graduação em Antropologia, a biblioteca do curso e o Museu Nacional, um dos maiores das Américas. O complexo foi consumido por um incêndio em 2018 e quase toda a coleção do museu e da biblioteca foi perdida.

ornada de um renque de belas árvores de cada lado, de suave declive, dá entrada ao Palácio, que tem na frente, um grande portão. A imensa área que precede o edifício imperial é toda ornada de grandes cascatas, lagos e rios, artisticamente dispostos e cuidadosamente tratados, e de uma vegetação luxuriante. Ruas extensas cortam-na em diversas direções, o que dá ao todo um certo cunho de beleza e de originalidade.

No fim da rua principal que dá acesso ao Palácio levanta-se uma arcaria sustentada por graciosas colunas, tendo no centro um largo portão, que é coroado pelas armas da casa de Bragança, trabalhadas em mármore.

É nessa residência que Suas Majestades Imperiais dão cortejo nos dias de pequena gala, e audiências a todas as pessoas que os procuram às terças-feiras e aos sábados das 5 às 7 horas da tarde, sem distinção de pessoa.

Palácio Isabel.^[107] Levanta-se no começo do ameno e pitoresco bairro das Laranjeiras, no fim da rua Guanabara, tendo a frente voltada para a rua Paissandu, que se estende até o mar. Na rua Paissandu vê-se um renque de pequenas palmeiras, que daqui a alguns anos hão de dar-lhe uma beleza extraordinária. O palácio nada tem de notável quanto à sua arquitetura, mas não é de desagradável aparência. Fica situado na raiz de uma elevada serra, e é todo circulado por um gradil de ferro. É a residência da sereníssima princesa imperial D. Isabel e de seu esposo, o príncipe Conde d'Eu.

Palácio Leopoldina.^[108] Acha-se situado na rua Duque de Saxe, nº 22. Pertence ao Duque de Saxe e seus filhos. É vasto o edifício; precede-o um jardim com gradil de ferro. Os bondes da companhia Vila Isabel, tendo o letreiro *Parque Imperial*, passam-lhe em frente.

b) Monumentos comemorativos

Estátua equestre de D. Pedro I. Ergue-se na praça da Constituição. Erigida à gloriosa memória do imperador D. Pedro I, fundador do Império. Este monumento projetado desde 1825, e por vezes adiado, foi finalmente realizado por meio de uma subscrição popular por deliberação da Câmara Municipal de 7 de setembro de 1854, e inaugurado com toda a pompa e solenidade a 30 de março de 1862. A pedra fundamental foi lançada a 1º de janeiro do mesmo ano.

O monumento é todo de bronze e descansa sobre um soco de cantaria cercado por uma balaustrada ornada de candelabros primorosamente fundida no Rio de Janeiro. Quatro figuras estátuas alegóricas, representando os quatro maiores rios do Brasil, figurados por indígenas, circulam a base, em cujo plinto levanta-se a majestosa estátua. O Imperador, que veste o uniforme de generalíssimo, é representado no ato de parar o seu cavalo e proclama a independência do Brasil. Traz na mão direita a legenda *Independência ou morte*. Escudos cobertos por coroas murais representam as 20 províncias do Brasil e ornaram a parte superior do pedestal. O embasamento de cantaria mede 3 metros e 30 centímetros, 6 metros e 40 centímetros até o alto da cornija e 6 metros a estátua e o plinto; o peso total do

[107] Após um processo judicial que durou mais de cem anos, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em 2020, que o palácio pertence ao patrimônio da União e não aos descendentes da família imperial brasileira. Atualmente é a sede do governo do Estado do Rio de Janeiro (Palácio Guanabara).

[108] O prédio foi demolido na década de 1930. No terreno do palácio foi construído o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ).

bronze é de 55 mil quilos, sendo 28 mil do pedestal, 12 mil da estátua, 10 mil dos dois grupos grandes e 5 mil os pequenos. Esta obra de escultura, feita por concurso, e devida ao escultor francês Luís Rochet^[109], e toda ela inclusive os acessórios, importou em 334:710\$000. O monumento que sobre o granito e o bronze se levanta na praça da Constituição levará à posteridade a página mais gloriosa da história política do Brasil. Na frente da estátua ocorre o seguinte dístico:

A
DOM PEDRO
PRIMEIRO
GRATIDÃO
DOS BRAZILEIROS.

E na parte oposta veem-se as armas da cidade. Aos lados da estátua erguem-se no alto as armas da casa de Bragança.

As quatro alegorias do pedestal da estátua são muito interessantes, sobretudo a que representa o *Rio Amazonas* é de bastante elegância e expressão.

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui os projetos apresentados para este monumento e entraram no concurso para a escolha do que parecesse preencher melhor a grandiosa ideia, com que pagavam os brasileiros a sua dívida de gratidão para com o imortal fundador do Império. Igualmente possui um dos originais do auto da colocação da pedra fundamental da estátua.

Estátua de José Bonifácio. No largo de São Francisco de Paula. Foi inaugurada a 7 de setembro de 1872. Sobre degraus de granito eleva-se um baseamento de mármore do Jura e sobre ele o pedestal octógono de bronze, em que se vê de pé José Bonifácio de Andrada e Silva, cognominado o *Patriarca da Independência*, tendo ao lado uma banca com alguns livros. O pedestal tem nos ângulos mais estreitos as figuras alegóricas da justiça, da história, da poesia e da ciência. Na face da frente lê-se:

JOSE
BONIFÁCIO
DE
ANDRADA E SILVA
SETE DE SETEMBRO
1872

E na oposta a data:

SETE
DE
SETEMBRO
1822

Mede a estátua 2 metros e 40 centímetros de altura e pesa todo o monumento 18 mil quilos. O monumento é cingido por uma bela balaustrada de ferro. Nessa estátua fulgura um herói, não levantado nos campos de batalha, mas encanecido nos conselhos do Estado e na laboriosa gestão de um Império

[109] Louis Rochet (1813-1878), escultor francês, ficou em terceiro lugar no concurso para a construção da estátua, mas foi o escolhido para o trabalho.

que se fundava na liberdade, oriundo do absolutismo secular. O estatutário foi ainda Luís Rochet, e este pequeno e gracioso monumento deve-se à iniciativa do Instituto Histórico do Brasil.

Coluna comemorativa do desembarque de S. M., a Imperatriz.^[110] Ergue-se no centro da praça Municipal. Comemora o desembarque de S. M., a Imperatriz D. Thereza Christina Maria, a 4 de setembro de 1843 no cais do Valongo, hoje da Imperatriz, próximo da referida praça. Esta formosa coluna é feita de uma só peça de granito, de ordem coríntia, com 4,4 metros de altura, tendo no ápice as armas da cidade (uma cruz de Cristo carregada com a esfera armilar e três setas enfeixadas sobrepostas).

O trabalho foi feito no Rio de Janeiro. Inaugurou-se a 2 de dezembro de 1872.

Lembrando o dia em que pisou terras do Brasil pela primeira vez, recorda o que devem os brasileiros à augusta senhora, que só sabe amar e fazer bem.

Pirâmides do Passeio Público.^[111] Levantam-se em frente ao terraço do Passeio Público. São duas e ambas triangulares, de cantaria granítica, bastante elevadas e graciosas: estão cobertas de hera. Na que se acaba à direita da entrada lê-se em um oval de mármore branco o seguinte dístico:

À
SAUDADE
DO
RIO.

E na da esquerda em outro oval da mesma pedra:

AO
AMOR
DO
PÚBLICO.

Monumento à memória de José Clemente Pereira. Ergue-se no cemitério de São Francisco Xavier no Caju. Foi mandado erigir pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e inaugurado a 2 de novembro de 1858. É uma justa e eterna homenagem que consagrou a Santa Casa da Misericórdia ao seu maior benfeitor e da humanidade sofredora.

Monumento consagrado à memória dos ex-ministros da Marinha general Salvador José Maciel e Visconde de Albuquerque, criadores, o primeiro do Corpo de Imperiais Marinheiros, e o segundo, da primeira Companhia de Aprendizes Marinheiros. Levanta-se na ilha e fortaleza de Villegagnon. Foi inaugurado a 16 de dezembro de 1876, por iniciativa do chefe de esquadra barão de Iguatemi (Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim).

O monumento consiste em uma coluna de ferro fundido, de ordem coríntia, com 48 palmos de altura e 3 1/2 de diâmetro. Nas suas quatro faces leem-se inscrições alusivas, e em duas delas acham-se os retratos dos dois ministros.

[110] Localiza-se no Cais do Valongo (bairro da Saúde), na praça Jornal do Comércio.

[111] Localizam-se na Cinelândia, no parque do Passeio Público. Foram esculpidas por Mestre Valentim no início do século XIX.



c) Igrejas e conventos

Capela Imperial, situada na praça D. Pedro II, antigo largo do Paço, no começo da rua Primeiro de Março, fazendo esquina com a rua Sete de Setembro.

É ligada ao Paço Imperial por um passadiço de ferro colocado na embocadura da rua Sete de Setembro, e por ele passa a Família Imperial quando assiste às festas celebradas no templo.

O altar-mor e todos os paramentos que o ornaram são de prata. A sepultura ornamental em madeira, do interior da Capela, no estilo de Luís XV, passa por obra-prima. Entre o altar-mor e os do corpo da igreja há uma capelinha de cada lado; na da esquerda de quem entra expõe-se o Santíssimo Sacramento. Do lado direito da capela-mor há uma rica tribuna para a Família Imperial. Um grande e majestoso órgão vê-se no coro.

Construída pelos carmelitas calçados, pelos fins do século XVI, a Capela Imperial não pertence a uma ordem regular de arquitetura, mas o seu aspecto não deixa de ser agradável. A sua fachada é de cantaria, mas está caiada.

Entre a torre e a capela acha-se a capelinha consagrada ao Senhor dos Passos. O templo é precedido por um gradil de ferro com três portões, dos quais o principal é o mais saliente.

Nessa igreja, que retumbou à palavra inspirada dos oradores sagrados do tempo colonial e às músicas sacras de José Maurício e Marcos Portugal; o último grande pregador do Brasil, émulo de São

*Demolição do morro do Castelo,
no alto do morro, as ruínas da
Igreja de São Sebastião. Brasileira
Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.*

Carlos^[112] e de Sampaio^[113], frei Francisco de Mont'Alverne^[114], evocado pelo Imperador do seu túmulo no claustro, após 18 anos de mudez e de cegueira, que o tornara semelhante à sombra do rei de Mórven nos cantos de Ossian, recitou o seu famoso sermão de São Pedro de Alcântara a 19 de outubro de 1854.

Igreja de São Sebastião,^[115] ergue-se no morro do Castelo, no largo de São Sebastião. A sua arquitetura pertence ao gosto jesuítico. O aspecto interior do templo é de belo efeito, sendo ornamentado de painéis e de boa obra de talha, sem dourados. Tem sete altares, incluindo o altar-mor, e aos lados da capela-mor abrem-se duas capelas, consagradas a da esquerda ao São Sacramento, a da direita à Nossa Senhora das Dores. Foi a antiga Sé do Rio de Janeiro e para ela se trasladaram, em 1583, das proximidades do Pão de Açúcar, os restos mortais de Estácio de Sá, fundador da cidade. Os ossos daquele grande capitão foram tirados do seu antigo jazigo desta igreja na presença de S. M., o Imperador, e de membros do Instituto Histórico, a 16 de novembro de 1862, e a 20 de janeiro do ano seguinte foram encerrados solenemente em uma urna de pau-brasil, e está em um cofre de chumbo, e colocado tudo em um carneiro de alvenaria para esse fim construído, e conjuntamente o auto da exumação, as gazetas do dia, moedas de ouro e prata e medalhas. Fechou-se a abertura por uma lápide com a seguinte inscrição: *Restos mortais de Estácio de Sá, exumados desta sepultura em 16 de novembro de 1862. À ela restituídos em 20 de janeiro de 1863.* Na capela-mor da igreja, porém, ainda se vê a lápide primitiva da sepultura de Estácio de Sá. A administração desta igreja foi há muitos anos confiada aos padres capuchinhos. A 20 de janeiro, fazem com pompa a festa de São Sebastião, padroeiro da cidade.

Na parte em que a igreja forma esquina com o largo vê-se colocado um antigo e notável monumento. É um marco de mármore branco, tendo numa face as quinas de Portugal e na outra a cruz de Cristo. O Instituto Histórico do Brasil possui um marco, o de Cananeia, igual a este.

Igreja dos Terceiros de Nossa Senhora do Carmo, chamada geralmente IGREJA DO CARMO. Levanta-se no começo da rua Primeiro de Março, junto à Capela Imperial, e fazendo esquina com o beco dos Barbeiros. “É um dos mais belos templos da cidade”, diz J. A. Cordeiro, “já pela elegância e majestade das suas formas exteriores, já pelo bem acabado dos ornatos internos, já, enfim, pelo gosto que em geral respira. Sua decoração interna, e mais ainda seu sombrio aspecto decerto atrai a todos; mas o filósofo, além das vulgares ideias, concebe outras não menos importantes: é nela que ele vê o argumento mais convincente de nossas crenças; o testemunho mais autêntico de nossa civilização; e, além disso, a fonte sagrada onde o historiador pátrio deve beber o néctar delicioso das tradições, que são por sua vez o elemento da história do povo que a ergueu. A fachada deste edifício, que é de cantaria granítica, é primorosa; apesar de não ser senão o reflexo dos grandes templos da mesma época, ninguém se atreverá a negar-lhe a suntuosidade. Consta ela de três corpos: as duas torres e a igreja propriamente dita. Quatro pilastras de ordem jônica, porém de capitéis caprichosos, fazem sensíveis os três corpos citados: sobre elas se apoia um delicado entablamento. O corpo central é coroado por

[112] Frei Francisco de São Carlos (1763-1829), frade franciscano. Foi pregador régio, orador e poeta.

[113] Frei Francisco de Santa Teresa Jesus Sampaio (1778-1830), frade franciscano. Orador sacro, foi o redator do “Manifesto do Povo do Rio de Janeiro”, documento que influenciou o “Dia do Fico”.

[114] Frei Francisco de Mont'Alverne (1784-1858), frei franciscano. Foi pregador da Capela Real.

[115] A igreja foi destruída com as obras de demolição do Morro do Castelo, entre 1921 e 1922. Os restos mortais de Estácio de Sá estão atualmente salvaguardados na Igreja de São Sebastião dos Frades Capuchinhos, no bairro da Tijuca.

um frontão curvilíneo, no vértice do qual está firmada mimosa cruz metálica. Um pórtico de delicado trabalho, e que sobressai por sua esbranquiçada cor, dá entrada para o templo, e é por assim dizer o prelúdio artístico que prepara o espírito para conceber a grande ideia de seus interiores ornatos. Sobre o pórtico há três janelas de mármore da mesma cor que pertencem ao coro”.

A sua pedra fundamental foi lançada em 1755 e, em 1770, ficou concluída a igreja, faltando-lhe apenas as torres, que foram terminadas uma em 1849 e a outra em 1850. Presentemente, este majestoso templo está sendo restaurado tanto externa como internamente, conservando-se, porém, todas as suas notáveis obras de arte. À sua esquerda há um longo corredor descoberto que comunica a praça D. Pedro II com a rua do Carmo. Um gradil de ferro cerca o adro.

O interior deste templo é grande e rico em delicadas ornamentações, sendo o seu aspecto de efeito agradabilíssimo; toda a obra de talha é de muita beleza e graça; o coro é muito elegante.

Tem seis capelas no corpo da igreja, sendo três de cada lado, e a capela-mor.

Junto à capela-mor, à direita da entrada, acha-se a capela do Noviciado, a qual possui muitas obras de talha dourada e é ornada de painéis: está sendo restaurada, achando-se quase pronta. No corredor em frente a esta capela, onde há outra porta de entrada, veem-se nas paredes grandes painéis.

A sacristia, que fica à esquerda da entrada da capela-mor, é rica de obras de talha: ali acha-se um esguicho, destinado a purificar as mãos dos padres, e que é uma obra admirável, executada em mármore branco, preto, amarelo, esmaltado, roxo e cor-de-rosa. As águas utilizadas passam por debaixo de um cágado. Sendo esta obra de arte um trabalho incontestavelmente primoroso, deve ser admirada pelo viajante.

No corredor à esquerda da entrada vê-se uma rica pia de mármore.

Os quatro portais das portas laterais do corpo da igreja, e os dois das da capela-mor, executados em mármore, são de bastante primor e graça, como todas as obras talhadas naquela pedra da igreja do Carmo. O pórtico que dá entrada para o templo, e o que está voltado para o beco dos Barbeiros, principalmente, ambos de estilo barroco, são admiráveis. “Na igreja do Carmo há dois portais de um trabalho esquisitíssimo”, diz Araújo Porto-Alegre, “e o que deita para o beco dos Barbeiros é uma obra maravilhosa naquele estilo; impossível será que o cinzel do escultor possa talhar o mármore com maior morbidez e graça do que ali se acham. Essas duas portas seriam consideradas como dois monumentos perfeitíssimos da arte borromínica em toda a sua pompa em qualquer parte da Europa”.

A Ordem Terceira do Carmo é uma das mais zelosas e ricas da cidade.

Igreja da Cruz dos Militares. Levanta-se na rua Primeiro de Março (antiga Direita), esquina da do Ouvidor, da parte do mar. É dirigida pela Imperial Irmandade da Santa Cruz dos Militares, composta só de militares. “A sua arquitetura pertence à época imediata à da arquitetura jesuítica”, diz Araújo Porto-Alegre, “mas que se acosta mais ao estilo clássico do que os outros templos, onde a escola barromínica alardeou toda a pompa caprichosa das suas combinações grotescas, e que hoje fazem as delícias das borboletas parisienses. Propensa ao classicismo, a igreja da Cruz é o templo que possuímos de uma arquitetura mais regular: as linhas que entram na ordenação da fachada, sem ter o peso das da Candelária; nem o curvado dos fastígios do Carmo, de São Francisco de Paula e de São Pedro, conservam uma agradável harmonia em suas proporções; as áreas são bem calculadas, os ornatos, distribuídos com uma inteligente economia, e as proporções das ordens, seus perfis e ligação bebidos nas obras dos mestres italianos do século passado, que pretendendo realizar a grande palavra de Buonarroti quando

criou o novo Capitólio, caíram nesses desvarios preconizados por Maderna e Bernini, tendo em completo esquecimento as obras de Paládio, Bramante e Sansovino. O alpendre dórico da sua fachada é uma obra bem acabada; a mistura do granito e do mármore é feita com inteligência e gosto, e os ornatos externos de escola barrominica são muito bem acabados, principalmente os da porta principal”.

De Lisboa veio toda a pedra de mármore para a sua construção. A obra de talha e as estátuas externas são do insigne Valentim da Fonseca e Silva^[116]. No interior da igreja ostenta-se toda a pompa e magnificência do gênio daquele mestre. “O partido tomado na distribuição das linhas gerais é felicíssimo”, diz ainda Araújo Porto-Alegre, “principalmente as das portas laterais depois da tribuna do coro, que são ornadas e distribuídas com muito gosto”.

A igreja da Cruz dos Militares é considerada como um dos mais belos templos da cidade pela sua arquitetura graciosa e elegante, que a destaca de todos os outros.

Construída segundo o risco do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, a 1º de setembro de 1780 lançou-se a sua primeira pedra sobre as ruínas da capela de Santa Cruz e São Pedro, no lugar do antigo fortim de Santa Cruz; e nela se rezou a primeira missa solene a 28 de outubro de 1811, com assistência de D. João VI e da família real.

A torre levanta-se ao fundo do templo, com a sua face principal voltada para a rua do Ouvidor.

O governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá, foi o fundador da Irmandade da Cruz dos Militares em 1623.

Na sala à esquerda da entrada veem-se nas paredes escudos talhados em

*Vista do Mercado
e da Igreja da
Candelária; a partir
da Ilha das Cobras.
Por Rodrigues
& Cº. Editores
e Proprietários,
1906. Coleção
Mestres do século
XIX. Brasiliana
Fotográfica/ Instituto
Moreira Salles.*



[116] Valentim da Fonseca (1745-1813), artista mineiro, destacou-se no período colonial por seus trabalhos como escultor.

mármore, tarjados de preto, com dizeres em homenagem aos benfeitores da Irmandade Martim de Sá. Artur de Sá e Menezes e Francisco de Távora, governadores do Rio de Janeiro, José Custódio de Sá e Faria, José da Silva Santos. Francisco de Paula Vasconcelos, duque de Caxias, e visconde de Santa Teresa; e o retrato a óleo do gen. Antônio Nunes de Aguiar.

Igreja da Candelária. Ergue-se esta colossal igreja na rua da Candelária, entre as ruas gen. Câmara e São Pedro e se estende até a da Quitanda. Lançou-se a primeira pedra para o atual templo a 6 de junho de 1775, sobre ruínas de uma ermida que já havia no mesmo lugar, então próximo ao mar. Concluída a obra na parte essencial para o culto divino, foi sagrada a igreja a 8 de setembro de 1811, trasladando-se as respectivas imagens, em pomposa procissão, no dia 18, e dizendo-se a primeira missa solene a 19, com assistência de el-rei d. João VI, então príncipe regente. Entretanto, só em março de 1878, foi que ficaram concluídas as obras exteriores do templo. Possui um grande e elegante zimbório, que é de estilo gótico, e construído de mármore lioz de Lisboa, ligado por peças de bronze. A cruz que o sobrepuja excede em 2,5 metros de altura o ponto culminante do morro do Castelo. Na balaustrada que circula o zimbório levantam-se oito estátuas maiores que o natural, representando a religião, os quatro evangelistas e as três virtudes. Externamente, é o maior e o mais importante templo da cidade do Rio de Janeiro; mas internamente a obra não está acabada e continuam os importantíssimos trabalhos de ornamentação, de revestimento de mármore, de pinturas etc. Todo o interior da igreja está sendo construído de novo e daqui a uns cinco anos ficará terminada a obra. Já se admiram, porém, notáveis obras trabalhadas em mármore italianos e em russo de diversas cores, esplêndidas ornamentações de gesso, pinturas murais, na capela-mor, nas duas capelas laterais e no zimbório. Toda a obra da igreja da Candelária, desde a sua fundação, deverá custar de 3 a 4 mil contos de réis. O salão das sessões da Irmandade é vasto e rico em ornamentações. As suas duas enormes torres são as mais elevadas dos templos da cidade e as escadas que lhes dão acesso são elegantemente construídas em granito.

É a igreja mais majestosa do Brasil. O seu frontispício apresenta um prospecto gigantesco sobre todas as igrejas da capital do Império. Pena é, porém, que não tenha diante de si uma praça que chegue quando menos até a rua Primeiro de Março. A planta da igreja é em forma de cruz. O gosto geral da ordenação externa é da escola barroca, e produz um belo efeito esta colossal construção.

Igreja de São Francisco de Paula. Ergue-se no largo do seu nome. “Esta igreja é uma das principais da cidade”, diz J. A. Cordeiro, “não só pela elegância e majestade das suas formas, como pela vastidão do seu âmbito. A sua arquitetura é simples tanto externa como internamente; a distribuição das suas partes é simétrica e conveniente; e a sua elevação sobre altaneira escadaria dá-lhe grau de superioridade que ninguém pode disputar. As suas torres são belas e bastante elevadas e dominam, por isso, quase toda cidade. Quatro pilastras da ordem dórica romana separam os três corpos de que se compõe; nelas reina somente a elegância que lhe é própria sem o auxílio de profusos adornos. O corpo central, que é o do templo propriamente dito, é coroado por curvilíneo frontão, rematado superiormente pelo símbolo do cristianismo: as três janelas que nelas se notam pertencem ao coro; e as três portas inferiores, às principais entradas do templo. As torres são coroadas por varandas quadrangulares, de cujos centros erguem-se, ainda, pirâmides cônicas de forma particular”.

O interior deste magnífico templo é bastante alto e espaçoso e de uma beleza e harmonia admiráveis. É todo ornamentado de excelente obra de talha sem dourados, o que concorre para lhe dar toda a elegância. O arco do Cruzeiro, a capela-mor, os dois púlpitos, o coro e as tribunas da capela-mor são

trabalhos primorosos e dignos de serem contemplados. A capela-mor, sobretudo, do estilo barroco, é de uma perfeição extraordinária, no dizer dos entendidos. O pórtico principal da igreja é executado em mármore com bastante gosto e arte.

À direita da entrada acha-se a capela consagrada à Nossa Senhora da Vitória; é bem ornada, admirando-se os painéis que cobrem as suas paredes.

À esquerda, contíguo ao templo, vê-se uma das faces do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco. A pedra fundamental deste magnífico edifício foi lançada a 5 de janeiro de 1759, e em 1801 estava concluída a sua parte mais importante.

Sendo a igreja de São Francisco de Paula um dos principais templos da cidade, é muito concorrido pela população, celebrando-se nele quotidianamente muitas missas. Aos domingos e dias santos, sobretudo, é muito frequentado.

Igreja de São Francisco da Penitência.^[117] Situada no morro de Santo Antônio, ao lado esquerdo da igreja do Convento dos frades franciscanos. Começou a ser edificada no século XVII e ficou concluída em 1772. A sua fachada pertence ao estilo barroco.

A ornamentação desta igreja, toda constituída de obra de talha dourada, como a igreja de São Bento e algumas da Bahia, é de uma perfeição admirável: o arco do cruzeiro, o do trono e os púlpitos são trabalhos elegantíssimos no estilo a que pertencem. É adornada de painéis; pinturas a óleo ornaram os tetos do corpo da igreja e o da capela-mor. “O teto”, diz Araújo Porto-Alegre, “é uma obra de mestre, onde as regras da perspectiva se acham desenvolvidas em toda a sua magia”.

Tem seis altares laterais e o altar-mor.

À esquerda da entrada da capela-mor abre-se um pequeno corredor, onde à direita, na primeira porta, acha-se a capela do Santíssimo, que é elegante e contém obras de talha dourada; à esquerda, na última porta, abre-se a capela da Conceição, toda de boa obra de talha dourada, com a frente voltada para o corpo da igreja do Convento dos frades franciscanos e separada dela por uma grade de ferro; nesta capela vê-se o mausoléu erguido ao príncipe d. Pedro Carlos, falecido em 1812.

O esguicho que se levanta na sacristia é de mármore branco e bonito.

Na sala que precede a sacristia veem-se os retratos a óleo dos irmãos benfeitores p. dr. Francisco da Mota e Inácio da Silva Medela.

O pórtico principal do templo é executado em mármore com bastante graça; nele ocorre no alto o seguinte: “F. 1619”.

Sendo a igreja da Penitência tão rica e elegante por seus ornatos internos, é para lamentar que não se tenha procurado conservar os seus primorosos monumentos artísticos de delicados labores, e ainda mais, que os façam desaparecer aos olhos dos visitantes nos dias de festas, cobrindo com panos de diversas cores e fitas quase todos os seus mimosos retábulos, dando-lhe assim um aspecto comum e desgracioso. Por ocasião destas *armações* desagradáveis os operários, sem piedade, pregam-lhes grossos alfinetes e pregos, e com as escadas ferem e quebram as ornamentações de talha.

Igreja do Sacramento. Ergue-se na rua do Sacramento, esquina da do Hospício. Edificada em 1816, é de arquitetura dórica abastardada, solidamente construída e bem colocada. A sua fachada, ornada

[117] O complexo localiza-se no largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro.

de cinco estátuas em mármore, é grande, regular e bem acabada; a cantaria perfeitamente lavrada, as proporções harmoniosas e o aspecto em geral muito agradável. As agulhas das duas torres pertencem à arquitetura original. As torres ficaram concluídas uma em 1871 e outra em 1875. Estava de há muito terminada a igreja, faltando, porém, as respectivas torres, que ficaram feitas até a altura da cornija do templo, e só modernamente se concluíram

Medem as suas duas elegantíssimas torres 52 metros e 80 centímetros da base ao ápice, cada uma, e as agulhas, só por si, 22 metros. Assentam estas em uma espécie de varanda com balaústres de mármore de gracioso efeito, e elevam-se àquela altura em forma piramidal, terminando por um vaso de granito que serve de pedestal à cruz. Os dois fechos das torres são esculpturados em rígido granito com bastante primor e arte. O delineamento e direção das agulhas das torres, ou, antes, das duas graciosas pirâmides, são do senhor comendador Bitencourt da Silva. “Entre os numerosos serviços que da sua profissão tem Bitencourt da Silva prestado gratuitamente”, diz o senhor Félix Ferreira, “nenhum lhe valeu tamanho e tão ingrato esquecimento como o delineamento e direção das torres da igreja matriz do Sacramento; nenhum lhe custou maior soma de aplicação, de estudo e trabalho, e nenhum também passou mais despercebido e existe ignorado. No entanto, nesse monumento relevou o artista uma das faces mais brilhantes de seu talento criador, nele estampou o mais belo cunho de seu gênio e deu o mais eloquente documento de sua ciência na arte de construir”.

O interior do templo é alto e bastante espaçoso. A obra de talha é executada com primor e graça e sem dourados; a capela-mor é muito elegante e o seu altar e os objetos que o ornã são de prata; o coro é não menos belo; enfim, o aspecto geral do interior é do mais agradável efeito, constituindo-se uma das magníficas igrejas da cidade e digna de ser visitada.

Igreja de São Pedro.^[118] Levanta-se na rua de São Pedro, esquina da dos Ourives. Foi começada a construir em 1733. Pelo seu aspecto exterior se destaca de todas as outras igrejas da cidade; mas, por se achar na esquina de uma rua e encravada entre casas, passa às vezes despercebida aos olhos do transeunte. É de forma circular, como alguns templos de Roma, tendo um zimbório proporcional à igreja e elegante: os três pórticos da entrada são de mármore branco e executados com talento e gosto. Sobre eles veem-se as armas do príncipe dos Apóstolos, também talhadas em mármore. Predomina em toda a igreja o estilo barroco da arquitetura do século XVIII.

A igreja tem duas torres, que se comunicam por um terraço na parte superior da fachada. O interior do templo é agradável, predominando ainda o estilo barroco. Tem três capelas, a mor e duas laterais. Possui muitas obras de talha dourada, bem executada no referido estilo, incluindo, o seu formoso zimbório. Toda a obra do templo é de boa construção e em abóbada.

A igreja é dirigida pela Irmandade de São Pedro, instituição de socorros, que tem já prestado muitos serviços aos padres e irmãos pobres e enfermos. Esta instituição começou em 1812.

Ornam as paredes da sacristia e do consistório os retratos a óleo do bispo d. fr. Antônio de Guadalupe, Alexandre Dias de Resende, Manuel Vieira dos Santos, padre Francisco Barreto de Menezes, padre Luís Antônio Moniz dos Santos Lobo, do bispo conde de Irajá e do monsenhor Antônio Vieira Borges, todos benfeitores da instituição.

[118] Igreja de São Pedro dos Clérigos foi demolida, em 1944, para a abertura da avenida Presidente Vargas.



Igreja de São Pedro dos Clérigos. A Igreja foi construída a partir de 1733 e ficava em um terreno na esquina das ruas São Pedro e Rua dos Ourives, atualmente Rua Miguel Couto, tendo sido demolida, em 1944, para a abertura da avenida Presidente Vargas. Por Augusto Malta. Acervo da Biblioteca Nacional.



Cena panorâmica do centro, com destaque para a Igreja de São José. Panorama do Rio de Janeiro a partir do Morro do Castelo. Editores & propriedade de Rodrigues & C^o. Rua do Ouvidor, 57. 1890-1900.

Igreja de São José. Ergue-se na rua da Misericórdia, fazendo esquina com a rua de São José e a travessa da Natividade. A sua arquitetura tem o caráter da do começo do reinado de Luís XVI. A fundação da sua irmandade data do século XVII; a igreja atual, porém, começou a ser edificada em dezembro de 1808 e foi concluída em 1842. A sua construção é bastante sólida, o frontispício, elevado, e não deixa de ser elegante. O interior do templo é bastante alto e vasto, e a obra de talha, devida ao brasileiro Simeão José de Nazaré^[119], é elegante e bem acabada: a da capela-mor é digna de ver-se. É dourada a talha que pertence às quatro capelas laterais do corpo da igreja e a da capela-mor e o seu frontispício.

O seu órgão é grande e incontestavelmente o melhor das igrejas do Rio de Janeiro; depois dele os mais estimados são o do Mosteiro de São Bento, o da igreja de São Pedro e o do templo dos ingleses, na rua dos Barbons.

Ultimamente montou-se um carrilhão em uma das suas torres para tocar os sinos por música.

Igreja do Rosário.^[120] Está situada no largo do Rosário, antigo da Sé, com a frente voltada para a rua do Rosário. Depois da Candelária é a maior igreja da cidade, mas tem mais largura do que esta. Foi antigamente a Sé do Rio de Janeiro e a primeira igreja visitada por d. João VI, logo que aqui desembarcou em 1808. É dirigida pela Irmandade do Rosário e São Benedito, composta somente de homens de cor preta.

Está sendo restaurada e em breve ficará pronta. Como disse, a igreja é grande, mas muito baixa relativamente à sua vastidão; é alegre e ao entrar-se nela sente-se uma impressão muito agradável; por isso é digna de ser honrada com uma visita. Tem duas torres muito desiguais em forma e tamanho.

Na respectiva sacristia, vê-se o retrato a óleo do governador do Rio de Janeiro Luís Vahia Monteiro, muito estimado pelos irmãos. Quando se realizou a *Exposição de História do Brasil* na Biblioteca Nacional, nela figurou este retrato que só com bastantes empenhos pode sair da igreja, pois os mesários não queriam apartar-se um só instante do seu Vahia, cognominado no seu tempo o *Onça*.

Igreja de São Joaquim.^[121] Ao fundo da rua larga de São Joaquim, tendo a seu lado esquerdo a rua estreita do mesmo nome, e ligando-se pelo direito ao antigo Seminário dos órfãos de São Joaquim, hoje Externato do Imperial Colégio de Pedro II. Tem duas torres, é toda de sólida construção e possui a sua fachada certa elegância apropriada. A igreja está há muitos anos privada do culto divino.

Igreja da Imaculada Conceição.^[122] Ergue-se na rua gen. Câmara, esquina da da Conceição. É pequena, mas o seu interior é de elegante aspecto e alegre, deixando uma impressão agradável ao visitante. Na sacristia abre-se uma capela consagrada à Nossa Senhora da Glória e ali acha-se exposto o Santíssimo Sacramento.

Igreja da Boa Morte. Levanta-se na rua do Rosário, esquina da dos Ourives. Merece ser visitada por sua forma interior, que é de bela aparência. Tem nove capelas, incluindo a capela-mor. É bastante alto este templo, e sobre o seu pórtico principal lê-se a data de 1785.

[119] Simeão José de Nazaré, entalhador, foi aluno de Mestre Valentim.

[120] O interior da igreja foi destruído em um incêndio em 1967. As obras de restauração foram concluídas em 1969.

[121] Foi demolida por ocasião da reforma urbana empreendida por Pereira Passos em 1904.

[122] Foi demolida para a construção da avenida Presidente Vargas.



Igreja de São Joaquim da rua larga. Templo erguido, em 1758, ao lado de um seminário. Em 1817, a igreja passou a ser considerada capela oficial dos batalhões e conservou sua forma até 1904. Com as reformas do então prefeito Pereira Passos, se deu a demolição da área no projeto de alargamento da então Rua Estreita de São Joaquim, onde hoje está a avenida Marechal Floriano. Por Augusto Malta. Acervo da Biblioteca Nacional.

Igreja do Bom Jesus.^[123] Situada na rua gen. Câmara, esquina da Uruguaiana. A sua fachada é de estilo barroco. O interior do templo é espaçoso, alto, elegante e ornado de boa obra de talha sem dourados: tem cinco altares com o altar-mor.

Igreja de Nossa Senhora do Parto.^[124] Situada na rua de São José, esquina da dos Ourives. A porta da entrada fica em frente à rua da Ajuda. O seu aspecto exterior não tem beleza; a arquitetura não lhe prestou atenção. Não tem torre. O interior é regular, mas nada possui de notável.

À igreja une-se uma grande casa que se levanta na rua dos Ourives e chega até a da Assembleia, onde também oferece uma face, em que se lê a inscrição seguinte, aberta em mármore:

ESTA OBRA FOI FEITA
POR ORDEM E PROTECÇÃO DO ILLm^a
E EXM^a SNR. LUIS DE
VASCONCELLOS E SOUSA
VICEREY DO ESTADO.
ANNO DE 1787.

[123] Igreja do Bom Jesus do Calvário, foi demolida na década de 1940 para a abertura da avenida Presidente Vargas.

[124] A igreja antiga foi demolida na década de 1950. A nova localiza-se hoje na rua Rodrigo Silva, no térreo de um edifício comercial.

Era o extinto Recolhimento de Nossa Senhora do Parto. Consta de três pavimentos, um térreo e dois superiores. No pavimento térreo acham-se hoje estabelecidos o *Instituto Vacínico* e a *Policlínica geral*, e nos dois superiores a *Diretoria-geral da Instrução Pública* e o *Arquivo Público*.

Na parte da igreja, por debaixo do coro, veem-se: dois quadros pintados a óleo, por José Leandro de Carvalho^[125], representando o incêndio do Recolhimento e igreja a 23 de agosto de 1789 e a reedificação do mesmo edificio começada a 25 de agosto do referido ano de 1789 e concluída a 8 de dezembro do mesmo ano; o retrato de Luís de Vasconcelos e Sousa, pintado pelo mesmo mestre, e o do bispo d. Manuel, conde de Irajá.

Igreja de São Gonçalo Garcia.^[126] Ergue-se na rua da Alfândega, esquina do Campo da Aclamação. A fachada do templo nada oferece de notável; mas a sua torre, construída há poucos anos, é alta, elegante e em forma de agulha. O interior da igreja é pobre.

Igreja da Lapa dos Mercadores. Levanta-se na rua do Ouvidor, esquina da rua do Comércio. Edificada em 1740, foi reconstruída nos anos de 1870 a 1873, tornando-se a sua fachada elegante. Nela vê-se sobre a janela central do coro um primoroso medalhão de mármore branco e de forma circular, encontrado nas escavações feitas debaixo do altar-mor; representa a coroação da Virgem em alto relevo e pesa 185 arrobas. Quatro estátuas ornaram o frontispício da igreja. Uma torre de mármore de lioz de Lisboa, que se ergue na frente do templo, sustenta o carrilhão de sinos tocados por música, o primeiro que possuiu a cidade.

Capela de Nossa Senhora das Dores. Levanta-se na encosta do morro de Santo Antônio, dentro do Quartel do Corpo Policial dos Barbonos^[127], na rua Evaristo da Veiga. Foi concluída em 1881. É de estilo gótico, mas notam-se alguns defeitos da ordem a que pertence, principalmente nas quatro colunas dóricas que foram colocadas na sua fachada. É pequena, mas elegante e digna de ser visitada.

Igreja da Glória do Outeiro. Ergue-se no outeiro da Glória, cuja subida principal começa na praça da Glória. É pequena, mas solidamente construída, e com elegância. O templo atual começou a ser edificado pelos anos 1714. Participa da arquitetura de Luís XV. É um polígono de oito faces. O seu pórtico principal é de mármore e possui trabalhos de escultura. Sobre a igreja há um terraço arrampado. Deste terraço goza-se uma belíssima vista, descortinando-se grande parte da cidade e da baía. O interior do templo é simples. Possui duas capelas laterais e a capela-mor. Nesta, à direita da entrada, vê-se um quadro pintado a óleo, em 1827, por F. E. Taunay^[128], representando a queda de cavalo que deu D. Pedro I perto do Paço de São Cristóvão, a 30 de junho de 1823.

Na frente do templo ergue-se a sua graciosa torre.

A igreja, a que se ligam reminiscências históricas, acha-se no centro de um adro espaçoso, com assentos de pedra. Este adro é uma bela e segura obra e tem em um dos ângulos uma cisterna profunda, cuja água era utilizada em outro tempo: é circulada por uma borda alta de granito e fechada por uma grade de ferro em cima.

[125] José Leandro de Carvalho (1770-1834), pintor, notabilizou-se por seus trabalhos na corte de dom João VI.

[126] Hoje é conhecida como Igreja de São Jorge.

[127] Hoje o complexo abriga o Quartel-general da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

[128] Félix Émile Taunay (1795-1881), pintor francês radicado no Rio de Janeiro, foi um dos diretores da Academia Imperial de Belas Artes.

Festeja-se anualmente, em 15 de agosto, a Senhora da Glória do Outeiro, e de todas as solenidades religiosas da cidade é a que atrai maior concorrência de fiéis e de povo. É uma das festas populares do Rio de Janeiro e a ela assistem a Família Imperial ao *Te-Deum*, que se celebra às 5 horas da tarde.

É sobremaneira encantador o golpe de vista que do adro da igreja se goza, quer da entrada da barra, quer do ancoradouro, quer finalmente da cidade e das gigantescas serranias que a circundam.

Igreja da Glória. Magnificamente situada na face ocidental da praça Duque de Caxias, antigo largo do Machado, entre as ruas das Laranjeiras e a Carvalho de Sá. Lançada a primeira pedra a 17 de julho de 1842, a 28 de setembro de 1872 benzeu-se o templo e a 6 de outubro do mesmo ano abriram-se as suas portas aos fiéis com a festa da padroeira. Construída no estilo do templo da Madalena, de Paris, é um dos mais belos templos da cidade, não só no exterior como interiormente.

O templo é formado por oito colunas de granito de 15 palmos de circunferência por 46 de altura, com capitéis da mesma pedra, da ordem clássica. Orna o tímpano um painel em alto relevo, representando a coroação da Virgem. As estátuas em mármore de São Pedro e São Paulo coroam as extremidades da fachada do templo.

Pouco distante do frontão ergue-se a torre com 265 palmos de altura por 50 de largura em cada face, terminando em um terraço na altura de 190 palmos, o qual se acha guarnecido de uma balaustrada de mármore, sustentando nos ângulos quatro estátuas, a da religião, da fé, da esperança e da caridade: no centro do terraço eleva-se o pináculo em forma de agulha. A torre foi concluída em 1875.

O interior do templo é vasto e elegante e a arquitetura que nele predomina é a do estilo barroco. Tem seis altares com o altar-mor. A direita da entrada, abre-se no corpo da igreja a capela do Santíssimo Sacramento. No arco do Cruzeiro veem-se dentro de nichos as estátuas em mármore de São João e São Lucas. Aos lados do templo estendem-se dois jardins.

É a matriz da freguesia de Nossa Senhora da Glória.

Igreja Anglicana. Ergue-se na rua dos Barbonos, nº 16. Os ingleses residentes na cidade, em virtude da permissão outorgada no Tratado de Comércio de 19 de fevereiro de 1810, lançaram a 12 de agosto de 1819 na rua dos Barbonos, hoje denominada Evaristo da Veiga, no pátio da casa que foi do bispo d. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, a pedra fundamental do seu templo, observando nesse ato o cerimonial do rito anglicano. O auto respectivo foi encerrado em uma garrafa, bem como gazetas inglesas e moedas do tempo. Diz o padre Luís Gonçalves dos Santos, nas suas *Memórias do Brasil*, que este templo é dedicado a São Jorge e a São João Batista, em obséquio ao então príncipe regente da Grã-Bretanha e ao rei D. João VI, que consentiu na sua fundação. O templo inglês tem no frontispício a era MDCCCXX. Possui um excelente órgão, que é considerado como um dos melhores das igrejas da cidade.

Igreja Presbiteriana. Na rua do Clube Ginástico, nº 15. É de arquitetura rústica, e na fachada principal traz a era MDCCCLXIII.

Igreja da Comunidade Evangélica Alemã. Situada na rua dos Inválidos, nº 69. Começada a construir em 1844, no ano seguinte foi inaugurado o templo. É pequeno e simples, precedendo-o um jardim fechado com gradil de ferro.

Antigo Colégio dos Jesuítas.^[129] Acha-se situado na extremidade oriental do morro do Castelo. Supõe-se que está assentado em uma área minada e que há grandes sumidouros e galerias que ainda não foram exploradas; diz-se mais, que há escadas que conduzem a subterrâneos sombrios e profundos, enormes portas muradas, que parecem encobrir abismos misteriosos; acrescenta-se, ainda mais, que naqueles meandros inextricáveis as luzes se apagavam e os pulmões não achavam o ar indispensável à respiração. A fama da existência desses subterrâneos corre desde a expulsão dos jesuítas em 1760, tendo-se desconfiança de que tais obras existiam; o povo, em geral propenso sempre às novidades extraordinárias, acreditou que os padres da Companhia de Jesus tinham escondido riquezas fabulosas no solo e nas abóbadas do seu Colégio. Fomos, porém, examinar apenas as obras subterrâneas, e nelas nada se vê de extraordinário: admiram-se, é verdade, enormes alicerces e abóbadas próprias para sustentarem as grossas paredes do gigantesco edifício; alguns canos de volta inteira, que dão passagem a um homem em pé, e outras obras de arte em que tanto primavam os jesuítas e que tinham por fim a utilidade prática de uma grande casa colocada em um morro de barro. Os canos, em declive e seguindo a direção do mar, indicam logo qual o seu fim. Ultimamente têm sido feitas várias escavações, em que se não tem prosseguido.

Junto ao Colégio acha-se a igreja de Santo Inácio de Loyola. Sobre o seu pórtico de entrada lê-se a era 1567. O interior desta igreja é pequeno e desagradável; os jesuítas, porém, estavam construindo o seu novo templo, que pelas paredes e abóbadas que ainda se admiram, se pode deduzir seria uma obra artística de grande valor e digna da Companhia de Jesus. É pena que não se tenham procurado conservar esses monumentos de arte para atestar a todos os tempos a grandeza colossal da igreja começada, que constituiria uma das grandiosas obras da cidade, digna de ser honrada pelo viajante com uma visita.

O Colégio dos Jesuítas é ocupado hoje pelo Hospital Militar da Corte, e sobre a abóbada e as paredes da nova e grande igreja começada pelos padres acha-se estabelecido o Imperial Observatório Astronômico. São dignas de ver-se as monumentais obras encetadas pelos jesuítas para o novo templo.



Igreja dos Jesuítas. Por Augusto Malta, 1918 circa. Igreja de Santo Inácio de Loyola, no morro do Castelo. Vale Cabral trata da igreja que ficava junto do Antigo Colégio dos Jesuítas. Brasiliana Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

[129] Foi destruído por ocasião da demolição do Morro do Castelo.

A ladeira do Castelo, que começa no fim da rua do Carmo, e a ladeira da Misericórdia, que começa no fim da rua do mesmo nome, à direita, dão acesso para o antigo Colégio dos Jesuítas. Igualmente pode-se subir pela ladeira do Seminário, que começa no largo da Mãe do Bispo, passando-se próximo à Igreja de São Sebastião, no final da referida ladeira.

Mosteiro de São Bento. Ergue-se ao fundo da rua Primeiro de Março, em uma colina, de onde se abre uma esplêndida vista. “A um lado a cidade se lhe mostra em vasto anfiteatro com os seus campanários altivos”, diz Dutra e Melo, “as suas claraboias brilhantes, a sua variedade e o seu rumor contínuo que se levanta em rolos dessa massa confusa de edifícios. Ao outro lado, o mar coberto de navios oferece-lhe a parte mais interessante da baía: a barra, as ilhas e o movimento perene que reina em todo esse porto manso e plácido. O ar puro que ali se respira e a vista que se goza na outra ala do edifício, estendendo-se pelo interior do golfo, tornam a posição do mosteiro assaz apropriada e muito pitoresca”.

“A fachada da igreja é simples”, continua Dutra e Melo, “sombria e nua de ornatos; sente-se que o gosto barroco ou jesuítico presidiu à sua construção. O frontão que sustenta o cruzeiro tem apenas no tímpano um óculo ou luneta: sobre os dois campanários ou torres se notam aerotérios esféricos no gosto bizantino, e os pináculos ou coruchéus assumem a forma de pirâmides quadrangulares terminando com a esfera e bandeira. Lateralmente à igreja sobressaem dois alpendres que pertencem à arquitetura de Luís XV. Penetrando-se na igreja o espetáculo se torna admirável. E com efeito é ela a mais adequada às formas de um templo cristão, a mais regular de construção e a mais bela de quantas possuímos. Aqui preside com poucos desvios a renascença. A igreja é dividida em três naves, as laterais e a principal. Os arcos soberbos que separam as naves laterais e pilastras que existem entre eles estão cobertos de uma profusão de ornatos delicados e minuciosos, arabescos, acantos, flores, figuras, tudo obra de madeira dourada, com belas e simétricas divisões. Este trabalho, bem como o de todas as outras esculturas no corpo da igreja, é devido aos mestres José da Conceição^[130] e Simão da Cunha^[131]; foi concluído no triênio do d. abade Manuel da Cruz e Conceição (1733-1736): obra assaz notável e sobretudo admiravelmente executada na base e capiteis das pilastras, e mesmo na figura dos reis, papas e arcebispos da ordem beneditina, que a elas se acostam. O arco do frontispício da capela-mor, obra de suma delicadeza e de apurada execução nos arabescos e ornatos, apresenta duas belas colunas laterais de fustes estirados e ricamente operadas; porém, já nas suas bases descobrem-se ornatos traíndo o gosto barroco. Isto, se não harmoniza com o todo, não lhe desfeia também o aparato e primor que nele ressumbra. A fr. Domingos da Silva^[132], hábil escultor, se deve grande parte desta obra. Igualmente lhe pertence a de mais toda que se vê no interior da capela-mor, exceto os dois anjos com 15 palmos, postos mais tarde. As paredes laterais da capela estão revestidas de grandes retábulos, memorando fatos alusivos à vida do glorioso Patriarca da Ordem. É produção do belo pincel do irmão donato fr. Ricardo do Pilar^[133]”.

[130] José da Conceição e Silva (c.1700-1755), escultor, trabalhou principalmente na Igreja de São Bento.

[131] Simão da Cunha, escultor nascido em Portugal, realizou obras para diversas igrejas do Rio de Janeiro.

[132] Frei Domingos da Conceição e Silva (1643-1718). Nascido em Portugal, executou trabalhos em diversas igrejas barrocas do Brasil.

[133] Frei Ricardo do Pilar (1635-1700). Nascido na Alemanha, uma de suas principais obras no Mosteiro de São Bento é o painel “Senhor dos Martírios”.

As duas lâmpadas da capela-mor do templo são trabalhos admiráveis executados a martelo em prata. Este mosteiro foi fundado, em 1590, pelos religiosos beneditinos fr. Pedro Ferraz e fr. João Porcalho. Possui uma biblioteca com cerca de 8 mil volumes, em sua maior parte obras de teologia e vidas de sanctus. Na entrada do salão da livraria lê-se: *Sapientia edificavit sibi domum*.

Em um dos salões do mosteiro vêm-se retratos a óleo de Pio IX, de fr. Antônio do Desterro, de d. fr. Luís da Conceição Saraiva, e dos monges fr. Mateus da Encarnação Pina, fr. José da Natividade, fr. Antônio de São Bernardo, fr. Ruperto de Jesus, fr. Marcelino do Coração de Jesus e de outros.

Em outro salão, que deita a frente para a rua Primeiro de Março, acham-se painéis representando fatos da vida do patriarca da Ordem.

Não há templo nenhum do Rio de Janeiro que, mais do que o de São Bento, infunda à alma do que o visita o respeito religioso: o sombrio das arcarias, a lembrança dos grandes talentos da ordem, que ali viveram e morreram, o eco dos passos do próprio visitante, que repercute naqueles claustros quase desertos... infunde uma tristeza profunda que impõe o silêncio e convida à meditação.

O *sic transit gloria mundi* em nenhum outro parece mais solene nem aviva mais na alma a confiança em outra vida.

O órgão deste templo, que passa pelo melhor da capital do Império, depois do da igreja de São José, tem vozes melodiosas e graves que parecem sobrenaturais.

É enfim um templo digno da religião, a cujo culto se ergueu há tantos anos.

As armas da Congregação Beneditina são as das famílias do Patriarca São Bento, com adição das insígnias da sua dignidade abacial. Escudo partido em pala; na parte direita dele, em campo azul, uma torre de prata com duas árvores de ouro aos lados, sobre um monte verde; pela porta da torre sai um rio caudaloso; e por cima dela vê-se um sol resplandecente; e na parte esquerda do escudo, em campo de goles, um leão rompente, de prata, segurando um báculo. Tem por timbre a mitra de abade.

A festa do Patriarca da Ordem realiza-se a 21 de março, dia de São Bento.

É a ordem religiosa do Brasil que possui hoje o maior número de monges.

O Mosteiro de São Bento, desde 1858, mantém um curso gratuito de humanidades, que é muito frequentado.

Convento de Santo Antônio dos padres Capuchos da Província da Conceição do Rio de Janeiro. Ergue-se no morro do mesmo nome, tendo a sua entrada no começo da rua da Guarda Velha, entre o chafariz da Carioca e a Tipografia Nacional. Acha-se colocado em magnífica posição, descortinando-se a entrada da baía e grande parte da cidade. O morro do Castelo que lhe surge em frente concorre para ornar o panorama que se avista. O Convento e a sua igreja não têm arquitetura nem beleza. O aspecto interior do Convento é desagradável e os aposentos são excessivamente acanhados e baixos. A igreja nada possui que se recomende, e logo ao entrar-se nela sente-se uma impressão de mau efeito: a obra de talha do arco do Cruzeiro e a da capela-mor é grosseira e feia. Ao lado direito de quem entra abre-se no corpo da igreja a capela da Conceição, toda de boa obra de talha dourada e fechada por uma grade de ferro; esta capela, porém, pertence à igreja da Penitência, que lhe fica imediata. Na sacristia, vê-se um elegante esguicho trabalhado em mármore branco, cor-de-rosa e preto, de bastante altura e que de certo produzira outro efeito se estivesse em lugar mais espaçoso.

A 4 de junho de 1608, lançou-se a primeira pedra para a construção do Convento e igreja, sob o título de Santo Antônio. Concluídos os trabalhos principais da casa conventual, passaram-se os padres

a 7 de fevereiro de 1615 para ela, e no dia imediato celebraram a primeira missa. A festa do orago do Convento é a 13 de junho de cada ano. A ordem hoje apenas conta com três religiosos.

Este Convento é o berço e o túmulo das glórias da tribuna sagrada fluminense, São Carlos, Sampaio, Rodovalho e Monte Alverne.

Nas paredes de um dos salões do Convento existem retratos pintados a óleo por Tirone^[134] de fr. Francisco de São Carlos, Sampaio, Rodovalho, Mone Alverne, Sant'Anna Galvão e de fr. Antônio do Coração de Maria e Almeida, religiosos notáveis por seu saber e virtudes. Nos claustros do Convento estão sepultadas várias pessoas das famílias real e imperial e homens notáveis do tempo colonial.

Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Situado no largo da Lapa, tendo na frente a igreja da Lapa do Desterro, que fica no começo da rua da Lapa. Tanto a fachada do Convento como a da igreja não têm beleza nem arquitetura.

O interior do templo é alto, muito alegre e espaçoso; a sua obra de talha, que é boa, e toda dourada. O altar-mor e os paramentos que o ornaram são de prata e trabalhados com gosto artístico. Na capela-mor vê-se a sepultura de d. frei Pedro de Santa Mariana, bispo titular de Crisópolis, tendo uma longa inscrição lapidar em latim: S. M., o Imperador, anualmente, no dia 6 de maio, visita o túmulo deste seu venerando mestre e amigo e ouve missa na igreja. Enfim, a igreja da Lapa do Desterro, que foi restaurada há pouco tempo, é digna de ser visitada.

Foi a ordem religiosa mais rica do Brasil e hoje possui apenas cinco ou seis religiosos.

As armas da Ordem do Carmo são: em campo azul um monte verde; e três estreitas de prata em roquete, sendo uma sobre o monte. Tem por timbre uma coroa real fechada. Na própria Igreja da Lapa do Desterro encontram-se em vários lugares estas armas diferentes entre si: ora estrelas de prata, ora de ouro; dispostas de modo que o ápice do triângulo umas vezes fica para cima, outras para baixo; e finalmente em um verde em um escudo, enquanto em outro é azul.

Hospício de Jerusalém.^[135] Situado na rua dos Barbonos, nº 19. É pequeno. Hoje serve de casa particular, tendo-se ultimamente procurado transformar-se a sua fachada; por essa ocasião inutilizaram as armas do hospício e a data de 1736, que estava sobre a porta de entrada.

Convento da Ajuda.^[136] Situado na rua da Ajuda, esquina da do Passeio. É de freiras franciscanas. Lançou-se a pedra fundamental para a sua edificação a 9 de julho de 1674 ou 1676. É grande, apesar de não ter sido concluído, mas sem arquitetura. A igreja, que é no interior alta e bastante espaçosa, acha-se encravada no Convento, tendo uma porta principal de entrada para a rua da Ajuda: possui sete altares e é simples de ornatos; foi restaurada há pouco tempo. Sobre o pórtico que dá entrada para a portaria do Convento veem-se as armas da casa trabalhadas em mármore. Neste Convento repousam os despojos mortais da primeira imperatriz do Brasil Maria Leopoldina Josefa Carolina e da princesa D. Paula Mariana, mãe e irmã de S. M., o Imperador. Todos os anos, nos dias 11 de dezembro e 16 de janeiro, S. M., o Imperador, acompanhado da corte, visita os túmulos da imperatriz e da princesa, ouvindo missa no Convento.

[134] Federico Tirone, pintor italiano, residiu no Brasil no século XIX e pintou o quadro “Juramento Constitucional da Princesa Isabel”, pertencente à coleção do Museu Histórico Nacional.

[135] O edifício não existe mais.

[136] O convento foi demolido em 1911.

Convento de Santa Teresa.^[137] Ergue-se na ladeira de Santa Teresa, que começa no fim da rua de Evaristo Veiga, antiga dos Barbonos. É de carmelitas descalças e foi fundado pela irmã Jacinta de São José.

A 21 de julho de 1750, lançou-se a pedra fundamental do Convento e, a 23 de janeiro de 1781, tomaram o véu as primeiras freiras professoras de Santa Teresa. O Convento, na altura em que se acha colocado, domina a baía e grande parte da cidade, oferecendo um golpe de vista muito variado e agradável. Dali vêm-se os arcos do aqueduto da Carioca prenderem-se de morro a morro. Na parte superior da janela, por cima da portaria, veem-se as armas do Convento, trabalhadas em mármore branco. Ainda sobre a porta do templo, e que é lateral, notam-se as mesmas armas, executadas igualmente em mármore. O interior da igreja é pequeno e simples, mas alegre.

Este Convento conta hoje apenas nove freiras professoras e seis recolhidas.

d) Edifícios públicos

Academia de Belas Artes.^[138] Ergue-se na travessa das Belas Artes, tendo a fachada do corpo central voltada para uma pequena praça semicircular, em frente da rua Leopoldina. Por decreto de 12 de agosto de 1816 criou-se a Academia por animação do conde da Barca, tendo sido solenemente instituída a 5 de novembro de 1826 e organizada enfim por decreto de 31 de dezembro de 1831.

O edifício foi construído sob o plano e direção do notável arquiteto francês Augusto Henrique Vitório Grandjean de Montigny. A fachada divide-se em três corpos. No central, que é de muita beleza e harmonia de arquitetura, vê-se no primeiro pavimento um portão de ferro, com bons ornatos de bronze, devido a Grandjean, que o concluiu em 1831; embelezam este portão bons ornatos de bronze, tendo no centro a coroa brasileira entre ramos de café e fumo e por baixo P. II, e sobre o fecho da arcada uma figura do referido metal e na arquivolta baixos relevos em mármore branco representando dois gênios das artes, talhados pelo substituto de escultura Marcos Ferrez^[139], na parte superior deste portão ocorre:

ACADEMIA IMPERIALIS LIBERALIUM ARTIUM.

No segundo pavimento abrem-se três janelas de sacada com balaústres de bronze e peitoril de granito, lendo-se no alto de cada janela *Pictura — Architectura — Sculptura*. Sobre a janela do centro observa-se um baixo relevo talhado em mármore branco. Seis colunas de ordem dórica com bases e lindos capitéis de bronze e constituídas por uma só peça de granito, levantam-se entre as janelas sustentando o formoso entablamento. Entre as duas últimas colunas que não são ocupadas por janelas, erguem-se, à direita de quem olha o edifício, a estátua de Apolo, e à esquerda a de Minerva, devidas ambas ao cinzel de Marcos Ferrez; no friso do entablamento lê-se:

PETRUS. BRAS. IMP. I. ARTIBUS. MUNIFICENTIAM. CONSACRAVIT.

O frontão é reto e o tímpano enriquecido de uma mimosa composição alegórica esculpida em mármore branco por Zeferino Ferrez^[140], substituto de gravuras de medalhas.

É um belo monumento que ao Brasil legou Grandjean de Montigny e nele perpetuou a sua glória.

[137] Localiza-se na Ladeira de Santa Teresa, nº 52.

[138] O edifício foi demolido na década de 1940. A fachada foi transferida para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

[139] Marcos Ferrez (1788-1850), escultor, tio de Marc Ferrez.

[140] Zeferino Ferrez (1797-1851), escultor e gravador, pai de Marc Ferrez.

Presentemente estão-se alterando os corpos laterais do edifício e ainda mais tratando-se de chegar um pouco mais para a frente o suntuoso corpo central, a parte mais notável do sólido monumento devido aos esforços de Grandjean de Montigny.

Na Academia acha-se a Pinacoteca, que se estende até a rua de São Jorge, e nela se admiram primorosos trabalhos dos mais notáveis pintores do Brasil.

Possui uma biblioteca de obras especiais, uma sala de gravura de medalhas antigas e modernas, nacionais e estrangeiras, uma rica coleção de gessos, incluindo muitas máscaras de homens notáveis do país.

Percorrendo-se o palácio da Academia, que é digno de uma visita, deparam-se com trabalhos primorosos de todos os gêneros, e alguns de bastante valor artístico.

Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Ergue-se este monumental edifício na praia de Santa Luzia, ocupando uma área de 9.782,85 metros quadrados. Pela sua grandeza, solidez e perfeição das obras é considerado um dos melhores hospitais do mundo, e dispõe de magníficas enfermarias e aposentos, em que podem ser acomodados cerca de 1.200 enfermos.

Os cronistas supõem que, em 1582, foi que teve princípio a Casa da Santa Misericórdia, fundada pelo célebre padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus. A Irmandade a cujo cargo está o Hospital data de 1591.

O primitivo edifício, do qual ainda se conservam alguns restos com a face voltada para o largo da Misericórdia, em que se acham encravadas a igreja da Misericórdia e a Escola de Medicina, foi substituído pelo atual.

A sua primeira pedra foi lançada a 2 de julho de 1840, graças aos esforços do benemérito da humanidade José Clemente Pereira. É de estilo clássico e representa um paralelogramo retângulo dividido em três corpos. É vasto e elegante e um dos belos monumentos da cidade.

A 2 de julho de cada ano, dia de Santa Isabel, é todo o Hospital exposto à visita pública, ato a que concorrem sempre SS. MM. II.

Tem a sua igreja no largo da Misericórdia.

É permitida a visita aos doentes às quintas-feiras.

As armas da Irmandade da Misericórdia são: em campo de prata as cinco chagas de Jesus Cristo (de goles), em aspa; timbre: uma cruz com uma coroa de espinhos. Modernamente, nas grades dos edifícios e nos reposteiros veem-se as armas da Irmandade e as Imperiais juntas, ora em um só escudo partido em pala, ora em dois acostados.

Hospício de Pedro II.^[141] Ergue-se este majestoso edifício na praia da Saudade, em uma superfície de 7.560,1 metros quadrados, tendo de frente 290 metros. A sua pedra fundamental foi lançada a 3 de setembro de 1842 e o edifício inaugurado em dezembro de 1852. É destinado privativamente para asilo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos, de todo o Império, sem distinção de condição, de naturalidade e religião.

No corpo central do edifício, que é a sua parte mais bela, veem-se no alto talhadas em mármore as armas da Irmandade de Misericórdia. As quatro colunas de uma só peça de granito, do segundo

[141] Hoje, o complexo abriga vários cursos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

pavimento deste corpo, pertencem à ordem jônica: nele rasgam-se três janelas de sacada com balaústres de mármore e peitoris de granito. Na escadaria que lhe dá acesso levantam-se duas magníficas estátuas, representando a ciência e a Caridade. A arquitetura do primeiro pavimento dos corpos laterais é da ordem dórica do Teatro Marcelo, em Roma, e a do segundo é da ordem jônica pelo sistema do templo de Minerva Poliada, na Grécia.

No centro do edifício levanta-se uma capela.

É administrado pela Santa Casa da Misericórdia.

Admitem-se gratuitamente neste hospital as pessoas indigentes e os marinheiros de navios mercantes. Os que pagam são recebidos como pensionistas. O hospital pode admitir 360 alienados. Aos domingos pode o edifício ser visitado. Há oficinas de sapateiro, alfaiate, marceneiro, florista e de desfiar estopa para os homens. As mulheres também trabalham em flores de pano, cestas de contas etc. Esses trabalhos costumam ser mostrados aos visitantes e podem ser então comprados.



Praia da Saudade. 189?. Praia da Saudade, onde ficava o Hospício de Pedro II. Por Juan Gutierrez. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

O lado direito do edifício de quem o olha é ocupado pelas mulheres, e o esquerdo pelos homens.

Na sala de honra chamada do fundador, que pertence pela arquitetura à ordem coríntia, erguem-se frente a frente as estátuas trabalhadas em mármore de S. M., o Imperador, e de José Clemente Pereira, o benemérito e incansável provedor da Santa Casa da Misericórdia, ao qual se deve a fundação do notável estabelecimento. Esta última estátua, esculpida em mármore branco por Fernando Pettrich^[142], foi inaugurada a 14 de junho de 1857.

O Hospício de Pedro II não é só uma obra grandiosa, mas monumental e esplêndida, com uma fachada majestosa e imponente.

A sua construção importa até hoje em 2,672:424\$689^[143].

Casa da Moeda. Ergue-se este magnífico palácio na face ocidental do Campo da Aclamação, junto ao Paço do Senado, abrangendo uma área de 4.698,8 metros quadrados, incluindo o segundo pavimento da frontaria. A sua pedra fundamental foi lançada a 2 de dezembro de 1858 e o edifício ficou terminado em 1866. Consta a fachada de um corpo central, muito saliente, e dois laterais, todos com dois pavimentos. O corpo central, que é todo revestido de cantaria, é parte mais bela do edifício. O primeiro pavimento é decorado com pilares e colunas de uma só peça de granito da ordem dórica romana, e o segundo com pilares e colunas da mesma espécie, mas da ordem jônica. O interior é vasto, sendo o vestíbulo decorado, no estilo dórico-romano. Um elegante gradil de ferro precede o edifício.

A Casa da Moeda é um dos mais belos monumentos da cidade por sua beleza e sólida construção. As oficinas são espaçosas, arejadas e em excelentes condições.

Possui uma preciosa coleção de moedas e medalhas nacionais e estrangeiras.

Já como edifício, já como estabelecimento, a Casa da Moeda é digna de ser honrada com uma visita.

Tesouro Nacional. Na rua do Sacramento, entre as travessas das Belas Artes e da Moeda, e prolonga-se até a rua de São Jorge. O pavimento térreo é revestido de cantaria, começou a ser construído em 1869 e ficou terminado em 1875. Este edifício é elegante.

Tipografia Nacional. Ergue-se este notável edifício no princípio da rua da Guarda Velha, entre a ladeira de Santo Antônio e o Imperial Teatro D. Pedro II. O seu estilo é o chamado gótico inglês. Nos corpos laterais extremos, formados por dois torreões, veem-se, nos cantos arredondados, nichos ostentando as estátuas de Gutenberg, Fust, Schœffer e Coster, e em baixo os emblemas das artes gráficas e das seções de trabalho do estabelecimento.

O edifício é de grandes dimensões e as suas oficinas são vastas, claras e arejadas. A sua construção, começada a 26 de agosto de 1874, ficou concluída a 31 de dezembro de 1877. Foi delineado e dirigida a execução das obras pelo engenheiro dr. A. de Paula Freitas. Custou ao Estado 1.000:592\$982, incluindo diversas máquinas, móveis e encanamento de gás.

Conhecendo o ministro da fazenda José Maria da Silva Paranhos quanto carecia a Tipografia Nacional de uma casa capaz de prestar-se aos melhoramentos que convinha introduzir no estabelecimento, mandou levantar a respectiva planta e orçamento, organizados pelo engenheiro das obras do seu Ministério. Feitos os trabalhos preliminares indispensáveis para tão importante cometimento,

[142] Ferdinand Pettrich (1798-1872), escultor alemão. Feito Cavaleiro da Ordem de Cristo por suas esculturas.

[143] Grosso modo, em valores atualizados, equivaleria hipoteticamente a pouco mais de 328 milhões de reais, segundo Bruno Diniz (Diniz Numismática). <https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>.

mandou o digno ministro começar a obra no terreno fronteiro em parte pertencente à então Secretaria do Império, junto da qual se achava o escasso edifício da antiga Tipografia na rua da Guarda Velha.

Deixando o visconde do Rio Branco a pasta da Fazenda e retirando-se do Ministério, as obras do novo edifício para a Tipografia foram continuadas pelo novo ministro, o senhor barão de Cotegipe, que chegou a realizar o último *desideratum* relativo à conclusão da casa.

Ao visconde do Rio Branco cabe, pois, a glória de haver lançado a pedra fundamental deste importante e belo edifício, e ao senhor barão de Cotegipe não menos deve o estabelecimento pelo esforço que empregou para o prosseguimento e a final realização da ideia do seu digno antecessor.

No alto do pórtico das oficinas da casa lê-se a seguinte inscrição lapidar:

SOB O REINADO DE S. M. O SENHOR D. PEDRO II,
FOI COMEÇADO ESTE EDIFÍCIO A 26 DE AGOSTO DE 1874,
SENDO MINISTRO DA FAZENDA O VISCONDE DO RIO BRANCO,
CONTINUADO E CONCLUÍDO A 31 DE DEZEMBRO DE 1877,
SENDO MINISTRO DA FAZENDA O BARÃO DE COTEGIPE,
SEGUNDO O PLANO E DIRECÇÃO DO ENGENHEIRO DR. A. DE
PAULA FREITAS.

Em julho de 1878, começou a funcionar a Tipografia no novo edifício.

A Tipografia Nacional é hoje um estabelecimento importante e digno de ser visitado. Possui um arquivo tipográfico, criado pelo senhor Antônio Nunes Galvão, atual diretor, que abrange desde o período da sua fundação. O serviço imenso que assim prestou será o maior padrão de glória para sua administração. Das obras publicadas pela casa não se guardava até então um único exemplar, e agora trata-se de reaver e reunir tudo o que saiu da Imprensa Nacional desde 1808. As obras mais raras e estimadas estão expostas em vitrinas. Há outras vitrinas contendo chapas de cobre e as respectivas gravuras, abertas no estabelecimento nos primeiros anos da sua fundação. Os retratos a óleo do visconde de Cayru e do cônego Januário da Cunha Barbosa, diretores do estabelecimento, ornaram as salas do edifício, e projeta-se aumentar a



Prédio da Imprensa Nacional, edifício que ficava na rua da Guarda Velha, entre a ladeira de Santo Antônio e o Imperial Teatro D. Pedro II. Descrito por Vale Cabral como dotado de estilo gótico inglês. Por Juan Gutierrez, 189?. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

galeria dos demais diretores, principalmente com os retratos do marquês de Maricá, do senador José Saturnino da Costa Pereira, do notável publicista Silvestre Pinheiro Ferreira, do brigadeiro Manuel Ferreira de Araújo Guimarães e do dr. Manuel Antônio de Almeida.

A Tipografia possui uma fundição de tipos e emblemas, e oficinas de estereotipia e galvanoplastia, brochura, encadernação e pautagem. Acha-se aberta das 8 horas da manhã às 4 da tarde.

Paço da Câmara Municipal. Ergue-se este belo edifício na face oriental do Campo da Aclamação, entre as ruas general Câmara e São Pedro. Apresenta três vistosas faces. É notável por sua arquitetura, grandeza e sólida construção.

Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II. Levanta-se em um dos extremos da face ocidental do Campo da Aclamação, entre as ruas general Pedra e senador Pompeu. Consta de dois torresões com três ordens de colunas, sendo as do primeiro pavimento da ordem dórica romana e as dos dois últimos da ordem coríntia; ergue-se entre eles um corpo central, em cuja parte superior se vê um relógio, alumado à noite, sustentado por duas figuras que simbolizam as províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. É elegante e gracioso este pequeno monumento; mas presentemente acha-se muito estragada a sua fachada e quase inutilizadas as duas figuras simbolizando as províncias do Rio de Janeiro e Minas. Há poucos anos foi aumentado o edifício com grandes e espaçosos armazéns, que, entretanto, o crescente tráfego da Estrada vai tornando insuficientes. É precedido de um pequeno jardim de uso público.

Paço da Câmara dos Deputados. No largo da Assembleia, fazendo esquina com as ruas da Misericórdia e de São José. O edifício é isolado, tendo a face principal voltada para o Paço da Cidade. É um quadrado oblongo e não tem arquitetura alguma. Foi em outros tempos Paço Municipal e a Cadeia no tempo colonial.

Externato do Imperial Colégio de D. Pedro II. Situado na rua larga de São Joaquim, esquina da da Imperatriz, estendendo-se até a da Prainha. O edifício é grande e bem construído e acha-se ligado à extinta Igreja de São Joaquim.

O seu salão do bacharelado, que mede 37 metros de extensão sobre 10 metros e 65 centímetros de largura, é digno de ser visitado. O assoalho é um variado espécimen da flora brasileira, pois nele se veem as mais lindas madeiras do Brasil. É obra do senhor Bitencourt da Silva.

Internato do Imperial Colégio de D. Pedro II. Acha-se situado na rua São Francisco Xavier, nº 3.

Escola Politécnica. Ergue-se no largo de São Francisco de Paula, entre as ruas Sousa Franco e Luís de Camões, e estende-se até a travessa da Academia, ficando inteiramente isolado, com a frente voltada para a rua do Ouvidor. A arquitetura deste edifício nada tem de notável e a sua fachada infelizmente carece de elegância.

Escola Militar. Situada em uma grande praça no fim da praia da Saudade, entre os morros da Pedra da Urca e da Babilônia, é um edifício vasto, mas a sua arquitetura nada possui digno de nota. Por detrás do edifício acha-se a praia Vermelha, onde se levanta a fortaleza do mesmo nome, que serve de defesa à entrada da baía e de praça de instrução à mocidade que se dedica à nobre carreira das armas.

A Escola Militar, com o nome de *Real Academia Militar*, foi criada por carta régia do príncipe regente d. João, de 4 de dezembro de 1810, devendo-se a sua existência a d. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, que foi o próprio que delineou o plano para ela. O retrato deste prestante homem de Estado, a quem tanto deve o Brasil, devia ornar o recinto da Escola Militar, na qualidade do seu fundador.



Correio. Levanta-se na rua Primeiro de Março, defronte da rua do Hospício. É isolado, grande e solidamente construído; mas não tem beleza.

Alfândega. Na rua visconde de Itaboraí. Abrange grandes e cômodos edifícios e muitas obras importantes, entre as quais se nota a doca.

A Alfândega do Rio de Janeiro é uma das mais rendosas do mundo e é digna de ser visitada.

Conservatório de Música. Levanta-se na rua Luís de Camões, antiga da Lampadosa, esquina da Leopoldina. O edifício começou a ser construído em 1863 e só ficou terminado em 1872. É pequeno e a sua fachada de estilo pesado. O interior é simples. O seu salão para concertos é grande e tem boas condições de acústica.

A entrada principal, que é voltada para a rua Luís de Camões, abre-se em ocasiões solenes, como concertos, distribuição de prêmios etc. A porta de entrada fica na rua Leopoldina. Acha-se aberto das 9h30 da manhã às 2h da tarde.

É incorporado à Academia de Belas Artes, que lhe fica próximo.

Asilo da Mendicidade. Levanta-se na rua visconde de Itaúna, em frente ao Canal do Mangue. A sua primeira pedra foi lançada pela princesa imperial d. Isabel, então regente do Império, a 6 de agosto de 1876, e inaugurado o edifício a 10 de julho de 1879. Tem este uma bela aparência e divide-se em duas seções iguais, uma para homens e outra para mulheres. Recebe pessoas velhas que não podem mais trabalhar.

Escola Politécnica e estátua de José Bonifácio. Por Marc Ferrez, 1885 circa. Prédio da antiga Escola Politécnica, hoje Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). No centro do largo São Francisco a estátua de José Bonifácio, inaugurada em 7 de setembro de 1872, no aniversário de 50 anos da Independência do Brasil. Na rua Luís de Camões se avista o movimento dos bondes. Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

Secretaria da Agricultura. Na praça D. Pedro II. É o primeiro edifício que por sua beleza chama a atenção do viajante que desembarca no cais Pharoux. Apresenta a forma quadrangular. O plano pertence ao dr. Francisco Pereira Passos. A sua pedra fundamental foi lançada a 7 de setembro de 1871 e, a 20 de janeiro de 1875, instalou-se no edifício a Secretaria da Agricultura; tendo sido primitivamente destinado para a repartição geral do Correio.

Escola pública de São José.^[144] Situada no largo da Mãe do Bispo, esquina da rua dos Barbons. Foi construída pela Câmara Municipal e a sua primeira pedra assentada a 22 de maio de 1871. É de arquitetura gótica pura. Na fachada do edifício, entre quatro estátuas dos evangelistas, colocadas em nichos, veem-se três mostradores de relógio indicando um as horas, outro os dias e o terceiro as fases da lua. Por cima do mostrador das horas acham-se as armas da cidade. Tem na frente um jardim com gradil de ferro.

Escola pública da Glória.^[145] Ergue-se na face setentrional da praça Duque de Caxias, antigo largo do Machado. Foi assentada a sua primeira pedra a 29 de dezembro de 1870 e a 9 de abril de 1875 inaugurado o edifício, que é vasto, sólido e de belo aspecto. O seu estilo é do renascimento e passa como modelo de arquitetura na classe a que pertence. É obra do arquiteto comendador Bitencourt da Silva. Na fachada do edifício veem-se quatro estátuas representando as letras, as artes, o comércio e a indústria. Nele celebram-se as conferências da Glória.

Escola pública de Santa Rita.^[146] Ergue-se este elegante edifício na rua da Harmonia, nº 62. É vasto, sólido, majestoso, posto que singelo. Lançou-se a sua primeira pedra a 17 de fevereiro de 1871 e começou a funcionar a 14 de março de 1877. Passa como um primor de arquitetura e é obra ainda do comendador Bitencourt da Silva.

Presentemente ali funciona o Liceu Industrial e Artístico.

Escola municipal de São Sebastião.^[147] Levanta-se na face ocidental da praça Onze de Junho. A sua pedra fundamental foi lançada solenemente a 4 de abril de 1870. É bem construída e não deixa de ser elegante. Deve-se a S. M., o Imperador, a ideia da fundação desta escola.

Escola pública de Santana.^[148] Em um dos extremos do lado oriental do Campo da Aclamação, entre as ruas de São Pedro e de São Joaquim. Apesar de ser edifício novo, a sua arquitetura é de um gosto pouco agradável.

Escola Normal. Situada na rua do Lavradio esquina da da Relação. Ainda não foi inaugurado o edifício: a instituição tem funcionado no da Escola Politécnica.

Paço do Senado. Situado na face ocidental do Campo da Aclamação, na esquina da rua do Areal. Nada oferece de notável quanto à sua arquitetura. O seu recinto presta-se bem às sessões ordinárias

[144] As escolas mencionadas por Vale Cabral a seguir, até a escola pública de Santana, são conhecidas como “Escolas do Imperador”. A escola de São José foi demolida, em 1920, para a construção do Palácio Pedro Ernesto, atual sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

[145] A escola ainda existe, no bairro largo do Machado, sob o nome Colégio Estadual Amaro Cavalcanti.

[146] Localiza-se hoje na rua Pedro Ernesto, no bairro da Gamboa. Abriga o Centro Cultural José Bonifácio, sob administração da Prefeitura do Rio de Janeiro.

[147] Inaugurada em 1872 e demolida em 1938 para a abertura da avenida Presidente Vargas.

[148] O prédio está localizado hoje na avenida Presidente Vargas, nº 1.314, quase em frente ao Campo de Santana. Abriga a Escola Municipal Rivadávia Corrêa.

do Senado, mas é acanhado para as de abertura e encerramento do parlamento e quando há fusão das duas câmaras.

Museu Nacional.^[149] Ergue-se na face oriental do Campo da Aclamação, esquina da rua da Constituição. Tem uma extensa fachada, mas a sua arquitetura nada oferece de notável. No corpo central do edifício ocorre a seguinte inscrição lapidar:

JOANNES. VI.
REX. FIDELISSIMUS
ARTIUM. AMANTISSIMUS
A FUNDAMENTIS EREXIT
ANO. D. MDCCCXXI.

O edifício, apesar de grande, já se ressentia da falta de espaço para as suas numerosas e importantes coleções de história natural. Pode ser visitado em qualquer dia, exceto às quintas-feiras. Aos domingos a exposição do estabelecimento é pública.

Biblioteca Nacional. Acha-se situada no largo da Lapa, nº 48. Começou a funcionar neste edifício, que é hoje acanhado, a 5 de agosto de 1858. A sua arquitetura nada oferece de especial, tendo sido o edifício construído para residência particular.

No saguão veem-se as estátuas de D. Pedro I e de D. Pedro II. A primeira é de mármore, feita na Itália por Benaglia, discípulo de Canova, à expensas do visconde da Pedra Branca e do comendador José Marcelino Gonçalves, que a ofereceram, em 1830, para ser assentada na sala pública de leitura. A de d. Pedro II é de gesso, e é trabalho de Fernando Petrich e filhos, executado, em 1855, e oferecido pelos autores à Biblioteca.

Em frente ao primeiro lance da escada acha-se em um nicho o busto em mármore branco de D. João VI, o fundador da Biblioteca.



Antigo prédio da Biblioteca Nacional, no largo da Lapa, nº 48. Fachada. A instituição começou a funcionar neste edifício em 05 de agosto de 1858. Em 1910, a Biblioteca passa a ter seu prédio sede no endereço atual, na avenida Rio Branco. Por Antonio Luiz Ferreira. Biblioteca Nacional (Brasil). 1902. Acervo da Biblioteca Nacional.

[149] O prédio original localiza-se na praça da República, nº 26. Abriga hoje o Museu da Casa da Moeda do Brasil.

Na sala de leitura, ao fundo, vê-se o busto em bronze do falecido bibliotecário fr. Camilo de Montserrat, oferecido ao estabelecimento por João Batista Calógeras.

Esta Biblioteca, que é o primeiro estabelecimento deste gênero no Império pelo elevado número de volumes e pelas preciosidades bibliográficas e artísticas que encerra, deve-se ao príncipe regente d. João, que passando-se de Portugal ao Brasil em 1807, trouxe consigo a Real Biblioteca da Ajuda, formada por d. José I para substituir a antiga Biblioteca Régia, devorada no incêndio subsequente ao terremoto de Lisboa de 1º de novembro de 1755.

Em 1811, foi ela franqueada às pessoas que obtinham licença prévia do príncipe regente, e foram encarregados do seu arranjo e conservação os padres fr. Gregório José Viegas e Joaquim Damaso, os quais organizaram em manuscrito um excelente e precioso catálogo dos livros. Declarada a independência do Brasil, teve de entrar a Biblioteca no ajuste de contas com Portugal como propriedade da casa real; e o governo brasileiro, ansioso de guardar um estabelecimento por demais precioso ficou com a *Real Biblioteca*, pagando por ela, segundo se diz, cerca de 400 contos de réis. Até 1858, a Biblioteca funcionou na rua do Carmo, passando-se para o atual edifício na data acima referida.

A Biblioteca Nacional, que possui perto de 200 mil obras, é riquíssima de livros antigos, preciosos pela sua extrema raridade, sobretudo nas coleções que dizem respeito aos clássicos, história antiga portuguesa e espanhola, direito e teologia. Possui clássicos de edições antiquíssimas bem difíceis de se depararem hoje no mercado da Europa. Dos clássicos da edição Elzevieriana, tão estimada e requestada pela sua correção e que conta várias monografias especiais; possui a Biblioteca uma coleção quase completa.

É fértil em edições de quase todos os primeiros tipógrafos de Veneza, Basileia, Leyden, Antuérpia, Milão, Amsterdã, Nuremberg, Roma, Paris, Lisboa, Évora, Madri etc. Assim, possui edições aldinas, platinianas, elzevierianas, dos Estevãos, bodinianas, justines etc.

É extraordinário o número de incunábulo que possui a Biblioteca, isto é, livros impressos até 1536, segundo Panzer. A maior preciosidade, porém, de todos os paleotipos que encerra em seu seio, é a Bíblia latina de Fust e Schœffer de Mogúncia, impressa em 1462, em pergaminho, em dois grossos volumes; acresce ainda que dessa obra possui dois belos exemplares. É a primeira edição da Bíblia que traz uma data certa.

Entre outras muitas obras conserva a Biblioteca: a edição de *D. Quixote*, de Cervantes (Madri, 1797-1798), feita por Pellicer, impressa em pergaminho e enriquecida de numerosas gravuras, e cuja tiragem foi de apenas sete exemplares; a Bíblia em língua espanhola, de 1553, conhecida sob o nome de *Bíblia dos Judeus* ou *Bíblia de Ferrara*, que é raríssima e estimada; a Bíblia poliglota hebraica, chaldaica, grega e latina, de Ximenes, impressa de 1514 a 1517, em seis volumes de fólio.

Possui mais uma ampla coleção *Camoneana*, contando entre as edições dos *Lusíadas* a primeira de 1572, em perfeito estado de conservação; uma rica coleção das edições da *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e outra coleção das obras do padre José Agostinho de Macedo.

O estabelecimento divide-se em três seções, de impressos e cartas geográficas, de manuscritos e de estampas.

A seção de manuscritos encerra muitas curiosidades de alto valor, em pergaminho e em papel, grande cópia de crônicas, memórias e documentos, principalmente relativos ao Brasil, muitos autógrafos, cartas geográficas, desenhos etc. A maior curiosidade da seção, porém, é uma Bíblia latina de

1300, escrita em caracteres microscópicos sobre finíssimas folhas de pergaminho. Também é precioso o registro das cartas que Anchieta, Nóbrega e outros jesuítas das primeiras levas mandadas ao Brasil dirigiram de 1549 a 1568 ao geral da ordem em Lisboa.

A seção de estampas é de valor extraordinário, possuindo muitos desenhos originais de grandes mestres e mais de 30 mil estampas, milhares das quais pertencem aos mais famosos mestres de todas as escolas. Encerra as conhecidas coleções de Barbosa Machado e a *Araujense*, do conde da Barca, em 125 volumes de fólio grande, constando esta do *Grande Teatro do Universo*, e das *Antiquidades Romanas*, que são as únicas do seu gênero no mundo. Na respectiva seção acham-se expostas: as cinco famosas batalhas de Alexandre Magno, pintadas por Carlos Le Brun, gravadas a água-forte e retocadas a buril por Gerardo Audran e Gerardo Edelinck, de 1661 a 1678; o retrato de Luís XIV a cavalo, conhecido pelo nome de *Tese da Paz*, gravado por Gerardo Edelinck em 1674; a *Destruição de Jerusalém*, gravado por Merz, segundo Kaulbach; o *Hemiciclo do Palácio das Belas Artes* em Paris, gravado por Henriquel-Dupont, segundo Paulo de Laroche; e o *Panorama circular do Rio de Janeiro*, gravado a água-tinta por Frederico Salathé.

Possui uma coleção numismática que, apesar de começada há cerca de dois anos, é já bastante rica. Entre as moedas brasileiras do tempo colonial conta algumas notáveis, já pela sua extrema raridade, já por outras circunstâncias apreciadas pelos colecionadores, sem de falar das estrangeiras, tanto antigas como modernas, dignas de apreço, sobretudo pelo seu valor extrínseco.

A 10 de junho de 1830, por ocasião das festas do tricentenário da morte de Camões iniciadas pelo Gabinete Português de Leitura, realizou uma Exposição Camoneana, publicando na mesma ocasião o respectivo catálogo.

A Biblioteca Nacional ainda efetuou, a 2 de dezembro de 1881, uma *Exposição de História do Brasil*, publicando no dia da abertura um volumoso catálogo dos livros e mais objetos expostos, primeiro ato dessa natureza que jamais se realizou. Neste rico repositório de indicações úteis encontrarão os especialistas as obras e estampas raríssimas, que dizem respeito ao Brasil, possuídas pela Biblioteca.

A Biblioteca Nacional, durante a administração do senhor dr. B. F. Ramiz Galvão, foi enriquecida de obras muito preciosas e raras, sobretudo das que tratam da história e da geografia da América Meridional. À Biblioteca e ao mesmo tempo às letras brasileiras prestou o dr. Ramiz Galvão os mais relevantes serviços. Reimprimiu, em 1871, a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira; organizou, em 1874, uma comissão de catálogos dos livros do estabelecimento; cuidou da reforma da Biblioteca em 1876; fundou neste mesmo ano os seus *Anais*, por cuja publicação se desvelava; escreveu uma interessante monografia sobre a coleção bibliográfica de Barbosa Machado; reimprimiu a *Arte da língua Kiriri*, do padre Mamiani; imprimiu a tradução em língua guarani da *Conquista espiritual*, de Montoya, traduzida do guarani para o português pelo proficiente dr. Batista Caetano e o *Vocabulário das palavras guaranis* usadas na referida obra, composto pelo mesmo dr. Batista Caetano; deu os dois primeiros tomos do *Catálogo dos manuscritos* da Biblioteca, o *Catálogo da Exposição Camoneana* e o da *Exposição de História do Brasil*, para cuja exposição, que foi coroada do melhor êxito, trabalhou com a mais invejável dedicação. Enfim, a Biblioteca Nacional muito deve ao seu ex-bibliotecário e no estabelecimento deixou ele gravado em letras indeléveis o seu nome.

Liceu de Artes e Ofícios. Ergue-se na rua da Guarda Velha, defronte da Tipografia Nacional e do Imperial Teatro D. Pedro II. Fundou-se, a 23 de novembro de 1856, por iniciativa e esforços do

senhor F. J. Bitencourt da Silva. Inaugurado no consistório da matriz do Sacramento, como complemento à Sociedade Propagadora das Belas Artes^[150], passou-se depois para igreja abandonada São Joaquim, onde funcionou por 19 anos. A 3 de setembro de 1870, mudou-se para o atual edifício, que antes servira de Secretaria do Império. Este edifício dispõe de vastas salas para o ensino gratuito do desenho de figuras, de ornatos, de arquitetura civil e naval, de máquinas, caligrafia, matemática, geografia e outras disciplinas indispensáveis a um perfeito operário; e acha-se em condições de dar a instrução a mais de mil pessoas. O Liceu ainda hoje é dirigido pelo seu benemérito fundador. Possui um gabinete de física e um laboratório de química, dispostos a auxiliar praticamente as ciências que a instituição com ardor propaga.

Anexo ao Liceu fundou ultimamente ainda o senhor Bitencourt da Silva aulas para o sexo feminino, em que se ensinam as matérias e artes próprias àquele sexo. A estas aulas, o dr. Luís Guimarães Júnior, que assistira à sua inauguração, a 11 de outubro de 1881, belamente denominou *A Nova Legião*.

O liceu de Artes e Ofícios é digno de ser visitado. As suas aulas funcionam das 6 às 10 horas da noite.

Palácio Episcopal.^[151] No cimo do morro da Conceição. É grande e serve de residência ao bispo diocesano e capelão-mor. No edifício ergue-se a capela da Conceição, onde repousam alguns dos preladados que empunharam o báculo fluminense.

Seminário Episcopal de São José.^[152] Na ladeira do Seminário, largo da Mãe do Bispo, na rampa que dá também acesso para o morro do Castelo. Foi fundado pelo bispo d. fr. Antônio de Guadalupe a 3 de fevereiro de 1739. É consagrado especialmente aos que se destinam ao estado eclesiástico. No exterior só se vê um grande portão e em seguida um renque de palmeiras: ao fundo fica o edifício em uma pequena elevação, na vertente austral do morro do Castelo.

Aumentou-lhe um corpo central, na direção do morro, monsenhor Silveira, depois bispo do Maranhão, falecido arcebispo da Bahia.

Nele cursaram aulas preparatórias muitas das sumidades políticas, científicas e literárias do país, como Sales Torres Homem, Félix Martins, Gonçalves de Magalhães e outros.

Gasômetro.^[153] Levanta-se na rua senador Eusébio, ocupando um espaço de 23.435 metros quadrados, entre as ruas do Porto, D. Feliciano e general Pedra. O edifício é vasto e mede a sua fachada 800 palmos, lendo-se nela o dístico *Ex fumo dare lucem*. Ergue-se sobre o corpo central uma torre com um relógio, que tem quatro mostradores de 10 palmos de diâmetro cada um, e que são iluminados à noite.

A cidade começou a iluminar-se a gás a 25 de março de 1854.

Defronte da fábrica passa o Canal do Mangue, que se estende da praça Onze de Junho, dos fundos da escola municipal de São Sebastião, até a ponte do Aterrado, em uma extensão de 600 braças mais ou menos.

[150] Fundada, em 1856, com o fim de promover a formação técnica nas diversas áreas das artes.

[151] Também conhecido como Palácio da Conceição, atualmente é ocupado pelo Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército.

[152] O complexo do seminário foi destruído em 1904.

[153] O prédio ainda existe na avenida Presidente Vargas, nº 2.610. Foi a sede da Companhia Estadual de Gás do Rio de Janeiro. É tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/Inepac.

Laboratório Químico-farmacêutico, anexo ao Hospital Militar. Na rua dos Barbonos, nº 29. Destaca-se pela sua forma exterior dos edifícios particulares que lhe ficam aos lados. Foi concluído em 1881.

Arsenal de Guerra. Na rua do Trem, esquina do largo do Moura, é um estabelecimento importante e digno de ser visitado. Ali encontram-se oficinas de instrumentos matemáticos, de obra branca, de torneiros maquinistas, latoeiros, funileiros, ferreiros, serralheiros, correeiros, pintores, carpinteiros, alfaiates, sapateiros e gravadores. Possui uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição; nela esteve exposto o cadáver do general Osório, antes de ser transportado para o Asilo de Inválidos da Pátria^[154], onde jaz.

Arsenal de Marinha. Estende-se da rua visconde de Inhaúma à praça Vinte e Oito de Setembro, circulando o morro de São Bento, do fim da rua Primeiro de Março até aquela praça. O portão de entrada abre-se no fim da referida rua Primeiro de Março, à direita. Ali se acham a Escola de Marinha, a Escola Naval, a Secretaria de Estado da Marinha etc. Possui uma capela consagrada a São João Batista.

Quartel-general.^[155] Ocupa toda a face setentrional do Campo da Aclamação e mede 281,6 metros de comprimento, sobre 320,1 de fundo. Serve de aquartelamento militar e nele se acha a Secretaria do Ministério da Guerra. Como se vê pelas suas dimensões, a fachada do edifício é enorme, mas sem arquitetura. No interior abre-se uma grande área, que serve para ligeiros exercícios da tropa.

Quartel do Corpo Policial. Na rua Evaristo da Veiga, antiga dos Barbonos, na encosta do morro de Santo Antônio. É grande, mas sem arquitetura. Foi no tempo colonial um hospício de monges, ampliado depois. Ao fundo da entrada ergue-se a elegante capela, de estilo gótico abastardado, consagrada a Nossa Senhora das Dores, para os oficiais e soldados ouvirem missa.

Casa de Correção. Na rua Conde d'Eu. Ocupa grande espaço, com vastos edifícios. É segundo o sistema de Auburn. Os penitenciários trabalham e há oficinas de carpinteiros, alfaiates, canteiros, sapateiros, marceneiros, entalhadores, torneiros, funileiros, tanoeiros, ferreiros, encadernadores, correeiros, marmoristas, de onde têm saído artefatos que abonam as ditas oficinas.

Supremo Tribunal de Justiça. Na rua do Lavradio, nº 62, esquina da rua da Relação. A arquitetura do edifício nada oferece de notável.

Estação marítima da Gamboa.^[156] Na rua da Gamboa, nº 149. É a Estação marítima da Estrada de Ferro D. Pedro II, tendo um ramal que se comunica com a estação central no Campo da Aclamação por um túnel que corta o morro da Providência.

Praça de Mercado. Acha-se situada na praça D. Pedro II, entre a rua do Mercado e a praça das Marinhas, estendendo-se até a rua do Ouvidor. É quadrangular. Por cima do portão de entrada da face voltada para a praça D. Pedro II lê-se: *A Câmara Municipal a mandou fazer em 1835*. Abre-se ao romper do dia e fecha-se às 10 horas da noite.

[154] Foi criado, em 1868, na ilha do Bom Jesus, para atender aos veteranos da guerra do Paraguai. O complexo se localiza na ilha do Fundão, na cidade universitária da UFRJ, e pertence ao Exército (Santuário Militar Bom Jesus da Coluna).

[155] O prédio original foi demolido. Em seu lugar foi construído o Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste.

[156] Localizada no bairro da Gamboa, foi inaugurada em 1880 para armazenamento de cargas. Alguns edifícios dos armazéns, construídos no início do século XX, ainda existem atualmente. O local da antiga estação abriga hoje a Vila Olímpica da Gamboa e a Cidade do Samba. O túnel mencionado por Vale Cabral ainda existe e é usado pela linha do VLT Carioca.

Monte Pio Geral dos Servidores do Estado. Levanta-se este bom edifício na travessa das Belas Artes, nº 3. O pavimento térreo é todo revestido de cantaria. O seu aspecto exterior é agradável e ainda mais o seria se porventura não estivesse situado em uma estreita travessa.

Necrotério. Levanta-se no largo do Moura, do lado do mar. É destinado para depósito de cadáveres humanos encontrados nas ruas e praias. A sua pedra fundamental foi lançada a 26 de fevereiro de 1872 e ficou concluído no mesmo ano. É de estilo gótico. Nas faces laterais do pequeno edifício veem-se dois painéis em alto relevo que representam o do lado esquerdo de quem entra o enterramento e o do lado direito a ressurreição de Jesus Cristo, e nos ângulos quatro anjos trabalhados em barro cozido. Orna a sala principal do interior a imagem de Nossa Senhora da Piedade em um nicho em frente à entrada. Nesta sala há quatro mesas de mármore para se exporem os cadáveres. Ao fundo do edifício, que é circulado de ciprestes, abre-se um cais e uma escadaria para desembarque de cadáveres encontrados no mar.

Desde a sua fundação tem recebido 1.865 cadáveres. Acha-se aberto das 6 horas da manhã às 6 da tarde, mas os cadáveres são recebidos a qualquer hora.

Instituto dos Meninos Cegos. Na praia da Saudade, pouco além do Hospício de Pedro II. Acha-se ainda em construção e ficará um edifício verdadeiramente monumental quando terminado “para abrigar e suprir com a luz do espírito a esses míseros”, diz o dr. Teixeira de Mello, “condenados desde o berço a uma noite eterna, e tanto mais dignos de compaixão e de amparo quanto em nada concorreram para a desgraça que os punge”.

O edifício em que se acham provisoriamente está situado no Campo da Aclamação, nº 17 e a sua arquitetura nada possui de notável. Visita-se o Instituto às quintas-feiras.

Instituto dos Surdos-Mudos. Acha-se situado na rua das Laranjeiras, nº 60.

Recolhimento das órfãs de Santa Teresa.^[157] Situado na rua do Hospício de Pedro II, em Botafogo. Foi fundado, em 1852, para asilo de meninas pobres, cuja admissão se não possa verificar no Recolhimento das órfãs da Santa Casa da Misericórdia. A pedra fundamental do edifício foi lançada a 15 de outubro de 1873. É grande e só possui um pavimento. Na sua frente admiram-se muitas palmeiras.

Asilo de Santa Maria. Na rua Itapemirim, em Botafogo. Serve hoje para a lavagem da roupa dos doentes do Hospital da Misericórdia.

Imperial Hospital dos Lázaros.^[158] Acha-se situado sobre uma colina, em São Cristóvão, dominando parte da baía. Para admissão de qualquer enfermo não carece outra formalidade além da declaração do médico de que está afetado do mal de São Lázaro. Foi fundado pelo conde da Cunha, sendo-lhe concedido o edifício, que pertencia aos expulsos jesuítas, pela resolução régia de 31 de janeiro de 1765. O benemérito fundador deu estatutos ao Hospital a 17 de fevereiro de 1766. A administração foi desde então confiada à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária pelo bispo d. fr. Antônio do Desterro.

Quem teve a primeira ideia da fundação deste hospital foi Martim de Sá.

Ornam o estabelecimento os retratos a óleo do conde da Cunha e daquele bispo, inaugurados solenemente a 23 de maio de 1880.

[157] O complexo ainda existe, na rua general Severiano. Atualmente abriga uma escola privada.

[158] Hoje é conhecido como Hospital Frei Antônio. Localiza-se na rua Inhomirim, nº 37.

Asilo dos meninos desvalidos.^[159] Acha-se situado no antigo palacete Rudge, em Vila Isabel, dentro de extensa chácara.

Asilo dos Voluntários da Pátria. Ergue-se este edifício na ilha do Bom Jesus, dentro da baía do Rio de Janeiro. É vistoso e possui grandes e excelentes acomodações. Foi inaugurado a 29 de julho de 1868. Do Arsenal de Guerra partem todos os dias escaler para este estabelecimento, sendo nos dias úteis de manhã às 7h e à tarde às 3h; e nos domingos e dias santos de manhã às 7h e à tarde às 2h. Neste edifício acha-se estabelecido o Museu Militar.

Ali repousam os restos mortais do bravo general Osório, marquês do Herval.

Oficinas da Estrada de Ferro D. Pedro II. Levantam-se no Engenho de Dentro, subúrbio cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II. O edifício principal é bem construído e possui uma fachada de magnífica aparência; precede-o um belo jardim arborizado com gosto. É um estabelecimento muito importante.

Laboratório Pirotécnico do Campinho. Situado a 15 quilômetros da cidade e à pouca distância da estação de Cascadura, na Estrada de Ferro D. Pedro II, com a qual se comunica pela linha de carris de ferro de Jacarepaguá. Fabrica munições e artifícios bélicos de toda a espécie para o exército e as fortalezas do Império.

e) Edifícios de associações

Banco do Brasil. Ergue-se na rua da Candelária, entre as do Hospício e da Alfândega. É um grande palacete, de boa arquitetura, vistoso, solidamente construído e à prova de fogo, para sede do mais importante estabelecimento de crédito do Império. Risco de Araújo Porto-Alegre, depois barão de Santo Ângelo, só ultimamente se concluiu a parte direita da sua fachada, toda construída de pedra lavrada do país. Ainda se trabalha no interior dessa parte.



Ilha do Bom Jesus. Igreja do Bom Jesus da Coluna e, ao lado, o Asilo dos Voluntários da Pátria. Por Augusto Malta. Acervo da Biblioteca Nacional.

[159] Fundado em 1875, localiza-se no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em Vila Isabel. Abriga o Colégio Estadual João Alfredo e foi tombado em 2018.

Praça do Comércio. Levanta-se na rua Primeiro de Março, junto ao edifício do Correio. Acha-se em construção. A sua fachada, que é quase toda de granito, virá a ficar uma obra monumental e digna do notável comércio da primeira praça do Brasil.

Banco Comercial do Rio de Janeiro. Na rua Primeiro de Março, nºs 59 e 61, esquina da general Câmara. Elegante edifício, de sólida construção e todo de cantaria. Ainda não está terminado.

The New London & Brazilian Bank, Limited. Na rua da Candelária, esquina da Alfândega. É todo revestido de cantaria e possui uma excelente casa-forte subterrânea, à prova de fogo. Foi primitivamente construído para o extinto Banco Alemão.

Gabinete Português de Leitura. Na rua Luís de Camões, em frente à travessa da Academia. Acha-se em construção e será de estilo manuelino. A sua pedra fundamental foi posta com toda a pompa e solenidade a 10 de junho de 1880, dia do tricentenário da morte de Luís de Camões, cuja comemoração, promovida pelo *Gabinete Português*, está fresca na memória desta capital.

Congresso Ginástico Português. Na rua do Núncio, nº 25 A. Elegante edifício, concluído em 1876.

Novo Cassino Fluminense. Levanta-se na rua do Passeio, nº 46. A sua grande fachada nada possui de notável. É digno porém de ver-se o seu vasto e rico salão, circulado por uma alta galeria, de onde, nas ocasiões próprias, se goza de um belo golpe de vista animada pelo torvelinho das valsas e o cadenciado das clássicas quadrilhas. É frequentemente honrado com a presença de SS. MM. e AA. II.

Grande Oriente do Brasil.^[160] Na rua do Lavradio, nº 83. É o chamado Vale do Lavradio. Na parte superior da fachada do edifício vê-se, como emblema da ordem, um pelicano dourado entre raios igualmente dourados. O edifício é precedido por um adro com gradil de ferro, tendo no centro um portão.

Grande Oriente Unido do Brasil. Acha-se situado na rua dos Beneditinos, nº 22. É o chamado Vale dos Beneditinos. Exteriormente confunde-se com as demais casas da rua, construídas todas pelo mesmo risco.

Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.^[161] Situado na fralda do morro de Santo Antônio, tendo a sua frente voltada para o largo da Carioca. O edifício é quadrangular e espaçoso. O portão de entrada acha-se ao lado esquerdo de quem olha para o edifício, próximo ao chafariz da Carioca: sobre as suas duas pilastras de granito, vêm-se as estátuas da Fé e da Caridade, tendo dez palmos de altura.

À esquerda da escadaria que dá acesso ao hospital acha-se um estabelecimento balneário, perfeitamente montado e onde os irmãos doentes, dentro ou fora do hospital, recebem todo o tratamento hidroterápico moderno: foi inaugurado a 17 de setembro de 1882.

A quem olha para o alto da entrada deste hospital chama logo a atenção uma coluna que se ergue prazenteira e elegante. É um monumento levantado à memória de Luís de Figueiredo e sua mulher d. Antônia Carneiro, fundadores da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro em 1619. Foi inaugurado a 9 de julho de 1876. A coluna é de mármore branco de Lisboa, ostentando no ápice as armas da Ordem e nas quatro faces do pedestal ocorrem inscrições apropriadas.

[160] Hoje é conhecido como Palácio Maçônico do Lavradio e está localizado na Rua do Lavradio, nº 97.

[161] O hospital foi demolido em 1906.

Hospital da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula.^[162] Situado ao lado esquerdo de quem olha para a igreja de São Francisco de Paula, no largo do mesmo nome. A sua face principal, porém, está voltada para a travessa de São Francisco de Paula, ocupando-a toda.

A arquitetura deste edifício nada tem de notável. Ultimamente prepara-se ao lado direito da igreja um estabelecimento hidroterápico para uso dos enfermos tratados no hospital.

Hospital da Beneficência Portuguesa. Acha-se situado na rua Santo Amaro, nº 24. Foi colocada a sua primeira pedra a 19 de dezembro de 1853; a 16 de setembro de 1858, inaugurou-se o edifício e, a 7 de janeiro de 1859, foram as suas portas abertas aos enfermos. É um elegante e bem construído edifício, dividido em dois grandes corpos. Possui uma linda capela consagrada a São João Batista. No meio da dupla escadaria que conduz ao hospital vê-se a estátua de São Roque.

Hospital de Nossa Senhora do Monte do Carmo.^[163] Situado na rua do Riachuelo, nº 23. Foi lançada a sua primeira pedra a 15 de outubro de 1866 e inaugurou-se o edifício a 24 de junho de 1870.

É vasto e obedece aos preceitos da higiene.

Hospital da Ordem Terceira do Senhor Bom Jesus do Calvário.^[164] Acha-se situado ao lado da igreja do Bom Jesus, na rua general Câmara. O seu aspecto nada apresenta de notável. Entretanto, o edifício presta-se bem aos fins do seu instituto.

Asilo de Caridade da Ordem Terceira da Imaculada Conceição.^[165] Ergue-se na rua general Câmara, nº 182. É bem construído e de bela aparência. No alto do edifício ostentam-se três estátuas, representando a do centro, que é a maior, a caridade, e as outras duas, a esmola e a instrução, simbolizadas por dois meninos, um com um prato pedindo o óbolo do visitante e o outro lendo em um livro.

Colégio da Imaculada Conceição.^[166] Na praia de Botafogo, nº 120. Para o sexo feminino. Pertence à Associação de São Vicente de Paula e é dirigido pelas irmãs da Caridade. É grande este edifício, mas nada oferece de notável a sua arquitetura. Acomoda 200 meninas.

Fica-lhe contíguo um grande edifício, também dirigido por irmãs da Caridade, destinado a viúvas, mediante módica retribuição.

Escritório da Companhia City Improvements (*esgotos*). Ergue-se este pequeno, mas muito elegante edifício na rua Santa Luzia, nº 37, entre a travessa do Desembargador Viriato e a praça D. Constança: deita para o mar. É de estilo gótico inglês, chamado Elisabeth.

Estabelecimento da Companhia City Improvements. Acha-se situado no fim da rua Primeiro de Março, à esquerda, na base do morro de São Bento. É de arquitetura rústica. Torna-se notável a chaminé que possui, não só pela sua solidez e elegância, como pela sua grande elevação.

[162] A igreja ainda existe no largo de São Francisco, próximo do prédio do IFCS da UFRJ. O hospital não existe mais.

[163] O hospital ainda existe, funcionando agora na rua do Riachuelo, nº 43.

[164] Foi demolido com a Igreja do Bom Jesus para a abertura da avenida Presidente Vargas.

[165] Criado em 1782, é considerado o primeiro asilo de idosos fundado no Brasil. Foi demolido para a abertura da avenida Presidente Vargas.

[166] Ainda existe, mas o prédio não é mais o original mencionado por Vale Cabral.

f) Edifícios particulares^[167]

Palacete do barão de Nova Friburgo.^[168] Eleva-se na rua do Catete, na parte denominada *largo do Valdetaro*, fazendo esquina com a rua Bela do Príncipe. É suntuoso e o mais rico dos edifícios particulares do Rio de Janeiro. Todo o trabalho artístico da sua construção foi executado com bastante primor, vendo-se no edifício interna e externamente estátuas, esculturas, ornatos em metal e pinturas. Custou elevada soma ao seu fundador, o falecido barão de Nova Friburgo. Este palacete é monumental e vistoso, mas por ficar na esquina de uma rua nota-se nele uma falta de elegância, que de certo deveria ter se porventura estivesse erguido no centro de uma área vasta e cuidadosamente arborizada. Diz-se, contudo, que o edifício atual devia ser um dos três corpos de todo o palácio, dois salientes, um dos quais seria este, e o do meio reentrante.

Uma das suas salas, chamada *salão chinês*, é artística e pacientemente feita de fragmentos de madeira, e da sala em que se fuma depois do jantar só a mobília, encrustada de prata, custou uma grande soma.

Este esplêndido prédio, que atualmente pertence aos senhores visconde de São Clemente e 2º barão de Nova Friburgo, filhos do fundador, custou mais de mil contos de réis. Ao lado do edifício vê-se um gradil de ferro assentado sobre um parapeito de granito e dentro um jardim que quebra um tanto a monotonia do magnífico palacete.

Palacete do barão do Passeio^[169], depois visconde do Rio Comprido. Situado na rua do Passeio, esquina da das Marrecas. Foi mandado construir, em 1818, pelo tenente-general José de Oliveira Barbosa, depois barão do Passeio e visconde do Rio Comprido, por insinuação de d. Pedro I. O plano e execução da obra devem-se ao célebre arquiteto francês Grandjean de Montigny. Pertence atualmente ao senhor comendador José Thomás de Oliveira Barbosa, filho do fundador. De presente serve este edifício de hospedaria e por isso vai se arruinando cada dia e perdendo a sua beleza primitiva. Reparado convenientemente seria uma residência fidalga.

Palacete Cornélio.^[170] Situado na rua do Catete, nº 2. Foi construído, em 1862, pelo rico capitalista João José Ribeiro e Silva, conhecido pelo apelido Ribeirinho, sendo italiano o seu arquiteto, como se vê logo pelo estilo que apresenta a fachada. Admira-se neste edifício, que consta de um único pavimento, o bem acabado das obras. Possui na sala de visitas pinturas murais históricas, entre elas a passagem de Humaitá. Hoje é de propriedade do senhor João Martins Cornélio dos Santos, que nele reside, e trouxe da Itália uma primorosa estátua de mármore denominada *Le prime rose*, devida ao cinzel de hábil artista.

Palacete Fialho. Na rua Fialho, nº 2. É elegante e artístico.

Palacete do barão de Mesquita.^[171] Acha-se situado na rua São Francisco Xavier, esquina da barão de Mesquita, na encosta do morro da Pedra da Babilônia. É elegante, de belo efeito e ricamente

[167] Alguns dos palacetes mencionados a seguir por Vale Cabral não existem mais.

[168] Hoje conhecido como Palácio do Catete. Abrigou os presidentes da República de 1896 até a transferência da capital para Brasília, quando foi transformado em Museu da República.

[169] O edifício não existe mais.

[170] Ainda existe no bairro da Glória. Apesar da mobilização dos moradores do bairro, o palacete se encontra abandonado e em mau estado de conservação.

[171] O complexo pertence ao Colégio Militar do Rio de Janeiro e é atualmente conhecido como Palacete Babilônia.

ornamentado. A imensa pedra que se ergue prazenteira ao fundo do edifício dá-lhe um aspecto encantador. O portão da entrada principal fica voltado para a rua Duque de Saxe. Foi mandado construir pelo falecido marquês de Bonfim.

Novo palacete do barão de Mesquita. Na rua Haddock Lobo, nº 73. O interior é bem ornamentado. Propriedade do barão de Mesquita, onde reside.

Palacete do conde de Itamaraty.^[172] Na rua larga de São Joaquim, nº 154. É rico em ornatos e obras de mármore e foi construído segundo um risco vindo da França.

Palacete Mauá.^[173] Situado na rua do Imperador, esquina da São Cristóvão. O interior deste edifício é ricamente ornamentado e possui excelentes pinturas murais. O parque que o circunda é de bastante beleza. É de propriedade do senhor visconde de Mauá, tendo pertencido antes à Marquesa de Santos.

Palacete do Dr. Silvino de Almeida. Acha-se situado na rua do Viana, nº 17, em São Cristóvão. É elegante e bem construído. Circunda-o um bem delineado jardim, ornado de cascatas e lagos.

Palacete Diogo Velho. Situado da rua senador Vergueiro, nº 40. É de propriedade do senhor senador Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, que nele reside. Foi edificado pelo arquiteto italiano Pedro Bosio, que o delineou. É muito elegante.

Palacete Marquês de Abrantes.^[174] Situado na praia de Botafogo, esquina da rua marquês de Abrantes. É o antigo palacete da rainha d. Carlota; passando depois a pertencer a d. Pedro I, foi, por seu passamento, comprado por 47 contos pelo marquês de Abrantes, que nele residiu por longos anos. Hoje pertence ao senhor Barão do Catete e visconde Silva. Junto a este palacete, na face da rua marquês de Abrantes, ergue-se a capela da Piedade, de estilo gótico, fundada pelo marquês. Em frente ao palacete vê-se uma fila de árvores de muita beleza.

Palacete do barão de Itambi. Na praia de Botafogo, nº 86. Pertence hoje aos herdeiros. Deita fundos para a rua daquele nome.

Palacete do visconde de Pirapitinga. Situado na praia de Botafogo, nº 104 A. São três edifícios apresentando o aspecto de um só. Tem elegância e gosto.

Palacete do visconde de Tocantins. Na praia de Botafogo, nº 106. Os jardins dependentes do palacete vão até a encosta da montanha.

Palacete da viúva Marcondes. Na praia de Botafogo, nº 154, esquina da rua d. Carlota. É talvez a primeira residência particular daquela praia em gosto, elegância interna e externa e boa distribuição de toda ela.

Palacete Steele. Na praia de Botafogo, esquina da rua Voluntários da Pátria. A sua disposição interna e externa afasta-se do comum das outras edificações.

Palacete do barão de Alegrete.^[175] Na praia de Botafogo, nº 172. Atualmente é ocupado pelo Colégio de São Pedro de Alcântara. As salas principais contêm pinturas a fresco de valor artístico e os seus jardins e dependências vão até a rua Bambina.

[172] O palacete mencionado por Vale Cabral não existe mais. No entanto, há outro palacete pertencente ao conde de Itamaraty que se localiza no Alto da Boa Vista, na Floresta da Tijuca. O prédio está abandonado.

[173] Hoje é conhecido como Casa da Marquesa de Santos. É tombado pelo Iphan e já abrigou o Museu do Primeiro Reinado.

[174] O palacete foi demolido nos anos 1950.

[175] O edifício foi demolido no século XX. Nele funcionaram tradicionais colégios do Rio de Janeiro.



g) Chafarizes

Chafariz da praça D. Pedro II.^[176] É um dos primeiros monumentos que chama logo a atenção do viajante que desembarca no cais Pharoux ou na praia do Peixe. Tem uma forma particular e elegante. Representa uma torre ou prisma terminado por uma pirâmide. É ornado de delicados trabalhos. Na pirâmide figura uma esfera armilar com as armas brasileiras sobrepostas, executadas em metal. Na face que olha para o mar veem-se as armas do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, trabalhadas em mármore, ocorrendo embaixo a seguinte inscrição lapidar:

MARIA. PRIMA.
PORTUGALLIAE. REGINA.
PIA. OPTIMA. AUGUSTA.
E. NAVIBUS. IN. TERRAM. FACTO. EXSCENSU.
RECIPROCAN. TIS. AESTUS. INFRACTO. IMPETU.
INGENTI. MOLE.
CONSTRUCTIS. PUBLICE. SEDILIBUS.
FORO. FONTE. IMMUTATIS.
ET.
EN ANGUSTIOREM. ET. COMMODIOREM. FORMAM.
REDACTIS.
REGALIBUS. MAXIMIS. IMPENSIS
ALOYSIO VASCONCELLO SOISAE.
BRASILIAE. IV. VICES. REGIS. GERENTI
CUJUS. AUSPICIIS. HAEC. SUNT. PERFECTA.

Chafariz da praça de D. Pedro II.

Praça 15 de Novembro. Chafariz do Mestre Valentim. Ribeiro, A., [ca. 1904]. Chafariz da praça de D. Pedro II: assim é descrito no *Guia*, como um dos primeiros monumentos vistos por quem chega pelo então cais Pharoux ou pela praia do Peixe. Trata-se do conhecido chafariz do Mestre Valentim, construído, em 1789, na beira cais recém-construído, por Valentim da Fonseca e Silva, mestre artesão, em substituição ao primeiro chafariz instalado em 1747. Reprodução fotomecânica, p&b, 11,5 x 27,7 cm. Acervo da Biblioteca Nacional.

[176] O chafariz foi construído por mestre Valentim e está localizado na praça XV.

HOC. MONIMENTUM.
POSS.
TOT TANTISQUE. EJUS. BENEFICIIS.
GRATUS.
POPULUS. SEBASTIANOPOLIS.
VI. KAL. APRIL.
ANNO. M.DCC.LXXX.IX.

E na face voltada para a praça, em um oval de mármore, lê-se esta estrofe:

IGNIFERO CURRO POPULUS DUM PHOEBUS ADURIT,
VASCONCELLUS AQUIS EJECIT URBE SITIM.
PHOEBE RETRO PROPERA: ET CÆLI STATIONE RELICTA,
PRAECLARO POTIUS NITERE ADESSE VIRO.

Este belo chafariz, quando foi construído, ficava à beira-mar e as suas águas abasteciam os navios da baía; hoje, porém, com o alargamento da praça D. Pedro II, fica no centro da referida praça, o que lhe dá bastante realce e beleza.

Aqueduto e Chafariz da Carioca.^[177] Começemos pelo rio que alimenta o chafariz e que há quase três séculos abastece a numerosa população da cidade com as suas estimáveis águas. Nasce o Carioca nas matas do Louro, entre os morros da Tijuca e das Paineiras. Tem dois mananciais, Lage e Lagoinha dos Porcos. Nas Paineiras recebe um braço que, de um baixo mas extenso aqueduto, é alimentado por águas da lagoa do rio São João, da Caixa do Cipó, do Andaime Pequeno, da Caixa Funda, Minhoca, Cupido e outras nascentes. No pequeno aqueduto correm as águas ao ar livre, caem em uma calha de grandes telhas e entra no Carioca, que se vê, na ponte chamada de 51, por ter sido construída nesse ano. Nela se lê, dentro



La Fontaine Carioca et le Couvent St. Antoine.
O chafariz da Carioca. Klumb, Revert Henrique, fl.
1855-1880. O chafariz da Carioca é detalhadamente
descrito nas páginas do *Guia*. Coleção Thereza
Christina Maria. Acervo da Biblioteca Nacional.

[177] Atualmente conhecido como Arcos da Lapa. O aqueduto foi desativado e hoje é a linha por onde passa o bonde que liga o centro da cidade ao bairro de Santa Teresa. O rio Carioca, por sua vez, não corre mais na superfície. O chafariz foi demolido em 1920.

de um oval de granito, a data de 1851, e, por baixo desta, F. V., em alto-relevo. A maior porção das suas águas entram no aqueduto e a parte que resta vai desembocar na praia do Flamengo, cortando o fim da rua do Catete, onde se vê uma ponte na sua direção, regando antes os bairros do Cosme Velho e das Laranjeiras, com o nome de rio das Laranjeiras, nestes dois arrabaldes e com o das Caboclas e do Catete no deste nome.

Ainda lança outro braço que, recebendo outras águas do morro de Santa Teresa, corta a rua do Catete, entrando pelas Barão de Guaratiba e do Guarda-mor, chamada antes beco do Rio, atravessa o largo da Glória, na subida da ladeira do mesmo nome, e seguindo pela rua do Silva deságua na praia da Glória.

A caixa em que o Carioca despeja a maior parte das suas águas fica no fim da rua do Aqueduto e é chamada a *Mãe-d'Água*. Adiante, no artigo CAIXAS D'ÁGUA, encontrará o viajante uma notícia a seu respeito, que excusa aqui repetir. É sobremaneira poético e encantador ver-se as águas do celebrado rio deslizarem-se pela elevada serra e entrarem alegremente e às vezes frementes na *Mãe-d'Água* e depois escoarem-se com máxima velocidade no aqueduto. Este abre a sua boca na pequena casinha que se ergue embaixo da caixa, à direita de quem a olha.

O Aqueduto, estendendo-se em direção à cidade, é acompanhado na montanha pela rua do Aqueduto, em toda a sua extensão, e pela rua do Curvelo até o alto da ladeira de Santa Teresa, e descendo-a vem terminar abaixo do Convento das carmelitas calçadas, passando-lhe por debaixo, no começo da referida ladeira, que se abre no fim da rua dos Barbonos. Deste lugar ergue-se no vale uma extensa e elevada arcaria em direção ao morro de Santo Antônio, em que se prende. Por ali continuam a passar as águas e correndo por este morro em semicírculo, do lado das ruas dos Barbonos e da Guarda Velha, vem recolher-se em uma caixa em forma de torre, que está à esquerda da ladeira de Santo Antônio e por baixo desta descem para o chafariz, no largo da Carioca.

O aqueduto é todo coberto, exceto na parte em que é sustentado pela arcaria, pois ali as águas correm ao ar livre por entre uma calha. Na rua do seu nome abre-se e erguem-se aos lados da abertura duas graciosas pirâmides quadrangulares, que foram batizadas com o nome de segundos *Dois Irmãos*; na mesma rua abre-se de novo, dando passagem para as ruas D. Luísa e Santa Cristina e levantam-se duas pequenas caixas destinadas ao filtramento das águas; e finalmente, ainda se abre o aqueduto, dando saída à rua do Curvelo e neste lugar surgem os primeiros *Dois Irmãos*, menores do que os segundos.

Em toda a extensão do encanamento veem-se muitas obras de arte, que às vezes passam despercebidas aos olhos do visitante, como pequenos depósitos de água, fontes quase escondidas, paredões enormes, ora para sustentarem o aqueduto, ora para o elevarem a um certo nível necessário ao descaimento regular das águas.

Os primeiros povoadores do Rio de Janeiro encontraram afastado do núcleo da cidade as águas para o abastecimento da população. O rio que se achava mais próximo e que, pela qualidade das águas, gozava de mais fama era o Carioca, do qual só no Catete se podia fazer a provisão necessária, como confirma Gabriel Soares, quando diz “de onde bebe a cidade”. Trataram então de canalizá-las, servindo-se para isso de canos de telhas alinhadas pelas encostas do morro de Santa Teresa, passando pelas Laranjeiras e Catete, vindo até a rua dos Barbonos. Para fazer-se esta obra animou o governador interino Tomé Corrêa de Alvarenga, que governou de 1657 a 1659. Vindo depois a capitania Aires de Saldanha e Albuquerque em 1719, mandou reparar e melhorar esse encanamento, dando curso às

águas até o Campo de Santo Antônio, hoje largo da Carioca, levantando ali um chafariz, que começou a abastecer a população em 1723 com geral contentamento. Passados alguns anos veio, em 1733, governar o Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadela, e conhecendo o desagradável estado do encanamento descoberto, teve a feliz ideia de mandar construir o atual aqueduto de pedra e cal e coberto, mudando ainda mais a antiga direção das águas. Em 1750, estava toda a monumental obra terminada com um contentamento extraordinário da população da cidade.

O aqueduto da Carioca é obra colossal e tem cerca de duas léguas de extensão. A parte compreendida entre os morros de Santa Teresa e de Santo Antônio, sustentada por sólida e elevada arcaria com duas ordens de arcos, uma sobreposta à outra, é digna de admiração pelo grandioso aspecto que representa. Consta na parte superior de 42 arcos que vão de monte a monte.

No começo da rua dos Arcos, assim chamada porque é cortada pela arcaria, substituíram-se os dois arcos de cada uma das ordens que nela passavam por um só de elevada altura. Esta transformação foi feita há poucos anos pela companhia *City Improvements* com uma perfeição extraordinária, e por essa ocasião ficou ainda provada a solidez admirável da arcaria, que suporta a grande obra sem a menor alteração. Há 132 anos que existe aquela arcaria e apenas tem carecido de leves reparos, como o de rebocamento em algumas partes e caiação.

O Aqueduto da Carioca é uma das obras mais monumentais do Rio de Janeiro executada no tempo colonial, e acresce que tem sido de máxima utilidade pública, suprimindo ainda hoje a cidade com a sua melhor água.

Na pequena casa em que se abre o aqueduto, junto à *Mãe-d'Água*, ocorre a seguinte inscrição lapidar:

REYNANDO ELREY D. JOÃO
V: N. S. E SENDO G.^{or} E CP.^m G.^l DES
TAS CAP.^{as} E DA DAS M.^{as} G.^{os}, GOMES
FR.^e DE ANDR.^a DO SEO CONC.^o SARG.^{to}
MAYOR DE B.^a DOS SEOS EXER.^{tos} ANO
1744.

No pilar do primeiro arco à direita da rua do Riachuelo, indo-se pela dos Barbonos, lê-se em mármore outra inscrição, que desastadamente foi pintada a óleo em outubro de 1882:

EL REI D. JOÃO V. N. SR.
MANDOU FAZER ESTA OBRA PELO ILLMO.,
E EXMO. SR. GOMES FREYRE DE ANDRADA DO
SEU CONS. SARG. MOR DE BATALHA DE SEUS EX
CIT. GOVR. E CAPT. GEN. DAS
CAPTNS. DO RIO DE JANR. E MINAS GERS.
ANNO MDCL.

O primeiro chafariz foi construído no tempo de Aires de Saldanha de 1719 a 1723; o segundo, que se levantou no mesmo lugar, erguido no governo de Gomes Freire, foi demolido em 1830 e substituído provisoriamente por um de madeira; pouco tempo depois construiu-se o atual, que, em 1835, já se achava concluído.

O chafariz da Carioca é o maior que possui a cidade, porém, na sua construção, que é toda de pedra granítica, nota-se falta de gosto, de arte e de elegância. Entretanto, ali devia figurar quando menos uma

inscrição lapidar que atestasse aos transeuntes o nome de Gomes Freire de Andrada, a quem se deve a obra do aqueduto.

A água da Carioca, por sua pureza e agradabilíssima temperatura, gozou sempre da melhor e justificada reputação. Acresce ainda que possui virtudes e qualidades especiais e dignas de comemoração. Consta que era tradição entre os indígenas *Tamoios*, que habitavam as margens da baía do Rio de Janeiro, possuir a água da Carioca a virtude de dar inspiração aos seus poetas e músicos, e por isso era muito estimada entre eles. De fato, Gabriel Soares escrevia, em 1587, que os Tamoios eram “havidos por grandes músicos e bailadores entre todo o gentio; os quais são grandes componedores de cantigas de improviso”; e Jaboatão acrescenta: “foram eles os primeiros povoadores que provaram as celebradas águas do Carioca e experimentaram melhor os seus efeitos”. E o historiador Rocha Pitta ainda o confirma quando diz: “É fama, acreditada entre os seus naturais, que esta água faz vozes suaves nos músicos e *mimosos carões* nas damas”.

Ainda Tomás Eubanck, citado pelo dr. Fausto de Sousa, acrescenta que a decantada água tem mais a virtude de *curar a melancolia dos hipocondríacos*.

Do rio Carioca ou do seu chafariz originou-se para os naturais da cidade o apelido de *Cariocas*.

Quanto à etimologia da palavra *Carioca*, há diversas interpretações dadas por vários escritores. Assim, uns dizem que significa *casa d'água corrente*, *água corrente de pedra*, *mãe-d'água*, outros *casa da fonte*, *casa dos carijós* e *casa do branco*. Discorrendo a respeito destas diversas etimologias, conclui o dr. Batista Caetano: “É de crer pois que fosse com efeito o nome da fonte ou rio. Analisando-se os sons neste pressuposto, a única solução mais literal é entender-se *kaa-ri-og*, *corrente saída do mato* ou do *monte*, mas ainda força-se a significação de *og*. Outra interpretação para *kaa-ry-og* seria *casa da corrente do mato*, que não deixa de ter tal ou qual plausibilidade”.

É agradável o passeio por todo o aqueduto da Carioca, abrindo-se a cada momento aos olhos do viajante belos panoramas. Sobe-se para ele pela ladeira de Santa Teresa, no fim da rua dos Barbonos. De espaço em espaço do aqueduto vêm-se respiradouros que fazem ouvir o murmúrio da corrente das águas. Logo que se passa os segundos *Dois Irmãos* avista-se em um fundo vale o bairro do Cosme Velho, que se comunica com esta parte da rua do Aqueduto por vários caminhos íngremes.

Chafariz das Marrecas.^[178] Ergue-se na rua Evaristo da Veiga, antiga dos Barbonos, em frente à das Marrecas. Foi mandado construir, em 1785, pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, sob a direção do mestre Valentim da Fonseca e Silva. É elegante, e a sua configuração, em semicírculo. No centro ergue-se um corpo central, sobressaindo no alto as armas de Luís de Vasconcelos e Sousa, trabalhadas em mármore branco, as quais desastadamente foram em setembro de 1882 pintadas a óleo.

Nas extremidades do semicírculo estão duas pilastras de pedra lavrada, sobre as quais se vêm duas estátuas de bronze, que representam a ninfa Eco e o caçador Narciso. A alegoria não podia ser melhor. Deu nome à rua que lhe fica em frente, antes chamada das Belas Noites, em consequência das três bicas figuradas por marrecas vomitando água. É alimentado pelas águas do aqueduto da Carioca.

Na fachada deste chafariz se lê a seguinte inscrição lapidar entalhada em mármore:

[178] Foi demolido no fim do século XIX. As estátuas de Eco e Narciso hoje fazem parte do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

MARIA. PRIMA.
ET. PETRO. TERTIO. REGNANTIBUS.
PESTIFERO. QUONDAM. EXSICCATO. LACU.
ET. IN. AMBULATIONIS. FORMAM. REDACTO.
INGENTI. MURO. MARINIS. PROPULSATIS. AQUIS.
FONTANIS. INDUCTIS. VOMENTI. AERE.
PARIETIBUS. RUPTIS. IN. VIAM CONVERSO. HORTO.
DOMIBUS. MIRABILI. SYMMETRIA. CONSTRUCTIS.
ALOYSIO. VASCONCELLO. DE. SOUSA. PROREGI.
CUIIS. AUSPICIIS. HAEC. SUNT. PERPETRATA.
FLUVII. IANUARI. POPULUS. GRATI. ANIMI. ERGO.
PRIDIE. KALENDAS. AUGUSTI.
AN. MDCCLXXXV.

Como se vê por esta inscrição, a história deste chafariz acha-se ligada à do Passeio Público, cujo portão de entrada, em frente da rua das Marrecas, olha para o referido chafariz.

Chafariz do largo do Moura.^[179] Situado no referido largo, do lado do mar, junto ao Necrotério. É de desagradável aspecto e foi construído em 1791 por iniciativa do conde de Resende. Na fachada ocorre a seguinte inscrição lapidar:

O ILLMO. E EXMO. SN.^r DOM
JOZE DE CASTRO, CONDE
DE REZENDE, VICE REY, E CAPITAM
GENERAL DE MAR, E TERRA DO ESTADO
DO BRAZIL, MANDOU EDIFICAR
ESTA FONTE
ANNO DE M.DCC.XCIV.

Chafariz da Glória.^[180] Na rua do mesmo nome, entre os n^{os} 48 e 50, na encosta do morro de Santa Teresa. Na sua fachada ocorre a seguinte inscrição, aberta em mármore branco:

ALOISIO. ALMEIDAE
MARCHIONI. LAVRADIENSI
BRASILIAE PROREGI
FRAENATIS. AESTUANTIS. MARIS. INCURSIBUS
INGENTI. CONSTRUCTIO. MURO
CONCILII. REDDITIBUS. ET. DIGNITATE. AUCTIONIBUS
PUBLICIS. REPARATIS AEDIFICIIS
AGGERIBUS. PERRUPTIS. CONPLANATIS. ITINEBIBUS
COMMODIORIBUS. EFFECTIS
RENOUATA. URBE
SERVATORI. SUO
SENATUS. ET. POPULUSQUE. SEBASTIANOPOLITANUS

[179] O chafariz foi demolido.

[180] O chafariz ainda existe na rua da Glória.

P.
MDCCLXXII.

Chafarizes da rua do Riachuelo.^[181] São dois e ambos acostados nas paredes da rua, formando corpos um pouco reentrantes. O primeiro acha-se entre as casas nºs 45 e 47, e na sua fachada ocorre uma inscrição lapidar, já gasta, em que se lê claramente no final:

FLUMINENSIS
SENATUS
1772.

O outro levanta-se entre as casas nºs 81 e 83. Traz esta inscrição:

O REY
POR BEM
DO SEU POVO
M. F. E. O.
PELA POLICIA
1817.

Chafariz do Lagarto.^[182] Situado na rua Conde d'Eu, na encosta do morro Paula Matos, junto ao nº 149. Traz na sua fachada a inscrição lapidar:

SITIENTI POPULO
SENATIS
PROEVSIT AQVAS
ANNO
MDCCLXXXVI.

Do lagarto, ou, antes, *teiú*, que vomita água, provém o nome do chafariz. O lagarto é uma bem acabada obra de latão.

Chafariz da praça Municipal.^[183] Ergue-se no centro do jardim da referida praça. É formado de uma linda coluna de uma só peça de granito, coroada pelas armas da cidade (uma cruz de Cristo carregada com a esfera armilar e três setas sobrepostas). A coluna comemora o desembarque de Sua Majestade a atual Imperatriz, no antigo cais do Valongo, a 4 de setembro de 1843.

h) Caixas-d'água

Abastecem a cidade os rios Carioca, Maracanã, Rio Comprido, São João, Andaraí Grande, Trapicheiro, Rio do Ouro e Santo Antônio; mas as águas mais estimadas são as do primeiro, que alimenta diversas fontes da cidade desde a sua fundação; tanto assim que, quando ainda há bem pouco tempo a população sentia falta d'água, custava às vezes um barril da água da Carioca 2\$000.

O rio Maracanã dá em 24 horas 17.261,520 litros d'água; o Rio Comprido, 782.496; o Andaraí Grande, 1.684,800; e o Trapicheiro, 2.759,952 litros.

[181] O único resquício do segundo chafariz mencionado é a fachada com a inscrição transcrita por Vale Cabral.

[182] O chafariz ainda existe, em mau estado de conservação, na rua Paula Matos, nas imediações do Sambódromo.

[183] O chafariz não existe mais.

Caixa-d'água da Carioca^[184], denominada *Mãe-d'Água*. No morro de Santa Teresa, no fim da rua do Aqueduto. Esta caixa, a mais antiga da cidade, recebe as águas do rio Carioca e alimenta o chafariz da Carioca e outras fontes pelo monumental aqueduto. Divide-se em cinco compartimentos, sendo três os principais e maiores e todos descobertos e circulados de pequenas grades de ferro. Precede-a um bonito jardim e dá-lhe acesso uma escadaria de pedra que se abre em cada lado da frente da caixa.

Ali veem-se as estimáveis e cristalinas águas do celebrado Carioca deslizando-se da serra entre arvoredos e entrando poeticamente na *Mãe-d'Água*. É uma cena digna de admirar-se, conhecendo-se principalmente a utilidade que vão prestar estas águas que, segundo diz Rocha Pitta, era fama entre os indígenas que habitavam os contornos da baía do Rio de Janeiro, e tinha a virtude de dar “boas vozes aos músicos e mimosos carões às damas”.

Em frente à caixa, à direita de quem a olha, está uma pequenina casa, em que se abre o aqueduto, que só vem terminar na espécie de torre que se vê à esquerda da ladeira de Santo Antônio.

Há dois itinerários para se visitar a *Mãe-d'Água*, em outro tempo muito concorrida de visitantes, que nas suas proximidades passavam alegremente os domingos e dias santos, ouvindo o murmúrio das decantadas águas.

Um pelo morro de Santa Teresa, outro pelo Cosme Velho, arrabalde imediato ao das Laranjeiras. Desejando o visitante ir por Santa Teresa, deve tomar o Plano inclinado na rua do Riachuelo e depois os bondes do morro da linha do França. No ponto terminal desta linha acha-se o Reservatório de Santa Teresa. Siga-se a continuação da rua do Aqueduto, e tem-se sempre à esquerda o aqueduto até os segundos *Dois Irmãos*, que são duas graciosas pirâmides quadrangulares, e passando-se entre elas estende-se o aqueduto à direita até a *Mãe-d'Água*. A viagem do França até a caixa é de 30 minutos, a pé. Logo que se passa os segundos *Dois Irmãos* vê-se à esquerda, em um fundo vale, o bairro do Cosme Velho, para o qual há alguns caminhos íngremes.

Indo-se pelo Cosme Velho deve-se tomar os bondes da linha **3** da companhia *Botanical Garden*, cujo ponto terminal é na Bica da Rainha. Daí pode-se ir pela ladeira do Ascurra, que é magnífica e suave, até a caixa-d'água das Laranjeiras, ou pela ladeira dos Guararapes. Talvez que pelo Cosme Velho seja mais perto do que por Santa Teresa; mas para se poder apreciar quanto é extensa e monumental a obra que nos legou o governo colonial, convém ir-se pela rua do Aqueduto, que tem a vantagem de ser toda plana, larga, cheia de atrativos, coberta de frondosas árvores, enfim, magnífica para se andar a pé. Por esta rua tem-se ocasião não só de se admirar extensa parte do aqueduto, como os grandes paredões que sustentam a rua em boa parte da sua extensão.

Caixa-d'água do Barro Vermelho. No pequeno morro do Barro Vermelho, que fica à direita do começo da rua Estácio de Sá. A sua forma é de uma casa, circulada de janelas. É alimentada pelas águas do rio Maracanã. Solidamente construída, de pedra lavrada, contém um considerável volume d'água e é digna de ser visitada.

Cisterna do Castelo.^[185] Acha-se no pátio da praça do antigo Castelo da cidade, no morro do mesmo nome, circulada por um gradil de ferro. Por carta régia de 25 de setembro de 1711 foi aprovada a

[184] Localiza-se na rua Almirante Alexandrino, nº 5.440.

[185] Desapareceu com a demolição do morro do Castelo.

despesa feita com esta famosa cisterna. Esteve por longos anos abandonada e ignorada; mas há pouco tempo foi desentulhada e presentemente serve de depósito d'água para o abastecimento da cidade, provendo principalmente o Hospital da Misericórdia e o Hospital Militar.

Reservatório de São Bento.^[186] No morro de São Bento, subindo-se pela escadaria que começa na praça Vinte e Oito de Setembro. Este reservatório, cuja capacidade é de 6 milhões de litros, tem o nível d'água, quando cheio, a 28 metros acima do nível médio do mar.

A água que ele recebe provém do rio do Ouro, e acha-se abrigada não só do aquecimento pelos raios solares, como também de muitas impurezas. O reservatório é fechado de todos os lados de modo a evitar a entrada de qualquer pequeno animal. Contudo, não deixa de ser bastante ventilado, para o que existem disposições especiais.

No conjunto deste reservatório nota-se muita elegância: precede-o um bem tratado jardim e as rampas adjacentes estão adornadas de belos gramados: é digno de louvores o respectivo conservador pelo seu ardente zelo e bom gosto. Uma visita a este belo reservatório deixa uma impressão agradabilíssima. Acresce ainda que dele se goza um golpe de vista muito atraente, quer sobre a baía, quer sobre a cidade; é quase circular o panorama.

Reservatório de Santa Teresa.^[187] No morro de Santa Teresa, no lugar chamado do França, ponto terminal da linha de bondes deste morro. Deu-se começo à sua construção a 19 de novembro de 1878. A 5 de março de 1881, fez-se a experiência na linha de tubos entre o reservatório e os *Dois Irmãos*, e a 10 do mesmo mês entrava a água pela primeira vez no reservatório; mas ainda não está funcionando.

Divide-se este reservatório em dois compartimentos, que se acham colocados de modo que o circo longitudinal de um é perpendicular ao do outro. Mede cada compartimento 37 metros, 15x23 metros, 8x6, sendo a capacidade de cada um de 6 milhões e 500 mil litros ou de 13 milhões os dois. Está acima do nível do mar 163 metros. É descoberto.

Caixa-d'água das Laranjeiras.^[188] Acha-se situada no morro do Inglês, dando-lhe acesso a parte mais suave e magnífica da ladeira do Ascurra, que começa à esquerda da rua Cosme Velho.

As obras desta caixa foram começadas em junho de 1867 e concluídas em julho do ano seguinte. Consta de uma caixa descoberta e outra coberta. Recebe água de três nascentes. A área em que se acha a caixa é toda circulada de vegetação, vendo-se alguns *bacurubus*, ali chamados *Pau de tambor*.

Por ela passa quem se dirige ao Corcovado ou à *Mãe-d'Água* pela ladeira do Ascurra.

Reservatório do morro da Viúva.^[189] No referido morro, em Botafogo. O volume d'água que este reservatório pode conter é 6 milhões e 300 mil litros, tendo sobre o nível do mar uma altura máxima de 40 metros e meio. É alimentado pelas sobras do reservatório de Macaco, no Jardim Botânico.

[186] Localiza-se no complexo que compreende o Mosteiro e o Colégio São Bento, na rua dom Gerardo, nº 68. É tombado pelo Ipenac.

[187] Localiza-se no largo do França e é tombado pelo Inepac.

[188] Hoje é conhecido como Reservatório do Morro do Inglês. Localiza-se na Ladeira do Ascurra, nº 150, e é tombado pelo Inepac.

[189] Localiza-se na avenida Rui Barbosa, no bairro do Flamengo. Embora seja tombado pelo Inepac, está em mau estado de conservação.



Obras do abastecimento d'água do Rio de Janeiro: reservatório de Santa Thereza. Por Marc Ferrez, 1877-1882. Acervo da Biblioteca Nacional.



Reservatório de D. Pedro II - morro do Pedregulho. Vista Geral, 1882. Obras do abastecimento d'água do Rio de Janeiro. Empresa - A. Gabrielli. Acervo da Biblioteca Nacional.

Como o de São Bento, é coberto, fechado e igualmente ventilado. A cobertura de ambos, que suporta uma camada isolada de terra, é formada de abóbadas cilíndricas tendo apenas 12 centímetros de espessura.

Do ponto em que este reservatório se acha colocado descortina-se um lindíssimo panorama; vê-se não só todo o arrabalde de Botafogo como parte da poética Guanabara.

Para visitá-lo segue-se nos bondes das linhas **1 A** a **2 C** da companhia *Botanical Garden*, saltando-se logo na praia de Botafogo e tomando-se à esquerda.

Caixa-d'água de São Cristóvão.^[190] Acha-se no cume de uma pequena montanha de bastante altura, à direita da Imperial Quinta da Boa Vista.

É coberta e tem a forma de uma casa de recreio.

Reservatório D. Pedro II.^[191] No morro do Pedregulho. Os bondes da linha **4 A** da Companhia de São Cristóvão fazem o seu ponto terminal na subida da ladeira que lhe dá acesso. Lançou-se a primeira pedra para este reservatório a 12 de dezembro de 1876, inaugurando-se a 12 de maio de 1880. É um reservatório distribuidor. O seu comprimento, largura e altura é de 102 m x 82 m x 5 m, e a sua capacidade é de 40 milhões de litros. Acha-se situado a 45 metros acima do nível do mar e é alimentado pelas águas dos rios do Ouro e de Santo Antônio, que vêm da distância de oito léguas.

[190] Localiza-se no morro do Barro Vermelho, em São Cristóvão. É tombado pelo Inepac.

[191] Hoje é conhecido como Reservatório do Pedregulho e localiza-se em São Cristóvão. Está em situação de tombamento provisório pelo Inepac. As caixas d'água, ainda visíveis pelo alto, estão cobertas pela vegetação.

É de forma quase quadrada; a sua cobertura é formada de 20 abóbadas cilíndricas abatidas a $\frac{1}{3}$, construídas de tijolo com a espessura de apenas 12 centímetros: apoiam-se as abóbadas sobre 17 linhas de arcadas.

A 100 metros mais ou menos de distância deste reservatório, na direção da montanha, que ali se levanta, encontra-se o poço de chegada das águas: é uma pequena caixa ou poço de forma poligonal, em que vêm surgir duas linhas de encanamentos condutores, que constituem os maiores sifões até hoje executados. Desta caixa ou poço de recebimento partem encanamentos de ferro, que conduzem as águas a um ou a outro compartimento do reservatório, ou a ambos, logo que esteja concluído o segundo, simultaneamente, permitindo ainda estabelecer-se comunicação com os encanamentos de distribuição independentemente do reservatório. Este poço de recebimento das águas está a 55 metros acima do nível do mar.

O reservatório D. Pedro II é uma obra monumental em honra ao engenheiro que a executou e é digna de ser visitada. Acresce ainda que daí descortina-se uma vista agradabilíssima e toda cheia de encantos.

Caixa-d'água do Macaco.^[192] Acha-se assentada no belo lugar denominado Macaco, no Jardim Botânico, fim da rua D. Castorina, que começa à direita da rua Jardim Botânico. Foi concluída em 1877. É grande e descoberta, e por sua forma parece antes um pequeno lago. Circulam-na dois jardins, dos quais o do segundo plano é maior. Recebe parte das águas do rio Macaco, o qual, depois do regar o Jardim Botânico, vai despejar na lagoa de Rodrigo de Freitas. Das sobras desta caixa é que é alimentado o reservatório do morro da Viúva, em Botafogo.

Perto desta caixa levanta-se uma grande casa, que pertence ao Instituto Fluminense de Agricultura, e ali vão residir os meninos asilados do referido Instituto; precede-a um renque de palmeiras.

Da rua Jardim Botânico à caixa gasta-se a pé cerca de 25 minutos. Quase perto da caixa encontra-se uma bifurcação; deve-se, porém, tomar a estrada da esquerda. A da direita vai dar pouco abaixo do Alto da Boa Vista, na Tijuca, passando-se pela Vista Chinesa e pela Mesa do Imperador. Voltando-se as costas para a bifurcação depara-se ao longe, em frente, com os renques de palmeiras do Jardim Botânico e a lagoa de Rodrigo de Freitas, e à esquerda, com o Corcovado.

Uma visita à elegante caixa do Macaco deixa urna impressão muito agradável. Os seus contornos, além dos jardins, são arborizados, o que mais concorre para dar-lhe muita beleza.

Reservatório da raiz da serra da Tijuca. Na estrada Nova da Tijuca. Ainda se acha em construção. Por ele passam as diligências da serra.

Caixa-d'água da serra da Tijuca.^[193] Acha-se adiante do novo reservatório da raiz da serra e é vista por quem se dirige ao alto da Tijuca nas diligências. É descoberta. Recebe águas do rio São João.

Caixa-d'água do Alto da Boa Vista^[194], na Tijuca. Situada próximo ao largo da Boa Vista. É descoberta.

[192] Hoje é conhecida como Reservatório dos Macacos. Localiza-se na rua Pacheco Leão, nº 2.038.

[193] Possivelmente é a Caixa Nova da Tijuca, localizada na avenida Edson Passos. É tombada pelo Inepac e ainda está em funcionamento.

[194] Possivelmente é a Caixa Velha da Tijuca, localizada na Estrada Velha da Tijuca, nº 1.170. Tombada pelo Inepac.

Reservatório do rio do Ouro.^[195] É dividido em dois compartimentos com a capacidade de 15 milhões de litros. O nível d'água deste reservatório está a 127 metros acima do nível do mar, e o fundo a 123 metros.

Para visitá-lo tomam-se os bondes da linha **5 A** da Companhia de São Cristóvão, indo-se ter à Imperial Quinta do Caju, de onde se segue no *tramway* do rio do Ouro.



i) Diques e docas

Dique Imperial. Escavado na rocha viva ao norte da ilha das Cobras, fronteira ao Arsenal de Marinha. Foi inaugurado a 27 de setembro de 1861. Encetada a obra em 1821, sofreu longas interrupções. Tem 420 pés de comprimento, 92 de largura na parte superior e 30 de fundo, com 33 de profundidade; o calado médio é de 28 pés, o mínimo de 23 e o máximo de 29 e 1/2. A entrada é de 70 pés. É obra monumental e digna de ser visitada quando contiver em

Doca e mercado da praia do Peixe. Por Marc Ferrez, 1880 circa. Brasiliana Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

[195] Localiza-se no município de Nova Iguaçu. É tombado pelo Inepac.



Mercado da Praia do Peixe. Por Juan Gutierrez, 189?. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/Museu Histórico Nacional.

Doca do Mercado. Abre-se em frente à praça do Mercado, entre a praça D. Pedro II e a das Marinhas. Serve para descarga das pequenas embarcações que conduzem legumes e outras mercadorias para o consumo do mercado. É curioso visitá-la de manhã cedo, pela aglomeração de embarcações de todos os feitios, alguns dos mais grotescos, que vêm trazer à grande cidade os víveres de que ela se abastece diariamente.

seu seio alguma embarcação, o que constantemente acontece. Pertence ao Estado. Pode ser visto a qualquer hora, devendo-se tomar o bote no cais dos Mineiros. Custa a passagem nos botes de carreira 40 rs.; indo-se, porém, em bote especial, 200 rs.

Dique Santa Cruz. Como o antecedente, é escavado na rocha viva e lhe fica imediato. Inaugurou-se a 10 de outubro de 1872, tendo sido a sua construção contratada, em 1861, com o engenheiro Law. Tem 258,5 pés de comprimento. Pertence ao Estado.

Dique do Comércio. Na ilha de Mocanguê. Construído por iniciativa particular sob a direção do engenheiro Robert Cunningham, foi inaugurado em 1860.

Doca da Alfândega. Entre a Alfândega e o cais dos Mineiros. É extensa; na sua entrada tem uma ponte de ferro corrediça com 60 metros e 198 milímetros de comprimento total, sobre 4 metros de largura. É obra muito importante e foi inaugurada em 1869.

Docas de D. Pedro II. ^[196]

Estendem-se na rua das Docas entre a da Pedra do Sal e a praça Municipal, na Saúde. Foram construídas pelo engenheiro André Rebouças. A extensão do magnífico cais destas docas é de 264 metros. Anexo ao cais estendem-se dois grandes molhos de madeira com telheiros, de 100 metros de comprimento e 13½ de largura cada um.

[196] São tombadas pelo Iphan. Localizam-se na rua Barão de Teffé, nº 75. Hoje, o prédio abriga o Centro Cultural Ação da Cidadania.

Itinerário para se visitar com rapidez em quatro dias os estabelecimentos e edifícios principais do centro da cidade

1º dia. Paço da Cidade, Secretaria da Agricultura, paço da Câmara dos Deputados, chafariz da praça D. Pedro II, praça do Mercado, doca do Mercado, Capela Imperial, igreja do Carmo, igreja da Cruz dos Militares, Correio, praça do Comércio, Banco do Brasil, igreja da Candelária, Alfândega, doca da Alfândega, arsenal da Marinha, estabelecimento da companhia *City Improvements*, Mosteiro de São Bento.

2º dia. Igreja de São José, necrotério, arsenal de Guerra, escola de Medicina, Santa Casa da Misericórdia, Hospital Militar no antigo colégio dos jesuítas, igreja de Santo Inácio de Loyola, observatório astronômico, antiga fortaleza do Castelo, cisterna do Castelo, Pau da Bandeira, igreja de São Sebastião e marco na esquina deste mesmo templo.

3º dia. Arquivo Público, policlínica, igreja da Ajuda, chafariz da Carioca, hospital da Ordem Terceira da Penitência, convento de Santo Antônio, igreja de São Francisco da Penitência, Tipografia Nacional, Liceu de Artes e Ofícios, teatro D. Pedro II, jardim da Guarda Velha, Teatro Phenix Dramática, escola de São José, seminário de São José, igreja Anglicana, quartel dos Barbonos, chafariz das Marrecas, Casa dos Expostos, arcos do Aqueduto da Carioca, convento de Santa Teresa, convento do Carmo, igreja da Lapa do Desterro, Biblioteca Nacional, cassino, Passeio Público, convento da Ajuda.

4º dia. Biblioteca Fluminense, estátua de José Bonifácio, igreja de São Francisco de Paula, Escola Politécnica, teatros Ginásio Dramático e São Luís, Gabinete Português de Leitura (em construção), Tesouro Nacional, igreja do Sacramento, Academia de Belas Artes, Conservatório de Música, teatro de São Pedro de Alcântara, estátua equestre de D. Pedro I, teatro Sant'Ana, teatro das Novidades, Recreio Dramático, Museu Nacional, Jardim do Campo, igreja de São Gonçalo Garcia, paço Municipal, escola de Sant'Ana, internato do Colégio de D. Pedro II, igreja de São Joaquim, quartel do Campo, estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II, Casa da Moeda, paço do Senado, Corpo de Bombeiros, Repartição Geral dos Telégrafos.

2. CEMITÉRIOS

O viajante deve fazer uma visita aos cemitérios do Rio de Janeiro porque são mais que dignos de merecer semelhante honra. A cidade possui sete cemitérios, sendo dois públicos e os mais particulares.

São todos eles entremeados de belos jardins e melancólicos ciprestes e ornados de muitíssimos mausoléus, estátuas, catacumbas, carneiros e outras obras de arte, talhadas sobretudo em granito e mármore, com bastante primor e elegância, tornando-se mesmo algumas obras admiráveis por suas ornamentações e grandeza.

Nessas residências eternas, observa o visitante o respeito e a veneração que consagra o povo brasileiro a seus mortos.

Em relação a este assunto, falou-se no tempo que a pasta dos negócios do Império era dirigida pelo conselheiro Leôncio de Carvalho em fazer-se um grande cemitério extramuros, servido por uma linha férrea, deixando-se os da cidade para depósito definitivo de ossos e cinzas para os que quisessem ou pudessem perpetuar desse modo a lembrança dos seus mortos queridos. Essa ideia como que está

sopitada, mas decerto vingará algum dia, com vantagem para a salubridade desta grande capital. Os cemitérios do Rio de Janeiro são:

Cemitério de São João Batista. Na rua general Polidoro, com o portão de entrada voltado para a rua São João Batista, que começa à esquerda da Voluntários da Pátria, em Botafogo. É público e está a cargo da Santa Casa da Misericórdia. Tem-se feito ultimamente nele aterros elevados, denominados *quadros*, para novos enterramentos, porque a área do cemitério já vai faltando para esse fim, não podendo estender-se mais, pelas suas condições topográficas. O portão principal deste cemitério, de cantaria granítica, é uma obra primorosa e digna da atenção do viajante.

Cemitério de São Francisco de Paula. Assentado na base e morro de Santos Rodrigues, tem o seu portão de entrada no largo do Catumbi. É particular e pertence à Ordem Terceira de São Francisco de Paula.

Cemitério de São Francisco Xavier. Na praia de São Cristóvão. É público e está a cargo da Santa Casa da Misericórdia. Nele vê-se o monumento erigido à memória de José Clemente Pereira pela referida Santa Casa.

Neste cemitério há um quadro destinado para os encerramentos dos estrangeiros acatólicos, exceto para os ingleses, que possuem o seu cemitério.

Cemitério da Ordem Terceira da Penitência. Na praia de São Cristóvão, entre o da Terceira Ordem do Carmo e o de São Francisco Xavier. É particular e pertence à referida Ordem.

Cemitério da Ordem Terceira do Carmo. Na praia de São Cristóvão, esquina da rua José Clemente Pereira. É particular e pertence à Ordem respectiva.

Cemitério de São Pedro Apóstolo. Situado no de São Francisco Xavier. É particular e pertence à Irmandade de São Pedro.

Cemitério dos Ingleses (*British Burial Ground*). Está assentado na base do morro da Gamboa, tendo a sua frente voltada para a rua Barão da Gamboa, nº 135.

3. ARRABALDES

A cidade do Rio de Janeiro divide-se pelo Campo da Aclamação em duas partes: cidade *velha*, que se estende até essa praça, e *nova*, que se prolonga daí por diante até o largo do Estácio de Sá e ao fim do boulevard do Imperador, no lugar onde existia o antigo matadouro.

Os seus arrabaldes começam a se estender, por um lado, do largo da Glória, e por outro, entre o largo do Estácio de Sá e o lugar do referido antigo matadouro. A rua Mata-cavalos, hoje do Riachuelo, que margeia a face ocidental do morro de Santa Teresa, serve, por assim dizer, de limite aos bairros de Santa Teresa e Paula Matos; e a rua Catumbi, que começa na Conde d'Eu, em frente à visconde de Sapucaí, dá caminho para o bairro de Catumbi.

Os bairros da Saúde e do Saco do Alferes, muito populosos, mas pouco agradáveis, estão hoje ligados à cidade, de modo que já não constituem mais arrabaldes.

Quem aporta ao Rio de Janeiro não recebe às vezes uma impressão agradável, tanto quanto era de esperar; mas depois que se começa a observar todas as suas minudências, indo-se a um lugar mais de uma vez, fica-se então conhecendo quanto é majestosa e encantadora a capital do Império. Quem sobretudo aqui aporta pela segunda vez fica maravilhado do esplendor da Guanabara e dos seus arredores,

encontrando por toda a parte encantos e atrativos impossíveis de serem convenientemente descritos: convence-se então das belezas naturais que a adornam. No céu, no sol, na lua, nas nuvens que orlam os recortes da cordilheira ou passam rasteiras ao solo, nas águas, nas formas variadas das serras, nas florestas, nas árvores destacadas, em tudo, enfim, se encontram as mais evidentes provas da grandeza e da magnitude das cenas portentosas que a natureza oferece a cada momento.

Um dos lugares que deve ser indispensavelmente visitado pelo viajante é o morro do Castelo, no lugar da antiga fortaleza, e onde se acha o mastro de sinais telegráficos conhecido sob a denominação de *Pau da Bandeira*. Ali a vista é circular e simplesmente esplêndida. Descortinam-se a baía, toda a cidade, os arrabaldes de Botafogo e do Andaraí Grande e os seus intermediários; destacam-se as pedras mais famosas pela sua elevação e forma singulares; observa-se, enfim, o Rio de Janeiro quase todo. Para este morro, que é circundado pela praia de Santa Luzia, largo e rua da Misericórdia, ruas do Cotovelo, de São José, da Ajuda e de Santa Luzia, nas três subidas: pela ladeira da Misericórdia, que começa no largo do mesmo nome, pela do Castelo, que principia no fim da rua do Carmo, e pela do Seminário, no largo da Mãe do Bispo, que é a parte mais larga da rua da Ajuda. O morro do Castelo não só é recomendável pela vista magnífica e sem rival que oferece próximo aos olhos do visitante; acresce que para ele foi transferida por Mem de Sá a cidade de São Sebastião, fundada por seu sobrinho Estácio de Sá nos arredores do Pão de Açúcar; então chamava-se morro de São Januário, e depois, do castelo que nele foi construído, proveio-lhe o nome atual. O viajante deve, pois, conhecer o ponto de partida e de desenvolvimento da grande capital que visita.

O Rio de Janeiro muito se recomenda pelos notáveis, magníficos e vastos arrabaldes que em profusão circulam a cidade. Em geral primam eles pelo clima ameno e salubre que possuem, pela vegetação esplêndida de que são ornados e pelos excelentes palacetes, casas e chácaras que o embelezam poeticamente.

Os arrabaldes que começam do largo da Glória são os que gozam de mais estima, em verdade bem merecida.

O viajante não pode decerto fazer uma ideia do que é a capital do Brasil sem ter percorrido pelo menos os seus arrabaldes mais importantes, para os quais encontra no coração da cidade, na rua do Ouvidor, no largo de São Francisco de Paula ou no Campo da Aclamação, fáceis e cômodos meios de transporte. Na classe LOCOMOÇÃO do presente *Guia* acham-se indicados os pontos iniciais das diversas linhas de viação, as horas de partida e os preços das respectivas passagens.

Com a introdução dos bondes na cidade, a 9 de outubro de 1868, muito têm prosperado os bairros da capital, e se porventura se realizarem as diversas linhas que se acham em projeto, como as de Copacabana, do Corcovado, da praia da Saudade e do morro Paula Matos, não estará muito longe o tempo de um completo florescimento dos arredores da cidade.

Inegavelmente as linhas de bondes das companhias *Botanical Garden*, de São Cristóvão e de Vila Isabel deram um impulso admirável à maior parte de arrabaldes, de tal sorte que pela rua despovoada em que passava uma linha de bondes surgia como que por encanto uma floresta de casas e de jardins.

Presentemente nota-se a melhor vontade da parte dos capitalistas e proprietários para darem às suas casas mais beleza e uniformidade, seguindo as regras da arquitetura. Assim, muitos dos edifícios que hoje se veem disseminados pelos contornos da cidade são magníficos, de sólida construção e ornados com bastante primor.

Afora os arrabaldes, possui o município neutro freguesias suburbanas e vários lugares que lhes pertencem, como Guaratiba, Realengo, Campo Grande, Sapopemba, Santa Cruz, Irajá, Penha, Praia Pequena, Benfica, Ilha do Governador, que são outros tantos povoados interessantes e merecedores da visita do que desejar conhecer minuciosamente o município mais importante do Império.

Passemos agora a dar uma sucinta relação dos arredores mais notáveis que ornamentam as proximidades campestres da cidade.

Glória. Um dos mais antigos e dos mais próximos bairros da cidade, é quase constituído pelo morro do mesmo nome. É povoado de boas casas ornadas de belos jardins. Do lado da cidade vê-se numa iminência a popular e pitoresca igreja da Glória do Outeiro, dando grave realce ao risonho quadro que se oferece aos olhos.

O outeiro da Glória, que é lindo, encantador e tão decantado por poetas e romancistas, acha-se encravado entre os bairros do Catete e do Flamengo. Da sua parte mais elevada descortina-se uma perspectiva agradabilíssima e toda cheia de poesia e atrativos, vendo-se grande parte da cidade e admirando-se quanto é vasta e suntuosa a formosa Guanabara e quanto é monumental a cordilheira e a azulada serra gigante que ao longe corta o horizonte.

No largo da Glória ergue-se o edifício do *Mercado da Glória*, que atualmente serve de residência de famílias pouco abastadas e operários. Na encosta do morro vê-se um dos estabelecimentos da companhia *City Improvements* (esgotos).

Da cidade à Glória pode-se ir a pé, e é um excelente passeio, sobretudo se for pela praia da Lapa, que começa no largo do mesmo nome, entre o Passeio Público e o Convento do Carmo, tomando-se depois a rua da Glória pela pequena rampa que se abre junto ao jardim do cais da Glória. Por este bairro passam os bondes de todas as linhas da companhia *Botanical Garden*, e até ali custam os tálburis 500 rs. e os carros de praça 1\$500.

Catete. Como o da Glória, é um dos mais antigos e mais próximos arrabaldes da cidade. Fica-lhe logo em seguimento e estende-se até o de Botafogo, ficando à sua esquerda o do Flamengo, e à direita, a começar da praça Duque de Caxias, o das Laranjeiras. A sua extensa área é muitíssimo povoada e possui edifícios vastos, bem construídos e luxuosos. É bairro aristocrático e por excelência a residência preferida dos abastados da fortuna, especialmente do alto funcionalismo estrangeiro, e de muitos capitalistas e negociantes nacionais e estrangeiros. Na rua do Catete, na parte denominada largo do Valdetaro, destaca-se o suntuoso palacete do barão de Nova Friburgo.

Na praça Duque de Caxias ergue-se ao fundo e precedida de um elegante jardim a igreja matriz de Nossa Senhora da Glória. Nesta mesma praça acha-se a elegante e bem construída escola pública da Glória.

O fim da rua do Catete é cortado pelo *rio Carioca*, geralmente chamado neste bairro o *rio das Caboclas*, e no das Laranjeiras *rio das Laranjeiras*. Uma pequena ponte de alvenaria abobadada liga a referida rua ao largo do mesmo nome. O rio, ou antes o córrego, que é pouco volumoso, corre daí quase em linha reta e vai desaguar na baía, que se avista olhando-se da referida ponte. Ainda não há muitos anos os cavalheiros e os carros que por ali transitavam pagavam um imposto de passagem denominado *barreira*.

À direita da rua do Catete ficam as ruas Santo Amaro, da Pedreira da Glória, Bela da Princesa, que a atravessa, Dois de Dezembro, que também a corta, e as ruas Carvalho de Sá e das Laranjeiras, que

começam na praça Duque de Caxias. À esquerda acham-se as ruas Barão de Guaratiba, do Príncipe, Ferreira Viana, da Princesa, que a corta, Buarque de Macedo, Dois de Dezembro, que a atravessa, do Pinheiro e de Santo Inácio; todas estas a fazem comunicar com a praia do Flamengo.

Do largo do Catete começam, à direita, a rua Marquês de Abrantes, e à esquerda, a rua do senador Vergueiro, que o põe em comunicação com o arrabalde de Botafogo.

Os bondes das linhas da companhia *Botanical Garden* passam por toda a rua do Catete, exceto os das linhas **3** e **4**, que só chegam até a praça Duque de Caxias. O Catete é o bairro mais comercial dos arrabaldes e nele encontram-se estabelecimentos de todos os ramos de negócio.

Os seus hotéis são o *Carson*, o *dos Estrangeiros* e o *Grande Hotel*, que fica pouco adiante do largo do Catete, na rua Marquês de Abrantes, nº 20.

Flamengo. Este bairro, ligado aos da Glória e do Catete, compreende toda a costa da baía que se estende da praia do Russell até o morro da Viúva. Esta parte da costa é denominada *praia do Flamengo*. Um longo e largo cais, que partindo da rua do Russell vai até quase a embocadura da rua Buarque de Macedo, oferece um passeio muito agradável e poético a qualquer hora do dia ou da noite, gozando-se sempre fagueiras brisas marítimas.

A praia do Flamengo possui muitas casas em toda a sua extensão, sendo a maior parte grandes e bem construídas. Esta parte da costa é muito frequentada pelas pessoas que usam banhos de mar. Ali morrem as ruas do Russell, do Príncipe do Catete, Ferreira Viana, Bela da Princesa, Buarque de Macedo, Dois de Dezembro, do Pinheiro, de Santo Inácio, Paissandu, travessa do Flamengo e travessa do Cruz Lima.

Para este arrabalde vai-se nos bondes de qualquer das linhas da companhia *Botanical Garden*, e para ser todo visitado é conveniente entrar pela rua do Príncipe do Catete, em cuja esquina se acha o Palacete do barão de Nova Friburgo.

Laranjeiras. Neste pitoresco e ameno arrabalde, que fica à direita do Catete, encontram-se primorosas casas, em que o luxo e o bom gosto se casam perfeitamente. Tem o seu começo na praça Duque de Caxias, antigo largo do Machado, e estende-se até o bairro do Cosme Velho, no lugar denominado



Praia do Russel.
Por Juan Gutierrez,
189?. Coleção Juan
Gutierrez. Brasileira
Fotográfica/ Museu
Histórico Nacional.

Bica da Rainha, assim denominado por existir ali uma fonte, ponto terminal dos bondes da linha **3** da companhia *Botanical Garden*, e cuja viagem gasta 35 minutos da cidade.

Possui diversas ruas com elegantes chácaras primorosamente cultivadas e ornadas de belas casas de morada.

É regado pelo rio Carioca, também denominado *das Laranjeiras*, que atravessando o fim da rua do Catete, junto ao largo do mesmo nome, vai morrer na baía, correndo ao lado direito do Hotel dos Estrangeiros.

Pelo morro do Novo Mundo há um caminho particular que o faz comunicar com Botafogo, saindo-se na rua Marquês de Olinda.

É nesse lindo bairro que tem a sua residência a princesa imperial, a sereníssima senhora D. Isabel. O seu palácio, situado no fim da rua Guanabara, com a frente voltada para a rua Paissandu, tomou a denominação do seu augusto nome.

Cosme Velho. Este arrabalde fica em seguida ao das Laranjeiras, na sua parte mais elevada, começando no lugar conhecido pelo nome de *Bica da Rainha*, ponto terminal dos bondes da linha **3** da companhia *Botanical Garden*.

Lindo e pitoresco, com elegantes chácaras primorosamente cultivadas e graciosos chalés de morada adornados de jardins, fica dentro de um vale circulado de altas serras e é regado pelo rio Carioca, ali chamado das Laranjeiras.

É muito povoado e possui bela vegetação e palmeiras de diversas espécies. Do ponto terminal dos bondes parte presentemente uma diligência que conduz passageiros até pouco adiante das Águas Férreas, estando em comunicação com as chegadas dos referidos bondes. Custa a passagem da diligência 100 rs.

Do fim do Cosme Velho, depois do ponto das diligências, há alguns caminhos na serra que o fazem comunicar com a rua do Aqueduto; mas são caminhos íngremes e de muito penoso acesso.

No morro do Inglês acha-se colocada a caixa-d'água das Laranjeiras, indo-se pela ladeira do Ascurra, que começa à esquerda da rua Cosme Velho. É o mais próximo passeio que existe neste bairro.

Pela ladeira do Ascurra, em grande parte formada de extensos zigue-zagues, e pela dos Guararapes vai-se à *Mãe-d'Água*, em que se despeja a maior porção das águas do celebrado Carioca. É outro passeio muito agradável, uma visita feita ao lugar onde se vê abrir o monumental Aqueduto da Carioca.

Por este ameno bairro há caminho para alto do Corcovado.

Entre a rua Cosme Velho e a ladeira Guararapes vê-se a pequena caixa pertencente às Águas Férreas, cuja nascente já desapareceu.

Do Cosme Velho é que deve partir a projetada estrada de ferro de cremalheira central para o lugar denominado *Chapéu de Sol*, próximo ao cume do Corcovado, passando pelas Paineiras, onde se estabelecerá um grande hotel.

Corcovado. Presentemente é considerado como arrabalde a elevada serra que, distante duas léguas da cidade, sustenta o celebrado gigante de pedra conhecido por aquele nome, indo-se até o seu altíssimo cume, que está a 712 metros acima do nível do mar.

É indispensável ao viajante ir ao alto do Corcovado; atualmente é fácil e cômodo o acesso da enorme pedra e o governo desvela-se pela conservação da respectiva estrada principal.

Vamos dar dois itinerários para a sua ascensão, um extenso e outro brevíssimo; mas convém que o viajante conheça os dois caminhos, pois ambos merecem ser visitados e percorridos.

Começemos pelo mais longo. Ao Corcovado pode-se ir ou pelo Cosme Velho ou pelo morro de Santa Teresa. Pelo Cosme Velho há dois caminhos principais que vão dar à *Mãe-d'Água*, pertinho de um dos caminhos da serra: ou pela ladeira dos Guararapes, que fica quase no fim do referido bairro, ou pela ladeira do Ascurra, que começa no princípio da rua Cosme Velho, pouco depois do ponto terminal dos bondes da linha das Laranjeiras; é a primeira ladeira que se abre à esquerda da referida rua Cosme Velho.

Essas duas ladeiras do Cosme Velho por ora não dão lugar para o trânsito de carros e a do Ascurra é em boa parte constituída de extensos ziguezagues. Ambas fazem às vezes confundir o viajante pelos atalhos e mesmo estradas que nelas se abrem, ficando-se indeciso sobre qual a sua verdadeira direção. Assim, nenhum desses dois caminhos é recomendável. O da ladeira dos Guararapes é, porém, muito mais curto. Podem ser percorridos a cavalo e estão sendo melhorados às expensas do governo.

O caminho que se recomenda para a *Mãe-d'Água* é a rua do Aqueduto, no morro de Santa Teresa. É toda plana, larga, magnífica e de rodagem, desde o lugar conhecido pelo nome de França, ponto terminal dos bondes do morro de Santa Teresa (vide página 279).

Juntinho à *Mãe-d'Água*, indo-se pelo Cosme Velho ou pela rua do Aqueduto, abre-se a estrada que dá acesso ao Corcovado; pelo Cosme Velho, porém, fica ela pouco antes da *Mãe-d'Água*: é larga em toda a sua extensão, magnífica e quase toda sombreada a qualquer hora do dia. Esta estrada constitui por si só um passeio ameno e agradável, admirando-se as elevadas e curiosas árvores que a orlam e se estendem por toda a montanha, e ouvindo-se a cada momento o murmúrio sonoro e poético das águas do Carioca, que percorrendo entre as matas virgens da serra, não são visíveis senão já pertinho das Paineiras, nas proximidades da única estrada que se abre à direita e que comunica com o antigo caminho do Corcovado, como adiante se dirá no 2º itinerário. Perto desta paragem vê-se então despenhar o Carioca de uma pedra formando cachoeira coberta de árvores: não é visível aos transeuntes, mas carece procurar-se o caminho da sua direção, às vezes oculto pela vegetação.

Nas Paineiras vê-se logo um grupo de pequenas casas, propriedades do governo, um jardim com pequeno caramanchão no centro e um baixinho, mas extenso e gracioso aqueduto, que recebendo várias nascentes vai alimentar o Carioca um pouco abaixo, na *Ponte de 51* (vide página 273).

Das Paineiras, logo adiante do grupo das habitações, avista-se o mar, parte da lagoa Rodrigo de Freitas, os queridos *Dois Irmãos* e o Jardim Botânico. O panorama, porém, que apresenta não é notável.

Deste lugar, que é muitíssimo saudável e mesmo belo pela curiosa, luxuriante e elevada vegetação que o circunda, constituindo-se uma pequena chapada, em frente à primeira casa que se avista, prossegue a estrada geral, que em pouco tempo conduz o viajante ao fim almejado. É ela, porém, a parte mais íngreme do caminho, mas orlada de árvores muito esquisitas que dão sombra em todo o percurso da estrada: em alguns lugares é pedregosa mas sempre magnífica para o trajeto, e como é toda adornada de atrativos e encantos, torna-se fácil e agradável o seu acesso.

Com as distrações que esplendidamente oferece a natureza, derramando a mãos largas os mil atrativos comuns às florestas das serras do Brasil, chega-se ao lugar chamado *Chapéu de Sol*, que fica logo à direita de quem sobe e às vezes, por estar no meio de grandes árvores, quase que passa despercebido aos olhos do viajante, que desejoso de ver o termo da viagem, dá a volta que neste lugar oferece a estrada. A origem do nome que tem procede de existir ali um grande chapéu de sol, tendo por cabo um tronco de árvore de bastante altura, com armação de estreitas tábuas e coberturas de sapê, usada nas casas chamadas de palha. Unida ao cabo do chapéu vê-se uma mesa circular e rodeada de assentos

de troncos de árvores em forma de cadeiras de espaldar. O aspecto dessas rústicas cadeiras é grave: parece que estão ornando a esplêndida antessala de algum palacete nobre.

Cinco minutos depois do *Chapéu de Sol* avista-se pertinho o Corcovado, e subindo-se 23 degraus muito baixos, abertos na rocha viva, chega-se afinal, poética e galhardamente, ao cume do gigante.

O viajante não carece levar consigo provisão de água, porque desde a *Mãe-d'Água* até o *Chapéu de Sol* encontra diversas nascentes pela estrada. Nas Paineiras a água derrama-se a jorros; no *Chapéu de Sol*, porém, apenas à direita da estrada corre uma pequena nascente, que com o seu surdo murmúrio quebra o silêncio da selva nesta parte do caminho.

Da *Mãe-d'Água* às Paineiras gastam-se no máximo duas horas de viagem, e deste lugar ao cume do Corcovado cerca de meia hora. Até o alto da gigantesca pedra pode-se ir a cavalo, subindo-se mesmo os referidos 23 degraus abertos na rocha. Quem, porém, quiser subir a pé das Paineiras em diante pode com segurança deixar neste lugar preso o seu animal até a volta. Carece, porém, observar que, como das Paineiras em diante a estrada é em alguns lugares pedregosa, a subida a cavalo deve ser cautelosa, e o animal, firme. Não se pense, todavia, que há perigo na viagem a cavalo a começar das Paineiras; qualquer animal sobe a serra, tendo o cavalleiro o cuidado de deixar a sela quando nos poucos lugares pedregosos tiver pouca confiança no animal que o conduz.

Nas Paineiras estende-se a floresta que tem o seu nome, conservada e replantada pelo governo; ali reside o guarda conservador da estrada geral do Corcovado.

Agora passemos ao segundo itinerário para quem desejar fazer a viagem com a maior rapidez possível.

Deve-se ir pela rua do Aqueduto e, depois de passados os segundos *Dois Irmãos*, encontra-se sobre o aqueduto, que então corre à direita, uma rampa sobre o mesmo, que vai dar ao lugar chamado *Lagoinha*; despreze-se porém esta rampa, e um pouco mais adiante, perto de uma pedreira trabalhada e juntinho de um pequeno paredão de pedra e cal arrampado, depara-se com outra rampa. É esta a direção da estrada chamada dos *Enforcados*, também conhecida pelo nome de caminho da *Lagoinha*. Esta estrada é muito sombria e em grande parte pedregosa; subindo-a não há que errar e vai ter às Paineiras, fazendo-se a pé uma viagem apenas de pouco mais de meia hora. Cumpre dizer que quase no seu termo abrem-se diversas estradas novas, mas que conduzem todas ao mesmo lugar; procure porém o viajante seguir a estrada mais velha, se porventura lhe convier. Apesar de ser pedregosa esta estrada, pode-se ir a cavalo até as Paineiras, mas cautelosamente e em animal firme. A pé o passeio é magnífico, encontrando-se nascentes d'água em diversos lugares do caminho, que corta espessa mata.

Chegando-se às *Paineiras*, procure-se o estreito caminho que se abre ao fundo do agrupamento das pequenas casinhas ali existentes e subindo-se por ele em um quarto de hora galga-se o cume da alcantilada serra, passando-se pelo *Chapéu de Sol*. Por este caminho, porém, não convém ir a cavalo.

É indescritível o golpe de vista deslumbrantíssimo, prodigioso, fantástico, sem rival, que dali se descortina. Todo o viajante que aportar ao Rio de Janeiro deve visitar o Corcovado, pois ali não há só o com que dar pasto aos olhos, mas muito que admirar, muito com que se entusiasmar e, como bem disse um eloquente escritor argentino, d. José Maria Cantillo: muito que aprender. O espetáculo que se oferece aos olhos é simplesmente maravilhoso e chega mesmo a surpreender por inesperado, a algumas pessoas dotadas de imaginação ardente.

Vê-se a configuração da baía e a grande quantidade de ilhas disseminadas por todas as partes; as suas águas parecem coalhadas, pela imobilidade que apresentam. Antolha-se logo aos olhos a notável pedra, que por ter a forma de uma mão fechada com o dedo indicador apontando para o céu, é conhecida pelo nome de *Dedo de Deus*. Avista-se ao longe a cidade formando um compacto agrupamento de casas; os seus elevados e grandes edifícios, as altas torres das suas igrejas, o zimbório da Candelária, os morros que ornem, enfim tudo desaparece, não há monumentos de arte, nem elevações de morros ou pedras, tudo é *mignon*. Do seu enorme burburinho apenas se ouve o sibilar agudo dos vapores e dos trens da estrada de ferro. O próprio *Pão de Açúcar* antolha-se pequenino.

Dos bairros de Botafogo, São Clemente e Jardim Botânico, que ficam próximos à base da serra, é que se percebe claramente o burburinho: ouve-se distintamente o cantar melodioso dos galos, o rodar longínquo das carruagens e o bater do martelo dos operários. Dali admira-se como são povoados aqueles arrabaldes de inúmeras casas; admira-se o recortado das suas ruas; dali contempladas, a Voluntários da Pátria é extensa e retíssima, a São Clemente de forma semicircular, e a longa rua Jardim Botânico, graciosa, margeando a lagoa Rodrigo de Freitas.

Depois do *Pão de Açúcar*, vê-se a praia Vermelha com a sua Escola Militar entre os morros da Pedra da Urca e da Babilônia; seguem-se a praia da Copacabana, a do Arpoador e a da Restinga, que são unidas, apenas separadas da Gávea pelos *Dois Irmãos*; em seguida avista-se por entre o recorte de uma montanha, que é o Alto da Boa Vista, a área da praia da Gávea.

O que se vê, enfim, do alto do Corcovado, é em tanta profusão que seria preciso um volumoso livro para se descrever: tanto valeria o escrever-se uma geografia especial das duas cidades assentadas nas águas serenas da formosa Niterói.

Acha-se em projeto uma estrada de ferro em direção ao alto do Corcovado; usando-se do emprego da cremalheira central, tão empregado na Europa e nos Estados Unidos com grande sucesso para vencer alturas extraordinárias e como se está presentemente assentando em direção a Petrópolis, a partir da Raiz da Serra. A estrada deve partir da rua Cosme Velho, indo terminar no *Chapéu de Sol*, passando pelas *Paineiras*. À primeira vista parece um caso extraordinário construir-se uma estrada de ferro para o Corcovado, onde ninguém habita, e para onde portanto não há passageiros, nem mercadorias a conduzir. Mas os concessionários da importante empresa, que são os senhores engenheiros Francisco Pereira Passos e João Teixeira Soares e o negociante Manuel José da Fonseca, pretendem igualmente estabelecer um grande hotel nas Paineiras com todas as comodidades e confortos, e daí compreendem-se as vantagens e a utilidade do grandioso cometimento, facilitando à população e aos viajantes a locomoção rápida e cômoda para um dos mais belos e elevados bairros da cidade. Como se disse, no *Chapéu de Sol* será colocada a estação terminal da estrada, e no alto do Corcovado levantará a empresa um pequeno pavilhão, onde haverá um *buffet*. A viagem da rua do Ouvidor, nos bondes da companhia *Botanical Garden*, até às Paineiras será de 55 minutos.

Botafogo. Arrabalde muito considerável e estimadíssimo, pertencente à freguesia de São João Batista da Lagoa. Pelos anos 1820, não passava de um pequeno número de chácaras isoladas no meio de um areal, defronte da esplêndida enseada de Botafogo, que em outro tempo se chamava de Francisco Velho. Pouco a pouco foram reconhecendo o valor do arrabalde e as acanhadas habitações foram-se transformando em magníficas casas de campo, que formam hoje um vasto semicírculo sobre a margem setentrional da baía.

Dos arrabaldes da capital do Império nenhum poderá disputar-lhe a primazia, já por sua importância, já por sua beleza; os jardins e chácaras que formam a longa e graciosa fila de formosos edifícios que cingem a praia do quase lago; o tapete de verde relva, que vai morrer nos elevados cumes das serras que o circundam; a poesia que ali se exala por toda a parte, dão-lhe decerto tudo quanto se pode imaginar do campo.

A linda enseada a uma légua ao sudoeste da cidade é profunda e redonda, comunicando-se com a baía de Niterói ou Guanabara por uma larga abertura entre o morro da Viúva e o da Pedra da Urca. As suas águas conservam-se sempre tranquilas e serenas, o que lhe dá a aparência de um verdadeiro lago. Cercada por uma imensa praia semicircular, que toma dois nomes, *de Botafogo*, do morro da Viúva até o do Pasmado, e *da Saudade*, desse morro até o da Pedra da Urca, alcatifada de habitações esplêndidas, de árvores elegantes e de jardins bem tratados, é um sítio essencialmente belo, encantador, poético e harmonioso, parecendo que a natureza procura reunir nesta paragem todos os encantos e primores das regiões tropicais:

— *Coisas que juntas se acham raramente*, na frase do grande épico português.

A praia é circundada de um longo cais com o seu competente parapeito e passeio. A rua que a contorna é larga e, sendo toda arborizada, dá-lhe um aspecto mui risonho. A enseada de Botafogo oferece um panorama esplêndido, como certamente não há em outra parte. Tudo o que ali observam os olhos é grandioso e belo.

Botafogo é o bairro mais aristocrático da cidade. Nele residem os abastados da fortuna e muitos titulares e capitalistas e negociantes de todas as nacionalidades. As habitações são ali bastante caras, quando porventura aparecem à venda, e os aluguéis das casas não menos, o que prova a estima e o valor que dão à localidade, não só por seus próprios atrativos, como por ser a residência predileta da *elite* da sociedade fluminense.

Na praia veem-se dois chafarizes, um defronte da rua Marquês de Abrantes e o outro defronte da rua de Marquês de Olinda.

Na rua Marquês de Abrantes, nº 20, acha-se o *Grande Hotel*; na praia de Botafogo, nºs 140 e 152, o *Hotel d'Angleterre* e o *Royal Hotel*; e defronte da rua Marquês de Olinda, o *Hotel Balneário* e o *Chalet Olinda*. Também encontram-se dois restaurantes na praia de Botafogo, nºs 236 e 250, o da *Sereia* e o *Botanical*.

Este arrabalde comunica-se com o de São Clemente por diversas ruas e com o de Copacabana ou pela subida do Leme, a que se vai pela rua da Passagem e Itapimirim, ou pela ladeira do Barroso, no morro da Saudade, indo-se pela rua Real Grandeza. No alto do morro da Viúva vê-se colocada a caixa-d'água para o abastecimento da população do bairro.

Neste arrabalde erguem-se, na rua Marquês de Abrantes, a Capelinha da Piedade, de estilo gótico, propriedade particular; na praia de Botafogo, no Colégio da Imaculada Conceição, a capela da mesma invocação, em que aos domingos e dias santificados costumam ouvir missa as famílias do arrabalde; na rua Voluntários da Pátria a igreja matriz de São João Batista da Lagoa, com a sua altaneira fachada fronteira à rua da Matriz. A capela do padroeiro é digna de menção.

Ainda neste arrabalde levantam-se, na praia da Saudade, o notável Hospício de Pedro II, a Escola Militar, que da praia de Botafogo se avista ao longo da referida praia da Saudade, fechando com a sua

imensa fachada os morros da Babilônia com o da Pedra da Urca. Depois do Hospício de Pedro II veem-se em construção o Instituto dos Meninos Cegos e a Faculdade de Medicina.

O Recolhimento das Órfãs de Santa Teresa, na rua do Hospício Pedro II, o Asilo de Santa Maria na rua Itapemirim, o Hospital de São João Batista, na rua da Passagem, igualmente se acham situados nele.

Na rua general Polidoro estende-se o cemitério de São João Batista, na base do morro de São João. Na base do morro do Pasmado, na enseada de Botafogo, levanta-se um dos estabelecimentos da *City Improvements*.

Da esquina da rua de São Clemente admira-se o celebrado gigante de pedra, o Corcovado, erguer-se de uma forma aguda e elegante, e muito diversa das que se costuma ver de outras partes.

Da esquina da rua dos Voluntários da Pátria descobre-se ao fundo a famosa *Pedra da Gávea*, de cor azulada.

Quem se colocar mais ou menos no meio da praia de Botafogo e circular com a vista a esplêndida enseada, descobre: à direita; no fim da praia, o morro do Pasmado, onde se distingue uma enorme pedreira de granito e os toscos ateliês dos canteiros na rua da Pedreira de Botafogo, que margeia o referido morro, e na sua base um dos estabelecimentos da companhia *City Improvements*; mais ao fundo, o morro do Telégrafo, onde se vê no seu cume uma pequena casa, em que funciona uma estação telegráfica; e depois, outro morro, que é o da Babilônia; embaixo desses dois morros fica a praia da Saudade, e ali se erguem o Hospício de Pedro II, o Instituto dos Meninos Cegos (em construção), o edifício da Escola de Medicina (ainda em começo) e a Escola Militar, que apresenta no fundo uma enorme fachada de morro a morro, isto é, entre o referido morro da Babilônia e outro que é conhecido pelo nome de Pedra da Urca. À esta pedra se une outra, que indo em declive regular, vai morrer em uma praia, que mal se avista, e em seguida vê-se um agrupamento de casas na base de uma montanha que constitui quase uma península: é a fortaleza de São João com parte dos edifícios que lhe são anexos.

Entre a Pedra da Urca e São João vê-se uma pequena e poética praia com uma casinha. Por detrás ergue-se o famoso *Pão de Açúcar*, cortando altivo o horizonte, como uma atalaia da entrada da barra.

Por cima da fortaleza de São João avista-se o forte do Pico, já conhecido do viajante, que aporta por mar. E logo depois da montanha em cuja base está a fortaleza São João destaca-se isolada a da Lage.

Em frente à enseada fica do outro lado da baía Niterói o Saco de Jurujuba, distinguindo-se na entrada, à esquerda de quem a olha, a igreja e a fortaleza de Boa Viagem.

À esquerda da praia de Botafogo vê-se então o morro da Viúva, onde existe o reservatório d'água que deve abastecer em breve a população do arrabalde.

A Pedra da Urca, que da praia de Botafogo parece unida ao Pão de Açúcar pela montanha que se estende à esquerda de quem a olha, representa de noite um coelho sentado, servindo o Pão de Açúcar de cabeça e orelhas erguidas, que entretanto nesta parte é um tanto exagerado; mas quanto ao resto do corpo do aludido animal a semelhança é perfeita, destacando-se mesmo duas das suas pernas.

O Pão de Açúcar foi considerado, por muitos anos, como inacessível; mas diz-se que, em 1817, uma inglesa chegou ao seu cume e ali plantou uma bandeira da sua nacionalidade. Hoje não é difícil a ascensão e muitíssimas pessoas a têm feito, apesar da aspereza do caminho, principalmente na parte em que é necessário ser-se marinheiro para por um cabo de linho galgar-se uma das paredes da enorme pedra.

São Clemente. Arrabalde importante ligado ao de Botafogo e pertencente à mesma freguesia de São João Batista da Lagoa. A sua maior parte fica na encosta de uma elevada serra, muito elegante

e ornada de vegetação interessante. Começa na rua São Clemente, que tem o seu princípio na praia de Botafogo e estende-se até o largo dos Leões, onde se veem elegantes e altas palmeiras. Possui lindas casas de recreio com chácaras bem cultivadas e jardins artisticamente ornamentados.

A linha **1 B** da *Botanical Garden* conduz o viajante até o referido largo dos Leões, custando a passagem 300 rs., paga em duas vezes.

Copacabana. Arrabalde pertencente à freguesia de São João Batista da Lagoa, e acha-se separado do de Botafogo por elevadas serras. Comunica-se com este por dois lugares: um pela subida do Leme, que começa na rua Itapemirim, indo-se pela rua da Passagem, a partir da praia de Botafogo; outro pela rua Real Grandeza, subindo-se pela ladeira do Barroso, no morro da Saudade. Esta subida é menos íngreme, e de qualquer dos caminhos se desfruta um belíssimo panorama.

Indo-se, porém, pela subida do Leme, a vista é talvez mais esplêndida e encantadora. No alto da montanha depara-se com um arco de fortaleza chamado do Leme. Ali o golpe de vista que se descortina é simplesmente arrebatador. Colocando-se o viajante um pouco afastado do arco e olhando por dentro dele, tem ante si, antes um painel pintado por hábil artista do que um quadro oferecido pela natureza: nesse panorama vê-se ao longe a capela de Nossa Senhora de Copacabana, e por detrás o grande Oceano Atlântico e depois algumas ilhas, sendo a maior a Rasa, onde se ergue um farol que guia aos navegantes à entrada da barra e que funciona desde 1829.



Copacabana. Por Juan Gutierrez, 189?. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

Do mesmo ponto, volvendo-se o olhar para a parte oposta, desfruta-se outra vista pitoresca: vê-se a entrada da baía de Botafogo, o morro da Viúva e por detrás, ao longe, parte da cidade e da baía de Niterói.

Uma pequena rampa à esquerda dá acesso para o alto do *Arco do Leme*, e então o lance de vista que se desfruta, de ambos os lados, é surpreendente.

Um caminho que ali se abre em direção à montanha, que se levanta ao lado,

vai ter ao alto do morro da Babilônia, onde existe uma estação telegráfica. Deste ponto depara-se outra vista esplêndida, quer sobre a baía, quer sobre o oceano.

O chamado *Arco do Leme* são restos de um antigo forte, que era destinado à defesa da cidade, para impedir a passagem da praia da Copacabana para a de Botafogo, no caso de invasão inimiga por aquela parte da costa.

A praia de Copacabana era chamada pelos indígenas que a habitavam *Sakopenopã*. É extensa, lindíssima e muito batida pelo mar. No seu fim ergue-se a referida igreja de Nossa Senhora de Copacabana, e ali mesmo acha-se a antiga fortaleza da Copacabana em uma ponta saliente, muito batida às vezes pelos ímpetos das ondas que ali, atrevidas, se despedaçam; está de todo arruinada, mas ainda se veem algumas antigas peças de artilharia, inteiramente abandonadas e à mercê dos tempos.

Perto da igreja vê-se uma pedra fendida muito curiosa. Entre dois pequenos morros, que existem quase em frente do final da ladeira do Leme, há uma espécie de túnel, que comunica os fundos de uma casa com a praia.

Há muito que se projeta uma linha de carris de ferro do centro da cidade para a Copacabana, chegando-se mesmo a se realizar em parte a sua construção, da qual, por não ter passado da praça Duque de Caxias, veio a caducar a respectiva concessão, depois de um esforço inaudito e de uma despesa extraordinária dos empresários e com grave prejuízo da população que se destinava a ir residir neste aprazível arrabalde. Ultimamente foi posta a concurso público a construção da linha, a qual deve seguir a direção da rua Real Grandeza, cortando o arrabalde de Botafogo.

Jardim Botânico. Este imenso arrabalde, que dista cerca de duas léguas da cidade, começa na rua Humaitá e estende-se até a Gávea, que é outro arrabalde muito interessante.

Quem a ele se dirige pela rua Voluntários da Pátria descobre logo à direita o *Corcovado*; na frente, ao fundo, a *Pedra da Gávea*, e um pouco à esquerda os *Dois Irmãos*.

Desde o seu começo orna-o a grande lagoa de Rodrigo de Freitas, que se abre à esquerda do fim da rua do Humaitá, ou começo da Jardim Botânico; lagoa que chama logo a atenção do viajante pelo belo espetáculo que oferecem as suas sereníssimas águas entre serranias gigantes. Esta lagoa tem cerca de uma légua de comprimento e meia de largo: acha-se colocada entre as serras do Corcovado e o mar, no qual despeja parte das suas águas por um sangradouro, que se torna preciso abrir quando pelas grandes cheias ameaça inundar as terras vizinhas, afogando as suas praias. Ainda se acha em projeto fazê-la comunicar permanentemente com o mar, o que seria de vantagem imensa para a salubridade do bairro. As suas águas são salobras. As imediações desta lagoa não passam por muito salubres, em consequência da estagnação das águas e do lodo que se amontoa no seu fundo. É abundante de peixes de diversas espécies e grandezas, os quais são aproveitados pelos moradores ribeirinhos. O nome por que é conhecida provêm-lhe de se achar dentro de terras que em outra época pertenceram a Rodrigo de Freitas Melo e Castro.

As montanhas que se descobrem ao fundo desta lagoa são ilhas do alto-mar, distinguindo-se em uma delas o farol da ilha Rasa.

Entrando-se na rua Jardim Botânico continua-se a avistar-se em frente a *Pedra da Gávea*, e olhando-se para trás vê-se surgir como por encantamento o *Pão de Açúcar* por entre as duas montanhas que se abrem para deixar passar a rua Humaitá. É uma aparição curiosa e digna de ser observada pelo viajante, que deve esperar com os olhos que o altaneiro penhasco surja rapidamente, para logo desaparecer com a continuação da viagem.

Defronte da lagoa, um pouco depois do começo da rua Jardim Botânico, vê-se à direita à grande chácara do comendador Lage, ornamentada de muitas obras de arte, cortada de regatos e lagos artificiais e minaretes e toda coberta de vegetação curiosa e esplêndida. É um pequeno e elegante parque, todo entressachado de ruas até uma certa altura da elevada montanha que sustenta o Corcovado, o

gigante de pedra que persegue o viajante por toda a parte em que se ache, sem, contudo, se arredar um só passo do seu posto de honra; muda de formas, segundo a parte de onde é observado, mas de altivez, galhardia e independência, nunca!

Neste bairro é que se acha situado o precioso Jardim Botânico, cuja rua central, denominada *das Palmeiras*, encanta, entusiasma e mesmo arrebatava os olhos e o espírito do visitante: é simplesmente uma beleza toda natural, apenas subjugada no seu começo pela mão do homem. Bastava esta rua para recomendar ao viajante o Jardim, quando porventura outros encantos não possuísse.

Quase em frente ao portão de entrada do notável parque acha-se o *Chalet Restaurant Campestre*. Como indica o seu nome, é um hotel de campo, todo circulado de frondosos arvoredos. Ali custa um almoço, sem vinho, 1\$500 e um jantar, idem 2\$. Dá comida a qualquer hora do dia ou da noite e fica com as portas abertas até as 2 horas da madrugada. Possui um bilhar, aparelhos de ginástica e balanços para senhoras. Este restaurante é frequentado pelas famílias que costumam visitar ou passar o dia no Jardim Botânico. As mesas são separadas e acham-se dispostas por debaixo das árvores, o que lhes dá um certo cunho de beleza e poesia.

Junto ao Jardim Botânico ergue-se o Instituto Fluminense de Agricultura, com uma extensa fachada lateral e constando de um único pavimento. Neste lugar está-se construindo o edifício para o Museu Industrial^[197]. A Fazenda Normal, destinada à cultura de plantas exóticas, se estende pelos arredores do Jardim.

Na rua de D. Castorina, que começa à direita da do Jardim Botânico, precedendo um pouco o parque, acha-se colocada a *Caixa-d'água do Macaco*, no pitoresco lugar do mesmo nome. O viajante deve visitá-la, pois a impressão que deixa é muito agradável. Em outro lugar do presente *Guia* já se tratou desta caixa.

Pela referida rua de D. Castorina, passando-se pela Caixa-d'água, na magnífica estrada de rodagem que se abre à direita, vai-se até pouco abaixo do Alto da Boa Vista, na Tijuca, gastando-se a pé duas horas e meia de viagem. Nesta estrada acham-se os passeios conhecidos pelos nomes de *Mesa do Imperador*, assim chamado por ali ter-se levantado uma mesa quando S. M., o Imperador, o visitou, *Vista Chinesa*, cujo nome lhe foi belamente aplicado pelo deslumbrante golpe de vista que dele se descortina. A *Mesa do Imperador* e a *Vista Chinesa* são dois passeios que pertencem tanto à Tijuca como ao Jardim Botânico.

Do Jardim Botânico à *Vista Chinesa* gasta-se 1h30 de viagem a pé; dali avista-se: em frente, o mar, o grupo de ilhas já conhecidas do viajante e a lagoa de Rodrigo de Freitas; à direita, os Dois Irmãos; e à esquerda o Pão de Açúcar, o Corcovado e Botafogo.

A rua Jardim Botânico morre no lugar denominado *Três Vendas*, e ali começam as ruas da Boa Vista, à direita, e a do Sapê, à esquerda. Na primeira dessas ruas ergue-se logo no começo, à sua esquerda, a igreja de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, matriz da freguesia do mesmo nome, em parte da qual está encravado o arrabalde do Jardim Botânico.

[197] Foi idealizado por Luiz Pedreira Couto Ferraz em 1871. O museu jamais foi inaugurado, pois sua construção demorada e a frequente falta de verbas levaram à perda de seu acervo e à condenação do prédio inacabado.

Os bondes da linha **1 A** da companhia *Botanical Garden* fazem o seu ponto terminal na subida da ladeira da Boa Vista, onde tem a referida companhia uma elegante e sólida estação. Custa a passagem 400 rs. desde a cidade, paga em duas vezes.

Junto à estação encontra-se um pequeno restaurante campestre onde se preparam comidas e servem-se refrescos e bebidas.

Subindo-se a estrada que se abre em seguida ao ponto terminal da linha dos bondes, vai-se ter ao *Alto da Boa Vista*, de onde se desfruta um belíssimo panorama, justificando assim o nome com que tão belamente o batizaram. Do *Alto da Boa Vista* continua a estrada, que é de rodagem, e se estende até a Pedra da Gávea.

A rua do Sapê finaliza no largo da Memória, sendo cortada quase no fim pelo rio Preto; no centro do referido largo vê-se um chafariz tosco formado por uma pequena pilastra de granito. Deste largo partem duas ruas: a da direita é denominada *do Pau* e a da esquerda *Caminho do Pinto*, que vai terminar na praia do mesmo nome na margem setentrional da lagoa de Rodrigo de Freitas. Esta praia é o melhor ponto para se contemplar a magnitude e o esplendor da referida lagoa.

A praia do Pinto é circular e pequena, mas muito interessante, não só pela bela posição em que se acha como pela vegetação curiosa que a circunda. No lugar onde termina esta praia levanta-se uma grande pedra denominada *do Baiano*, que provavelmente servia de baliza à entrada da enseada; mais ao fundo fica a praia Funda, e por cima da vegetação que a orna distingue-se um ponto branco, que é a cúpula da igreja da Copacabana; à esquerda, vê-se por debaixo do Corcovado o começo da rua Jardim Botânico e a profusão das palmeiras do Jardim; enfim, circulando-se a vista pelas arredores da lagoa admiram-se as formas esquisitas das serras e elevadas pedras que a circulam, abrigando-a em um vasto seio. É um panorama digno da contemplação do viajante que ama os portentos da natureza. Ali tudo é monumental. Nas noites de luar, a praia do Pinto torna-se esplêndida pela vista que se abre ao observador: as negras e elevadas serras que ao fundo e ao lado esquerdo da lagoa se erguem como fantasmas gigantes, o reflexo dos raios da lua sobre as águas, mudando a cada momento de formas, a brisa fagueira que quebra a monotonia do bosque, o mugir longínquo das ondas despedaçando-se na praia do mar, que lhe fica próximo, a placidez e a serenidade da lagoa, que apenas faz mover de leve as suas águas como para sorrateiramente beijar os pés do visitante, agradecida. Enfim, todo o conjunto que oferece a natureza neste ponto, infelizmente tão pouco conhecido, dá-lhe um aspecto inegavelmente imponente e ao mesmo tempo deleitável risonho e poético.

Na praia do Pinto há uma venda, na esquina da travessa do Pau, que se comunica com a rua do mesmo nome.

Seguindo-se a referida praia encontra-se um caminho arenoso, que vai dar na praia do alto-mar, chamada Restinga e que se liga à do Arpoador, imediata à de Copacabana. É uma praia extensa, larga, cheia de grandes medões de areia e de restingas e muito batida das ondas. Daí, à direita, destacam-se duas enormes pedras, que por estarem juntas, uma no regaço da outra, são denominadas *Dois Irmãos*, simbolizando dois amantes inseparáveis, que se amam mutuamente. Estão colocadas como que de indústria para guardarem a referida praia, ou talvez servissem em época remota de atalaia à entrada de uma grande enseada que abrangesse todo o arrabalde do Jardim Botânico, como o Pão de Açúcar serve presentemente de baliza aos navegantes que demandam a baía de Niterói. Os *Dois Irmãos*, de certa paragem do Jardim Botânico, por exemplo, das proximidades da travessa do Pau, apresenta-se

como se fosse uma só pedra, cujas formas são exatamente as do *Pão de Açúcar* da entrada da baía; de outros muitos lugares do Jardim Botânico e da Gávea aparece com dezenas de formas diferentes e de tal modo que às vezes não parecem os mesmos *Dois Irmãos* que tão poeticamente se contemplam da praia da Restinga.

Na direção do *Dois Irmãos* veem-se, ao longe, no mar, as ilhas *Funil* e *Alfavaca* e, mais afastada dessas duas, a *Primeira*, que é coroada de seis palmeiras. Essas ilhas ficam à direita da praia da Gávea, que é imediata à da Restinga, separadas pelos *Dois Irmãos*, que se prolongam em grande distância da costa banhados nesta parte da sua base pelo mar; em frente, um grupo de ilhas, das quais a mais alta tem o nome de *Redonda*, outra *Cagarra*, assim chamada por ser habitada de aves marítimas que nela depositam grande quantidade de guano natural, como se vê pelas alvas esteiras que apresenta; entre essas ilhas, na que se acha mais distante, descobre-se o farol chamado da ilha *Rasa*; à esquerda, vê-se, no fim da praia, em uma pequena elevação, a igreja de Copacabana, voltada de costas, é verdade, mas chamando logo a atenção do visitante pela sua alvura; e por entre as montanhas avista-se ao longe o cume do inseparável *Pão de Açúcar*, de um azul esbranquiçado.

É um passeio agradabilíssimo ir-se até a praia da Restinga, onde furiosas batem noite e dia as ondas do Atlântico. Aí vê-se, no final do caminho que começa na praia do Pinto, às vezes, o sangradouro que se costuma abrir em certas épocas para comunicar a lagoa com o mar.



Vista do morro “Dois Irmãos”. Imagem produzida a partir da praia da Restinga, no Jardim Botânico, por Lopes Rodrigues. des. do natural e lit. Trata-se da segunda imagem que compunha a edição original do *Guia*.

É tradição entre os moradores desta parte do Jardim Botânico que o mar vai decrescendo consideravelmente naquele sítio; e as provas do fato parecem evidentes a quem examina com atenção esta paragem. É caso fora de toda a dúvida que a lagoa Rodrigo Freitas foi em outro tempo uma grande enseada; o mar, afastando-se da costa e não podendo arrastar consigo as águas da enseada, foi fechando-a,

de modo que por ser funda e receber as águas dos rios Macaco, Preto e outros, nunca poderia secar e constituir-se uma várzea. Vê-se mesmo o lugar onde devia ter sido a embocadura da enseada, e que é entre a *Pedra do Baiano* e a que lhe fica fronteira no lado oposto. A quem visitar esta praia

ocorre logo semelhante ideia. Acresce ainda que os moradores antigos do lugar indicam até o ponto em que era tradição entre os seus, batia o mar, e que é exatamente na corda de pedras em cuja direção se acha a do *Baiano*.

A rua do Pau termina no largo do Leblon e dali parte um caminho que vai ter à costa e praia do mar.

Por esta praia, que se liga à do Arpoador, há caminho para Copacabana. Acha-se em projeto uma linha de bondes que, partindo das Três Vendas, ponha em comunicação rápida e cômoda os dois arrabaldes.

O desenho que se vê junto representa as duas enormes e elegantes pedras que, por se acharem juntas uma a cavaleiro da outra, receberam o nome de *Dois Irmãos*. É tirado da praia do mar, à esquerda do lugar onde se faz abrir o sangradouro, pelo senhor Manuel Lopes Rodrigues Filho, que, dotado de verdadeira vocação artística, soube dar a mais admirável fidelidade na execução do trabalho.

Gávea. É um arrabalde grande e, por sua extensão, parece pouco povoado. Começa da rua da Boa Vista, no Jardim Botânico, e estende-se até a serra que sustenta a famosa *Pedra da Gávea*. Do ponto terminal dos bondes da linha 1 A da companhia *Botanical Garden* até a base da referida serra gasta-se, a pé, cerca de duas horas de viagem.

A rua da Boa Vista é uma estrada de rodagem larga e magnífica em toda a sua extensão. Esta estrada é uma ladeira suave, formando grandes zigue-zagues. Logo no seu começo encontra-se, à esquerda, uma fonte de água férrea, que é frequentada pelos transeuntes pelas suas boas qualidades. Logo depois desta fonte começa a estrada a oferecer excelentes panoramas, com os quais vai se deliciando o viajante. Descortina-se à primeira vista o Corcovado, o Pão de Açúcar, a lagoa de Rodrigo de Freitas, a baía, a igreja de Boa Viagem etc.

No segundo panorama, que fica próximo ao primeiro, o espetáculo que se admira é mais grandioso e descobre-se grande parte do arrabalde do Jardim Botânico. Ao chegar-se ao Alto da Boa Vista, por onde corta a estrada, de modo poético, entre duas altas paredes da montanha, confirma-se o nome que tão justa e belamente lhe deram. Olhando-se para baixo vê-se uma enorme várzea, que é terminada pela extensa e encantadora praia da Gávea; à direita, sobre elevada serra, avista-se próximo à famosa *Pedra da Gávea*, que indica a origem do nome do lugar, e no mar as ilhas *Funil* e *Alfavaca*, que estão quase juntas, e a *Primeira*, que é a mais afastada e coroada de seis palmeiras; à esquerda, ao pé do lugar em que estamos, ergue-se uma pedra de grandeza e altura colossais; é uma das faces dos *Dois Irmãos*, companheiros inseparáveis do viajante que percorre os arrabaldes do Jardim Botânico e da Gávea, tomando formas esquisitas e tão diversas que às vezes não parecem os nossos conhecidos. A pedra aqui é íngreme, quase desde a sua base, que nasce na várzea, e nua a sua parede, mas coroada de interessante vegetação.

É um golpe de vista prodigioso o que se descortina deste *Alto da Boa Vista*. Até ali sobe-se, mas o resto da estrada que se segue é em suave declive e depois torna-se plana, quando se cai na bela várzea.

Quase próximo do termo da ladeira, encontra-se, à direita, um novo, mas já de bastante altura, *bacurubu*, árvore que toma vastas proporções no seu crescimento.

Na descida da estrada várias cachoeiras e nascentes d'água aparecem, chamando com os seus murmúrios a atenção do viajante, e se vai admirando como é aquele solo regado de tanta abundância d'água.

Caindo-se na várzea, continua a estrada, como já se disse; ali, depois de andar-se bastante, vê-se à direita um portão sustentado por duas pilastras de alvenaria e ao fundo uma casinha de telhas; mais adiante e na mesma direção aparece outro portão com pilastras de pedra e cal, levantando-se na base da

montanha uma grande e vistosa casa, que era a da residência do senador José Pedro Dias de Carvalho, a quem se deve a impressão do conhecido poema *Vila Rica*, de Claudio Manuel da Costa, desventurado poeta de Minas Gerais. Pouco antes de chegar-se a esta casa passa-se por uma pequena e sólida ponte. Um pouco mais adiante vê-se uma casa regular no cimo de pequena montanha, tendo na frente quatro palmeiras ainda novas: é o lugar conhecido por *Fazendinha da Gávea*, de propriedade do senhor Francisco Antônio Martins, digno bibliotecário da Biblioteca Fluminense e distinto bibliófilo. Parte da base desta montanha, em que se acha a referida casa, é banhada por um rio que corre entre pedras formando pequenas cachoeiras e indo cortar a estrada geral, um pouco adiante da entrada da referida *Fazendinha*, onde se vê uma outra ponte, morre no mar, que está próximo, tomando diversa direção. Do alto da *Fazendinha*, goza-se uma vista circular agradabilíssima; olhando-se para o largo mar que se abre em frente, veem-se, à direita as ilhas *Primeira*, *Funil* e *Alfavaca*, e à esquerda, a *Redonda*, a *Rasa*, a *Cagarra* e outras, distinguindo-se em uma destas o farol que serve de guia aos navegantes que demandam à noite a entrada da barra do Rio de Janeiro.

Logo adiante da aludida ponte abre-se um pequeno largo, e ali existe uma venda. Dali prossegue a estrada, que apresenta uma bifurcação um pouco próxima; a da direita continha a pertencer ao arrabalde: é extensa e muito povoada de casas, sendo algumas bem construídas. Por esta paragem existem alguns engenhos de lapidar pedras preciosas movidos por água. A estrada da esquerda ainda continha a pertencer à Gávea e dá caminho para a Barra da Tijuca e Jacarepaguá. Ambas ficam nas imediações e à direita da base da serra que sustenta a *Pedra da Gávea*.

Da Gávea à Barra da Tijuca gasta-se, a pé, cerca de uma hora de viagem. A estrada ali não é de rodagem. A cavalo é a melhor maneira de se fazer o seu trajeto.

Da estrada na várzea descobrem-se alguns caminhos que vão ter à praia, que é extensa e encantadora. O mar ali bate às vezes agitando elevadas ondas e forma também às vezes grandes remansos. No final da praia, à esquerda de quem olha para o mar, há uma espécie de furna no começo da base dos *Dois Irmãos*, banhada pelas águas do grande Atlântico. Chamam-na *pequena*, porque para diante existe outra chamada *furna grande*; mas esta acha-se em lugar muito difícil de ser visitada, porque é necessário caminhar-se com dificuldade por cima da rocha quase íngreme. Nesta *furna grande* há muito peixe, e alguns de grandes dimensões.

Na costa da Gávea não se encontram embarcações de espécie alguma, nem mesmo simples canoas de pesca, por causa da aspereza do mar. Às vezes, porém, aparecem pescadores de outras localidades, lançam grandes redes de arrastão e apanham muito peixe. Os pescadores que ali vivem usam ou da tarrafa, que atiram nos remansos formados pelo mar, ou da linha, de que se servem do alto das pedras nos dois extremos da praia. Alguns costumam pescar na *furna grande*, onde quase sempre a colheita de peixe é abundante e vantajosa, ainda que difícilima.

Na *Pedra da Gávea* vê-se representada uma cara perfeita de homem. É coisa singular tal aparição. Distinguem-se perfeitamente os olhos da carranca cavados na rocha, o nariz achatado, a boca, a longa barba, a maçã do rosto, enfim, uma cara e cabeça completa de velho, trazendo um capacete com pequena crista. No alto do capacete ocorre uma inscrição, da qual adiante se trata. Outra cara se descobre na face superior de toda a grande pedra, com um nariz bastante aquilino.

Na referida *Pedra da Gávea*, isto é, no alto do capacete que aparece colocado na cabeça do velho, existem gravados caracteres que passavam como uma inscrição de povos desconhecidos. Nada ao certo

se conhecia a tal respeito; mas, em 1839, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil encarregou a uma comissão composta por Manuel de Araújo Porto-Alegre e Januário da Cunha Barbosa de examinar a referida inscrição. Anexado ao relatório, que corre impresso no tomo I da *Revista trimensal* do Instituto, vê-se o desenho da inscrição, a qual no ato de ser apresentada, diz a comissão: “uma cópia fiel da pretendida inscrição, desse monumento que pertence à classe daqueles, que Mr. Court de Gibelin coloca no seu *Mundo Primitivo*, e que tem chegado às recentes gerações envolvidas no mistério dos tempos com os hieróglifos, os caracteres cuneiformes, e as construções ciclopeanas”.

A comissão diz a este respeito o seguinte no seu parecer, sem contudo decidir se tais caracteres são esculpidos pela mão do homem ou pela natureza:

“Assim como a natureza esculpiu sobre a rocha de Bastia a forma de um leão em repouso; na gruta das Sereias, em Tívoli, um dragão em ar ameaçador; e na mesma gávea a forma de um mascarrão trágico; assim como ela eleva pontes naturais, constrói fortificações e baluartes, que ao primeiro lampejo da vista fazem da vista fazer crer ao viajor momentos da mão do homem, assim ele podia gravar na rocha viva aqueles caracteres, que podem mais ou por suas formas aproximar-se a algumas das letras dos alfabetos das nações antigas e orientais. A comissão, com seus próprios olhos, encontrou em diversas pedras isoladas em roda da *Gávea* sulcos profundos entre dois veios de granito, que mais ou menos representavam caracteres hebraicos, e alguns até romanos, e de uma maneira assaz evidente e caprichosa... Argumentos notáveis se apresentam de uma e de outra parte para que ambas as conjeturas tenham seu fundamento, e suas principais proposições vos vão ser apresentadas. 1ª) Que os diversos viajantes têm descoberto inscrições em diferentes rochedos do Brasil, e que a da serra de *Anabastabia*, aonde se crê ver a descrição de uma batalha, assim como a das margens do *Yapura* e outras mais que se veem na famosa coleção das palmeiras do Spix e Martius, dão uma prova da existência desta sorte de monumentos no nosso solo: acrescentando mais a tradição das *letras do diabo* num rochedo em *Cabo Frio*. 2ª) Que assim como Pedro Álvares Cabral e Afonso Sanches, empurrados pelos ventos, descobriram o continente da América, também algum desses povos antigos, que a ambição do comércio forçava a sulcar os mares, poderia por iguais motivos aportar às nossas praias e escrever sobre uma pedra um nome, ou aquele acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindouras lhes restituíssem a glória de tão grande descoberta. 3ª) Que a inscrição da *Gávea* se acha colocada de uma maneira vantajosa a estas conjeturas: voltada para o mar, em um face da rocha cúbica, pouco escabrosa, com caracteres colossais, de 7 a 8 palmos, ao rumo L. S. E., pode ser vista a olho nu de todas as pessoas que por ali passarem; e notável é que os habitantes daqueles lugares todos conhecem as letras da pedra. A inscrição assim colocada está exposta à fúria das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequência deve estar muito estragada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistência menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existirem três concavidades esboroadas que formam o aspecto do mascarrão.

“Um dos dados arqueológicos, para fortificar qualquer conjetura na averiguação de tais monumentos, é o da possibilidade de poder-se ou não gravar naquela altura imensa uma inscrição tão colossal, e o caráter geológico do mesmo lugar.

“O terreno que circunda as raízes do morro da Gávea é todo primitivo, à exceção de uma pequena enseada, que está na base da colina da fazenda da Gávea, que é de terreno de aluvião, pouco acima do nível do mar, e que nada influi sobre os pontos principais, que se denotam dos *Dois Irmãos* à Tijuca, e

desta à Gávea, que são massas enormes de granito, cobertas de uma crosta de terra vegetal, assaz delgada, e tendo aqui e ali globos de carbonato de ferro, ou saibro micoso: o mar está muito próximo, nenhuma revolução, grande, se excetuarmos alguns calhaus destacados dos morros, se denota naquele recinto.

“O homem que levado a aqueles lugares quisesse deixar uma memória de sua passagem facilmente seria seduzido pela majestade e grandeza do morro da Gávea, e pela disposição daquela pedra com uma face quase plana, e fronteira ao mar: quanto ao acesso do cume da Gávea ele é incontestável, porque dias antes da nossa exploração alguns oficiais da Marinha Inglesa a subiram e colocaram umas bandeirinhas, ainda que com muito custo.

“O lugar aonde está a inscrição pode ser que em tempos remotos fosse mais aterrado, e que com os séculos tenha sido escavado pelas contínuas umidades, chuvas e ventos do sul.

“Porém, além dessas considerações e outras mais diminutas, que conduzem o nosso espírito à crença, outras se levantam para encontrá-las e nos obrigam a oscilar entre a afirmativa e a negativa. 1ª) Que os pretendidos caracteres que apresenta o rochedo da *Gávea* não se assemelham aos dos povos do velho continente que empreenderam as primeiras navegações, e muito menos aos dos modernos. 2ª) Que esses caracteres, comparados com os alfabetos e inscrições que Mr. Court de Gibelin dá na sua obra do *Mundo Primitivo*, não apresentam semelhança alguma de uma inscrição fenícia, cananeia, cartaginesa ou grega; e que mais parecem sulcos gravados pelo tempo entre dois veios de granito, pois com iguais aparências se encontram não só no lado oposto do da inscrição da mesma Gávea, como em outras pedras destacadas, e principalmente uma grande, que se encontra à esquerda, da base do morro, quando se sobe para a casa do senhor João Luís da Silva. 3ª) Que a parte da rocha onde começa a pretendida inscrição, além de perpendicular e de um acesso quase impossível, é a menos conservada ou a mais apagada; sendo aquela que está menos exposta à fúria das estações; alguns traços perpendiculares, outros mais ou menos oblíquos, mais ou menos curvos, ligados por hastes interrompidas, que muito e muito se assemelham a veios, fazem o todo da inscrição, e uma grande irregularidade de profundidade se observa na gravura, assim como no largo veio da base, que se poderia conjecturar como um traço para melhor se descobrirem as letras, o qual é interrompido visivelmente, e dá formas não equívocas de um veio mais profundo. Este argumento é fortificado pela profundidade dos caracteres da parte esquerda, que estão mais expostos do que os da direita, por entrarem na curva que se dirige para o norte. Os fenícios escreviam da direita para a esquerda, e trabalhando desta arte deviam dar a mesma profundidade às letras para que elas fossem igualmente visíveis.”

Santa Teresa. É um grande e importantíssimo arrabalde, onde se encontram muitos e valiosos prédios, alguns dos quais construídos e ornamentados com apurado gosto. Achando-se assentado no morro do seu nome, dá-lhe fácil e cômodo acesso o Plano inclinado, que parte da rua do Riachuelo e depois os bondes das linhas do Curvelo e do França.

O seu clima é ameno e salubre, gozando de fama como residência para enfermos e convalescentes.

Possui três hotéis, o *de Santa Teresa*, o *da Vista Alegre*, ambos magníficos, e o *de São Luís*, todos situados na rua do Aqueduto.

Paula Matos. Bairro muito povoado e que se liga ao de Santa Teresa. A sua principal subida é pela ladeira do Senado, que é em zigue-zague. Na rua do Riachuelo, nº 151, acha-se em construção um elevador hidráulico para transporte de passageiros e cargas, fazendo a sua ascensão até a rua Paula Matos. Há outra subida pela rua Conde d’Eu, passando-lhe em frente os bondes de Catumbi da Companhia de

São Cristóvão. Paula Matos comunica-se com Catumbi pela rua do Cunha, pela ladeira do Pinheiro e pela rua da Floresta.

Catumbi. Antigo e povoado arrabalde perto da cidade. É regado pelo rio daquele nome.

A rua de Catumbi, que começa na rua Conde d'Eu, em frente à visconde de Sapucaí, dá caminho para este bairro. Logo na sua entrada, à esquerda, vê-se o morro Paula Matos, onde se estende o bairro do mesmo nome, com o qual se comunica pela rua do Cunha, pela ladeira do Pinheiro e pela rua da Floresta.

Ao largo do Catumbi, na base do morro de Santos Rodrigues, abre-se o cemitério de São Francisco de Paula, que merece ser visitado.

Pela rua dos Coqueiros comunica-se o Catumbi com o arrabalde de Santa Teresa, e pela rua Itapiru com o do Rio Comprido.

São Cristóvão. Arrabalde muito povoado e cortado por muitas praças, ruas e travessas, formando assim quase que uma nova cidade. É muito importante, ameno e agradável. Estende-se desde o largo do Estácio de Sá até o bairro do Caju.

Erguem-se neste arrabalde o Palácio da Imperial Quinta da Boa Vista, em frente à rua do Imperador; o Arquivo Militar; o Hospital dos Lázaros; o edifício da Escola pública fundado ultimamente pela Associação Comercial; os quartéis do 1º regimento de cavalaria de linha e o do 2º regimento de artilharia a cavalo; o palacete Mauá, que pertenceu à marquesa de Santos etc.

Possui as igrejas de São Cristóvão, do Senhor do Bonfim^[198], da Senhora da Conceição e de São João Batista.

Nele abre-se o Parque Imperial cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II; ali se acha a estação dos trens dos subúrbios e, logo em seguida, a estação particular de SS. MM. II, construída ultimamente.

Caju. É muito ameno e agradável, achando-se ligado ao bairro de São Cristóvão. Ali vê-se a antiga chácara de recreio de d. João VI, hoje denominada Imperial Quinta do Caju. Os bondes da linha **5 A** da Companhia de São Cristóvão fazem o seu ponto terminal no portão de entrada dessa Quinta.

Da referida Quinta do Caju partem os *tramways* para o rio do Ouro.

Rio Comprido. Começa no largo do Estácio de Sá, compreendendo a rua Haddock Lobo até a Malvino Reis. É ameno, muito povoado e possui elegantes casas, entre elas o palacete do Barão de Mesquita, na rua Haddock Lobo, os dos condes da Estrela (pai e filho), e o chalé do dr. Cláudio Luís da Silva, na mesma rua, nº 40 A.

Da referida rua Haddock Lobo, no terreno entre os nºs 32 e 34, observa-se uma curiosidade: é uma palmeira com uma gigante figueira brava nascida no seu tronco, perfeitamente vista da rua. Tendo-se desbastado parte do tronco da árvore vê-se a base da palmeira.

O Rio Comprido comunica-se com o Catumbi pela rua Estrela, que se liga à Itapira. Pela rua da Conciliação, entrando-se pela dos Prazeres, vai-se ter ao reservatório de Santa Teresa, e pela rua Alexandrina, logo no começo, à esquerda, seguindo-se pelo caminho de Santa Teresa, sai-se nos segundos *Dois Irmãos*. Pelo fim da referida rua Alexandrina, entrando-se na rua de São Alexandre e caminho da Lagoinha, chega-se até a rua do Aqueduto, adiante dos referidos *Dois Irmãos*.

[198] Igreja da Irmandade do Senhor do Bonfim, Nossa Senhora do Paraíso. A igreja fica ao lado do viaduto do Gasômetro e está totalmente abandonada.

Engenho Velho. Este arrabalde é lindo e bastante habitado, ostentando casas elegantemente construídas, ornadas com apurado luxo e precedidas de bem tratados jardins. Estende-se da embocadura da rua Malvino Reis, antiga Rio Comprido, que começa na Haddock Lobo, até a rua dos Araújo, que começa na Conde de Bonfim, ficando entre os arrabaldes do Rio Comprido e a Fábrica das Chitas. Compreende pois o Engenho Velho parte da rua Haddock Lobo e o começo da Conde de Bonfim, ambas percorridas por bondes da Companhia de São Cristóvão.

Fábrica das Chitas. Compreende parte da rua Conde de Bonfim, desde a rua dos Araújo até a desembargador Isidro. É grande e muito povoado mas, a não ser a parte da rua Conde de Bonfim, não tem beleza; todavia, é muito saudável e coberto de muita vegetação, abundando em grande quantidade de mangueiras.

Os bondes da linha **2** da Companhia de São Cristóvão transitam tanto à subida como à descida pela rua desembargador Isidro. A duração da viagem é de 45 minutos e a passagem custa 200 rs.

Andaraí Pequeno. Começa logo em seguida à Fábrica das Chitas, pela rua Conde de Bonfim, e estende-se até a raiz da serra da Tijuca. É extenso, pitoresco, muito agradável e dotado de clima salubérrimo, talvez o melhor que possuem os numerosos arrabaldes da cidade. Sombreia-o uma vegetação esplêndida e é povoado de excelentes chácaras a casas de campo, ornadas de belos jardins.

Logo que se entra neste arrabalde, pela rua Conde de Bonfim, começa-se a admirar, à esquerda, uma enorme serra toda coberta de vegetação espontânea e de bastante beleza; à direita, do nº 140 em diante, começa o arrabalde a se fechar, para depois ir-se afunilando e reduzir-se a um vale quase todo circulado de serras elevadíssimas.

Na rua Conde de Bonfim, que é a principal do bairro e percorrida em toda a sua extensão por bondes da Companhia de São Cristóvão, vê-se, no nº 75, ao fundo, a casa em que exalou a derradeira aura da vida o visconde do Rio Branco e a capelinha em que esteve depositado o seu corpo em capela ardente; no nº 138, admira-se uma curiosa mangueira quase na corda da rua, dentro de um jardim; no nº 95, acha-se o Colégio Pujol; no nº 192, a importante fábrica de rapé de Meuron & C.^a; e no nº 103, a não menos importante fábrica de rapé de Paulo Cordeiro.

Ainda na rua Conde de Bonfim, nº 119, acha-se a empresa de carros de aluguel da serra da Tijuca. Os carros para ir ao Alto da Boa Vista e voltar custam 10\$; a empresa têm cavalos de aluguel, para montaria de homens e senhoras, regulando o seu preço de 5\$ a 10\$, conforme a demora; recebe animais a trato, pagando cada animal de 600 a 1\$200 por dia, conforme o tratamento que se deseje dar ao animal. Nesta empresa se encontrará não só para os passeios da Tijuca, como para qualquer ponto da cidade ou dos seus arrabaldes, carros com travões mecânicos, faetons cobertos ou descobertos, caleças, vitórias e meias-caleças.

Do ponto terminal dos bondes partem as diligências para o alto da serra da Tijuca e se dirigem até os hotéis *Jourdain* e *White*, passando no Alto da Boa Vista.

Na raiz da serra possui o Andaraí Pequeno três bons hotéis, o *Aurora*, o *Tijuca do Amorim* e o *Ville Moreau*, situado em uma colina da base da serra, à esquerda da rua Conde de Bonfim.

Junto à estação dos bondes acha-se um botequim em que se servem bebidas, refrescos, comidas frias, doces e frutas pelos preços da cidade; neste botequim vendem-se as gazetas do dia e selos do correio, cuja caixa urbana vê-se na porta de entrada.

Na raiz da serra borbulham algumas nascentes de água férrea, destacando-se dentre elas a que foi descoberta por D. Pedro I. Ali levanta-se, no começo da estrada velha da Tijuca, entre os nºs 13 e 15, uma fonte de pedra e cal, em forma de torre, tendo na fachada a inscrição lapidar:

FONTE DE ÁGUA FÉRREA
DESCOBERTA PELO IMPERADOR
PEDRO 1º
EM 24 DE DEZEMBRO DE 1823.

No hotel *Tijuca do Amorim* existe outra fonte; na entrada do hotel *Aurora*, à esquerda, junto a uma pequena casinha que guarda um moinho movido por água, para moer cereais, existe outra, na estrada Nova da Tijuca mais duas, que passam pelas melhores e são mais abundantes d'água.

Do ponto dos bondes se avista o reservatório da raiz da serra da Tijuca e o Alto da Boa Vista.

Admira-se ali uma grande árvore (copaíba?), cuja base, na altura de um homem, mede 76 palmos de circunferência. É bastante velha e perto ficam-lhe mais dois pequenos pés da mesma espécie, aos quais chamam *filhos*. Para visitá-la vai-se pelo hotel *Aurora*, e fica um pouco distante, carecendo-se de guia para indicar a sua direção e lugar.

É cortado pelo rio Maracanã.

Comunica com o Andaraí Grande pelas ruas Pinto de Figueiredo, D. Afonso e Uruguai.

Tijuca. Arrabalde que se estende do Andaraí Pequeno até a Barra da Tijuca, por entre elevadas serras, e todo montanhoso. Do Andaraí Pequeno parte uma magnífica e larga estrada de rodagem, que, dando-lhe fácil e cômodo acesso, sempre ótima, se dirige até o lugar conhecido pelo nome de *Cachoeira*, pouco adiante dos hotéis *White* e *Jourdain*. Esta estrada é percorrida pelas diligências da serra, as quais, partindo do ponto terminal dos bondes do Andaraí Pequeno, chegam até a entrada dos dois referidos hotéis. Na subida gasta uma diligência de 45 a 50 minutos.

A serra da Tijuca, tão poeticamente decantada por nacionais e estrangeiros, goza da merecida fama de possuir um clima muito saudável e puro. Contém matas virgens e cascatas de frescas e cristalinas águas e nas montanhas mais elevadas da serra existem as florestas nacionais mantidas e replantadas pelo governo. O ponto mais culminante da serra diz-se ter 1.025 metros acima do nível do mar.

Nesta serra são notáveis o *Pico do Andaraí*, cuja aparência, olhado da cidade, é de uma pirâmide triangular, e o Pico da Tijuca ou *Bico do Papagaio*, assim chamado por ser formado de dois cabeços próximos que, observados da passagem do Engenho Novo, entre os morros do Telégrafo e Gongá, assemelha-se às duas mandíbulas daquela ave.

Do *Alto da Boa Vista*, recomendável, já se vê, pelo golpe de vista que oferece, descortina-se a cidade ao longe. Nele acha-se a *Cascatinha*, que se despenha de alta pedra, de um só jato e de sofrível altura. Contornando a montanha, de onde ela se precipita, pela estrada de rodagem que nela existe, contempla-se esta bela cascata de cima para baixo.

Pouco abaixo deste Alto, abre-se uma estrada de rodagem que faz comunicar a Tijuca com o Jardim Botânico pela rua D. Castorina, passando-se pela *Mesa do Imperador*, pela *Vista Chinesa* e pelo lugar chamado *Macaco*, onde existe a caixa-d'água deste nome (vide página 282). Por esta bela estrada avista-se a *Pedra da Gávea*, distinguindo-se perfeitamente a carranca do velho que é ali representada com a maior expressão.

A Tijuca possui dois excelentes hotéis, o *White* e o *Jourdain*, estando este situado em posição agradável e poética, passando-lhe juntinho o rio da Cachoeira (vide página 106). Entre os portões de entrada de ambos fazem o seu ponto terminal as diligências da serra.

No lugar conhecido pelo nome de *Cachoeira*, pouco abaixo dos dois referidos hotéis, acha-se uma venda pertencente ao senhor Antônio Custodio Ferreira, em que se preparam iguarias por cômodos preços e alugam-se animais de montaria para os passeios do arrabalde. Custa ali o aluguel de cada animal 3\$000. Juntinho desta venda, aos fundos, corre o rio da *Cachoeira*.

O que depois da *Cachoeira* mais se admira ali é a prodigiosa quantidade de pedras de todos os tamanhos. O rio da Cachoeira, que rega o alto da Tijuca, banha o hotel Jourdain, corta a estrada geral no lugar chamado *Cachoeira* e, correndo entre pedras lisas e arredondadas, forma a *Cascata Grande*, desaguando dali na Barra da Tijuca.

Nesta Barra nada se avista digno de nota, a não ser duas grandes montanhas de pedra exclusivamente cobertas de gravatás, de modo tão poético e curioso que parece foram artisticamente colocadas aquelas parasitárias nas enormes pedras pela mão do homem: é o que ali se admira. Pouco antes de se chegar à primeira pedra, depara-se com uma fonte de alvenaria, em cuja fachada se lê a seguinte inscrição:

DESCOBERTA É FEITA
A CUSTA
DE
F. MEDINA CELLY
1856.

Do final da Barra da Tijuca vê-se a *Pedra da Gávea*, mas de forma muito diversa da que se costuma admirar de outras partes. Dali abre-se o caminho que a faz comunicar daquela barra com a Gávea.

Quem desce a serra encontra logo dois caminhos no seu termo: o da direita vai ter a Jacarepaguá e o da esquerda vai dar na Barra.

Na descida da referida serra, depois da *Cachoeira*, acham-se à esquerda duas fábricas de papel-pardo e de papelão nas margens do rio da *Cachoeira*.

A *Cascata Grande* acha-se em terras de propriedade particular; mas o seu possuidor franquia obsequiosamente a visita a toda e qualquer pessoa que a deseje ver. É grande, toda descoberta, dividida em três quedas e digna de ser admirada pela distribuição das suas águas. Junto à cascata contemplam-se duas grandes pedras cobertas de arbustos parasitários, que lhe dão muita graça; uma dessas pedras parece que é sustentada por outra de pequena dimensão, e que subjugada suporta aquele enorme peso.

Os passeios da Tijuca são: Círculo Pitoresco, Vista Chinesa, Mesa do Imperador, Recreio Moke, Parque Cockrane, Cascata Grande, Furnas de Agassis, Cachoeira Saudável, Cascatinha Freitas, Pedra Bonita, Círculo do Bom Retiro, Vista dos Franceses, Parque Lemgruber, Retiro do Ginty, Vista dos Millords, Solidão do Paraíso, O Gigante do Rio, Floresta Imperial, Parque Bonfim, Arco do Archer, Cascatinha Taunay, Alto e praça da Boa Vista.

Quanto ao horário das diligências da serra da Tijuca e aos carros e animais de aluguel para os diversos passeios, veja-se a p. 97 do presente *Guia*.

Vila Isabel. Arrabalde muito moderno, mas que tem tido um desenvolvimento admirável, de tal sorte que, sendo cortado de muitas ruas, estão quase todas elas povoadas de boas casas e chalés.

Vila Isabel está em terras da antiga fazenda do Macaco, que pertenceu à Imperatriz viúva.

Da pequena montanha que se levanta no fim do boulevard Vinte e Oito de Setembro domina-se todo o arrabalde e vê-se ao longe a cidade.

Possui no referido boulevard Vinte e Oito de Setembro os hotéis campestres *Dauray* e *Candeau*.

Comunica-se com os arrabaldes do Andaraí Grande por diversas ruas, e com o do Engenho Novo.

Andaraí Grande. Extenso arrabalde formado por um imenso vale circulado em parte por serranias elevadas. É cortado de muitas ruas compridas e boas e bastante povoado. Sobre o vale acham-se disseminadas pequenas montanhas de terra, que tornam o arrabalde mais gracioso. Estende-se a sua rua principal, a Barão de Mesquita, da rua São Francisco Xavier até à Barão do Bom Retiro.

Comunica-se com os arrabaldes de Vila Isabel e do Engenho Novo. Com o de Vila Isabel pelas ruas Pereira Nunes, Tomás Coelho, Gonzaga Bastos, avenida São Salvador de Matosinhos e Gomes Braga, que começam todas à direita da rua Barão de Mesquita.

Com o Engenho Novo pela rua Barão do Bom Retiro, que se acha em seguimento à Barão de Mesquita. Do ponto terminal dos bondes ao Engenho Novo gasta-se a pé cerca de uma hora.

Na rua Barão de Mesquita, à esquerda, ergue-se em uma pequena elevação a igreja da Conceição.

Liga-se ao Andaraí Pequeno pelas ruas do Major Avelar, Pinto de Figueiredo, D. Afonso e Uruguai.

Na rua Pinto de Figueiredo, nº 11, está o Hospital Militar do Andaraí, para convalescentes.

Logo no começo do vale do Andaraí Grande notam-se o morro da Babilônia, em cuja base está assentado poeticamente o palacete do barão de Mesquita, e na rua D. Afonso admira-se a *Pedra Partida*, graciosa curiosidade que consiste num morrote de cerca de 15 metros de altura, fendido ao meio, deixando uma passagem de três metros mais ou menos de largura.

Por esse vale deslizam-se os rios Comprido, de S. O. a N. E., cujas cabeceiras, com o nome de Trapicheiro, são um excelente posto balneário, o Andaraí, o Maracanã e o Joana.

São Francisco Xavier. Este subúrbio é cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II, tendo uma estação dos trens dos subúrbios da referida estrada. Possui belas casas e chalés e é bastante povoado. Além da estrada de ferro, os bondes da linha 1 da Companhia Vila Isabel o põem em comunicação com a cidade. Neste subúrbio campeia o *Prado Fluminense*, propriedade do Jockey Club, e em que se realizam um dos mais populares divertimentos da cidade e a que aflui grande parte da população.

Riachuelo. É bastante povoado, possuindo excelentes casas de morada. Corta-o a Estrada de Ferro D. Pedro II, que tem ali uma estação dos trens dos subúrbios. Igualmente os bondes da linha 1 da Companhia Vila Isabel passam-lhe em frente. Tem um pequeno teatro denominado *Recreio Dramático Riachuelense*.

Engenho Novo. Este arrabalde, que fica duas léguas a oeste da cidade, entre Riachuelo e Todos os Santos, é muito importante; quase toda a sua extensa área é muito povoada e de grande movimento. Corta-o a Estrada de Ferro D. Pedro II, que ali possui uma estação dos trens dos subúrbios. Os bondes da linha 1 da Companhia Vila Isabel igualmente o cortam, fazendo o seu ponto terminal junto à referida estação da Estrada de Ferro.

No largo da Conceição assenta a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, antiga capela construída pelos jesuítas e reedificada há pouco tempo: a sua torre levanta-se na frente do templo, cujo interior é pequeno, mas agradável.

Na praça do Engenho Novo, onde se acha a estação dos trens suburbanos, há uma confeitaria (nº 16), em que se servem bebidas e refrescos. Na mesma praça, nº 18, alugam-se carros e animais de montaria, por preços não muito módicos.

Neste arrabalde abre-se em frente à estação da Estrada de Ferro, à direita, uma larga estrada de rodagem que dá caminho para Cascadura.

Da praça do Engenho Novo partem os bondes da Companhia de Cachambi para a rua Mauá (perto de Cachambi), Todos os Santos e Engenho de Dentro (Oficinas), custando a passagem em qualquer das linhas 100 rs., e sendo a duração da viagem de 12 a 15 minutos.

Quase no ponto terminal dos bondes da rua Mauá abre-se à esquerda a rua da Olaria, que vai ter à Cachambi, constituído por uma grande área quase plana e muito povoada. Também a rua da Glória, que começa à esquerda da rua Imperial, percorrida pelos bondes, dá caminho para Cachambi. Cachambi é cortado pela estrada real que parte do Pedregulho e por ela percorre a Estrada de Ferro do Rio do Ouro. Do fim da rua Mauá, à direita, há um caminho que vai dar à praia Pequena.

Todos os Santos. Cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II, é o assento de uma estação dos trens dos subúrbios da mesma estrada. É bastante grande e possui muitas casas de residência e um pequeno teatro. Acha-se situado entre o Engenho Novo e o Engenho de Dentro.

Comunica com o Engenho Novo por uma das três linhas de bondes da Companhia de Cachambi, custando a passagem 100 rs., e sendo a duração da viagem de 12 a 15 minutos.

Engenho de Dentro. É grande, muitíssimo povoado e todo disseminado de pequeninas casas. Nele se acham as Oficinas da Estrada de Ferro D. Pedro II, ocupando grande espaço do arrabalde e precedidas de um belo jardim.

É situado entre Todos os Santos e Piedade: corta-o a Estrada de Ferro D. Pedro II e a sua estação é muito elegante.

Além da Estrada de Ferro, comunica-se com o Engenho Novo por uma linha de bondes da Companhia de Cachambi.

A não ser as referidas Oficinas e a estação da Estrada de Ferro, o Engenho de Dentro, que é de bela aparência, seria notável pela extrema pequenez das suas numerosas casas.

Piedade. Este subúrbio é pequeno e fica entre o Engenho de Dentro e Cascadura. É cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II. Em uma colina em frente à estação da referida estrada de ferro, ergue-se a pequena capela da Piedade, construída ultimamente e que em breve será inaugurada.

Cascadura. Subúrbio cortado pela Estrada de Ferro D. Pedro II, onde há uma estação dos trens dos subúrbios da mesma estrada. Nada possui de notável e não tem beleza; entretanto, fica-lhe próximo o Campinho, que é alegre e não deixa de ser gracioso. Dele partem os bondes de Jacarepaguá, em frente à estação da Estrada de Ferro, que estão em comunicação com os trens dos subúrbios.

Campinho. Subúrbio ligado ao de Cascadura e que é cortado pela linha de bondes de Jacarepaguá. É alegre e não deixa de ser agradável e mesmo belo. Nele acha-se estabelecido o Laboratório Pirotécnico do Campinho, estando parte em uma pequena colina. Junto deste laboratório ergue-se a capela da Conceição.

Do Campinho parte a antiga estrada real para Minas Gerais e São Paulo, conhecida pelo nome de *Santa Cruz*, muito frequentada antes da Estrada de Ferro D. Pedro II. Esta estrada, que se abre à direita de quem se dirige para Jacarepaguá, apresentando uma bifurcação, dá caminho para Realengo, Campo

Grande, Santa Cruz, Itaguaí e Mangaratiba, já pertencentes estes dois últimos lugares à província do Rio de Janeiro.

Jacarepaguá. Subúrbio que se acha em seguida ao do Campinho, de imensa extensão e muito populoso. Pertence à freguesia suburbana de Nossa Senhora do Loreto de Jacarepaguá.

De Cascadura partem, em frente à estação dos trens dos subúrbios, os bondes de Jacarepaguá passando pelo Campinho e pelo Tanque. A duração da viagem é de uma hora, sendo meia hora até o Tanque, onde há baldeação dos passageiros. O ponto terminal da linha é no lugar chamado Porta d'Água, onde existe uma venda. Do final da linha dos bondes abre-se à direita um caminho para a igreja de Nossa Senhora da Pena^[199] passando-se pela igreja matriz de Nossa Senhora do Loreto^[200] que, não sendo pequena, acha-se em desagradável estado de conservação.

Em frente à esta igreja veem-se duas estradas: a que lhe fica fronteira comunica com a estrada percorrida pelos bondes, e a que se acha um pouco à esquerda vai ter à igreja de Nossa Senhora da Pena, colocada no cume de um altíssimo penedo.

Esta igreja é pequena, mas muito alegre externa ou internamente; tem uma só torre; na fachada do templo vê-se uma pena em campo azul simbolizando a invocação da Senhora, a que foi erguido o templo, e as legendas *Virgo Singularis* e *Mala Nostra Pele*. Só possui um altar, que é o altar-mor. Os tetos do corpo da igreja e da capela-mor são adornados de painéis representando fatos da vida de Jesus Cristo. Na sala das esmolos vê-se o retrato a óleo do monsenhor Antônio Marquês de Oliveira, atual vigário da freguesia. Na sala dos milagres está colocada em um nicho aberto na parede e fechado por um vidro a caveira de um dos maiores benfeitores do templo, de nome Gordilho, e os seus ossos acham-se ocultos no mesmo lugar, dentro da parede. A festa da padroeira, que é bastante concorrida, realiza-se a 8 de setembro de cada ano.

A igreja de Nossa Senhora da Pena acha-se bela e poeticamente colocada na iminência de uma elevada pedra e é circulada de espaçoso e sólido adro, de modo que é contemplada de quase toda a freguesia. Perto da igreja, mas um pouco abaixo do seu nível, encravada na rocha, fica a casa dos romeiros.

O gracioso templo é muito frequentado de fiéis, que vão colocar aos pés da Virgem as suas ofertas com o maior fervor e devoção, e de tal sorte que se vai tornando uma das festas populares do Rio de Janeiro.

A vista que se descortina do elevado outeiro é circular e esplêndida. Apresenta um imenso vale todo circundado ao longe por extensas cordilheiras, exceto na parte em que bate o mar, também muito distante. Precedem o mar as lagoas de Jacarepaguá, Marapendi e Camorim, que se avistam ao longe. Quem voltar a frente para o lado do mar vê um pouco à direita, no vale, o *Engenho d'Água*, de propriedade do barão da Taquara; em frente a alta e redonda *Pedra da Panela*, assim chamada por sua forma; à esquerda vê-se ao longe a *Pedra da Gávea* e, mais próximo, a enorme serra da Tijuca. Enfim, o golpe de vista que dali se abre aos olhos do visitante é arrebatador e deslumbrante, admirando-se as gigantescas serranias que circulam, o imenso vale e neste os curiosos tabuleiros das diferentes plantações da pequena lavoura, de que vivem os habitantes de Jacarepaguá.

[199] A igreja foi construída em 1664. Ainda existe e se localiza, hoje, no bairro da Freguesia, em Jacarepaguá.

[200] Construída em 1661. Ainda existe e localiza-se na ladeira da Freguesia.

Paquetá. Este arrabalde acha-se assentado na poética, risonha e encantadora ilha do seu nome, belo ornato da baía Niterói, e constitui toda a freguesia suburbana de Nossa Senhora do Bom Jesus do Monte de Paquetá. A ilha é quase toda circulada por grande número de pedras arredondadas de vários tamanhos, isoladas ou em grupos artisticamente dispostos pela natureza, o que muito corre para dar-lhe o aspecto agradável e pitoresco que apresenta; tanto assim que o viajante, ao aproximar-se dela, sente uma viva impressão de alegria e de entusiasmo. Paquetá é a maior ilha da baía do Rio de Janeiro, depois da do Governador; conta 5,2 quilômetros de comprimento sobre largura muito variável.

Adornam-na muitas chácaras e jardins e é abundante de frutas, peixes e hortaliças. A principal indústria dos seus habitantes é o fabrico de cal de ostras. Tem abundância d'água potável.

Na ilha de Paquetá ergue-se a igreja de São Roque, cuja festa do orago é uma das populares do Rio de Janeiro.

IV. DIVERTIMENTOS

1. PÚBLICOS

a) Jardins

Passeio Público. Situado na rua do Passeio, com o portão de entrada voltado para a rua das Marrecas, estende-se lateralmente da rua de Luís de Vasconcelos ao largo da Lapa, ficando do lado oposto à beira-mar. Foi mandado construir pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, sob a direção de Valentim da Fonseca e Silva, natural de Minas Gerais. Abriu-se em 1783 e, desde então, ficou sendo um dos mais agradáveis lugares de recreio público.

É lindo e nele veem-se muitas plantas preciosas, indígenas e exóticas. É iluminado a gás.

O hábil artista Valentim, além de ser o autor do primitivo desenho do jardim, talhou quase todos os objetos de arte que ainda o ornaram. Foi há alguns anos renovado pelo tabelião Fialho e substituído em grande parte por um gradil de ferro o muro que inteiramente o circulava.

Ao fundo do jardim levanta-se um terraço que abrange toda a sua extensão. É todo circulado de assentos de pedra e nas extremidades erguem-se dois pavilhões. Neste terraço vê-se do lado da Lapa a estátua de Mercúrio, e do lado oposto, a de Apolo.

Por detrás da cascata acostada ao terraço levanta-se um paredão que sustenta as armas de Luís de Vasconcelos, trabalhadas em mármore, e junto desse paredão, do lado do terraço, acha-se um menino nu, de chumbo, que deita água em um barril de granito; circunda o menino uma faixa que sustenta na mão esquerda com o dístico: *Sou útil inda brincando*. O menino primitivo era de mármore e sustentava em uma das mãos um cágado que desapareceu em 1835, o qual lançava a água no barril: era obra de Valentim.

Em frente ao terraço, erguem-se duas graciosas pirâmides triangulares de cantaria granítica e bastante elevadas. Ambas estão cobertas de hera, e na que se acha à direita da entrada ocorre a seguinte inscrição dentro de um oval de mármore branco: *À saudade do Rio*, e na da esquerda lê-se: *Ao amor do público*.

Sobre o portão da entrada ostentam-se as armas brasileiras olhando para a rua e no reverso delas vê-se um medalhão de bronze dourado com as efigies da rainha D. Maria e do rei consorte D. Pedro III, circulado com a seguinte legenda: *Maria. I. et. Petro III. Braziliae. regibus.*

À direita da entrada vê-se uma casa suíça, que é a do diretor, o dr. Glaziou.

Exceto aos sábados, em que só se abre depois das 2 horas da tarde, este jardim está aberto das 6 horas da manhã às 10 da noite. A este passeio afluí grande concorrência de visitantes, principalmente ao terraço, que situado em frente à entrada da baía, oferece à vista um dos mais belos panoramas do Rio de Janeiro.

Quase todos os dias ali toca a banda de música alemã.

Logo na entrada, à esquerda, depara-se com um botequim, de arquitetura grega, onde o visitante encontra sempre bebidas, refrescos etc. que são pagos no ato do pedido. Os seus preços são: cerveja nacional, 400 rs.; idem, inglesa, 1\$200; idem, alemã, 1\$; ½ garrafa, 600 rs.; cálice de conhaque, 200 rs.; licores, 300 rs.; refrescos, 200 rs.; vinho do Porto, 300 rs.; champanhe, 8\$000.

É expressamente proibido tocar em planta, flor ou fruto. É vedada a entrada de cães no jardim.

Jardim do Campo da Aclamação. No centro do referido Campo. Começado a construir-se, em 1873, sob o plano e direção do dr. Glaziou, foi inaugurado a 7 de setembro de 1880. É o maior dos jardins do centro da cidade, constituído por extensas ruas, tendo um grande rio cortado por graciosas pontes rústicas, lindos bosques de árvores de valor, magníficos tabuleiros de relva, lagos, ilhas, e, finalmente uma cascata de vastas dimensões situada na face ocidental do jardim.

A vegetação que o orna é interessantíssima e esplêndida. O jardim é tão lindo que faz as delícias de quantos o visitam. Daqui a alguns anos o Campo da Aclamação será um dos melhores parques do mundo, quando a vegetação que o ensombra e medra a olhos vistos tiver atingido maior desenvolvimento.

Projeta-se erigir um monumento, ideado pelo arquiteto F. Caminhoá, no centro do jardim, para comemorar as vitórias alcançadas pelas armas brasileiras na guerra contra o governo da república do Paraguai.

É franqueado ao público todos os dias das 6 horas da manhã às 10 da noite, nos meses de outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março; e das 7 da manhã às 9 da noite nos meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro. Uma sineta tocada 5 minutos antes e 5 minutos depois das horas acima dá o sinal do fechamento dos portões. É iluminado a gás.

Aos domingos, à tarde, bandas de música do exército ali executam algumas peças do seu repertório.

Jardim da praça da Constituição. Ornamenta a referida praça. É regular, elegante e muito frequentado. Ergue-se no seu centro a magnífica estátua equestre de D. Pedro I, fundador do Império, inaugurada a 30 de março de 1862. Neste jardim, no dia 7 de setembro, festeja-se a independência do Império. Em um dos seus ângulos acha-se um botequim.

Jardim da praça de D. Pedro II. Orna a praça do mesmo nome, antigo largo do Paço. É dividido em duas partes. A primeira, defronte da rua Sete Setembro, foi inaugurada a 25 de março de 1877; é muita pitoresca, tendo no centro um elegante lago. A segunda ainda não está concluída, junto ao cais, tendo esplêndida vista para o mar. Aberto sempre.

Jardim do largo de São Francisco de Paula. Orna o referido largo. Foi preparado pelo dr. Glaziou e aberto a 7 de setembro de 1875. É pequeno. No centro acha-se erigida a estátua de José

Bonifácio de Andrada e Silva, inaugurada a 7 de setembro de 1872, em comemoração dos relevantes serviços por ele prestados à independência do Império. Está aberto sempre.

Jardim da Estrada de Ferro D. Pedro II. Situado em frente da estação central da referida estrada de ferro, no Campo da Aclamação. É pequeno.

Jardim da praça Onze de Junho. Orna o centro da referida praça. É regular, tendo no centro um pesado chafariz de granito. Cercam-no pequenas pilastras de granito presas por correntes de ferro. Possui árvores frondosas. Não tem sido reparado convenientemente.

Jardim da praça Municipal. Situado na referida praça, em frente ao cais da Imperatriz. É pequeno e pouco concorrido. Tem no centro um chafariz formado de uma bela coluna de uma só peça de granito de ordem coríntia, sustentando as armas da cidade. A coluna comemora o desembarque de Sua Majestade a Imperatriz, efetuado no cais do Valongo, hoje da Imperatriz, a 4 de setembro de 1843. Inaugurou-se a 2 de dezembro de 1872. Perto deste jardim abre-se o cais da Imperatriz, ornado de quatro estátuas de mármore e dois golfinhos de bronze.

Jardim da praça general Osório. Na praça do mesmo nome. É muito pequeno e todo circulado de barracas de quitandas, tendo nos seus quatro ângulos chalés ou grandes quiosques.

Jardim da Guarda Velha. Na rua do mesmo nome, junto ao Teatro D. Pedro II. Particular, mas frequentado pelo público a qualquer hora do dia e até as 10 horas da noite; pertence a uma fábrica de cerveja. É distribuído em diversos planos, ficando o último na encosta do morro de Santo Antônio. Tem botequim e bilhares. É muito frequentado aos domingos, quando principalmente há música. Há ao seu interior muitas mesas debaixo de caramanchões e árvores e vastos salões para bailes populares e outros folguedos.

Jardim do cais da Glória. Na rua da Glória, ficando um pouco elevado do nível do mar; dele se goza uma agradável vista da entrada da barra e de parte da baía. É sempre refrescado pelas brisas do mar. É estreito e pouco frequentado.

Jardim da praça Duque de Caxias. Orna a praça do mesmo nome, outrora largo do Machado. É grande, belo e muito agradável. Possui elevadas palmeiras e muitas árvores regulares. Fica-lhe ao fundo, separado por uma rua, a bela igreja matriz de Nossa Senhora da Glória.

Jardim Botânico. Esplêndido e encantador parque ajardinado, em que se admira na sua rua central, que se estende do portão de entrada até a base da serra que se ergue em frente um renque de elevadas e bem dispostas palmeiras. Outros dois renques abrem-se na frente deste, prolongando-se por toda a corda da rua do Jardim. Ao entrar-se no jardim, ante tão imponente cena que se desvenda aos olhos do visitante, sente-se uma impressão sem igual.

É rico de numerosas espécies de plantas úteis e curiosas, quer indígenas, quer exóticas. Extensas ruas arborizadas, jardins, gramados, cascatas, grutas e enormes bambuzais dão ao jardim um aspecto eminentemente encantador, respirando-se por toda a parte poesia e uma quietação de espírito indefinível. Corta-o o rio Macaco, que vai desaguar na lagoa Rodrigo de Freitas.

É muito frequentado, principalmente aos domingos. As sociedades musicais e recreativas costumam fazer ali as suas festas campestres.

Acha-se aberto das 6 horas da manhã às 6 da tarde.

É administrado pelo Instituto Fluminense de Agricultura, estando-lhe anexada a Fazenda Normal. Nas proximidades do Jardim vê-se o edifício do referido Instituto Fluminense de Agricultura, e acha-se em construção o destinado ao Museu Industrial.

Uma visita ao Jardim Botânico é indispensável ao viajante. Os bondes da linha **1 A** da companhia *Botanical Garden* transitam pela frente do Jardim em toda a sua extensão.

Parque Imperial. Na Imperial Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, estendendo-se desde a rua do Imperador até a Duque de Saxe. É grande, bordado de ruas extensas e muito arborizado. Está entregue ao gozo público. A entrada pode ser pelo portão da Quinta Imperial, à esquerda, ou pela rua Duque de Saxe defronte da travessa do Campo Alegre. Os bondes da Companhia Vila Isabel que trazem o letreiro na tabuleta *Parque Imperial* passam pelo portão de entrada da rua Duque de Saxe.

Neste parque, que é cortado pela Estrada de ferro D. Pedro II, acham-se as estações dos trens dos subúrbios e a particular de SS. MM. Imperiais.

b) Festas populares

As festas populares do Rio de Janeiro são:

Festa de São Sebastião, padroeiro da cidade. A 20 de janeiro. A cidade festejou por muito tempo o triunfo obtido por Estácio de Sá, a 20 de janeiro de 1567, contra os franceses estabelecidos na baía do Rio de Janeiro, com oito dias de luminárias e uma popular festa chamada *das canoas*; e ainda hoje conserva um oitavário religioso, iluminando-se os edifícios públicos, conventos, igrejas e algumas casas particulares durante os dias 17, 18 e 19 de janeiro, dando-se nos mesmos dias salvas às 8 horas e às 10 da noite, fazendo-se no dia 20 a festa de São Sebastião na igreja do Castelo e oito dias depois saindo da Capela Imperial a imagem de São Sebastião e recolhendo-se à respectiva igreja; as fortalezas dão ainda uma salva na saída da procissão e outra no ato do seu recolhimento. A procissão é muito concorrida de povo.

Sete de Setembro. Aniversário da Independência do Império do Brasil. No dia 6 à tarde segue para o alto do morro de Santo Antônio uma bateria de um dos regimentos de artilharia a cavalo e ali acampa depois de armadas as barracas e das continências do estilo, a fim de dar as salvas no dia 7, por ocasião dos festejos com que a Sociedade Comemorativa da Independência do Império soleniza o seu aniversário. À noite desse dia 6, a praça da Constituição e o largo de São Francisco de Paula iluminam-se festivamente. Muitas pessoas do povo esperam o romper da aurora do dia 7 e, de hora em hora, queimam-se fogos de Bengala e sobem ao ar girândolas de foguetes.

Às 5 horas da manhã de 7, as bandas de música dos corpos militares postadas na praça da Constituição rompem o hino nacional da Independência, composição do fundador do Império, hino cantado por senhoras e cavalheiros da referida Sociedade Comemorativa. Às girândolas ali queimadas responde uma salva de artilheira do parque acampado no morro de Santo Antônio e das fortalezas e navios de guerra surtos no porto.

Ao mesmo tempo embandeiram-se o mastro do morro de Santo Antônio e o *Pau da Bandeira* do Castelo, e diferentes bandas de música saúdam o despontar da aurora, fazendo continências em frente à estátua do fundador do Império, na praça da Constituição, e à de José Bonifácio, patriarca da Independência, no largo de São Francisco de Paula.

Há *Te-Deum* ao meio-dia na Capela Imperial, a que assistem Suas Majestades Imperiais, o Ministério e muitas autoridades. Terminado o ato religioso, segue-se o cortejo no Paço da Cidade à 1 hora da tarde, as pessoas de SS. MM. e AA. II. Antes de começar esta cerimônia a música toca o hino nacional e em seguida começa o cortejo, que é bastante concorrido, comparecendo a ele muitas pessoas gradas e altos funcionários nacionais e o corpo diplomático estrangeiro.

À noite há espetáculo em grande gala no Imperial Teatro D. Pedro II, a que assistem SS. MM. e AA. II.

O serviço da guarnição da cidade é feito nesse dia em grande uniforme.

Os batalhões de infantaria dão uma guarda de honra para o Paço da Cidade, outra das 4h30 da tarde em diante fica postada na praça da Constituição junto à estátua de d. Pedro I e outra à noite para o Teatro D. Pedro II

À 1 hora e às 6 da tarde, repetem-se as salvas de artilheira no morro de Santo Antônio e no mar, retirando-se em seguida o parque ali postado, fazendo trajeto pela praça da Constituição, onde faz a última continência à estátua.

Até a meia-noite ali se conservam as bandas de música e a iluminação; as músicas, depois de circularem a praça e a estátua, retiram-se.

Aos lados da estátua levantam-se coretos para as bandas de música. Ao redor dos repuxos da praça da Constituição e circulando a estátua acendem-se muitos bicos de gás. De espaço a espaço orna-se a praça com bandeiras e galhardetes auriverdes.

Algumas praças e ruas da cidade iluminam-se à noite, bem como os estabelecimentos públicos, secretarias de Estado, consulados e legações estrangeiras.

Carnaval. Na domingo da Quinquagésima e na segunda e terça-feiras imediatas. A 28 de fevereiro de 1854, foi que pela primeira vez se substituiu na cidade o velho entrudo do tempo colonial por carruagens e cavalgatas de máscaras, pomposa e brilhantemente trajados, como o exigia a civilização da capital do Império. Esta festa, abrilhantada pelas sociedades carnavalescas, compostas de distintos cavalheiros nacionais e estrangeiros, é a mais popular da cidade. No domingo e na terça-feira as sociedades carnavalescas *Tenentes do Diabo*, *Club dos Fenianos* e *Club dos Democráticos* apresentam-se em público com toda a pompa e brilhantismo, dando o maior realce à grande festa popular. Uma aluvião de diabretes vermelhos e máscaras avulsos inundam a cidade.

Nos teatros públicos realizam-se durante os três dias pomposos bailes de máscaras, reinando a melhor ordem e harmonia no meio da mais franca jovialidade.

Festa da Glória do Outeiro. Realiza-se a 15 de agosto, na igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, que se ergue poeticamente no pitoresco morro da Glória. Durante o dia enormes ondas de fiéis e de povo correm em demanda da graciosa igreja, oferecendo um surpreendente espetáculo o largo e a rua da Lapa, a rua, o largo e a ladeira da Glória e a rua do Catete. À tarde, a concorrência do povo cresce consideravelmente, realizando-se às 5 horas o *Te-Deum*, a que assistem SS. MM. II. As ruas iluminam-se à noite, continuando a concorrência a crescer progressivamente. Às 10 horas, queima-se um fogo de artifício.

Procissão de São Jorge. A 8 de junho. Sai da Capela Imperial e percorre as ruas Primeiro de Março, Visconde de Inhaúma, Quitanda, Assembleia, largo da Assembleia, os contornos do Paço Imperial, a praça D. Pedro II e recolhe-se à mesma igreja. Acompanham esta procissão S. M., o Imperador, e os ministros de Estado, que carregam o pálido, a Câmara Municipal com o seu estandarte, os grã-cruzes,

comendadores e cavaleiros das ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo, São Bento de Avis e São Thiago da Espada, todo o clero, ordens terceiras e irmandades da cidade. Há uma salva das fortalezas na saída e outra ao recolher-se a procissão.

A parte desta que mais atrai a atenção pública é o séquito de São Jorge, que sai como um cavaleiro da idade média, armado dos pés à cabeça, em um soberbo cavalo, o que dá à festa um ar de paganismo que agrada ao povo.

Festa da Penha. Realiza-se em um domingo do mês de outubro na igreja de Nossa Senhora da Penha, colocada no cume de uma rocha viva e alcantilada que se ergue no centro de um belo vale na freguesia suburbana de Irajá. Dá acesso à igreja uma ladeira suave até a casa dos romeiros e daí para cima sobe-se por uma escadaria aberta na rocha viva e composta de 300 e tantos degraus.

Esta festa é concorridíssima de romeiros que se transportam à igreja por mar ou por terra. Vai-se a pé, a cavalo, em carruagens, em botes, estabelecendo a Companhia Ferry uma linha de barcas para condução rápida e cômoda dos romeiros.

O espetáculo que oferecem as imediações da igreja da Penha tomadas por bandos e bandos de romeiros é dos mais curiosos. A quase totalidade dos que nesta festa tomam parte é a burguesia e o povo miúdo, o que a torna verdadeiramente popular.

Festa de São Roque. No mês de agosto. Na pitoresca e poética ilha de Paquetá. É muito concorrida de romeiros, que em geral se dirigem à ilha nas *Barcas Ferry*.

c) Bilhares

Grande Café, 22 bilhares, na travessa de São Francisco de Paula, nº 22, sobrado. *Preços por hora:* dia 500 rs.; noite 1\$. Possui dois vastos e elegantes salões, um em cada pavimento.

Cercle de l'Academie, 14 bilhares, largo de São Francisco de Paula, esquina da rua dos Andradas. O seu salão é grande. *Preços:* dia 500 rs.; noite 1\$000.

Café Suíço, 8 bilhares, no largo de São Francisco de Paula, nº 8, esquina da travessa do Rosário. *Preços:* dia 400 rs.; noite 800 rs.

Café Imperial, 18 bilhares, rua Uruguaiana, nº 82, sobrado, esquina da do Ouvidor. Possui dois vastos salões. *Preços:* dia 500 rs.; noite 1\$000.

Café Império, 14 bilhares, rua Gonçalves Dias, nº 20, sobrado, esquina da rua Sete de Setembro. *Preços:* dia 300 rs.; noite 600 rs.

Ao Taco de Ouro, 6 bilhares, rua Sete de Setembro, nº 82, sobrado, esquina da Uruguaiana. *Preços:* dia 500 rs.; noite 1\$000.

Café Mosquito, 13 bilhares, na travessa da Academia, nº 1, sobrado. *Preços:* dia 500 rs.; noite 1\$000.

Nouveau Cercle de l'Academie, 8 bilhares, rua dos Andradas, nº 29, sobrado. *Preços:* dia 500 rs.; noite 800 rs.

Café Français, 4 bilhares, rua da Carioca, nº 1 B, no pavimento térreo. *Preços:* dia 400 rs.; noite até as 10h, 600 rs. e depois dessa hora, 800 rs.

Salão Campestre, 14 bilhares, rua Uruguaiana, nº 39 A, sobrado. *Preços:* dia 400 rs.; noite 800 rs.

Ao Rio de Janeiro, 8 bilhares, rua Sete de Setembro, nº 19, sobrado, esquina da da Quitanda. *Preços:* dia 400 rs.; noite 600 rs. até as 10h, e depois das 10h, 1\$000.

5 Bilhares, rua dos Pescadores, esquina da da Quitanda, sobrado. *Preços*: dia 400 rs.; noite 600 rs.

Bilhares do Grão-Pará, 8 bilhares, rua do Hospício, nº 7, sobrado, esquina do beco das Cancelas. *Preços*: dia 500 rs.; noite 1\$000.

Bilhares Fluminenses, 4 bilhares, rua da Carioca, nº 87, pavimento térreo. *Preços*: dia 400 rs.; noite 600 rs., mas depois das 10h, 800 rs.

Café Bilhares do Globo, 8 bilhares, rua da Carioca, nº 37, pavimento térreo. *Preços*: dia 300 rs.; noite 500 rs.



d) Teatros

Possui a cidade dez teatros; dois são de grandes dimensões, dois pequenos, cinco campestres e um teatro-circo; frequentam-nos constantemente insígnies artistas líricos ou dramáticos, nacionais, portugueses, italianos, franceses e espanhóis. Nos teatros campestres

Fotografia do Teatro São Pedro. Imperial Theatro de São Pedro de Alcântara (1826), construído no mesmo local do Real Theatro de São João, incendiado em 25 de março de 1824. O teatro mudou de nome em 03 de maio de 1831, passando a chamar-se Theatro Constitucional Fluminense. Em 1838, foi fechado para reformas e no ano seguinte reabriu com o nome de Theatro de São Pedro de Alcântara. E, em 24 de agosto de 1923, o nome foi mudado para Teatro João Caetano. Por Marc Ferrez, 1870 circa. Coleção Mestres do século XIX. Brasiliana Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

representam-se peças de gênero ligeiro, *vaudevilles* e operetas traduzidas do francês ou originais. Cada camarote consta de cinco cadeiras.

Teatro de São Pedro de Alcântara. ^[201] Ergue-se na face setentrional da praça da Constituição. Teve primeiramente o nome de São João e começou a funcionar a 12 de outubro de 1813. Na noite de 25 de março de 1824, na ocasião em que se representava o drama sacro intitulado *Vida de Santo Hermenegildo*, foi reduzido a cinzas; achava-se presente a Família Imperial. Construiu-se outro no mesmo lugar com o título de São Pedro e, em 1826, estava concluído, dando-se nele a primeira representação no dia 22 de janeiro. Em 9 de agosto de 1851, sofreu outro incêndio. Na noite de 26 para 27 de janeiro de 1856, foi devorado pelas chamas pela terceira vez.

No seu palco reinou como príncipe da arte dramática o grande ator nacional João Caetano dos Santos, falecido a 24 de agosto de 1863. Hoje destina-se quase sempre à exibição dos dramalhões em cinco atos e uns tantos quadros da escola antiga e gasta, ótimo soporífico para os que padecem de insônia.

O interior do teatro não é agradável, mas a sua construção é sólida, possui um salão vasto e três ordens de camarotes e uma tribuna imperial. Distribui-se em 30 camarotes de 1ª classe, 27 de 2ª e 30 de 3ª; 288 cadeiras de 1ª classe e 244 de 2ª; 28 galerias nobres e 400 lugares nas galerias gerais. *Preços:* camarotes de 1ª e 2ª classes 15\$, de 3ª 10\$; cadeiras de 1ª classe 3\$, de 2ª 2\$; galeria nobre 3\$ e galeria geral ou entrada 1\$000.

Imperial Teatro D. Pedro II. Na rua da Guarda Velha, junto à Tipografia Nacional. É um edifício construído ligeiramente e nada possui que o recomende exteriormente, a não ser as suas vastas proporções interiores. No seu frontispício não há arquitetura nem beleza, apesar de ter sido alterado ultimamente por ocasião de lhe fazerem diversas obras para dar com facilidade saída aos espectadores. No interior é o mais vasto teatro da cidade. Ultimamente foi completamente renovado e as pinturas e reformas por que passou dão-lhe um aspecto mais festivo e agradável. As escadas e portas dão fácil saída ao grande número de pessoas ali aglomeradas e de tal sorte que em poucos minutos fica completamente vazio. Inaugurou-se, a 19 de fevereiro de 1871, com um baile de máscaras. Trabalha nos dias de festa nacional e na estação lírica. Possui duas ordens de camarotes, uma galeria superior, uma varanda próxima à plateia, mas que lhe é mais elevada, duas tribunas para família imperial e seis camarotes no arco do proscênio. Tem 40 camarotes de 1ª classe e outros 40 de 2ª; 426 cadeiras de 1ª classe e 384 de 2ª; 234 varandas e 500 lugares nas galerias.

Este teatro comporta cerca de 2.000 pessoas, sem incluir o pessoal do teatro e os acréscimos que possam ter os camarotes e as galerias.

Teatro São Luís. Na rua do teatro, atual de Sousa Franco, nº 39, contíguo ao Ginásio Dramático. O seu frontispício é elegante e foi fundado pelo ator Luís Cândido Furtado Coelho. Estreou em 1870. É pequeno, mas lindo e ornamentado com bastante gosto. No teto veem-se ricos escudos com os nomes dos mais notáveis escritores da arte dramática. Possui uma tribuna imperial, 16 camarotes e mais dois junto ao arco do proscênio, 356 cadeiras e 150 lugares nas galerias.

Preços: camarotes 15\$, cadeiras 2\$, galerias ou entrada 1\$000.

[201] Em 24 de agosto de 1923, pelo Decreto nº 1.891, do prefeito Alaor Prata, o nome do teatro é alterado para Teatro João Caetano, que ainda existe.

Phenix Dramática. Na rua da Ajuda, nº 59. É campestre. Possui 12 camarotes, 368 cadeiras, 40 galerias nobres e 500 lugares na galeria geral. *Preços:* camarotes 12\$, cadeiras e galerias nobres 2\$, galeria geral ou entrada 1\$.

Teatro Sant'Ana. Na rua do Espírito Santo, nº 2. Era o antigo teatro *Cassino* e foi construído de novo. É campestre. Possui uma tribuna imperial, 18 camarotes de 1ª classe e 4 de 2ª, 129 varandas, 81 cadeiras numeradas e 300 lugares nas galerias. *Preços:* camarotes de 1ª classe, 15\$ e de 2ª, 12\$; varandas e cadeiras numeradas, 2\$; galerias ou entrada geral, 1\$.

Teatro das Novidades. Na rua do Espírito Santo, nº 24. Chamou-se antes *Lucinda* e foi fundado pelo ator Luís Cândido Furtado Coelho, que o batizou com o nome da distinta atriz, sua mulher. É campestre. Possui 13 camarotes, 306 cadeiras, 96 galerias nobres e 200 lugares nas galerias gerais. *Preços:* camarotes 15\$, cadeiras de 1ª classe, 3\$ e de 2ª, 2\$; galeria nobre, 2\$; galeria geral ou entrada 1\$.

Recreio Dramático. Ao fundo da rua do Espírito Santo. Chamou-se primitivamente *Brazilian Garden*. É campestre. Tem 16 camarotes, 306 cadeiras, 54 galerias nobres e 500 lugares nas galerias gerais. *Preços:* camarotes 15\$; cadeiras e galeria nobre 2\$, galeria geral ou entrada, 1\$.

Teatro Príncipe Imperial. Na praça da Constituição, nº 3. Foi construído há pouco tempo. É campestre. Possui 14 camarotes, 465 cadeiras, 60 lugares na galeria nobre e 150 na galeria geral. *Preços:* camarotes, 15\$; cadeiras e galeria nobre, 2\$; galeria geral ou entrada, 1\$.

Teatro Ginásio Dramático. Na rua Sousa Franco, antiga do Teatro, nº 37. Foi erguido em 1832 e reconstruído mais tarde pelo célebre ator brasileiro João Caetano dos Santos. Chamado a princípio de São Francisco de Paula, depois de São Francisco, foi batizado afinal, em 1855, com o nome atual.

Presentemente pouco trabalha.

Polytheama Fluminense. Situado na rua do Lavradio, nº 94. É teatro-circo, não pequeno, em que trabalham companhias ginástico equestres e de zarzuelas.

e) Regatas

Efetuem-se na esplêndida enseada de Botafogo, promovidas pelo *Clube de Regatas Guanabareense*, domiciliado à praia de Botafogo, nº 138. O transporte da grande parte da população que assiste a este muito concorrido divertimento é feito, afora os carros de aluguel e particulares, pelos bondes das linhas **1 A a 2 C** da companhia *Botanical Garden*. O Clube de Regatas também dá partidas-concertos.

f) Corridas

São promovidas pelo *Jockey Club* (Secretaria à rua Nova do Ouvidor, nº 34); e realizam-se em São Francisco Xavier, no *Prado Fluminense*, propriedade daquela associação. É um dos mais populares divertimentos, a que assistem SS. MM. II. e a que aflui grande parte da população, transportada pela Estrada de Ferro D. Pedro II, bondes da Companhia Vila Isabel e carros de aluguel ou particulares. O mais pronto e barato meio de transporte é a estrada de ferro. À entrada do Prado distribuem-se grátis programas das corridas. Não se dão senhas no portão principal. O Clube aceita assinantes apresentados por sócios, e que pagam 10\$ por dia de corridas ou 50\$ por todas as corridas do ano. A estrada de ferro na véspera do dia das corridas publica nas gazetas o horário dos trens.

Apesar de ser um dos divertimentos preferidos pela nata da sociedade fluminense, a grande concorrência que desafia, dá-lhe o caráter de uma festa popular.

g) Jogos atléticos

São realizados pela *British Amateur Athletic Sports Association*, dando corridas anuais, no campo, na rua Paissandu, em frente ao Palácio Isabel. A respectiva Secretaria é na rua Primeiro de Março, nº 40, 1º andar.

2. PARTICULARES

Clubes e sociedades de ginástica e música

Novo Cassino Fluminense, rua do Passeio, nº 46. Tem por fim lícito o divertimento por partidas de baile e música. O sócio acionista contribui para os cofres da sociedade com 1:000\$, em uma só prestação, pelo que fica dispensado de mais contribuição alguma. O sócio assinante paga 72\$000 anuais por semestre adiantado. Para ser considerado sócio é indispensável prévia aprovação da diretoria, em escrutínio secreto. Dois votos negativos rejeitam o candidato. Secretaria, rua da Quitanda, nº 79.

Congresso Brasileiro, rua visconde do Rio Branco, nº 69.

Congresso Português, rua do Núncio, nº 25 A. Os fins civilizadores e recreativos da sociedade são os seguintes: manter aulas de ginástica, de esgrima, de música, de contabilidade e escrituração mercantil; difundir o gosto pela leitura, fundando, para esse fim uma biblioteca escolhida e subscrevendo as melhores publicações noticiosas e científicas; promover, entre os seus membros, conferências instrutivas e certames das matérias a que se dedicarem; contribuir, quanto possível, para atos de beneficência e utilidade dos seus sócios; proporcionar anualmente aos sócios um divertimento, à custa do cofre social, sempre que este o permita; devendo esse festejo ser no dia 15 de agosto, ou na véspera, se assim o entender a diretoria; promover divertimentos por meio de bailes, concertos, saraus artísticos e passeios campestres (art. 3 dos Estatutos). Além dos fins especificados, a associação envidará todos os esforços para proporcionar a seus membros, nas suas reuniões diárias, conhecimentos práticos e teóricos de harmonia com os fins a que se propõe. Os sócios contribuintes pagam 10\$ de joia no ato de receber o diploma e, desde então, a mensalidade de 3\$000.

Euterpe Comercial (Tenentes do Diabo)^[202], rua dos Andradas, nº 27. Proporciona aos seus associados o ensino de música vocal ou instrumental; saraus ou reuniões musicais em que os sócios alunos possam mostrar o aperfeiçoamento adquirido; passeios campestres aos subúrbios da cidade nos dias que forem previamente determinados pela diretoria. Soleniza o Carnaval com dois passeios, em que os sócios tomam parte com trajes de fantasia, percorrendo as ruas que a diretoria ou a comissão nomeada houver designado. Os sócios alunos e contribuintes pagam a joia de 10\$ no ato da admissão e a mensalidade de 3\$ adiantados. Os sócios propostos e admitidos um mês antes do Carnaval pagam, além da joia, a mensalidade correspondente a três meses.

Real Sociedade Clube Ginástico Português^[203], rua do Hospício, nº 233. Os seus fins são: congregar os seus associados, proporcionando-lhes recreios honestos, úteis e agradáveis. As propostas para sócio serão feitas por um ou mais sócios, e aprovada ou rejeitada livremente pela Diretoria que,

[202] Clube carnavalesco fundado em 1855.

[203] Clube fundado em 1868. Atualmente, sua sede se localiza na avenida Graça Aranha, centro do Rio de Janeiro.

no último caso, não é obrigada a dar a razão por que o faz. A Sociedade proporcionará aos seus sócios: ensino de ginástica; ensino de música; ensino de esgrima; reuniões diárias em que se permitam entretenimentos inocentes; diversões autorizadas pela diretoria em sessão do conselho; saraus ou reuniões tão amiudadas quanto o permitir o desenvolvimento da Sociedade. Os sócios alunos e contribuintes pagam a quantia de 10\$ como joia de entrada e uma mensalidade de 3\$, da qual não ficam isentos os beneméritos. O edifício está aberto nos dias úteis das 6 horas da tarde às 11 horas da noite, e nos santificados das 2 horas da tarde às 11 horas da noite.

Clube dos Fenianos^[204], rua de São Pedro, nº 89.

Clube dos Democráticos^[205], rua dos Andradas, nº 35 A. Esta Sociedade proporciona aos seus associados: reuniões diárias para a leitura de gazetas, palestra e mais divertimentos lícitos, bailes e passeios nos dias previamente designados pela Diretoria; e soleniza o Carnaval.

Há três classes de sócios: contribuintes, beneméritos e honorários. Sócios contribuintes são os que unicamente contribuem com as suas mensalidades; beneméritos, os que, pertencendo à classe anterior, merecerem que a Assembleia Geral lhes confira esta distinção por seus importantes serviços; e honorários, os que, sendo associados ou não, auxiliarem a sociedade com o concurso dos seus conhecimentos. Os sócios contribuintes pagam 10\$ de joia, no ato da sua admissão, e 3\$ mensalmente.

Clube Beethoven^[206], rua do Catete, nº 102.

Clube Mozart^[207], rua da Constituição, nº 47.

Germania, rua da Alfândega, nº 77. Qualquer pessoa pode ser sócia quando apresentada, para esse fim, por dois membros votantes. A proposta escrita especificando se o candidato fala alemão, e assinada pelo pretendente, será entregue à diretoria, sete dias antes da sessão, a fim de ser afixada nos anúncios da tábua no local da sociedade. O número de membros que não falam alemão não deve exceder à sexta parte do total dos associados. O sócio que não fala alemão não vota, não pode ser eleito para cargos da sociedade nem propor sócios ou apresentar qualquer moção. Os sócios pagam a joia de 60\$ e a contribuição de 100\$ anuais, por trimestres adiantados.

Société Philharmonique Les Francs Gaulois, largo da Carioca, nº 20, sobrado.

Société Française de Gymnastique, rua do Clube Ginástico, antiga travessa da Barreira, nº 9.

[204] Clube carnavalesco fundado em 1869.

[205] Clube carnavalesco criado em 1867. A sede atual do clube se localiza no bairro da Lapa.

[206] Sociedade cultural fundada em 1882. Machado de Assis foi um de seus sócios.

[207] Sociedade musical fundada em 1867.

V. COMÉRCIO

1. MOEDA

No Brasil a unidade de conta é o real. O dinheiro que corre mais em circulação é o papel-moeda, e em prodigiosa quantidade. O ouro é raríssimo, a prata pouco vulgar e o níquel e o bronze muito comuns. As moedas de bronze, porém, de 10 rs., são muito raras.

● QUADRO DAS MOEDAS MODERNAS DO BRASIL

- (DO 2º REINADO)

OURO			
Moedas	Gramas	Título	Gramas de metal puro
Moeda de 20\$000	17,9296875	917	16,4415234
Moeda de 10\$000	8,9648438	917	8,2207617
Moeda de 5\$000			

AUXILIAR DE PRATA			
Moedas	Gramas	Título	Gramas de metal puro
Moeda de 2\$000	25,500	917	23,38350
Moeda de 1\$000	12,750	917	11,69175
Moeda de \$500	6,375	917	5,84587
Moeda de \$200			

SUBSIDIÁRIAS ANTIGAS	
Moeda de 40 réis	de cobre
Moeda de 20 réis	
Moeda de 10 réis	

SUBSIDIÁRIAS MODERNAS		
Moeda de 200 réis	15,000	de níquel
Moeda de 100 réis	10,000	
Moeda de 50 réis (não entrou em circulação)	7,000	
Moeda de 40 réis	12,000	de bronze
Moeda de 20 réis	7,000	
Moeda de 10 réis	3,500	

Além dessas moedas há outras antigas, que raras vezes aparecem em circulação e são disputadas pelos colecionadores de numismática. As moedas subsidiárias antigas dos valores de 40 e 20 réis são de grandes dimensões e estão de há muito sendo recolhidas.

Quadro dos valores das notas do papel-moeda do Tesouro Nacional e do Banco do Brasil

Do Tesouro Nacional: de 500 réis, 1\$, 2\$, 5\$, 10\$, 20\$, 50\$, 100\$, 200\$ e 500\$000.

Do Banco do Brasil, cujo curso é forçado por decreto nº 3.307, de 14 de setembro de 1864, que ainda não foi revogado: de 20\$, 25\$, 30\$, 50\$, 100\$, 200\$ e 500\$000.

Infelizmente, nem a Caixa da Amortização nem o Banco do Brasil têm expostas em móveis apropriados as notas em circulação, a fim de serem conhecidas do público e do viajante, quando aos referidos estabelecimentos cumpria ter coleções completas do papel-moeda que gira no mercado.

2. BOLSA OU PRAÇA DO COMÉRCIO

Na rua visconde de Itaboraí, defronte do edifício do Correio. Constitui a Associação Comercial uma diretoria composta de 15 comerciantes de diversas nacionalidades, à qual compete deliberar sobre os negócios que em geral interessam ao comércio.

O preço da assinatura da Bolsa é de 30\$ por ano. O assinante tem direito a tratar ali dos seus negócios; e a ler os jornais franceses, ingleses, belgas, americanos, hamburgueses; políticos, comerciais e ilustrados; assim como os principais do Brasil, Portugal e Rio da Prata.

Na praça do Comércio existem tabelas das entradas e saídas de navios, com indicações das procedências e destino, cargas e consignatários. Tem estação telegráfica.

JUNTA DOS CORRETORES. Praça do Comércio, escritório nº 10.

3. ALFÂNDEGA

A entrada principal é pela rua visconde de Itaboraí, em frente à general Câmara.

4. JUNTA COMERCIAL

Na rua do Mercado, nº 8. *Sessões:* 2^{as} e 5^{as} feiras de manhã, e quando esses dias forem impedidos, nos seguintes.

5. BANCOS

Banco do Brasil, rua da Alfândega, nº 9, esquina da da Candelária. É de depósito e circulação.

Banco Comercial do Rio de Janeiro, rua Primeiro de Março, nºs 59 e 61. Para depósitos e descontos.

Banco do Comércio, rua Primeiro de Março, nº 77. Tem por fim principal auxiliar e desenvolver o comércio de compra e venda para o interior do país. Saca sobre muitas praças na Itália.



Alfândega, da Ilha das Cobras. Por Casa Leuzinger, 186-?. Coleção Thereza Christina Maria. Acervo da Biblioteca Nacional.

English Bank of Rio de Janeiro, limited, rua Primeiro de Março, nº 53. As suas operações constam de: 1ª desconto; 2ª recebimento de dinheiro em conta corrente e a prazo fixo, mediante o juro que for convencionado; 3ª emissão de créditos especiais sob depósito de dinheiro ou caução; 4ª emissão de créditos circulares sobre as principais praças da Europa; 5ª movimentos de fundos com as praças estrangeiras; 6ª saques e compras de letras de câmbio; 7ª compra e venda de metais preciosos; 8ª compra e venda por conta alheia de quaisquer títulos de valor, como apólices, ações dos bancos e das companhias públicas, aceite e cobrança de letras, recebimento e pagamento de juros e dividendos e remessas por ordem das partes, a comissões razoáveis etc.

The New London and Brazilian Bank, limited, rua da Candelária, nº 11.

Banco Rural e Hipotecário, rua da Quitanda, nºs 103 e 105. É de depósitos e descontos, e tem a seu cargo o estabelecimento de seguros de vida e outras operações intitulado *Protetora das Famílias*.

Banco Industrial e Mercantil, rua da Quitanda, nº 119. Pretende também abranger no círculo das suas transações as operações de crédito real.

Banco Predial, rua da Quitanda, nº 78. Tem por fim fazer empréstimos aos que forem ou pretenderem ser proprietários de casas, e edificar prédios sob várias condições estipuladas nos seus estatutos.

6. AGÊNCIAS BANCÁRIAS

Banco Aliança, no Porto, rua do Rosário, nº 114; **Comércio e Indústria**, no Porto, rua da Alfândega, nºs 12 e 14; **Industrial do Porto**, no Porto, rua do Hospício, nºs 46 e 48; **do Minho**, rua Primeiro de Março, nº 51, 1ª andar; de **Portugal**, em Lisboa, rua do Rosário, nº 106; **Português**, no Porto, rua general Câmara, nº 63. Todas essas agências sacam sobre Portugal e as suas possessões.

7. CAIXAS ECONÔMICAS

Caixa Econômica do Governo, rua da Misericórdia, no pavimento térreo da Câmara dos Deputados. Recebe em depósito, sob a garantia do governo, quantias até 50\$000 por semana e no máximo de 4:000\$000, a juros de 6% ao ano. Os juros são capitalizados semestralmente, embora os depositantes não o exijam, e podem ser levantados, com o capital, mediante aviso prévio de oito dias.

Caixa Econômica da Associação Perseverança Brasileira, rua do Ouvidor, nº 81. É garantida pelo governo por sua imediata fiscalização. Recebe dinheiro em depósito, desde 1\$ até a maior quantia que se quiser depositar, abonando anualmente 50% dos lucros líquidos aos seus depositantes, além dos juros da tabela, na forma dos estatutos; dá dinheiro sob caução de títulos do governo geral e provincial, letras do Banco do Brasil e apólices da mesma associação; e desconta letras e outros títulos do governo geral, provincial e do Banco do Brasil.

8. CAMBISTAS

Rua Primeiro de Março, nºs 17, 35, 43; rua do Ouvidor, nº 25 A; rua do Hospício, nº 2; rua da Alfândega, nº 33; praça D. Pedro II, nºs 2 C, 17; e rua da Assembleia, nº 35, 1ª andar.

9. MONTE DE SOCORRO

Situado no largo da Assembleia, no pavimento térreo da Câmara dos Deputados. Empréstimo dinheiro sobre penhores de objetos preciosos. Paga-se juro módico, no fim do prazo da dívida, estipulado à vontade do mutuário, que pode renovar a transação satisfazendo o prêmio vencido. Somente no fim do segundo prazo se procede à venda, em leilão, do objeto penhorado para indenizar o estabelecimento, onde fica em depósito o saldo para ser entregue ao mutuário dentro de cinco anos, findos os quais prescreve o seu direito.

10. CASAS DE PENHORES

Realizam transações particulares permitidas idênticas às do Monte de Socorro. Às ruas Leopoldina, nº 4; do Sacramento, nºs 4, 6, 19; do Senhor dos Passos, nº 80; do Rosário, nº 15 A; e do Teatro, 1 C.

11. SEGUROS

a) De vida

Montepio de Economia dos Servidores do Estado, rua das Belas Artes, nº 3. Aberto das 4h da tarde até as 7h da noite. **Montepio Geral**, rua da Quitanda, nº 78. **Montepio da Marinha**, criado para proteger as famílias dos oficiais da armada. **Caixa geral das famílias**, rua do Rosário, nº 68; **Garantia do Fature**, associação de benefícios mútuos e caixa de economias auxiliares, rua dos Ourives, nº 31; **Garantia Nacional**, companhia de interesse mútuo, rua de São Pedro, nº 14, 1ª andar; **Perseverança Brasileira**, rua do Ouvidor, nº 81; **Popular Fluminense**, rua de São Pedro,

nº 69; **Previdência**, associação mútua de pensões para a invalidez e velhice, e de montepio, rua dos Ourives, nº 17; **Protetora das Famílias**, associação brasileira de seguro mútuo sobre a vida, rua da Quitanda, nº 103.

b) Marítimos e Terrestres

Aliança, rua da Alfândega, nº 2; **Alliance**, *British and Foreign Life and Fire Assurance Company*, rua Primeiro de Março, nº 88; **Argos Fluminense**, contra fogo e raios, rua Primeiro de Março, nº 30; **The British and Foreign Marine Insurance Company, limited**, rua Primeiro de Março, nº 62; **Confiança**, rua Primeiro de Março, nº 77; **Garantia**, rua Primeiro de Março, nº 27, 1º andar; **Guardian**, *Fire and Life Assurance Company*, rua Primeiro de Março, nº 62; **Hamburgo Magdeburgo**, rua general Câmara, nº 63; **Imperial Companhia de Seguro Mútuo**, travessa das Belas Artes, nº 1, esquina da rua do Sacramento; **Imperial Companhia**, em Londres, rua visconde de Inhaúma, nº 12; **Integridade**, rua da Quitanda, nº 89; **London and Lancashire**, *Fire Insurance Company*, rua Teófilo Otoni, nº 25. **Nordeutsche-Feuervericherungs Gesellschaft**, rua da Alfândega, nº 60; **North British and Mercantile Company**, rua da Quitanda, nº 107; **Nova Permanente**, rua Primeiro de Março, nº 35; **Perseverança**, rua Primeiro de Março, nº 41, 1º andar; **Previdente**, ibidem; **Royal Insurance**, rua da Candelária, nº 8, sobrado; **São Salvador**, de Campos, rua dos Ourives, nº 177; **União Comercial**, rua do Rosário, nº 43, 1º andar.

VI. ARTES E INDÚSTRIA

1. FOTOGRAFIAS

Rua da Carioca, nºs 32, 72 e 120; rua Gonçalves Dias, nº 54; rua do Hospício, nºs 91, 93 e 102; rua dos Ourives, nºs 34, 38 (*Guimarães*), 40 (*Henschel*), 37, 51 e 69; rua do Ouvidor, nºs 102 (*Insley Pacheco*), 124; rua da Quitanda, nºs 27 e 39; rua São José, nº 88 (*Marc Ferrez*); rua Sete de Setembro, nºs 41 e 76.

2. PINTORES E RETRATISTAS

Acropolio, estabelecimento de belas artes de A. A. de Sousa Lobo, rua da Constituição, nº 28; Augusto Off., rua do Lavradio, nº 71, 2º andar; *Décio Vilarés*, rua dos Ourives, nº 75; *Agostini*, rua Gonçalves Dias, nº 66; *Fachinetti*, rua do Ouvidor, nº 138; *Haenschell*, rua dos Ourives, nº 40; *Mondaini*, rua do Hospício, nº 67; *Insley Pacheco*, rua do Ouvidor, nº 102; *Petit*, rua Conde d'Eu, nº 59; *Pinho*, ladeira do Seminário, nº 14; *Rocha Fragoso*, rua da Constituição, nº 45; *Vasco* (restaurador), rua do Porto, nº 12; *Artur Ferreira*, na Academia de Belas Artes e rua da Constituição, nº 39; *Lopes Rodrigues*, travessa do Desterro, nº 19; *Steckel*, rua do Lavradio, nº 16.

3. GRAVADORES EM METAL, MADEIRA, CRISTAL ETC.

A. Bravard, rua Sete de Setembro, nº 68, 2º andar; *Manuel Joaquim da Costa Pinheiro*, ibidem, nº 157; *Leopoldo Heck*, rua dos Ourives, nº 25; *Augusto Off.*, rua do Lavradio, nº 71, 2º andar; *Pereira Braga & Comp.*, rua Nova do Ouvidor, nº 29; *Pinheiro & Villas Boas*, rua Sete de Setembro, nº 157; *Robin*, rua da Assembleia, nºs 44 e 46; *Winter*, rua do Hospício, nº 77.

4. LIVRARIAS

Faro & Lino, rua do Ouvidor, nº 74; *Garnier*, ibidem, nº 71; *Laemmert*, ibidem, nº 66; *Cruz Coutinho*, rua São José, nº 75; *Guimarães*, rua general Câmara, nº 22; *Lombaerts*, rua dos Ourives, nº 7; *Azevedo*, rua Uruguaiana, nº 33; *Martins*, ibidem, nº 20; *Lopes do Couto*, rua da Quitanda, nº 24; *Nicolau Alves*, rua Gonçalves Dias, nº 46; *Seraphim*, rua Sete de Setembro, nº 83; *L. Dupont*, rua Uruguaiana, nº 21.

5. ENCADERNADORES E OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Ernesto R. R. da Silva, rua Gonçalves Dias, nº 33; *Guimarães & Comp.*, rua general Câmara, nº 22; *Justino*, rua de Santo Antônio, nº 3; *Laemmert & Comp.*, rua do Ouvidor, nº 66 e dos Inválidos, nº 71; *Leuzinger & Filhos*, rua do Ouvidor, nºs 31 e 36, e Sete de Setembro, nº 35; *Lombaerts & Comp.*, rua dos Ourives, nº 7; *Moreira Maximino & Comp.*, rua da Quitanda, nº 111; *Nascimento & Freitas*, rua de São José, nº 29; *Tipografia Nacional*, rua da Guarda Velha.



G. Leuzinger & Filhos, na rua do Ouvidor, número 36. Rua Direita, esquina com rua do Ouvidor, onde se localizava a Casa Leuzinger. Por Leuzinger, Georges, 1866 circa. Endereço da tipografia e uma das livrarias que vendiam os exemplares do *Guia do viajante*. Coleção Pedro Corrêa do Lago. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

6. TIPOGRAFIAS

TIPOGRAFIA NACIONAL, rua da Guarda Velha.
DE LEUZINGER & FILHOS, rua do Ouvidor, nº 36.
DE LOMBAERTS & C.^a, rua dos Ourives, nº 7.
DE LOURENÇO WINTER, rua do Hospício, nº 77.
DE MOREIRA, MAXIMINO & C.^a, rua da Quitanda, nº 111.
DE JOÃO PAULO HILDEBRANDT, rua da Ajuda, nº 31.
CENTRAL, rua Nova do Ouvidor, nº 7.
UNIVERSAL, de H. Laemmert & C.^a, rua dos Inválidos, nº 71.
PINHEIRO, rua Sete de Setembro, nº 157.
CARIOCA, de Dias da Silva Júnior, rua Teófilo Otoni, nº 147.
PERSEVERANÇA, rua do Hospício, nº 86.

VII. ADMINISTRAÇÃO

Secretarias de Estado e repartições dependentes. **Secretaria da Agricultura**, *Comércio e Obras Públicas*, praça D. Pedro II; *Inspetoria Geral das Terras e Colonização*, ibidem; **Secretaria de Estrangeiros**, rua da Glória, nº 100; **Secretaria de Fazenda**, rua do Sacramento, nº 17; *Tesouro Nacional*, ibidem; *Diretoria-geral das Rendas Públicas*, ibidem; *Recebedoria*, ibidem; *Tribunal do Tesouro Nacional*, ibidem; **Secretaria da Guerra**, praça da Aclamação; *Ajudante general*, ibidem; *Quartel-mestre general*, ibidem; *Repartição Fiscal*, ibidem; *Pagadoria das Tropas*, ibidem; *Tribunal do Conselho Supremo Militar de Justiça*, ibidem; **Secretaria do Império**, rua visconde do Rio Branco, esquina da praça da Constituição, por onde é a entrada; *Repartição de Estatística*, ibidem, tem a seu cargo a estatística em geral, e a judiciária, policial e penitenciária; **Secretaria de Justiça**, rua do Passeio, nº 44; **Secretaria da Marinha**, no Arsenal de Marinha, sendo a entrada pela rua visconde de Inhaúma; *Almoxarifado*, ibidem; *Contadoria*, ibidem; *Intendência*, ibidem; *Pagadoria*, ibidem; *Quartel-general da Marinha*, ibidem.

VIII. PARLAMENTO

Câmara dos Deputados, largo da Assembleia, esquina da rua da Misericórdia. É eletiva e temporária. A sua eleição é direta e feita por distritos. É eleita de quatro em quatro anos que formam o espaço de uma legislatura. *Secretaria da Câmara*, ibidem. Aberta todos os dias úteis das 10h da manhã às 3 da tarde.

Senado, Campo da Aclamação, esquina da rua do Areal. É vitalício e os seus membros são eleitos por províncias em listas tríplices. *Secretaria do Senado*, ibidem. Aberta todos os dias úteis das 10h da manhã às 3 da tarde.



IX. MUNICIPALIDADE

Ilustríssima Câmara Municipal, praça da Aclamação, esquina da rua general Câmara. As suas sessões realizam-se a 1^o e 15 de cada mês, e quando impedidos, nos dias seguintes.

Depósito Público, rua do Areal, nº 4.

X. POLÍCIA

O serviço policial da cidade é dirigido por três delegacias, que exercem atribuições cumulativas em todo o município, e é feito por um corpo de guardas

Ilustríssima Câmara Municipal. Prédio da Prefeitura da Municipalidade do Rio de Janeiro. Paço da Câmara Municipal. Eis o prédio da "Ilustríssima Câmara Municipal", que ficava na praça da Aclamação (antigo Campo de Santana, como descrito no Guia; atual praça da República), esquina com a rua general Câmara. Construído em 1882, com o advento da República se tornará sede da Prefeitura. Foi demolido, em 1943, para abrir espaço à avenida Presidente Vargas. Ficava entre o que é hoje a Biblioteca Estadual e a escola Rivadavia Correia. Por Juan Gutierrez, 189?. Coleção Juan Gutierrez. Brasileira Fotográfica/ Museu Histórico Nacional.

urbanos, auxiliado por outro corpo, com organização militar, denominado *Corpo Militar de Polícia da Corte*, com companhias de infantaria e de cavalaria. À polícia compete exercer vigilância quanto aos divertimentos públicos, no duplo interesse de garantir a moral e os bons costumes e a ordem pública.

1. REPARTIÇÃO CENTRAL

Secretaria da Polícia. Rua do Lavradio, nº 36, esquina da do Senado.

Delegacias. Primeira, segunda e terceira, ibidem. Despacham todos os dias das 10 horas da manhã às 3 da tarde.

2. ESTAÇÕES DA GUARDA URBANA

Beco do Rosário; largo de São Domingos; largo da Carioca, esquina da rua de Santo Antônio; praça Municipal; rua Sete de Setembro, nº 5; rua de São Bento; rua Marquês de Pombal; rua do Senado, esquina da do Lavradio; travessa de D. Manuel e rua do Catete, nº 197.

3. CORPO MILITAR DE POLÍCIA DA CORTE

Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, nº 68.

4. CASA DE CORREÇÃO E DETENÇÃO

Rua Conde d'Eu, nº 277. É regida pelo sistema de Auburn. Vide página 265.

5. CORPO DE BOMBEIROS

Estação central, Campo da Aclamação, nº 41; estação de leste, rua do Mercado, nº 10 (Alfândega); 1º posto: rua da Prainha, esquina da ladeira da Conceição; 2º posto: largo da Carioca, esquina da rua São José; 3º posto: rua D. Manuel, nº 5; seções auxiliares no Arsenal de Guerra e no de Marinha.

Acham-se atualmente assentadas 24 caixas elétricas destinadas ao serviço de avisos para a Estação Central e da Alfândega, comunicando-se os pequenos postos para aquela estação por meio de linhas telefônicas.

Situação das caixas de transmissão, de avisos de incêndio, com declaração das ruas por onde deve seguir o trem da estação central, segundo a caixa que der o sinal de alarma

Rua do Sacramento, esquina da praça da Constituição, ao lado do Teatro: deve seguir o trem pela rua da Constituição e praça do mesmo nome.

Rua Sete de Setembro, ao lado da Capela Imperial: ruas da Constituição e Sete de Setembro.

Rua da Alfândega, esquina da Primeiro de Março: praça da Aclamação e rua da Alfândega.

Rua Teófilo Otoni, esquina da Primeiro de Março: praça da Aclamação e rua São Pedro.

Rua de Bragança, esquina da da Quitanda: praça da Aclamação e rua São Pedro.

Rua da Quitanda, esquina da São Pedro: praça da Aclamação e rua São Pedro.
Rua da Quitanda, esquina da da Assembleia: ruas da Constituição e Sete de Setembro.
Rua dos Ourives, esquina da do Hospício: rua da Constituição, travessa do Rosário e rua deste nome.
Rua dos Ourives, esquina da visconde de Inhaúma: praça da Aclamação e rua São Pedro.
Largo de São Francisco da Prinha: praça da Aclamação e ruas São Joaquim e Imperatriz.
Rua Uruguaiana, esquina da general Câmara: praça da Aclamação e rua São Pedro.
Rua Uruguaiana, esquina da do Ouvidor: praça da Constituição e largo de São Francisco de Paula.
Largo do Moura, no quartel dos Aprendizes Artífices do Arsenal de Guerra: ruas da Constituição, Sete de Setembro e da Misericórdia.

Rua de Santa Luzia, no prédio em frente ao antigo Asilo de Mendigos: ruas do Lavradio, dos Arcos, visconde de Maranguape e do Passeio.

Rua Evaristo da Veiga, no prédio da esquina da rua visconde de Maranguape: ruas do Lavradio e dos Arcos.

Rua do Riachuelo, no prédio da esquina da Monte Alegre: ruas dos Inválidos, Resende e Silva Manuel.

Rua Conde d'Eu, no prédio nº 146: rua Conde d'Eu.

Rua Santa Rosa, junto à Estação da Guarda Urbana: rua senador Eusébio.

Rua da União, esquina da praia do Saco do Alferes: ruas São Joaquim, Imperatriz, Saúde e Nova do Livramento.

Rua João Álvares, esquina da da Harmonia: ruas São Joaquim, Imperatriz e Saúde.

Rua da Saúde, prédio nº 142: ruas São Joaquim, Imperatriz e Saúde.

Largo do Depósito, no prédio da esquina da rua Barão de São Félix: ruas São Joaquim e Imperatriz.

Rua São Joaquim, esquina da rua da Imperatriz: rua São Joaquim.

Rua do Regente, no prédio da esquina da rua da Alfândega: rua da Alfândega.

Observações. As chaves dessas caixas estão em mão dos rondantes e nas estações da Guarda Urbana. Para transmitir o sinal de incêndio, basta abrir a caixa e abaixar a tecla ali existente, largando-a em seguida.

Enquanto funciona o aparelho, um pequeno despertador toca continuamente. Recebido o aviso, o trem do Corpo seguirá da Estação Central pelas ruas indicadas, esperando no trajeto encontrar a pessoa que deu o sinal de alarma, a fim de guiá-lo com precisão ao ponto do incêndio, ou simplesmente declarar ao carro da frente a rua e número do prédio onde são precisos os socorros.

6. NECROTÉRIO

Situado no largo do Moura, do lado do mar. É destinado a receber em depósito os cadáveres achados em abandono nas ruas e praias, e onde em certos casos se verificam a identidade de pessoa e causa da morte. Aberto das 6h da manhã às 6h da tarde, mas a qualquer hora recebe os cadáveres. Vide p. 266.

XI. JUSTIÇA

Supremo Tribunal de Justiça, rua do Lavradio, nº 62. *Sessões*: às quartas-feiras e sábados, às 9h da manhã, e sendo impedidos, nos dias anteriores. A secretaria funciona todos os dias desde as 9h da manhã até as 2h da tarde.

Relação da Corte, rua do Lavradio, nº 62. *Sessões*: às quartas e sextas-feiras, às 10h da manhã, e sendo impedidos, nos dias anteriores.

Tribunal do Júri, largo da Conceição, nº 1.

Dias de audiência e sessões dos tribunais e juízos

— *Conselho Supremo Militar*, segundas-feiras de manhã.

— *Conselho Supremo Militar de Justiça*, quartas-feiras e sábados, às 10h da manhã.

— *Tesouro Público*, no expediente, todos os dias úteis, às 9h da manhã, e em sessão do tribunal, às segundas e quintas-feiras, às 11h da manhã.

— *Auditoria da Guerra*, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10h da manhã, no Quartel-general à praça da Aclamação; audiência criminal aos sábados, ao meio-dia, no edifício da rua do Lavradio, nº 13.

— *Auditoria geral da Marinha*, sessões dos conselhos de guerra, às terças e sextas-feiras, às 11h da manhã, no Arsenal de Marinha. Dá audiência do distrito criminal às quartas-feiras ao meio-dia, no edifício da Relação. Nos dias úteis é encontrado na casa da sua residência, rua do Lavradio, nº 108.

— *Juízo de Órfãos e Ausentes*, 1ª vara: quintas-feiras, às 11h da manhã; sendo feriado ou dia santo, no dia seguinte às mesmas horas, à rua da Constituição, nº 48; praças às segundas e quintas-feiras, às mesmas horas; e cofre sábados, às 10h da manhã. 2ª vara: às terças-feiras, às 11h da manhã, praças às terças e sextas-feiras, à rua da Constituição, nº 48, onde despacha todos os dias; e cofre às quintas-feiras.

— *Juízo dos Feitos da Fazenda*, aos sábados, ao meio-dia, na casa da Relação, e às 11h30 da manhã o dr. juiz substituto.

— *Juízo da Provedoria de Capelas e Resíduos*, às quartas-feiras e sábados, às 11h da manhã, quando preside o júri; às 10h da manhã, à rua da Constituição, nº 48, onde despacha todos os dias, às 11h da manhã, na mesma casa.

— *Juízo de Direito*, 1ª vara cível: quartas-feiras e sábados à meia hora; o dr. juiz substituto ao meio-dia; ambos à rua da Constituição, nº 48, onde despacham todos os dias; quando está no júri, às 10h da manhã. 2ª vara cível: às segundas e quintas-feiras, ao meio-dia, à rua do Lavradio, nº 13, onde despacha todos os dias úteis, das 10h da manhã às 3h da tarde; o dr. juiz substituto, nos mesmos dias às 12h30 da tarde. 3ª vara cível: audiências às quartas-feiras e sábados, às 11h da manhã, no edifício da Relação, onde despacha todos os dias.

— *Juízo Especial do Comércio*, 1ª vara: terças e sextas-feiras, à 1h da tarde, à rua do Lavradio, nº 13; e o dr. juiz substituto, nos mesmos dias às 12h30; e praças nos mesmos dias depois da audiência. 2ª vara: terças e sextas-feiras ao meio-dia; praças nos mesmos dias, depois da audiência, à rua do Lavradio, nº 13.

Advogados. Cons. F. Octaviano de Almeida Rosa, rua do Russell, nº 15 A; Afonso Celso de Assis Figueiredo, rua do Lavradio, nº 148; Carlos Arthur Busch Varela, rua do Rosário, nº 68; Carlos Augusto Marques Perdigão, rua do Carmo, nº 42; André Pereira Lima, rua do Lavradio, nº 39; Joaquim Saldanha Marinho, rua do Rosário, nº 57; José da Silva Costa, rua do Rosário, nº 88; Augusto Teixeira

de Freitas, rua da Misericórdia, nº 8; Tristão de Alencar Araripe Júnior, rua do Rosário, nº 42 e rua do Torres, nº 15; J. J. do Monte, rua Nova do Ouvidor, nº 24; *Ubaldo do Amaral*, rua do Ouvidor, nº 42; Franklin *Dória*, praia da Lapa, nº 28.

Tabeliães. Antônio José de *Cantanheda Júnior*, rua do Rosário, nº 88; Pedro José de *Castro*, ibidem, nº 57; João *Cerqueira Lima*, ibidem, nº 33; A. H. da *Costa Brito*, ibidem, nº 96; F. M. da *Cunha Júnior*, ibidem, nº 67; *Mathias* T. da Cunha, ibidem, nº 66; Francisco *Pereira Ramos*, ibidem, nº 68; *Sayão Lobato* Sobrinho, ibidem, nº 80.

Hipotecas (Registro geral das). Faria Rocha, rua da Quitanda, nº 119.

XII. RELIGIÃO

1. DO PAÍS

A religião oficial do Estado é a católica apostólica romana; são porém permitidas todas as outras religiões com o seu culto doméstico, ou particular, em casas para esse fim determinadas, sem forma alguma exterior de templo.

a) Bispado

A diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro abrange o Município Neutro, as províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e a parte oriental da de Minas Gerais. As repartições dependentes do bispado acham-se estabelecidas no Palácio Episcopal, no morro da Conceição, cuja subida abre-se no fim da rua dos Ourives.

Juízo eclesiástico. *Audiências:* terças e sextas-feiras à 1 hora da tarde.

Vigaria geral do Bispado. *Audiências:* terças e sextas-feiras ao meio-dia.

b) Freguesias da cidade e as suas igrejas matrizes

1ª, do **Sacramento**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada na rua do Sacramento, esquina da do Hospício.

2ª, de **São José**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada na rua da Misericórdia, entre a rua São José e a travessa da Natividade.

3ª, da **Candelária**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada na rua da Candelária, entre as ruas general Câmara e São Pedro.

4ª, de **Santa Rita**; matriz, a igreja da mesma invocação, situado no largo de Santa Rita, esquina da rua dos Ourives.

5ª, de **Santana**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada na rua de Santana, entre as ruas São Leopoldo e do Alcântara.

6ª, de **Santo Antônio**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada na rua dos Inválidos, esquina da do Senado.

7^a, do **Engenho Velho**; matriz, a igreja de São Francisco Xavier, situada na rua São Francisco Xavier.

8^a, do **Espírito Santo**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada no largo do Estácio de Sá.

9^a, de **São Cristóvão**; matriz, a igreja da mesma invocação, situada no largo da Igrejinha.

10^a, da **Glória**; matriz, a igreja de Nossa Senhora da Glória, situada na praça Duque Caxias.

11^a, da **Lagoa**; matriz, a igreja de São João Batista da Lagoa, situada na rua Voluntários da Pátria, em frente da da Matriz.

c) Templos

O Rio de Janeiro possui numerosas igrejas e capelas, quer na cidade, quer nos seus arrabaldes e freguesias suburbanas. As mais notáveis acham-se indicadas na página 237 do presente *Guia*.

As localidades, porém, das igrejas matrizes das 11 freguesias da cidade ficaram acima indicadas.

2. TOLERADA

Ninguém no Brasil pode ser perseguido por motivo religioso. Somente exige-se que não ofenda a moral pública e respeito à religião do Estado, assim como este respeita todas as outras religiões, a ponto de punir, no seu Código Criminal, com pena de prisão e multa, os que perseguirem por motivo religioso e abusarem ou zombarem de qualquer culto estabelecido no Império, mandando proceder, por parte da justiça, à respectiva acusação.

Têm os poderes do Estado, além disso, por vezes concedido auxílios pecuniários para construção de casas de oração e subsistência dos ministros de religiões diferentes nas colônias do governo. Os filhos dos acatólicos não são obrigados a receber o ensino religioso dado aos filhos dos católicos.

Os casamentos dos acatólicos são respeitados em todos os efeitos legais. Acha-se hoje este assunto regulado por lei, que assegura o estado civil da prole, considerando-a perfeitamente legítima, quer tais casamentos se realizem no Império, quer fora dele (Extr. do livro oficial *O Império do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Filadélfia*).

Igreja Evangélica Alemã (*Deutsch Evangelische Kirche*), rua dos Inválidos, nº 69. Pastor dr. C. M. Gruel, ladeira do Barroso, nº 2, ou rua dos Arcos, nº 19.

Missão Marítima (*Sailors Mission*), rua da Saúde, nº 163, 3^o andar. Ofício: domingos às 11h da manhã. Missionário: Francis Curran.

Igreja Evangélica Fluminense, travessa das Partilhas, nº 44. Ofício: domingos às 10h da manhã e 6h da tarde; e quartas-feiras às 7h da tarde. Pastor: ladeira do Barroso (morro do Livramento), nº 44 e rua Sete de Setembro, nº 71.

Igreja Metodista (*Methodist Church*), rua Santa Cristina, nº 41. Ofício: domingos às 11h da manhã. Prédicas semanais: quartas-feiras às 7h30 da tarde. Pastor: J. J. Ransom, rua Santa Cristina, nº 41 e do Ouvidor, nº 48, 2^o andar.

Igreja Presbiteriana, rua do Clube Ginástico, nº 15. Ofício: quintas-feiras às 7h da tarde e domingos às 11h da manhã e 7h da tarde. Pastor: travessa Santa Cristina, nº 9. Vide página 248.

Igreja Episcopal Britânica (*English Church*), rua Evaristo da Veiga, nº 16. Ofício: domingos às 11h da manhã.

XIII. ESTUDO E CONSULTA

1. BIBLIOTECAS PÚBLICAS

a) Gerais

Biblioteca Nacional, rua do Passeio, nº 48. Aberta todos os dias úteis das 9h da manhã às 2h da tarde e das 6h às 9h da noite. Na sala pública de leitura receberá o leitor um boletim e nele inscreverá o nome do autor e o título da obra que deseja consultar, a sua assinatura e residência. Empréstimo de livros de fácil aquisição e isso mesmo a pessoas residentes na cidade e de reputação notória; gazetas e revistas, dicionários ou livros de assídua consulta, mapas, estampas e manuscritos não podem sair da Biblioteca. A duração do empréstimo, nunca maior de três meses, é estipulada pelo bibliotecário, e a mesma pessoa não pode ter no seu poder e domicílio mais de três obras da Biblioteca a um tempo. Vide página 261.

Biblioteca Municipal, Campo da Aclamação, esquina da rua general Câmara. É mantida pela Câmara Municipal. Tem catálogo publicado.

Biblioteca da Marinha, rua Conselheiro Saraiva, antiga rua de Bragança, nº 12. Aberta das 9h da manhã às 3h da tarde e das 6h às 9h da noite. Tem catálogo publicado.

Biblioteca do Exército, no Quartel da praça da Aclamação, com entrada pela rua Marcílio Dias. Foi fundada, em 1881, pelo ministro da guerra Franklin Américo de Menezes Dória.

b) Especiais

Biblioteca da Faculdade de Medicina, largo da Misericórdia, em frente à igreja. Tem catálogo impresso.

Biblioteca da Escola Politécnica, no edifício da Escola. Tem catálogo publicado.

Biblioteca da Escola Militar, no edifício da Escola.

Biblioteca do Museu Nacional, no edifício do Museu.

Biblioteca da Academia de Belas Artes, no edifício da Academia.

2. GABINETES DE LEITURA

Biblioteca Fluminense, situada em edifício próprio na rua do Ouvidor, nº 62. Esta associação de leitura, instalada por Bernardo Joaquim de Oliveira a 11 de abril de 1847, possui muitos romances nacionais e estrangeiros, é muito rica em obras relativas à história e geografia do Brasil e recebe boa cópia de gazetas e periódicos do Império. O fundo da associação é de 50 contos de réis, dividido em 2.000 ações de 25\$ cada uma. Compõe-se de acionistas, assinantes e beneméritos: o assinante contribui com a prestação de 5\$ por trimestre ou 16\$ por ano. Depois da Biblioteca Nacional é a biblioteca mais importante, possuindo manuscritos preciosos e muitas cartas geográficas do país; contém cerca de 40 mil volumes. Apesar de instituída para uso dos seus acionistas e assinantes, permitem-se a entrada e leitura a todos os que desejam consultar os seus livros ou documentos. A conservação desta considerável e rica Biblioteca está de há muitos anos confiada aos cuidados e zelo do senhor Francisco Antônio Martins. Possui catálogo impresso.

Gabinete Português de Leitura^[208], rua dos Beneditinos, nº 12. Fundado em 1837, este gabinete de leitura é mantido por uma associação portuguesa, mas admite subscritores de qualquer nacionalidade. Cada subscritor paga 18\$ por ano, 10\$ por 6 meses e 6\$ por três meses. O acionista só pode ser português e paga 12\$ anuais. A biblioteca encerra muitas obras em todas as línguas, mas a sua maior riqueza consiste em livros portugueses e franceses. Possui algumas cartas geográficas, estampas e manuscritos. É franqueado aos jornalistas, escritores, professores e funcionários públicos. Acha-se aberto das 9 horas da manhã às 9 da noite nos dias úteis; e até as 2 horas da tarde nos dias santificados. Na rua Luís de Camões, constrói-se um grande edifício para a mudança deste importante gabinete. Tem catálogo publicado.

British Subscription Library, rua do Ouvidor, nº 48, 2º andar. Foi instituída, em 1826, e possui em particular obras e gazetas em inglês. Aberta todos os dias úteis das 2 às 6 horas da tarde, exceto aos sábados, que abre de 1h até as 5h da tarde. Tem catálogo publicado.

Bibliothek der Gesellschaft, Germania, rua da Alfândega, nº 77. Acha-se sempre aberta. Tem catálogo impresso.

3. ARQUIVOS

Arquivo Público do Império^[209], rua da Assembleia, esquina da dos Ourives. Acha-se aberto todos os dias úteis das 9 horas da manhã às 3 da tarde. É destinado a adquirir e conservar debaixo de classificação sistemática todos os documentos concernentes ao direito público, à legislação, à história e à geografia do Brasil e quaisquer outros que o governo determinar que ali se depositem.

Arquivo Militar, rua do Imperador, esquina da do Consultório. Foi criado, em 1808, para reunião e conservação de cartas geográficas do Brasil e domínios ultramarinos. Aberto das 9 horas da manhã às 3 da tarde. É riquíssima a sua coleção de cartas, mas infelizmente mal conservada.

4. MUSEUS

Museu Nacional, praça da Aclamação, esquina da rua da Constituição. É especialmente destinado ao estudo das ciências que tenham relação com a história natural. Possui um laboratório de fisiologia experimental perfeitamente montado e onde já tem feito investigações científicas de subido valor.

Museu Militar, no edifício do Asilo dos Voluntários da Pátria, na ilha do Bom Jesus. Compõe-se de instrumentos bélicos, troféus etc.

Museu Industrial, acha-se em construção o edifício que lhe é destinado, no Jardim Botânico.

[208] O prédio atual, em estilo manuelino, é uma das maiores bibliotecas do Rio de Janeiro.

[209] Criado, em 1838, com a função de salvaguardar registros públicos. Suas atividades foram absorvidas pelo Arquivo Nacional.



XIV. ESTABELECIMENTOS E ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, LITERÁRIAS, INDUSTRIAIS ETC.

Imperial Observatório Astronômico^[210], no morro do Castelo, junto ao Hospital Militar. A sua coleção de instrumentos, alguns de consideráveis dimensões, é das mais completas que existem. Os cronômetros da marinha e guerra regulam-se no Observatório, onde diariamente se dá o sinal indicativo do tempo médio, que é logo correspondido na rua do Ouvidor, nº 107, por um tiro e a queda de um balão existente no alto da referida casa. Pode ser visitado às terças e quintas-feiras das 10 às 12 horas da manhã.

Instituto Politécnico Brasileiro. As suas sessões efetuam-se em uma das salas da Escola politécnica. Tem por objeto o estudo e a difusão dos conhecimentos teóricos e práticos dos diferentes

Demolição do Morro do Castelo, ruínas da Igreja dos Jesuítas e do Observatório Astronômico. Por Augusto Malta, 1922. O Imperial Observatório Astronômico é descrito como estabelecimento científico da cidade. Coleção Gilberto Ferrez. Brasileira Fotográfica/ Instituto Moreira Salles.

[210] Foi destruído com a demolição do morro do Castelo em 1922.

ramos de engenharia e das ciências e artes acessórias. À exceção dos sócios honorários, os mais que residirem no Império pagam, no ato da sua entrada, a joia de 30\$, além da mensalidade de 1\$ paga por semestre adiantado.

Repartição Hidrográfica. Encarregada do levantamento e construção da *Carta geral das costas do Brasil*. Domiciliada no Arsenal de Marinha.

Clube de Engenharia, rua da Alfândega, nº 6.

Imperial Academia de Medicina. No Instituto Vacínico à rua dos Ourives, nº 1.

Instituto Farmacêutico, rua São José, nº 68.

Instituto Hahnemanniano do Brasil^[211], rua São José, nº 57.

Instituto dos Advogados Brasileiros. As suas sessões realizam-se em uma das salas da Secretaria da Justiça. É associação de cidadãos brasileiros graduados em direito pelas faculdades, academias, e universidades nacionais ou estrangeiras; e tem por fim organizar a ordem dos advogados e o estudo de direito e jurisprudência em geral. Os associados pagam a joia de 20\$ antes da posse, e a mensalidade de 2\$ desde que entrem em exercício.

Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, no Paço da Cidade. Tem por fim coligir, metodizar e publicar os documentos relativos à história e à geografia do Império e a arqueologia, etnografia e línguas dos seus indígenas. Desde 1839, publica trimensalmente uma revista que é um riquíssimo repositório de documentos sobre a história do país. As suas sessões têm lugar às sextas-feiras, de 15 em 15 dias, às 5h da tarde. Possui uma rica biblioteca e numerosos documentos originais. A entrada fica à direita da rua da Misericórdia, por debaixo do arco do passadiço do Paço. Possui catálogo impresso dos livros da biblioteca.

Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa, no Brasil. Secretaria, rua do Núncio, nº 17.

Instituto dos Bacharéis em Letras^[212], funciona em uma das salas do Externato do Colégio Pedro II.

Ensaio Literários (Sociedade Brasileira), rua São Pedro, nº 144.

Retiro Literário Português, rua do Ouvidor, nº 141.

Liceu Literário Português^[213], rua da Carioca, nº 41. Os fins desta sociedade são desenvolver o estudo e o cultivo das letras e animar a literatura portuguesa. Os sócios efetivos contribuem com a joia de 10\$ e a mensalidade de 2\$000.

Centro Positivista Brasileiro^[214], rua Nova do Ouvidor, nº 7. Tem por fim a propagação das doutrinas de Auguste Comte.

Sociedade Propagadora das Belas Artes, rua da Guarda Velha, nº 3. Tem por fim promover a propagação, o desenvolvimento e a perfeição das artes em todo o Império.

[211] Dedicado ao estudo da homeopatia, foi criado em 1859.

[212] Foi fundado em 1863. Entre seus fundadores, consta o nome do bibliotecário Ramiz Galvão.

[213] Foi fundado em 1868.

[214] Centro Positivista Brasileiro ou Igreja Positivista do Brasil, instituição fundada por Miguel Lemos, em 1881, a fim de designar a totalidade dos positivistas do Brasil e para desenvolver o culto, organizar o ensino e intervir oportunamente nos negócios públicos.

Associação Industrial. As suas sessões realizam-se à rua do Hospício, nº 64, 2º andar. Os sócios remidos pagam 300\$ de uma só vez; e os contribuintes 30\$ de joia, e anualmente 24\$ por semestre adiantado.

Associação Brasileira de Aclimação^[215], ladeira do Faria, nº 6. Tem por fim aclimar plantas e animais.

Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. No Jardim Botânico.

Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, praça da Aclamação, nº 31. Mantém duas escolas noturnas para adultos; uma de ensino primário e outra industrial.

XV. BELAS ARTES

Academia de Belas Artes. Travessa das Belas Artes, em frente à rua Leopoldina. Tem por fim o ensino das belas-artes.

Conservatório de Música. Rua Luís de Camões, nº 56, esquina da rua Leopoldina. É incorporado à Academia de Belas Artes. O ensino é gratuito e destinado a ambos os sexos. Aberto das 9 horas da manhã às 2h da tarde. A porta de entrada é na rua Leopoldina.

XVI. INSTRUÇÃO SUPERIOR

Escola Politécnica, largo de São Francisco de Paula, entre as ruas Sousa Franco e Luís de Camões.

Faculdade de Medicina, largo da Misericórdia, esquina da praia de Santa Luzia.

Escola de Marinha, no Arsenal de Marinha.

Escola Militar, na praia Vermelha.

Escola Normal, na rua do Lavradio, nº 64. Funciona à noite.

Faculdade de Direito Livre, acha-se em projeto a sua instalação.

Seminário Episcopal de São José, ladeira do Seminário. Vide página 264.

XVII. INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

A Inspeção Geral da Instrução Pública Primária e Secundária é na rua dos Ourives, nº 1, sobrado.

[215] Foi fundada, em 1872, por Joaquim Monteiro Caminhoá.

1. PÚBLICA

Imperial Colégio D. Pedro II. É dividido em externato, no edifício à rua São Joaquim, esquina da Imperatriz; e internato, no Engenho Velho, à rua São Francisco Xavier, nº 3.

Colégio Naval, no Arsenal de Marinha. Tem por fim o ensino das matérias necessárias à matrícula do 1º ano da Escola de Marinha.

Colégio do Mosteiro de São Bento, no referido Mosteiro. Mantém, desde 1858, um curso de humanidades, gratuito. É muito frequentado.

Liceu Literário Português, rua da Carioca, nº 41. Mantém aulas noturnas, gratuitas, sem distinção de nacionalidade.

2. PARTICULAR

Colégios Particulares. **Abílio**, rua Ipiranga, nº 4. Só admite alunos menores de 12 anos. **Alberto Brandão**, largo dos Leões. Cursos completos de preparatórios para as academias do Império e aulas acessórias de grego e alemão, desenho e música. Internato: Pensão trimestral para maiores 150\$, idem, menores 120\$, lavagem de roupa (trimestre) 24\$, uso de materiais (idem) 10\$, joia de entrada 50\$, ginástica 5\$. Meio pensionato: Pensão trimestral 90\$, uso de materiais 10\$. Externato: Pensão trimestral para estudos secundários 45\$, idem, idem, primários 30\$. **Alemão** (*Deutsche Schule*), rua dos Arcos, nº 19. **Aquino**, rua do Lavradio, nºs 78 e 80. O ensino neste colégio compreende quatro cursos: 1º de instrução primária elementar, 2º idem superior, 3º de preparatórios, 4º acadêmico. Tem também professores habilitados a ensinar escrituração mercantil, taquigrafia, telegrafia elétrica, agricultura e pintura. O curso acadêmico consta de explicações do curso geral da Escola politécnica e da primeira série do curso médico farmacêutico da Faculdade de Medicina. Pensão paga por trimestre adiantado: Externos; 1º curso 30\$, 2º dito 45\$, 3º ou 4º ditos 60\$. Internos: joia de entrada 50\$, ensino, casa e comida 150\$, roupa lavada e engomada 30\$. De Mme. Eugénie Leuzinger **Masset** (para meninas), rua do Catete, nº 208. **Francês**, praça da Constituição, nº 26. Externato **Gama**, rua Uruguiana, nº 33. De **Mme. Geslin** (para meninas), rua Bela do Príncipe, nº 32. Pensão adiantada paga por trimestre: Internas 150\$, meio-pensionistas 70\$, externas 40\$. Línguas e artes: Mensalidade; Línguas 8\$, piano 10\$, canto 16\$, desenho 8\$, pintura 15\$, dança 8\$. Lavagem e conserto de roupa 12\$. Fornecimento de mobília 40\$ pagos no ato da entrada. **São Pedro de Alcântara**, praia de Botafogo, nº 172. Dirigido pelo dr. Antônio Zeferino Cândido. **Pujol**, rua Conde de Bonfim, nº 95. **Sartório** (para meninas), rua do Catete, nº 167. Dirigido por Mlle. Mathilde Sartório **Tollstadius**, rua Haddock Lobo, nºs 25 e 27. Casa grande e arejadíssima; chácara vasta e arborizada. **Vitório**, rua Gonçalves Dias, nºs 40 e 42. Instrução primária e secundária.

XVIII. INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

Todas as freguesias do município neutro possuem escolas públicas para meninos e meninas, mantidas pelo governo. Além dessas escolas há as municipais, mantidas pela Câmara Municipal.

Na Inspetoria Geral da Instrução Pública informam-se sobre as localidades dessas escolas.

XIX. INSTRUÇÃO ELEMENTAR PRÁTICA

Liceu de Artes e Ofícios, rua da Guarda Velha, nºs 3 e 5. Proporciona gratuitamente, a nacionais e estrangeiros, o estudo das belas artes, não só como especialidade, mas também como aplicação necessária aos ofícios e indústrias, aplicando-se os princípios científicos em que elas se baseiam. Para preencher os seus fins, mantém aulas noturnas de caligrafia, português, francês, inglês; história pátria e geografia; aritmética, álgebra e geometria; geometria descritiva; física aplicada; química aplicada; mecânica aplicada; arquitetura naval; anatomia e fisiologia; desenhos de figuras, de ornatos, de máquinas, geométrico; escultura de ornatos e estatuária; gravura; música; estética; história das artes. Vide página 263.

Liceu Artístico Industrial, rua da Harmonia, nº 62. É gratuito e sem distinção de nacionalidade. Funciona à noite. Foi inaugurado em 1882.

XX. INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

Imperial Sociedade Amante da Instrução^[216], rua Barão de São Félix, nº 130. Fundada desde 1831, mantém um externato e internato, em que ministra instrução a meninas pobres. O internato é destinado às órfãs. A associação que pratica tão assinalados serviços à sociedade é digna de todos os louvores.

Imperial Instituto dos Meninos Cegos, praça da Aclamação, nº 17. Pode ser visitado às quintas-feiras até as 10h da manhã, a fim de assistir-se a todas as provas da instrução e trabalhos dos alunos. É internato.

Instituto dos Surdos-Mudos, rua das Laranjeiras, nº 60. É internato. As oficinas trabalham das 9h da manhã ao meio-dia e as aulas funcionam das 5h às 8h da noite. Pode ser visitado a qualquer hora do dia.

Asilo Agrícola, no Jardim Botânico. Fundado, em 1869, pelo Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Tem por fim habilitar os discípulos para feitores ou administradores de estabelecimentos

[216] Imperial Sociedade Amante da Instrução.

rurais. Os educandos são meninos desvalidos e recebem além da instrução elementar o ensino prático da lavoura.

Asilo dos Meninos Desvalidos, em Vila Isabel.

Recolhimento de Santa Teresa^[217], rua do Hospício de Pedro II, em Botafogo. De meninas desvalidas, a cargo da Santa Casa da Misericórdia.

Casa dos Expostos, rua Evaristo da Veiga, nº 72.

XXI. ESTABELECIMENTOS DE BENEFICÊNCIA

Asilo da Ordem 3ª da Imaculada Conceição^[218], rua general Câmara, nº 182. Ali são recolhidas mulheres desvalidas, mas de bom procedimento, tendo preferência, em igualdade de circunstâncias, as irmãs da Ordem.

Asilo de Inválidos da Pátria, na Ilha do Bom Jesus. Na capela deste estabelecimento está depositado o cadáver do marquês do Herval. Vide página 265.

Asilo dos Inválidos de Marinha^[219], estabelecido na Fortaleza de Villegaignon.

Asilo da Mendicidade. Rua visconde de Inhaúma. É destinado a dar abrigo aos indivíduos reconhecidamente mendigos e indigentes de um e outro sexo, que pela avançada idade, estado valetudinario, cegueira ou aleijão não possam dar-se a qualquer trabalho ou meio de vida honesto; e, bem assim aos alienados (idiotas, dementes e loucos) que não possam ter ingresso no Hospício de Pedro II. O lado direito do edifício é destinado aos homens e o esquerdo às mulheres, e assim permanecem uns e outros completamente separados. É subordinado ao chefe de polícia.

XXII. ASSOCIAÇÕES DE BENEFICÊNCIA E CAIXAS DE SOCORROS NACIONAIS

Associação Industrial de Beneficência, rua do Rosário, nº 112.

Associação Baiana de Beneficência, rua São José, nº 61.

Associação Brasileira de Beneficência, rua da Misericórdia, nº 5.

Associação Nacional dos Artistas Brasileiros (Trabalho, União e Moralidade), rua da Alfândega, nº 251.

Beneficência Acadêmica. É o seu fim coadjuvar os estudantes dos cursos médico e farmacêutico da Escola de Medicina da Corte que, por deficiência de meios pecuniários, experimentarem embarços nos seus estudos. Só poderão ser sócios estudantes daquela escola, os doutores em medicina e os

[217] Recolhimento de Santa Teresa.

[218] Asilo da Ordem 3ª da Imaculada Conceição.

[219] Asilo dos Inválidos de Marinha.

farmacêuticos. Os sócios contribuintes concorrem com a joia de 10\$ no ato da sua admissão e com a prestação mensal de 1\$000.

Beneficência Mineira. Tem por fim auxiliar os estudantes naturais de Minas que, por falta de meios pecuniários, não possam continuar os seus estudos. Os sócios remidos pagam 50\$ no primeiro ano da sua admissão ou 25\$ um ano depois; os contribuintes, além da mensalidade de 1\$, estão sujeitos à joia de 8\$, podendo esta ser paga em duas prestações: metade no ato da admissão outra metade dois meses depois.

Centro Alagoano, rua Conde d'Eu, nº 279.

Imperial Associação Tipográfica Fluminense, rua do Hospício, nº 268.

Imperial S. U. B. Vinte e Nove de Julho, rua Sete de Setembro, nº 74.

Providência, associação de socorros à invalidez, rua dos Ourives, nº 17.

Rio-Grandense Beneficente e Humanitária, rua visconde de Inhaúma, nº 78, 2º andar.

União Beneficente Acadêmica. É o seu fim coadjuvar os estudantes da Escola Politécnica que, por falta de recursos pecuniários, experimentarem embaraços no prosseguimento dos seus estudos. Só podem ser sócios os estudantes daquela Escola e as pessoas que dela houver obtido um grau ou título científico. Os sócios contribuintes pagam a joia de 5\$, em duas prestações e a mensalidade de 1\$. São remidos os sócios que concorrem com 60\$ no ato da admissão, e os que, depois de um ano, contribuem com 30\$. Em caso de dissolução da sociedade, os seus fundos reverterão em benefício do Asilo da Mendicidade.

União e Beneficência, rua do Rosário, nº 135.

União Funerária Primeiro de Julho.

União Beneficente Comércio e Artes, rua Uruguaiana, nº 90.

União Paraense, rua D. Luísa, nº 24.

XXIII. ASSOCIAÇÕES DE BENEFICÊNCIA E CAIXAS DE SOCORROS ESTRANGEIRAS

British Benevolent Fund, presidente, ladeira de Carvalho de Sá.

Caixa de Socorros D. Pedro V. Rua visconde do Rio Branco, nº 27. Portuguesa. Criada em 1863. Por meio de mensalidades e socorros extraordinários não só satisfaz a despesa com o tratamento de muitos enfermos, consultas e visitas médicas e os remédios necessários; advocacias, processos criminais; mas também promove a educação, o emprego e a acomodação dos filhos dos seus compatriotas necessitados.

Einigkeit, sociedade alemã de socorros mútuos. Rua Evaristo da Veiga, nº 28.

Deutscher Huelfsverein, sociedade alemã de beneficência. Secretaria: rua general Câmara, nº 35.

Sociedad Española de Beneficencia. Secretaria: rua Sete de Setembro, nº 28.

Sociedade Portuguesa de Beneficência.^[220] Tem magnífico hospital situado à rua Santo Amaro, nº 24, e possui avultado patrimônio. Inscrição de sócios, rua do Hospício, nº 58.

Società Italiana di Beneficenza. Secretaria: rua do Senado, nº 31.

Société Française de Bienfaisance. Secretaria: rua Nova do Ouvidor, nº 36, 1º andar. Inaugurada em 1836.

Société Filantropique Suisse. Secretaria: rua visconde de Inhaúma, nº 27. Fundada em 1821.

XXIV. MAÇONARIA

Grande Oriente do Brasil (Vale do Lavradio), rua do Lavradio, nº 83.

Grande Oriente Unido do Brasil (Vale dos Beneditinos), rua dos Beneditinos, nº 22.

XXV. SAÚDE

1. REPARTIÇÕES VÁRIAS

Junta Central de Higiene Pública, rua dos Ourives, nº 1, na sala da Junta Vacínica. Funciona às quartas-feiras ao meio-dia. É encarregada do serviço sanitário da cidade. Em cada freguesia há uma comissão sanitária paroquial, delegação da Junta.

Inspeção de Saúde do Porto, rua dos Ourives, nº 1. Os doentes que aportam atacados de moléstias infecciosas, contagiosas e epidêmicas são transportados para o *Hospital Marítimo de Santa Isabel*, na Jurujuba, único hospital público mantido pelo governo.

Corpo de Saúde do Exército, rua São Lourenço, no edifício do Quartel-general.

Corpo de Saúde da Armada, no Arsenal de Marinha.

2. INSTITUTO VACÍNICO

Estabelecido na rua dos Ourives, nº 1, onde se vacina gratuitamente a qualquer pessoa às quintas-feiras e domingos, das 9 às 12 da manhã.

[220] O prédio histórico do hospital ainda existe na rua Santo Amaro. O complexo foi adquirido por um conglomerado médico privado em 2013.

3. HOSPITAIS DA IRMANDADE DA MISERICÓRDIA

Os socorros aos doentes pobres, às pessoas desvalidas, à velhice e à orfandade, que em outros países estão a cargo do Estado, são no Brasil quase exclusivamente prestados pela Irmandade da Santa Misericórdia.

Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, na praia de Santa Luzia. Para a admissão dos doentes neste hospital nos casos que reclamam urgente socorro não se exige preenchimento de formalidade alguma, sendo os doentes sem distinção de nacionalidade ou religião recebidos sempre que se apresentarem, e tratados gratuitamente até o seu restabelecimento; nas circunstâncias ordinárias, basta para os nacionais a exibição de qualquer documento comprobatório de pobreza, atestado do pároco, do inspetor de quarteirão, da autoridade policial, ou, ainda, de qualquer pessoa conceituada, conhecida da administração do hospital, e para os estrangeiros de um guia dos respectivos consulados.

Além disso, o estabelecimento recebe pensionistas: de 1ª classe (ou doente em um quarto particular) por 3\$ diários; de 2ª (dois doentes em um quarto particular) por 2\$400 diários; de 3ª classe (nas enfermarias gerais) a 1\$500 por dia. Os pensionistas são recebidos mediante uma carta de abono de pessoa idônea que se responsabilize pelo pagamento do seu tratamento.

Os marinheiros dos navios mercantes de todas as nacionalidades são curados gratuitamente neste hospital ou nas suas dependências, estabelecidas em vários lugares.

Funciona no hospital um consultório médico conhecido pelo nome de *Sala do Banco*, em que são examinados e tratados os doentes externos, recebendo da farmácia do estabelecimento todos os medicamentos receitados na casa ou fora dela. Este consultório, além das consultas de moléstias gerais, subdivide-se nas seguintes especialidades, *doenças de crianças, ginecologia e moléstias de olhos*. É muito concorrido.

Hospital de Nossa Senhora da Saúde^[221], rua da Gamboa, nº 215. É destinado aos doentes de moléstias infecciosas, contagiosas e epidêmicas.

Hospital de São João Batista, rua da Passagem, esquina da Itapemirim, em Botafogo. Dependência do Hospital Geral.

Hospício de Nossa Senhora do Socorro^[222], na praia de São Cristóvão, nº 165, junto ao cemitério de São Francisco Xavier.

Hospício de Pedro II, na praia da Saudade, esquina da rua do seu nome. Destinado para asilo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos de todo o Império, sem distinção de condição, de naturalidade e religião, é administrado pela Santa Casa da Misericórdia. Recebem-se gratuitamente neste hospital as pessoas pobres e os marinheiros de navios mercantes, e admitem-se pensionistas. As diárias para estes são: de 1ª classe 5\$; de 2ª 3\$; e de 3ª 2\$; e para os criados 1\$600. Em todo o estabelecimento reina o maior asseio, disciplina e ordem. Vide página 254.

[221] O hospital ainda existe como Hospital da Gamboa. É administrado por uma rede privada.

[222] O prédio, inaugurado em 1870, desapareceu no início do século XX. Foi construído um novo edifício que hoje é o Hospital do Caju.



Fotografia do Hotel Pharoux. Já não funcionava mais como hotel quando o Guia do viajante foi publicado. Começou a ser desativado em 1858. Após a volta do então proprietário, Louis Dominique Pharoux, para a França em 1864, o prédio passou a ser usado como casa de saúde particular. Na descrição de Vale Cabral é a casa particular de saúde Catta Preta, Marinho & Werneck. O prédio existiu até 1959, quando foi demolido para a construção do elevado da perimetral. KLUMB, Revert Henry. L'Hôtel Pharoux (largo do Paço). [S.l.: s.n.]. 1 foto. Acervo da Biblioteca Nacional.

4. HOSPITAIS MILITARES

Hospital de Marinha, na ilha das Cobras.

Hospital Militar, no morro do Castelo, antigo Colégio dos jesuítas.

Hospital Militar de Convalescentes, rua Pinto de Figueiredo, nº 11, no Andaraí Grande.

5. HOSPITAIS DE ORDENS TERCEIRAS, IRMANDADES E SOCIEDADES BENEFICENTES

Hospital da Ordem 3ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo, rua do Riachuelo, nº 23.

Hospital da Ordem 3ª dos Mínimos de São Francisco de Paula, travessa de São Francisco de Paula.

Hospital da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência, largo da Carioca. Tem por fim socorrer os irmãos pobres com esmolas e tratamento nas enfermidades. Aos irmãos alienados a Ordem paga as pensões estabelecidas no Hospício de Pedro II, e aos que não podem recolher-se a seu hospital presta socorros médicos e medicamentos nos seus domicílios.

Hospital da Beneficência Portuguesa, rua Santo Amaro, nº 24. Estabelecimento importante e vasto, mantido pela Sociedade Portuguesa de Beneficência para tratamento dos seus sócios enfermos.

Hospital dos Lázaros^[223], em São Cristóvão. É especialmente destinado aos enfermos de elefância dos gregos. É administrado pela Irmandade da Candelária. Vide página 266.

6. POLICLÍNICA GERAL

Situada na rua dos Ourives, nº 1. Inaugurada a 28 de junho de 1882, é destinada a prestar benefícios à humanidade, quer pela difusão de socorros médicos e farmacológicos à pobreza, quer pelo ensino das clínicas especiais.

● HORÁRIO DOS SERVIÇOS CLÍNICOS E QUADRO DE FACULTATIVOS

Serviço	Professores	Hora
Moléstias internas	Dr. Júlio de Moura	12 à 1
	Dr. Rocha Lima	1 às 2
	Dr. Francisco Dantas	3 às 4
Moléstias internas particularmente	Dr. Teixeira Brandão	8 às 9
Sistema nervoso	Dr. Martins Costa	12 à 1
Moléstias de crianças	Dr. Moncorvo	8 às 9
Moléstias sifilíticas e da pele	Dr. Silva Araújo	8 às 9
Moléstias cirúrgicas	Dr. Pedro Magalhães	8 às 9

[223] Foi fundado em 1741 e hoje é conhecido como Hospital Frei Antônio.

Moléstias de mulheres	Dr. Carlos Ramos Dr. Rodrigues dos Santos	11 às 12 12 à 1
Moléstias de olhos	Dr. Moura Brasil	10h30 às 12
Moléstias dos ouvidos, narinas e garganta	Dr. C. Bettamio	11 às 12

7. CASAS PARTICULARES DE SAÚDE

Catta Preta, Marinho & Wienieck, rua Fresca, nº 1. *Preços*: salas gerais 3\$; quartos de 2ª classe 4\$; quartos de 1ª classe 5\$ para cima; parturientes e doentes dos olhos pagam 25% mais sobre a diária. Pagamento adiantado ou fiança idônea. O diretor fala francês, inglês e alemão. **Nossa Senhora da Ajuda**, rua da Ajuda, nº 68. Diretores drs. José Lourenço e Martins Costa. *Preços*: sala e quarto para um doente 5\$ a 20\$; salas gerais 3\$. **São Sebastião**, do dr. Porciúncula & Comp., rua da Pedreira da Candelária, nº 104. *Preços*: quartos e salas para um doente 5\$ a 20\$, salas gerais 3\$ a 5\$. Tem estabelecimento hidroterápico e hospício de alienados. **Santa Teresa**, dirigida pelos drs. Cunha Pinto e Monteiro de Azevedo, rua do Riachuelo, nº 98. *Preços*: 1ª classe, sala ou quarto 10\$ a 20\$; 2ª classe, quarto 5\$; 3ª classe, quarto para dois doentes 4\$; salas gerais 3\$. As parturientes pagam, além da diária, 20\$ pelo parto. Pagamento por quinzena adiantada ou fiança. Do dr. **Tavano**, ladeira do Faria, nº 25.

8. MÉDICOS

Dr. **Alfredo Ramos**, rua dos Ourives, nº 25 e das Laranjeiras, nº 55. Dr. Cornélio Cypriano **Alves**, rua do Catete, nº 27. Dr. **Bonjean**, rua dos Ourives, nº 47 e da Pedreira da Candelária, nº 16. Dr. A. **Brissay**, rua general Câmara, nº 14 e do Catete, nº 23. Dr. **Brum** (moléstias da pele e das crianças), rua visconde de Inhaúma, nº 34 e Primeiro de Março, nº 121, 2º andar. Dr. **Barão de Canindé** (ouvidos), rua São Pedro, nº 14. Dr. **Catta Preta** (operador), rua da Candelária, nº 40 e de São Joaquim, nº 94. Dr. **Costa Ferraz** (embalsamador), rua da Quitanda, nº 48. Dr. **Couty** (intestinos), rua do Rosário, nº 79 e Marquês de Abrantes, nº 72. Dr. **Dermeval** da Fonseca, rua Sete de Setembro, nº 72. Também recebe chamados à rua do Ouvidor, nº 70. Dr. Fernandes **Eiras**, beco das Cancelas, nº 2. Dr. H. **Ewerton de Almeida** (homeopata), rua da Quitanda, nº 109 B e São Salvador (Catete), nº 18 A. Dr. **Felício** dos Santos, rua da Alfândega, nº 29 e da Pedreira da Candelária, nº 104. Dr. **Fort** (operador), rua da Alfândega, nº 42 e largo do Catete, nº 1. Dr. **Goulart** (alienação mental), rua do Catete, nº 109. Dr. **Hilário de Gouveia** (oculista), rua dos Ourives, nº 145. Dr. **João Raymundo** Pereira da Silva (dosimetra), rua Sete de Setembro, nº 52. Dr. **José de Góes** (dosimetra), rua São José, nº 61. Dr. **José Lourenço** de Magalhães (oculista), rua da Ajuda, nº 68 e do Roso (Laranjeiras), nº 4. Dr. Drogat **Landré** (oculista), rua dos Ourives, nº 50. Dr. **Langaard**, rua do Hospício, nº 22 e senador Vergueiro, nº 48. Dr. **Martins Costa** (moléstias do coração), rua dos Ourives, nº 103 e do Catete, nº 237. Dr. H. Soares de **Meireles** (homeopata), rua da Quitanda, nº 104. Dr. H. **Monat** (operador), rua visconde de Inhaúma, nº 51. Dr. **Moncorvo** (aparelho digestivo e anexos e moléstias das crianças), rua general Câmara, nº 63 e

da Lapa, nº 93. Dr. **Moura Brasil** (oculista), rua do Ouvidor, nº 51 e da Guanabara, nº 38. Dr. **Pedro Severiano** de Magalhães, rua dos Ourives, nº 1. Dr. **José R. Peixoto** (vias urinárias), rua da Alfândega, nº 29 e rua do Catete, nº 2. Dr. José **Pereira Guimarães** (operador), rua Primeiro de Março, nº 94 e do Resende, nº 114. Dr. **Pertence** (operador), rua da Princesa (Catete), nº 35. Dr. **Pires Ferreira** (oculista), rua do Rosário, nº 50. Dr. **Poli** (cancros), rua do Sacramento, nº 16. Dr. **Silva Araújo** (erisipela, elefância e moléstias da pele), rua general Câmara, nº 63 e travessa do Desterro, nº 19. Dr. **Souza Fontes** (operador), rua da Alfândega, nº 21 e do Itapiru, nº 87. Dr. **Tavano** (embalsamador), ladeira do Faria, nº 25. Dr. **Teixeira de Mello**, rua Voluntários da Pátria, nº 7. Dr. **Torres Homem**, rua Primeiro de Março, nº 55 e praia de Botafogo, nº 88.

9. DENTISTAS

Jeão Borges Diniz, rua dos Ourives, nº 68, 1º andar. Cobra por extração de dente, 2\$; obturação, 3\$; dentes artificiais em chapa, 5\$. Luís José **Cardoso**, rua Gonçalves Dias, nº 71. **Coachmann**, rua do Ouvidor, nº 130. José Bento de **Faria**, rua da Carioca, nº 93. **Missick**, rua do Ouvidor, nº 145. Cobra por dentaduras com chapa de ouro, um dente 20\$, tendo mais dentes, 10\$ cada um; idem; de vulcanite, um dente 15\$; tendo mais dentes, 5\$ cada um, dentes à Pivot (cada dente) 10\$; chumbagens a ouro de 5\$ a 40\$; idem a platina ou diametina, 3\$ a 5\$, idem com qualquer outro material, 3\$; limpeza de dentes, 5\$; extração de cada dente ou raiz, 3\$. João Francisco **Mocho**, rua senador Pompeu, nº 200. Cobra por extração dente ou raiz 2\$; de limpar os dentes, 3\$ cada dente chumbado a ouro, 5\$; idem a outro qualquer metal, 2\$; consultas, 3\$. F. L. **Strong**, rua Gonçalves Dias, nº 42. Chumba um dente pelo seu processo, a massa, a 2\$; extrai um dente ou raiz a 2\$; obtura à prata a 3\$. Extrações aos domingos, do meio-dia à 1 hora. Grátis aos pobres.

10. FARMÁCIAS

Alopatas: Campo da Aclamação, nº 105; rua da Ajuda, nºs 69, 91; rua da Assembleia, nºs 56, 58, 69 (**Ferreira**), 89; rua da Candelária, nº 17; rua da Carioca, nº 93; rua do Carmo, nº 39; rua da Conceição, nº 44; rua Evaristo da Veiga, nºs 18, 29 (**Lab. quím. farm. do exército**); rua Gonçalves Dias, nº 50; rua do Hospício, nºs 87, 111; rua dos Inválidos, nº 61; rua do Lavradio, nºs 106, 117; rua da Misericórdia, nºs 10, 24; rua dos Ourives, nºs 73, 143; rua do Ouvidor, nºs 145, 146 (francesas); rua da Prainha, nº 34; rua Primeiro de Março, nºs 1, 3, 12 (italiana), 45, 55, 49 (alemã), 94; rua da Quitanda nºs 61, 81, 157 (**Peckolt**); rua São Joaquim, nº 112; praia de Santa Luzia, no edifício do Hospital da Casa de Misericórdia; é gratuita; largo de Santa Rita, nº 20; rua Sete de Setembro, nº 74; rua visconde do Rio Branco, nº 27 (italiana).

Homeopáticas: largo do Depósito, nº 54; rua da Quitanda, nºs 18, 47, 55, 104, 109 B; rua São José, nºs 56, 59, 100; rua visconde de Inhaúma, nº 29.

Dosimétricas: rua São José, nº 61; rua Sete de Setembro, nºs 14, 52.

11. ÁGUAS FÉRREAS

As fontes de águas férreas que possui a cidade são:

Na rua do Riachuelo, nº 35. Acha-se a nascente na encosta do morro de Santa Teresa, nos fundos de uma agradável e muito arborizada chácara. É particular e cada copo d'água custa 40 réis. Passa por excelente. Na rua Silva Manuel há outra fonte.

No começo da estrada da Boa Vista, no Jardim Botânico, caminho da Gávea. É pública.

No Andaraí Pequeno acham-se diversas fontes: na estrada Velha da Tijuca, entre os nºs 13 e 15, levanta-se uma fonte de alvenaria em cuja fachada se lê:

FONTES DE ÁGUA FÉRREA

DESCOBERTA PELO IMPERADOR

PEDRO I

EM 24 DEZEMBRO DE 1823.

Na entrada do hotel *Aurora*, à esquerda, junto a uma casinha em que funciona um moinho movido por água, existe outra; no hotel *Tijuca do Amorim* há outra nascente; na Estrada Nova da Tijuca existem mais duas, as quais passam pelas melhores do lugar e mais abundantes.

12. ÁGUAS MINERAIS NATURAIS

Depósitos: ruas do Ouvidor, nºs 66, 91 e 93; Primeiro de Março, nº 22.

13. ÁGUAS MINERAIS E GASOSAS ARTIFICIAIS

Fábricas: ruas Nova do Ouvidor, nº 17; do Passeio, nº 15; da Quitanda, nº 35; São José, nº 94; Sete de Setembro, nº 14.

14. BANHOS MEDICINAIS

Vide *Banhos*, página 114.

terceira parte

PARTIDA



I. ARTIGOS PARA VIAGEM ETC.

Malas e objetos de viagem. Na rua do Ouvidor, nº 40 A; rua Gonçalves Dias, nºs 29, 46; rua Uruguaiana, nº 30.

Bauleiros. Nas ruas general Câmara, nºs 67, 70, 79, 84, 100, 127; e dos Ourives, nº 115 C.

Caixas, caixões e caixotes vazios. Nas ruas general Câmara, nºs 103, 113; da Candelária, nº 38; visconde de Inhaúma, nº 74, 89; do Lavradio, nº 75; Nova do Ouvidor, nº 15; Conselheiro Saraiva, nºs 7, 17, 30; Teófilo Otoni, nº 66; Becos de Bragança, nºs 4, 14, 26, 30; e das Cancelas, nº 2.

Passaportes (despachantes de): encontram-se nas ruas do Senado, nº 11 e São Pedro, nº 220.

II. COMUNICAÇÕES MARÍTIMAS

O porto do Rio de Janeiro, o mais vasto e um dos melhores do mundo, oferece a qualquer navio, por maior que seja o seu calado, facilíssima entrada, seguro ancoradouro e espaço demasiado para as suas manobras.

A posição geográfica da cidade, o seu crescente desenvolvimento comercial, dia a dia aumentam as relações estabelecidas com os mais notáveis portos estrangeiros. Assim, aportam quais diariamente à capital do Império, além de inúmeros navios à vela, paquetes alemães, americanos, austro-húngaros, canadenses, franceses, ingleses e italianos, que, por suas constantes viagens, põem o Brasil em imediato contato com os outros países do globo.

Tem pois o viajante a certeza de, em porto tão frequentado, encontrar sempre transporte, quer para o exterior, quer para outros portos do país.

Para facilitar o pronto despacho dos paquetes, o governo tem-lhes concedido vantagens, consistindo:

1º) Na imediata carga e descarga, sem dependência de escala e em qualquer dia útil ou feriado. 2º) Na permissão de conservarem a bordo os sobressalentes, sem serem selados. 3º) Na substituição dos manifestos dos portos intermediários de escala, por listas dos carregamentos recebidos nos ditos portos ou por certificados dos agentes fiscais dos portos brasileiros, para as mercadorias destinadas ao Rio da Prata. 4º) Na dispensa do termo de responsabilidade, da parte dos capitães ou comandantes dos vapores pelas baldeações e reexportações de volumes despachados para os portos do sul do Império ou do Rio da Prata.

Os vapores podem sair dos portos brasileiros a qualquer hora do dia ou da noite, observando os regulamentos da polícia do porto, e responsabilizando-se os agentes das companhias empresariais pelas multas em que incorrerem os comandantes.

Os passageiros podem desembarcar, no mesmo dia da chegada, até as 7h da noite, logo que o paquete tenha sido visitado pela polícia do porto.

III. EXTERIOR

1. PAQUETES ESTRANGEIROS

a) Alemães

Hamburg Sudamerikanische Dampsschiffpahrts-Gesellschafts (Companhia Hamburgo Sul-Americana de Navegação a vapor); Linha da Mala Imperial Alemã; agência, rua São Pedro, nº 62.

Saída dos paquetes: do Rio de Janeiro nos dias 10 e 30 de cada mês; de Santos a 7 e 27; da Bahia a 4 e 15.

O embarque dos passageiros é no cais dos Mineiros no dia da saída, às 8 horas da manhã em ponto.

● PREÇO DAS PASSAGENS

Para	1ª classe	3ª classe
Hamburgo	£ 30	125\$000
Lisboa	£ 25	75\$000
São Vicente	£ 20	75\$000
Bahia	60\$000	30\$000
Santos	25\$000	12\$500
São Francisco do Sul	60\$000	30\$000
Ilha dos Açores	£ 27	£ 7-10

Dão-se bilhetes de ida e volta, com o prazo de um ano, com o abatimento de 25% sobre o preço das passagens de 1ª classe.

Kosmos, Companhia Alemã de Navegação a Vapor; agência, rua São Pedro, nº 68; corretor, praça do Comércio, escritório nº 7.

PREÇO DAS PASSAGENS

Havre e Hamburgo, 1ª classe, £ 25

Havre e Hamburgo, 3ª classe, £ 10

Norddeutscher Lloyd, agência, rua da Alfândega, nº 60; corretor, rua da Alfândega, nº 4. Linha Imperial Alemã da Paquetes-Correios entre os portos de Bremen e do Rio de Janeiro, com escala por Antuérpia e Bahia.

b) Americanos

Merchant Steam Ship Company, limited; agência, rua São Pedro, nº 62. Linha de navegação entre Nova York e o Rio de Janeiro.

United States of Brasil Mail Steam Ship Company, agência, praça das Marinhas, nº 2; corretor, praça do Comércio, escritório nº 6.

Os paquetes desta companhia fazem uma viagem redonda por mês entre o Rio de Janeiro e Nova York, com escala, tanto na vinda como na volta, pelos portos da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará

e São Tomás. A viagem de Nova York ao Rio de Janeiro deve ser feita em 24 dias, e a do Rio de Janeiro a Nova York em 23.

● PASSAGENS DE PRIMEIRA CLASSE

Nova York	150\$000
São Tomás	120\$000
Bahia	60\$000
Pernambuco	80\$000
Maranhão	160\$000
Pará	200\$000

c) Austro-húngaros

Austro Hungarian Lloyds, *Steam Navigation Company*; agência, rua da Quitanda, nº 131.

d) Canadenses

Société Postale Française de l'Atlantique, agência, rua da Alfândega, nº 48; corretor, rua Primeiro de Março, nº 49. Linha de paquetes canadenses entre Montreal e Rio de Janeiro, tocando em Halifax, São Tomás, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. Também recebem carga para Chicago, Toronto etc. em baldeação.

e) Franceses

Chargeurs Réunis, agência, rua da Alfândega, nº 48. Linha de paquetes entre o Havre, Rio de Janeiro e Rio da Prata. A partida dos vapores, duas vezes por mês, é sempre anunciada.

● PASSAGENS

De Lisboa a	1ª classe	2ª classe	3ª classe
Pernambuco e Bahia	75\$000	65\$000	30\$000
Rio de Janeiro	85\$000	75\$000	35\$000
Santos, Montevideú e Buenos Aires	100\$000	80\$000	40\$000

As saídas do Havre são nos dias 1, 10, 17 e 25 de cada mês para o Rio de Janeiro e Rio da Prata.

Compagnie des Messageries Maritimes, agência, rua da Alfândega, nº 1, sobrado; corretor, rua Visconde de Itaboraí, nº 5, sobrado. Linha de paquetes entre Bordeaux e Buenos Aires, tocando no Rio de Janeiro. As partidas do Rio de Janeiro são a 1ª e 15 de cada mês. Nas viagens de 15 tocam na Bahia e em Pernambuco.

PRIMEIRA LINHA Saindo de Bordeaux no dia 5			SEGUNDA LINHA Saindo de Bordeaux no dia 20		
	Dia da chegada	Dia da partida		Dia da chegada	Dia da partida
Bordeaux		5	Bordeaux		20
Corunha	6	7	Vigo	22	22
Lisboa	8	9	Lisboa	23	23
Dakar	14	15	Dakar	29	29
Rio de Janeiro	25	26	Pernambuco	6	6
Montevidéu	30	30	Bahia	8	8
Buenos Aires	1		Rio de Janeiro	11	12
			Montevidéu	16	16
			Buenos Aires	17	
Viagem de volta			Viagem de volta		
Buenos Aires		8	Buenos Aires		24
Montevidéu	9	10	Montevidéu	25	26
Rio de Janeiro	14	15	Rio de Janeiro	30	1
Bahia	18	18	Dakar	11	12
Pernambuco	20	20	Lisboa	18	18
Dakar	26	27	Vigo	19	19
Lisboa	3	3	Bordeaux	21	
Vigo	4	4			
Bordeaux	6				

O preço das passagens de 3ª classe para Lisboa é de 78\$500.

Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur, agência, rua da Alfândega, nº 34. Linha de paquetes entre Marselha, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires. Na volta do Rio da Prata tocam na Bahia, em Barcelona, em Marselha, em Gênova e em Nápoles. As partidas do Rio de Janeiro para a Europa são nos dias 26 ou 27 de cada mês.

f) Ingleses

Liverpool, Brazil and River Plate Mail Steamers Company, agência, rua Primeiro de Março, nº 89. Conduz as malas de S. M. Belga.

As saídas mensais são:

Para Nova York: dias 5, 10, 15, 20, 25 e 30.

Para Southampton, Londres, Antuérpia e Liverpool: dias 8, 18, 20 e 28.

Para os Portos do Sul do Império: dias 8, 15, 22 e 29.

Para o Rio da Prata: dias 4 e 14.

PREÇO DAS PASSAGENS PARA LISBOA

1ª classe 230\$000

3ª classe 70\$000

A condução dos passageiros e das suas bagagens é feita por conta da companhia.

Também recebe carga para Santos, assim como para todas as estações das estradas de ferro de São Paulo, Sorocabana, Ituana, Paulista e Mogiana.

● PREÇO DAS PASSAGENS

Para	1ª classe	3ª classe	Ida e volta
Buenos Aires	120\$000	45\$000	180\$000
Montevideu	100\$000	40\$000	150\$000
Santos	19\$500	10\$700	
Bahia	70\$000	25\$000	
Lisboa	240\$000	80\$000	
Southampton	£ 30	£ 12 ½	360\$000
Havre	£ 30	£ 12 ½	
Antuérpia	£ 30	£ 12 ½	
Liverpool	£ 30	£ 12 ½	
Nova York	£ 30	£ 12 ½	

O bilhete de ida e volta tem o prazo de um ano.

Pacific Steam Navigation Company, (Companhia de Vapores do Pacífico), agência, praça das Marinhas, nº 2.

De acordo com o contrato feito com o Governo de S. M. Britânica, estes vapores continuam a conduzir as malas, fazendo duas viagens por mês; sendo o dia da saída de Liverpool às quartas-feiras, alternadamente, de Bordeaux aos sábados e de Lisboa às terças, e em uma dessas viagens devem os vapores tocar nos portos de Pernambuco e Bahia, para desembarcar e receber malas e passageiros. Os vapores na viagem para a Europa, além dos portos do costume, tocam alternadamente na Bahia e em Pernambuco.

Tendo a Companhia camarotes reservados para a Europa, podem os passageiros de 1ª classe tomá-los com antecipação da chegada dos vapores do Sul.

Saída do Rio de Janeiro para Lisboa, Bordeaux e Liverpool de 15 em 15 dias.

● PREÇO DAS PASSAGENS

De Lisboa a	1ª Classe		2ª Classe		3ª Classe	
Pernambuco	£ 20	90\$000	£ 15	67\$500	—	40\$000
Bahia	£ 22	99\$000	£ 15	67\$500	—	40\$000
Rio de Janeiro	£ 25	112\$000	£ 18	81\$000	£ 9	40\$500
Montevidéu e Buenos Aires	£ 30	135\$000	£ 20	90\$000	£ 11	49\$500
Saint Pont	£ 50	225\$000	£ 34	153\$000	£ 17	76\$500
Valparaíso	£ 67	301\$500	£ 45	202\$500	£ 20	90\$000
Caldera	£ 70	315\$000	£ 46	207\$000	£ 20	90\$000
Arica, Molendo e Calau	£ 75	337\$500	£ 50	225\$000	£ 20	90\$000

Royal Mail Steam Packet Company (Real Companhia de Paquetes a Vapor de Southampton), agência, rua Primeiro de Março, nº 49.

Os vapores partem do Rio de Janeiro para Southampton e Havre com escalas pelos portos da Bahia, Pernambuco, São Vicente e Lisboa a 9 de cada mês; para Southampton e Antuérpia com escalas pelos portos da Bahia, Maceió, Pernambuco e Lisboa, a 24.

Quando chegam da Europa seguem para o Rio da Prata.

Dão-se passagens de ida e volta para Paris em todos os vapores da Companhia. O preço das passagens de 3ª classe para Lisboa é de 80 £.

g) Italianos

Servizio Portale Italiano. *Società G. B. Lavarello & C.*; agência, rua da Alfândega, nº 15. Linha de vapores entre Nápoles e Rio da Prata, com escala em Nápoles, Gênova, Marselha e Rio de Janeiro. Chegam ao Rio de Janeiro a 22 de cada mês e partem a 13 idem.

● PASSAGENS

Do Rio a	Nápoles	Gênova	Marselha
1ª classe	850 fr.	850 fr.	800 fr.
3ª classe	120\$	110\$	100\$

Rocco, Piaggio & Figlio. Esses vapores têm a mesma agência, linha e preços de passagens que os da Sociedade acima.

IV. INTERIOR

1. PAQUETES NACIONAIS

a) Norte

Companhia Brasileira de Navegação a Vapor; escritório, rua general Câmara, nº 10.

Os paquetes fazem três viagens redondas por mês, nos dias 10, 20 e 30 entre o porto do Rio de Janeiro e o do Pará, com escala pelo Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba do Norte, Ceará e Maranhão, não podendo o prazo de cada viagem redonda exceder a 34 dias. Os prazos de demora dos paquetes nos portos de escala são: Bahia, 12 horas; Alagoas, 4; Pernambuco, 12; Paraíba do Norte, 6; Ceará, 6; Maranhão, 12; e Pará, 24.

Os bilhetes de passagem de ida e volta para todos os portos da sua carreira têm o abatimento de 20%.

● PASSAGENS

Portos	Ré	Convés
Vitória	30\$	15\$
Bahia	80\$	30\$
Maceió	95\$	30\$
Pernambuco	100\$	30\$
Paraíba	120\$	35\$
Natal	130\$	38\$
Ceará	160\$	40\$
Maranhão	200\$	45\$
Pará	230\$	55\$

Os vapores partem às 10h da manhã. Recebe carga no trapiche Cleto, rua da Saúde, nº 16.

b) Sul

Companhia de Navegação Paulista; escritório, beco do Cleto. Linha de navegação entre o porto do Rio de Janeiro e o de Santos, na província de São Paulo. Saídas: do Rio de Janeiro, 5, 10, 15, 20, 25, 30 ou 31; de Santos, 4, 9, 14, 19, 24 e 29. A companhia recebe carga para todas as estações das estradas de ferro da província de São Paulo, segundo as condições já anunciadas, e também emite bilhetes de passagens até São Paulo aos preços seguintes:

1ª classe, 25\$; 3ª dita, 14\$; 1ª dita de ida e volta, com o prazo de 30 dias, 45\$000.

As crianças menores de três anos têm passagem grátis. Cada passageiro de 1ª classe tem direito na estrada de ferro a até 50 quilos de bagagem.

A companhia também recebe carga para Vila Bela^[224] nas viagens de 10 e 30 de cada mês.

Companhia Nacional de Navegação a Vapor; escritório, rua da Alfândega, nº 63.

Linha do Sul. Nesta linha dão os paquetes quatro viagens redondas por mês, nos dias 3, 11, 17 e 25, entre o Rio de Janeiro e Montevidéu, com escala por Paranaguá, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, não podendo o prazo de cada viagem exceder a 22 dias. A demora dos paquetes nos portos são: Santa Catarina, 12 horas; Rio Grande, 6; Porto Alegre, 24; e Montevidéu, 30.

Linha Intermediária. Do Rio de Janeiro a Montevidéu, a 29 de cada mês, tocando em Santos, Cananeia, Iguape, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Itajaí, Santa Catarina, Rio Grande e Porto Alegre. Partem às 10 horas da manhã.

Linha costeira e fluvial de Santa Catarina. Os paquetes desta linha fazem três viagens redondas por mês, partindo da cidade do Desterro, subindo os rios Itajaí e São Francisco até a lagoa Saguacu, aproximando-se das colônias Blumenau e São Francisco (Joinville), e fazendo escala, tanto à ida como à volta, pelos portos de Tijucas, Porto Belo, Itajaí e São Francisco do Sul.

Linha de Montevidéu a Mato Grosso. Os paquetes empregados nesta navegação fazem uma viagem por mês, partindo de Montevidéu para Cuiabá nos dias 10 de cada mês, com escala pelos portos de Montevidéu, Rosário, Paraná, Corrientes, Assunção e Corumbá. Cada viagem redonda deve ser concluída dentro de 45 dias.

Os paquetes da Companhia saem regularmente do Rio de Janeiro todos os meses nos dias 3, 11, 17, 25, e 30 ou 31 e recebem cargas e passageiros:

No dia 3 para Santos, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Desterro, Laguna, Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre e Montevidéu.

No dia 11 para Santos, Paranaguá, Antonina, Desterro, Laguna, Rio Grande, Porto Alegre, Montevidéu e Buenos Aires.

No dia 17 para Santos, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Desterro, Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre e Montevidéu.

No dia 25 para Santos, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Desterro, Laguna, Rio Grande, Porto Alegre, Montevidéu e Buenos Aires.

No dia 30 ou 31 para Santos, Cananeia, Iguapé, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Itajaí, Desterro, Rio Grande, Porto Alegre e Montevidéu.

A saída deste vapor será sempre no último dia do mês.

O transporte para Laguna é feito sempre por baldeação no porto do Desterro; assim como para São Francisco nas viagens de 3, 17 e 25.

Para Assunção e Corumbá os paquetes de 11 e 25 conduzem cargas e encomendas, e o de 3 conduz malas e passageiros para o vapor da linha fluvial que parte de Montevidéu no dia 12 de cada mês.

Da *Linha Costeira e Fluvial de Santa Catarina* sai o paquete do Desterro todos os meses para Itajaí e São Francisco a 2, 11 e 10; para Laguna nos dias 6, 13 e 28.

[224] Provavelmente refere-se à Vila Bela da Santíssima Trindade, local de acesso ao Mato Grosso através do rio Guaporé, que entre 1752 e 1820 foi a capital de Mato Grosso. Entre 1820 e 1978, o município foi oficialmente chamado de Mato Grosso.

● PASSAGENS

Do Rio de Janeiro para	Câmara	Proa
Santos	25\$	12\$
Cananeia	42\$	20\$
Iguape	45\$	20\$
Paranaguá	50\$	20\$
Antonina	52\$	22\$
São Francisco	55\$	25\$
Itajaí	60\$	30\$
Desterro	60\$	30\$
Rio Grande	110\$	40\$
Pelotas	115\$	43\$
Porto Alegre	130\$	50\$
Montevideu	120\$	50\$
Buenos Aires	130\$	55\$
Do Desterro para	Câmara	Proa
Laguna	12\$	6\$
Itajaí	15\$	9\$
São Francisco	20\$	10\$
De Montevideu para	Câmara	Proa
Buenos Aires	16\$	8\$
Rosário	\$	\$
Assunção	100\$	50\$
Corumbá	112\$	56\$
Cuiabá	150\$	75\$

Dão-se passagens de ida e volta com o abatimento de 20%.

c) Navegação costeira a vapor

Companhia Estrada de Ferro Macaé e Campos. Agência, rua da Saúde, nº 40. Passagens, encomendas e cargas na mesma rua, nº 36, Trapiche Carvalho.

Os vapores desta Companhia no tempo de safra fazem três viagens por semana e fora dessa época duas, sempre em dias previamente anunciados, partindo do referido Trapiche Carvalho.

O preço das passagens é: do Rio de Janeiro a Campos e vice-versa, incluindo o transporte da Estrada de ferro, 1ª classe 30\$ e 2ª 15\$; à Imbetiba, que é o porto de desembarque, 1ª classe 23\$300 e 2ª 10\$000.

Vide *Estradas de Ferro da província do Rio de Janeiro* (página 394).

Companhia de Navegação a vapor Espírito Santo e Campos. Agência, rua São Pedro, nº 64, sobrado. Recebe carga pelo Trapiche Cleto, rua da Saúde, nº 16.

Faz a navegação entre o Rio de Janeiro, Itapemirim, Piúma, Benevente, Guarapari, Vitória, Santa Cruz, Regência (Rio Doce), Rio Doce (navegação fluvial até Linhares), São Mateus (Barra), São Mateus (cidade, navegação fluvial), Mucuri (São José de Porto Alegre), Santa Clara (navegação fluvial) e Caravelas. De Caravelas parte hoje a estrada de ferro *Bahia e Minas*, inaugurada a 9 de novembro de 1882, na seção que interessa à província da Bahia, na extensão de 142 quilômetros, que findam na serra dos Aimorés, a primeira serra que avistou Pedro Álvares Cabral, em 1500, quando descobriu o Brasil.

● TABELA DO PREÇO DAS PASSAGENS

Do Rio de Janeiro para	Câmara a ré	Convés	Criados
Itapemirim	32\$000	22\$000	10\$000
Piúma	34\$000	23\$000	10\$000
Benevente	35\$000	24\$000	12\$000
Guarapari	36\$000	24\$000	12\$000
Vitória	38\$000	25\$000	13\$000
Santa Cruz	40\$000	28\$000	14\$000
Regência (Rio Doce)	45\$000	28\$000	14\$000
Rio Doce (navegação fluvial até Linhares)	51\$000	32\$000	17\$000
São Mateus (Barra)	50\$000	30\$000	16\$000
São Mateus (Cidade, navegação fluvial)	55\$000	33\$000	18\$000
Mucuri (São José de Porto Alegre)	50\$000	30\$000	16\$000
Santa Clara (navegação fluvial)	60\$000	40\$000	20\$000
Caravelas	50\$000	30\$000	16\$000

As criadas que acompanharem crianças e dormirem a ré pagam meia passagem de 1ª classe. As crianças até três anos nada pagam: as desta idade até os 10 anos, não ocupando camarote especial, pagam meia passagem.

Vapores para Itapemirim, Piúma, Benevente, Guarapari e Vitória. Agência, rua Primeiro de Março, nº 60.

Recebe carga pelo Trapiche Bastos, rua da Saúde, nº 2.

2. ESTRADAS DE FERRO

a) Estrada de Ferro D. Pedro II e as suas tributárias nas províncias do Rio de Janeiro, de Minas e de São Paulo

Muito há ainda a fazer no Brasil em matéria de estradas de ferro, a fim de dar fácil e pronta saída à imensa produção do país; entretanto, nota-se grande movimento que se opera em quase todas as províncias do Império no intuito de, encurtando as distâncias, tornarem-se conhecidas as ubérrimas regiões do interior.

Entre as estradas construídas, a de d. Pedro II ocupa o primeiro lugar, já por sua importância, já por sua construção, que sobremaneira honra à engenharia brasileira. Por ela pois começaremos a resenha das que, por enquanto, são da alçada do presente *Guia*.

Na província de São Paulo o desenvolvimento de viação férrea já é bastante considerável e continuam os trabalhos em todas as direções da sua fertilíssima zona. A esta hora a Companhia *Sorocabana* prolonga a sua linha de Boituva em diante; a *Mogiana* já faz mover o alvião dos seus empreiteiros em demanda de São Simão e procura servir com um ramal a linha de Mogi-mirim à Penha; a Companhia *Paulista* faz o ramal do Porto Ferreira a Belém e propõe-se igualmente construir o de Itatiba, deixando que outros lhe tomem a dianteira no prolongamento para São Carlos e Araraquara, que pode ser para Mato Grosso; e a *Bragantina* esforça-se por concluir a linha entre Belenzinho e Bragança. O movimento, pois, não cessa, e em breve toda a importante província estará cortada de redes férreas, ouvindo-se por toda a parte o sibilar do mais poderoso elemento do progresso material do século.

Estrada de Ferro D. Pedro II. Começou a trabalhar a 29 de março de 1858, da Corte a Queimados, e a 8 de novembro do mesmo ano de Queimados a Belém. Esta via férrea é a principal do Brasil, promovendo grandes interesses nas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, e por um dos seus ramaes em grande parte do norte da de São Paulo, onde se liga à estrada de ferro de Santos a Jundiaí por meio da linha férrea *São Paulo e Rio de Janeiro*. Outros ramaes, *União Mineira*, *Oeste de Minas* e *Leopoldina*, na província de Minas, se ligam à Estrada D. Pedro II e recolhem os produtos de riquíssimos municípios daquela província.

Nesta estrada notam-se importantes obras de arte em quase toda a sua extensão, admirando-se 16 túneis, um com 437,3 metros de comprimento, outro com 654,47 metros e o terceiro com 2.237,51 metros, que é o maior, e outros menores, abertos todos na rocha viva.

Bifurca-se em dois grandes ramaes. Um na estação da Barra do Piraí, o de *São Paulo*, que subindo pelas margens do rio Paraíba, logo depois da referida estação, vai terminar na estação da Cachoeira, na província de São Paulo, onde a estrada de ferro *São Paulo e Rio de Janeiro* ou *do Norte* vem encontrá-lo. O outro parte de Entre Rios e desce com o rio Paraíba até o Porto Novo do Cunha, onde vem encontrá-lo a estrada de ferro *da Leopoldina*, na província de Minas Gerais.

Na linha central, a estrada chega, na referida província de Minas Gerais, a Carandaí, devendo brevemente atingir a cidade de Queluz (de Minas).

Da estação da *Barra do Piraí* partem três linhas de grande importância, o ramal de São Paulo, o ramal do centro e a Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Preto.

Da estação *Serraria* parte para a direita a Estrada de Ferro *União Mineira*.

Da estação *Paraibuna* parte para a esquerda o ramal empedrado do Rio Preto.

Da estação *Rio Novo* parte para a direita o ramal empedrado do mesmo nome. Da estação *Sítio* parte para à esquerda a Estrada de Ferro do *Oeste de Minas*, que se acha em construção até a cidade de São João d'El-rei.

Da estação *Surubi* parte para a esquerda a Estrada de Ferro de *Resende a Areias*.

As estradas de ferro *Resende a Areias*; *São Paulo e Rio de Janeiro*; *Valenciana*; *União Mineira*; *Oeste de Minas*; e *Leopoldina* são importantes tributários da *Pedro II*.

O ramal de Sapopemba a Santa Cruz faz o serviço do *Matadouro Público* e virá a servir ao *Arsenal de Guerra* em construção no Realengo.

ESTAÇÃO CENTRAL

No Campo da Aclamação, entre as ruas general Pedra e senador Pompeu. Vide página 258. Foi o estabelecimento que no Brasil adotou primeiro (desde fevereiro de 1882) um sistema regular de iluminação elétrica. É ela iluminada por seis focos do sistema Jablokoff, colocados quatro nas plataformas de passageiros, um no vestíbulo e o último no saguão do edifício.

TRANSPORTE DE VIAJANTES

Bilhetes ordinários. O viajante paga por quilômetro: na 1ª classe, 50 rs.; e na 2ª, 25 rs.; e mais o imposto de 10%.

Os meninos menores de 8 anos pagam meia passagem; e os menores de 3 anos de idade, conduzidos ao colo, têm passagem gratuita.

Os viajantes só têm entrada nos carros com bilhete ou passe em forma, dado por funcionário da Estrada para isso autorizado.

A venda dos bilhetes começa meia hora e cessa cinco minutos antes da hora marcada para a partida do trem; e dois minutos antes da mesma hora fecha-se a porta de entrada para a plataforma de embarque. Os viajantes sem bilhete, portadores de bilhetes não carimbados, ou que tenham carimbo de outro dia ou trem, salvo as disposições relativas aos bilhetes de ida e volta, pagarão o preço da sua viagem, a contar do ponto inicial de partida do trem, e no caso de terem procedido de má-fé ficarão igualmente sujeitos à multa de 10\$ a 20\$.

Os viajantes que excederem o trajeto a que tiverem direito pagarão a viagem adicional, munindo-se de novo bilhete na estação terminal do percurso indicado no bilhete. Os que viajarem em classe superior à indicada no seu bilhete pagarão o preço de uma passagem de 2ª classe, entre os mesmos pontos indicados no bilhete que apresentarem. O viajante que quiser passar de um carro ordinário para algum dos lugares reservados, poderá fazê-lo fazer pagando a taxa adicional correspondente ao lugar reservado, a partir da estação em que tiver embarcado. Se o bilhete de que estiver munido for de 2ª classe, terá de pagar ao mesmo tempo a diferença entre o preço desta e o da 1ª a partir da estação em que tiver embarcado.

Passageiros. Os passageiros não podem levar consigo, nos carros em que viajarem, livre de frete, senão pequenas malas de viagem com roupa e objetos que tiverem de usar durante o trajeto e que não incomodem aos demais viajantes.

O passageiro que por qualquer circunstância ficar em alguma estação aquém da designada no seu bilhete perde todo o direito ao resto da viagem, ou seja no mesmo dia, quando por ventura haja outro trem, ou no dia imediato.

Logo que não incomodem às senhoras, é permitido aos passageiros fumarem nos carros.

Bilhetes de ida e volta. Concedem-se bilhetes de 1ª classe de ida e volta com abatimento de 25% entre a estação central e qualquer outra, e vice-versa.

Estes bilhetes até a Barra do Piraí têm o prazo de 60 horas; dali a Entre Rios e Resende de 5 dias; e dessas estações aos pontos terminais de 8 dias.

As passagens de *ida e volta*, como se vê, só podem ser da Corte para qualquer estação ou de qualquer estação para a Corte.

Bilhetes de excursão. A Estrada pode conceder bilhetes para viagens de excursão, válidos até um mês e com abatimento até 50% sobre os preços da 1ª classe.

Aluguel de carros. Os pedidos de aluguel de carros devem ser feitos com antecedência de 2 horas na estação central e de 24 horas em qualquer das outras estações. O pagamento é adiantado.

Trens especiais de viajantes. A Estrada pode conceder trens especiais de viajantes. O pedido deve ser feito com antecedência de 18 horas à administração central ou de 48 horas aos agentes das outras estações. Pagamento adiantado.

Disposições policiais. É expressamente proibido a qualquer viajante: 1º Viajar em classe superior à que designar o seu bilhete, salvo pagando a diferença da passagem. 2º Passar de um carro para outro estando o trem em movimento. 3º Viajar nas varandas dos carros ou debruçar-se para fora. 4º Viajar nos carros de 1ª classe estando descalço ou apenas de chinelos ou tamancos. 5º Entrar ou sair dos carros, estando o trem em movimento. 6º Puxar a corda de sinal colocada no interior dos carros, quando não houver acidente grave que exija a parada do trem na linha. 7º Sair em qualquer lugar que não seja nos pontos de estação pela plataforma e porta para esse fim designadas. 8º Entrar ou sair, sem ser pela portinhola que o guarda designar. 9º Deitar a cabeça fora das janelas dos carros quando passar o trem pelos túneis.

O viajante que infringir qualquer dessas disposições e depois de advertido pelos empregados da Estrada persistir na infração será obrigado a retirar-se da estação, restituindo-se lhe o valor do bilhete que houver comprado, se não tiver começado a viagem. Se a infração for cometida durante a viagem, o viajante incorrerá na multa de 20\$ a 50\$; e no caso de recusar-se a pagá-la ou se depois desta paga não se corrigir, o chefe do trem o entregará ao agente da estação mais próxima para remetê-lo à autoridade policial. Se o viajante não tiver dinheiro para pagamento da multa em que tenha incorrido, ou do preço da passagem, o condutor exigirá dele como penhor algum objeto de valor, passando recibo.

Disposições várias. A entrada dos trens é vedada: 1º Às pessoas embriagadas e indecentemente vestidas. 2º Aos portadores de armas carregadas, matérias inflamáveis, ou objetos cujo cheiro possa incomodar aos passageiros.

Os objetos preciosos pagam meio por cento *ad valorem*; e os que forem escondidos estão sujeitos à multa de 10\$ a 50\$, segundo o art. 187 das *Condições das tarifas regulamentares*.

Os cães, sendo pequenos e acomodados dentro de cestas ou engradados, podem ir com os passageiros, ficando, porém, sujeito ao frete do valor de uma passagem de 2ª classe. Os cães grandes são amordaçados e acorrentados ou postos dentro de engradados no carro da bagagem; viajando os cães nos trens de passageiros, estão sujeitos às passagens de 2ª classe, e nos trens mistos na tarifa que regula menos.

INFORMAÇÕES AOS VIAJANTES

Na Barra do Piraí há um excelente hotel, onde se almoça na ida, pagando-se 1\$500, sem vinho, e janta-se na volta, por 2\$ sem vinho. Os viajantes de São Paulo jantam na Cachoeira na ida e almoçam na volta.

O trem expresso parte da Corte às 5h da manhã, chega à Barra do Piraí às 7h43 e parte às 8h03; chega à Cachoeira às 11h45 e a São Paulo às 6h da tarde. À Carandaí chega às 5h30 da tarde.

Na Cachoeira há um hotel, mas que oferece comodidades medíocres ao viajante. Em São Paulo, além do *Grande Hotel*, há outros bons hotéis.

O trem misto segue às 7h13m da manhã e se dirige até Mariano Procópio, Porto Novo e Cachoeira.

Toda a bagagem ou encomenda para a *Estrada de Ferro do Norte* paga o imposto de 12 réis por quilo, inclusive nesta taxa.

Até Surubi (entroncamento da Estrada de Ferro Resende a Areias) paga cada 10 quilos de bagagem ou encomenda 667 rs., e na Estrada de Ferro Resende a Areias os fretes à margem da tarifa, sendo o seu menor frete 400 réis.

TELÉGRAFO

Todos os telegramas expedidos pela Estrada de Ferro D. Pedro II até 20 palavras com o prefixo **P. E.** (que quer dizer *pela Estrada de Ferro*) paga-se 1\$500; e com o prefixo **N. E.** (que quer dizer *na Estação*, isto é, que fica o telegrama na Estação a ser procurado), paga-se 1\$. Inclui-se na contagem das palavras a direção e a assinatura do expedidor.

A Estrada expede igualmente telegramas para as demais estradas de ferro em tráfego mútuo com a de D. Pedro II.

A estação telegráfica acha-se logo à esquerda da entrada, na primeira porta. Abre-se às 4h da madrugada e fecha-se às 9h da noite. No escritório da Estrada, à rua do Rosário, nº 27, recebem-se do mesmo modo telegramas.

CORREIO

Na Estação da Estrada, à esquerda da entrada. Abre a caixa às 4h30 da manhã para o interior e às 6h e 3h da tarde para os subúrbios até Cascadura. A caixa acha-se colocada na porta da entrada da respectiva agência, do lado esquerdo da sua entrada: do lado direito está colocada a *Caixa Urbana*.

Trens para os subúrbios. Vide *Locomoção*, página 54.

PASSAGENS E BAGAGENS

ESTAÇÕES	PASSAGENS ORDINÁRIAS		Passagens de ida e volta em 1ª Classe	BAGAGENS E ENCOMENDAS	
	1ª Classe	2ª Classe		Pelos trens de viajantes por 10 quilos	Pelos trens de viajantes por 10 quilos
Cascadura	\$800	\$400		\$104	\$064
Sapopemba	1\$300	\$600	2\$200	\$143	\$088
Machambomba	2\$000	\$900	3\$300	\$234	\$144
Queimados	2\$800	1\$500	4\$400	\$319	\$196
Belém	3\$500	1\$800	5\$500	\$403	\$248
Oriente	4\$000	2\$000	6\$100	\$462	\$284
Serra	4\$200	2\$100	6\$600	\$494	\$304
Palmeiras	4\$700	2\$400	7\$200	\$540	\$332

Rodeio	4\$800	2\$500	7\$200	\$559	\$344
Mendes	5\$200	2\$700	8\$300	\$605	\$372
Santana	5\$800	2\$900	8\$800	\$665	\$409
Barra do Pirai	6\$100	3\$100	9\$400	\$695	\$427
Ipiranga	6\$400	3\$200	9\$900	\$730	\$448
Vassouras	7\$200	3\$700	11\$000	\$795	\$487
Desengano	7\$400	3\$800	11\$500	\$815	\$499
Concordia	8\$000	4\$000	12\$000	\$865	\$529
Comércio	8\$200	4\$100	12\$500	\$885	\$541
Aliança	8\$500	4\$300	13\$000	\$920	\$562
Casal	8\$800	4\$400	13\$000	\$950	\$580
Ubá	9\$500	4\$800	14\$000	1\$005	\$613
Paraíba	10\$400	5\$200	15\$500	1\$090	\$664
Entre Rios	10\$900	5\$500	16\$000	1\$140	\$694
Serraria	11\$700	6\$000	17\$500	1\$215	\$739
Paraibuna	12\$300	6\$300	18\$000	1\$280	\$778
Espírito Santo	13\$000	6\$600	19\$000	1\$345	\$817
M. Barbosa	13\$700	7\$100	20\$500	1\$415	\$859
Cedofeita	13\$900	7\$200	20\$500	1\$435	\$871
Retiro	14\$400	7\$400	21\$500	1\$485	\$901
Juiz de Fora	14\$800	7\$660	22\$000	1\$530	\$928
M. Procópio	14\$900	7\$700	22\$000	1\$540	\$934
Benfica	15\$500	8\$100	23\$000	1\$595	\$967
Chapéu de Uva	16\$200	8\$400	24\$000	1\$662	1\$008
João Gomes	17\$300	9\$100	25\$500	1\$725	1\$050
Mantiqueira	17\$900	9\$400	26\$500	1\$764	1\$076
João Aires	18\$600	9\$700	27\$500	1\$806	1\$104
Sítio	19\$200	10\$100	28\$500	1\$842	1\$128
Barbacena	20\$000	10\$500	29\$500	1\$887	1\$158
Ressaquinha	21\$200	11\$100	31\$500	1\$959	1\$206
Carandaí	22\$000	11\$500	32\$500	2\$010	1\$240
Santa Fé	11\$300	5\$800	16\$500	1\$180	\$718
Chiador	11\$900	6\$100	17\$500	1\$235	\$751
Anta	12\$300	6\$300	18\$000	1\$270	\$775
Sapuçaia	12\$700	6\$500	19\$000	1\$320	\$802
Ouro Fino	13\$100	6\$800	19\$500	1\$355	\$823
Conceição	13\$600	7\$000	20\$000	1\$405	\$853
P. N. do Cunha	14\$100	7\$300	21\$000	1\$460	\$886
Vista Alegre	6\$800	3\$500	10\$500	\$760	\$466
Pinheiros	7\$300	3\$700	11\$000	\$805	\$493
Volta Redonda	8\$100	4\$100	12\$000	\$875	\$535
Barra Mansa	8\$500	4\$300	13\$000	\$920	\$562
Pombal	9\$200	4\$700	13\$500	\$975	\$595
Divisa	9\$600	4\$900	14\$500	1\$015	\$619
Surubi	10\$500	5\$300	15\$500	1\$095	\$667

Resende	10\$600	5\$300	15\$500	1\$105	\$678
Campo Belo	11\$200	5\$700	16\$500	1\$170	\$712
Itatiaia	11\$600	5\$900	17\$000	1\$205	\$733
Boa vista	11\$900	6\$100	17\$500	1\$235	\$751
Queluz	12\$400	6\$300	18\$500	1\$290	\$784
Lavrinha	13\$300	6\$900	19\$500	1\$380	\$838
Cruzeiro	13\$700	7\$100	20\$500	1\$415	\$859
Cachoeira	14\$300	7\$400	21\$000	1\$480	\$898
Macacos	4\$000	2\$000	6\$100	\$462	\$118
Realengo	1\$600	\$700	2\$800	\$182	\$112
Campo Grande	2\$400	1\$300	3\$900	\$273	\$162
Santa Cruz	3\$100	1\$600	5\$000	\$358	\$220

Os menores de 8 anos pagam meia passagem. Os menores de 3 anos, conduzidos ao colo, não pagam passagem.

A venda dos bilhetes começa meia hora e cessa cinco minutos antes da hora marcada para a partida do trem, e dois minutos antes da mesma hora fecha-se a porta de entrada para a plataforma de embarque.

Para as estações de Sapopemba até Santa Cruz e até Macacos os bilhetes são válidos somente para os dias em que são distribuídos.

Tomada e entrega em domicílio

A Estrada encarrega-se de tomar no domicílio dos expedidores e remeter ao domicílio dos destinatários volumes de bagagem e encomendas, dentro dos perímetros e aos preços abaixo indicados:

1º) Da estação central para qualquer ponto da cidade do Rio de Janeiro, situado no perímetro limitado pela praça da Aclamação, rua Visconde do Rio Branco, praça da Constituição, rua da Carioca, largo da Carioca, rua da Assembleia, mar, praça Municipal, ruas da Imperatriz, do Barão de São Felix e de Santana, e vice-versa:

Por 1 a 2 volumes até 30 quilos cada um \$600

Por 3 a 4 volumes até 30 quilos cada um \$400

Por 5 ou mais até 30 quilos cada um \$300

2º) Para qualquer ponto fora do 1º perímetro, mas circunscrito pelo litoral desde a praça do Mercado da Glória até a ponte do Aterrado e as ruas da Lapa, Santa Teresa, Riachuelo, Conde d'Eu, Estácio de Sá, São Cristóvão e Miguel de Frias, e vice-versa:

Por 1 a 2 volumes até 30 quilos cada um 1\$002

Por 3 a 4 volumes até 30 quilos cada um \$800

Por 5 ou mais até 30 quilos cada um \$600

3º) Para qualquer ponto fora dos limites acima indicados do 1º e 2º perímetros, mas circunscrito pelo litoral desde a praça da Igrejinha, na praia de São Cristóvão, até o fim da praia de Botafogo e as ruas Voluntários da Pátria, São Luís, Bambina, Olinda, Marquês de Abrantes, Paissandu, Guanabara, Laranjeiras, Carvalho de Sá, Pedreira da Glória, Fialho, Lapa, Santa Teresa, Riachuelo, Conde d'Eu, Catumbi, Bispo, Haddock Lobo, São Francisco Xavier, Duque de Saxe, São Cristóvão, coronel Figueira de Melo e praça D. Pedro I, e vice-versa:

Por 1 a 2 volumes até 30 quilos cada um 1\$500

Por 3 a 4 volumes até 30 quilos cada um 1\$200

Por 5 ou mais até 30 quilos cada um \$600

4ª) Para qualquer ponto fora dos limites acima indicados do 1º, 2º e 3º perímetros até os extremos das atuais linhas de carris urbanos em tráfego na cidade do Rio de Janeiro, e vice-versa:

Por 1 a 2 volumes até 30 quilos cada um 2\$200

Por 3 a 4 volumes até 30 quilos cada um 1\$800

Por 5 ou mais até 30 quilos cada um 1\$500

5ª) Para qualquer ponto da cidade de Niterói limitado pelo percurso das atuais linhas urbanas, e vice-versa:

Por 1 a 2 volumes até 30 quilos cada um 3\$000

Por 3 a 4 volumes até 30 quilos cada um 2\$500

Por 5 ou mais até 30 quilos cada um 2\$000

Os volumes a entregar em domicílio fora do 1º e 2º perímetros, recebidos depois das 6h da tarde, são entregues no dia seguinte o mais cedo possível.

Os volumes a entregar em domicílio dentro do 1º e 2º perímetros, recebidos depois das 6h30 e até 9h da tarde para serem entregues imediatamente pagam o dobro dos preços marcados.

Os volumes a entregar nos morros, mais 50% sobre os preços estabelecidos. Seguro para entrega no 1º e 2º perímetros de volumes expressos, chegados depois das 9h da noite, por volume 2\$000.

Escritório da rua do Rosário, nº 27

De acordo com os arts. 140 a 142 das tarifas em vigor, acha-se aberto para informações, venda de bilhetes, recebimento e entrega de bagagens, encomendas e telegramas para qualquer estação desta estrada de ferro e das do tráfego mútuo.

Os volumes entregues pelos expedidores neste escritório pagarão pela condução do escritório à estação central e vice-versa:

Por 10 quilos ou fração de 10 quilos até 100 quilos de uma expedição de um ou mais volumes: \$200

Por cada 10 quilos excedente de 100 quilos: \$100

Os de encomendas vindos do interior, cuja entrega deva fazer-se na estação, poderão, à requisição do expedidor e mediante a taxa acima, ser remetidos para o escritório da cidade, a fim de ali serem entregues aos destinatários que os procurarem

O escritório abre-se nos dias úteis às 9h da manhã e fecha-se às 8h da noite; nos domingos e dias santos acha-se aberto das 9h da manhã à 1h da tarde.

TRÁFEGO MÚTUO. A Estrada de Ferro D. Pedro II vende bilhetes e despacha encomendas, bagagens, animais, mercadorias e carros para qualquer estação das estradas que tem tráfego mútuo, que são as seguintes: Companhia São Paulo e Rio de Janeiro, Companhia Resende a Areias, Companhia União Mineira, Companhia União Valenciana, Companhia Oeste de Minas, Empresa do Ramal do Rio Preto, Empresa de carris de ferro de Santa Cruz a Itaguaí. Para as duas últimas não vende bilhetes.

Tráfego mútuo

● PASSAGENS E BAGAGENS

DESTINO	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA	Bagagem ou encomenda por 10 quilos
SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO				
Lorena	15\$800	8\$300	23\$300	1\$720
Guaratinguetá	16\$900	8\$900	25\$000	1\$820
Aparecida	17\$400	9\$200	25\$600	1\$860
Roseira	18\$400	9\$700	27\$100	1\$940
Pindamonhangaba	19\$500	10\$200	28\$800	2\$060
Taubaté	20\$800	11\$000	30\$800	2\$180
Caçapava	22\$700	12\$000	33\$700	2\$360
São José	24\$100	12\$700	35\$700	2\$540
Jacareí	25\$300	13\$200	37\$500	2\$660
Guararema	26\$800	14\$000	39\$800	2\$800
Mogi das Cruzes	27\$700	14\$500	41\$100	2\$980
Lajeado	29\$500	15\$400	43\$800	
Norte	30\$300	15\$900	45\$700	2\$120
RESENDE A AREIAS				
Plataforma	10\$700	5\$400		40
Babilônia	11\$800	6\$100		196
Estalo	12\$100	6\$300		252
Bambus	12\$700	6\$600		336
Formoso	13\$100	6\$900		406
UNIÃO MINEIRA				
Silveira Lobo	13\$350	6\$880	20\$800	1\$620
Sossego	13\$900	7\$320	21\$900	1\$620
São Pedro	15\$000	8\$200	24\$100	1\$680
	15\$550	8\$750	25\$200	1\$800
Santa Helena	16\$650	9\$300	27\$400	1\$960
Bicas	17\$750	9\$850	29\$600	2\$080
Rochedo	18\$300	10\$400	30\$700	2\$120
Roça Grande	19\$400	11\$170	32\$900	2\$320
São João Nepomuceno				
UNIÃO VALENCIANA				
Quirino	8\$640	4\$500		1\$220

Esteves	9\$960	5\$200	15\$500	1\$220
Valença	10\$900	5\$600	16\$500	1\$240
Osório	11\$400	6\$100		1\$320
Santa Inácia	11\$900	6\$400	18\$500	1\$380
Rio Bonito	12\$400	6\$800	19\$500	1\$440
Santa Delfina	12\$900	7\$500	20\$500	1\$500
Rio Preto	13\$400	8\$300	21\$500	1\$640
OESTE DE MINAS				
Barroso	24\$160	13\$400	37\$920	2\$240
São José d'El-Rei	27\$680	15\$820	45\$460	3\$520
São João d'El-Rei	29\$000	16\$700	48\$100	2\$620

As passagens de ida e volta ao Norte (São Paulo) têm o prazo de 30 dias e todas as outras de 8 dias, exceto as da União Valenciana, que têm 5 dias.

● TRENS PARA OU DO INTERIOR

ESTAÇÕES	S1	S3		M3	M5	M7
	manhã	manhã		manhã	tarde	tarde
Corte	5h00	7h13		9h10	3h12	4h10
Cascadura		7h38		9h47	3h48	4h45
**Sapopemba		7h51		10h02	4h03	5h06
Maxambomba		8h10		10h31	4h38	5h42
Queimados		8h28		10h59	5h07	6h17
			M13			M9
			manhã			manhã
Belém	6h20	8h50	6h30	11h39	5h53	4h30
				tarde		
Oriente			6h59	12h09	6h25	5h00
Serra			7h14	12h25	6h40	5h24
Palmeiras		9h34	7h37	12h50	7h03	5h47
Rodeio		9h43	7h48	1h05	7h14	6h01
Mendes		9h59	8h11	1h28	7h37	6h25
Santana		10h16	8h35	1h52	8h01	6h50
Barra do Piraí	8h03	10h49		2h30		
Ipiranga	8h13	11h06		2h50		
Vassouras	8h34	11h37		3h22		
*Desengano	8h40	11h49		3h40		

		tarde				
Concórdia		12h14		4h07		
Comércio	9h01	12h29		4h27		
Casal		12h59		5h00		
Ubá	9h33	1h25		5h30		
Paraíba	9h57	2h17		6h14		
**Entre Rios	10h25	2h58				
*Serraria	10h49	3h44				
Paraibuna	11h11	4h24				
Espírito Santo	11h35	5h02				
Matias Barbosa	11h56	5h43				
	tarde					
Cedofeita	12h07	5h59				
Retiro	12h24	6h32				
			M 1			M 11
			manhã			tarde
Juiz de Fora	12h41	7h00	4h46			6h42
Rio Novo	12h48		5h03			
Benfica	1h05		5h34			
Chapéu d'Uvas	1h27		6h15			
João Gomes	2h00		7h22			
Mantiqueira	2h24		8h03			
João Aires	2h55		9h29			
*Sítio	3h14		10h08			
Barbacena	3h50		10h55			
			tarde			
Ressaquinha	4h51		12h07			

*Indica entroncamento.

**Indica bifurcação.

● DO INTERIOR

ESTAÇÕES	S 2			M 4		
	manhã			manhã		
Carandaí	6h47			11h18		
				tarde		
Ressaquinha	7h31			12h09		
Barbacena	8h32			1h22		
*Sítio	9h00			2h08		
João Aires	9h23			3h00		
Mantiqueira	9h54			3h44		
João Gomes	10h16			4h26		
Chapéu d'Uvas	10h49			5h21		
Benfica	11h11			5h59		
		S 4				M 12
		manhã				manhã
Mariano Procópio	11h28	5h50		6h30		4h30
Juiz de Fora	11h35	6h50				
Retiro	11h52	6h30				
	de tarde					
Cedofeita	12h09	7h01				
Mathias Barbosa	12h18	7h17				
Espírito Santo	12h39	7h58				
Paraibuna	1h02	8h41				
Serraria	1h25	9h28				
			M 2			
			manhã			
Entre Rios	2h02	10h25	6h07			
Paraíba	2h19	10h50	6h40			
Ubá	2h43	11h28	7h26			
Casal		11h54	8h00			
		tarde				
Comércio	3h15	12h25	8h35			
Concórdia		12h37	8h58			
*Desengano	3h37	1h02	9h24			
Vassouras	3h45	1h13	9h38			
Ipiranga	4h03	1h42	10h08			

				M14	M 6	M10
				tarde	manhã	tarde
Barra do Pirai	4h31	2h20	10h42	3h21	3h55	4h41
Santana		2h32	10h57	3h36	4h10	4h56
Mendes		2h50	11h19	3h58	4h32	5h18
Rodeio		3h07	11h41	4h20	4h52	5h40
Palmeiras		3h15	11h53	4h32	5h04	5h52
			tarde			
Serra			12h22	4h52	5h24	6h12
Oriente			12h35	5h04	5h37	6h32
				M 8		
				manhã		
Belém	5h56	3h58	1h10	4h05	6h16	
Queimados		4h18	1h39	4h40	6h45	
Maxambomba		4h37	2h08	5h45	7h16	
**Sapopemba		5h00	2h39	6h22	7h55	
Cascadura		5h11	2h54	6h41	8h11	

Ramal de Santa Cruz. Parte da estação de Sapopemba e chega a Santa Cruz, passando em Realengo e Campo Grande.

● PARA O INTERIOR

ESTAÇÕES	SC1	SC5	SC3
	manhã	manhã	tarde
Sapopemba	7h05	7h10	5h10
Realengo	8h11		5h25
Campo Grande	8h39		5h53

● DO INTERIOR

ESTAÇÕES	SC4	SC2	SC6
	tarde	manhã	manhã
Santa Cruz	3h40	5h05	
Campo Grande	4h07	5h32	
Realengo	4h35	6h00	7h35

Empresa de carris de ferro de Santa Cruz a Itaguaí. *Preços por quilômetros:* passageiros, um 150 rs.; bagagens ou encomendas por 30 quilos 500 rs.

Ramal de Macacos. Parte da estação de Belém e chega à de Macacos, tocando na de Bifurcação. O seu horário é o seguinte:

● PARA O INTERIOR

ESTAÇÕES	SA1	MA1
	manhã	tarde
Belém	9h00	6h04
**Bifurcação	9h11	6h14
Macacos	9h26	6h29

● DO INTERIOR

ESTAÇÕES	SA2	MA2
	tarde	manhã
Macacos	3h04	5h04
**Bifurcação	3h22	5h22

São Paulo. Parte da estação da Barra do Piraí e termina na de Cachoeira, de onde parte a Estrada de Ferro *São Paulo e Rio de Janeiro*.

● PARA O INTERIOR

ESTAÇÕES	SP1	SP3	MP1	MP3
	manhã	manhã	manhã	tarde
Barra do Piraí	8h03	10h50		2h37
Vargem Alegre	8h23	11h21		3h11
Pinheiros	8h36	11h41		3h47
		tarde		
Volta Redonda	8h56	12h12		4h23
Barra Mansa	9h11	12h35		4h50
Pombal	9h28	12h59		5h18
Divisa	9h41	1h18		5h41
*Surubi		1h54		6h22
Resende	10h05	2h15	7h22	
Campo Belo		2h48	7h57	

Itatiaia	10h38	3h11	8h20	
Boa Vista	10h57	3h28	8h55	
Queluz		3h58	9h25	
Lavrinhas		4h40	10h09	
Cruzeiro		4h59	10h30	

● DO INTERIOR

ESTAÇÕES	SP 3	SP 4	MP 2	MP 4
	tarde	manhã	manhã	tarde
Cachoeira	12h28	6h48		1h10
Cruzeiro		7h19		1h44
Lavrinhas		7h38		2h05
Queluz	1h19	8h19		2h49
Boa Vista	1h37	8h47		3h33
Itatiaia		9h03		3h51
Campo Belo		9h23		4h13
Resende	2h11	10h12	6h45	
Surubi		10h18	6h55	
Divisa	2h35	10h57	7h33	
Pombal	2h48	11h16	7h55	
Barra Mansa	3h05	11h42	8h24	
		tarde		
Volta Redonda	3h20	12h15	9h00	
Pinheiros	3h40	12h48	9h34	
Vargem Alegre	3h53	1h12	9h58	

Ramal do Porto Novo. Parte da Estação de Entre-Rios e segue o rio Paraíba. É empedrado e tem a extensão de 63.764 metros. Conta sete estações. Da sua estação terminal parte como prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II para o norte de Minas a Estrada da Leopoldina.

● PARA O INTERIOR

ESTAÇÕES	SR 1	SR 3
	manhã	tarde
**Entre-Rios	10h18	3h05
Santa Fé	10h30	3h28
Chiador	10h45	3h57

Anta	10h59	4h20
Sapucaia	11h15	4h45
Ouro Fino	11h27	5h05
Conceição	11h44	5h30

● DO INTERIOR

ESTAÇÕES	RS 2	SR 4
	tarde	tarde
Porto Novo do Cunha	12h13	7h05
Conceição	12h31	7h34
Ouro Fino	12h48	7h59
Sapucaia	1h00	8h20
Anta	1h16	8h45
Chiador	1h30	9h08
Santa-Fé	1h45	9h37

Os passageiros do **S 1**, tanto para o ramal de São Paulo como para o do Porto Novo, 4ª Seção e 5ª Seção, não têm baldeação até os limites da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Aquele trem é o que continha no ramal de São Paulo sob a designação de **S P 1** e no ramal de Porto Novo sob a de **S R 1**.

Estes trens estão em correspondência, o do ramal de São Paulo com o da Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro, que chegará no mesmo dia a São Paulo, e do ramal do Porto Novo com o trem da Estrada de Ferro da Leopoldina, que também chegará no mesmo dia ao extremo daquela linha.

Os passageiros que das estações de Campo Belo, Itatiaia, Lavrinhas e Cruzeiro se destinarem às da Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro tomarão o trem **M P 1** até Cachoeira.

Os passageiros dos subúrbios com destino às estações do interior poderão tomar os trens **S U 3**, **S U 7**, **S U 13** e **S U 15**, os quais estão em correspondência com os trens **S 3**, **M 3**, **M 5** e **M 7**.

Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Preto. Parte da estação de Barra do Piraí da Estrada de ferro D. Pedro II e termina na de Santa Isabel do Rio Preto. Medirá esta via férrea 80 quilômetros divididos em três seções, a primeira das quais, à Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas, com 24 quilômetros, se acha em tráfego desde 20 de outubro de 1881, prosseguindo a construção da segunda com a maior atividade. A bitola é de 1 metro entre trilhos, o raio mínimo de 80 metros e a máxima rampa de 2,5.

HORÁRIO

O trem **S I 1** parte da Barra do Piraí às 9 horas da manhã, e o **S I 2** de Ipiabas às 12h30 da tarde.

Observações. Nas quartas-feiras parte da Barra do Piraí às 3h da tarde um trem, que regressa, no dia seguinte, às 6h da manhã. Os trens **S I 1** e **S I 2** estão em correspondência com os trens **S 1**, **S 2** e **S 4** da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Estrada de Ferro União Valenciana. Da estação do Desengano, na Estrada de Ferro D. Pedro II, ao Rio Preto, na província de Minas Gerais, contando 74 quilômetros de extensão. É a mais antiga estrada de bitola estreita que se construiu no Brasil. Os trilhos são de ferro, sistema Vignole.

ESTAÇÕES	01		EP1	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
	manhã		tarde	
Rio Preto		6h30		
Lima (parada)	6h43			
Santa Delfina	7h05	7h51		
Guimarães (parada)	7h21	8h16		
Rio Bonito	7h47	8h29		
Santa Inácia	8h06			
Osório	8h27			
Valença	8h49	9h43		7h00
Barros (parada)	9h51		7h08	
Esteves	10h01	10h07	7h20	7h25
Quirino (parada)	10h39	10h41	7h55	7h57
Desengano	11h05		8h21	

ESTAÇÕES	02		EP2	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
Desengano		12h00		9h09
Quirino (parada)	12h24	12h26	9h24	9h26
Esteves	12h58	1h04	9h56	10h02
Barros (parada)	1h14		10h14	
Valença	1h22	1h50	10h22	
Osório	2h10	2h12		
Santa Inácia	2h23	2h33		
Rio Bonito	2h18	2h52		
Guimarães (parada)	3h18	3h24		
Santa Delfina	3h24			
Lima (parada)	3h56	3h34		
Rio Preto	4h09			

Observações. O trem **EP 1** partirá de Valença no sábado de cada semana, e serve aos passageiros que quiserem seguir no expresso para as estações da linha do centro. No mesmo dia o trem ordinário

demora no Desengano, até a chegada do **S 4**, a fim de conduzir, para as estações desta Estrada os passageiros procedentes do Porto Novo ou Juiz de Fora e mais estações intermediárias.

As crianças menores de três anos, conduzidas ao colo, têm passagem gratuita; e as menores de oito anos que se acomodarem duas em um lugar pagam meia passagem. Vendem-se bilhetes de ida e volta, somente para 1ª classe, entre a estação central em Valença e a terminal no Rio Preto e vice-versa; assim como de todas as outras estações (exceto das do Quirino e Osório) para a do Desengano.

O prazo do bilhete de ida e volta é de três dias para as estações de Valença a Rio Preto e vice-versa; e de cinco dias para as demais estações a Desengano e vice-versa.

A venda de bilhetes começa meia hora, e termina cinco minutos antes da partida do trem.

Cada passageiro pode conduzir, livre de frete e sob sua única responsabilidade, um volume com roupa e objetos do seu uso; contanto que, por seu tamanho, possa ser acomodado debaixo do banco sem incomodar os demais passageiros.

Estrada de Ferro da Estação do Comércio ao Porto da Flores. Inaugurou o tráfego da sua 1ª seção a 14 de setembro de 1882, com as estações Comércio, Marambaia e Taboas.

Estrada de Ferro da Leopoldina. Escritório: rua do Ouvidor, nº 38. Parte da Estação do Porto Novo do Cunha, ponto terminal do ramal do Porto Novo da Estrada de Ferro D. Pedro II, e chega a São Geraldo. Possui dois ramais, o de *Pirapitinga* e o da *Leopoldina*, partindo o primeiro da estação Volta Grande e o segundo da estação Vista Alegre. A linha do Porto Novo a São Geraldo conta 203 quilômetros e 565 metros e o ramal da Leopoldina 12 quilômetros e 260 metros. A bitola é de um metro entre trilhos.

ESTAÇÕES	P1	C1	ESTAÇÕES	P2	C2
	PARTE	PARTE		PARTE	PARTE
	tarde	manhã		manhã	manhã
Porto Novo	12h20	4h20	São Geraldo	4h04	9h31
São José	12h30	4h30	Presídio	4h29	9h58
Pântano	12h52	5h01	Ubaense	5h21	11h00
V. Grande	1h30	5h57	Diamante	6h00	11h47
					tarde
São Luís	1h54	6h32	Pomba	6h15	12h06
Providência	2h07	6h51	Santo Antônio	6h39	12h38
Santa Isabel	2h36	7h37	D. Eusébia	6h55	1h00
Recreio	2h55	8h05	Sinimbu	7h19	1h23
Campo Limpo	3h25	8h50	Cataguases	7h56	2h09
Vista Alegre	3h46	9h16	Vista Alegre	8h29	2h55
Cataguases	4h28	10h50	Campo Limpo	8h52	3h25
Sinimbu	4h59	11h32	Recreio	9h22	4h07
D. Eusébia	5h19	12h00	Santa Isabel	9h43	4h37

		tarde			
Santo Antônio	5h35	12h34	Providência	10h12	5h21
Pomba	6h01	1h08	São Luís	10h25	5h41
Diamante	6h16	1h26	V. Grande	10h50	6h14
Ubaense	6h58	2h20	Pântano	11h19	6h58
Presídio	7h47	3h30	São José	11h38	7h25

P 1 cruza com o **C 2** em Campo Limpo; **C 1** cruza com o **C 2** em Santo Antônio; **P 2** cruza com o **P 1** em Campo Limpo; **C 2** cruza com o **C 1** em Santo Antônio e com o **P 1** em Campo Limpo.

Estrada de Ferro União Mineira. Possui esta via férrea 10 quilômetros em tráfego entre Serraria e Guarani, e continua no prolongamento da linha até o Arraial do Espírito Santo do Pomba. Entre Serraria e Silveira Lobo admira-se um zigue-zague, com duas chaves e um recuamento de 800 metros, para vencer uma diferença de nível, evitando-se uma obra de arte difícil.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	PARTE	ESTAÇÕES	PARTE
	P 1		P 1
	manhã		tarde
Serraria	11h00	São João Nepomuceno	5h00
Silveira Lobo	11h40	Roça Grande	5h30
	tarde		tarde
Sossego	12h05	Bicas	6h48
São Pedro	12h50	Santa Helena	7h14
Santa Helena	1h18	São Pedro	7h44
Bicas	2h00	Sossego	8h23
Roça Grande	3h15	Silveira Lobo	8h47

Observações. Esses dois trens estão em correspondência com os trens **S 1** e **S 4** da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Na estação São Pedro há um *Grande Hotel*.

● PASSAGENS

	1ª classe	2ª classe
Serraria	\$000	\$000
Silveira Lobo	1\$500	\$800
Sossego	2\$000	1\$200
São Pedro	3\$000	2\$000
Santa Helena	3\$500	2\$500
Bicas	4\$500	3\$000
Rochedo	5\$500	3\$500
Roça Grande	6\$000	4\$000
João Nepomuceno	7\$000	4\$700
Furtado de Campos	8\$000	5\$300
Guarani	9\$000	6\$000

Nos bilhetes está indicado o imposto provincial de 10%.

Os telegramas até 20 palavras custam 1\$000 cada um.

Ramal do Rio Preto. Parte da Paraibuna do Rio Preto e termina no Porto das Flores. Faz parte do tráfego mútuo da Estrada de Pedro II.

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
	manhã	manhã
Porto das Flores		7h30
Três Ilhas	8h50	8h35
Paraibuna do Rio Preto	10h30	11h30
	tarde	tarde
Três Ilhas	1h05	1h10
Porto das Flores	2h35	

Estrada de Ferro do Oeste de Minas. Tem o desenvolvimento de 100 quilômetros entre a estação do Sítio, da Estrada de Ferro D. Pedro II, e a cidade de São João d'El-Rei. Possui muitas obras de arte, mas pouco notáveis. Os trilhos são de ferro, sistema Vignole. Pela primeira vez no Brasil foi aplicada a bitola de 0,76m entre trilhos com que se acha construída esta estrada.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	S 1		C 1	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
	tarde		tarde	
Sítio		3h30		2h15
Ilhéus	4h24	4h27	3h09	3h12
Barroso	5h27	5h33	4h13	4h18
C. Redondo	6h22	6h25	5h07	5h10
São José d'El-Rei	7h03	7h05	5h48	5h50
São João d'El-Rei	7h35		6h20	

ESTAÇÕES	S 2		C 2	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
	manhã		manhã	
João d'El-Rei		4h25		5h40
São José d'El-Rei	5h10	5h12	6h10	6h12
C. Redondo	5h50	5h53	6h50	6h53
Barroso	6h42	6h48	7h42	7h48
Ilhéus	7h48	7h51	8h48	8h51
Sítio	8h45		9h45	

Observações. Os trens **S 1** e **S 2** são diários. Os trens **C 1** e **C 2** são facultativos. Os trens **S 1** e **S 2** estão em correspondência com os trens **S 1** e **S 2** da Estrada de Ferro D. Pedro II.

● PASSAGENS

De Sítio a	1ª classe	2ª classe
Barroso	4\$500	3\$000
São José d'El-Rei	7\$700	5\$200
São João d'E-Rei	8\$900	6\$000

Os telegramas até 20 palavras pagam 1\$500, adicionando-se mais 500 rs. por série de 10 palavras. As passagens são sujeitas ao imposto de 10% sobre o preço da tarifa. As passagens de ida e volta não têm abatimento algum.

Em tudo mais são aplicadas a esta Estrada as disposições regulamentares da Pedro II.

É adotada em todas as suas partes “a Classificação geral” dessa mesma Estrada.

Estrada de Ferro de Resende a Areias. Parte da estação de Surubi, na Estrada de Ferro D. Pedro II, e segue até a estação terminal do *Formoso*, já em São Paulo.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	nº 1	nº 3	ESTAÇÕES	nº 2	nº 4
Para Formoso	manhã	tarde	Para Surubi	manhã	tarde
de Surubi	6h00	2h30	de Formoso parte	7h55	4h25
de Plataforma	6h10	2h40	de Estalo	8h30	5h00
de Babilônia	6h45	3h15	de Babilônia	8h42	5h12
de Estalo	7h00	3h30	de Plataforma	9h23	5h50
a Formoso chega	7h40	4h10	a Surubi chega	9h28	5h55

O trem nº 3 está em correspondência com o trem **S P 3** da Estrada de Ferro D. Pedro II, e o trem nº 2 com o **S P 4** da mesma estrada.

Minas and Rio Railway. Parte da estação Cruzeiro, na Estrada de Ferro de D. Pedro II (ramal de São Paulo, quilômetro 252), atravessa a serra da Mantiqueira no arraial de Passa Quatro (termo da 1ª seção), atinge o vale do Rio Verde e percorre os municípios de Cristina, Campanha, Baependi, Alfenas e Três Pontas.

No ponto de partida o leito está a 512 metros acima do nível do mar e sobe logo depois a serra da Mantiqueira, que é atravessada no túnel grande, situado a 1.100 metros acima do mar, medindo 966 metros de extensão, dos quais cerca de 400 já se acham perfurados. São importantes as obras deste túnel^[225].

“O serviço é feito pelos perfuradores mais aperfeiçoados que se usaram no Monte Ceniz, movidos pelo ar, que é comprimido a mais de dois quilômetros por meio de uma turbina posta em movimento por uma queda d’água da altura de 240 pés ingleses. Dos 966 metros de extensão que mede o túnel são abertos 908 na rocha viva e 58 do lado do sul. Para que as obras deste lado não fiquem prejudicadas pela perfuração, foi construído um Plano inclinado por cima do túnel, pelo qual serão transportados o material fixo, máquinas e vagões que devam ser empregados na segunda seção. Já vai adiantado o trabalho na galeria do sul funcionando a luz elétrica, elemento poderoso que deve servir para facilitar o trabalho dos operários ocupados dia e noite no avançamento do túnel.

“A secção deste túnel é a seguinte: altura vertical da chave da abóbada do nível da linha, 4 metros; no nível dos trilhos a largura é de 3m50, atingindo menos acima a 4 metros. As duas galerias devem encontrar-se em dezembro de 1882.

“Além deste túnel existe outro no quilômetro 5 medindo 16m50 de extensão, e aberto na rocha.

“No quilômetro 13 há também outro que mede 20 metros, foi construído com alvenaria de tijolo e argamassa de cimento.

“Os trabalhos deste último túnel foram de difícil execução; por causa da sua natureza geológica tornava-se difícil amparar a barreira e assim foi preciso assentar primeiramente os trilhos para que

[225] No original, quase todo o trecho referente à *Minas and Rio Railway* aparece entre aspas, mas o autor não deu crédito ou fez alguma nota explicativa.

pudessem funcionar os trens de lastros antes de se construir o túnel, tendo-se a princípio dado repetidos desmoronamentos, que obrigaram a empregar este recurso.

“São numerosas as obras de arte, conquanto não tenham grande importância, exceto o viaduto no quilômetro 20, em uma altura de 30 metros sobre 30 de extensão, e situado em uma curva de 100 metros de raio. Desde o quilômetro 8 até o quilômetro 24 foi empregada a rampa máxima de 3%, sem interrupção. O movimento de terra para a preparação do leito está quase pronto, inclusive obras de arte, até o túnel (quilômetro 23), e do outro lado até Pouso Alto; prosseguindo-se sempre na construção do leito da estrada até o quilômetro 75, talvez no fim do ano de 1882 possam ser assentados os trilhos até Pouso Alto.

“Depois de vencer a serra da Mantiqueira ganha a estrada a zona mineira, entra no vale do Passa Quatro e segue este rio até a sua confluência com o Rio Verde, margeando este último pelo lado esquerdo, até que nas imediações da Soledade salta para a margem direita. Como a esquerda é muito sujeita a inundações e também encontram-se os ribeirões das águas gasosas, do Carmo e dos Criminosos, que dão origem a outros tantos brejos, foi assentado proceder-se uma exploração pela margem direita, até Três Corações, ponto final da estrada.

“Até o quilômetro 19 já estão os trilhos assentos, e o leito e obras de arte terminadas até o quilômetro 23 junto ao túnel.

“Do outro lado até Passa Quatro o leito da estrada também está pronto e muito adiantadas as obras de arte, que prosseguem com a maior atividade para que até a fim de 1882 possam ser assentos os trilhos até o quilômetro 68, no Pouso Alto.

“Antes de terminados os trabalhos do túnel todo o material fixo e rodante que tem de servir na estrada, para além deste ponto, será transportado pelo Plano inclinado já construído.

“Para mostrar que há alguma coisa feita no serviço material da *Minas and Rio Railway*, basta dizer que começaram as obras a 18 de abril de 1881 e hoje a maior quantidade de escavação executada em um mês foi de 170.000 m³, o paredão mais alto tem 17 metros de altura, o de maior volume contém 2,665 m³, o bueiro mais comprido é de 67 metros, o aterro mais alto é de 49 metros medido verticalmente do pé do talude, o talude mais comprido é de 114 metros, o corte mais alto é de 26 metros, o aterro de maior volume é de 60.000 m³, o corte idem de 40.000 m³. Enfim, há 140 bueiros construídos, 6 pontes e 2 túneis, além de dois em construção. O número de trabalhadores empregados na estrada a 31 de maio de 1882 era de 4,416.

“Já se acham em serviço três locomotivas, duas grandes, *Joaquim Delfino* e *Tomás Coelho*, e uma outra menor.

“A construção de todas as obras e o fornecimento do material foi contratado com Waring Brothers, de modo que a companhia só tem de abrir a linha do tráfego, sem nenhum outro encargo.”

Se não ocorrer fato algum, muitíssimo extraordinário, até dezembro de 1883 deve estar aberta ao tráfego esta importantíssima estrada de ferro, que liga a freguesia de Três Corações à estação Cruzeiro.

Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro ou Estrada de Ferro do Norte. Parte de São Paulo, capital da província do mesmo nome, e finaliza na Estação Cachoeira da Estrada de Ferro D. Pedro II, ponto terminal do ramal, de São Paulo.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	EXPRESSO P1	MISTO M1	ESTAÇÕES	EXPRESSO P1	MISTO M1
PARTE			PARTE		
Norte (São Paulo)	6h00	9h00	Rio	5h00	
Penha		9h14	Cachoeira	12h08	5h30
Lajeado		9h47	Lorena	12h30	6h03
Mogi	7h09	10h40	Guaratinguetá	12h50	6h35
Guararema	7h45	11h40	Aparecida		6h46
Jacareí	8h21	12h40	Roseira		7h12
São José	8h46	1h32	Pindamonhangaba	1h36	7h51
Caçapava	9h21	2h40	Taubaté	2h22	8h28
Taubaté	9h52	3h22	Caçapava	2h37	9h23
Pindamonhangaba	10h18	4h05	São José	3h12	10h11
Roseira		4h52	Jacareí	3h40	10h50
Aparecida		5h16	Guararema	4h11	11h32
Guaratinguetá	11h07	5h28	Mogi	4h18	12h35
Lorena	11h26	5h58	Lajeado		1h20
Cachoeira	11h48	6h30	Penha		1h51
Rio (CHEGA)	7h12		Norte (CHEGA)	6h00	2h05

● PASSAGENS

De São Paulo	1ª classe	2ª classe	Ida e volta
Penha	\$960	\$480	1\$520
Lajeado	2\$400	1\$200	3\$600
Mogi	4\$800	2\$400	7\$200
Guararema	6\$650	3\$380	10\$030
Jacareí	8\$400	4\$250	12\$550
São José	9\$600	4\$800	14\$200
Caçapava	11\$450	5\$780	16\$730
Taubaté	13\$100	6\$650	19\$150
Pindamonhangaba	14\$200	7\$200	20\$800
Roseira	14\$750	7\$630	21\$680
Aparecida	15\$300	7\$850	22\$450
Guaratinguetá	15\$800	8\$180	23\$330

Lorena	16\$400	8\$400	24\$100
Cachoeira	17\$500	9\$050	25\$750

As passagens de ida e volta vigoram por 30 dias de São Paulo ao Rio; por oito dias das estações intermédias da Estrada do Norte ao Rio, ou de São Paulo a Cachoeira; por três dias entre São Paulo ou Cachoeira e estações intermediárias. A venda de bilhetes cessa 5 minutos antes da partida do trem e o recebimento das bagagens cessa 15 minutos antes da partida.

The S. Paulo Railway Company, limited (ESTRADA DE FERRO DE SÃO PAULO). Parte da cidade de Santos e termina na de Jundiaí, passando pela cidade de São Paulo, capital da província do mesmo nome. Depois da Estrada de Ferro D. Pedro II é a mais importante. Começando em Santos, junto a excelente porto marítimo, está por conseguinte em comunicação direta com a Europa. A estrada logo no seu começo vence a elevada serra do Cubatão, efetuando-se a sua subida por quatro planos inclinados, onde o serviço é feito por máquinas fixas e cabos de aço. Entre outras obras de arte notáveis que possui a estrada, admira-se o túnel entre Belém e Jundiaí.

São tributárias desta estrada as de *São Paulo e Rio de Janeiro*, que a comunica com a de Pedro II, a *Sorocabana*, a *Bragantina*, ainda em construção, a *Paulista*, que a liga a Mogiana, e a *Ituana*.

As duas primeiras partem de São Paulo, a terceira de entre os quilômetros 128 e 129 (Campo Limpo), e as duas últimas de Jundiaí.

● PASSAGENS

Km	De Santos a	1ª classe	2ª classe
12	Cubatão	1\$200	\$500
22	Raiz da Serra	2\$000	1\$000
41	Alto da Serra	3\$000	1\$200
53	Rio Grande	4\$000	1\$800
82	São Bernardo	5\$600	2\$500
90	São Paulo	7\$000	3\$000
96	Água Branca	7\$600	3\$200
113	Perus	9\$000	3\$700
129	Belém	10\$300	4\$300
150	Jundiaí	12\$000	5\$000

A Companhia emite bilhetes de assinaturas para ida e volta diariamente, entre pontos certos, nos trens, ordinários de passageiros, abatendo 30, 40, 50%, sobre a tarifa geral, nos bilhetes para 1, 2 e 6 meses. Esses bilhetes podem compreender ou não os domingos e dias santos à vontade do assinante, e são intransferíveis, exceto os de 2ª classe para criados de uma mesma pessoa, inscrevendo esta no bilhete e no ato da assinatura os nomes dos que dele se servirem.

Companhia Sorocabana. Parte de São Paulo, da estação da Luz, pertencente à Companhia Inglesa e segue até Bacaetava.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE	ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
		manhã			manhã
São Paulo		8h00	Boituva		10h00
Barueri	8h52	8h55	Bacaetava	10h45	10h50
São João	9h38	9h43	Ipanema	10h30	11h35
São Roque	10h19	10h24	Vileta	11h45	11h46
Piragibu	10h10	11h12	Sorocaba	12h30	1h15
Sorocaba	12h00	1h30	Piragibu	2h03	2h05
Vileta	2h14	2h15	São Roque	2h51	2h56
Ipanema	2h25	2h30	São João	3h32	3h37
Bacaetava	3h10	3h15	Barueri	4h30	4h23
Boituva	4h00			5h15	

Continua em vigor o trem misto de Sorocaba a São Paulo às segundas, quintas e aos sábados.

Estrada de Ferro Bragantina. Acha-se em construção e com o desenvolvimento provável de 53 quilômetros e 746 metros. Deve esta via férrea partir da de Santos à Jundiaí, entre os quilômetros 128 e 129, e ir ter à cidade de Bragança, podendo prolongar-se até as raíais da província de Minas Gerais. Das três estações que terá esta estrada acha-se concluída a do entroncamento, no Campo Limpo. As outras estações serão estabelecidas nas cidades de Atibaia e Bragança.

Estrada de Ferro Paulista. É continuação da de Santos a Jundiaí, de onde parte e termina em Porto Ferreira. A obra de arte mais importante é a ponte sobre o rio Piracicaba. Pertencem a esta estrada a de *Jundiaí a Campinas* e a do *Oeste de Campinas a Rio Claro*.

HORÁRIO DA PARTIDA DOS TRENS A CAMPINAS NOS DIAS ÚTEIS

Para São Paulo — 6h35 da manhã, misto; 11h53 da manhã, expresso; 1h45 da tarde, misto.

Para Rio-Claro e ramal de Pirassununga — 12h07 da tarde, expresso.

Para Rio-Claro e ramal de Pirassununga parte um trem misto às terças, quintas e aos sábados às 6h15 da manhã e chega às 6h20 da tarde.

Os bilhetes de ida e volta têm valor por 7 dias.

● PREÇO DAS PASSAGENS DA ESTAÇÃO DE CAMPINAS ÀS DEMAIS ESTAÇÕES

	1ª classe	2ª classe	Ida e volta
Porto Ferreira	12\$800	6\$440	19\$200
Pirassununga	11\$940	5\$780	17\$900
Leme	10\$020	4\$860	15\$020
Guabiroba	8\$480	4\$120	12\$720
Araras	8\$160	3\$840	12\$220
Cordeiros	6\$540	3\$080	9\$820
Rio Claro	8\$080	3\$800	12\$100
Limeira	5\$560	2\$620	8\$360
Tatu	4\$760	2\$200	7\$160
Santa Bárbara	3\$640	1\$660	5\$440
Rebouças	2\$500	1\$160	3\$740
Boa Vista	\$860	\$400	1\$300
Valinhos	1\$340	\$620	2\$000
Rocinha	2\$100	\$960	3\$160
Louveira	2\$760	1\$280	4\$140
Jundiaí	4\$280	1\$960	6\$420
São Paulo	11\$600	5\$060	17\$400
Santos	18\$720	8\$060	27\$580
Itu	10\$780	5\$320	16\$170
Capivari	12\$800	6\$440	19\$190
Piracicaba	17\$050	8\$680	25\$580

Estrada de Ferro Mogiana. Parte da cidade de Campinas, da estação da Companhia Paulista, chega à Mogi-mirim, cortando na direção norte os vales dos rios Atibaia, Jaguari e Camanducaia, e daqui seguindo o mesmo rumo corta o rio Mogi-guaçu e dirige-se à Casa Branca. Possui o ramal do Amparo. As obras de arte mais notáveis são as pontes sobre os rios Atibaia, Jaguari, Camanducaia e Mogi-guaçu. No ramal do Amparo admira-se um túnel de 80 metros.

Parte às 6h30 da manhã para Mogi-mirim, Casa Branca e São Simão, e nos sábados e domingos, também para o Amparo; às 12h45 da tarde para Amparo, Mogi-mirim, Penha e Casa Branca, e nas terças-feiras também para São Simão; às 2h da tarde às segundas-feiras, para Amparo, Mogi-mirim e Penha; e às quartas e sextas-feiras somente para Amparo.

● PASSAGENS

De Campinas a	1ª classe	2ª classe	Ida e Volta
Anhumas	1\$020	\$520	1\$540
Tanquinho	2\$040	1\$020	3\$060
Jaguari	3\$260	1\$640	4\$900
Pedreira	4\$080	2\$040	6\$120
Coqueiros	4\$900	2\$460	7\$360
Amparo	5\$500	2\$760	8\$260
Ressaca	4\$700	2\$360	7\$060
Mogi-mirim	6\$320	3\$160	9\$480
Mogi-guaçu	6\$940	3\$460	10\$400
Mato Seco	9\$380	4\$700	14\$080
Caldas Casa	10\$600	5\$300	15\$900
Branca	13\$240	6\$620	19\$860
Penha	8\$560	4\$280	12\$840
Lage	15\$080	7\$540	22\$620
Córrego Fundo	17\$480	8\$740	26\$220
São Simão	20\$000	10\$000	30\$000

Estrada de Ferro Ituana. Construída pela Companhia Ituana entre a cidade de Jundiaí e a de Itu, foi aberta ao tráfego a 17 de abril de 1873 e possui outro ramal, entregue ao trânsito a 20 de fevereiro de 1877, ligando a estação de Itaici à cidade de Piracicaba. A estrada segue o vale de Jundiaí e corta o rio Tietê para chegar a Itu, e o ramal atravessa a vila de Indaiatuba, a cidade e o rio de Capivari e os vales do ribeirão de Mombuca e do rio das Pedras até chegar ao seu ponto terminal em Itaici. As obras de arte mais notáveis são: na linha principal a ponte de madeira sobre o Tietê, e no ramal três pontes igualmente de madeira sobre o rio Capivari.

● DISTÂNCIA, EM QUILOMETROS, DA CORTE ÀS DEMAIS ESTAÇÕES DA ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II E DAS QUE LHE ESTÃO EM CORRESPONDÊNCIA

E. F. D. PEDRO II			
Corte	0	Engenho Novo	9
Oficinas de São Diogo	2	Todos os Santos	11
São Cristóvão	4	Engenho de Dentro	12
Estação Imperial	4	Piedade	13
São Francisco Xavier	6	Cascadura	16
Riachuelo	7	Rio das Pedras	19
		Sapopemba*	22

Maxambomba	36
Queimados	49
Belém	62
Bifurcação*	65
Macacos	70
Oriente	71
Serra	76
Palmeiras	82
Rodeio	86
Mendes	93
Santana	103
Barra do Piraí*	108
Ipiranga	116
Vassouras	129
Desengano*	132
Concórdia	143
Comércio	147
Casal	159
Ubá	171
Parada do Barão	178
Paraíba	188
Entre Rios*	198
RAMAL DE SANTA CRUZ	
Sapopemba*	22
Realengo	27
Campo Grande	42
Santa Cruz	55
LINHA DO CENTRO	
Serraria*	212

Paraibuna	226
Espírito Santo	239
Matias Barbosa	253
Cedofeita	257
Retiro	267
Juiz de Fora	276
Rio Novo	278
Benfica 2	289
Chapéu d'Uvas	304
João Gomes	324
Mantiqueira	338
João Aires	352
Sítio*	364
Barbacena	379
RAMAL DE SÃO PAULO	
Barra do Piraí	108
Vargem Alegre	122
Pinheiros	130
Volta Redonda	145
Barra Mansa	154
Pombal	165
Divisa	173
Surubi*	189
Resende	191
Campo Belo	204
Itatiaia	211
Boa Vista	217
Queluz	228
Lavrinhas	246
Cruzeiro	252

Cachoeira*	266
RAMAL DO PORTO NOVO	
Entre Rios	198
Santa Fé	206
Chiador	217
Anta	225
Sapucaia	234
Ouro-fino	241
Conceição	251
Porto Novo*	262
E. F. SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO	
Cachoeira*	266
Lorena	282
Guaratinguetá	294
Aparecida	299
Roseira	310
Pindamonhangaba	327
Taubaté	343
Caçapava	365
São José	389
Jacareí	405
Guararema	424
Mogi das Cruzes	448
Lajeado	473
Penha	489
Estação do Norte (São Paulo)	497
SANTOS A JUNDIAÍ	
Santos	587

Cubatão	575
Raiz da Serra	565
Alto da Serra	546
Rio Grande	534
São Bernardo	515
São Paulo**	497
Água Branca	505
Perus	522
Belém	538
Jundiaí	559
E. F. MOGIANA	
Campinas*	603,5
Anhumas	613,5
Tanquinho	623,5
Jaguari	638,5
Pedreira (Ramal)	648,5
Coqueiros (Ramal)	658,5
Amparo (Ramal)	671,5
Ressaca	657,5
Mogi-mirim	679,5
Mogi-guaçu	688,5
Mato Seco	720,5
Caldas	737,5
Sertãozinho	747,5
Casa Branca	776,5
E. F. SOROCABANA	
São Paulo*	497
Barueri	527
São João	548

São Roque	566
Piragibu	588
Sorocaba	610
Valeta	625
Ipanema	627
Bacaetava	641
E. F. PAULISTA	
Jundiaí*	559
Louveira	574,5
Rocinha	582
Valinhos	590
Campinas*	603,5
Boa Vista	612,5
Rebouças	620
Santa Bárbara	641
Tatu	653,5
Limeira	665,5
Cordeiro	676,5
Rio Claro (Ramal)	693,5
Araras	694,5
Guabiroba	704,5
Leme	722,5
Pirassununga	745,5
Porto de João Ferreira	771
E. F. ITUANA	
Jundiaí	559
Itupeva	583
Quilombo	594
Itaici	605

Salto (Ramal)	621
Itu (Ramal)	629
Indaiatuba	611
Monte-Mor	632
Capivari	651
Mombuca	666
Rio das Pedras	681
Piracicaba	697
E. F. RESENDE A AREIAS	
Surubi*	189
Plataforma	191
Babilônia	203
Estalo	207
Bambus	213
Formoso	218
E. F. UNIÃO VALENCIANA	
Desengano	132
Quirino	141
Esteves	150
Valença	157
Prado	164
Flores	168
Rio Bonito	173
Santa Delfina	183
Rio Preto	195
E. F. UNIÃO MINEIRA	
Serraria*	212
Silveira Lobo	224

Sossego	231
São Pedro	243
Santa Helena	251
Bicas	261
Roça Grande	284
São João Nepomuceno	293
E. F. LEOPOLDINA	
Porto Novo*	262
Pântano	274
Volta Grande	289
Maia (Ramal)	301
Moinhos (Ramal)	309
Pirapitinga (Ramal)	320
São Luiz	299
Providência	305
Santa Isabel	321
Recreio	329

Campo Limpo	342
Vista Alegre	350
Leopoldina (Ramal)	363
Cataguases	368
Sinimbu	383
D. Eusébia	392
Santo Antônio	400
Pomba	411
Diamante	418
Ubaense	435
Presídio	455
São Geraldo	465
E. F. OESTE-MINAS	
Sítio*	364
Barroso	412
São José	453
São João	463

*Indica bifurcação ou entroncamento.

b) Estradas de ferro da província do Rio de Janeiro que não se ligam à de D. Pedro II
Estrada de Ferro de Mauá. Vide Petrópolis (página 403).

Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. Vide Petrópolis (página 403).

Estrada de Ferro de Cantagalo. Parte de Santana, bairro da cidade de Niterói, capital da província do Rio de Janeiro, e termina na estação de Macuco, contando a extensão de 180.184 metros, e com o ramal do Rio Bonito 209.776 metros em tráfego. É de propriedade da província do Rio de Janeiro. É notável a secção desta Estrada entre Cachoeira e a vila de Nova Friburgo, por ter sido adotado na subida da serra deste nome o sistema Fell, empregado pela primeira vez no Brasil.

Do Porto das Caixas parte o ramal do Rio Bonito.

AGÊNCIA. Na Estação das *Barcas Ferry*, no cais Pharoux.

ESTAÇÃO TELEGRÁFICA, em Niterói, rua Marquês de Caxias, antiga das Chagas, nº 3, próximo à ponte das *Barcas Ferry*. *Telegramas*. De Niterói a Cachoeira, de 1 a 20 palavras, 1\$, não se pagando a direção nem a assinatura do expedidor; de Niterói a Friburgo, de 1 a 20 palavras, 2\$; e de Niterói a Macuco, idem, 3\$. Todos esses telegramas estão sujeitos a taxa adicional de 500 rs. que se cobra pela

entrega na casa do destinatário. O telegrama de 21 a 30 palavras paga mais metade da taxa, pelo acréscimo de 10 ou de menos de 10 palavras.

Estrada de Ferro Macaé e Campos. Escritório: rua da Saúde, nº 40. É de máxima importância para a província do Rio de Janeiro por servir principalmente à copiosa produção da sua zona setentrional. Parte do porto de Imbetiba, pouco ao sul da cidade de Macaé, e estende-se até a de Campos, tendo o desenvolvimento de 96.500 metros. As suas obras de arte mais notáveis são as quatro pontes sobre os rios Macaé, Macabu e Ururaí, que possui duas.

A Companhia põe em comunicação as cidades de Campos e Macaé com o Rio de Janeiro por meio da estrada de ferro de Campos à Imbetiba e dali para esta corte, por vapores, que fazem, no tempo da safra, três viagens por semana, e fora dessa época, duas viagens, sempre em dias previamente anunciados, partindo do Trapiche Carvalho, na rua da Saúde, nº 36.

Desde 1875, esta linha de vapores faz o serviço marítimo do porto do Rio de Janeiro para o de Imbetiba e vice-versa, levando as malas para Carangola, Muriaé, São Fidélis e muitos outros pontos centrais da província do Rio de Janeiro, inclusive aqueles em que são situadas as estações da linha férrea da mesma estrada.

Com a inauguração desta linha de vapores, cessou a navegação que existia para São João da Barra e que era feita por vapores da Companhia Espírito Santo e Campos. Hoje o movimento marítimo daquelas localidades é feito unicamente pela Companhia Estrada de Ferro Macaé e Campos, que nele ocupa cinco vapores, construídos na Inglaterra expressamente para esta navegação.

Esses vapores vão diretamente ao porto de Imbetiba, ponto inicial da Estrada de Ferro Macaé e Campos, e conduzem passageiros, malas, encomendas, bagagens e mercadorias não só para os pontos intermediários desta linha férrea como também para as estradas de ferro *Barão de Araruama*, *Carangola* e *Santo Antônio de Pádua*.

No porto de Imbetiba possui a Companhia duas pontes para atracação de navios, sendo franqueado o mesmo porto por um quebra-mar que se prolonga no rumo de norte a sul.

● HORÁRIO DOS TRENS

De Imbetiba a Campos	nº 1		nº 3	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
Imbetiba		9h30		5h45
Macaé	9h38	9h42	5h03	5h55
Santana	10h12	10h15	6h25	6h30
Carapebus	10h50	10h55	7h03	7h10
Entroncamento	11h35	11h50	7h50	8h00
Dores	12h30	12h35	8h40	8h45
Guriri	1h03	1h10	9h13	9h18
Ururaí	1h18	1h42	9h46	9h50
Campos	2h00		10h10	
De Imbetiba a Campos	nº 2		nº 4	
	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
Campos		9h30		12h30
Ururaí	9h50	9h55	12h46	12h48
Guriri	10h23	10h27	10h10	1h14
Dores	10h55	11h00	1h35	1h38
Entroncamento	11h40	11h55	2h05	2h15
Carapebus	12h35	12h40	2h42	2h45
Santana	1h15	1h18	3h09	3h01
Macaé	1h48	1h52	3h34	3h38
Imbetiba	2h00		3h45	

O trem nº 3 é facultativo; o nº 4 haverá somente nos dias de saída de vapor para a corte.

● PASSAGENS

- Primeira Classe

Estação	Imbetiba	Macaé	Santana	Carapebus	Macabu	Dores	Guriri	Ururáí	Campos
Rio	23\$300	23\$600	24\$600	25\$600	26\$800	27\$700	28\$300	29\$100	30\$000
Imbetiba		\$300	1\$300	2\$300	3\$500	4\$400	5\$000	5\$800	6\$700
Macaé			1\$000	2\$000	3\$200	4\$100	4\$700	5\$500	6\$400
Santana				1\$000	2\$200	3\$100	3\$700	4\$500	5\$400
Carapebus					1\$200	2\$100	2\$700	3\$500	4\$400
Macabu						\$900	1\$500	2\$300	3\$200
Dores							\$600	1\$400	2\$300
Guriri								\$800	1\$700
Ururáí									\$900

- Terceira Classe

Estação	Imbetiba	Macaé	Santana	Carapebus	Macabu	Dores	Guriri	Ururáí	Campos
Rio	10\$000	10\$200	10\$900	11\$600	12\$500	13\$200	13\$300	14\$300	15\$000
Imbetiba		\$200	\$900	1\$600	2\$500	3\$200	3\$700	4\$300	5\$800
Macaé			\$700	1\$400	2\$300	3\$000	3\$500	4\$100	4\$800
Santana				\$700	1\$600	2\$300	2\$300	3\$400	4\$100
Carapebus					\$900	1\$600	2\$100	2\$700	3\$400
Macabu						\$700	1\$200	1\$800	2\$500
Dores							\$500	1\$100	1\$800
Guriri								\$600	1\$300
Ururáí									\$700

Estrada de Ferro Barão de Araruama. Parte da Estrada de ferro Macaé e Campos no lugar denominado *Entroncamento*, município de Macaé termina na raiz da serra de Santa Maria Magdalena. Os seus trens estão em correspondência com os da *Macaé Campos*.

● PASSAGENS

Do Entroncamento a	1ª classe	2ª classe
Paciência	1\$300	\$800
Conceição	2\$500	1\$500
Triunfo	3\$500	2\$100

Estrada de Ferro de Campos a Carangola. Começa na rica e florescente cidade de Campos partindo da margem esquerda do rio Paraíba, defronte da referida cidade, e segue em direção às raíais da província de Minas Gerais. Esta estrada de ferro tem os trens em correspondência com os de *Macaé e Campos*, assim, tem o viajante certeza de que encontrará transporte na de Carangola tomando passagem na de Macaé.

● PASSAGENS

De Campos a	1ª classe	2ª classe
Travessão	1\$360	\$680
Guandu	1\$840	\$920
Penha	2\$400	1\$200
Vila Nova	3\$200	1\$600
Murundu	4\$000	2\$000
Cachoeiro	5\$920	2\$960
Monção	7\$040	3\$520
São Pedro	7\$600	3\$820
Belém	8\$480	4\$240
São Domingos	9\$040	4\$520
Cubatão	10\$080	5\$040
Porto Alegre	10\$320	5\$160
Itabapoana	6\$520	3\$360

Ferrovias de Campos a São Sebastião. Tem 19.930 metros de extensão. Os trilhos são do sistema de Vignole. É particular e pertence a Saturnino Braga & C.^a.

Estrada de Ferro de Santo Antônio de Pádua. Entre a cidade de São Fidélis e a Barra de Córrego de Santo Antônio, com o desenvolvimento de 42 quilômetros. A bitola é de 0,95m. A estrada parte da referida de São Fidélis, na margem direita do rio Paraíba.

Escritório central, no Rio de Janeiro, rua da Saúde, nº 40.

● HORÁRIO

ESTAÇÕES	M1		ESTAÇÕES	M1	
	CHEGA	PARTE		CHEGA	PARTE
		manhã			tarde
São Fidélis		9h00	Barra		2h00
Coqueiro	9h44	9h49	Pádua	2h30	2h38
Valão d'Antas	10h13	10h21	Baltazar	3h07	3h12
Três Irmãos	10h48	10h53	Funil	3h44	3h52
Funil	11h33	11h41	Três Irmãos	4h32	4h37
Baltazar	12h13	12h18	Valão d'Antas	5h04	5h12
Pádua	12h47	12h55	Coqueiro	5h36	5h41
Barra	1h25		São Fidélis	6h25	

A comunicação entre Campos e São Fidélis é feita pelos vapores que navegam no rio Paraíba.

V. CIDADES E LUGARES IMPORTANTES DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, CONSIDERADOS COMO PASSEIOS E RESTAURADORES DE SAÚDE

1. NITERÓI

É a capital da província do Rio de Janeiro e acha-se assentada na margem oriental da majestosa e pitoresca baía do seu nome ou *Guanabara*, enfrontando com a capital do Império. A mais cômoda e rápida comunicação é a linha de *Barcas Ferry*, que partem todas as horas do cais Pharoux, na praça D. Pedro II. Vide página 101.

As ruas da cidade são em geral extensas, largas, bem alinhadas e em grande parte arborizadas. Os edifícios mais notáveis são: a igreja matriz de São João Batista, que é um templo vasto e solidamente construído, de duas torres, e da ordem toscana; a igreja matriz de São Lourenço, no bairro deste nome; o Asilo de Santa Leopoldina, na rua da Constituição, nº 18, em Icaraí, é para meninas e está a cargo da Irmandade de São Vicente de Paula; o Hospital de São João Batista, situado em uma colina entre as ruas na praia e Nova de São Domingos; o Palácio da Presidência, na rua do Presidente Pedreira, em São Domingos; o Quartel do Corpo Policial, na rua da Praia, nº 17; o Necrotério; o Paço da Assembleia provincial legislativa, na rua da Praia, nº 141; a Câmara Municipal, na praça de São João, também denominada Pinto Lima e Municipal; a Escola Normal, na referida praça, nº 31; a Casa de Detenção, na rua São João; e a praça do Mercado, na rua da Praia, em frente à da Conceição, antiga Direita.



*Ponto das Barcas
“Ferry”. Atualmente é
onde fica a Estação das
Barcas da praça XV,
que faz o transporte
aquaviário até Niterói e
outros pontos da baía.
KLUMB, Revert Henry.
Embarcadère de la cie.
Ferry: Calle Pharoux.
Rio de Janeiro, RJ:
[s.n.], 186-. Acervo da
Biblioteca Nacional.*

No largo da Memória ergue-se uma coluna de granito onde se lê a seguinte inscrição lapidar:

EL-REI D. JOÃO 6.^o
DE. SAUDOSA. MEMORIA
DEU. NESTE. LUGAR. BEIJAMÃO
QUANDO. HONROU ESTA CIDADE
E ENTÃO. SIMPLES ARRAIAL
NO DIA 13 DE MAIO
DE
1816.

Compõe-se a cidade da parte comercial denominada *praia Grande* e dos dez seguintes arrabaldes: **São Domingos:** é o seu bairro aristocrático e possui muitas e formosas casas e chácaras. Na rua do Gravatá, ergue-se o palacete do barão da Laguna. No largo de São Domingos faleceu, a 6 de abril de 1838, José Bonifácio de Andrada e Silva. As *Barcas Ferry* tocam neste bairro, na bela ponte que ali possuem. **São Lourenço:** célebre por guardar os restos mortais do valente indígena Martim Afonso de Sousa, Arariboia, que tanto auxiliou Mem de Sá na guerra contra os franceses estabelecidos na baía do Rio de Janeiro. Neste bairro admira-se a igreja de São Lourenço, construída pelos jesuítas antes de 1627; o alvará de 2 de maio de 1758 elevou esta igreja a categoria de paróquia. **Icaraí:** neste arrabalde admira-se a esplêndida e maravilhosa praia de Itapuca, um dos mais encantadores lugares da capital. Ali vê-se no mar rochedos à flor d’água, uns ornados de parasitas e outros brocados e como tanques dispostos para banhos. Das suas pedras a mais famosa é a chamada de *Itapuca*. É o bairro mais concorrido para uso dos banhos de mar. **Santa Rosa. Cubango:** notável pela amenidade do seu clima saudável e puro. **Fonseca. Engenhoca. Santana:** deste bairro parte a Estrada de Ferro de Cantagalo. **Barreto:** neste bairro realizam-se as corridas do *Clube Atlético Brasileiro*. **Neves.**



Clima. O clima da capital da província é em geral salubre; e a sua amenidade é demonstrada pelas famílias que de diversas partes e especialmente da corte vão ali mudar de ares ou aproveitar os belos banhos das praias de Itapuca, das Flechas, Vermelha e Icaraí.

História. Niterói foi primitivamente uma povoação de indígenas de uma das numerosas tribos que habitavam as proximidades da baía da Guanabara. Por alvará de 10 de maio de 1819, foi-lhe conferido o título de *Vila Real da praia Grande* e, por lei provincial de 26 de março de 1835, veio a ser a capital da província do Rio de Janeiro, conferindo-se a ela a categoria de cidade com o nome de Niterói a 28 de março do mesmo ano e o título de *Imperial* por decreto de 22 de agosto de 1841.

Bondes. Partem da ponte das *Barcas Ferry*, na praia Grande, todos os bondes das quatro linhas ali existentes.

1 A) Linha do *Barreto*. Tabuleta ou luz: *amarela*.

SUBIDA e DESCIDA: ruas da Praia, do Imperador, de São Lourenço, de Santana, general Castrioto e largo do Barreto.

1 B) Linha de *Santana*. O carro desta linha parte do ponto inicial às 6h50 da manhã e às 2h50 da tarde, conduzindo passageiros para a Estrada de Ferro de Cantagalo; e percorre as mesmas ruas que os da linha **1 A** até a esquina da rua e da travessa de Santana, de onde segue por esta travessa até a estação daquela estrada.

2 A) Linha circular de *Icaraí*. Tabuleta ou luz: *encarnada*.

Rua da Praia, ponte de São Domingos, ruas do Passo, da Pátria, Presidente Domiciano, Presidente Pedreira, largo do Ingá, praias de Itapuca, de Icaraí, ruas da Constituição, do Sousa, do Reconhecimento, Santa Rosa, largo do Marrão, rua do Calimbá, rua e largo da Conceição, rua Visconde de Itaboraí, São Pedro, da Praia, até o ponto de partida.

2 B) Linha circular de *Santa Rosa*. Tabuleta ou luz: *encarnada e verde*.

Vista de Niterói sobre o porto do Rio de Janeiro.
Por J. Bury, 1887.
Acervo de Iconografia/
Instituto Moreira Salles.

Os carros desta linha percorrem, em direção contrária, as mesmas ruas e praças que os de **2 A**.

3) Linha da Rua Nova. Tabuleta ou luz: *verde*.

SUBIDA e DESCIDA: ruas da Praia, São Pedro, Visconde de Itaboraí, praça Santo Alexandre, largo da Memória, ruas Andrade Neves, José Bonifácio, rua e ponte São Domingos.

4) Linha circular do Quartel. Tabuleta ou luz: *roxa e encarnada*.

Ruas da Praia, Marquês de Caxias, do Príncipe, praça do Quartel, rua Visconde de Itaboraí, São Carlos, da Praia até o ponto de partida.

PASSAGENS

Nas linhas **1 A** e **1 B**: paga 290 rs. cada passageiro.

Na linha **2 A**: até o largo do Marrão 200 rs., e dali até o ponto de partida outros 200 rs.

Na linha **2 B**: até o Jardim de Icarai 200 rs., e dali à praia Grande outros 200 rs.

Nestas duas linhas: da praia Grande ao largo da Conceição (linha **2 B**) ou vice-versa (linha **2 A**) 100 rs.

Nas linhas **3** e **4**: custa 100 rs. a passagem.

CARROS ESPECIAIS

A empresa aluga bondes de 3, 4, 5 e 7 bancos, cobrando a lotação do carro pelo preço das passagens na linha a percorrer.

Veículos de praça. Acham-se postados na rua da Praia em frente à estação das *Barcas Ferry* e os seus preços regulam mais ou menos como os da corte. O largo de São Domingos também é ponto de veículos de praça.

Cocheiras de seges e animais de aluguel e a trato. Nas ruas São João Batista, nº 7 e 319, da Rainha e Visconde de Itaboraí, nº 73.

Hotéis. Niterói não possui hotéis; apenas conta o *Hotel Niterói*, na rua da Praia, nº 101, mas que não satisfaz ao viajante por ser antes uma casa de pasto.

Jardins. Possui três belos jardins, o jardim Pinto Lima, na praça de São João, em frente à igreja de São João Batista; o do Ingá, no bairro de São Domingos; e o de Icarai, no bairro do mesmo nome.

Gazetas. Apenas conta uma gazeta, que se intitula *O Fluminense, órgão dos interesses da província do Rio de Janeiro*. É periódica e aparece às quartas, sextas e domingos, na rua São João, nº 39.

Correio. Na rua da Praia. O serviço da coleta e distribuição da correspondência desta cidade é feito do seguinte modo:

As caixas do correio urbano são coletadas diariamente às 8 e 12 horas da manhã e às 3 horas da tarde, na:

Ponta da Areia, rua do Príncipe, junto ao prédio nº 4.

Rua da Praia, junto à Secretaria de Polícia.

Rua da Rainha, esquina da praça Dezenove de Fevereiro.

Rua do Imperador, junto à Secretaria do Governo.

Largo do Barreto, junto ao posto da guarda policial.

Ponte de Pedra.

Largo da Conceição, em frente à subida da igreja da Conceição.

Largo de São João, junto à Escola Normal.

Largo do Rosário, no Icarai.

Rua do Calimbá, junto ao prédio nº 27.

Rua Mem de Sá, esquina da rua do Reconhecimento.

Rua José Bonifácio, junto ao prédio nº 4, em São Domingos.

A distribuição da correspondência é: na cidade, às 10 horas da manhã e às 2 e 5 horas da tarde; nos subúrbios, na distância de cinco quilômetros do litoral até onde houver condição nos bondes, às 10 horas da manhã e às 5 horas da tarde.

As malas da corte são recebidas diariamente as 9h30 da manhã e às 1h30 e 3h30 da tarde.

Uma carta até 15 gramas dirigida da Corte para Niterói paga 100 réis.

Teatros. Possui um, o *Teatro Fênix Niteroiense*, na rua Visconde do Uruguai; mas nada oferece de notável, tendo sido primitivamente um *ringue*.

2. PETRÓPOLIS

Petrópolis quer dizer *a cidade de Pedro*, nome que lhe provém em homenagem a Sua Majestade, o Imperador, o senhor d. Pedro II, a quem se deve o maior impulso da ideia da sua fundação e do seu progressivo desenvolvimento.

Jaz ela assentada no cume da serra da Estrela, a 803 metros acima do nível do mar. Denominava-se antes aquele lugar *Córrego Seco* e pertencia ao patrimônio imperial. É a residência de verão de Suas Majestades e Altezas Imperiais e do corpo diplomático estrangeiro.

O dr. Cortines Laxe, no seu *Regimento das Câmaras Municipais* anotado, assim se exprime, tratando do município de Petrópolis: “Tendo Sua Majestade, o Imperador, mandado construir um palácio no alto da serra da Estrela em terras de seu patrimônio, e tendo, anteriormente, a lei provincial nº 193 de 12 de maio de 1840 mandado abrir uma estrada que da Estrela conduzisse ao Paraibuna (estrada normal da Estrela), concebeu o dr. João Carlos Vianna, presidente da província em 1843, a ideia de fundar nas vizinhanças do projetado palácio uma colônia. Em seu relatório deu ele notícia de haver mandado estudar o local.

“Ao senador Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba) coube a realização daquela ideia. Em 17 de junho de 1844, contratou com a casa de Carlos Delrue, negociante de Dunquerque, a remessa de 600 casais de alemães trabalhadores e oficiais de ofício, com o intuito de empregá-los nas obras da Estrada normal da Estrela. Mandando a casa de Carlos Delrue, em diversos navios e quase simultaneamente, não os 600 casais, mas 2.303 colonos, achou-se o governo provincial embarçado para acomodá-los. Nesta conjuntura, mandou Sua Majestade, o Imperador, oferecer, por intermédio de seu mordomo, as terras de Petrópolis para que nelas se estabelecessem os mesmos colonos. Para ali partiram estes, com efeito, chegando no dia 29 de junho de 1845, ficando assim fundada a colônia, cujo primeiro diretor foi o major Júlio Frederico Koeler. Sua Majestade, o Imperador, fazendo dividir suas terras em prazos para dá-los de aforamento, isentou os colonos desse foro por espaço de oito anos.

“Até 1846, foi Petrópolis simples curato, mas pela lei provincial nº 397 de 20 de maio desse ano foi elevado à freguesia com a invocação de *São Pedro de Alcântara de Petrópolis*, passando a fazer parte do município da Estrela.

“Pela lei provincial nº 961 de 29 de setembro de 1857, foi Petrópolis ereta em cidade, anexando-se ao seu município o segundo distrito da freguesia de São José do Rio Preto.

“A administração colonial foi extinta por deliberação do governo provincial de 5 de janeiro de 1860. Petrópolis é cabeça de comarca do seu nome”.

Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, no seu relatório apresentado à Assembleia Legislativa provincial de 1846, tratando do desenvolvimento da colônia de Petrópolis, acrescenta: “S. M., o Imperador, deu um fortíssimo impulso ao desenvolvimento desta colônia e povoação de Petrópolis, não só mandando distribuir terras, sementes e animais pelos colonos, como ordenando ali a construção de um engenho de serrar em ponto grande, movido por água, obra muito proveitosa, que faculta a todos os moradores e empreendedores de prédios poderem serrar tabuados e madeiras por preços muito baixos, facilitando assim as construções em um lugar que pela salubridade proverbial dos ares e águas tem de chamar a si muito brevemente casas de saúde, colégios de educação, casas de recreio etc; o que tudo deve muito concorrer para a prosperidade da colônia”.

Como se vê, a povoação de Petrópolis marchou rapidamente a partir dos seus primeiros dias. A benéfica influência de S. M., o Imperador, fez com que em pouco tempo surgisse como que por encantamento uma cidade em substituição de florestas virgens. A ideia da construção do palácio de recreio do Imperador para residência de verão, a distribuição das terras do patrimônio imperial por aforamento a quem quisesse edificar casas de recreio ou de habitação ou cultivar produtos deu em resultado a fundação da referida colônia. E sem os colonos alemães, seja dito em honra da verdade, Petrópolis não seria hoje o que é.

O major de engenheiros Júlio Frederico Koeler, hanoveriano em serviço do Império, o visconde de Sepetiba e o conselheiro Paulo Barbosa da Silva foram os três grandes executores da ideia da fundação da cidade.

Koeler faleceu a 21 de novembro de 1847, na idade de 43 anos, vítima de um lamentável incidente: do descuido de um dos seus amigos em ocasião em que se divertiam atirando ao alvo.

Carlos Augusto Taunay, nas seguintes linhas da sua *Viagem pitoresca a Petrópolis*, sugere a ideia de se levantar um monumento a Koeler: “Não seria ato bem cabido que por via de uma subscrição, ou de uma resolução da Câmara Municipal, os petropolitanos erigissem uma estátua, fonte com busto, ou qualquer monumento ao benemérito cidadão que presidiu o primeiro desenvolvimento da colônia e cidade?”.

Três espécies de locomoção oferece a viagem a Petrópolis: por mar, a vapor, no litoral; por estrada de ferro e na serra, em diligências ou carruagens. Em breve, porém, a subida da serra em diligências será substituída pela *Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará*, de cremalheira central, que fará a ascensão a partir da *Raiz da Serra*, ponto onde termina a *Estrada de Ferro de Mauá*, até a rua do Imperador, a principal de Petrópolis.

Assim que se deixa a Prainha, ponto de partida dos vapores, começa-se a admirar os diversos panoramas que se vão oferecendo a cada momento aos olhos do viajante. Apresenta-se logo em frente ao vapor, ao fundo da baía, a enorme *Serra dos Órgãos*, deixando ver-se a sua famosa pedra conhecida pelo nome de *Dedo de Deus*.

À direita vê-se pertinho a pequena ilha das Enxadas, e ao longe a cidade de Niterói; à esquerda descortina-se a ilha do Bom Jesus, onde se acha assentado o Asilo de Inválidos da Pátria, e nele o túmulo do legendário Osório, e mais ao fundo a igreja de Nossa Senhora da Penha assentada no cume de elevada pedra; e em frente, um pouco à esquerda, acha-se a ilha do Governador, a maior da baía. O vapor margeia a face oriental desta grande ilha, cujo panorama é atrativo, e logo depois aparece a poética ilha do Boqueirão,

apenas separada da do Governador por um largo canal. Outro panorama esplêndido mostra-se aos olhos do viajante, que admira nesta ilha as suas formas esquisitas e as pedras arredondadas, que como a ilha de Paquetá e parte da do Governador, orlam as suas margens do modo mais encantador, parecendo antes colocadas artisticamente pela mão do homem do que pela natureza. As numerosas casas, as caieiras fumegantes que se veem disseminadas por toda a costa da ilha do Governador formam uma perspectiva de muita beleza e ali se admira como são aquelas paragens tão povoadas.

Pouco tempo depois de passar-se a ilha do Boqueirão, pela direção que leva o vapor, distingue-se logo o porto de Mauá e a ponte de desembarque. À direita, em uma pequena elevação, avista-se a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, e abaixo dela a casa do senhor Joaquim Mauá; à esquerda vê-se outra igreja, que é a de Nossa Senhora da Guia. É uma viagem muito agradável esta travessia de parte da grande baía. A sua duração é de 1 hora e 10 minutos, mais ou menos.

Chegado o vapor a Mauá, logo em seguida ao desembarque, toma-se o trem de ferro, a primeira estrada construída no Brasil; cortando a várzea em direção à *Serra dos Órgãos* conduz esta via férrea o viajante à raiz da serra da Estrela, por um trajeto de cerca de uma hora. Na estação da Estrada de Ferro de Mauá toma-se os carros da serra, que sobem a estrada normal da serra da Estrela e chegam até o coração da risonha cidade de Petrópolis.

No lugar conhecido pelo nome de *Meio do Serra* os carros demoram cerca de 5 minutos para mudarem os animais. Neste lugar há um botequim, em que se vende café, que é horroroso e custa 100 rs. a xícara.

A estrada normal da serra da Estrela, mantida pela província do Rio de Janeiro, é larga, magnífica e sustentada em quase toda a sua extensão, que é de 13 quilômetros, por sólidos paredões de pedra e cal, com os competentes parapeitos cobertos de lajes de cantaria granítica.

Os carros são excelentes e a subida é suavíssima, apesar dos zigue-zagues que a cada passo se apresentam.

A subida da serra da Estrela constitui por si só um passeio agradabilíssimo, gozando-se ainda dos ares mais puros do mundo. Ali há muito que admirar: cachoeiras, cascatas, grutas, pedras enormes, árvores destacadas de mil formas esquisitas e panoramas esplêndidos sobre a baía observam-se a cada instante, de tal modo que o viajante, embalado e encantado de tão animados e belos espetáculos da pródiga natureza intertropical, passa insensivelmente duas horas de viagem recebendo cada vez impressões mais agradáveis e ainda não vistas.

Os golpes de vista sobre a baía que se vão desencadeando a cada curva da estrada são magnificamente observados pelo viajante. Quase ao termo da subida da serra desenrola-se então grande parte da baía com as suas ilhas disseminadas e a capital do Império. À entrada da barra, o *Pão de Açúcar*, o *Corcovado*, a serra da Tijuca com o seu pico mais elevado, denominado *Bico do Papagaio*, são pontos que se observam desde que se começa a transpor a serra. Já quase no alto da serra descobre-se perfeitamente por detrás da serra da Tijuca a afamada *Pedra da Gávea*, mostrando apenas a sua parte mais culminante e de cor azulada pela grande distância.

Transposta a serra da Estrela, entra-se na garganta da *Vila Teresa* e pouco tempo depois chega-se à rua do Imperador, a maior e a mais popular da cidade de Petrópolis.

É a cidade mais bela, mais poética e mais saudável do Brasil, e o viajante que aportar à capital do Império deve fazer uma visita à encantadora Petrópolis, miniatura americana das cidades da Suíça.

Três rios banham a povoação: o *Quitandinha*, o *Córrego Seco* e o *Piabanha*. O *Quitandinha* e o *Córrego Seco*, correndo ambos no centro da rua do Imperador, em direção oposta um do outro, unem-se na mesma rua na praça D. Pedro II e, formando uma confluência ou junção, descem em um só canal pela rua da Imperatriz, de D. Maria II, de D. Afonso, Bragança e da Princesa D. Leopoldina, onde na rua Nassau forma uma confluência com o rio Piabanha, que continua a correr mais volumoso pela rua Westfália, e vai, depois de algumas léguas, despejar no rio Paraíba, que fenece em São João da Barra, banhando antes a cidade de São Fidélis, a de Campos, a mais comercial da província do Rio de Janeiro, e a de São João da Barra, hoje em decadência.

As referidas ruas do Imperador, da Imperatriz, de D. Maria II e sobretudo a de D. Afonso, cortadas a fio comprido pelo canal, e atravessadas de pontes, são de uma beleza sem rival, admirando-se nelas elegantes renques de árvores nas duas margens dos rios. Na rua do Imperador veem-se alegres e festivos os *chorões*, que quando ornem os túmulos e monumentos dos cemitérios são tão tristes e cheios de melancolia, e não poucos *pinheiros* de elevada altura. Na rua de D. Afonso são de entusiasmar aos olhos do visitante os renques das ainda novas *magnólias do Pará* que a adornam com o maior esplendor.

As ribanceiras do canal que corta a maior parte da cidade, além dos gramados, cobrem-se de roseiras silvestres, rasteiras, nativas do lugar.

Apesar de montanhoso o solo em que se assenta a imperial cidade, todas as ruas de Petrópolis são planas, porque elas circulam os morros que maior realce e beleza lhes dão. Assim, só depois de se percorrer todas as suas ruas e praças é que se pode conhecer quanto é linda a cidade, deixando uma impressão vivíssima no espírito do observador, que sente ao demorar-se nela algum tempo um bem-estar indefinível, uma doce quietação d'alma adorável, que não sentiria em outra parte: a cidade casa em si as comodidades e convívio do povoado com as doçuras inefáveis da solidão americana.

É uma odalisca oriental, expatriada, recostada em divãs de cetim e de veludo cor de esmeralda.

A residência temporária de S. M., o Imperador, durante o estio, de fins de dezembro a abril, dá a Petrópolis uma grande vitalidade, que lhe é de imenso proveito.

Por esta mesma época, numerosas famílias de capitalistas e negociantes abastados da capital do Império vão ali passar o verão, o que ainda mais concorre para o progresso e desenvolvimento constante da princesa das cidades do Brasil.

O clima de Petrópolis é saudabilíssimo e as pessoas que para ali se dirigem doentes voltam coradas, robustas e fortes.

A cidade possui excelentes casas de residência e quase todas as suas ruas são muito povoadas e ornadas de magníficos jardins, que fazem os encantos de quem os observa e as delícias de quem os desfruta.

Petrópolis oferece todos os recursos de que possam carecer os enfermos ou as pessoas que vão por mero passatempo, distração ou recreio. Nas numerosas e magníficas casas de negócio que conta, sobretudo na rua do Imperador, encontra-se de tudo o que se acha na capital do Império. Assim, ao viajante em Petrópolis nada lhe faltará.

As principais ruas de Petrópolis são: Teresa, Aureliano, Princesa D. Francisca, Princesa D. Januária, do Imperador, Conselheiro Paulo Barbosa, Tonelero, Honório, Visconde de Sousa Franco, do Palatinato, da Imperatriz, D. Maria II, D. Afonso, D. Isabel, Joinville, da Princesa D. Leopoldina, Westfália, Nassau, Monte Caseros, Paulino Afonso, Duque de Saxe, Conde d'Eu, Bragança, Almirante Barroso, Bourbon, Renânia etc.

As praças são: D. Pedro II, Municipal, São Pedro de Alcântara, da Confluência e D. Afonso.

Possui os arrabaldes: Quitandinha, Renânia, Presidência, Castelândia, Westfália, Mosella, Bingen, Quissamã e Quarteirão Suíço.

As cascatas dos arredores de Petrópolis de maior nomeada e dignas da visita do viajante são as três seguintes. A *Cascata de Itamaraty*, a *Cascatinha* e a *Gruta das Saudades*. A *Cascatinha* é formada pelo rio Piabanha e fica à direita da Estrada União e Indústria. Vista de baixo, da fábrica de tecidos denominada *Petropolitana*, a *Cascatinha* é distribuída em três quedas, sendo a primeira, à esquerda de quem a olha frente, e à direita corre a água mais rara, distinguindo-se perfeitamente a pedra em que se desliza. O viajante que se dirige até a *Cascatinha* passa pela barreira do Retiro e paga a cavalo 80 rs. e em carro 500 rs., tanto na saída como na volta.

De Petrópolis parte a importantíssima Estrada União e Indústria, tendo o seu começo no fim da rua Westfália, que é um prolongamento da Princesa D. Leopoldina.

No princípio desta estrada, à direita, vê-se assentada no corte de uma parede de terra uma lápide de mármore branco, na qual ocorre a seguinte inscrição:

SOB A MUITO ALTA PROTEÇÃO DE S. M.
O IMPERADOR
O SENHOR D. PEDRO II
E NA AUGUSTA PRESENÇA DO MESMO SENHOR E
DE S. M.
A IMPERATRIZ
A COMPANHIA UNIÃO E INDÚSTRIA COMEÇOU A
CONSTRUIR ESTA ESTRADA NO DIA 12 DE ABRIL DE
1856.

Esta estrada de rodagem, que é magnífica e toda macadamizada, dirige-se até Juiz de Fora, na província de Minas Gerais, com o desenvolvimento de 232 quilômetros, e margeia o rio Piabanha ora à esquerda, ora à direita, até entrar ele no Paraíba, e daí por diante igualmente margeia o rio Paraíba, outro afluente do Paraíba, até o seu ponto terminal em Juiz de Fora. Possui diversas barreiras, sendo a primeira a do Retiro de Santo Antônio, que rende mensalmente cerca de 50 contos de réis. Assim, quem se dirige à *Cascatinha* paga: a cavalo 80 rs. e em carruagem 500 rs., quer na ida, quer na volta. Em geral o pagamento é feito na volta.

Locomoção da corte para Petrópolis e vice-versa

O custo da passagem dos três meios de locomoção que oferece a viagem a Petrópolis é de 10\$ de ida e 10\$ de volta, comprando-se os bilhetes nas duas agências extremas, quando a viagem for do ponto de partida ao terminal. A agência da Companhia em Petrópolis é na rua do Imperador, nº 21, junto ao Hotel Bragança. Os bilhetes que dão passagem nos carros da serra trazem escrito a tinta o número ou o nome do carro em que deve embarcar o passageiro, quer na ida, quer na volta.

A viagem da corte à Petrópolis é de quatro horas; assim, nos dias em que a barca parte às 2h da tarde o viajante chega à Petrópolis às 6h da tarde. A partida dos carros desta cidade para a Raiz da Serra é às 6h30 da manhã e o viajante chega à Prainha às 10h mais ou menos.

Diz-se, porém, que quando começar a funcionar a *Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará* a viagem inteira de um ponto a outro será de apenas duas horas.

● PASSAGENS DA CORTE A PETRÓPOLIS E VICE-VERSA

De 1ª classe	10\$000
De 2ª classe	8\$000
De 2ª classe fora	7\$000
De 3ª classe	5\$000

● BAGAGENS

Leve	1\$000	cada 15 quilos
Pesada	\$600	cada 15 quilos
Carga	\$240	cada 15 quilos

Os volumes que excederem de 0,60 de comprimento por 0,30 de largura e altura pagam frete.

É agente da Companhia em Petrópolis o prestimoso senhor Bento Guimarães.

A barca da Companhia parte da Prainha (praça Vinte e Oito de Setembro) todos os dias úteis às 2h da tarde, e domingos e dias santificados às 11h da manhã, e durante a estação calmosa às 6h30 da manhã. Nos meses de maio a outubro parte a 1h da tarde nos dias úteis. O trem da estrada de ferro parte da Raiz da Serra todos os dias às 7h45 da manhã e de Mauá para a Raiz da Serra dez minutos depois da chegada da barca. As horas da chegada e partida dos carros da serra coincidem com as dos trens da Companhia.

● PASSAGENS

Das estações abaixo para as ao lado e reciprocamente	Mauá			Inhomirim			Raiz da Serra		
	1ª classe	2ª classe	Descalços	1ª classe	2ª classe	Descalços	1ª classe	2ª classe	Descalços
Prainha	2\$000		1\$000	3\$000	2\$500	1\$500	6\$000	4\$000	2\$000
Mauá				2\$000	1\$000	\$500	4\$000	2\$000	1\$000
Inhomirim							2\$000	1\$000	\$500

Observações. As crianças menores de 3 anos são transportadas gratuitamente, contanto que vão sobre os joelhos das pessoas que as acompanham. As de 3 a 7 anos pagam meia passagem e têm direito

a um assento; ocupando, porém, duas crianças o lugar de um passageiro. Maiores de 7 anos pagam por inteiro. Nos carros de 1ª classe só são admitidas pessoas decentemente vestidas. Os bilhetes de 2ª e 3ª classe entre Prainha e Mauá só dão passagens a descalços.

Vendem-se na estação da Prainha *bilhetes mensais* que dão direito a quatro viagens de ida e volta, em 1ª classe, entre Prainha e Raiz da Serra, por 32\$. Esses bilhetes são nominativos e intransferíveis e serão anulados se a pessoa neles designada o ceder a outrem, perdendo, em tal caso, a soma que houver pagado. Devem ser apresentados toda vez que o empregado da Companhia o exija e na falta desta apresentação será cobrada a passagem por inteiro, sem direito a retribuição alguma. O portador assinará o bilhete para, por este meio, reconhecer-se sua identidade sempre que haja dúvida.

Uma sineta é tocada 15 e 5 minutos antes da partida da barca, e as pessoas que por distração nos bota-foras e visitas se deixarem ficar a bordo pagam passagem.

Estrada de Ferro de Mauá. Escritório: rua da Alfândega, nº 50. Esta estrada, que liga o porto de Mauá à Raiz da Serra da Estrela, foi a primeira via férrea que se construiu no Brasil; foi inaugurada toda a linha a 16 de dezembro de 1856. Conta 18 quilômetros de extensão e é a via férrea brasileira de maior largura, sendo a sua bitola de 1,68 metros. O declive máximo é de 1,80 metros e o raio mínimo das curvas 290,32 metros. Sendo construída, na sua maior parte, em terreno paludoso, não possui cortes profundos nem obras de arte dignas de nota. O seu tráfego, outrora muito grande, ficou reduzido com a fundação da Estrada de Ferro D. Pedro II, de modo que hoje consiste no transporte de passageiros e mercadorias para a notável cidade de Petrópolis.

À Irineu Evangelista de Sousa, atual visconde de Mauá, cabe a glória de haver realizado esta primeira estrada de ferro no país. O seu traçado foi o primeiro ideado para o da via férrea, antes da Estrada D. Pedro II.

Tem três estações: Mauá, porto de mar; Inhomirim e Raiz da Serra. A parte restante da viagem a Petrópolis é feita em carruagens ou diligências que sobem a serra da Estrela pela sua magnífica estrada normal perfeitamente macadamizada e em zigue-zagues.

Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. Parte da Raiz da Serra da Estrela e deve finalizar na cidade de Petrópolis, sendo a estação terminal na rua do Imperador, esquina da rua Tonelero. A 1º de agosto de 1881, foram encetados os trabalhos da sua construção. O sistema adotado é o de Riggensbach, chamado de cremalheira central, para os 6.031 metros que vão da raiz da serra à estação do alto, sendo daí em diante até Petrópolis, na extensão de 2.244 metros, empregado o sistema comum.

A construção desta importante e curiosa estrada de ferro ainda não está terminada; mas em princípios de 1883 será inaugurado o seu tráfego, e vai decerto contribuir para o progressivo desenvolvimento da risonha Petrópolis.

Diligências de Entre-Rios. Partem de Petrópolis, da rua Visconde de Sousa Franco, próximo do fim da rua do Imperador, e percorrem pela Estrada União e Indústria. Empresário John Mathiew Moretti. *Preços:* 1ª classe, dentro ou fora, 15\$; 2ª classe, idem, 9\$. Estas diligências partem às 4h30 da manhã e chegam de volta à Petrópolis às 5h da tarde.

Hospedagem. Os hotéis de Petrópolis são todos eles excelentes e em condições e asseio superiores aos da capital do Império.

Hotel d'Orleans, na rua do Almirante Barroso, com a frente voltada para a praça D. Afonso e rua do mesmo nome. O edifício é grande e solidamente construído pelo seu proprietário, o senhor Antônio

Pereira Campos, sendo desde o seu começo expressamente delineado para um hotel de primeira ordem. Assim, oferece aos viajantes tudo o que o luxo e a elegância podem ter de mais refinado e confortável. Possui passeios em florestas, labirintos, banhos de duchas e de cachoeira. Tem dois bilhares e piano. O lugar em que se acha colocado este magnífico e sem igual hotel, o primeiro em harmonia, bom gosto e asseio do Brasil, é ameno e aprazível. Dele descortina-se uma vista esplêndida e toda cheia de encantos, sendo a mais próxima a risonha e poética rua de D. Afonso cortada pelo rio e adornada de renques de magnólias do Pará.

Ao fundo do hotel ergue-se uma enorme montanha, cortada de ruas e artisticamente ornada na parede que se vê de casa.

O preço das suas pensões é igual ao das pensões do hotel *Bragança*, indicado em seguida.

Hotel Bragança, de Antônio Pereira Campos, rua do Imperador, nº 23. Pensão diária 5\$. Meninos e criados 3\$000. Almoço, sem vinho, 2\$; jantar, idem, 3\$500. Aposento para uma dormida, 2\$. Um banho quente, 1\$; banho frio, 500 rs.; assinatura mensal de banhos frios, 12\$. Para toda a estação calmosa (de 1º de dezembro a 30 de abril) os hóspedes habituais têm o abatimento de 10% nas pensões. Este hotel é excelente; possui bons e arejados aposentos. Tem um vasto salão para bailes, reuniões familiares e representações dramáticas.

No interior é adornado de jardins e cascatas. Do alto do morro que se ergue ao fundo deste hotel descortina-se uma bela vista, que deve ser observada pelo viajante. Os banhos frios são magníficos. Tem piano. O almoço serve-se às 9h30 da manhã e o jantar às 4h30 da tarde. Os hóspedes podem tomar chá das 7 às 10h da noite. Os empregados deste hotel falam francês e alemão.

Hotel do Grão-Pará, de Jorge Beresford, rua do Imperador, nº 90, em frente ao Palácio Imperial. Pensão por dia, 5\$; crianças e criados, 3\$; aposento por uma noite, 3\$. Almoço, sem vinho, 1\$500; jantar, idem, 2\$. Tem piano. É hotel recomendável e possui bons aposentos. Os empregados falam inglês.

Hotel Mac Dowal, de Ricardo Mills, rua Princesa D. Januária, nº 10. É inglês e bom. Tem piano. No preço das pensões é igual ao hotel *Bragança*.

Hotel Oriental, de Jaques de Oliveira Campos, rua Princesa D. Leopoldina, nº 38, em frente da rua Bragança e da praça D. Afonso. O preço da pensão é igual ao do hotel Bragança.

Restaurantes. Hotel de João de Jesus Henriques, rua do Imperador, nº 47. Hotel do Azevedo, na mesma rua, nº 42.

Carros e animais de aluguel. Cocheiras. Alugam carros abertos e fechados, landaus, breaches, carros de passeio, animais para viagens e passeios. Salvador Martins, rua do Imperador, nº 25, junto ao hotel Bragança. Carros para passeio dentro da cidade, 5\$, e até a *Cascatinha*, 8\$. **Land & Bruche**, rua do Imperador, nº 43. Idênticos preços e cavalos para passeio, 4\$ até a *Cascatinha*. **Brandão**, rua do Imperador, nº 116. Carros para dentro da cidade, 4\$; e para os arrabaldes, como a *Cascatinha*, 5\$, 6\$, 8\$ e 10\$, conduzindo os deste último preço até 14 pessoas.

Correio. Na rua do Imperador, defronte da casa nº 17. Abre-se das 11h da manhã às 2h da tarde e das 5h da tarde às 8h da noite. Só até as 7h da noite recebem-se cartas registradas. A correspondência é distribuída logo depois da chegada a mala, às 6h da tarde nos dias úteis e às 3h nos domingos e dias santos. Um estafeta leva a correspondência à casa dos destinatários que residem no perímetro da cidade.

A casa desta agência não condiz com o asseio e beleza da poética cidade. Parece antes um Correio de aldeia feia e pobre.

Telégrafo. Na rua do Imperador, defronte da casa nº 21. Petrópolis é digna de possuir uma agência telegráfica mais em harmonia com o seu embelezamento próprio.

Gazetas. Possui duas publicações periódicas. O *Mercantil*; publica-se às quartas-feiras e sábados, na rua Teresa, nº 135. O número avulso custa 100 rs. O *Arauto*, que é hebdomadário: escritório e tipografia, rua do Imperador, nº 116. Custa 100 rs. o número avulso.

Banhos. Gustavo Robbe, rua do Imperador, nº 49. Banhos frios 500 rs., e quentes 1\$000.

Duchas (Estabelecimento de) José Court. Um banho, 2\$, mas sendo por assinatura custam mais baratos. O proprietário não tem poupado esforços para colocar este estabelecimento em condições iguais aos primeiros deste gênero da Europa. É, pois, digna de ser visitada esta casa de banhos.

Cabeleireiros e barbeiros. Rua do Imperador, nºs 28 e 45. Uma barba custa 200 rs.; corte de cabelo, 400 rs; lavagem de cabeça, 500 rs.; frisar, 600 rs. Assinatura mensal, 3\$. Vão à casa dos fregueses.

Bilhares. Do Nicolau, 3 bilhares, rua do Imperador, nº 14. Preço por hora: dia, 500 rs. e noite, 1\$. Salão Pereira, 3 bilhares, rua Princesa D. Januária, nº 7. Idênticos preços. Salão da Floresta, rua do Imperador, nº 35.

Confeitarias. De Bervet & Garcia, rua do Imperador, nº 62. Tem lanches a qualquer hora e diversas qualidades de refrescos e bebidas. Encarrega-se de preparar bandejas de doces para festas.

Cervejarias. Fábrica Imperial de Frederico Guilherme **Lindscheid**, rua Princesa D. Leopoldina, nº 20. Cerveja branca e preta, dupla e especial, água gasosa, limonada e sifões. Esta fábrica é montada com luxo e possui um magnífico salão para receber os consumidores. A sua cerveja é muito apreciada no Rio de Janeiro. Uma garrafa de cerveja simples custa 100 rs.; dupla, 140 rs.; e especial, 180 rs. Fábrica de João **Becker**, rua Teresa. Os preços são iguais aos da fábrica antecedente. Fábrica de João Machado **Barcellos**, rua Teresa. Os mesmos preços das duas anteriores.

Sociedades de Música. Congresso Filarmônico 15 de Março, rua Princesa D. Januária. Clube Carlos Gomes, na garganta de Vila Teresa. Estrela do Oriente, rua D. Isabel.

Palácios da Família Imperial. *Palácio de Sua Majestade, o Imperador*^[226], situado na rua do Imperador, esquina da da Imperatriz. É grande e vistoso, posto que de arquitetura muito simples e sóbria. Circundam-no elegantes árvores e jardins bem tratados. *Palácio da Princesa Imperial D. Isabel*^[227], na rua de D. Isabel. Está presentemente sendo aumentado. É circulado de jardins.

Edifício mais notáveis. Palácio de Cristal^[228], rua da Princesa D. Leopoldina. Asilo de Santa Isabel, rua do Imperador, nº 58. Hotel d'Orleans, rua Almirante Barroso, com a frente voltada para a praça e rua D. Afonso. Palacete do barão do Catete, rua D. Afonso, nº 8. Palacete Passos, praça D. Afonso, esquina da rua do mesmo nome. Casa dos padres Paiva, rua Westfália, nº 11. Hospital de Santa Teresa, rua da Presidência. Hotel Bragança, rua do Imperador, nº 23. Colégio Paixão, rua do Palatinato. Asilo do padre Siqueira, rua de Bragança, esquina da Princesa D. Leopoldina. Hospício de Jerusalém, na rua Renânia. Imperial Fábrica de tecidos de São Pedro de Alcântara, rua Renânia, nº 14. Fábrica de tecidos Petropolitana, na Cascatinha do Retiro. Estabelecimento de Duchas, rua de Nassau.

[226] Palácio Imperial de Petrópolis. Foi concluído em 1862. Hoje abriga o Museu Imperial de Petrópolis.

[227] Casa da Princesa Isabel, comprada pelo Conde d'Eu em 1876. Não é aberta ao público para visitas.

[228] Foi encomendado pelo Conde d'Eu e inaugurado em 1884.

Templos e capelas. **Igreja matriz de São Pedro de Alcântara**^[229], rua da Imperatriz. É simples, pequena e possui três altares, dois laterais e o altar-mor. **Igreja do Sagrado Coração de Jesus**^[230], rua de Monte Caseros, esquina da Conde d'Eu. **Capela de Nossa Senhora do Rosário**^[231], largo do Bom Retiro, com a frente voltada para o fim da rua do Imperador. **Capela da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo**, rua de Bragança. **Capela do Asilo de Santa Isabel**, rua do Imperador, nº 58. **Capela dos padres Paiva**, na Westfália. **Deutsch-Evangelische-Kirche**, rua Joinville; pastor Johannes Vorster.

Cemitério. Acha-se assentado em uma pequena colina um pouco ao fundo da igreja do Sagrado Coração de Jesus. Vai-se pela rua Conde d'Eu, que começa na rua da Princesa D. Leopoldina, esquina da de Monte Caseros, ou pela rua do Duque de Saxe, que começa na referida rua de Monte Caseros.

Estabelecimentos de instrução e educação. **Colégio Paixão**, rua do Palatinato. *Pensões:* primária 120\$ por trimestre; secundária 150\$; joia 50\$. **Colegio Kopke**, rua de Nassau, nº 9. Além do curso primário e secundário, mantém uma aula comercial. É só internato. **Colégio São José**, rua do Imperador, nº 79. Externato e internato. **Asilo de Santa Isabel**, rua do Imperador, nº 58. Para meninas e é dirigido por Irmãs de Caridade. Internato e externato. As internas pagam de 10\$ a 25\$, conforme a classe. **Escola da Comunidade Evangélica Alemã**, rua Joinville. Possui edifício próprio. **Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo**, para educação de órfãs desvalidas, rua de Bragança, esquina da D. Leopoldina. Foi fundada pelo falecido padre João Francisco de Siqueira Andrade e é atualmente dirigida pelo cônego Bento de Siqueira Andrade, irmão do fundador.

Hospitais. Hospital de Santa Teresa, na rua da Presidência. Situado em belo e aprazível local, este estabelecimento é digno de ser visitado pelo seu esmerado asseio e boa ordem.

Farmácias. Imperial, rua do Imperador, nº 76; Probidade, na mesma rua, nº 37.

Matadouro. No fim da rua Westfália, à esquerda.

3. TERESÓPOLIS

Povoação pertencente à freguesia de Santo Antônio de Paquequer, município de Magé, recomendável pelo seu clima ameníssimo e salubre e por isso frequentada pelos enfermos e convalescentes.

Compreende duas partes: a primeira, denominada *Alto*, é a mais próxima da vertente da serra e por isso menos abrigada dos ventos; vai sendo abandonada em proveito da outra parte da povoação, situada meia légua para oeste, e a que denominam *Várzea*. Nesta é que se acham situadas a igreja matriz, a cadeia, as melhores casas de negócio e os dois hotéis dos senhores Bibiano e Paiva. As casas ficam assentadas nas duas margens da estrada.

A *Várzea* é mais abrigada dos ventos e mais própria para os doentes de certas moléstias.

É enorme a beleza das paisagens de ambos os sítios, sendo que há nas do *Alto* o que quer que seja de fantástico, devido às caprichosas formas que ali afetam os recortes da *Serra dos Órgãos*, os quais,

[229] O complexo atual teve sua construção iniciada, em 1884, com projeto de Francisco Caminhoá.

[230] Localizada no centro histórico de Petrópolis, foi inaugurada em 1874.

[231] Foi construída em 1883. O processo de revitalização da antiga capela iniciou-se a partir de 1953 e, em 1958, a igreja foi reinaugurada.

vistos dali à pequena distância, impõem-se majestosas à admiração ainda do mais indiferente as obras da natureza. Basta ter-se notícia do gigantesco pilar granítico que se lança altivo para as nuvens, e delas se cobre tantas vezes, dessa torre que aponta o céu e que, pela semelhança que tem com um dedo, principalmente vista do mar, é conhecida pelo nome de *Dedo de Deus*.

Em Teresópolis admira-se prodigiosa quantidade das mais lindas flores.

Das diversas nascentes da povoação, a água chamada do *Garrafão* é a que goza de mais fama.

A viagem para Teresópolis faz-se em barca a vapor, da Doca do Mercado, do lado da praça D. Pedro II, ao porto da Piedade. As barcas partem todos os dias úteis às 3h da tarde e chegam depois de 6h. Nos dias santos, se estes são terças, quintas ou sábados, partem às 10h da manhã. É nesses dias que há carros da Piedade para a Barreira, passando pela cidade de Magé. Essas diligências partem logo depois da chegada da barca. Independente desses há carros para alugar nos outros dias, mediante prévio aviso.

Da Piedade à Barreira a viagem é de quatro horas mais ou menos. Chegando os carros à Barreira à hora adiantada da noite, desse ponto para cima se costuma subir pela manhã, o que se faz ou a cavalo ou em liteira, gastando-se no trajeto 1h30. É a parte mais bela da viagem, desfrutando-se os mais lindos panoramas, sendo o mais encantador o que se descortina do alto da serra, de onde se admira de uma altura de mais de 1.000 metros a baía *Niterói*, a sua entrada, a grande cidade, dali tão pequena, o *Corcovado* em um nível muito inferior etc.

● PASSAGENS E BAGAGENS

Do Rio de Janeiro à Barreira	7\$000
Do Rio de Janeiro a Teresópolis	10\$000
Aluguel de liteira	8\$000
Bagagens – cada 15 quilos	1\$000

Na Barreira há um hotel.

Projeta-se uma estrada de ferro para Teresópolis; e o governo provincial promove os meios precisos para a abertura de uma estrada de rodagem entre esta cidade e a de Petrópolis.

4. NOVA FRIBURGO

Esta vila foi primitivamente uma colônia de suíços, fundada no lugar denominado *Morro Queimado* à custa do Estado, em 1819, recebendo em 1824 colonos alemães; em 1831, cessou a administração da colônia. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui muitos documentos para a história da fundação e desenvolvimento da mencionada colônia.

Nova Friburgo é muito recomendável pelo seu clima ameno e próprio para curar os enfermos e restabelecer os convalescentes. Possui um excelente estabelecimento hidroterápico, hotéis e bons edifícios particulares.

Corta a vila o rio *Bengala*.

Goza de fama a pureza das águas da povoação, sendo a mais estimada a da *Fonte dos Suspiros*.

Hoje o transporte para Nova Friburgo é muito cômodo: vai-se pela *Estrada de Ferro de Cantagalo*, que parte de Santana, arrabalde de Niterói. Vide página 394.

5. CAMPOS DOS GOYTACAZES

É a cidade mais notável da província do Rio de Janeiro por seu comércio e lavoura. Banha-a o rio Paraíba, que nascendo na província de São Paulo, rega limites da de Minas e recebe diversos tributários, incluindo o rio Piabanha, que corta a pitoresca cidade de Petrópolis, deságuam no mar em São João da Barra, uma légua abaixo desta cidade.

Os engenhos centrais que possuem os municípios vizinhos do de Campos são dignos da visita do viajante, principalmente o engenho de Quissamã, no município de Macaé, e a *Usina Barcelos* no de São João da Barra.

Quanto aos meios de transporte para Campos, veja-se as páginas 362 e 395.

FIM



Planta das Estradas de Ferro das províncias de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveira, 1882. Mapa publicado na primeira edição do Guia, sendo a terceira imagem que acompanhava a edição.



Mapa demonstrando as ramificações dos serviços de comunicação e transporte do então Município Neutro e da Província do Rio de Janeiro. Mapa - Província do Rio de Janeiro [Cartográfico]. Por Manoel Maria de Carvalho, 1888. Acervo da Biblioteca Nacional.

ÍNDICE

A

Academia de Belas Artes — 253, 259, 285, 327, 336, 340
Administração — 329
Advogados — 122, 333, 339
Agências bancárias — 325
Agências de gazetas e revistas estrangeiras — 123
Águas férreas — 351
Águas minerais e gasosas artificiais — 351
Águas minerais naturais — 351
Alfândega — 40, 54, 171, 178, 217, 259, 284, 285, 324, 325
Alimentação — 107
Andaraí Grande — 66, 75, 76, 78, 131, 132, 183, 184, 185, 187, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 201, 202, 205, 208, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 225, 226, 228, 278, 287, 307, 309, 348
Andaraí Pequeno — 106, 131, 132, 133, 135, 171, 306, 307, 309, 351
Andorinhas — 54, 55
Animais de aluguel e a trato — 95
Aqueduto da Carioca — 185, 196, 275, 285, 290
Armas da cidade — 49
Arquivos — 122, 337
Arrabaldes — 286
Artes — 189, 203, 207, 208, 209, 221, 247, 253, 256, 259, 263, 264, 266, 285, 326, 327, 336, 339, 340, 342, 344
Artigos para viagem etc. — 354
Asilo Agrícola — 342
Asilo da Mendicidade — 205, 259, 343, 344
Asilo da Ordem 3a da Imaculada Conceição — 343

Asilo de Inválidos da Pátria — 265, 343, 404
Asilo dos Inválidos de Marinha — 343
Asilo dos Meninos Desvalidos — 343
Asseio — 409, 410, 412
Assinantes da Comp. Telefônica — 173
Associações científicas, literárias e industriais — 338
Associações de beneficência e caixas de socorros estrangeiras — 344
Associações de beneficência e caixas de socorros nacionais — 343

B

Bagagem e despacho — 54
Baía do Rio de Janeiro — 38, 40, 41, 42, 45, 47, 49, 123, 161, 267, 276, 279, 312, 315, 400
Bancos — 324
Banhos de mar — 114
Banhos frios e quentes — 105
Banhos medicinais — 351
Barbeiros — 115, 188, 192, 219, 238, 239
Barcas Ferry para Niterói — 101
Barcas Ferry para Paquetá — 101, 102
Barcas Ferry para Santana — 101, 103
Barcas para Paquetá e Porto da Piedade — 103
Bauleiros — 354
Bebidas — 107, 109, 110, 114, 299, 306, 310, 313, 411
Belas Artes — 189, 207, 208, 209, 221, 247, 253, 256, 259, 263, 264, 266, 285, 326, 327, 336, 339, 340

Beneficência — 184, 269, 343, 344, 345, 348
Bibliotecas públicas — 336
Bico do Papagaio — 23, 29, 41, 307, 405
Bilhares — 317, 318, 411
Bispado — 334
Bolsa — 219, 324
Bombeiros — 169, 170, 183, 191, 285, 331
Bondes — 55, 60, 70, 103, 175, 216, 217, 401
Bondes de Cachambi — 54, 101, 310
Bondes de Jacarepaguá — 310, 311
Bondes do morro de Santa Teresa — 91, 291
Bondes marítimos — 103
Botafogo — 20, 40, 42, 43, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 93, 97, 103, 105, 106, 108, 111, 112, 114, 116, 118, 131, 132, 133, 134, 169, 179, 180, 182, 183, 185, 187, 189, 190, 192, 194, 197, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 211, 214, 216, 217, 222, 225, 226, 227, 228, 266, 269, 271, 280, 281, 282, 286, 287, 288, 289, 290, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 320, 341, 343, 346, 350, 369
Botes — 103
Botes para a ilha das Cobras — 103
Botes para a ilha do Governador — 103
Botes para as fortalezas do porto — 103

C

Cabeleireiros — 115, 411
Cadeirinhas — 95
Cafés — 109
Caixas, caixões e caixotes vazios — 354
Caixas-d'água — 278
Caixas de avisos de incêndio — 331
Caixas de socorros estrangeiras — 344
Caixas de socorros nacionais — 343
Caixas econômicas — 326
Caixas urbanas do Correio — 144, 402
Caju — 66, 67, 69, 70, 132, 133, 134, 169, 190, 196, 203, 214, 220, 222, 236, 283, 305, 346
Calistas — 114

Câmara dos Deputados — 117, 124, 174, 187, 213, 258, 285, 326, 329
Câmara Municipal — 50, 94, 174, 234, 258, 260, 265, 316, 330, 336, 342, 399, 404
Cambistas — 326
Campinho — 101, 138, 267, 310, 311
Campos dos Goytacazes — 414
Capitania do Porto — 54
Carioca (rio, aqueduto e chafariz) — 50, 58, 185, 192, 196, 203, 251, 253, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 288, 290, 291
Carnaval — 316, 321, 322
Carregadores — 54
Carroças — 54
Carros de aluguel — 92, 94
Carros de aluguel da serra da Tijuca — 95, 96, 306
Carruagens Fluminenses — 94, 95
Casa de correção — 331
Casa dos Expostos — 199, 285, 343
Casas de penhores — 326
Casas de pensão — 107
Casas particulares de Saúde — 349
Cascadura — 26, 54, 98, 99, 100, 101, 126, 139, 267, 310, 311, 367, 372, 375, 390
Catete — 26, 57, 58, 93, 94, 105, 107, 111, 118, 128, 129, 130, 131, 133, 174, 179, 180, 182, 183, 184, 188, 190, 192, 193, 194, 198, 200, 203, 205, 207, 208, 215, 217, 218, 219, 227, 270, 271, 274, 288, 289, 290, 316, 322, 331, 341, 349, 350, 411
Catumbi — 66, 67, 68, 69, 70, 128, 129, 133, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 211, 212, 217, 222, 227, 286, 304, 305, 369
Cemitérios — 190, 285
Cervejarias — 111, 411
Chafarizes — 272, 278
Chegada — 33
Cidades e lugares importantes da província do Rio de Janeiro, considerados como passeios e restauradores de saúde — 399

Clubes — 321
Cocheiras — 94, 196, 402, 410
Colégio Naval — 341
Colégio Pedro II — 218, 339
Colégios particulares — 341
Comércio — 43, 127, 162, 169, 171, 174, 175, 177, 178, 194, 212, 215, 217, 219, 236, 247, 248, 268, 284, 285, 324, 325, 329, 333, 344, 355, 373, 374, 380, 391
Comidas frias — 109
Companhia Telefônica do Brasil — 170
Companhia Telégrafo Submarino — 161, 167
Comunicações — 124
Comunicações marítimas — 354
Confeitarias — 110, 411
Conservatório de Música — 208, 209, 259, 285, 340
Consulados — 116
Continuação da história da cidade — 49
Conventos — 237
Copacabana — 195, 287, 293, 294, 296, 297, 299, 300, 301
Corcovado — 21, 23, 29, 41, 42, 280, 282, 287, 290, 291, 292, 293, 295, 297, 298, 299, 301, 405, 413
Corpo de Bombeiros — 169, 170, 183, 285, 331
Corpo de Saúde da Armada — 345
Corpo de Saúde do Exército — 345
Corpo Militar de Polícia — 331
Correio — 119, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 140, 141, 142, 146, 155, 156, 157, 158, 162, 168, 169, 170, 219, 259, 260, 268, 285, 324, 402, 410
Correio Urbano — 128
Corridas — 320
Cosme Velho — 58, 133, 134, 179, 180, 190, 196, 208, 274, 276, 279, 280, 289, 290, 291, 293

D ~~~~~

Dedo de Deus — 23, 29, 41, 293, 404, 413
Delegacias de polícia — 330, 331

Dentistas — 350
Depósito Público — 186, 330
Descobrimento da baía — 42
Descrição da entrada da baía do Rio de Janeiro — 38
Descrição em geral da baía, cidade e município — 50
Desembarque — 52
Despacho — 54, 156, 168, 169, 354
Detenção — 170, 399
Diligências da cidade — 97
Diligências para o alto da Tijuca — 97
Diques — 283
Direitos que pagam os navios do comércio — 44
Divertimentos particulares — 321
Divertimentos públicos — 312
Docas — 171, 174, 224, 284
Dois Irmãos — 23, 29, 274, 276, 279, 280, 291, 292, 293, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 434
Duchas — 114, 411

E ~~~~~

Edifícios de Associações — 267
Edifícios notáveis — 232
Edifícios particulares — 270
Edifícios públicos — 253
Educação — 234
Elevador hidráulico Paula Matos — 92
Empresa de Santa Teresa — 91, 203
Encadernadores — 328
Engenho de Dentro — 26, 98, 99, 100, 267, 310, 390
Engenho Novo — 26, 41, 54, 74, 75, 76, 78, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 131, 184, 189, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 202, 204, 206, 210, 214, 215, 218, 225, 226, 227, 228, 307, 309, 310, 390
Engenho Velho — 49, 93, 131, 185, 190, 204, 213, 222, 227, 306, 335, 341

Entrada do porto — 38

Escola de Marinha — 120, 265, 340, 341

Escola Militar — 120, 170, 224, 258, 293, 294, 295, 336, 340

Escola Normal — 208, 260, 340, 399, 402

Escola Politécnica — 92, 201, 258, 259, 260, 285

Estabelecimentos de beneficência — 343

Estabelecimentos e associações científicas, literárias, industriais etc. — 338

Estação telegráfica de sinais — 44

Estações da Guarda Urbana — 331

Estada — 229

Estradas de ferro — 362, 394

Estradas de ferro da província do Rio de Janeiro que não se ligam a de D. Pedro II — 394

Estrangeiros (dos) — 230

Estudo e consulta — 336

Exterior — 120

F

Fábrica das Chitas — 66, 69, 184, 199, 200, 205, 225, 306

Faculdade de Medicina — 210, 213, 295, 336, 340, 341, 434

Farmácias — 350, 412

Faróis da entrada do porto — 43

Faroletes do porto — 43

Festas populares — 315

Flamengo — 26, 47, 48, 93, 114, 128, 129, 188, 190, 192, 193, 198, 200, 201, 205, 215, 217, 218, 221, 227, 274, 280, 288, 289

Fortalezas do porto — 43

Fortalezas que defendem a entrada da barra — 43

Fotografias — 327

Freguesias da cidade — 334

Fundação e história da cidade de São Sebastião — 44

G

Gabinetes de leitura — 336

Gávea — 23, 26, 29, 40, 189, 293, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 308, 311, 351, 405

Gazetas — 117, 402, 411

Gelo — 114

Gigante de pedra — 38

Glória — 26, 57, 58, 93, 94, 107, 128, 129, 134, 186, 188, 193, 203, 207, 208, 209, 217, 221, 225, 226, 233, 245, 247, 248, 260, 270, 274, 277, 286, 287, 288, 289, 310, 314, 316, 329, 335, 369

Gravadores — 328

Guanabara (baía) — 20, 32, 39, 41, 42, 44, 50, 55, 281, 286, 288, 294, 399, 401

Guarda Urbana — 128, 130, 191, 197, 218, 221, 331, 332

H

Hipotecas (registro geral das) — 334

História da cidade de São Sebastião — 44

Hospedagem — 409

Hospedarias — 104

Hospitais da Irmandade da Misericórdia — 346

Hospitais de Ordens Terceiras, Irmandades e sociedades beneficentes — 348

Hospitais Militares — 348

Hotéis e hospedarias — 104

I

Igrejas — 184, 191, 237

Igrejas matrizes da cidade — 334

Indicador das ruas — 181

Indústria — 121, 182, 190, 205, 211, 325, 340, 407, 409

Informações — 57, 435

Informações necessárias aos passageiros de bondes — 57

Inspeção de Saúde do Porto — 345

Instituto dos Meninos Cegos — 266, 295, 342

Instituto dos Surdos-Mudos — 266, 342

Instituto Vacínico — 247, 339, 345

Instrução e educação — 342

Instrução elementar prática — 342

Instrução primária — 341

Instrução secundária particular — 341

Instrução secundária pública — 341

Instrução superior — 340

Interior — 360

Invasões modernas na cidade — 49

Itinerário para se visitar com rapidez em 4 dias os edifícios principais da cidade — 285

J ~~~~~

Jacarepaguá — 54, 101, 138, 267, 302, 308, 310, 311

Jardim Botânico — 29, 57, 58, 59, 60, 61, 108, 109, 131, 132, 133, 134, 180, 187, 192, 194, 204, 206, 208, 212, 216, 218, 223, 227, 253, 276, 280, 282, 291, 293, 297, 298, 299, 300, 301, 307, 314, 315, 337, 340, 342, 351

Jardins — 312, 402

Jogos atléticos — 321

Jornais — 125, 126, 150, 151, 152, 153, 154, 155

Juízo — 333, 334

Juízo eclesiástico — 334

Junta Central de Higiene Pública — 345

Junta Comercial — 324

Júri — 215, 333

Justiça — 170, 208, 216, 265, 329, 333, 339

L ~~~~~

Laranjeiras — 26, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 93, 94, 97, 116, 117, 131, 132, 133, 134, 164, 179, 180, 183, 187, 188, 191, 192, 194, 196, 202, 203, 205, 207, 208, 211, 213, 217, 220, 226, 228, 234, 248, 266, 274, 279, 280, 288, 289, 290, 291, 342, 349, 369

Largos — 59, 60, 85, 86, 87, 88

Legações — 117

Liceu Artístico Industrial — 342

Liceu de Artes e Ofícios — 203, 263, 285, 342

Liteiras — 95, 413

Livrarias — 328

Livros que podem interessar aos viajantes — 123

Locomoção — 54, 367, 407

M ~~~~~

Maçonaria — 123

Mãe-d'Água — 274, 275, 279, 280, 290, 291, 292

Malas e objetos de viagem — 354

Médicos — 349

Mesa do Imperador — 282, 298, 307, 308

Moeda — 183, 204, 207, 213, 221, 256, 261, 285, 323

Monte de Socorro — 187, 326

Monumentos — 232, 234

Municipalidade — 330

Museus — 337

N ~~~~~

Naturalização (da) — 230

Navegação costeira a vapor — 362

Necrotério — 213, 266, 277, 332, 399

Niterói (baía) — 39, 50, 293, 294, 295, 296, 299, 312

Niterói (cidade) — 40, 52, 55, 101, 102, 118, 370, 394, 399
Nova Friburgo — 25, 270, 288, 289, 394, 413, 414

O ~~~~~

Objetos de viagem — 354
Obras de arte — 90, 232, 239, 249, 274, 285, 297, 364, 382, 385, 387, 389, 390, 395, 409
Oficinas de encadernação — 328

P ~~~~~

Padroeiro da cidade — 49
Palácios da Família Imperial — 232, 411
Pão de Açúcar — 23, 29, 38, 39, 42, 43, 46, 47, 238, 287, 293, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 405
Papel-moeda — 323, 324
Paquetá — 50, 101, 102, 103, 104, 312, 317, 405
Paquetes estrangeiros — 355
Paquetes nacionais — 360
Parlamento — 261, 329
Parque Imperial — 75, 76, 77, 78, 224, 234, 305, 315
Partida — 16, 23, 29, 98, 99, 309, 353
Passaportes (despachantes de) — 354
Passeio Público — 25, 216, 236, 277, 285, 288, 312
Passeios na província do Rio de Janeiro — 399
Pau da Bandeira — 44, 285, 287, 315
Paula Matos — 92, 184, 199, 207, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 224, 278, 286, 287, 304, 305
Pedra da Gávea — 23, 29, 40, 295, 297, 299, 301, 302, 307, 308, 311, 405
Pedra da Urca — 258, 293, 294, 295
Pedra Partida — 23, 29, 309
Periódicos — 141, 143

Petrópolis — 25, 109, 111, 112, 116, 117, 160, 165, 185, 217, 228, 293, 394, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 411, 412, 413, 414
Piedade — 26, 50, 98, 99, 100, 103, 104, 179, 182, 185, 200, 205, 217, 266, 271, 294, 310, 378, 390, 413
Pintores — 327
Plano inclinado — 85, 87, 90, 91, 92, 118, 129, 130, 134, 220, 279, 304
Polícia — 51, 208, 247, 331, 402
Policlínica Geral — 348
Porto do Rio de Janeiro — 41, 124, 354, 360, 395, 401
Praça do Comércio — 127, 171, 175, 177, 268, 324
Praças — 25, 26, 28, 54, 58, 121, 149, 157, 185, 215, 305, 316, 324, 325, 333, 402, 406, 407
Praia do Flamengo — 114, 129
Procissão de São Jorge — 316

R ~~~~~

Recolhimento de Santa Teresa — 343
Regatas — 320
Registro dos navios que demandam o porto — 43
Repartição Geral dos Telégrafos — 161, 162, 169, 170, 183, 285
Restaurantes — 107, 410
Riachuelo — 77, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 98, 99, 100, 112, 118, 120, 128, 129, 130, 131, 134, 174, 176, 177, 185, 192, 199, 205, 208, 212, 213, 216, 220, 224, 225, 226, 269, 275, 278, 279, 286, 304, 309, 332, 348, 349, 351, 369, 390
Rio Comprido — 66, 67, 68, 69, 70, 93, 132, 133, 134, 180, 184, 189, 194, 199, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 216, 219, 220, 221, 270, 278, 305, 306

S

Santa Teresa — 54, 90, 91, 94, 104, 105, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 179, 184, 185, 192, 196, 197, 199, 203, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 217, 220, 223, 225, 226, 238, 241, 253, 266, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 285, 286, 291, 295, 304, 305, 343, 349, 351, 369, 411, 412

São Clemente — 29, 57, 58, 59, 60, 61, 93, 94, 97, 103, 111, 131, 132, 134, 187, 189, 190, 208, 209, 211, 212, 215, 222, 228, 270, 293, 294, 295, 296

São Cristóvão — 26, 52, 66, 67, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 148, 170, 174, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 233, 247, 266, 271, 281, 283, 286, 287, 305, 306, 315, 335, 346, 348, 369, 390

São Francisco Xavier — 74, 75, 93, 94, 98, 99, 100, 131, 132, 134, 187, 189, 190, 204, 205, 207, 211, 212, 222, 224, 228, 236, 258, 270, 286, 309, 320, 335, 341, 346, 369, 390

Saúde — 23, 50, 51, 67, 86, 88, 89, 111, 112, 114, 129, 130, 135, 161, 174, 176, 177, 178, 189, 192, 194, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 208, 209, 212, 213, 216, 219, 220, 224, 225, 227, 228, 236, 284, 286, 332, 335, 345, 346, 360, 362, 363, 395, 398

Secretaria da Polícia — 331

Seminário Episcopal de São José — 264, 340

Senado — 50, 67, 74, 75, 87, 88, 117, 120, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 178, 183, 186, 191, 199, 205, 208, 215, 216, 220, 224, 256, 260, 261, 285, 304, 329, 331, 334, 345, 354

Serra dos Órgãos — 40, 404, 405, 412

Sete de Setembro — 75, 85, 87, 111, 112, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 133, 135, 173, 176, 177, 178, 187, 191, 192, 195, 201, 203, 215, 217, 219, 225, 227, 233, 237, 315, 317, 327, 328, 329, 331, 332, 335, 344, 349, 350, 351

Sociedade Amante da Instrução — 342

T

Tabelas dos preços de aluguel dos tálburis e carros de praça — 93

Tabeliães — 334

Teatros — 195, 225, 318, 403

Telefonia — 169, 170

Telefonia urbana — 170

Telégrafos elétricos — 160

Telegraph Company — 161, 167, 169

Templos — 335, 412

Teresópolis — 25, 412, 413

Tesouro Nacional — 51, 130, 170, 221, 256, 285, 324, 329

Tijuca — 41, 48, 66, 67, 68, 69, 70, 95, 96, 97, 106, 131, 132, 133, 135, 170, 171, 172, 179, 180, 181, 184, 238, 271, 273, 282, 298, 302, 303, 306, 307, 308, 311, 351, 405

Tálburis — 93, 94

Tipografia — 22, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 170, 203, 251, 256, 257, 258, 263, 285, 319, 328, 434, 435

Todos os Santos — 98, 99, 101, 182, 206, 211, 218, 220, 225, 226, 228, 309, 310, 390

Transporte — 54

Trens dos subúrbios — 98

Tribunais — 51, 144, 333

V

Veículos de praça — 52, 92, 94, 402

Vigararia geral do bispado — 334

Vila Isabel — 74, 75, 76, 78, 109, 131, 132, 135, 182, 183, 187, 189, 191, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 225, 226, 227, 228, 234, 267, 287, 308, 309, 315, 320, 343

Vinhos — 112, 113, 114, 159

Visita à cidade — 232

Visita do porto — 40, 51

Vista Chinesa — 282, 298, 307, 308

W ~~~~~

Western and Brazilian — 161, 167

ERUDIÇÃO E TRABALHO COLETIVO: ALFREDO DO VALE CABRAL, AUTOR DO *GUIA DO VIAJANTE*

Ana Paula Sampaio Caldeira^[1]

[1] Professora do Departamento de História e o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

“Homem modesto, simples, cujos trabalhos nunca interessaram ao grande público.”^[2] Essas foram as palavras utilizadas por José Honório Rodrigues para descrever Alfredo do Vale Cabral, letrado baiano que atuou durante boa parte de sua vida como funcionário da Biblioteca Nacional (BN), além de ter sido editor e autor de diversos textos e livros. Dentre essas publicações, destaca-se o *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, publicado em 1882, pela tipografia da Gazeta de Notícias. Quanto à memória de Vale Cabral, José Honório teve um papel inegavelmente importante, justamente por ter sido um dos poucos estudiosos que atentaram para sua figura, muito atuante no ambiente intelectual brasileiro da segunda metade do Oitocentos. Além de ter reservado a Vale Cabral um lugar em seu livro sobre a pesquisa histórica no Brasil, entendendo-o como parte da “evolução da pesquisa pública histórica brasileira”, José Honório foi responsável pela organização do volume 73 dos *Anais da Biblioteca Nacional*, totalmente dedicado a quem, segundo ele, tinha sido o ponto de partida do “renascimento” da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional^[3] e a “alma de todas as pesquisas que se realizaram” naquela instituição^[4].

Mais do que averiguar se Vale Cabral reunia, de fato, as características atribuídas a ele por José Honório, importa-nos interrogar o poder das palavras na construção da imagem ou no “enquadramento” da memória de alguém^[5]. A chave de entendimento sugerida por José Honório pode ser um bom ponto de partida para nos aproximarmos de um autor do qual pouco se sabe, alguém cuja produção intelectual é bastante dispersa e fragmentada, assim como as notícias de sua trajetória. Quanto à suposta modéstia e simplicidade de Vale Cabral, esses são elementos muitas vezes presentes na caracterização dos intelectuais de sua geração, sobretudo àqueles que se dedicaram ao estudo do passado (como foi o caso dele), de maneira que tais qualidades conferiam uma espécie de credibilidade aos estudos e análises produzidas por esses letrados^[6]. Mas é interessante termos atenção especial à segunda parte da caracterização oferecida por José Honório Rodrigues, isto é, quando ele afirmou que Alfredo do Vale Cabral era um autor “cujos trabalhos nunca interessaram ao grande público”. O que o autor baiano teria, então, produzido ao longo de sua vida? Como o *Guia do viajante no Rio de Janeiro* se insere nessa produção? São basicamente essas as questões que gostaríamos de tratar neste texto. Nossa intenção não é fazer propriamente um estudo sobre Alfredo do Vale Cabral, mas tão somente indicar alguns elementos que parecem importantes acerca da sua atuação como intelectual, da qual também faz parte o livro que o leitor tem agora em mãos.

Alfredo do Vale Cabral nasceu em Salvador, Bahia, em 1851, e morreu aos 43 anos de idade no Rio de Janeiro em 1894. Teve a sua carreira interrompida por uma doença sobre a qual pouco se sabe a respeito e da qual temos apenas notícias pontuais, encontradas em periódicos da época e na correspondência de

[2] RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1982. p. 77.

[3] RODRIGUES, José Honório. Nota preliminar. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 73, 1954, p. 11.

[4] RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1982. p. 77.

[5] Sobre a noção de enquadramento da memória, ver POLLAK, Michael. Memória, história e esquecimento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

[6] No estudo que realizou sobre Capistrano de Abreu, Rebeca Gontijo destacou como uma série de anedotas e historietas construíram a imagem deste historiador como um homem excêntrico e também simples. Era justamente essa simplicidade que lhe permitiria falar *do e pelo* Brasil. (GONTIJO, Rebeca. O Cruzado da inteligência. Capistrano de Abreu, memória e biografia. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 41-76).

um de seus amigos mais próximos, Capistrano de Abreu. Seu falecimento foi noticiado pelos jornais da capital, que prestaram homenagens a quem periodicamente aparecia em suas páginas, seja em função da publicação de um livro que merecesse ser divulgado, seja pela menção a alguma “descoberta” bibliográfica ou documental feita por ele quando de sua atuação como funcionário da Biblioteca Nacional. O *Jornal do Commercio*, de 24 de outubro de 1894 (dia seguinte ao seu falecimento), por exemplo, mencionou apenas que Vale Cabral foi acometido de uma doença que perturbou “suas brilhantíssimas faculdades mentais”^[7]. Foi Capistrano de Abreu quem nos deu algumas informações a mais acerca do episódio. Em carta ao Barão de Rio Branco, Capistrano contou que Vale Cabral, “após um período de hibernação, ficou furioso”, obrigando a família “a recolhê-lo ao hospício”. E acrescentou: “creio que seu estado é de desespero”^[8]. Esse recolhimento possivelmente aconteceu próximo a 1890, pois os jornais noticiaram a aposentadoria de Vale Cabral como funcionário da BN justamente naquele ano. Algumas décadas depois, em carta enviada a Afonso de Taunay, Capistrano relembrou o velho companheiro, de maneira que a relação de amizade nutrida entre ambos é bastante evidenciada quando escreve: “Quanto senti a falta de Cabral!”^[9].

O adoecimento e a morte de Vale Cabral ocorreram em um momento de grande fertilidade de sua produção intelectual, como se pode notar a partir da listagem que segue ao final deste texto, a qual procura evidenciar o trabalho dele como escritor e editor. Vale Cabral transferiu-se da Bahia para o Rio de Janeiro em 1870 e três anos depois tornou-se funcionário da Biblioteca Pública – como se chamava a Biblioteca Nacional à época. Sua entrada naquela instituição deve-se justamente ao aumento do quadro de funcionários para atender à reformulação pela qual a casa passava. A partir de um relatório redigido pelo então diretor da biblioteca, Ramiz Galvão, sabemos que Alfredo do Vale Cabral foi contratado para “coligir, catalogar e restaurar” os manuscritos da biblioteca, especificamente^[10]. Em 1876, assumiu o posto de oficial da instituição. Dentro daquele espaço, atuou sobretudo na seção de manuscritos, não apenas organizando seu catálogo, como também analisando e divulgando os documentos ali guardados. Assim, nota-se o quanto a sua produção escrita é devedora das atividades que desenvolvia como funcionário da BN.

Seus trabalhos publicados na década de 1870 circulam pela área dos estudos bibliográficos e linguísticos, e têm como preocupação muito visível o interesse na divulgação de documentos históricos para o grande público e para os estudiosos. Para isso, publicava tanto nos jornais de grande circulação da época, como o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal do Commercio* e *O Globo*, quanto em veículos voltados para um público mais especializado, como os *Anais da Biblioteca Nacional* – periódico que Vale Cabral viu nascer e para o qual atuou vivamente, ajudando a consolidá-lo como veículo de inserção

[7] *Jornal do Commercio*. 24 out. 1894, p. 1.

[8] ABREU, Capistrano de. Carta ao Barão do Rio Branco. 15 de julho de 1890. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. p. 132.

[9] ABREU, Capistrano. Carta a Afonso de Taunay. 27 de julho de 1917. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. p. 284.

[10] GALVÃO, Ramiz. Relatório dos trabalhos executados na Biblioteca Nacional da Corte no ano de 1874. In: BRASIL. Ministério do Império. Ministro João Alfredo Corrêa de Oliveira. *Relatório do ano de 1874 apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 3ª Sessão da 14ª Legislatura*. Publicado em 1875.

da Biblioteca Nacional nos debates intelectuais da época^[11]. Ressalte-se também a forte atuação de Vale Cabral na publicação de um gênero muito específico e bastante valorizado naquele momento: os catálogos. Pelo que conseguimos apurar, ele esteve envolvido em pelo menos quatro empreendimentos desse tipo: o *Catálogo da Exposição de História e Geografia do Brasil*, o *Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Nacional*, o *Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios* e o *Catálogo da Exposição Médica Brasileira*. Era, podemos dizer, um verdadeiro conhecedor da matéria e, portanto, um especialista na classificação, ordenação e organização documental.

A partir dos anos 1880, se percebe certa ampliação do universo de interesses e atuação de Vale Cabral, que passou a abranger também o folclore, sobretudo a partir da viagem que fez às províncias do norte. Inicialmente, a ideia era partir em busca de inscrições epigráficas na Bahia e em Pernambuco, mas o deslocamento acabou rendendo também um grande levantamento de histórias, canções, provérbios e adivinhações, fortalecendo o interesse desse letrado pelo que poderíamos chamar aqui, livremente, de “cultura popular”^[12]. Também na década de 1880, trabalhou de forma mais sistemática não só na publicação como também na edição de revistas, obras e documentos históricos. É a partir daí que se torna mais evidente uma característica importante da sua produção: o trabalho coletivo. Antes de tudo, Vale Cabral foi alguém que pensou e trabalhou em conjunto com outros letrados de seu círculo, especialmente aqueles que conheceu na Biblioteca Nacional. Assim, pode-se dizer que essa instituição foi, para Vale Cabral, não só o lugar do seu labor diário por cerca de 20 anos, como também um lugar de construção de amizades decisivas para suas atividades intelectuais.

De suas parcerias, duas se sobressaem: com o já mencionado Capistrano de Abreu e a que manteve com José Alexandre Teixeira de Mello. O trio compunha o núcleo duro da equipe do diretor Ramiz Galvão, juntamente com um quarto funcionário da casa, João Saldanha da Gama, alguém que, vale dizer, não angariava muita simpatia de seus colegas, chegando mesmo a protagonizar alguns embates com eles, sobretudo quando passou a ocupar o posto de diretor da BN a partir de 1882^[13]. Para além do trabalho desempenhado dentro das seções da Biblioteca, Vale Cabral, Teixeira de Mello e Capistrano de Abreu executaram outros projetos em parceria e que evidenciaram uma faceta importante do letrado baiano: a de editor. Com Teixeira de Mello, por exemplo, levou a cabo, entre os anos de 1883 e 1884, a *Gazeta Litteraria*, destinada a publicar artigos de crítica literária, textos inéditos, contos e poesias, contando com a colaboração de nomes como Aluísio de Azevedo, Beaurepaire-Rohan, Machado de Assis, Alencar Araripe e Raul Pompeia.

[11] Sobre os *Anais da Biblioteca Nacional*, ver CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores*. Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 177-215.

[12] As anotações que Vale Cabral fez durante a viagem às províncias do Norte do país foram posteriormente publicadas no livro *Achegas ao estudo do folclore brasileiro*, publicado em 1978.

[13] Em 1882, Ramiz Galvão foi obrigado a se distanciar da Biblioteca Nacional devido à sua nomeação como preceptor dos príncipes imperiais. A direção da instituição passou para as mãos de seu cunhado, João Saldanha da Gama. Pelas cartas de Capistrano, sabe-se que houve alguns momentos de tensão entre o novo diretor e os outros três funcionários da BN, sobretudo pelos obstáculos que aquele criava em relação às iniciativas de edição e publicação de documentos históricos promovidas pelo trio (RODRIGUES, José Honório. Nota preliminar. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 73, 1954. p. 27).

Com Capistrano de Abreu, a amizade foi ainda mais estreita, como se pode deduzir da saudade manifestada em relação ao seu amigo já falecido. Mas essa relação ficava evidente também nos pequenos e grandes prazeres cotidianos do ambiente da Biblioteca. Embora muito conhecida, vale a pena reproduzir o trecho de uma carta de Capistrano a Guilherme Studart em que ele narrou a alegria compartilhada com Alfredo do Vale Cabral quando da descoberta da autoria da obra *Cultura e opulência do Brasil pelas suas drogas e minas*:

Levantei-me, fui ao Cabral, que estava escrevendo na mesa de que agora lhe redijo essa carta e disse-lhe: V. vai ficar furioso. – Por que? Porque afinal vou descobrir quem é o nosso Antonil. – Nesse caso vou ficar é alegre. Da mesa do Cabral fui à estante em que se encontrava a *Bibliothèque des Écrivains de la Compagnie de Jésus de Backer*, abri o v. VII, que contém o índice geral, e remeteu-me para o volume VI, p. 14. Abri-o, e, apenas li as primeiras linhas, corri para a mesa do Cabral. – Cabral! Cabral! Achei! [...] Não precisa dizer que foi um dia de delírio. Jantamos juntos, tomamos cerveja juntos, conversamos até meia-noite e separamos à *contre coeur*. Que bom tempo aquele, em que a descoberta de um anônimo bastava para coroar de rosas um dia. Vimos logo que, de João Antônio Andreoni, era anagrama ou coisa que o valha de André João Antonil [...].^[14]

Em parceria com Teixeira de Mello e Capistrano, Vale Cabral trabalhou na edição dos *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil*, coleção que visava à publicação de alguns documentos da história do Brasil pela Imprensa Nacional^[15]. Chegaram a editar, entre 1886 e 1887, um volume de cartas de Manoel da Nóbrega; outro com fragmentos históricos de José de Anchieta; um terceiro denominado *Cartas avulsas*^[16]; e um quarto com os livros I e II de *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador. Também ao lado de Capistrano, publicou a obra *Geographia Physica do Brasil: refundida*, de J.E Wappaeus. Neste trabalho, contou mais uma vez com a colaboração de muitos letrados da época, como Orville Derby, Ramiz Galvão e Barão Homem de Mello. Interessante é perceber aí a efetiva atividade editorial por parte de Vale Cabral e Capistrano, pois a ideia do empreendimento não

[14] ABREU, Capistrano de. Carta a Guilherme Studart. 18 de junho de 1893. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. p. 144-145. O episódio é contado por Capistrano em outras cartas, como a que escreveu, em 1921, a Afonso de Taunay.

[15] Sobre a edição dos *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil* e, especialmente, o papel de Capistrano como editor, ver: SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. As notas de rodapé de Capistrano de Abreu: as edições da coleção *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil* (1886-1887). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 15-52, jul./dez. 2010; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. Um “distinto bibliógrafo e bibliófilo”: Capistrano de Abreu editor de documentos históricos. *História [online]*. 2010, v. 29, n. 1, p. 418-441.

[16] José Honório Rodrigues atribui a edição de *Cartas avulsas* a Capistrano de Abreu, especificamente (RODRIGUES, José Honório. Nota preliminar. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 73, 1954. p. 24). Sobre esta obra, Frederico Edelweiss informa o seguinte: “[o volume] ficou pronto em 1887. Não foi, porém, posto em circulação porque Vale Cabral não lhe pode ultimar as notas com a mesma presteza. Algum tempo depois, um incêndio devorou essa coleção de 63 cartas jesuíticas. Um dos pouquíssimos volumes salvos chegou, por singular acaso, às mãos de Afrânio Peixoto, que o reeditou, em 1931, na série histórica da Academia Brasileira” (EDELWEISS, Frederico. Alfredo do Vale Cabral. In: *Ensaaios biográficos*. Salvador: Ufba, 1976. p. 138).

era somente traduzir a obra de Wappaeus, mas dar a ela uma outra roupagem, fundindo capítulos e mesmo suprimindo ou substituindo algumas partes^[17].

A trajetória de Vale Cabral talvez seja um bom exemplo da importância de se considerar a dimensão da amizade quando se estuda a produção intelectual de um autor. Fernanda Arêas Peixoto já havia destacado essa questão ao tratar das relações de Roger Bastide e Pierre Verger e a de Gilberto Freyre e Oliveira Lima. Podemos acrescentar que essa dimensão é igualmente válida em sua importância quando pensamos Vale Cabral, Capistrano de Abreu e Teixeira de Mello. Trata-se, como bem lembra a autora, de um tipo de proximidade que equilibra distâncias, “anima corações e mentes”^[18], possibilitando, no caso desses três personagens, a troca de experiências e dados, além da elaboração de projetos em comum.

Se a amizade entre os três é exemplo do trabalho coletivo como característica da produção de Vale Cabral, como buscamos assinalar até aqui, ela ainda evidencia um tipo de trabalho intelectual marcado também pela erudição. Isto é, pelo conhecimento e pelo cuidado com certos saberes, que com o tempo acabaram relegados ao esquecimento, mas que eram entendidos à época como fundamentais para o conhecimento do passado (como a epigrafia, por exemplo). Outras práticas que marcaram essa geração de intelectuais, da qual Vale Cabral fazia parte, foram aquelas associadas à divulgação do conhecimento e dos documentos necessários para conhecer a história pátria. Isso nos ajuda a entender os projetos editoriais levados a cabo por ele, Capistrano e Teixeira de Mello.

Já caminhando para o final dessa pequena introdução sobre o autor do *Guia do viajante*, gostaríamos de voltar a José Honório Rodrigues e a percepção que ele tinha a respeito do trabalho de Vale Cabral como um tipo de produção que nunca teria despertado interesse no grande público. A frase de José Honório merecia uma reflexão maior, que não faremos aqui, acerca do que ele chamou de “grande público” e de como poderíamos entender essa categoria nas últimas décadas do século XIX. A rigor, talvez ela diga mais sobre o momento em que José Honório escreveu e ao modelo de historiador que se configurava na segunda metade do século XX (quando publicou *A pesquisa histórica no Brasil*) do que propriamente ao contexto de produção de Vale Cabral. Mas se ela nos ajudou a chegar até aqui, nos servindo de mote para conhecer um pouco da obra do escritor baiano, ela também nos ajudará a finalmente chegar na obra de Vale Cabral que mais se aproxima de um público expandido, isto é, destinada para um grupo maior do que aquele composto por seus pares eruditos (embora também pudesse compreendê-los). Referimo-nos, claro, ao *Guia do viajante no Rio de Janeiro*.

Diante dos textos publicados por Vale Cabral, sempre marcados pela erudição, o *Guia do viajante* pode soar como uma produção um pouco peculiar, ainda mais quando o conhecemos em seus pormenores e entendemos, inclusive, o caráter pragmático desse tipo de literatura, que visava ajudar o visitante a viver, se locomover, se alimentar, e exercer outras atividades absolutamente cotidianas na cidade. Não temos maiores informações sobre os motivos que teriam levado Vale Cabral a escrever esse livro e podemos conjecturar que uma das explicações poderia ser de ordem financeira, afinal de contas, como

[17] *Gazeta de Notícias*. 03 dez. 1884, p. 2.

[18] PEIXOTO, Fernanda Arêas. *A viagem como vocação*. Itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2015. p. 245.

lembra Rudy Koshar^[19], os guias de viagem, bastante em voga naquele momento em muitos países, eram parte de um universo mais largo de consumo. Eram, portanto, mercadorias capazes de trazer ganhos materiais para autores e editores. Mas, além de se tratar de uma hipótese para a qual não temos comprovação, ela não anula o fato de que os aspectos práticos e materiais da vida dos autores não estão separados do trabalho intelectual. Além disso, vale lembrar que o exercício da viagem era prática corrente entre os letrados da época, podendo ser considerado também como parte de uma formação erudita^[20]. O ato de viajar fez parte da vida de Vale Cabral em pelo menos dois momentos já referidos: o seu deslocamento da Bahia para o Rio de Janeiro em 1870 e a sua expedição pelas províncias do norte em 1887. Vale Cabral fora, ele próprio, um viajante no Rio de Janeiro e talvez seja exatamente por isso que conseguiu construir uma visão tão minuciosa e arguta da cidade.

Como erudito que era, Alfredo do Vale Cabral não poderia deixar de organizar e categorizar aquilo que a cidade oferecia ao viajante, da mesma forma como não poderia dá-la a entender sem considerar sua história e sua geografia, recorrendo a autores reconhecidos, como Varnhagen e Southey, para tratar desses assuntos. Afinal, o caráter prático de um guia nada tem a ver com descuido ou pouca profundidade no trato de questões consideradas importantes. Aliando erudição e trabalho de pesquisa – duas coisas que ele conhecia muito bem – ao olhar sempre um pouco estrangeiro daqueles que vêm de fora e se estabelecem na cidade, em seu *Guia do viajante*, Vale Cabral buscou revelar o que o Rio de Janeiro tinha, ao mesmo tempo, de rotineiro e de excepcional.

CRONOLOGIA DE ALFREDO DO VALE CABRAL

- 1851: Nasce em Salvador, Bahia.
- 1870: Muda-se para a Corte.
- 1873: Em sete de abril de 1873, Cabral foi nomeado adido à Seção de Manuscritos da então chamada Biblioteca Pública, tendo tomado posse do cargo dia 14 deste mesmo mês.
- 1876: Em 24 de março, é nomeado oficial da Biblioteca Nacional.
- 1878: Empregado da Imprensa Nacional.
- 1882: Promovido à chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.
- 1887: Participa de uma comissão para investigar a epigrafia brasileira e parte em viagem para as províncias do norte do país. Foram oito meses de trabalho que resultaram no levantamento de mil inscrições.
- 1890: Aposenta-se como funcionário da Biblioteca Nacional por problemas de saúde.
- 1894: Morre no dia 23 de outubro no Rio de Janeiro.
- 1899: Inauguração do retrato de Vale Cabral na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

[19] KOSHAR, Rudy. What ought to be seen: tourists' guidebooks and national identities in Modern Germany and Europe. *Journal of Contemporary History*, v. 33, n. 3, 1998, p. 323-340.

[20] COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (org). *Intelectuais: sociedade e política*. Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003.

TEXTOS PUBLICADOS DE ALFREDO DO VALE CABRAL^[21]

- O peregrino da América. *Diário do Rio de Janeiro*. 20/03/1873.
- O peregrino da América. *Diário do Rio de Janeiro*. 01/02/1874.
- Nota sobre o achado na Biblioteca Nacional... *O Globo*. 19/09/1874.
- O peregrino da América. *Diário do Rio de Janeiro*. 31/10/1874.
- Investigações. *O Globo*. 01/03/1875.
- *Anais da Biblioteca Nacional* (ABN).

Estudos de Alfredo do Vale Cabral publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*:

- *Alexandre Rodrigues Ferreira* (notícias das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem filosófica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuiabá. 1783-92. Volume 1 dos ABN (1876); volume 2 dos ABN (1877); volume 3 dos ABN (1877);
- *Galeria dos bibliotecários da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Volume 1 dos ABN (1876);
- *Inocência Francisco da Silva*. Volume 1 dos ABN (1876);
- *Relação dos mapas, cartas, planos, plantas e perspectivas geográficas relativas à América meridional que se conservam na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Volume 1 dos ABN (1876);
- *Bibliografia Brazílica* (estudos). Volume 1 dos ABN (1876);
- *Sátiras Inéditas de T. Pinto Brandão*. Volume 1 dos ABN (1876);
- *Um novo glossário brazílico*. Volume 1 dos ABN (1876);
- *Etimologias Brazílicas*. Volume 2 dos ABN (1877); volume 8 dos ABN (1881);
- *Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da província de Mato-Grosso por Luiz D'Alincourt* (Introdução de Alfredo do Vale Cabral). Volume 3 dos ABN (1877); volume 8 dos ABN (1881);
- *Catálogo da Exposição de História e Geografia do Brasil*. Volume 9 dos ABN (1881), 2 tomos;
- *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*^[22]. Volume 4 dos ABN (1878); volume 5 dos ABN (1878); volume 10 dos ABN (1883);

[21] A Biblioteca Nacional abriga diversos manuscritos de Alfredo do Vale Cabral, tais como notas bibliográficas, pequenas biografias, anotações, estudos, textos inacabados e cartas. Neste levantamento, optamos por indicar apenas as obras e textos do autor que foram publicados.

[22] A introdução do primeiro volume do *Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Nacional* foi assinada por José Alexandre Teixeira de Mello, então chefe da seção de manuscritos e a quem cabia a direção dos primeiros tomos. Entretanto, o próprio texto introdutório informa que boa parte do catálogo foi obra de Vale Cabral. No terceiro tomo do catálogo, publicado em 1883 (v. 10 dos *Anais da Biblioteca Nacional*), Alfredo do Vale Cabral já consta como diretor, pois ele ocupava a função de chefe da seção na ocasião. A publicação do *Catálogo* foi concluída por Jansen do Paço em 1892 que, em nota introdutória, fez uma homenagem a Alfredo do Vale Cabral: “Nomeado chefe de seção de manuscritos por decreto de 02 de agosto de 1890, vim preencher a vaga deixada pelo meu bom companheiro e amigo sr. Alfredo do Vale Cabral, a quem a sorte afastou cruelmente desta casa, impossibilitando-o de concluir o trabalho. Sob sua direção, aprendi a conhecer a seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, sendo por ele iniciado nos trabalhos de classificação e distribuição da maior parte dos documentos avulsos que a enriquecem; e como ele aprecio hoje esta parte da Biblioteca com o estranhado amor do avarento que guarda inestimáveis tesouros” (*Anais da Biblioteca Nacional*, v. 15, 1892). O

- *Bibliografia da língua tupi*. Volume 8 dos ABN (1881);
- *Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios*. Volume 11 dos ABN (1885).
- A arte de Figueira. *Jornal do Commercio*. 15/07/1878.
- *Revista Brasileira*:
 - *Cartas bibliográficas* (ano 1, tomo 3, janeiro a março de 1880);
 - *Trovas de Laurindo José da Silva Rabelo* (tomo 6, 1880);
 - *Vida e escritos de José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru* (ano 3, tomo 9, julho a setembro de 1881).
- *Bibliografia Camoneana*. Resenha cronológica das edições das obras de Luís de Camões e das suas traduções impressas, tanto uma como outras, em separado. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1880.
- *Bibliografia da língua tupi ou guarani também chamada língua geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1880.
- Organização dos *Anais da Imprensa Nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881 (publicado também no volume 73 dos ANB em 1954).
- *Vida e escritos de José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- Edição e prefácio das *Obras poéticas de Gregório de Mattos Guerra*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1882.
- *Guia do viajante no Rio de Janeiro acompanhado da planta da cidade, de uma carta das estradas de ferro do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e de uma vista dos Dois Irmãos*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1882.
- *Gazeta Litteraria* (publicação quinzenal dirigida por Vale Cabral e Teixeira de Mello, impressa pela tipografia Leuzinger e Filhos).
Textos de Alfredo do Vale Cabral publicados na *Gazeta Litteraria*:
 - *O jornalismo no Maranhão segundo o livro de Ignotus* (n. 1, 1883);
 - *Dicionário bibliográfico brasileiro* (n. 3, 1883; n. 14, 1884);
 - *Canções populares da Bahia* (n. 11, 1884; n. 13, 1884; n. 16, 1884);
 - *A geografia municipal do Império* (n. 15, 1884);
 - *Achegas ao estudo do folclore brasileiro* (n. 18, 1884).
- Trabalhou na pesquisa e elaboração do *Catálogo da exposição médica brasileira*, realizada pela Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1884. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1884.
- Editou e publicou, com Capistrano de Abreu, a obra *A Geographia Physica do Brasil: refundida*, de J.E Wappaeus. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1884. Para a publicação, contaram com a colaboração de Luiz Felipe Saldanha da Gama, Orville Derby, Barão Homem de Mello, Pimenta Bueno, Álvaro de Oliveira, Martins Costa, Ramiz Galvão, Dr. Pizarro e Dr. Peixoto, cada um encarregado de uma seção.

Catálogo foi uma obra coletiva que envolveu diversos funcionários da BN. Pela atuação de Vale Cabral na elaboração do *Catálogo dos Manuscritos*, optamos por considerá-lo na listagem de obras do intelectual baiano. A mesma lógica foi utilizada para o *Catálogo da Exposição de História e Geografia do Brasil* e para o *Catálogo dos Cimélios*.

- Editou, com Capistrano de Abreu e José Alexandre Teixeira de Mello, os *Materiais e achegas para a História e Geografia do Brasil*. Foram produzidos os seguintes volumes:
 - *Cartas do Brasil*, de padre Manoel da Nobrega (1549-1560). Prefácio de Alfredo do Vale Cabral. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886;
 - *Informações e fragmentos históricos do padre Joseph de Anchieta, S.J.* (1584-1586). Prefácio de Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886;
 - *Cartas avulsas 1550-1568*, com introdução e notas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: oficina Industrial Gráfica, 1931;
 - Livros I e II da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador. Aviso preliminar de Capistrano de Abreu e Alfredo do Vale Cabral. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887.
- *Cartas do padre Antonio Blasquez da Companhia de Jesus, escritas do Brazil*. 1556-65. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert & C., 1886.
- *Achegas ao estudo do folclore brasileiro* (edição organizada por José Calasans Brandão da Silva). Rio de Janeiro: MEC-DAC-FUNARTE-Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.
- *Anais da Biblioteca Nacional*, volume 73. Este volume, organizado por José Honório Rodrigues, foi inteiramente dedicado a Alfredo do Vale Cabral e publicou alguns de seus trabalhos;
 - *Anais da Imprensa Nacional* (1823-1831);
 - *Suplemento aos Anais da Imprensa Nacional* (1823-1831);
 - *Lista dos manuscritos de Antônio Vieira existentes na Biblioteca Nacional*;
 - *Suplemento à lista dos manuscritos*;
 - *Questões de História* (I. João Ramalho e o bacharel de Cananéia; II. Os três Ramalhos; III. Morte de João Ramalho; IV. Testamento de João Ramalho; V. Anos de idade e anos de Brasil; VI. Duarte Peres, o bacharel de Cananéia; VII. Pero Capico);
 - *Folclore*;
 - *Fragmentos de um dicionário bio-bibliográfico baiano*;
 - *Correspondência*.

Composição em Georgia e Alegreya Sans
Capa em cartão Duo Design 300 g/m²
Miolo em couchê matte 115 g/m²

O início da edição de guias sobre cidades e o incremento do turismo, no século XIX, estão diretamente relacionados ao largo alcance que a literatura de viagem já conseguia, tanto em livros como em jornais. Quanto ao Rio de Janeiro, tornou-se um destino mirado desde a transferência da corte portuguesa, que atraiu muitos estrangeiros que aqui se fixavam ou que, de passagem, desenharam e descreveram uma exuberante natureza.

O Guia do viajante no Rio de Janeiro, de Alfredo do Vale Cabral – publicado originalmente em 1882 e cuja reedição com notas a Biblioteca Nacional agora nos proporciona –, vinha atender à demanda por informações práticas dos estrangeiros que circulavam na cidade. Contudo, diferentemente das narrativas e imagens produzidas por forasteiros que construíram um imaginário idílico e/ou exótico da cidade, a obra de um intelectual como Vale Cabral tentava mostrar um Rio de Janeiro civilizado.

O Guia do viajante não foi a primeira obra do gênero sobre a cidade, mas destaca-se pela abrangência dos temas que ocupavam quase 500 páginas. É dividida em três partes – Chegada, Estada e Partida – que dão conta de cobrir os mais diversos assuntos, desde a descrição da entrada da baía e a história, até as informações sobre legislação, escolas, hospitais e cemitérios, além de divertimentos, hospedagem e alimentação. Sua leitura, hoje, vai contribuir com pesquisadores de diferentes campos do conhecimento.

Isabella Perrotta

(autora de *Promenades do Rio:
a turistificação da cidade pelos guias
de viagem de 1873 a 1939*)



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ISBN: 978-65-5940-001-0



9 786559 400010